

25
OUTUBRO

INTIMIDADE EM ADOLESCENTES DE DIFERENTES GRUPOS ÉTNICOS

MARIA DA CONCEIÇÃO PINTO



acidi

Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I. P.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

INTIMIDADE EM ADOLESCENTES DE DIFERENTES GRUPOS ÉTNICOS

Maria da Conceição Pinto

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

PINTO, Conceição, 1961-
Intimidade em adolescentes de diferentes grupos étnicos. – (Teses; 25)

ISBN 978-989-8000-80-4

CDU 316
159
37

PROMOTOR
OBSERVATÓRIO DA IMIGRAÇÃO
www.oi.acidi.gov.pt

AUTORA
MARIA DA CONCEIÇÃO PINTO
conceicaopaninho@hotmail.com

EDIÇÃO
**ALTO-COMISSARIADO PARA A IMIGRAÇÃO
E DIÁLOGO INTERCULTURAL (ACIDI, I.P.)**
RUA ÁLVARO COUTINHO, 14, 1150-025 LISBOA
TELEFONE: (00351) 21 810 61 00 FAX: (00351) 21 810 61 17
E-MAIL: acidi@acidi.gov.pt

EXECUÇÃO GRÁFICA
EDITORIAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

PRIMEIRA EDIÇÃO
250 EXEMPLARES

ISBN
978-989-8000-80-4

DEPÓSITO LEGAL
300 671/09

LISBOA, OUTUBRO 2009

Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação,
na especialidade de Educação Intercultural

Autora: Maria da Conceição Pinto

Orientador: Professor Doutor Félix Fernando Monteiro Neto

Universidade Aberta

2005

Ao Vasco
e a todos os adolescentes
este contributo para o conhecimento
da intimidade

Índice

PREFÁCIO	13
NOTA PRÉVIA	15
RESUMO	17
ABSTRACT	18
INTRODUÇÃO	19
PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
CAPÍTULO I – INTIMIDADE	29
1. CONCEITO DE INTIMIDADE	30
2. FACTORES CONTEXTUAIS	36
2.1. A intimidade no contexto	39
2.2. O contexto relacional	42
3. PERSONALIDADE, SOCIALIZAÇÃO E RELAÇÕES DE INTIMIDADE COM O SEXO OPOSTO	44
3.1. Personalidade e processo de socialização	45
3.2. Níveis de compromisso nas relações	49
4. RELAÇÕES ÍNTIMAS NA ADOLESCÊNCIA	51
4.1. Tipos de relação de intimidade	52
4.2. Atitudes nas relações de intimidade	55
4.3. Desenvolvimento das relações de intimidade	59
4.4. Intimidade com os pais	64
4.4.1. <i>Importância das relações da infância na adolescência</i>	65
4.4.2. <i>Relações concorrentes com pais e amigos</i>	70
4.5. Intimidade com os pares	73
5. INTIMIDADE E VINCULAÇÃO	77
6. DIFERENÇAS DE GÉNERO E CULTURA NA INTIMIDADE	81
7. INTIMIDADE E PRÁTICA RELIGIOSA	87
7.1. Intimidade espiritual	87
7.2. Prática religiosa	89
8. INTIMIDADE E SATISFAÇÃO COM A VIDA	94
8.1. Influência nas relações de intimidade	94
8.2. Relações íntimas e bem-estar	97

CAPÍTULO II – AMIZADE	103
1. AMIZADE ATRAVÉS DOS TEMPOS	104
2. CONCEITO DE AMIZADE	107
3. AVALIAÇÃO DA AMIZADE	112
4. INTIMIDADE NA AMIZADE	115
4.1. Interações sociais	117
4.2. Funções da amizade	119
5. AMIZADE ENTRE PARES	121
5.1. Amizade na infância e na adolescência	122
5.2. Ter um amigo e sentimentos de bem-estar	126
5.3. Relações nos grupos de pares e solidão	130
6. RELAÇÕES DE AMIZADE E PARTICIPAÇÃO SOCIAL	133
7. RELAÇÕES DE AMIZADE E POSIÇÃO SÓCIAL	136
8. PREFERÊNCIAS NA ESCOLHA DE AMIGO(A)	141
9. AMIZADE E SAÚDE	142
10. AMIZADE E SATISFAÇÃO COM A VIDA	146
CAPÍTULO III – AMOR	150
1. AMOR ATRAVÉS DOS TEMPOS	151
2. CONCEITO DE AMOR	152
2.1. O amor segundo a teoria da vinculação emocional	154
2.2. O amor segundo a teoria triangular	155
2.3. O amor segundo a abordagem prototípica	156
2.4. Estilos de amor	159
3. AVALIAÇÃO DO AMOR	164
4. AMOR É AMIZADE NAS RELAÇÕES ROMÂNTICAS	167
4.1. Construção das relações românticas	167
4.2. Intimidade no amor – Processo e teorias	173
5. AMOR NA ADOLESCÊNCIA	176
5.1. Experiências românticas	176
5.2. O efeito da idade no amor	178
5.3. Diferenças de gênero e cultura no amor	181
6. PREFERÊNCIAS NA ESCOLHA DE PARCEIROS	185
6.1. Importância dos atributos intrínsecos e externos	186
6.2. As relações com o sexo oposto	189
7. AMOR, SAÚDE E SATISFAÇÃO COM A VIDA	190
CAPÍTULO IV – IMIGRAÇÃO	193
1. AS MIGRAÇÕES NO CONTEXTO INTERNACIONAL	194
1.1. Migrações clandestinas	195

1.2. Movimentos migratórios	197
1.3. Direitos fundamentais/Globalização	198
2. O CONTEXTO MIGRATÓRIO NA EUROPA	202
3. POLÍTICAS DE IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL	206
3.1. Organizações e legislação	207
3.2. Emigração/Imigração	209
4. CONCENTRAÇÃO NOS CENTROS URBANOS	211
5. EVOLUÇÃO DA IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL	214
5.1. Breve perspectiva cronológica	215
5.2. Portugal: país de emigração e imigração	219
5.3. Situação actual	221
5.4. Os adolescentes de famílias imigradas em Portugal	234
6. A IMIGRAÇÃO E A ESCOLA	237
7. COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS E DIFERENÇAS CULTURAIS: CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA INTIMIDADE	243
7.1. Influência do contexto cultural	243
7.2. Desafios conceptuais e metodológicos	245
PARTE II – A INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	251
CAPÍTULO V – ESTUDO PRELIMINAR: INTIMIDADE NAS RELAÇÕES DE AMIZADE EM ADOLESCENTES PORTUGUESES	251
1. PROBLEMÁTICA	252
2. OBJECTIVOS E HIPÓTESES DA INVESTIGAÇÃO	259
3. METODOLOGIA	259
3.1. Caracterização da amostra	260
3.2. Instrumentos	262
3.3. Procedimento	265
4. RESULTADOS	266
5. DISCUSSÃO	270
CAPÍTULO VI – ESTUDO FINAL: AMIZADE E AMOR EM ADOLESCENTES DE DIFERENTES GRUPOS ÉTNICOS	275
1. PROBLEMÁTICA	275
2. OBJECTIVOS E HIPÓTESES DA INVESTIGAÇÃO	284
3. METODOLOGIA	291
3.1. Caracterização da amostra	291
3.2. Instrumentos	295
3.3. Procedimento	299

4. RESULTADOS	300
4.1. Amizade entre amigos do mesmo sexo	300
4.2. Atitudes em relação ao Amor	313
5. DISCUSSÃO	336
CONCLUSÃO GERAL	343
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	355

Índice de Quadros

Quadro 1 – N.º de estrangeiros residentes em Portugal por continente e por género	222
Quadro 2 – N.º de residentes em Portugal por continente e por género, dos 15 aos 19 anos	225
Quadro 3 – Itens da escala, médias, desvios-padrão, saturações e correlações itens – scores total (excepto o próprio item) da Escala da Intimidade nas Relações de Amizade entre Amigos do mesmo Sexo	267
Quadro 4 – Frequência, médias e desvios-padrão segundo o género, a posição social e a religião	270
Quadro 5 – Correlações da Escala da Intimidade nas Relações de Amizade com a da Solidão e a da Satisfação com a Vida	270
Quadro 6 – Itens da escala, médias, desvios-padrão, saturações e correlações itens – scores total (excepto o próprio item) dos factores da Escala da Intimidade nas Relações de Amizade entre Amigos do mesmo Sexo	301
Quadro 7 – Itens da escala, médias, desvios-padrão e F ratio por género	304
Quadro 8 – Médias e desvios-padrão da Escala da Intimidade segundo o sexo, a prática religiosa e os grupos étnicos	307
Quadro 9 – Comparação múltipla em relação à prática religiosa no que se refere à amizade com amigos do mesmo sexo	308
Quadro 10 – Comparação múltipla entre os diferentes grupos étnicos no que se refere à amizade entre amigos do mesmo sexo	308
Quadro 11 – Influência do namoro e do estar apaixonado na escala de amizade com amigos do mesmo sexo	310
Quadro 12 – Comparação múltipla em relação ao número de vezes que se apaixonou no que se refere à amizade com amigos do mesmo sexo	311
Quadro 13 – Influência do envolvimento na resolução de problemas sociais na escala de amizade com amigos do mesmo sexo	312
Quadro 14 – Influência das características psicossociais (auto-estima)	312
Quadro 15 – Correlações da Escala da Intimidade nas Relações de Amizade com as da Solidão, da Satisfação com a Vida e a da Felicidade	313

Quadro 16 – Itens da escala, médias, desvios-padrão, saturações e correlações itens – scores total (excepto o próprio item) dos factores da Escala das Atitudes em Relação ao Amor (com 4 itens por sub-escala)	314
Quadro 17 – F ratio para cada estilo de amor em função da variável género	317
Quadro 18 – F ratio para cada estilo de amor em função da prática religiosa	317
Quadro 19 – Comparação múltipla em relação à prática religiosa no que se refere aos diferentes estilos de amor	318
Quadro 20 – F ratio para cada estilo de amor em função da pertença a diferentes grupos étnicos	320
Quadro 21 – Influência das características psicossociais nas atitudes em relação ao amor	322
Quadro 22 – Comparação múltipla em relação ao número de vezes que se apaixonou no que se refere aos diferentes estilos de amor	324
22.1. Eros	324
22.2. Ludus	325
22.3. Storge	326
22.4. Pragma	326
22.5. Mania	327
22.6. Ágape	328
Quadro 23 – Influência do associativismo nos diferentes estilos de amor	329
Quadro 24 – F ratio para cada estilo de amor em função da auto-estima	330
Quadro 25 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas para a amostra total	331
Quadro 26 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas no grupo dos adolescentes portugueses	332
Quadro 27 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas no grupo dos adolescentes indianos	333
Quadro 28 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas no grupo dos adolescentes angolanos	333
Quadro 29 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas no grupo dos adolescentes cabo-verdianos	334

Quadro 30 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas no grupo dos adolescentes moçambicanos	335
Quadro 31 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas no grupo dos adolescentes guineenses	335
Quadro 32 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas no grupo dos adolescentes são-tomenses	336

Índice de Figuras

Figura 1 – Cinco níveis dos factores contextuais	38
Figura 2 – Os estilos de amor primários	160
Figura 3 – Os estilos de amor secundários	161
Figura 4 – N.º de residentes africanos por nacionalidade	223
Figura 5 – Percentagem de residentes estrangeiros	224
Figura 6 – População estrangeira residente em Portugal: evolução 1990-2001	224
Figura 7 – População estrangeira que solicitou estatuto de residente, segundo a nacionalidade – 2001	225
Figura 8 – Total de alunos matriculados no ensino secundário/ /por grupo cultural estudado	227
Figura 9 – Total de alunos matriculados no ensino secundário/ /por grupo cultural e local estudado – Cabo Verde	227
Figura 10 – Total de alunos matriculados no ensino secundário/ /por grupo cultural e local estudado – Guiné-Bissau	228
Figura 11 – Total de alunos matriculados no ensino secundário/ /por grupo cultural e local estudado – São Tomé e Príncipe	228
Figura 12 – Total de alunos matriculados no ensino secundário/ /por grupo cultural e local estudado – Angola	229
Figura 13 – Total de alunos matriculados no ensino secundário/ /por grupo cultural e local estudado – Moçambique	229
Figura 14 – Total de alunos matriculados no ensino secundário/ /por grupo cultural e local estudado – Índia/Paquistão	230
Figura 15 – As principais nacionalidades dos residentes estrangeiros no distrito de Lisboa	230
Figura 16 – As principais nacionalidades dos residentes estrangeiros no distrito de Setúbal	232
Figura 17 – Percentagem de raparigas e rapazes	260
Figura 18 – Frequência por posição social	261
Figura 19 – Percentagem de católicos e sem religião	261
Figura 20 – Percentagem de raparigas e rapazes	293
Figura 21 – Frequência dos diferentes grupos étnicos	294

PREFÁCIO

Este trabalho locomove-se em torno de dois construtos caleidoscópicos e multifacetados: amizade e amor. Perante a multiplicidade de abordagens possíveis destes construtos um dos méritos desta obra é desde logo nos apontar o nível de análise por que envereda Maria da Conceição Pinto.

O trabalho empírico consta de duas investigações, denominadas pela autora de estudo preliminar e de estudo final. Mais particularmente são abordadas duas facetas da intimidade em adolescentes de diferentes grupos etnoculturais: amizade, a intimidade nas relações de amizade com o(a) amigo(a) do mesmo sexo; e amor, intimidade nas relações de amor com o(a) namorado(a). Note-se que estas duas facetas constituem duas das mais importantes fontes de bem-estar subjectivo. Por exemplo, há todo um acervo de investigação que mostra que a qualidade das amizades afecta directamente as atitudes académicas e variáveis positivas da vida, tais como satisfação com a vida, felicidade, auto-estima, altruísmo. Uma forma especial de intimidade que tem sido alvo de atenção é o amor romântico. Haverá algo mais importante que o amor para se ter uma vida feliz? O amor é indiscutivelmente uma das experiências da vida mais intensas.

O estudo preliminar serviu para validar a Escala de Intimidade nas relações de amizade entre amigos do mesmo sexo em estudantes portugueses entre os 16 e 19 anos.

O estudo final (faço votos que não seja o último) visa aumentar o conhecimento no que diz respeito à intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo e aos diferentes estilos de amor, relacionando-os com a solidão, a satisfação com a vida, a felicidade, a auto-estima, a prática religiosa, o género de adolescentes de diferentes grupos etnoculturais (angolanos, cabo-verdianos, indianos, guineenses, moçambicanos, são-tomenses) a viver em Portugal.

O trabalho de campo desenvolvido é notável. A recolha de dados junto de populações dispersas e diversas de origem imigrante pressupõe um investimento de tempo e de conhecimento de campo que não está ao alcance de todos os investigadores.

Um dos resultados que mais pode surpreender que perpassa esta investigação é a quase ausência de diferenças significativas na amizade e nos estilos de amor segundo os grupos etnoculturais examinados. Esta

grande semelhança ao nível da amizade e dos estilos de amor entre portugueses e filhos de imigrantes a residir em Portugal deixa transparecer que no que diz respeito à intimidade pode haver compreensão intercultural. Efectivamente um dos dados mais salientes da Psicologia Social é que nós temos a tendência a gostar das pessoas que são semelhantes a nós.

Faço votos para que esta investigação de Maria da Conceição Pinto seja uma etapa de um processo que encoraje ainda mais investigação criativa e desenvolvimentos teóricos que contribuam para a compreensão de dois dos aspectos mais significativos das vidas das pessoas: AMIZADE e AMOR.

Félix Neto

(Professor Catedrático da Universidade do Porto)

NOTA PRÉVIA

Este texto, salvo algumas alterações e adaptações, corresponde à tese de doutoramento em Ciências da Educação na especialidade de Educação Intercultural apresentada e defendida na Universidade Aberta em 2005. Foi analisada a Intimidade nas relações de Amizade e as atitudes face ao Amor em adolescentes de diferentes grupos étnicos a residir em Portugal, tendo sido realizados dois estudos.

Gostaria de expressar aqui o meu sincero agradecimento a todos aqueles que tornaram possível a construção deste trabalho.

Em particular ao meu orientador, Professor Doutor Félix Fernando Monteiro Neto, pelo seu saber científico, disponibilidade, mestria, incentivo e apoio qualificado.

À minha colega e amiga Ana Maria Veríssimo Ferreira, pela sua solidariedade e cooperação no decurso destes cinco anos de pesquisa.

Aos Professores Doutores Barros de Oliveira, Feliciano Veiga, Hermano Carmo e Manuela Malheiros que integraram o júri examinador quero agradecer as observações críticas e as sugestões feitas. Na presente versão, foi possível atender a algumas delas, outras, que exigem novos estudos, constituem desafios para o futuro.

A todos os adolescentes que partilharam comigo as suas vivências e experiências de intimidade nas relações de amizade com o(a) amigo(a) do mesmo sexo e com o(a) namorado(a), pela sua influência no meu enriquecimento pessoal e científico.

Aos amigos que sempre estiveram comigo. Às minhas amigas de longa data, e que compreenderam e respeitaram as minhas ausências.

À minha família, agradeço a força e coragem que me transmitiram, em especial nos momentos de solidão e de alguma insatisfação com a vida, tornando-os em momentos de felicidade.

A todos o meu obrigada pela intimidade sentida nos diferentes momentos do processo de construção que envolveu esta dissertação de doutoramento.

Por último, um voto de esperança: que a intimidade em adolescentes portugueses e de diferentes grupos étnicos a residir em Portugal seja uma caminhada de satisfação com a vida e de felicidade.

Bem-hajam

RESUMO

Esta investigação analisa a Intimidade na Amizade e no Amor em adolescentes de diferentes grupos étnicos a residir em Portugal, tendo sido realizados dois estudos.

O estudo preliminar apresenta a adaptação à população portuguesa da Escala da Intimidade nas Relações de Amizade (Intimate Friendship Scale – IFS, Sharabany, 1994). O estudo foi aplicado a 341 adolescentes sendo avaliadas as características psicométricas da escala que comprovam a sua unidimensionalidade. Verificou-se que o género influencia a intimidade nas relações de amizade, tendo as raparigas scores mais elevados. No que se refere à religião, pode dizer-se que os adolescentes que tinham religião apresentavam scores mais elevados. Para além da escala da intimidade, utilizaram-se outros instrumentos – a escala da solidão (UCLA, 1980) e a escala da satisfação com a vida (SWLS, Diener *et al.*, 1985). Conforme os resultados obtidos a intimidade nas relações de amizade correlaciona-se positivamente com a satisfação com a vida e negativamente com a solidão.

O estudo final reflecte a influência da diversidade étnica na amizade e nas atitudes face ao amor. Analisa também a influência das variáveis demográficas e psicológicas – solidão, satisfação com a vida e felicidade na intimidade com o(a) amigo(a) e com o(a) namorado(a). A amostra é constituída por 1359 adolescentes pertencentes a 7 grupos étnicos. Existiram diferenças significativas nos vários estilos de amor em relação ao género, à prática religiosa e à pertença étnica. Os adolescentes que têm scores mais elevados de amizade são mais Eróticos e Maníacos, correlacionando-se negativamente com os estilos Ludus e Pragma. Na solidão encontraram-se relações positivas e significativas com os estilos Ludus, Pragma e Ágape e negativas com Eros e Storge. A satisfação com a vida e a felicidade correlacionam-se positivamente com os estilos de Amor Eros e Pragma e negativamente com o Mania.

PALAVRAS-CHAVE: Intimidade, amizade, amor, satisfação com a vida, felicidade, solidão.

ABSTRACT

This thesis analyses Intimacy in Friendship and Love among adolescents from different ethnic groups residing in Portugal, having been carried out in two studies.

The preliminary study presents adaptation to the Portuguese population using the Intimate Friendship Scale – (IFS, Sharabany, 1994). The study was administered to 341 adolescents having evaluated the psychometric characteristics of the scale, to prove its unidimensionality. It was verified that gender influences friendship intimacy as females showed higher scores. As for religion, it can be said that adolescents who were religious presented higher scores. Besides the Intimate Friendship Scale, other instruments were used – the Loneliness Scale (UCLA, 1980) and the Satisfaction with Life Scale (SWLS, Diener *et al.*, 1985). According to results, friendship intimacy is positively correlated with satisfaction with life and negatively with loneliness.

The final study presents elements, which allow reflection on the influence of ethnical diversity in friendship and the attitudes towards love with a romantic partner. The sample included 1359 adolescents, belonging to 7 different ethnic groups. Friendship relations are positively influenced by satisfaction with life and happiness and negatively with loneliness. Significant differences were found in different love styles regarding gender – males are more ludic, more pragmatic and more altruistic. Having a best friend, having a romantic partner and being in love also influenced the love styles. As far as other psychological measurements used in this study are concerned, we can say that adolescents who are the most satisfied with life are those who are more erotic and more pragmatic and less manic, the happier ones are more erotic, more Ludic, more Storgic and more pragmatic and less manic. Adolescents with higher scores in friendship are more erotic and manic, being negatively correlated with Ludus and Pragma. In the loneliness scale positive and significant relations were found with Ludus, Pragma and Agape and negative relations with Eros and Storge. The satisfaction with life and happiness is correlated positively with the styles of love Eros and Pragma and negative with Manic.

KEY-WORDS: Intimacy, friendship, love, satisfaction with life, happiness, loneliness.

INTRODUÇÃO

No mundo ocidental, os últimos decénios serão recordados pela passagem da dimensão pública à privada. Considerando que no mundo actual se assiste a um regresso ao domínio do privado parece pertinente estudar a intimidade como o verdadeiro projecto para a felicidade (Argyle, Martin e Crossland, 1989; Argyle, 2001). A intimidade, concebida como um contexto de vida gerador de experiências positivas e gratificantes, desempenha um papel fundamental na adolescência em que as mudanças desenvolvimentais são críticas, parecendo, por isso, importante o estudo da intimidade nos seus aspectos principais: natureza e abordagens; como se manifesta (família, pares); a aprendizagem da intimidade e as relações de intimidade na amizade e no amor entre adolescentes.

Segundo Bader e Pearson (1998) a intimidade surge em dois níveis: a intimidade com o próprio e a intimidade com o outro. A intimidade corresponde ao resultado emocional de vários processos complexos de conhecer e ser conhecido, compreender e ser compreendido, aceitar e ser aceite, tolerar e ser tolerado. À medida que o indivíduo amadurece, alarga a sua noção de intimidade. Dá-se mais valor à complexidade e às contradições dentro do eu e no parceiro. Consideram-se as mudanças, assim como as circunstâncias dessas mudanças na vida. As exigências diminuem, enquanto que as perspectivas são alargadas. Há uma progressão para a tolerância. As crenças acerca da intimidade, assim como as experiências íntimas mudam. Para estes autores a intimidade não tem uma definição estática.

Por outro lado, os sentimentos de proximidade e de conexão tão desejados, são muitas vezes ilusórios e não permanentes. Isto acontece porque no início de uma relação, a intimidade pode surgir facilmente e à medida que a relação progride a intimidade parece desaparecer. É pois necessário um esforço para manter a intimidade. Para aumentar a capacidade para a intimidade, não é forçosamente necessário que o parceiro participe ou coopere nesse esforço. É importante primeiro definir os seus próprios sentimentos.

Bader e Pearson (1998) observaram pares (amigos e casais de namorados) e examinaram um período inicial de intimidade na relação, uma fase que estes autores denominam de simbiose. Faz parte do apaixonar-se. A intimidade atinge-se sem grandes esforços. Este modelo de intimidade é reforçado culturalmente e retratado diariamente nos meios de comunicação social, nos livros, no cinema, etc. É um tipo de intimidade que faz com que uma relação comece e que ajuda a formar laços íntimos para o

carinho, a conexão e para a selecção do parceiro para a vida. No entanto, não serve de base para o trabalho difícil que é o da manutenção dessa intimidade, nem para o crescimento individual. Para construir e manter a intimidade, é necessário que se passe da fase da simbiose para a fase da diferenciação (Bader e Pearson, 1998), que se baseia na clara separação entre o eu e o outro, o que engloba a capacidade de gerir as diferenças, mantendo-se o indivíduo aberto e curioso acerca do outro e do próprio eu. Para tal é importante gerir sentimentos complexos como a dor, a desilusão e inveja, a raiva, a decepção, os ciúmes, a competição e também sentimentos positivos (Prager, 1998).

Há vários princípios relacionados que criam a intimidade. O afecto na interacção interpessoal tem uma base biológica de um sistema de sinais que produz crescimento e terapia (Olson, 2002). Outro princípio importante para criar a intimidade é a noção de ligação ou capacidade de estar fisicamente próximo e emocionalmente aberto (Gordon, 1993). Para a proximidade é fundamental a dimensão da intimidade (Durana, 1998).

Dois determinantes que afectam o desenvolvimento da intimidade são as preferências e expectativas dos parceiros. A capacidade de intimidade é influenciada pelos padrões de desenvolvimento do indivíduo desde a infância, pela história familiar e modelagem e pelo grau de individualização e autodeterminação. É também influenciada pelo passado de comunicação e solução de conflitos em relações anteriores e por influência social. Os parceiros trazem para a relação algumas crenças disfuncionais, expectativas e padrões baseados em necessidades não satisfeitas e medos desde a infância (Gordon, 1993). Estes padrões não resolvidos são projectados para os parceiros e esperam que estes parceiros compensem estas falhas anteriores. Se os parceiros não correspondem às expectativas, então não podem ser compreendidos causando ainda mais dor e solidão.

Estabelecer o contexto ou as condições em que a intimidade se desenvolve é um princípio base. Um contexto de segurança, englobando dimensões da intimidade como a confiança e a compreensão, deve ser criado para que a relação tenha um potencial de «curar feridas antigas» (Gordon, 1993). O respeito, a compreensão empática e a valorização da outra pessoa, facilitam a solução de conflitos, a auto-revelação e o reconhecimento das diferenças.

A intimidade é uma capacidade que pode ser aprendida ao ganhar consciência do eu e ao mudar o seu próprio comportamento, atitudes e sentimentos. Ter uma relação de pares íntima na Amizade e/ou no Amor,

a longo prazo e que traz satisfação exige que ambos os parceiros falem francamente das suas necessidades e sentimentos, que tenham auto-diferenciação saudável, sejam bons ouvintes e sejam capazes de resolver conflitos de forma positiva.

Numa abordagem da intimidade orientada para a solução, a ideia de a intimidade continuar para além da fase inicial do namoro para uma relação a longo prazo é relativamente recente. Segundo O'Hanlon e O'Hanlon (1998) existem duas partes componentes da intimidade: é a química do amor e atracção ou o gostar de uma pessoa e o conjunto de acções que apoiam ou dissipam o amor e a conexão.

As conexões íntimas podem revestir várias formas: a amizade, o amor, o companheirismo, a religião e a prática religiosa, a posição social, a política, a participação social. Nenhuma forma é melhor que a outra e algumas podem ser complementares. É preciso identificar os valores de conexão dos pares. Cada um dos parceiros pode ter valores diferentes de intimidade. A integridade relacional é o compromisso para o bem-estar do parceiro ou da relação que transcende os sentimentos e considerações do momento (Prager, 1998).

As fontes de satisfação nas relações de intimidade são constituídas por três factores: ajuda instrumental, apoio emocional e companheirismo (Argyle e Furnham, 1983). A maior fonte de satisfação é o(a) namorado(a), logo seguido dos amigos. As relações estritamente do convívio de escola e os vizinhos são muito fracas neste aspecto. Estes três factores são aqueles que tornam as pessoas muito felizes. Pode-se explicar os seus benefícios em termos da satisfação de necessidades sociais (Argyle, 2001). Aqueles que têm muitas necessidades sociais têm um melhor sistema imunitário e passam mais tempo com os amigos, evitam a competição e o conflito. Os que têm mais necessidade de intimidade são cooperantes, auto-reveladores e sensíveis (McAdams, 1988). Existe uma grande correlação entre a satisfação dessas necessidades e a satisfação com a vida (Prager e Buhrmester, 2000). Outro modo de considerar as relações é ver os recursos, como o dinheiro e a boa aparência, características que podem ajudar a atingir os objectivos e que devem ser considerados. A importância das diferentes relações varia com a faixa etária. Para os estudantes, os amigos de ambos os sexos são uma fonte importante de apoio social e felicidade (Cole e Bradac, 1996).

Há no entanto, um lado negativo ligado às relações de intimidade, o parceiro pode ser fonte de conflito, e simultaneamente de satisfação e de felicidade (Argyle e Furnham, 1983). As relações sociais influenciam o

bem-estar. As amizades levam a sensações positivas fortes, à felicidade, saúde física, saúde mental e previne a solidão. Apaixonar-se traz muita alegria e auto-estima. Podem-se explicar estes efeitos pelo companheirismo das actividades em comum e troca de sinais não verbais positivos. Os extrovertidos e aqueles que têm boas capacidades sociais tiram mais benefícios das relações sociais (Argyle, 2001).

O início da adolescência é um dos períodos de desenvolvimento que apresenta maiores desafios. A natureza das relações interpessoais muda, como parte dessas mudanças, o estabelecimento de relações saudáveis com os pares e o desenvolvimento do sentido de bem-estar emocional tornam-se importantes, sendo pertinente apresentar um modelo de associações entre as relações com os pares e sentimentos de satisfação com a vida e felicidade *versus* solidão.

A adolescência traz uma série de mudanças a nível biológico, social e de contexto organizacional (Sprinthall e Collins, 1999). Neste último caso, pode significar uma mudança escolar, em que o adolescente sofre uma das consequências mais gerais da adolescência: mudança de grupo (Lewin, 1952, citado por Sprinthall e Collins, 1999, p. 169). Encontra-se a caminho da idade adulta e esta situação apresenta desafios porque o futuro traz muitas incertezas que são amplificadas para os adolescentes, por causa da transição na categoria social pela qual passa. Ser adolescente é um conceito cujas fronteiras não são bem claras, sobretudo devido às variações individuais que este período implica. É um período de mudança com repercussões sobre o modo como o jovem pensa acerca de si próprio e o modo como se relaciona com os outros e com a sociedade.

As mudanças físicas são críticas e estão associadas a mudanças na percepção do eu e no comportamento, assim como a mudanças de expectativas.

O contexto social pode moderar o andamento do desenvolvimento físico, estando as mudanças sociais e as mudanças físicas interligadas. Quanto mais jovens as raparigas se tornam adultas fisicamente, mais cedo começam a namorar, iniciando assim actividades mais maduras e exteriores ao lar numa idade mais precoce do que muitos dos seus pares (Hill, 1993).

Para os rapazes, aqueles que amadurecem mais cedo são vistos de forma mais favorável pelos pares e desenvolvem mais imagens positivas do eu. O contexto social parece importante em termos de preparação

dos jovens para o seu desenvolvimento. Relativamente ao desenvolvimento social e cognitivo, para os adolescentes a procura de informação acerca do eu e do futuro está associada a novas capacidades de raciocínio (Rosenthal, 1987).

A adolescência traz desafios que podem causar insatisfação (Sprinthall e Collins, 1999) e que por sua vez podem ter consequências sobre o modo como o adolescente se sente com a vida e sobretudo com a sua auto-estima. A auto-estima está relacionada com o sentido do valor individual, medido nas dimensões a que ele dá valor (Adelson, 1980). Há uma queda da auto-estima durante a adolescência sobretudo para as raparigas. Há diferenças individuais no modo como lidam com os problemas que interagem com factores contextuais, como as expectativas e apoio dos pais e o regime escolar (Maysseless, Sharabany e Sagi, 1997).

As raparigas conhecem-se a elas próprias através das suas relações com os outros (Prager, 1998a). O desenvolvimento da identidade na adolescência é mais difícil para as raparigas. A exposição e partilha de sentimentos de intimidade e emoções são melhor aceites nas raparigas, mas suspeitas nos rapazes. Os jovens apercebem-se bem destes estereótipos, portanto agem em consequência (Prager, 1998b).

Chegar a um sentido de identidade depende das interacções entre o desenvolvimento individual e o contexto cultural e social. Parece haver algumas diferenças entre as posições sociais no desenvolvimento da identidade (Adams, e Blieszner 1994). Relativamente à identidade religiosa e política, os estudantes universitários afastam-se dos pares da mesma idade que já começaram a trabalhar. As diferenças de estatuto de identidade parecem estar associadas a diferenças de estatuto económico e de pertença cultural (Rosenthal, 1987).

A família é local de mudanças importantes (Olson, 2002), que apresentam desafios para a própria família enquanto sistema, que se podem reflectir nas relações entre pais e filhos. Surgem conflitos, mas estes fazem parte também da vida social. Estes conflitos na adolescência podem ter maior intensidade devido às mudanças no desenvolvimento social que levam ao estabelecimento da autonomia. Até um certo ponto este conflito é psicologicamente saudável e normal (Hill, 1993). Nem todos os desacordos resultam na rejeição da relação de intimidade entre pais e filhos. Segundo Hill (1993) quando o conflito se torna grave, os resultados podem levar a problemas de desenvolvimento e défices no grau de intimidade com os outros.

Para os adolescentes, os pares têm uma importância cada vez maior (Brown, 1989). Fundamentais para o desenvolvimento social são as mudanças tanto no contexto físico como no meio ambiente social (Adams e Blieszner, 1994; Berndt e Zook, 1993b). Estas mudanças não se devem apenas à acção de forças externas, os pais também dão contributo nesse sentido.

Os pares e as actividades orientadas para os pares tornam-se cada vez mais importantes durante a adolescência. Entre os processos sociais encontra-se a identificação com um grupo de pares. Os adolescentes têm vários pares, mas nem todos pertencem ao grupo de pares do indivíduo (Sharabany, 1994). Os grupos de pares podem ser conceptualizados em três níveis: as relações a dois, que são os amigos íntimos e namorados; grupos de alguns indivíduos que interagem frequentemente e grupos mais alargados de vários indivíduos com imagem e afinidades semelhantes. A maioria participa em grupos informais, tendo como base interesses comuns. Estes grupos encontram-se na escola, na rua e nos cafés ou associações desportivas/recreativas. Menos jovens participam em grupos mais formais com orientação de adultos. Os jovens que participam em grupos consideram a afiliação importante para as suas vidas. O envolvimento em grupos de pares determina quais os locais físicos que estão associados na vida do adolescente (Brown, 1989).

Os adolescentes são um grupo de pessoas muito diverso, devem lidar com vários tipos de pressões e encontram-se num período de transição e de ajustamentos com os pares. Os estudos efectuados indicam que em termos gerais conseguem lidar de forma bem sucedida com as situações diversas, de forma menos angustiada e menos confusa do que se supõe. Há desenvolvimentos importantes no mundo social adolescente, por exemplo, as relações de intimidade com os pais e as relações de intimidade com o amigo do mesmo sexo e as relações de intimidade com o(a) namorado(a) e ajustamentos com os pares.

Quando o adolescente estabelece uma relação de intimidade na amizade e/ou no amor satisfatória já se pode considerar um factor de felicidade (Argyle, 2001). No caso específico do adolescente em situação de perigo, outro factor de felicidade é saber se o adolescente estabelece objectivos de vida com o amigo(a) e/ou com o(a) namorado(a). O simples facto de se ter um objectivo comum já pode ser razão de satisfação com a vida. Nesse caso, a satisfação com a vida pode ser realçada mudando a situação real do adolescente e mudando também o modo como o adolescente encara a situação (Pinto, 2001).

A presente tese – «Intimidade em adolescentes de diferentes grupos étnicos» – considera a Intimidade em dois constructos distintos:

- Amizade – a intimidade nas relações de amizade com o(a) amigo(a) do mesmo sexo;
- Amor – a intimidade nas relações de amor com o(a) namorado(a).

Esta investigação elaborou dois estudos para examinar a relação entre a intimidade nas relações de amizade com o(a) amigo(a) do mesmo sexo e as variáveis psicológicas em adolescentes portugueses – estudo piloto – e no estudo final examinou-se a relação entre a intimidade nas relações de amizade com o(a) amigo(a) do mesmo sexo, as atitudes face ao amor e as escalas da felicidade, da satisfação com a vida e da solidão, observando o tipo de influências em adolescentes portugueses, angolanos, cabo-verdianos, guineenses, são-tomenses, moçambicanos e indianos.

Furman (1993) colocou nove questões para o estudo das relações de intimidade na amizade na adolescência: Como e porque é que as amizades são por um lado similares e diferentes de outros tipos de relações pessoais? Quais são as semelhanças e as diferenças entre as amizades e os outros tipos de relações entre pares? Em que modo é que as amizades diferem? Como e porque é que as amizades mudam à medida que os adolescentes se desenvolvem? Como e porque é que as amizades mudam ao longo da vida? Como podemos caracterizar as redes de amizades e a sua influência? Como é que estão ligadas as características pessoais e as características da amizade? Como é que a cultura influencia a amizade? E que processos estão subjacentes à amizade e sua influência? Tentaremos ao longo do trabalho desenvolver estas questões fazendo um levantamento dos autores e dos estudos já elaborados.

Os estudos sobre a intimidade nas relações de amizade entre pessoas do mesmo sexo e os estudos interculturais a este respeito ainda são escassos (Neto, 2002). Nesta perspectiva propusemo-nos ver como a escala a intimidade nas relações de amizade entre amigos do mesmo sexo funcionava com adolescentes de diferentes grupos étnicos.

O estudo do amor tem sido relevante na actualidade, quer na perspectiva teórica quer empírica, contudo pouca investigação se tem centralizado nas relações amorosas dos adolescentes de famílias imigradas ou nas diferenças culturais nas atitudes em relação ao amor. Assim, esta tese de doutoramento pretendeu identificar as relações de amor nos adolescentes de famílias imigradas em Portugal.

As variáveis que seleccionamos, as medições e métodos utilizados e as questões que se colocam são sempre baseadas na teoria, mesmo se não for implícito. Considerámos as implicações conceptuais à medida que desenhámos o trabalho empírico, tentando fazer alguns progressos no desenvolvimento da teoria. O estudo aponta para as distinções conceptuais e propõe que os diferentes aspectos da intimidade podem apresentar-se de forma crescente em fases distintas de acordo com a experiência durante a adolescência. Refere também as razões da importância de estudar a intimidade nas relações de amizade e as atitudes face ao amor, esperando-se que as atitudes face ao amor e à amizade estejam ligadas a aspectos diferentes de intimidade. O estudo baseia-se noutros já elaborados (Sharabany, 1974; Chou, 2000) e avalia o seu próprio modelo, discutindo os resultados obtidos, apontando também para direcções futuras nesta área de investigação.

Desta forma, a dinâmica do presente trabalho encontra-se organizada em dois momentos: o teórico e o empírico.

No primeiro, procuramos delimitar o enquadramento teórico-conceptual, que nos servirá de referência para o estudo empírico que se segue, e no qual pretendemos analisar a natureza das relações de intimidade na amizade entre amigos do mesmo sexo considerando algumas variáveis psicológicas e sociodemográficas, previamente definidas e operacionalizadas. Mais especificamente, a primeira parte deste trabalho é constituída por quatro capítulos. No capítulo Um começamos por descrever a Intimidade centrando-se sobre o constructo que constitui o cerne da nossa problemática de estudo, os factores contextuais, as relações íntimas, vinculação e as diferenças de intimidade.

No capítulo Dois faz-se uma abordagem ao estudo da Amizade. De facto, a amizade tem-se revelado como uma das principais áreas de estudo e interesse da Psicologia (Sprinthall e Collins, 1999). Numa abordagem do constructo do Amor, procuraremos, no capítulo Três, analisar o contributo relativo de algumas variáveis de natureza psicológica e de outras de índole sociodemográfica nas atitudes face ao amor. Depois de apresentarmos uma breve conceptualização de cada uma delas, pretendemos, com base na investigação disponível, explicitar a natureza das relações de intimidade no amor do adolescente. Apresentaremos uma revisão da investigação sobre o amor na adolescência, salientando as temáticas exploradas nos estudos, os resultados obtidos, bem como as teorias que permitem explicar ou compreender.

Esta revisão da investigação permite, assim, dar sentido e conteúdo a uma abordagem teórica da intimidade nas relações de amizade com

o(a) amigo(a) do mesmo sexo e com o(a) namorado(a) na adolescência, criando-se um ponto de partida para a justificação dos estudos empíricos a realizar e que são apresentados na segunda parte.

Finalmente, no capítulo Quatro, apresentaremos o enquadramento da imigração no contexto internacional, europeu e no caso específico de Portugal. A situação actual em termos sociais e educacionais.

O segundo momento desta investigação inicia-se com o capítulo Cinco, que consiste na apresentação do estudo preliminar – Intimidade nas relações de amizade. Depois de especificados os objectivos da investigação e de definida a sua problemática, as variáveis independentes e dependentes, são apresentados pormenorizadamente os instrumentos escolhidos, caracteriza-se a amostra e descrevem-se os procedimentos utilizados. São depois apresentados os resultados.

No capítulo Seis apresenta-se o estudo final – Amizade e amor em adolescentes de diferentes grupos étnicos.

Terminaremos, procurando analisar as implicações dos resultados encontrados, quer do ponto de vista teórico, quer prático, referindo-nos, ainda, às limitações metodológicas do estudo e apontando pistas futuras de investigação.

Esperamos que esta tese, para além de constituir um levantamento de alguns estudos realizados até ao momento, sobre a problemática da intimidade nas relações de amizade e no amor, possa contribuir para permitir compreender, com maior rigor e objectividade, a influência de algumas das variáveis implicadas e dos factores associados ao constructo em análise. Gostaríamos que as nossas conclusões pudessem contribuir com uma base de trabalho no contexto escolar português, da amizade com amigos do mesmo sexo e dos diferentes estilos de amor em adolescentes de diferentes grupos étnicos.

PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A primeira parte do trabalho apresenta-se dividida em quatro capítulos, tendo-se considerado algumas divisões necessárias de fundamentação teórica para conceptualizar o estudo, focando-se no primeiro capítulo a Intimidade, tanto no que se refere ao conceito e à sua natureza como às abordagens feitas no âmbito da psicologia. Focam-se também os factores contextuais e a relação da intimidade com a vinculação, com a prática religiosa e com a satisfação com a vida.

O segundo e o terceiro capítulos especificam-se os conceitos de duas emoções sociais: Amizade e Amor, enquadrando-se estes dois aspectos nas relações de intimidade entre adolescentes. São abordados os aspectos conceptuais, as teorias e as relações com pais, pares e parceiros amorosos. São também analisadas as diferenças existentes, de acordo com as variáveis pessoais e psicológicas – género, idade, cultura e bem-estar subjectivo.

No quarto capítulo é feita uma abordagem à imigração para contextualizar a situação referente aos diferentes grupos étnicos com que se trabalha na parte empírica deste estudo. Neste capítulo pretende-se levar a cabo uma abordagem de alguns dos principais acontecimentos e problemáticas que estiveram na origem da hodierna sócio-política e cultural diáspora portuguesa e internacional e a respectiva integração dos imigrantes. Neste capítulo relaciona-se a imigração com o contexto educativo e escolar.

Sendo este trabalho desenvolvido no âmbito da Educação Intercultural, ao longo deste capítulo faz-se uma abordagem à necessidade da contínua renegociação social, política, cultural e educacional, característica do exercício de uma cidadania intercultural, dada a presença de minorias étnicas em Portugal e na União Europeia.

CAPÍTULO I – INTIMIDADE

A intimidade acontece dentro de um contexto multifacetado que molda a experiência de relacionamento dos parceiros. Vários factores contextuais podem afectar a intimidade, determinando se os parceiros iniciam uma interacção íntima ou não e, no caso positivo, o tipo de experiência vivida. Podem determinar se as experiências de intimidade deixam marcas que possam ajudar os parceiros a suportar os momentos menos compensadores da sua relação.

Neste primeiro capítulo faz-se uma abordagem aos aspectos teóricos referentes à natureza da intimidade, tanto no que concerne à conceptualização como aos aspectos contextuais, ao desenvolvimento das relações íntimas e à relação entre intimidade e satisfação com a vida nos adolescentes. Mostra-se como as relações de pares e o bem-estar emocional estão interligados neste período de desenvolvimento do ser humano.

Este capítulo tem como objectivos: colocar a intimidade da relação dentro de um contexto múltiplo que determina a frequência das interacções íntimas; a sua natureza e se um dos parceiros está em posição de iniciar uma interacção íntima e como é que cada parceiro reage às iniciativas do outro. Identificaram-se três passos para tal: articular uma definição de intimidade; fazer o mapa dos contextos que afectam a intimidade (a frequência, a qualidade e o seu impacto) e a discussão dos factores dentro de cada contexto e seus impactos. O capítulo está organizado em oito secções: 1) conceito de intimidade; 2) factores contextuais; 3) personalidade, socialização e relações de intimidade com o sexo oposto; 4) relações íntimas na adolescência; 5) intimidade e vinculação; 6) diferenças de género e cultura na intimidade; 7) intimidade e prática religiosa; 8) intimidade e satisfação com a vida.

1. CONCEITO DE INTIMIDADE

A palavra «intimidade» tem a sua origem no vocábulo latino *intimus* que é superlativo de *interus*, de *inter*, e significa a zona espiritual reservada de uma pessoa e também de um grupo ou de uma família. A intimidade refere-se às pessoas, a seres na posse de língua, de cognição como também de uma emotividade mais desenvolvida. Os homens são os únicos que possuem um eu e têm consciência de ser um sujeito que não se repete. Segundo Frankl (1999) a intimidade situa-se no núcleo oculto de cada pessoa onde se tomam as decisões mais profundas e próprias. Sullivan (1953), numa perspectiva de desenvolvimento, definiu a intimidade em termos de uma procura de pares confidentes do mesmo sexo na pré-adolescência, que muda para uma procura de pares parceiros do sexo oposto na adolescência. Em ambos os casos, a intimidade refere a procura de proximidade emocional, auto-validação e apoio, e é através da satisfação dessas necessidades que o indivíduo adquire a capacidade para a intimidade.

Muitas vezes a intimidade tem sido definida como uma dimensão única de auto-revelação. Yohanan *et al.* (1998, citados por Sharabany, 2000, p. 232) definem a intimidade como o conceito de guarda-chuva: uma

configuração de oito elementos de forma coerente sendo a importância relativa de cada componente em função da cultura, socialização, maturidade e personalidade. Esses oito elementos, de acordo com Sharabany (1994) são: franqueza e espontaneidade, sensibilidade e conhecimento, vinculação, exclusividade e qualidade de ser único na relação, grau em que se ajuda e partilha com o amigo, grau em que se impõe ao amigo, o que mede a abertura e predisposição em tornar-se vulnerável ao ser ajudado, actividades em comum, a confiança e a lealdade.

A definição de intimidade deve conduzir ao tipo de conceito «natural», que significa e é caracterizada por uma quantidade de características em sistemática mudança, e não por um «cenário» constante (Fehr, 1993) e (Helgeson, Shaver e Dyer 1987).

A intimidade é o objectivo de quase todas as relações. A capacidade de se ser íntimo resulta de um desenvolvimento de capacidades específicas cognitivas, afectivas e comportamentais, que começa cedo na infância e continua durante a adolescência até à idade adulta. Através deste processo de desenvolvimento, o repertório do comportamento relativo às capacidades de vinculação cresce. As pessoas alargam e generalizam as suas competências de contacto ou vinculação, ao longo do tempo, assim como o seu repertório de comportamentos íntimos e de contacto. Este repertório, capacidade de interacção cognitiva, comportamental e afectiva que formam os tijolos da intimidade, afectam a capacidade e motivação em ser íntimo (Freeman, 1998).

A intimidade aparece como algo que a maioria das pessoas quer e pela qual está disposta a lutar. Na literatura podem-se encontrar inúmeros tópicos relativos à intimidade (Burns, 1985, *Intimate Connections*), (Greenwald, 1975, *Creative Intimacy*), (Guerney, 1977, *Relationship Enhancement*), (Gordon, 1993, *Passage to Intimacy*), (Sharabany, 1994, *Intimate Friendship*).

Em termos gerais a intimidade é vista como uma interacção a dois, recíproca e entre iguais. Muitas vezes implica uma conotação sexual. Segundo vários autores a intimidade é:

1. «A alegria de ser conhecido e aceite por outro que é amado» (Beavers, 1985, p. 52).
2. Marcada por uma associação, um contacto ou familiaridade muito próximos; marcada por uma amizade calorosa, sugerindo calor informal ou privacidade, de uma natureza muito pessoal ou privada (Merriam-Webster, 1995).

3. Quando o indivíduo atinge um conhecimento próprio completo e está totalmente em contacto com os seus sentimentos e desejos (Fisher e Stricker, 1982).
4. Um estado subjectivo de proximidade a uma outra pessoa que gratifica, um desejo de calor e de relacionamento que fornece a oportunidade de expressão motivados pela sexualidade e agressão (Campbell, 1989).
5. «A capacidade de uma pessoa em falar acerca de quem ela realmente é e dizer o que quer e de ser ouvida por um parceiro íntimo» (Scarf, 1986, p. 49).
6. A capacidade de se comprometer para concretizar afiliações e parcerias e desenvolver uma força ética para defender esses compromissos apesar de poderem exigir sacrifícios e compromissos significativos (Erikson, 1963).

Os dois conceitos básicos de intimidade – Prager (1995) são a interacção íntima e a relação íntima, abrangendo ambos a ideia de intimidade relacional, que diz respeito à ocorrência frequente de interacções íntimas entre parceiros. Uma definição mais lata de relações íntimas abrange os sentimentos e atitudes de cada parceiro para com o outro, resultantes das suas interacções íntimas. Nesta linha, a definição de relação íntima inclui características do relacionamento que são necessárias e essenciais para uma intimidade relacional sustentada e continuada. São três as características que parecem ir ao encontro deste critério: afecto, confiança e coesão, sendo que cada um deles deriva e simultaneamente sustenta a intimidade relacional.

Nesta abordagem, Prager (1995) propõe cinco funções da definição de intimidade: a definição deve ser integrante e esclarecer os elos entre perspectivas teóricas; deve especificar se a intimidade é uma capacidade individual, uma propriedade de interacções ou uma característica da relação; deve distinguir entre intimidade e conceitos próximos como amor, sexualidade, proximidade e apoio; deve ser bem definida e atingível; e a definição profissional deve ser conciliável com a definição leiga.

A natureza múltipla da intimidade foi descrita por vários autores (Clinebell, 1970), (Hof e Miller, 1981). Alargaram a definição da simples intimidade sexual, para incluir a intimidade emocional, intelectual, estética, a comunicação, o compromisso e a intimidade criativa.

Há comportamentos que delimitam as relações funcionais e disfuncionais. Segundo Prager (1995) existem quatro factores que influenciam

a natureza da intimidade. Em primeiro lugar, é importante saber qual é o enfoque comportamental para compreender a intimidade. Isto tem a ver com a quantidade relativa de trocas comportamentais positivas e negativas entre parceiros. Quanto maiores forem as trocas negativas, mais disfuncional é a relação. Quanto maior for o número de trocas positivas, mais íntima é a relação. Segundo, é preciso saber até que grau os indivíduos têm capacidade para resolver conflitos e para comunicar de forma apropriada. Muitas vezes, os problemas e as dificuldades estão baseados em défices de capacidades. Terceiro, o grau de motivação para a mudança de atitudes negativas na relação de intimidade. Quarto, qual é o estilo de carácter do adolescente e do seu par. Quinto, qual é o estilo de carácter íntimo partilhado.

Para compreender as relações é importante compreender os tipos de cognição que reflectem e orientam o comportamento individual. Vários tipos de cognição podem influenciar as relações, que podem levar a problemas e disfunções significativas. Há também as suposições que cada parceiro faz acerca da natureza do mundo. Há os padrões que cada parceiro traz para a relação. Há as percepções individuais, o modo como os parceiros consideram e compreendem os acontecimentos. Há as atribuições que são as razões dadas pelo indivíduo para explicar a ocorrência de um acontecimento. Finalmente há as expectativas relativamente à previsão daquilo que ocorre.

Para Sharabany (2000) as relações de intimidade são muito importantes na vida pessoal, social, espiritual, profissional e na satisfação com a vida. O conceito da intimidade tem sido abordado por vários especialistas. O Random House Dictionary (2002), define intimidade como proximidade, familiaridade, afectividade ou uma relação pessoal de amizade ou de amor com outra pessoa. Beavers (1990) define intimidade como factor de bem-estar na vida. Para este autor a intimidade é a alegria e a felicidade de se ser reconhecido e aceite pela outra pessoa a quem se ama.

Prager (1995) considera que as definições de intimidade provêm de várias e diferentes teorias da personalidade e das relações interpessoais, cada uma das quais tem contribuído para o entendimento da definição de intimidade. Acitelli e Duck (1987) notaram que as definições de intimidade normalmente falham em especificar se a intimidade é uma capacidade individual, uma propriedade de interacções, ou uma característica de uma relação. Uma boa definição de intimidade, então, deve facilitar o entendimento das ligações conceptuais entre intimidade em interacções diárias e relações íntimas.

Para Alberoni (1997) a intimidade é a comunicação, é o sucesso da comunicação, deve incorporar o uso comum da palavra, a qual se refere a uma experiência individual. A qualidade da comunicação entre dois amigos adolescentes está relacionada com a confiança e a intimidade. O seu surgimento nas expectativas de amizades adolescentes tem sido ligado a uma maior auto-estima e estabilidade nessas mesmas amizades (Hartup, 1996).

Concepções de intimidade já colocadas, muitas vezes consideram experiências de transcendência e/ou emoção intensa, experiências que envolvam outra pessoa de uma maneira importante, integrante para a intimidade (Register e Herley, 1992).

De acordo com Duck (1991), as relações psicológicas são influenciadas pelo conhecimento que as pessoas têm umas das outras.

As definições de intimidade devem distinguir entre o conceito de intimidade e os conceitos relacionados (Perlman e Fehr, 1987). Intimidade confunde-se com conceitos como a amizade, o amor, proximidade, apoio, enlace, vinculação e sexualidade.

Existem modelos teóricos distintos a partir dos quais diversos autores elaboraram definições pertinentes de intimidade: o humanista, a aprendizagem social cognitiva, o interpessoal (Sullivan, 1953) e teorias baseadas na emoção, na amizade no amor e em trocas sociais. Definições dando destaque às diferenças individuais no que diz respeito à capacidade do ser-se íntimo são igualmente importantes para a apreensão da noção de intimidade e têm como base os seus próprios pressupostos – as teorias psico-dinâmicas e motivacionais.

As relações e interações íntimas afectam, o bem-estar, a capacidade de adaptação às necessidades e pressões que surgem e se alteram em cada estágio do crescimento e desenvolvimento dos indivíduos, tendo o potencial de adicionar novas competências, capacidades e meios de adaptação. As relações íntimas tenderão a afectar de modo positivo os indivíduos indo ao encontro das suas expectativas, auxiliando na resolução dos seus problemas e promovendo o preenchimento das suas necessidades.

Tanto as interações verbais como as não-verbais parecem afectar as experiências íntimas. De acordo com diferentes autores (abaixo referenciados e citados por Prager, 1998, p. 18), os comportamentos de envolvimento, como o olhar ou a proximidade física, afectam a atracção e o compromisso emocional (Kleinke, 1986). O toque intensifica e fortalece

os aspectos afectivos da experiência íntima (Burgoon, 1991). Comportamentos íntimos verbais servem para estabelecer uma comunicação e conexão harmoniosas (Falk e Wagner, 1985), aumentam a profundidade da relação e do envolvimento (Derlega *et al.*, 1993) e mantêm (ou refletem) a satisfação nas relações (Hendrick, Hendrick e Adler, 1988).

A intimidade é assim, uma estrutura dinâmica que vai evoluindo ao longo do tempo, determinando a forma como nos percebemos em relação aos outros nos diferentes contextos. Analisando psicológica e socialmente, o conceito permite-nos perceber o modo como o adolescente se comporta e reage nas relações interpessoais (amizade com o mesmo sexo e o outro, grupo de amigos e relação de namoro). Sharabany (2000) refere que a intimidade influencia de forma determinante a actuação do adolescente na família, na escola e no grupo de amigos, tendo consequências tanto no rumo que o indivíduo irá imprimir à sua vida como na forma de encarar o futuro.

Prager (1995) propõe uma estrutura para o conceito de intimidade que deve integrar as diversas contribuições e estudos para uma melhor percepção do constructo e argumenta que a definição mais útil começa pelas interacções íntimas porque são construídas com base nas sequelas emocionais e cognitivas das repetidas interacções.

Surgem, assim, dois aspectos importantes para a investigação sobre interacções íntimas: os componentes da interacção íntima (comportamento e experiência) e o seu impacto, considerando que as experiências são fruto do comportamento íntimo e são influenciadas pelo contexto em que se desenvolvem.

Prager (1995, 1998) define a intimidade como um tipo de interacção com componentes experimentais (cognitivos e afectivos) e sequelas. As interacções íntimas têm efeitos imediatos e a curto prazo, tanto nos indivíduos como nas suas relações. São os seus efeitos duradouros que formam os alicerces das relações íntimas. Os comportamentos íntimos são aqueles que implicam a partilha de algo significativo, pessoal e privado, tanto verbal como não verbal. As experiências íntimas são pensamentos, sentimentos e percepções positivas acerca do próprio, do parceiro e da relação. Muitas interacções podem conter um ou mais elementos das interacções íntimas, mas só se tornam interacções íntimas quando estes elementos estão combinados.

As interacções íntimas afectam os parceiros e a sua relação. A intimidade contribui para a satisfação das necessidades do indivíduo e é por

isso que tem efeitos positivos no bem-estar individual. As experiências positivas acentuam o funcionamento da relação. A percepção de que somos plenamente compreendidos, conhecidos, amados e respeitados é uma parte importante do sentimento de se ser amado (Fromm, 1956; Jourard, 1971; Rogers, 1951 citados por Prager, 1998, p. 9). A repetição da intimidade traz consequências emocionais e cognitivas a longo prazo. As experiências íntimas repetidas transformam sentimentos momentâneos positivos em atitudes duradouras e criam expectativas relativamente ao parceiro, que podem ser denominadas como amor, confiança e respeito. As interações íntimas permitem um conhecimento mútuo profundo, o que pode levar à satisfação das necessidades de intimidade e explicar os efeitos benéficos e compensadores das interações íntimas (Prager, 1998).

2. FACTORES CONTEXTUAIS

No nosso estudo optou-se pela definição de intimidade de Prager (1995, 1998). O seu constructo teórico apresenta-se estruturado da seguinte forma:

A investigação feita até hoje confirma a importante influência dos factores contextuais. Prager (1995) menciona quatro formas em que o contexto pode afectar a intimidade:

- Os factores contextuais podem afectar directamente o comportamento íntimo, por exemplo, a força dos motivos para a intimidade dos parceiros afecta a frequência com que eles vão ter comportamentos íntimos (McAdams, 1988);
- Os factores contextuais podem modificar o impacto do comportamento íntimo na experiência. O género da composição do casal, pode determinar se as pessoas vão julgar certas confidências apropriadas (Banikiotes, Kubinski e Pursell, 1981);
- O contexto pode produzir efeitos directos no funcionamento das relações íntimas. Miller e Lefcourt (1983) referem que as relações tendem a tornar-se mais íntimas quando um dos parceiros tem características que encorajam o outro a partilhar material pessoal;
- Os factores contextuais parecem determinar a importância da intimidade relacional para o funcionamento da relação íntima. Por exemplo, a importância da intimidade sexual varia segundo o envolvimento dos parceiros numa relação român-

tica homossexual ou heterossexual (Blumstein e Schwartz, 1983).

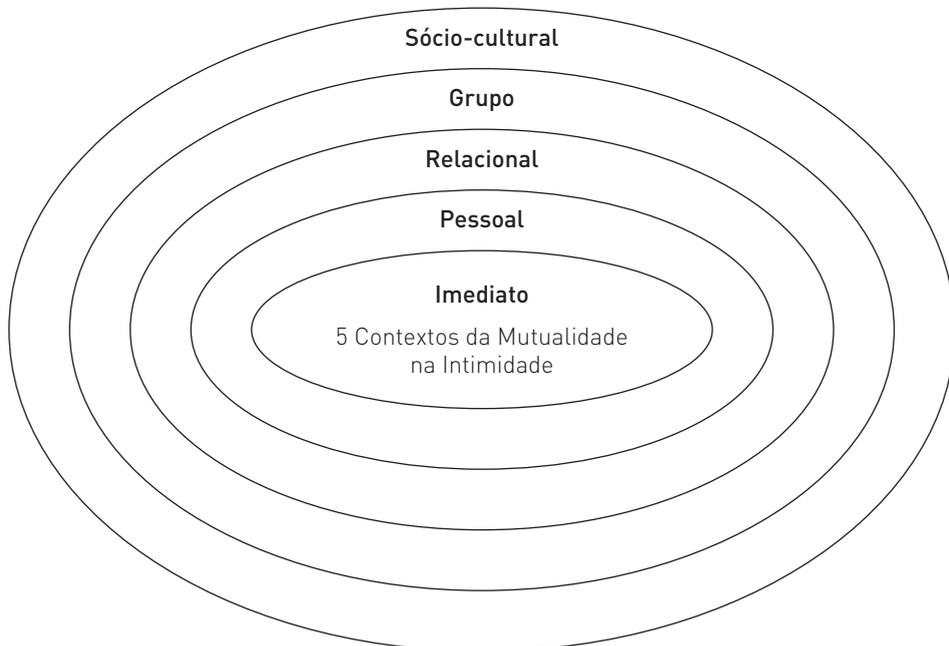
Para Prager (1995) os níveis de contexto influenciam a intimidade, parecendo uns produzir efeitos mais fortes que outros. O tipo de relacionamento dos parceiros e as fases da vida influenciam fortemente as interações e relações íntimas. Cada fase da vida tem o seu conjunto de necessidades, interesses e pressões que influenciam as pessoas e moldam o seu comportamento dentro das interações e relações íntimas.

A organização dos factores contextuais e a continuidade existente entre os diferentes níveis de contexto, personalidade individual e factores de relações são parte de um conjunto que envolve as normas sociais e de grupo e as características do meio ambiente, sendo os factores (fora de uma relação a dois) representados nas expectativas e atitudes das pessoas dentro das suas relações de intimidade.

É importante compreender o contexto social em que as múltiplas facetas e tipos de relações com o sexo oposto ocorrem. Elas não emergem isoladas e há vários elos de amizades com o mesmo sexo, amizades com o sexo oposto e relações românticas.

Dunphy (1963) (citado por Sharabany, 1994, p. 451) propôs um modelo de desenvolvimento da emergência dos grupos, multidões e namoros com os dois sexos. As interações entre sexos emergem normalmente antes do namoro e das relações românticas e um número de amizades com o sexo oposto prevê o desenvolvimento das relações românticas (Connolly, Craig, Goldberg e Pepler, 1999).

A definição de interacção íntima apresentada engloba várias formas de intimidade. A particularidade do estilo de intimidade próprio de cada par deve-se à configuração dos factores contextuais que recaem sobre a relação de intimidade do par. A figura 1 mostra um esquema de cinco níveis que classifica os factores contextuais: o contexto imediato, o contexto pessoal, o contexto relacional, o contexto de grupo e por último o contexto sócio-cultural (Adams e Blieszner, 1994).

Figura 1 – Cinco níveis dos factores contextuais

Fonte: Adaptado de Prager, 1998, p. 10

O círculo central mostra o nível contextual imediato: factores mais próximos no tempo e no espaço da interacção (meio físico adjacente), circunstâncias imediatas que juntaram os parceiros. A seguir, o nível pessoal: factores específicos a cada parceiro (herança genética, história de vida pessoal); os traços herdados de cada um e a sua experiência de vida tornam cada pessoa num ser único e determinam o que traz para a relação e como reage em relação ao outro. O contexto relacional engloba as características da relação em questão, como os parceiros se encontraram, como se desenvolveu a relação, o seu nível de compromisso e o modo de agir em interacções não íntimas; pressões relacionais sobre os parceiros, os efeitos dos esforços em resolver os problemas. O contexto de grupo está relacionado com outros grupos a que pertencem os parceiros, tanto por necessidade como por escolha, e que afectam a sua relação e valorizam a qualidade das suas interacções. Por exemplo: a família e amigos de cada um, instituições como a escola, o desporto, a igreja, etc. Finalmente, o nível sócio-cultural ligado às normas de grupos de identidade, sociedades e culturas de que fazem parte os parceiros. Têm muitas vezes um impacto invisível na forma como cada um se comporta em situações íntimas e sentem as experiências íntimas. Alguns factores contextuais podem ser conceptualizados de forma signi-

ficativa em mais do que um nível. São três as formas em que os factores contextuais podem afectar o funcionamento da relação íntima: podem afectar as oportunidades de iniciar trocas íntimas satisfatórias de forma directa; podem modificar as experiências de intimidade no âmbito das interacções, o ponto até ao qual os comportamentos íntimos são sentidos; e podem modificar a importância dada pelos parceiros ao relacionamento íntimo relativamente a outros aspectos da sua relação.

2.1. A intimidade no contexto

No que se refere aos cinco níveis que classifica os factores contextuais: o contexto imediato (Adams e Blieszner, 1994) diz respeito a factores existentes no enquadramento espacial e temporal da própria interacção. Entre os factores situacionais contextuais encontramos a natureza da ocasião, o local físico, o estado de espírito de cada um dos parceiros e o género dos parceiros.

O local físico tem a sua importância pois a experiência da intimidade tende a ser realçada pela privacidade, calma e poucas interrupções. A proximidade física realça as oportunidades de trocas íntimas enquanto a distância física pode tornar a intimidade mais difícil, como também em certos casos pode ajudar a manter relações, porque para alguns casais a intimidade intermitente é a situação ideal.

O estado de espírito de um ou ambos os parceiros pode influenciar a qualidade das interacções íntimas. Por exemplo, as pessoas deprimidas interpretam mal as iniciativas que à partida são boas, o que pode provocar o conflito (Kowalik e Gotlib, 1987). Os parceiros podem procurar contacto íntimo em momentos diferentes e encontrar a resistência relativa à ocasião por parte do outro. O objectivo da conversação pode afectar o modo como cada um vai sentir o comportamento íntimo do parceiro. O sexo dos parceiros está associado a alguns aspectos da intimidade. As raparigas tendem mais a iniciar um comportamento íntimo verbal com amigos e parceiros de relação íntima. Tanto os rapazes como as raparigas fazem mais confidências a um parceiro feminino do que masculino (Dindia e Allen, 1992). Ao nível imediato, o género refere-se apenas à categoria sexual. Devemos observar outros factores contextuais para encontrar diferenças de sexo ao nível imediato. Os factores contextuais são de género quando afectam ou caracterizam um dos sexos mais do que o outro. Muitos destes factores relacionam-se pouco com o sexo, os seus aspectos fisiológicos, reflectem antes as diferenças socioculturais e a nível de grupo, os meios em que os homens e mulheres operam.

O contexto pessoal, diz respeito às personalidades, atitudes e crenças acerca das relações e à intimidade dos parceiros, assim como às reacções emocionais perante a intimidade. As características individuais surgem, por vezes, devido à sua herança genética, através da sua experiência de vida ou dos efeitos de ambos. Os seguintes traços de personalidade estão relacionados negativamente à tendência para fazer confidências: introversão (Prager, 1997) comportamentos neuróticos (ansiedade e negativismo) (Prager, 1998) locus externo de controlo (Prager, 1995) e traços de ansiedade (Prager, 1986). Outros estão ligados positivamente: auto-estima (Cramer, 1990), um estilo seguro de vinculação (Mikulincer e Nachshon, 1991) e relações entre ajustamento e tendência para a satisfação com a vida (Argyle, 2001).

As necessidades, motivos, objectivos ligados à intimidade influenciam o modo como as pessoas abordam a intimidade. Pode haver variações na força da necessidade ou desejo de intimidade. Estas diferenças são indicadores de uma variedade de comportamentos interpessoais (McAdams, 1988). Pode haver diferenças nos processos escolhidos para satisfazer as necessidades de intimidade: intimidade verbal ou partilha de tempo ou actividade agradáveis. Há também razões diferentes para a procura de intimidade: satisfação de necessidades de se ser compreendido e aceite, orientação e conselhos, oportunidades de auto-esclarecimento e afirmação de uma relação íntima (Derlega e Grzelak, 1979). Para as raparigas as relações íntimas são uma fonte de apoio e inspiração para satisfação de necessidades como a realização e reconhecimento (Prager, 1998).

A experiência individual de intimidade varia com a capacidade para a intimidade, que é um conjunto de características que podem maximizar as experiências de ambos os parceiros. Estas características englobam a capacidade de empatia, tomada de perspectiva e capacidade de comunicar de forma empática (Eisenberg, Murphy e Shepard, 1997). Quem não sente empatia pode não vir a sentir a intimidade como algo de agradável e que satisfaz as suas necessidades, uma preocupação pelo eu pode ser associada ao desejo de evitar interacções íntimas que impliquem a demonstração de preocupação empática. A capacidade básica de ouvir o outro contribui para a experiência íntima. Inclui a capacidade de ter atenção, parafrasear, reflectir os sentimentos dos outros e dar resposta de forma construtiva, ouvir e reter a mensagem sem se colocar em posição de defesa ou planear o que se vai dizer em seguida.

A fase de desenvolvimento de uma pessoa influencia a sua experiência de intimidade, reflectindo o modo preferido de satisfazer as suas neces-

sidades e podendo afectar a importância dada à satisfação das necessidades de intimidade em relação a outras necessidades psicológicas importantes. Por outro lado, a intimidade não tem sempre a mesma importância ao longo das fases da vida.

As orientações e estilos sexuais ao nível pessoal explicam diferenças sexuais encontradas ao nível situacional no comportamento íntimo e nas motivações. Os estilos sexuais referem uma combinação de traços, inatos ou aprendidos, que englobam os tipos de objectivos e valores interpessoais e as capacidades cultivadas para atingir esses objectivos. A masculinidade psicológica refere a abordagem à interacção que valoriza a competitividade, a afirmação e a promoção do eu. A feminidade psicológica valoriza a cooperação e sacrifica o interesse pessoal para alimentar a relação (Maccoby, 1990).

Os traços de personalidade dos sexos influenciam os objectivos das interacções, que podem explicar os padrões de género da auto-revelação (Prager, 1998). O objectivo na auto-revelação varia entre os géneros. As raparigas esperam a satisfação das várias necessidades (Kroger, 1989) e aumento da sua confiança na capacidade de atingir os seus objectivos de forma positiva, os rapazes esperam gratificação e aceitação. Uma terceira variável de contexto pessoal para explicar as diferenças sexuais são as diferenças de forma nas preferências de intimidade. As raparigas têm padrões mais estreitos e estritos acerca do que é uma interacção íntima. Para a rapariga um(a) amigo(a) tem de ser um confidente para ser íntimo(a): há uma clara distinção entre amizades íntimas e não íntimas (Prager, 1995). Para os rapazes quem partilha actividades e interesses pode ser tão íntimo como aqueles que partilham confidências. As actividades em comum são oportunidades de intimidade. Para as raparigas, tem que haver uma interacção face a face para haver intimidade. Rapazes e raparigas dão importância a diferentes tipos de experiências íntimas: os rapazes tendem mais a favorecer a intimidade sexual e as raparigas tendem a favorecer mais a intimidade verbal (Engel e Saracino, 1986). Daí as raparigas iniciarem mais frequentemente contactos de intimidade verbal e os homens contactos de intimidade sexual (Blumstein e Schwartz, 1983). As raparigas dão mais importância à qualidade do contacto íntimo ao decidirem se vão comprometer-se nessa relação e se estão satisfeitas (Caldwell e Peplau, 1982). No entanto, rapazes e raparigas definem a intimidade da mesma maneira: a auto-revelação a um ouvinte atento é o mais importante para a intimidade (Monsour, 1992).

2.2. O contexto relacional

Engloba as características da relação: resultado das histórias pessoais dos parceiros ou do conjunto único das interações dos parceiros. Afeta a procura do contacto íntimo, a sua frequência assim como a sua satisfação. A definição que os parceiros têm da sua relação é importante. Eles podem não estar de acordo acerca do tipo de relação que têm ou exprimirem níveis diferentes de compromisso relativamente à qualidade e duração, por exemplo, se a relação avança para o casamento ou para um compromisso duradouro ou não. A pressão pode então aumentar sobre os parceiros à medida que um ou ambos começam a proteger-se de uma vulnerabilidade crescente ao seu parceiro. Se os parceiros estão de acordo acerca destes pontos, investem mais na relação e os contactos íntimos frequentes podem alimentar a confiança, sentimentos positivos e companheirismo.

Através das experiências de intimidade partilhada, os parceiros aprendem que podem revelar aspectos pessoais, sem que o outro use essas confidências para o magoar. A repetição desses sentimentos provoca outros sentimentos persistentes de calor, carinho e amor e permite que os casais mantenham uma boa vontade perante o outro relativamente a um conflito ou interações frustrantes. Os parceiros procuram-se também para companheirismo. Isto tudo alimenta e realça a intimidade do casal. Outros tipos de incompatibilidades, mesmo que não exista conflito, podem também influenciar a intimidade. Por exemplo, interesses divergentes, poucos pontos em comum. Estes casais têm dificuldades em ter experiências íntimas devido ao distanciamento da sua relação (Dickson, 1995). A própria intimidade pode ser fonte de conflito, através do contacto íntimo podem-se revelar incompatibilidades que vão frustrar os seus esforços em satisfazer as suas necessidades, que se podem tornar em campos de batalha e contribuir para disfunção e angústia na relação íntima. Este tipo de angústia tem duas origens: a incompatibilidade do parceiro e processos de regulação de intimidade disfuncionais.

A compatibilidade contribui para a satisfação na relação e para o esforço em tornar a relação satisfatória. A incompatibilidade da intimidade pode gerar emoções fortes e fazer com que os parceiros façam esforços consideráveis para satisfazerem as suas necessidades. O paradoxo dos padrões de interação disfuncionais é que os esforços do casal em resolver os seus problemas causam uma maior polarização (Prager, 1998). O género a nível relacional está relacionado com padrões de interação de género, em que os parceiros podem ocupar posições e assumir responsabilidades correspondentes ao estereótipo marido/mulher.

O contexto de grupo é a rede social do casal: família, amigos, comunidade religiosa, escola, bairros e local de trabalho. Pode ter efeitos directos ou indirectos na relação ou no relacionamento íntimo do casal. Estas redes podem realçar a intimidade ao dar vários tipos de apoio social (e.g., Cutrona, Suhr, e MacFarlane, 1990). Há o apoio instrumental que pode contribuir para um sentimento de pertença, que é outro tipo de apoio social. Há também aconselhamento e orientação ou apoio relativo a informação que contribui para o funcionamento da relação. Há ainda o apoio emocional, ligado ao diálogo, consolação e análise dos sentimentos de uma pessoa relativamente a um problema. Tem a ver com o ouvir activo, expressões de afecto e *feedback* positivo. Pode ajudar ao retirar pressão dos parceiros para satisfazer as necessidades de intimidade um com o outro. As famílias e as amigas podem também ser problemáticas ao interferirem na relação do casal.

O contexto sócio-cultural refere-se às normas e ideais dentro de um determinado grupo ou subgrupo cultural. As normas afectam as relações íntimas quotidianas, pois servem de guias de orientação relativamente às expectativas e esperança dos casais perante a sua relação. As normas que regem as interacções íntimas podem apoiar ou diminuir a intimidade. A sociedade ocidental coloca muito valor na intimidade das relações a dois. As normas dos subgrupos podem afectar a forma preferida de exprimir a intimidade de um determinado casal. As características culturais englobam uma grande variedade de indivíduos que compõem as subculturas. Os valores individuais variam em função da aculturação. As normas de comunicação da subcultura podem afectar a intimidade desejada pelos parceiros dentro da sua relação.

No que se refere às interacções entre contextos, por vezes os factores contextuais interagem entre si, nomeadamente, a presença de um modera a influência de outro. Pode também ser possível para um factor diminuir os efeitos de outro que afecta directamente a intimidade (Baron e Kenny, 1986).

O género é um exemplo dos efeitos moderadores. É uma variável que opera em cada nível contextual e a sua influência sobre a intimidade vai depender da presença, ausência ou intensidade dos outros factores contextuais (Prager, 1995). A interacção entre estes factores e o género pode determinar se os parceiros vão iniciar um contacto íntimo, o modo como vai ser a experiência íntima e como o contacto íntimo vai moldar a relação. Um primeiro exemplo diz respeito à definição que os parceiros fazem da sua relação e do seu género. A definição dos parceiros interage com o sexo de modo a que as diferenças sexuais na intimidade sejam

apenas visíveis quando os parceiros interagem de forma não romântica. Homens e mulheres tendem a trazer tópicos pessoais e privados e debruçam-se sobre eles de forma mais consistente quando conversam com uma mulher (Tscann, 1988). Quando os parceiros formam um casal, o impacto do sexo do parceiro é reduzido, pois este é muitas vezes visto como um confidente mais íntimo. Dentro das relações de casais, as diferenças de sexo na intimidade (auto-revelação) são minimizadas. Outro exemplo, tem a ver com os traços de personalidade ligados ao sexo e androgenia psicológica que modera os efeitos das categorias de sexo sobre as revelações íntimas. Quando as mulheres e os homens têm traços de personalidade similares, tendem mais a iniciar comportamentos íntimos similares.

Demonstrou-se a natureza do género nos vários níveis como factor contextual e o modo como a sua influência sobre a intimidade das relações é modificada pela presença de outros factores contextuais. Ao nível sócio-cultural as normas para o comportamento de cada sexo fornecem uma orientação para um eu ideal, a relação é moderada por variáveis a nível pessoal. Os processos de relação respeitantes a intimidade tendem mais a surgir na presença de certas normas sócio-culturais e características de personalidade individuais. A probabilidade dos parceiros iniciarem um contacto íntimo satisfatório de igual modo para ambos e a importância desse contacto íntimo para cada um deles dentro da relação depende da interacção dessas variáveis contextuais, influenciando os parceiros e a sua relação de intimidade.

3. PERSONALIDADE, SOCIALIZAÇÃO E RELAÇÕES DE INTIMIDADE COM O SEXO ÓPOSTO

Rokach e Brock (1997) referem que os pressupostos sociais, culturais e ambientais nos moldam no que somos e como funcionamos no mundo diário. As variáveis da personalidade, da socialização, da história pessoal e das relações de intimidade afectam a solidão como uma experiência humana e universal e como uma experiência única e subjectiva. Há igualmente diferenças de personalidade: os extrovertidos fornecem mais felicidade. Estes têm um estilo de comunicação não verbal diferente (sorriem mais, olham mais para os outros, colocam-se em posições mais próximas e têm uma voz mais forte). Eles são mais felizes pois têm mais actividades agradáveis de natureza social. Têm também capacidades sociais especiais e mostram-se mais cooperantes (Argyle, 2001). Os parceiros dos extrovertidos falam mais e partilham mais coisas enquanto que os parceiros dos introvertidos são mais silenciosos. Os

extrovertidos têm mais amigos e apreciam a sua companhia. As pessoas mais sóas não são tão dinamizadoras, são hostis e pessimistas, tímidas, egocêntricas e interessam-se menos pelos outros (Jones e Dembo, 1989).

As investigações têm sido essencialmente de dois tipos: estudos de indivíduos de hereditariedades muito diferentes que se educaram juntos ou em meios semelhantes e estudos de indivíduos de hereditariedade igual ou parecida criados em meios distintos. Em todos estes estudos se verificaram que os factores hereditários e ambientais exerceram um efeito limitador sobre a inteligência, o temperamento e a condição física.

3.1. Personalidade e processo de socialização

A personalidade foi-se desenvolvendo ao longo do processo de socialização, à medida que o indivíduo aprende as atitudes e as habilidades que vai precisar para existir na sociedade. Neste sentido a sua personalidade será semelhante à dos outros mas as suas opiniões e os seus modelos de conduta diferem. O conceito de intimidade começa a tomar forma como um objecto da antropologia filosófica e o conceito central da pessoa entronca em três realidades (intimidade, origem e comunicação).

Todo o conjunto de factores que determinam a personalidade de um indivíduo influencia determinantemente a forma como se relaciona. O eu resulta da interacção social (Young e Mack, 1967, p. 114). Segundo um estudo (Saklofske *et al.*, 1986, citados por Neto e Barros, 2003, p. 357), uma pessoa muito emocional, temperamental, ansiosa, que se preocupa demasiado e neurótica pode ser mais susceptível e sensível a défices relacionais ou ter uma capacidade limitada de gozar das relações que trazem satisfação. Pode ser também que a quantidade de interacção experimentada seja adequada mas menos significativa. Uma descoberta consistente com outros estudos (Jones e Carver, 1991, citados por Neto e Barros, 2003, p. 357) foi uma relação inversa entre solidão e a tendência para encontrar satisfação e relações íntimas na vida.

O desenvolvimento de relações íntimas em pessoas heterossexuais caracteriza-se por dois processos paralelos, a intimidade com o amigo do mesmo sexo e a intimidade com o parceiro amoroso do sexo oposto (Buhrmester e Furman, 1986); emergindo ambos de uma nova necessidade social e do assumir de determinados papéis na rede das relações íntimas.

Sprinthall e Collins (1999) referem que as amizades com o sexo oposto são mais comuns na adolescência hoje do que no passado.

Existe uma segregação voluntária na infância (Leaper e Anderson, 1997; Maccoby, 1990) que torna as amizades com o sexo oposto pouco comuns (Gottman e Mettetal, 1987; Maccoby, 1990) e que leva a diferentes experiências de pares para as raparigas e para os rapazes (Maccoby, 1990). No início da adolescência o grau de contacto com o sexo oposto aumenta (Furman e Robbins, 1985). Apesar das amizades com o mesmo sexo continuarem a ter uma posição forte nas redes sociais adolescentes (Bukowski, Pizzamiglio, Newcomb e Hoza, 1996); Furman e Buhrmester, 1985, 1992; Lempers e ClarkLempers, 1993), as relações com o sexo oposto ganham importância à medida que a adolescência avança (Sharabany *et al.*, 1981; Kroger, 1989). As transformações nas relações com o sexo oposto são tão substanciais quanto as transformações sofridas pelos adolescentes nas suas relações com os seus pais. A transformação na rede de pares dos adolescentes não ocorreu do dia para a noite e é multifacetada na sua natureza.

Bukowski *et al.* (1993) mostram que os adolescentes mais novos se envolvem mais em amizades com o mesmo sexo independentemente de quanto eles preferem o mesmo sexo ou o sexo oposto. A participação do adolescente em relações com o sexo oposto pode não coincidir com os seus interesses em ter amizades com o sexo oposto. O interesse dos rapazes pelo namoro está correlacionado de forma positiva com a auto-estima mas a quantidade real de relações de namoro está relacionada de forma negativa. Segundo Darling e Steinberg (1993) e Furman e Shaffer (1999) é necessário diferenciar entre interesses e comportamento real. Outras diferenças importantes podem incluir o contexto ou o cenário em que as interações ocorrem.

A mais importante distinção é talvez entre as amizades com o sexo oposto e as relações românticas heterossexuais. Apesar das explicações acerca das relações com o sexo oposto aumentarem na adolescência e se centrarem na emergência de interesses pela sexualidade depois nos laços de pares, é importante notar que muitas dessas relações não têm uma natureza romântica, especialmente no início da adolescência. Para bem entender as relações com o outro sexo é necessário distinguir entre relações de intimidade com o amigo(a) do mesmo sexo e relações de intimidade no amor. Os adolescentes discriminam entre estes dois tipos de relações de intimidade (Connolly *et al.*, 1999). Os participantes desse estudo descreveram as suas amizades com o sexo oposto em termos de afiliação, enquanto que caracterizaram as relações românticas pela

afiliação, intimidade e paixão. Outro estudo (Connolly *et al.*, 1998, citado por Furman e Shaffer (1999, p. 514), mostra que as interações entre sexos são normativas no início da adolescência e parecem preceder o namoro e as relações românticas que ocorrem com menos frequência. Com efeito, as amizades com o sexo oposto e as relações românticas têm cursos diferentes de desenvolvimento e parecem servir funções diferentes.

Estes dois tipos de relações de intimidade estão, no entanto, interligados. Os adolescentes com mais amigos e pares do sexo oposto nas suas redes sociais tendem mais a desenvolver relações românticas (Connolly *et al.*, 1999). As amizades com o sexo oposto podem servir de conduta para as relações românticas e podem evoluir para relações românticas nalguns casos. No entanto, também são importantes por si só, como uma forma de amizade. Não só podem satisfazer as funções típicas da amizade como são com membros do sexo oposto, como podem também proporcionar ao adolescente experiências e perspectivas que ainda não tinha encontrado antes da adolescência. Acerca das vantagens deste tipo de amizade, os adolescentes dizem que aprendem mais acerca do sexo oposto ouvindo as perspectivas do sexo oposto relativas a muitas questões (Furman e Shaffer, 1999).

A diferenciação entre estes dois tipos de relações de intimidade pode ser um desafio para os adolescentes e também para os investigadores. Num estudo de Bukwoski, Sippola, e Hoza (1999) um pouco mais de metade dos adolescentes incluíram os parceiros românticos nos seus relatórios quando lhes foi pedido para referirem os seus amigos do sexo oposto. Talvez as relações com os considerados amigos sejam diferentes dos que não foram nomeados amigos, mas parece possível que os adolescentes diferem no modo de conceptualizarem as relações românticas como um tipo de amizade íntima.

Num estudo (O'Meara, 1989) sugeriu-se que a tarefa de definir a relação é um dos grandes desafios que encaram os amigos do sexo oposto. As amizades podem tornar-se confusas, ou levadas pelo ciúme, quando os indivíduos tentam estabelecer fronteiras acerca de questões românticas e sexuais (Furman e Shaffer, 1999). Os sentimentos sexuais existem em muitas amizades com o sexo oposto (Furman *et al.*, 1999). Estes sentimentos podem produzir uma faísca de excitação nas relações não românticas com o sexo oposto, acrescentando um aspecto emocionante às relações (Johnson e Aires, 1983; Karen, 1994; Rubin, 1985). Podem também trazer aos amigos um problema de negociação de qualquer interesse sexual ou romântico presente em relações supostamente não

românticas com o sexo oposto; tais sentimentos têm efeitos negativos para a relação (Shaffer, Pegalis e Conell, 1991).

A distinção entre a amizade e a relação romântica não tem necessariamente a ver se a actividade sexual ocorre, pois alguns amigos não românticos registaram actividade sexual periódica de uma forma ou outra; alguns adolescentes registaram ter «amigos sexuais», indivíduos com quem mantêm uma actividade sexual. Não ficou claro se tais relações devem ser categorizadas como uma forma de relação romântica ou uma forma distinta de relação. Uma mesma linguagem pode ser utilizada pelos adolescentes para descrever comportamentos ou relações diferentes em pontos diferentes do seu desenvolvimento (Darling e Steinberg, 1993).

Um estudo (Feiring, 1999) refere que os adolescentes que têm contactos mais frequente com amigos do sexo oposto tendem mais a ter relações românticas mais prolongadas subsequentemente, descrevem as suas relações românticas em termos de auto-revelação e apoio, enquanto que aqueles com menos contacto descrevem as suas relações românticas em termos de estatuto social. Isto sugere que as interacções com o sexo oposto podem não só alimentar as relações românticas como também influenciam a natureza dessas relações românticas. Descobriram-se poucos elos com os amigos do mesmo sexo, mas há registo de que esses pares que, ou são muito populares ou impopulares junto dos seus pares do mesmo sexo e tendem mais a ter amigos de sexo oposto do que aqueles com uma popularidade média (Bukowski *et al.*, 1999).

Existem algumas sugestões de que as relações românticas podem influenciar outras relações nas redes. Por exemplo, um aumento de tempo e de energia prestados às relações românticas retira-os às amizades (Furman e Shaffer, 1999). Os adolescentes envolvidos em relações românticas mais longas e exclusivas têm menores redes de amigos (Shaffer *et al.*, 1991). Existe também a sugestão de que a expansão da rede de pares não só leva à reorganização das relações de intimidade, como também ao aumento da auto-estima para incluir percepções do eu no papel de amigo do sexo oposto e parceiro romântico. Este estudo fornece luz ao significado das relações de intimidade entre pares do sexo oposto, ou seja, os processos subjacentes da emergência dessas relações e do modo como influenciam a satisfação com a vida e a felicidade *versus* a solidão.

Durante a adolescência a intimidade desenvolve-se com um amigo do mesmo sexo e com um amigo/parceiro amoroso do sexo oposto (Furman

e Wehner, 1994); uma pessoa não abandona uma relação íntima e significativa para ter novas relações de intimidade; dão-se mudanças e ajustes, tanto na relação antiga como nas novas (Collins, Hennighausen, Schmit e Sroufe 1997).

Num estudo de Sharabany *et al.* (1998) procuram-se mudanças na intimidade com amigos do mesmo sexo provocadas pela existência de intimidade com um parceiro de sexo oposto. Procuram descobrir se o desenvolvimento da intimidade com um parceiro de sexo oposto pode ser influenciado por outros marcadores para além da idade e do grau de envolvimento com o parceiro.

De acordo com Sharabany (1974) existem dois aspectos de reciprocidade nas relações de intimidade na amizade: a escolha e a nomeação são recíprocas e define-se o ponto em que os sentimentos e as avaliações de um parceiro são encontrados pelo outro. O grau e tipo de mutualidade podem diferenciar vários estilos de relações na psicologia da intimidade.

3.2. Níveis de compromisso nas relações

O desenvolvimento da intimidade durante a adolescência está profundamente ligado às relações íntimas entre amigos do mesmo sexo e ao parceiro amoroso do sexo oposto em função de quatro papéis familiares que parecem representar quatro níveis consecutivos de compromisso crescente com um parceiro ou cônjuge:

1. Fim da adolescência: caracteriza-se pela transição de uma concentração nas amizades íntimas com o mesmo sexo para uma relação íntima a dois. Alguns autores (Douvan e Adelson, 1966; Eshel, 1993; Seltzer, 1989; Sullivan, 1953) defendem que as relações de intimidade na amizade entre o mesmo sexo têm a função de ajudar os adolescentes e pré-adolescentes a desenvolverem um sentido de auto-valorização, de verificar e estabelecer a sua identidade através de interações entre pares. A sequência normativa de desenvolvimento é que a intimidade com adolescentes do sexo oposto é adicionada à intimidade existente entre amigos do mesmo sexo.

Este tipo de relação mantém um nível alto e constante de intimidade nos jovens adolescentes frequentando entre o 10.º ano e 12.º ano de escolaridade. As relações de intimidade com o sexo oposto são bastante baixas até ao 10.º ano e cresce ao longo dos anos de escolaridade. O fosso entre os

dois tipos de amizades tende a fechar-se por volta do 12.º ano, quando o segundo tipo alcança os níveis do primeiro tipo de amizades (Bigelow e LaGaipa, 1980; Jones e Dembo, 1989; Sharabany, Gershoni e Hofman, 1981; Sharabany e Wiseman, 1993; Sharabany, 1994). A intimidade nesta idade pode ser vista como uma fase inicial da transição para uma maior capacidade de percepção, compreensão e partilha da perspectiva dos outros (Wright, 1991), o que se irá desenvolver com um compromisso crescente com amigos do mesmo sexo e parceiros do sexo oposto.

A importância da intimidade nos heterossexuais aumenta na transição da adolescência para a idade adulta (Reis, Senchak e Solomon, 1985; Reisman e Shorr, 1990), o que vai ao encontro da ideia que diz que a intimidade com o sexo oposto só é possível quando se alcança uma maior consolidação do eu e da identidade (Erikson, 1964). Mas surge a questão de saber se esta tendência para o aumento da intimidade com o sexo oposto continua. Os jovens adultos exprimem mais intimidade com o parceiro de sexo oposto do que com o amigo do mesmo sexo (Sharabany *et al.* 1981).

2. Jovens adultos heterossexuais solteiros: dão mais importância à experimentação nas relações íntimas com parceiros do sexo oposto. Têm também obrigações relativas aos papéis não cristalizadas e uma definição de papel bastante flexível (Wright, 1984). O seu padrão das relações íntimas caracteriza-se por três tendências: a) tendem a interagir com amigos do mesmo sexo, b) o seu nível de intimidade com parceiros do sexo oposto é tão alto como com amigos do mesmo sexo (Reis e Franks, 1994), c) os dois sexos não parecem diferir nem na satisfação com a vida obtida com a intimidade com parceiros do sexo oposto nem na sua capacidade para a intimidade (Camarena, Sarigiani e Petersen, 1990; Eshel, 1993; Reis *et al.*, 1985).
3. Casados: nos casos estudados a passagem do estado solteiro para o estado casado marca maiores *scores* de exclusividade e relações íntimas com o cônjuge (Fitzpatrick, 1989) acompanhado com relações íntimas com parceiros do sexo oposto limitadas (Martín, Helberg e Lawhorn, 1992; Werking, 1992, citados por Eshel, Sharabany e Friedman, 1998, p. 44). O casamento e ser pai foram seleccionados como marcadores para as fases de desenvolvimento nas relações a dois. Apesar de

diferenças individuais, estes papéis seriam sistematicamente associados a um maior nível médio de compromisso com o parceiro do sexo oposto, ou seja, com o cônjuge. Sharabany e Wiseman (1993) defendem que as relações de intimidade com o sexo oposto aumentam em função do papel familiar na ordem seguinte: fim da adolescência, estado solteiro, estado civil de casado e ser pai (mãe).

4. Pais: enfrentam um dilema relacionado com a escolha dos graus de intimidade com o cônjuge e com o amigo do mesmo sexo. Para Crawford e Huston, (1993), ser pai significa um maior investimento na família, mas as relações maritais e as amizades íntimas competem para uma diminuição de tempo e energia nesta fase da vida. Sharabany *et al.* (1981) defendem que o casamento e ser pai podem ser períodos de grande intimidade com o cônjuge em comparação com as relações do fim da adolescência e solteiros adultos com um parceiro do sexo oposto.

Esses dois estados estão associados a graus de intimidade relativamente estável com o cônjuge. Esta estabilidade prevalece menos nas relações íntimas dos finais da adolescência e solteiros e em que há mais probabilidade de separação e rejeição. Um aumento na intimidade com o parceiro do sexo oposto ocorre com uma diminuição na intimidade com o mesmo sexo. A discrepância entre intimidade com o mesmo sexo e com o sexo oposto é maior para o grupo dos casados e dos pais do que para os adolescentes e solteiros (Sharabany *et al.*, 1981).

4. RELAÇÕES ÍNTIMAS NA ADOLESCÊNCIA

Há várias maneiras de classificar as relações íntimas. Uma maneira simplista é em termos de parentesco: pais e filhos, marido e mulher e de amizade (relações íntimas heterossexuais ou com o melhor amigo do mesmo sexo). Existem vários problemas com esta distinção. Exclui as pessoas que não sendo casadas possam ter um compromisso forte ou em desenvolvimento com uma outra pessoa (casais de namorados). O membro de uma família também pode ser um amigo. Enquanto é claro o modo de descrever as relações entre membros de uma família, um sistema similar não pode ser aplicado à amizade.

Uma segunda maneira de classificar as relações é em termos de relações românticas e amizades. Estas duas categorias não são necessa-

riamente mutuamente exclusivas: um namorado pode ser também o melhor amigo.

Uma terceira e mais recente maneira de classificar as relações íntimas é em termos de relações com amigos do mesmo sexo e com amigos do sexo oposto. Enquanto a maioria das relações românticas são relações entre o sexo oposto, a maioria das amizades íntimas são entre membros do mesmo sexo. No entanto, há um número substancial de relações românticas de parceiros do mesmo sexo assim como amizades íntimas entre amigos do sexo oposto.

4.1. Tipos de relação de intimidade

Como referem Adams, Laursen e Wilder (2001) existem pelo menos três tipos distintos de relações de intimidade entre adolescentes: uma relação com proximidade moderada em que a autoridade prevalece e a reciprocidade não é importante; uma relação com elevada proximidade em que a autoridade é baixa e a reciprocidade elevada e uma relação com pouca proximidade em que há pouca autoridade e pouca reciprocidade.

Enquanto os adolescentes falam das suas preocupações relativas à adolescência com os pais e os amigos, também estabelecem relações românticas, podendo efectivamente afirmar-se que estas experiências podem moldar as expectativas e as adaptações que levarão para o início da fase adulta.

As relações íntimas na adolescência estão moldadas pelas seguintes necessidades, preocupações e pressões: a) mudanças dramáticas do corpo e as mudanças cognitivas que acompanham a puberdade; b) necessidade de aprovação e aceitação, as preocupações ligadas ao papel de conformidade com o seu género; c) necessidades de individualização, de autonomia e um interesse crescente pela intimidade (Prager, 1995).

- a) As mudanças corporais e emocionais da puberdade ocorrem muito rapidamente, trazendo preocupações relativas ao aspecto físico, com impulsos e sentimentos sexuais e preocupações acerca dos futuros papéis reprodutores (Adams e Blieszner, 1994; Peterson, 1995). A preocupação adicional – romance e sexualidade – é sem dúvida sinal de maturidade. Estas preocupações provocam mais inquietação nas raparigas

do que nos rapazes e mais nos jovens homossexuais do que nos heterossexuais (Paterson, 1995).

A puberdade pode facilitar um aumento de interação íntima entre amigos porque estes passam pelas mesmas situações e têm as mesmas preocupações.

A puberdade dá-se mais cedo nas raparigas do que nos rapazes e provocando-lhes mais stresse, facto que pode contribuir para um aumento de intimidade entre amigas mais precocemente. Estas relações podem trazer apoio, encorajamento, e conselhos quando enfrentam dificuldades (Derlega Metts, Petronio e Margulis, 1993). É mais fácil falar de período menstrual a uma amiga do que a alguém do sexo oposto (Derlega e Grzelak, 1979). Ter amigas que passam pelos mesmos problemas ajuda a adolescente a não se sentir tão sozinha (Buhrmester e Prager, 1995). É comum também neste período da puberdade haver conflitos entre a mãe e a filha (Hill 1993; Steinberg, 1990).

Devido à mudança física que aproxima os filhos da aparência adulta, os pais têm tendência para esperar mais dos filhos em termos de responsabilidades e de exigências (Douvan e Adelson, 1966), havendo pais que toleram um pensamento mais independente nos filhos. Ao alterar a percepção que os pais têm dos filhos, a puberdade pode iniciar um novo nível de igualdade entre os pais e os filhos.

- b) A necessidade de aprovação e aceitação leva os jovens adolescentes a preocuparem-se com a sua aparência, com a sua imagem junto dos seus pares. Avanços no seu funcionamento cognitivo ocorridos durante a adolescência contribuem para essa preocupação assim como a integração no contexto de um grupo de pares. Muitas das conversas intra e intergrupos consistem frequentemente em avaliar as relações entre os pares (Gottman e Mettetal, 1987). A conformidade com o grupo torna-se importante.

Quando amigos do mesmo sexo se tornam íntimos, essa amizade torna-se um porto de abrigo das preocupações relacionadas com a sua própria imagem dentro de um grupo. Os amigos tornam-se de confiança, podem guardar segredos e não falam nas suas costas. Com os amigos, os adolescentes têm mais liberdade em quebrar os padrões do grupo sem haver risco de humilhações e rejeição, do que com relações mais casuais (Buhrmester e Prager, 1995). Preocupam-se em manter comportamentos relacionados com o seu género que lhes vale aceitação

e estatuto no seu grupo de pares porque estes rejeitam activamente e punem os que não estão em conformidade com os papéis do seu género (Buhrmester e Prager, 1995; Thorne e Luria, 1986). Mais tarde na idade adulta, a flexibilidade das concepções relativas ao género aumenta (Camarena *et al.*, 1990).

Acredita-se que a participação em relações românticas provoca mais stresse nas raparigas do que nos rapazes por causa das pressões relacionadas com o seu género (Canary e Emmers-Sommer, 1997). As raparigas que namoram mais cedo parecem ser mais vulneráveis a problemas relacionados com a sua imagem. Tradicionalmente, estão reduzidas a um papel mais passivo nos namoros de adolescência, o que pode contribuir para sentimentos de falta de poder e de controlo sobre o seu destino, associada por sua vez a baixa auto-estima e pouca satisfação com a vida durante a adolescência (Crawford e Huston, 1993).

A interacção entre rapazes caracteriza-se como sendo orientada para o estatuto, sendo baseada em formas de auto-afirmação (Maccoby, 1990). As interacções das raparigas são baseadas mais frequentemente na concordância, encorajamento para falar e na elaboração de opiniões sobre cada um (Maccoby, 1990; Tannen, 1992).

Os papéis de género na família ditam que a mãe é a principal pessoa que trata dos filhos (Buhrmester e Prager, 1995). As mães desenvolveram o mesmo estilo de papel nas suas filhas. O papel do pai de sustentar a família leva-os para fora de casa tornando-os fisicamente menos disponíveis para formarem relações com os seus filhos. Às raparigas, mais especialmente, parece faltar oportunidades de estabelecerem um relacionamento mais próximo com os seus pais (Wright, 1982, 1991; Youniss e Smollar, 1985).

- c) A necessidade de individualização e de autonomia e o interesse crescente pela intimidade aumenta à medida que os adolescentes crescem, as preocupações acerca da sua apresentação e imagem começam a competir com as necessidades de definirem o verdadeiro eu e de se comportarem mais autenticamente (Harter, 1990). No final da adolescência, as preocupações com a definição do eu expandem-se com o aumento da tomada de consciência dos adolescentes em relação à idade adulta. Erikson (1963), considerou este período de preocupação pela definição de um eu provisional como um espaço de identidade durante o qual o jovem adolescente se

preocupa com as questões relacionadas com quem eles realmente são e serão.

Relacionadas com a questão de se tornarem adultos, estão as preocupações com a autoconfiança e independência em relação aos pais (Bigelow, 1977). A mudança física e o aumento das capacidades para tomarem decisões e registarem o seu próprio comportamento aumenta a consciência de que em breve eles terão de ser mais independentes (Douvan e Adelson, 1966).

Esta preocupação com a autonomia poderá afectar a intimidade nas relações com os seus pais, devendo esforçar-se por terem um comportamento concordante com os seus pais, a fim de evitar críticas destes (Buhrmester e Prager, 1995). Manter-se próximo e estabelecer uma comunicação aberta com os pais, pode encorajar a individualidade nos adolescentes.

A intimidade torna-se numa preocupação durante esta fase da adolescência. O desenvolvimento de um pensamento operacional formal pode ajudar a compreender e articular o quão valioso é uma amizade íntima; como os adolescentes estão sexualmente maduros e dispostos a apaixonarem-se, têm uma predisposição à aproximação e ao contacto íntimo.

À medida que os adolescentes se tornam jovens adultos exprimem mais intimidade com o parceiro de sexo oposto do que com o amigo do mesmo sexo. A intimidade com o sexo oposto aumenta em função do papel familiar na ordem seguinte: fim da adolescência, estado de solteiro com compromisso de noivado, estado de casado e ser pai (Sharabany, 1996).

4.2. Atitudes nas relações de intimidade

Nas atitudes das relações de intimidade na amizade e no amor, uma premissa importante do modelo organizacional do desenvolvimento humano (Sroufe e Fleeson, 1986; Sroufe *et al.*, 1993), na formulação neo-Eriksiana da teoria de vinculação de Bowlby (1969) é que os modelos ou representações das relações são abstrações da experiência a dois anterior e guiam ambas as expectativas acerca das relações de intimidade na amizade e no amor e o comportamento dentro das relações íntimas futuras (Collins e Sroufe, 1999).

No que se refere às qualidades da amizade, foi significativa a descoberta de que as relações de adolescentes não são todas iguais. A simples

diferenciação entre aspectos positivos e negativos das relações apoiam o estudo do significado do desenvolvimento da amizade, entre adolescentes (Berndt e Savin-Williams, 1993). Há também escalas para diferenciar entre relações em termos de intimidade e proximidade (Sharabany *et al.*, 1981). Nas amizades as distinções entre relações interdependentes e sem compromisso variam relativamente a várias dimensões: segurança, diversidade, equilíbrio de poder e compromisso (Hartup, 1989).

As amizades podem tornar-se mais íntimas, valorizando a intimidade como um fim, mostrando para isso maior habilidade e atracção. Os amigos são um ouvido atento e também conjuntos complexos de construção alternativa utilizados na resolução de problemas (Parker e Asher, 1993; Tannen, 1990), aplicam o seu raciocínio abstracto para a compreensão das emoções sociais e da vida emocional.

O significado da intimidade e da proximidade são conceitos fundamentais, mas as atitudes nas relações de intimidade são difíceis de definir, no estudo das relações pessoais. Parks e Floyd (1996) pretenderam contribuir para uma melhor compreensão da intimidade e da proximidade das atitudes nas relações de intimidade, primeiro ao examinar o significado que tem a proximidade numa relação para os adolescentes e compará-los com o significado que tem a intimidade para os adolescentes. Num inquérito realizado a 270 estudantes, perguntou-se o que é que tornava as suas amizades com o mesmo sexo e com o sexo oposto próximas e como é que essa proximidade era expressa. Daqui derivaram treze significados diferentes para proximidade. Os indivíduos escolhiam em média três significados para proximidade, sendo os mais comuns a auto-revelação, o apoio, a partilha de interesses e a expressão explícita do valor da relação. Significados originais para a proximidade diferiam relativamente pouco entre os sexos e tipos relacionais. Os adolescentes encaravam três possíveis relações entre proximidade e intimidade. Pouco menos de metade pereciam considerá-los como termos equivalentes, enquanto que os outros adolescentes davam mais ênfase ou às diferenças qualitativas ou às quantitativas. A principal diferença qualitativa era que a intimidade implicava uma dimensão romântica ou sexual para cerca de um quarto dos jovens adolescentes. As diferenças quantitativas tomavam a forma, em termos gerais, de crença em que uma relação íntima era uma forma mais intensa de relação próxima. A proximidade pareceu ser um termo mais rico e mais abrangente do que a intimidade. Os adolescentes geraram mais significados para a proximidade e pensaram numa maior variedade de relações como sendo próximas. Houve menos diferenças de género nos significados para a proximidade do que nos significados de intimidade.

Os teóricos sociais e do comportamento, ao contrário dos teóricos do desenvolvimento, concebem a intimidade em termos de relações interpessoais (Shaefer *et al.*, 1991; Perlman e Fehr, 1987). A intimidade nesse contexto é mais vista como uma qualidade percebida da relação do que como a capacidade inerente do indivíduo para a intimidade. Os investigadores avaliaram a construção sobretudo através de escalas unidimensionais e multidimensionais, usando medições como a intimidade social (Miller e Lefcourt, 1983), a intimidade das relações de amor (Rubin, 1970) e auto-revelação (Jourard, 1971).

Poucos investigadores desenvolveram medições multidimensionais da capacidade para a intimidade. Criou-se uma entrevista semi-construída (Orlofsky, Marcia e Lesser, 1973) para medir o conceito de intimidade, mas não foi desenvolvido nenhum teste auto-administrado. O questionário EPSI (Erikson Psychosocial Stage Inventory Scale) avaliou a intimidade mas apenas como subescala unidimensional. O PIQ avaliou a intimidade num resultado unidimensional global.

As medições unidimensionais da capacidade para a intimidade são necessárias para determinar se uma pessoa tem a capacidade para iniciar uma relação íntima e fornecer indicações relativas aos aspectos da intimidade envolvidos ao longo do processo de socialização do adolescente. Se excluirmos a medição da intimidade nas amizades (Sharabany, 1994), que avalia aspectos relativamente independentes do conceito de intimidade (Jones e Dembo, 1989), o PAIR (Avaliação pessoal da intimidade nas relações) (Shaefer e al., 1991) é uma das poucas avaliações da intimidade multidimensional por natureza. O inventário foi desenvolvido para uma população adulta e usada para avaliar a qualidade percebida da relação mais do que a capacidade do indivíduo para a intimidade.

Theriault (1994) fez a modificação da versão original do questionário PAIR para ser aplicado à população adolescente para avaliar a capacidade do indivíduo para a intimidade definida como a capacidade do adolescente de experimentar uma relação íntima com os seus pares. O estudo foi baseado na teoria da relação interpessoal do desenvolvimento (Sullivan, 1953) que afirma que a intimidade é uma necessidade complexa que muda ao longo do tempo; primeiro é formada com o melhor amigo confidente de mesmo sexo durante a pré-adolescência, sendo depois dirigida para o parceiro do sexo oposto durante a adolescência.

Os objectivos deste estudo sobre o PAIR são: fornecer uma investigação preliminar das dimensões envolvidas na capacidade para a intimidade

relativamente ao melhor amigo e ao parceiro amoroso; determinar se as áreas específicas da capacidade para a intimidade relativamente ao melhor amigo são as mesmas das relacionadas com o parceiro amoroso e considerar a utilidade de conceber a capacidade para a intimidade como tendo várias áreas distintas.

Os resultados revelaram dois conjuntos de considerações: as áreas similares de capacidade para a intimidade com o(a) melhor amigo(a) e o(a) namorado(a) durante a adolescência foram realçadas e um item específico que diferiu dos itens da construção original do PAIR foram revelados.

O estudo sugeriu uma construção multidimensional homogénea da capacidade para a intimidade com o melhor amigo e com o parceiro amoroso durante a adolescência. Isto é interessante visto que o modelo de desenvolvimento das relações interpessoais (Sullivan, 1953), sugere que a intimidade com os parceiros do sexo oposto durante a adolescência tem a mesma base que a intimidade com os pares do mesmo sexo confidentes durante a adolescência.

Os resultados deste estudo sugerem que os adolescentes têm dificuldades em discriminar as emoções das ideias, o que apoia outras especulações acerca dos problemas em identificar e exprimir emoções (Shaughnessy e Shakesby, 1992). Esta descoberta pode reflectir que a procura de identidade (Erikson, 1964) é uma preocupação importante durante a adolescência. No entanto, referindo a hipótese de Erikson que a identidade precede a intimidade, os resultados presentes sugerem que a procura da identidade do adolescente pode operar ao mesmo tempo que a procura de relações de intimidade. A construção da identidade parece estar sincronizada com a construção da intimidade na amostra dos jovens no meio da adolescência, o que apoia a teoria do desenvolvimento do adolescente (Lidz, 1983).

A possibilidade de que os adolescentes têm dificuldades em distinguir entre itens emocionais e intelectuais pode reflectir o facto de que estas noções ainda não são inerentes à sua experiência de relações de intimidade. Os resultados mostram que os adolescentes podem distinguir entre itens sexuais e sociais, porque alcançaram uma fase de socialização essencialmente composta de exigências sociais e românticas (Allison e Sabatelli, 1988; Erikson, 1964 e Sullivan, 1953).

Este questionário redesenhado pode ser útil para complementar outras medições da capacidade para a intimidade que não são específicas como

o EPSI (Rosenthal *et al.*, 1987, Tesch e Martin, 1983), que foca «seis fases» de desenvolvimento de Erikson (1966) e o PIQ (Tesch e Martin 1983) que oferece apenas resultados globais acerca da intimidade.

O estudo de Theriault (1994) revelou capacidade, para a intimidade relativamente ao par confidente, similar à demonstrada relativamente ao parceiro do sexo oposto, excepto para o aspecto da intimidade romântica. A grande necessidade de intimidade demonstrada por vários teóricos e clínicos (Allison e Sabatelli, 1988; Sullivan, 1953; Theriault, 1995) pode ser satisfeita de várias maneiras, sendo umas mais apropriadas do que outras (Theriault, 1994). As duas versões do PAIR dão indicações acerca das tentativas apropriadas e não apropriadas de intimidade por parte dos adolescentes. Na subescala da intimidade negativa do PAIR reuniu-se informação acerca de uma tendência para o desprendimento dos adolescentes que mostram sinais de independência excessivos. Resultados elevados na subescala da intimidade positiva reflectem uma tendência para se relacionar os adolescentes que mostram traços como a comunicabilidade, sociabilidade e empatia em relação aos pares. As duas versões do questionário podem ser usadas para examinar que tipo de intimidade é predominante em cada fase do desenvolvimento adolescente: início, meio e fim da adolescência (Theriault, 1994).

4.3. Desenvolvimento das relações de intimidade

As crianças formam expectativas acerca delas próprias no meio circundante baseadas nas experiências de relações anteriores salientes (Bowlby, 1969). Estas expectativas guiam os encontros com o meio circundante e as interpretações da experiência. As crianças que têm expectativas positivas acerca dos outros, sentimentos de valor e confiança e relações de intimidade como resposta comportam-se perante os seus pares de modo positivo (Stroufe e Fleeson, 1986).

A capacidade para a intimidade desenvolve-se a partir das primeiras capacidades interpessoais através de uma série de transformações, cada uma baseada nas anteriores. Assim, as capacidades dos adolescentes para formarem e manterem relações de intimidade, incluindo vinculações românticas, face ao conjunto social de experiências crescente e mais diversificado, reflectem as suas experiências nas relações a partir da infância. É importante compreender como é que a capacidade para a intimidade cresce em cada período de desenvolvimento e fornece indícios importantes de como e porquê as relações românticas podem variar durante a adolescência (Collins *et al.*, 1997).

No início da adolescência, dão-se mudanças importantes nos contactos dos adolescentes com os seus pares. Inicialmente as relações são quase exclusivamente com membros do mesmo sexo, posteriormente as amizades com o sexo oposto são cada vez mais frequentes tornando-se a norma na adolescência (Blyth e Foster-Clark, 1987). Coincidindo com esta mudança nos padrões de amizade está a emergência das relações românticas. Existe uma distinção na mente adulta entre amizade e relação romântica (Hatfield e Rapson, 1993). No entanto os investigadores que estudam as amizades entre sexos opostos na adolescência muitas vezes não chamam a atenção para esta distinção (Hatfield e Rapson, 1993; Lempers e Clark-Lempers, 1993; Miller e Benson, 1999). Nestes estudos consideram-se as concepções dos adolescentes acerca das relações românticas que podem ser diferenciadas das suas concepções da amizade com o sexo oposto e é examinada a eventual similitude dos seus conceitos com os dos adultos, explorando a possibilidade de os aspectos românticos poderem ser separados nos adolescentes antes da sua participação nesses aspectos. Finalmente, consideram o modo como a idade e a experiência podem influenciar as concepções dos adolescentes acerca destes dois tipos de relações.

As relações românticas nos adultos têm sido contrastadas com as amizades, visto parecer existir similitudes e diferenças entre estes dois tipos de relações (Hatfield e Rapson, 1993; Sternberg, 1987). Estas comparações sugerem que tanto as amizades como as relações românticas se caracterizam pela intimidade. No entanto, os adultos concebem as relações românticas envolvidas de paixão e esta inclui atracção física e sexualidade. As relações românticas caracterizam-se por sentimentos intensos de amor, desejo e excitação (Hatfield e Rapson, 1993; Sternberg, 1987) e por um compromisso deliberado a longo prazo, uma relação exclusiva, característica típica não presente nas amizades (Sternberg, 1990). Os adultos concebem as amizades caracterizadas pela intimidade, enquanto que as relações românticas se caracterizam pela paixão e compromisso assim como pela intimidade (Sternberg, 1987).

Não se sabe até que ponto os adolescentes fazem tal distinção. Pensa-se que a experiência tem um papel significativo no desenvolvimento da compreensão destas relações (Furman e Wehner, 1994). Podemos então esperar que os adolescentes não distinguem estas relações da mesma forma que os adultos. As autoras sugerem então que os conceitos das relações românticas dos adolescentes podem ser influenciados por várias fontes, para além da experiência pessoal (Connolly *et al.* 1999) como por exemplo, as representações de romance nos meios de comunicação populares. Os adolescentes passam muito tempo juntos, falando

de relações amorosas e determinando as normas de comportamento nesse contexto (Sharabany, 1994). Estas fontes indirectas de informação acerca destas relações têm impacto neles, pelo que os jovens mesmo inexperientes partilham uma compreensão comum das similitudes e diferenças entre relações românticas e amizades com o sexo oposto. Neste estudo, explora-se a possibilidade de que tais distinções possam ser feitas e que as concepções dos adolescentes acerca destas relações possam ser similares às descritas pelos adultos.

Durante a adolescência, as mudanças ocorrem na qualidade das relações românticas. Enquanto que nos adolescentes mais velhos estas podem fornecer proximidade emocional e segurança, nos adolescentes mais novos, estas caracterizam-se mais por qualidades de afiliação como o companheirismo (Feiring, 1996; Furman e Wehner, 1994). Nas relações românticas dos adolescentes mais novos a paixão é o atributo primário enquanto que as dos adolescentes mais velhos também integram elementos de intimidade e compromisso (Connolly *et al.*, 1999).

Estas mudanças qualitativas têm sido atribuídas a um aumento das experiências relativamente às relações românticas nos adolescentes (Feiring, 1996; Furman e Wehner, 1994). As mudanças neles podem reflectir uma maturidade de desenvolvimento, assim como experiência.

Num estudo Connolly *et al.* (1999) examinaram as concepções das amizades com o sexo oposto e as relações românticas no início da adolescência foram examinadas. Os resultados indicam diferenças nos pontos de vista dos adolescentes relativamente a estes dois tipos de relações. Enquanto as amizades com o sexo oposto foram caracterizadas pela afiliação, as relações românticas foram caracterizadas pela paixão e compromisso. No entanto, tanto a idade como a experiência foram associadas às mudanças nos padrões das descrições. Os resultados confirmaram a tese de que as concepções relativas às relações românticas dos adolescentes distinguem os aspectos diferentes das amizades com o sexo oposto e estas concepções mostram paralelismo com as dos adultos.

Segundo as teorias do amor adulto (Sternberg e Barnes, 1988), a paixão é o aspecto que distingue as relações românticas, quase não ocorrendo nas concepções de amizade. Quando os adolescentes mencionavam a paixão relativamente às amizades com o sexo oposto referiam-se a um sentimento intenso de afecto enquanto que a sua imagem de paixão nas relações românticas baseava-se no compromisso e no contacto sexual. O compromisso, que é um aspecto do ideal romântico nos adultos mas

não na amizade, apareceu apenas na referência às relações românticas dos adolescentes. As amizades e relações românticas são ambas caracterizadas pela intimidade (o que é consistente com o ponto de vista adulto); há referência a esta dimensão em ambos os tipos de relações. Um aspecto importante do desenvolvimento no início da adolescência é a aquisição de normas e expectativas relativas a estes dois tipos de relações.

Os adolescentes constroem estas normas de relações através do diálogo com os seus amigos íntimos. Os resultados sugerem que estas discussões têm limites. As discussões de relações dos adolescentes ocorrem dentro de um contexto cultural em que as normas adultas e expectativas relativas às relações românticas e amizades com o sexo oposto são conhecidas dos jovens. Estes conhecimentos são transmitidos através de vários canais, em que os média populares têm um lugar importante. Nas suas discussões com amigos, os adolescentes podem descobrir activamente e interpretar os aspectos dessas relações, permanecendo ao mesmo tempo consistentes com os pontos de vista dos adultos endossados culturalmente. Os resultados também revelam algumas diferenças entre as concepções adolescentes e adultas (Sharabany, 1996).

Os adolescentes dão ênfase aos atributos de afiliação e omitem a intimidade emocional nas suas descrições dos dois tipos de relações. Os adultos dão a mesma ênfase aos componentes de relacionamento emocionais e comportamentais (Sternberg e Barnes, 1988). Os adolescentes realçam a paixão e a afiliação nas suas concepções, enquanto que os adultos referem também o compromisso. Os teóricos do desenvolvimento romântico (Connolly *et al.*, 1999; Feiring, 1996; Furman e Wehner, 1994) propuseram várias passagens no decorrer da adolescência através das quais as relações românticas evoluem, como a mudança de uma base de afiliação, baseada nas relações de pares, para uma base emocional assim como uma mudança de ênfase da atracção apaixonante para o reconhecimento integrado de outras necessidades. Os resultados confirmam estas trajectórias.

Durante a adolescência ocorrem mudanças nas concepções de relações e estas mudanças aproximam-nas das concepções adultas. Muitos acontecimentos ocorrem para a alteração das concepções dos dois tipos de relações. Os resultados sugerem a influência da idade e da experiência, associados a padrões de mudança similares. Referências à intimidade são mais frequentes nos adolescentes mais velhos e naqueles com mais experiência nos tipos de amizades. As referências à paixão e afiliação diminuem sendo provavelmente substituídas pelas referências à intimi-

dade. O desenvolvimento da maturidade e a experiência estão ligados a tipos de mudança similares.

Tem havido alguma discussão acerca das consequências de uma iniciação precoce ou tardia nas relações românticas (Feiring, 1996). Os resultados sugerem que os adolescentes que iniciam relações românticas mais tardiamente diferem nas suas expectativas sócio-cognitivas acerca deles próprios e seguem uma trajetória diferente dos que iniciam mais cedo. As experiências com o sexo oposto e românticas foram associadas a tipos similares de mudanças nas concepções das relações. Parece que os dois tipos de relações respondem a experiências com pares de sexo oposto e não a experiências definidas num nível mais restrito.

Os contactos com pares fornecem o contexto em que as relações românticas se podem desenvolver (Connolly *et al.*, 1999). Há um declínio nas referências à paixão, o que não foi previsto neste estudo. Enquanto se registou um pequeno aumento das referências ao contacto sexual nas relações românticas do Outono à Primavera, estas referências diminuem com a idade. Realça-se a importância para a imagem que os adolescentes têm do romance. Há um declínio similar com a idade noutro estudo (Feiring, 1996), o que sugere que os resultados não são anormais. Especula-se que este declínio nas referências à paixão reflecta uma compreensão mais discriminada da relação, por parte dos adolescentes mais velhos. Com a idade os adolescentes parecem usar descritores como «estar apaixonado» e «estar caído» de modo menos frequente para os substituir por outros que reflectam mais a qualidade íntima da relação e as actividades definindo as suas interacções. Neste estudo não houve diferenças entre rapazes e raparigas, estas estavam mais inclinadas a dar mais descritores ao referirem as relações românticas. Não houve um padrão de diferenças nas descrições dadas para os dois tipos de relações. Nem houve diferenças entre rapazes e raparigas no modo como a idade e a experiência estavam ligadas às suas concepções destas relações. Os resultados podem sugerir que pontos de vista acerca das relações românticas e amizades com o sexo oposto não têm bases específicas quanto ao género, sendo portanto gerais. Pode, no entanto, ser muito cedo para que as diferenças de género sejam aparentes nas concepções dos adolescentes. Talvez com mais experiências nestas relações, os rapazes e raparigas desenvolvam padrões de concepções diferentes.

4.4. Intimidade com os pais

As diferenças relacionadas com a idade emergem em níveis de intimidade nas relações de amizade e no raciocínio acerca do conceito de amizade e das atitudes face ao amor em cada indivíduo. Estas diferenças são consistentes com as hipóteses que derivam da perspectiva do sistema das famílias (Shulman e Kipnis, 2001). A partir da perspectiva de sistemas, os níveis de intimidade nas relações de amizade podem ser incorporados num enquadramento mais alargado das famílias e das relações de intimidade.

O desenvolvimento da intimidade durante a infância e adolescência está intimamente ligado à idade cronológica. Assim, existem as relações íntimas entre amigos do mesmo sexo e o parceiro amoroso do sexo oposto como função dos papéis familiares e dos níveis consecutivos de compromisso crescente com um parceiro.

De acordo com Oleson (1998) uma das tarefas mais difíceis e importantes na vida é a criação de um ambiente familiar que vai moldar um indivíduo competente, bem ajustado e feliz, requerendo muito empenho, paciência e autodisciplina para criar um clima de amor e afecto que servirá de suporte ao adolescente contra os incidentes, insatisfações com a vida e contra a solidão. Uma das principais tarefas na adolescência é a mudança gradual dos laços, transitando dos pais para os pares; trata-se de uma mudança no grau de intimidade, ficando os pais como agentes principais de apoio (Sharabany e Wiseman, 1993).

Os indivíduos na família empenham-se em se diferenciarem e em alcançar os seus objectivos pessoais; o indivíduo é reconhecido na sua qualidade única decorrente do seu processo formativo, como um ser apto a expressar os seus desejos, necessidades, sonhos, mitos, história, sistema de crenças, relações de intimidade e espiritualidade. Reiss e Shaver (1988) sugeriram três tipos principais de famílias: paradigma sensível ao meio ambiente, paradigma sensível ao consenso e paradigma sensível à distância. A aplicação destes paradigmas na abordagem das relações de intimidade nos adolescentes sugere três tipos de amizades: 1 – Os amigos são próximos, tipo marcado pela intimidade e auto-revelação. No entanto, a proximidade não é alcançada em detrimento da independência dos parceiros. Reflete interdependência entre amigos chegados. 2 – Intimidade e proximidade entre parceiros são mais valorizadas mesmo à custa da independência. Às vezes a ênfase sobre a intimidade leva a relações possessivas, em que os parceiros insistem

na sua disponibilidade mútua e responsabilidade em todas as circunstâncias (Berndt, 1982). 3 – Os parceiros valorizam mais a individualidade.

Nesta perspectiva é necessário compreender as ligações no âmbito das relações familiares e de amizade que, em conjunto, determinam o curso do desenvolvimento social e emocional. Os investigadores especificam os processos cognitivos e afectivos que ligam as experiências familiares e de amizade no desenvolvimento adolescente. Por outro lado, examinam as correntes causais em que a socialização familiar compele as relações de amizade, que por sua vez, afectam o comportamento do adolescente. A investigação em genética do comportamento também faz parte deste esforço de investigação, pois as diferenças em indivíduos relativamente à cooperação e agressão não parecem ser completamente determinadas por variações de meio ambiente.

Furman e Buhrmester (1992) argumentam que as representações que uma pessoa tem das relações correntes são não só influenciadas pelas representações das primeiras relações, mas também pelas experiências correntes nas relações com parceiros românticos, pares e pais. Examinaram-se os elos entre representações das relações com os pais, amigos do mesmo sexo e parceiros românticos (Furman, 1993; Furman e Wehner, 1994) e examinaram-se as diferenças de idade nas percepções das relações românticas e correlacionadas (Furman e Wehner, 1994); concluiu-se que as representações cognitivas das amizades e relações românticas estão ligadas e que o grupo de pares pode influenciar as relações românticas servindo de contexto ou cenário para a emergência das relações românticas heterossexuais (Connolly *et al.*, 1999). Furman e Robbins (1985) sugerem que a natureza da intimidade nos diferentes elos entre representações das relações entre pares parece diferir ao longo das idades.

As relações de intimidade estabelecidas com os pais podem ser precursores normativos do desenvolvimento das relações românticas posteriores (Collins *et al.*, 1997).

4.4.1. Importância das relações da infância na adolescência

Em experiências feitas num Projecto Pais/filhos de Minnesota (Olson, 2002) em que se fizeram várias medições, concluiu-se que durante o período pré-escolar, as crianças com passado seguro eram mais populares do que os seus pares. No fim da infância (dez/onze anos), a perspectiva de intimidade futura era realçada pelo aumento da capacidade de

formar amigas próximas e mútuas (Bigelow, 1977; Bigelow e LaGaipa, 1980; Furman e Berman, 1984; Selman, 1980).

As crianças com vinculações seguras mostram mais mestria nas capacidades sócio-cognitivas e emocionais que apoiam o desenvolvimento da intimidade (Olson, 2002).

O estudo de Minnesota confirma a importância das relações da infância para o desenvolvimento futuro das capacidades da intimidade durante a adolescência. A variância nas tendências para as expectativas positivas relativamente aos pares, aos dez e onze anos, estão correlacionadas com medições de modelos internos das relações de pares entre os dezasseis e os dezanove anos.

A psicologia social tem abordado o constructo da intimidade encarando a personalidade como um produto e uma consequência da hereditariedade, da origem e das relações de intimidade com os pais. Comportamentos similares, componentes cognitivas e afectivas das relações de intimidade com os pais têm sido observados na transição da infância para a adolescência e esta continuidade pode estender-se para as relações íntimas com os parceiros românticos. As representações das relações de intimidade podem ser responsáveis pela similitude das relações a dois ao longo do tempo.

No que concerne às relações de intimidade estabelecidas com os pais no final da infância poderem vir a ser precursores normativos do desenvolvimento das relações românticas posteriores, o Projecto Longitudinal Minnesota (Olson, 2002) começou com a hipótese de que a competência nas relações românticas durante a adolescência reflecte uma base de competência social geral desenvolvida nas relações de intimidade na amizade com o mesmo sexo e nas relações de pares na infância. O estudo envolveu participantes inscritos em programas de campos de férias de Verão aos dez e onze anos e mais tarde durante reuniões aos quinze anos e um ano depois, aos dezasseis anos.

Nos campos de férias, aos dez/onze anos, apenas 10% das interacções eram com pares do sexo oposto, envolvendo sempre vários rapazes e várias raparigas em vez de um rapaz solitário ou uma rapariga solitária. Muitas dessas interacções tinham uma cobertura que legitimava o contacto entre sexos (com os rapazes injuriando muitas vezes as raparigas ou interagindo com o outro sexo porque um adulto assim o dizia). A violação das fronteiras entre sexos estava associada a um passado de vinculação ansiosa. Nas reuniões aos quinze anos, focalizou-se especial-

mente os comportamentos nas interações com o sexo oposto; uma reacção defensiva poderia resultar numa situação em que os participantes evitassem esse tipo de interacção. Os adolescentes obtiveram resultados elevados na medição, se entravam de forma aberta nas oportunidades de interações com o sexo oposto, em vez de evitar situações em que estivessem vulneráveis à rejeição. Aos dezasseis anos tiveram de responder a uma variedade de testes.

As competências sociais da infância foram correlacionadas de forma significativa com a capacidade para a vulnerabilidade. As medições da amizade e do comportamento de manutenção das fronteiras de género na infância foram associadas com a capacidade para a vulnerabilidade aos quinze anos. A capacidade para a vulnerabilidade, que tinha sido medida nas reuniões aos quinze anos, foi associada a três ou quatro medições da entrevista acerca do namoro um ano depois.

Estas descobertas trazem suporte para a continuidade significativa entre as relações de pares da infância e a adaptação a novos desafios de namoro na adolescência. O possível papel mediador da capacidade para a vulnerabilidade é um potencial índice válido para os processos psicossociais no desenvolvimento da heterossexualidade.

Os modelos de vinculação do desenvolvimento relacional implicam que determinadas adaptações durante a adolescência são mais prováveis para indivíduos com determinadas experiências com os pais na infância.

Passados de vinculação ansiosa estabelecidos nas relações de intimidade com os pais estão associados a problemas de dependência, pobres relações de pares e falta de compreensão social nos rapazes; para as raparigas, baixo grau de intimidade nas relações de amizade (Stroufe, Bennett, Englund, Urban e Shulmam, 1993).

Estas descobertas apoiam a previsão de que a manutenção da fronteira entre géneros é uma tarefa relevante no desenvolvimento da infância que é implicada em maior competência na gestão dos aspectos sexuais da adolescência nas relações de namoro. Elos significativos no tempo ocorrem não apenas na gradação em que o indivíduo tem determinados comportamentos na relação, mas também na qualidade das experiências associadas a esses comportamentos.

O Projecto Longitudinal Minnesota implica que várias condições poderiam ilustrar mais o desenvolvimento das relações românticas (Collins *et al.*, 1997): avaliação longitudinal das relações, atenção a múltiplos

tipos de relações e avaliações múltiplas independentes de cada tipo de relação.

Avaliações longitudinais: estudos de desenvolvimento acerca das relações românticas deveriam incluir avaliações múltiplas longitudinais das relações pais/filhos, relações de pares e representações das relações de intimidade. Com estes dados pode-se determinar se as primeiras experiências de vinculação com os pais podem prever as qualidades das relações adultas para além das previsões das experiências familiares anteriores.

Avaliação dos múltiplos tipos de relações: a avaliação das interações pais/filhos e de pares é importante para esta abordagem. O Projecto Longitudinal Minnesota estendeu o conceito de balanço a outros aspectos das relações entre pais e adolescentes que possam ser relevantes para o eventual funcionamento das relações românticas.

A avaliação das relações com os pares durante a adolescência requer métodos diferentes dos utilizados para pais e adolescentes e daqueles valorizados nos estudos acerca dos pares na infância.

Outros estudos sugerem que os pais podem ter uma influência directa no desenvolvimento da capacidade/habilidade dos seus filhos estabelecerem relações de intimidade nas amizades. Os adolescentes cujos pais tiveram um papel activo na formação de novas amizades após uma mudança de residência, estabeleceram mais amizades íntimas.

A adaptação dos adolescentes às relações com os seus pais, pode ter influência na formação de relações íntimas bem sucedidas com os seus pares o que proporciona estabilidade emocional e bem-estar subjectivo.

Num estudo longitudinal de seis anos, os primeiros contributos para as relações românticas nos jovens adultos foram analisados (Seiffge-Krenke, Shulan e Klessinger, 2001). Setenta e dois adolescentes participaram anualmente num inquérito que avaliava as suas relações de intimidade com os pais e amigos íntimos aos 14, 15 e 17 anos. A progressão do desenvolvimento no estabelecimento de uma identidade separada e desenvolvimento de um conceito corporal maduro foi avaliada. Aos 20 anos, as amostras foram novamente investigadas focalizando a qualidade das suas relações românticas correntes, avaliadas pelo questionário da Experiência do Amor (LEQ). A análise dos factores do LEQ revelou três componentes distintos do amor romântico nos jovens adultos: conexão, atracção e amor doloroso. Uma série de análises

ses de regressão múltipla explorou as diferentes contribuições dos indicadores desde a adolescência para explicar a variação nas relações românticas nos jovens adultos. Os resultados mostraram indicadores específicos da idade para dois componentes das relações românticas, conexão e atracção, incluindo o estado civil dos pais, a qualidade das relações com os pais e um sentido de competência corporal em fases diferentes da adolescência. No que respeita ao amor doloroso, apenas a competência corporal aos 14 anos de idade contribuiu de forma significativa para este componente do amor romântico aos 20 anos de idade. A pressão para estabelecer uma identidade separada era indicadora do componente atracção do amor romântico, enquanto que a qualidade das relações com os amigos não contribuiu para a conexão ou a atracção ou o amor doloroso nas relações românticas.

Weinfield, Sroufe e Egeland (2000) propõem e analisam um modelo em que as representações das experiências passadas com os pais dos adolescentes mais velhos (16-19 anos) explicam as correlações entre os comportamentos a dois, observados entre o adolescente e um dos pais (13-15 anos) e os comportamentos nas relações românticas destes participantes, anos mais tarde (20-23 anos). Esta hipótese é um princípio de orientação da teoria e investigação sobre a vinculação.

Vários autores (Kobak, Cole, Ferenz-Gillies, Fleming e Gamble, 1993; Allen e Hauser, 1996) demonstraram que as representações de experiências passadas correspondem a experiências actuais nas relações a dois, observadas na infância e na adolescência. A relação entre os modelos das primeiras experiências com os pais dos adolescentes e o seu comportamento a dois com os parceiros românticos mais tarde na vida são os modelos das experiências passadas com os pais, impelindo o passado das relações do adolescente para o futuro. O comportamento relevante para o desenvolvimento é realmente coerente, através do tempo mediado e das relações resultando na representação interiorizada da experiência de intimidade (Sroufe e Fleeson, 1986).

A adolescência é conhecida como um período de desenvolvimento em que mudanças importantes nas relações entre pais e filhos ocorrem e o adolescente muda parcialmente o seu investimento emocional e funções, dos pais para os pares (Sullivan, 1953; Youniss e Smollar, 1985). Mayseless *et al.* (1998) examinaram o padrão de relações entre as relações com os pais e as relações com os melhores amigos do mesmo sexo. Tem sido afirmado (Gold e Yanof, 1985) que para alguns adolescentes, com relações difíceis com os pais, as amizades com o mesmo sexo podem tornar-se muito importantes, fornecendo uma relação segura

alternativa e servir assim uma função compensadora, no entanto a investigação na literatura acerca desta função não fornece provas da sua existência.

4.4.2. Relações concorrentes com pais e amigos

Ao examinar a associação entre relações concorrentes com os pais e amigos do mesmo sexo, o estudo foi desenhado para documentar de forma empírica o fenómeno compensador, ao localizar um pequeno grupo de adolescentes para quem existem relações de pares compensadoras. Uma das variáveis relevantes na área das relações chegadas é a diferença de género. Descobertas acerca de diferenças de género gerais nas relações pais/adolescente e adolescente/melhor amigo têm sido documentadas. Tem-se demonstrado que as raparigas têm relações mais quentes e próximas com os pais (Noller e Callan, 1990) e com as suas amigas (Jones e Dembo, 1989; Sharabany *et al.*, 1981) do que os rapazes. Os adolescentes independentemente do género, têm relações mais afectuosas com as suas mães do que com os seus pais (e.g., Noller e Callan, 1990). Para Maysless *et al.*, (1998) as relações com as raparigas seriam registadas como sendo mais afectuosas e mais chegadas. Examinaram a associação entre as relações dos adolescentes com os pais e com os melhores amigos do mesmo género. Duas facetas diferentes das relações com os pais previam níveis mais elevados de intimidade com o(a) melhor amigo(a): mutualidade com a mãe e confrontação aberta com ela. Assim, quanto mais alta a mutualidade entre o(a) adolescente e sua mãe, ou quanto mais forte fosse a confrontação, mais alta seria a intimidade relatada na amizade com o melhor amigo do mesmo género. Como foi esperado a mutualidade (uma característica positiva e esperada do ponto de vista do desenvolvimento da relação pais/adolescente) foi associada com intimidade na amizade com o mesmo género mais elevada. Também como se esperava, o conflito e confrontação com a mãe (aspectos negativos da relação) foram associados com intimidade mais elevada na amizade. Estes resultados estão bem de acordo com a afirmação de que há pelo menos dois caminhos para níveis mais elevados de intimidade na amizade: transferir as qualidades positivas da relação com os pais e compensação pelas relações negativas.

Os resultados relacionados com a correspondência entre melhores relações com os pais e mais intimidade com melhor amigo(a), não são surpreendentes. Encaixa-se no padrão geral de pesquisas normalmente efectuadas relativamente à transferência da qualidade da relação dos pais para os pares (Cohn, Patterson e Christopoulos, 1991). No entanto,

a descoberta relativa a uma correlação positiva entre confrontação aberta com a mãe e intimidade com o melhor amigo(a) do mesmo género, apesar de esperada de forma teórica, foi menos evidente. Quanto mais o(a) adolescente discutia de forma aberta com a mãe, mais elevada era a intimidade com o(a) melhor amigo(a) do mesmo género, sendo alto o nível de exclusividade desta relação.

Este resultado pode reflectir dois processos diferentes. Pode ser que quando uma relação entre a mãe e o adolescente não tem conflitos e é chegada e calorosa, o adolescente não precisa de outras relações muito chegadas em quem confiar e por isso tem níveis baixos de intimidade com os amigos. A outra possibilidade pode ser que os adolescentes com pais controladores e frios precisam confrontar os seus pais de forma aberta para se tornarem autónomos e precisam de outra relação íntima (um amigo chegado do mesmo sexo) para confiar através deste processo.

A associação esperada de forma teórica entre as relações de pais e adolescente negativas e intimidade na amizade pode ter algo de verdadeiro em certos casos em que o adolescente tenta libertar-se dos pais, confrontando-os de forma aberta, não estando de acordo com eles e confiando ao mesmo tempo num melhor amigo(a) do mesmo sexo de um modo compensador.

De acordo com Fuligni e Eccles (1993) os adolescentes que acreditavam que os pais eram demasiado restritivos e dominantes e davam poucas oportunidades para eles se envolverem na tomada de decisão, tornou-os pouco íntimos com os pais e com uma grande orientação de relações de intimidade para os pares. Este processo de se virarem contra os pais enquanto se conta mais com os pares do grupo, mostra um processo de individualização próximo daquilo que é descrito pelas teorias orientadas de forma psicanalítica (e.g., Blos, 1979; Chodorow, 1978).

Fuhrman e Holmbeck (1995) referem que os meios em que as famílias não dão muito apoio, o afastamento emocional dos pais foi provado ser adaptativo e parecia ter uma função protectora. Outros autores (Shulman *et al.*, 1994) examinaram a qualidade da amizade dos adolescentes que tinham uma vinculação segura ou insegura com as pessoas que tinham cuidado delas na infância. Os adolescentes, apesar de terem ambos os tipos de vinculação, estabeleceram relações de intimidade na amizade, embora diferentes no que concerne à qualidade. No futuro, a investigação relativa a caminhos compensadores para níveis mais elevados de intimidade com o amigo do mesmo género íntimo pode precisar de ir

mais além, medições de auto-avaliação e observações mais de perto nos aspectos diferentes da intimidade. As relações com as mães tenderam a ter uma associação mais forte com intimidade com o(a) melhor amigo(a). A diferença entre correlações materna/paterna com a intimidade não teve significado.

Assim, a relação com o pai pode ser relevante também para a intimidade com o(a) melhor amigo(a) do mesmo sexo mas, pelo menos neste estudo, a relação pai/adolescente não mostrou um poder explicador maior do que o da relação com a mãe. Encontrou-se um efeito de género principal. As filhas registaram relações mais chegadas e calorosas com ambos os pais e melhor amiga do que os rapazes. Os adolescentes registaram melhores relações com as mães do que com os pais. As raparigas são descritas como melhores do que os rapazes na formação e manutenção da proximidade e intimidade na relação (Gilligan, 1990).

As presentes conclusões realçam a possibilidade de que a qualidade das relações com pais nem sempre se transfere para a qualidade das relações com os pares. Realçam a possibilidade da não concordância entre algumas das relações mais chegadas dos adolescentes. Este estudo realçou a importância de examinar grupos de adolescentes específicos com perfis diferentes de relações com pais e pares. Isto é importante porque podem ocorrer diversos processos de desenvolvimento para os adolescentes que diferem nos seus perfis de relações com os pais.

As relações harmoniosas estão associadas a vários indícios de ajustamento psicossocial, mas estes elos diferem consoante a relação específica e o âmbito do ajustamento (Furman e Robbins, 1985). Examinando os indicadores de harmonia nas relações com as mães e com os melhores amigos (Gavin e Furman, 1998), os que tinham relações harmoniosas dos dois tipos tinham mais necessidades semelhantes em relação aos parceiros amorosos e percepcionavam esses parceiros como sendo os melhores para se sentirem mais felizes e satisfeitos com a vida, do que os que estavam em relações não harmoniosas.

Afecto positivo, bem-estar e poder de negociação eram maiores nos grupos de pares que estabeleciam relações harmoniosas. Mães e filhas harmoniosas tinham mais interesses similares do que as não harmoniosas, mas amigos harmoniosos e não harmoniosos não diferiam, talvez porque ambos os grupos tinham interesses relativamente similares. Estes estudos juntos forneceram informações acerca das diferentes relações nas redes sociais e diferenças individuais e de desenvolvimento nessas relações de intimidade.

4.5. Intimidade com os pares

A intimidade com os pares na adolescência constitui o objectivo primordial das primeiras verdadeiras relações interpessoais e dão um grande contributo para um sentido inicial de bem-estar. As medições das relações de pares estão associadas a medições de ajustamento (Parker e Asher, 1987). Vários estudos mostraram que indícios de ajustamento podem ser previstos por medições das relações de pares, podendo dizer-se que os adolescentes que não estabelecem boas relações de intimidade com os seus pares tendem a mostrar mais problemas de comportamento e emocionais durante a idade adulta. Coloca-se a questão de saber de que modo as relações de intimidade entre pares afectam o sentimento de satisfação com a vida, a felicidade e a solidão nos adolescentes.

No que se refere às dimensões básicas das relações de pares, vários autores distinguiram entre as experiências gerais dentro do grupo de pares e as experiências a nível da relação de intimidade a dois, com pares de amizade do mesmo sexo e com o par amoroso (Bukowski e Hoza, 1989). As experiências a nível de grupo encaixam-se na popularidade e podem recair na dimensão da aceitação e rejeição. As experiências ao nível da relação a dois recaem no domínio da intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo.

Os esforços para realçar o estudo dos pares, amigos íntimos e namorados, ao experimentarem dificuldades das relações de pares conduzem tipicamente a um sucesso moderado pelo menos a curto prazo (Schneider *et al.*, 1994). A contribuição de alguns estudos que exploram os antecedentes familiares do comportamento dos adolescentes nas amizades e nos namoros, resultou no conhecimento acerca das normas das relações entre adolescentes. Também contribuiu para a literatura acerca da psicologia da intimidade dos jovens adolescentes.

Esta questão especial conclui com estudos de autores (Sharabany, 1994 e 2000) acerca do elo entre as teorias das relações de intimidade na amizade dos adolescentes e medições aplicadas, especificamente relatórios de pares e medições de auto-relatórios.

Ao longo do desenvolvimento do adolescente, por vezes ocorrem experiências de afastamento do contacto social e de isolamento que poderão emergir sensações de vazio ou de mal-estar consigo e com os outros, sentimentos de incapacidade ou de inferioridade. O adolescente nesta situação reforça a incapacidade para se aproximar dos outros, para

tomar iniciativa ou para responder aos apelos dos outros, para estabelecer laços de intimidade nas relações de amizade (Bukowski *et al.*, 1993).

A intimidade para com os pares é uma tarefa central na adolescência, sendo as consequências para o desenvolvimento da intimidade nas crianças e nos adolescentes investigados por Sharabany, nos seus estudos feitos em kibbutz e em cidades. Ao contrário do que foi descoberto nas amostras de adolescentes, não se encontraram diferenças significativas entre os que foram educados no kibbutz e na cidade, no que respeita à intimidade com o mesmo sexo e a solidão (Sharabany e Wiseman, 1993).

A importância das relações de pares no desenvolvimento social do indivíduo, justifica o estudo das relações de amizade íntima com amigos do mesmo sexo. Sharabany *et al.*, (1981) distinguem várias dimensões de amizade íntima na adolescência e refere que os amigos íntimos são aqueles que se nomeiam mutuamente como tal, caracterizando-se estas relações pela lealdade e confiança mútua, sinceridade, espontaneidade e confidencialidade.

Sullivan (1953) descreve o desenvolvimento dos estádios no conceito de amigo camarada; aquele que é o grande amigo e atribui elevado significado a estas relações de amizade íntima. Com o amigo íntimo o adolescente tem um especial e específico interesse novo, o começo de uma relação muito parecida com uma forte definição psiquiátrica do amor.

Para Sullivan (1953) a caracterização das relações de um amigo é de uma forte sensibilidade para as coisas que têm relevância para o outro. O amigo é aquele que está interessado em contribuir e ser a base da felicidade e da realização pessoal do outro, prescindindo muitas vezes da sua vontade em prol do bem-estar do amigo.

Antes da adolescência, as amizades limitam-se à partilha de actividades, são amigos os que brincam e jogam as mesmas coisas, ou seja, ainda não se tem a consciência clara a respeito da natureza recíproca da amizade; trata-se de uma ajuda e apoio unidireccional (um amigo é alguém que faz coisas que nos agradam) e como um processo bidireccional (cada amigo deve adaptar-se às necessidades do outro e prestar a ajuda necessária), enquanto que na adolescência são amigos os que se compreendem, que compartilham pensamentos e sentimentos comuns.

Durante os anos escolares, observa-se uma progressão nas características das interações entre amigos e na estrutura dos grupos de pares

(Hartup, 1989; Rubin, 1984). Começa-se a fazer referência à intimidade, ao facto de se partilhar sentimentos, segredos e promessas. Paralelamente a esta concepção de amizade como um processo construído com o tempo, baseado na confiança mútua, os adolescentes começam a consciencializar a amizade como uma realidade percível, se um dos amigos renunciar a prestar ajuda ao outro, ou se ignorar as suas necessidades ou desejos.

As amizades dos adolescentes parecem envolver uma maior intimidade do que a amizade das crianças (Sprinthall e Collins, 1999, p. 369). Estes progressos tornam-se mais evidentes, especialmente quando a interacção ocorre entre amigos do mesmo sexo. Os amigos deixaram de ser considerados como entidade física, para serem considerados como sujeito psicológico, tornando-se mais conscientes de que possuem ideias e pontos de vista diferentes dos deles. Os amigos são mais sensíveis e estão mais atentos às chaves subtis da comunicação que o outro oferece, de forma que a interacção é mais sincronizada, mais cooperativa, empática e afectiva (Hartup, 1989).

Durante a adolescência, a socialização dos pares envolve uma renovação do interesse pelos pares. Os elos chegados com os melhores amigos e parceiros sexuais têm sido avaliados ao longo dos anos (Sharabany *et al.*, 1981; Sullivan, 1953) e descritos em termos de proximidade emocional e intimidade (Sullivan, 1953; Thornton, 1990). Apesar do interesse crescente pela socialização dos pares em geral e pelo desenvolvimento da intimidade com pares em particular (Buhrmester e Prager, 1995; Cantor, Acker e Cook-Flannagan, 1992; Duck e Wright, 1993; Mayseless, 1993; Shaughnessy e Shakesby, 1992), poucos estudos conduzindo a uma operacionalização da intimidade adolescente foram efectuados.

As relações de pares contribuem de forma substancial para o desenvolvimento social e cognitivo. O melhor indicador inicial de adaptação adulta é a adequação da forma como os adolescentes se dão com os seus pares (Parker e Asher, 1987). Os adolescentes que são agressivos e de quem geralmente os outros não gostam, não podem estabelecer um lugar próprio na cultura de pares, estando em risco em termos de desenvolvimento.

As concepções populares representam estas relações de pares dos adolescentes como potencialmente perigosas, mas na realidade é a falta de envolvimento num grupo de pares que é perigosa porque os jovens não conseguem desenvolver relações de intimidade com os pares, desenvolvendo apenas relações de intimidade familiares (Kroger, 1989).

Terão mais tarde problemas em desenvolver autonomia enquanto adultos e a lidar com relações com outros adultos. Os adolescentes com relações íntimas com pares são menos ansiosos e menos deprimidos (Buhrmester e Furman, 1986; Buhrmester, 1990). Existe também a ideia de que os adolescentes se submetem demasiado às influências do grupo de pares.

Em termos de vestuário é fácil detectar uma convergência de grupo (que ocorre também nos adultos); mais interessante é a conformidade psicológica, ou seja, a adesão a crenças, valores e comportamento de outros (Hill, 1993). Num estudo (Costanzo e Shaw, 1966, citado por Hill, 1993, p. 81), verificou-se que a conformidade ao grupo tem um pico entre os 11 e os 13 anos. Noutros estudos, descobriu-se que os adolescentes mais novos tinham uma concepção negativa daqueles que não pertenciam a um grupo, mas que dos mais velhos (maiores de 16 anos) tinham avaliações mais construtivas (Coleman, 1992). A conformidade às sugestões adultas diminui com a idade (Berndt e Das, 1987). A conformidade à pressão social dos pares é mais acentuada por volta dos 11 e os 12 anos, pois estes jovens têm um forte sentido de necessidade de regras. A conformidade nas sugestões anti-sociais é maior por volta dos 15 e 16 anos, até aos 19, 20 anos, o que reflecte aspectos da luta pela autonomia relativamente aos pais. A conformidade adolescente não é uma condição absoluta, mas sim uma forma de acomodação social que varia segundo o nível de desenvolvimento e a situação (Brown, 1989; Hartup, 1989). A influência dos pares pode dar-se de variadas maneiras, a níveis diferentes de intimidade com os pares (Brown, 1989).

Berndt (1987) refere que os adolescentes dizem que não sentem a pressão dos pares. Os adolescentes diferenciam-se nas áreas nas quais eles se encaixam (Brown, 1989): a aparência aparece no topo da lista, seguida pelo envolvimento social. A pressão para comportamentos negativos (fumar, beber, consumir drogas) aumenta no início da adolescência, no entanto encontra-se bem abaixo dos dois aspectos acima referidos em todas as idades.

Alguns adolescentes até rejeitam as noções populares de pressão de grupo (Berndt 1992). O que lhes interessa é ver como os seus pares fazem as coisas, como resolvem os assuntos, o que parece fazer parte de um processo da partilha de conhecimento. Os adolescentes têm muito a aprender, a dominar, a lidar com actividades novas e parece importante descobrir a partir dos outros aquilo que é possível atingir.

Há outro aspecto importante: a evidência da importância do grupo. A procura de identidade consiste numa forte identificação com um deter-

minado grupo ou subcultura (punks, góticos, etc.), que se distingue pelas suas diferenças com a sociedade adulta e com outros grupos de adolescentes. Os membros desses grupos têm critérios de avaliação internos rigorosos e têm atitudes de desdém relativamente aos outros (Allison, Leone e Spero, 1990).

Estudos salientam a importância da duração do envolvimento num determinado grupo e a importância que os membros de um grupo dão à autenticidade de um compromisso. A conformidade tem a ver, em termos gerais, com o desejo de ser aceite por um determinado grupo social (Turner, 1994). Este padrão de comportamento é por vezes realçado no início da adolescência, o que mostra a importância da comunidade de pares para o jovem adolescente. Parte dos objectivos do desenvolvimento dos adolescentes mais velhos é estabelecer autonomia relativamente às pressões de pares (Berndt e Savin-Williams, 1993; Coleman, 1992).

Os pares são considerados cada vez mais importantes com a idade, mas não ultrapassam os pais. O contacto com outros adultos é também mais valorizado (Furman, 1993; Buhrmester e Furman, 1987). Os pais continuam a ser relações íntimas importantes e a ser o ponto de referência para aconselhamento nas decisões mais importantes. Os próprios pais sofrem uma mudança de papéis à medida que os adolescentes mudam (Youniss e Smollar, 1985). Tornam-se mais amigos do que figuras de autoridade. Os jovens adolescentes interagem com muitas outras pessoas: irmãos, outros familiares, vizinhos, professores, monitores, etc. e relacionam-se de forma diferente com muitas outras pessoas através dos meios de comunicação social, algumas das quais podem ter um significado importante.

5. INTIMIDADE E VINCULAÇÃO

Para avaliar a intimidade e vinculação, Furman e Wehner (1994) descobriram ligações relativamente elevadas entre estas percepções dos diferentes sistemas de comportamento de intimidade na amizade e no amor. Estudos sugerem que os estilos dos jovens adultos deveriam também ser conceptualizados como estilos de relacionamento em vez de estilos de vinculação. Muitas vezes, quem estuda as relações de intimidade e vinculação de crianças, adolescentes e adultos foca-se nas relações íntimas entre amigos e/ou namorado(a). A intimidade e a vinculação nos adolescentes apresentam uma perspectiva de uma rede mais alargada e pode enriquecer o entendimento da vinculação nas diferentes relações de intimidade (Furman e Wehner, 1994).

Outro aspecto importante da adolescência são as transformações de desenvolvimento nas relações íntimas, como a mudança no nível e frequência de uma característica. O efeito de rede em todas as mudanças e níveis de vinculação é a classificação relativa das relações de intimidade que mudam com a idade. Os pais são considerados a maior fonte de apoio. No início da adolescência são os amigos do mesmo sexo. Com o passar dos anos são os amigos do sexo oposto e os parceiros românticos (Karney e Bradbury, 1995).

O papel de cada relação de intimidade e vinculação no mundo social dos adolescentes muda com o desenvolvimento. Deve-se ter em consideração a natureza da mudança na relação de intimidade e as mudanças concorrentes noutras relações de intimidade. Quando um adolescente fala em dedicar-se mais ao parceiro romântico, as mudanças reflectem um aumento de intimidade e vinculação na relação romântica e diminuição da dependência em relação aos pais. As mudanças de desenvolvimento inserem-se no contexto da rede social. Isto também se aplica aos adultos: estes interagem menos frequentemente com os amigos quando desenvolvem uma relação romântica e esta se torna mais séria. A paternidade leva a mudanças na relação romântica (Karney e Bradbury, 1995) e pode afectar o relacionamento com os próprios pais. As transformações nas relações entre pais e filhos durante a adolescência afectam também os pais e o seu impacto pode depender de aspectos da rede social dos pais (Guerney, 1977).

Os defensores do desenvolvimento examinam as mudanças a nível da característica das relações e a continuidade ou estabilidade das mesmas. Tem-se dado menos atenção a mudanças na estabilidade dessas características. A quantidade de mudanças pode diferir através do tempo. Os adolescentes que estão satisfeitos com a sua rede antes da universidade desenvolveram também redes satisfatórias na universidade, no entanto, a natureza da rede emergente pode também ter um papel importante, visto que a satisfação é ainda mais estável no contexto do ano escolar.

Três estudos examinaram as diferenças entre os estilos de vinculação no enquadramento dos sistemas de vinculação e de afiliação nas amizades entre adolescentes do mesmo sexo. No primeiro estudo, os adolescentes completaram as escalas dos estilos de vinculação e fizeram relatórios acerca das recompensas envolvidas nas amizades com o mesmo sexo, assim como acerca dos aspectos da vinculação desta relação (Mikulincer e Nachshon, 1991). No segundo e terceiro estudos, os adolescentes completaram escalas de estilos de vinculação, visualizaram

uma interacção com o seu melhor amigo do mesmo sexo em contextos de vinculação ou de afiliação e fizeram relatórios acerca dos seus motivos em ter tais interacções. Os resultados indicaram que os adolescentes seguros davam muita importância, tanto aos objectivos de vinculação, como de intimidade na amizade, os adolescentes ansiosos-ambivalentes davam demasiada importância aos objectivos de vinculação e os adolescentes retraídos davam pouca importância a ambos os tipos de objectivos. Enquanto que os adolescentes seguros são receptivos a contextos de vinculação e de afiliação, os adolescentes inseguros respondem menos a estes contextos e os seus modelos habituais internos guiam as suas respostas (Karney e Bradbury, 1995).

A investigação sobre o desenvolvimento social na relação dentro dos sistemas de vinculação e de afiliação nas amizades entre o mesmo sexo na adolescência e o papel do estilo de vinculação, sugere um aumento na intimidade relacionado com a idade e importância das amizades com o sexo oposto, durante o fim da adolescência e início da idade adulta (Blyth e Foster-Clark, 1987; Buhrmester e Furman, 1987; Reisman e Shorr, 1990; Sharabany *et al.*, 1981). Esta transição normativa tem sido atribuída ao interesse nascente dos jovens mais velhos pelas relações românticas e sexuais. Um jovem heterossexual procura amizades com o sexo oposto mais numerosas e mais íntimas porque os pares de sexo oposto são potenciais parceiros românticos.

A investigação corrente adopta a perspectiva teórica da vinculação acerca das amizades adolescentes e dos jovens adultos. A vinculação foi conceptualizada como um sistema de comportamento desenvolvido e designado para maximizar as hipóteses de sobrevivência de uma criança (Bowlby, 1969). Em momentos de angústia e solidão, a criança procura o contacto da sua figura de vinculação. Este contacto sossega-a e permite a continuação da exploração do meio externo. As vinculações são caracterizadas pela presença de quatro formas de comportamento: procurar e manter proximidade física com a figura de vinculação (procura de proximidade), virar-se para a figura de vinculação para conforto e segurança (comportamento de porto seguro), experimentar angústia como resultado de longas separações da figura de vinculação (angústia da separação) e usar a figura de vinculação como uma base de confiança e de apoio a partir da qual se explora o mundo (comportamento de base segura) (Ainsworth e Bowlby, 1991).

A teoria da vinculação afirma que as pessoas desenvolvem preferências por certos indivíduos através de contacto repetido em tempos de angústia e solidão. Na infância, a pessoa que toma conta da criança é

tipicamente o indivíduo preferido; na adolescência e mais tarde na idade adulta, o parceiro romântico assume esse papel (Shaver *et al.*, 1987; Shaver e Hazan, 1988). O elo selectivo social formado com essa pessoa é um elo vinculativo e a sua função principal é o fornecimento de um sentimento de segurança (Seiffge-Krenke *et al.*, 2001). Os humanos desenvolvem vinculações primárias e terciárias e pode-se considerar que estas estão classificadas hierarquicamente. As relações que estão no topo da hierarquia são aquelas que mais frequentemente se consideram poder aliviar a angústia e a solidão e podem ser descritas como envolvendo um grau mais elevado de vinculação. A pessoa no topo na hierarquia é a figura de vinculação primária do indivíduo. Os pais ocupam tipicamente este lugar nas crianças e adolescentes mais jovens. A maioria dos indivíduos neste grupo etário considera os pais como fonte principal de apoio (Furman e Wehner, 1994).

O par mais alto na hierarquia (amigo do mesmo sexo e/ou parceiro romântico) das relações de vinculação pode ser considerado como sua figura de vinculação. Este indivíduo é preferido em relação a todos os outros pares (mas não necessariamente aos pais) como fonte de bem-estar e satisfação com a vida em tempos de angústia e solidão. Os jovens heterossexuais tornam-se progressivamente mais interessados e íntimos com pares do sexo oposto, à medida que amadurecem. Assim, estes jovens adolescentes têm a opção de procurar conforto e alívio tanto nos amigos íntimos do mesmo sexo como nos do sexo oposto, mas que se espera gravitar cada vez mais para os amigos do sexo oposto. Podem chegar a classificar os amigos do sexo oposto numa posição mais alta nas suas hierarquias de vinculação do que os amigos do mesmo sexo.

O grau de vinculação de intimidade nas relações de amizade pode ser mais influenciado pela capacidade percebida desse amigo em dar segurança e aliviar a angústia e solidão que caracteriza os elos de vinculação.

As descobertas sugerem que o interesse emergente pelas relações românticas nos adolescentes não exerce uma pressão sistemática no seu interesse e vinculação relativamente a amigos do mesmo sexo em oposição aos amigos do sexo oposto (Diamond *et al.*, 1999).

Miller, Notaro e Zimmerman (2002) examinaram o papel da estabilidade e mudança nos modelos internos das amizades íntimas entre várias áreas de funcionamento, em adolescentes afro-americanos urbanos com baixa auto-estima. Foram comparados três grupos de jovens definidos pela sua orientação de vinculação, baseados em duas classificações,

com um ano de diferença: estável/seguro (seguro em ambos os anos); estável/inseguro (inseguro em ambos os anos), mudança de orientação.

Miller, Notaro e Zimmerman (2002) avaliaram o bem-estar psicológico, a participação em comportamentos problemáticos, influências negativas de pares, atitudes na escola e comportamento sexual, avançando a hipótese de que os adolescentes que relatam modelos internos de amizade estáveis mostram níveis mais elevados de funcionamento nas várias áreas, seguidos dos adolescentes que relataram instabilidade nas suas amizades e os adolescentes que relataram orientações inseguras estáveis. Os modelos internos de amizade foram avaliados com uma versão modificada da Classificação das Vinculações Adultas de Hazan e Shaver (1988). Em todas as áreas, os adolescentes com orientações seguras estáveis funcionavam melhor do que os adolescentes com modelos internos de amizade inseguros estáveis (menos comportamentos problemáticos e mais atitudes positivas perante a escola). O grupo de mudança ou se parecia com o grupo estável/inseguro ou caía entre os dois grupos estáveis. As análises de comparação dos resultados baseadas na mudança de orientação da vinculação (i.e. mudança para seguro contra mudança para inseguro) mostraram efeitos principais para comportamentos problemáticos e efeitos da interação da mudança de orientação para o comportamento sexual. Estes resultados sugerem que as orientações de vinculação nos adolescentes com baixa auto-estima mudam com o tempo e estão associadas a resultados pouco significativos. Miller *et al.* (2002) estenderam a teoria da vinculação às relações de intimidade com os amigos do mesmo sexo dos adolescentes.

Prager (1995) defende que os modelos de experiência, os tipos de amor, os estilos de vinculação e o comportamento de base segura não devem ser negligenciados na investigação acerca da intimidade e vinculação na adolescência, pois nem todos os comportamentos das relações a dois são relevantes para as relações de intimidade na amizade e no amor.

6. DIFERENÇAS DE GÉNERO E CULTURA NA INTIMIDADE

Vários autores estudaram as diferenças de género na vinculação relacional e colectiva a pertencas de grupos culturais e étnicos e no círculo de amigos. Encontraram diferenças de género nas necessidades de pertença ao explorar os grupos de vinculação nas relações de intimidade na amizade e no amor de rapazes e de raparigas. Trabalhos anteriores mostraram que as necessidades sociais das raparigas tendem a ser exprimidas em termos de elos relacionais, enquanto que as dos rapazes

têm um componente colectivo muito forte (Rice e Dolgin, 2002). Os resultados mostraram que o ponto até ao qual a rapariga está ligada de forma relacional (i.e. sente-se próxima dos outros membros do seu grupo) era suficiente para explicar a importância que o grupo tinha para ela. Contrariamente, a classificação feita pelos rapazes acerca da importância do grupo dependia da extensão das vinculações relacionais de intimidade com o amigo do mesmo sexo e colectivas (i.e. ligadas à identidade de grupo). Deste modo, o jovem adolescente é confrontado com a dimensão sócio-cultural, adaptando-se, integrando-se e vivendo a sua experiência temporal de acordo com os ritmos próprios da sua cultura.

O estatuto dos pares como potenciais parceiros românticos não depende do potencial real (ou desejo) de romance com um par. Significa simplesmente ser um par, membro de uma cultura geral de indivíduos com quem o romance é geralmente desejado. As interações com todos os membros deste grupo tornam-se infusas numa sexualidade oculta durante a adolescência e início da idade adulta, mesmo quando os jovens não desejam nem esperam relações românticas com esses pares (Sullivan, 1953). Esta corrente oculta torna as amizades com estes pares especialmente estimulantes e compensadoras, motivando os jovens a aumentar a procura dessas amizades no final da adolescência.

As amizades são um fenómeno inerentemente recíproco. Nem a composição das redes sociais dos jovens, nem a qualidade das suas amizades chegadas são manifestações directas das suas intenções. Um jovem adolescente pode querer uma amizade profunda com uma amiga em particular, mas esta pode preferir manter as suas interações relativamente superficiais. A selecção de um melhor amigo por uma jovem adolescente pode depender de quem ela considera um amigo desejável como também pode depender de quem é considerado desejável.

Os jovens podem percepcionar as raparigas como melhores amigas, como sendo alvos mais apropriados para a procura de segurança e aliviar a angústia e a solidão do que os melhores amigos do sexo masculino (Buhrmester, 1990). Outros estudos, afirmam que as raparigas são mais prestáveis e compreensíveis relativamente aos amigos desesperados e solitários do que os rapazes (Giordano *et al.*, 1998) e tendem mais a exprimir afecto verbal e físico (Monsour, 1992). É talvez por isso que tanto os rapazes como as raparigas procuram as amigas quando precisam de apoio e companhia para partilhar a angústia e solidão (Parks e Floyd, 1996).

Rapazes e raparigas adolescentes foram socializados para procurar e dar apoio e segurança de maneiras diferentes: as raparigas através de

revelações íntimas enquanto que os rapazes preferem as actividades físicas (Wood, 1994). Tais diferenças de estilo não deveriam afectar as avaliações da vinculação, porque o grau de vinculação indexa a preferência de uma pessoa pelo contacto com um certo tipo de indivíduos, independentemente do modo como o alívio da angústia e da solidão é produzido, e se os adolescentes de culturas e géneros diferentes o fariam de forma diferente.

Segundo um estudo (Diamond *et al.*, 1999), os jovens adolescentes heterossexuais não estavam sistematicamente orientados para os amigos do sexo oposto, apesar de os adolescentes desenvolverem atracções sexuais, o que pode tornar as interacções com alguns pares mais estimulantes e compensadores do que interacções com outros pares. Isto não parece influenciar de modo unilateral o número e a qualidade das amizades com o sexo oposto em oposição com o mesmo sexo.

A orientação sexual e o género de um adolescente e o género do amigo da relação interagem de modos diversos para influenciar a rede de amizades e o nível de intimidade na relação de amizade. Estes padrões devem ser interpretados no contexto das normas culturais que estruturam as oportunidades femininas e masculinas com os pares do mesmo sexo e do sexo oposto (Diamond *et al.*, 1999).

A intimidade nas relações de amizade nas raparigas é diferente das relações de intimidade na amizade dos rapazes (Sharabany, 2000). Lees (1993) refere que as relações de amizade feminina sofrem um decréscimo da intimidade quando arranjam um namorado, passando a dar prioridade às relações com os rapazes. As raparigas deixam muitas vezes as suas amigas quando começam a namorar. A vida social centra-se à volta dos rapazes e suas actividades. Reconhecer a intimidade nas relações de amizade entre mulheres era dar-lhes autonomia, uma existência à parte dos homens e dos interesses masculinos (Tiger, 1969).

Um estudo (McRobbie, 1991) revelou que as raparigas só estavam presentes de forma marginal nos grupos de rapazes e esta presença era apenas a reprodução da sua subordinação cultural. Na adolescência as raparigas ficam mais em casa do que os rapazes e passam mais tempo com duas ou três amigas a ouvir música ou falar acerca dos rapazes e pessoas famosas, a chamada «cultura de quarto», descrita como isolada, a fim de excluir outras raparigas indesejáveis como também rapazes, adultos, professores e investigadores.

Em culturas orientais, as raparigas não se encontram em grupos muito grandes e participam numa grande variedade de actividades colectivas

sociais, culturais e práticas religiosas. Os aspectos mais importantes da sua vida são a sua relação de intimidade com a melhor amiga e a sua capacidade em atrair e competir pelos rapazes (Lees, 1993). Se tal acontece, não é uma resistência mas uma mera conformidade ao papel feminino esperado que se espera ser centrado na família. É claro que as raparigas também saem e têm actividades sociais, mas em termos diferentes dos rapazes. A sua participação na vida social pode ser vista primariamente como um produto da subordinação de género.

Num estudo longitudinal clássico de adolescentes americanos (Henry, 1963), descobriu-se que as raparigas se encontram em pequenos grupos de amigas. Outro estudo (Johnson e Aries, 1983) afirma a importância da comunicação nas relações de intimidade na amizade com a amiga. Lange (1988) refere que as raparigas falam entre si acerca das suas relações afectivas e íntimas. Os rapazes entre rapazes preferem falar acerca das suas actividades e planos. Quando ambos falam juntos, as raparigas tendem a adoptar os estilos masculinos.

Na cultura popular é suposto as amizades femininas cessarem quando a rapariga arranja um namorado, enquanto que os rapazes têm amizades mais duradouras. As raparigas são mais vezes integradas no círculo de amigos do namorado. A primeira diferença encontrada na comparação de estudos (McRobbie, 1991) é que muitas raparigas têm amizades muito intensas, também participam em grupos mais alargados e conhecem muitos adolescentes. Algumas delas consideram que as amizades menos intensas e exclusivas são melhores, pois serem monopolizadas por uma amizade exclusiva é muitas vezes mencionado como um problema. São as amizades menos intensas e exclusivas que são as mais apreciadas mas as menos satisfatórias (Lange, 1988).

Sharabany e Wiseman (1993) referem que uma das facetas da intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo é a capacidade do amigo se sentir livre para explicar que faz algo diferente ou que passa tempo com outro(s) amigo(s) e ser bem aceite por isso, existindo, portanto, compromisso e lealdade na relação de amizade. A existência de redes de amizades femininas é apoiada pela análise de questionários e não pela exclusividade das suas amizades. A maioria dessas redes são bastante grandes e compreendem três ou mais raparigas que se conhecem e se encontram regularmente. Os grupos de pares têm um papel importante para as raparigas adolescentes, mais do que para os rapazes (Sharabany *et al.*, 1981). Outros estudos indicam que as raparigas também participam em grupos com rapazes e são uma parte integrante nos grupos (Wilson, 1978 e Smith, 1978, cit. Lees, 1993, p. 73).

Mas nem todas as raparigas dão prioridade às relações com os rapazes. Algumas acham a amizade com outra rapariga mais importante do que ter um namorado. Algumas raparigas podem competir pelos rapazes, mas não é o principal aspecto das suas relações de intimidade. Uma das razões pelas quais as raparigas são vistas como secretas e fechadas em grupos exclusivos é que os investigadores têm encontrado dificuldades em entrevistar as raparigas, especificamente de pertenças culturais não ocidentais (Campbell, 1984). Situação similar foi encontrada neste estudo na aplicação de questionários a adolescentes do sexo feminino de origem étnico-cultural indiana, como veremos mais adiante.

Os grupos de raparigas adolescentes podem ser menores mas há uma variação e fluxo consideráveis dentro e entre grupos de raparigas. As suas amizades diferem na qualidade da intimidade. Para além de se sentirem satisfeitas com a vida, de se divertirem e de não sentirem solidão, quase todas as raparigas descrevem a sua melhor amiga como muito íntima (Prager, 1995). A comunicação é ponto central nas relações de amizade íntima entre raparigas, sobretudo acerca das suas experiências e da maneira como se sentem habitualmente.

As relações amorosas e a felicidade são temas constantes. As raparigas dizem que falar entre si, ajuda:

- a organizar a sua mente e a sentirem-se mais satisfeitas consigo próprias;
- a lidar com a relação com o namorado;
- a desabafar acerca da sua intimidade;
- a desenvolver esperanças no futuro a dois;
- a criar defesas contra a solidão e desgostos de amor (Lees, 1993).

A qualidade universalmente considerada mais importante na amizade é a confiança e lealdade. Ouvir de forma não crítica a amiga é um aspecto crucial da relação de intimidade. As amigas femininas são caracterizadas pela lealdade e apoio. Os rapazes revelam mais facilmente o que pensam sem ocultar nada e agem de modo natural, sem artifícios e rodeios são caracterizados como sendo mais abertos e pragmáticos.

Na análise das conversações dos rapazes e das raparigas (Tannen, 1992) os adolescentes usam a linguagem de forma muito diferente: as adolescentes para se aproximarem e ligarem afectivamente com outras

peçoas, com o objectivo de reforçar a intimidade. Os rapazes adolescentes utilizam as relações para preservarem a sua independência e para negociarem o seu estatuto. Isto torna difícil a comunicação entre rapazes e raparigas, entre mulheres e homens.

Na adolescência, as raparigas deparam-se com o problema de como ganhar alguma liberdade numa sociedade onde o «preocupar-se» e a «dependência» são vistos como atributos femininos (Lees, 1993). O próprio conceito de adolescência é uma construção masculina que não se enquadra com a feminidade do modo como é construída na presente sociedade. As raparigas não podem comportar-se como adolescentes típicos – de mau humor, despreocupação, rebelião e egoísmo – sem infringirem a feminidade.

Os estudos afirmam que as adolescentes que estão em conformidade com os estereótipos culturais da passividade feminina são definidas como psicologicamente não saudáveis. As raparigas que rejeitam tais estereótipos são também consideradas desviantes ou masculinas (Michael, Sato, Hashimoto e Verma, 1995). A educação envolve uma contradição básica para as mulheres. Ter sucesso a nível académico é um atributo considerado masculino e é suposto comportar-se de modo não sexual. É o mesmo para as raparigas que iniciam uma actividade numa área tradicionalmente masculina (Lees, 1993); a sua posição no mundo masculino ainda é precária em muitas culturas.

Os rapazes que desenvolvem qualidades femininas de se preocupar com os outros são também criticados pois não são bem aceites na sociedade. Um rapaz pode estar confiante dentro do seu corpo, por isso entra na esfera pública sozinho e confiante. Mesmo inseguro, um rapaz sente-se superior em relação às raparigas (Berry, Kim, Power, Young e Bujaki, 1989). Este comportamento é legitimado pelos discursos da adolescência que permite ao adolescente espaço para experimentação, o que não acontece às raparigas. As vantagens de ser rapaz são uma maior autonomia, não existência de responsabilidade e um padrão duplo de moralidade.

Existem diferenças de intimidade entre culturas sendo as relações íntimas, no Ocidente, de interdependência e calor emocional. Na Índia, os casamentos baseiam-se em critérios específicos como idade, religião, educação, rendimentos e compatibilidade astrológica. A qualidade da comunicação verbal, não verbal e intimidade sexual entre parceiros não têm influência na determinação da qualidade matrimonial (Berry *et al.*, 1989).

Perlman e Fehr (1987) referem que os pares amorosos indianos registam mais satisfação marital do que os casais «apaixonados» e «românticos», pois a satisfação marital na Índia está mais ligada ao respeito da tradição e compromisso para com a herança cultural, em vez de sentimentos de proximidade e intimidade entre parceiros casados.

Nas famílias africanas notou-se uma transição liberal nas atitudes e práticas (Ganong, Coleman, Thompson e Goodwin-Watkins, 1996). Há um equilíbrio entre valores culturais e as forças de modernização. Os casais têm liberdade de escolha após a família ter identificado os parceiros potenciais. Vem então a fase do namoro num contexto seguro. Há visitas frequentes, ligações entre as famílias e envolvimento e investimento monetário das famílias nos preparativos de casamento (Ganong *et al.*, 1996). O casamento baseia-se no amor entre os esposos mas leva em consideração os desejos familiares. Isto deve-se às condições económicas de cada país africano, em que as famílias satisfazem muitas necessidades tipicamente executadas pelas agências de serviço social na sociedade ocidental industrializada.

A similitude entre amigos pode reduzir o conflito e aumentar a probabilidade de os amigos estarem de acordo acerca de questões importantes (Berscheid e Walster, 1974), especialmente em termos de atitudes em relação às diferenças de género e valores culturais (Duck, 1991; Ladd, Kochenderfer e Coleman, 1997).

7. INTIMIDADE E PRÁTICA RELIGIOSA

Na sequência da análise da intimidade impõem-se algumas considerações acerca da importância da religião na intimidade. Assim, nesta secção pretende-se abordar os aspectos associados à intimidade do adolescente frente à religião e à prática religiosa.

7.1. Intimidade espiritual

A intimidade espiritual pode ser muito controversa, devido à diversidade dos tipos de religião, crenças e pontos de vista sobre Deus. Segundo Dimitroff (1998) a orientação cristã, como base de valores, representa o modo mais sistemático e o melhor para compreender, desenvolver e resolver os problemas de intimidade espiritual com cristãos.

As relações íntimas baseiam-se numa associação, contacto ou familiaridade muito próximos, que incluem a amizade e o amor, proximidade,

transparência, vulnerabilidade, força e compromisso (Mayhue, 1990). Segundo o ponto de vista religioso a união de duas pessoas pode dar-se sem haver necessariamente uma união com Deus, como por exemplo a sensualidade, os estados de bem-estar e de felicidade, assim como a solidão e a insatisfação com a vida (Chambers, 1962, citado de Dimitroff, 1998, p. 424). Isto revela o conflito existente entre a religião e outras perspectivas da ciência. No Cristianismo, Deus está separado do homem pelo pecado, no entanto Deus deseja uma relação íntima com as pessoas. Para ser íntimo espiritualmente segundo os valores cristãos é necessário que o par amoroso desenvolva uma relação com Deus, a fim de os parceiros românticos terem uma relação espiritual, devem antes de mais ter uma relação íntima com Deus. Nesta perspectiva quanto maior for a relação com Deus, mais próximos serão os parceiros românticos entre eles (Parrott e Parrott, 1995), realçando assim a intimidade do par. Ser espiritualmente íntimo, significa comportar-se e pensar como um cristão. É algo interactivo, envolvendo acções e sentimentos. A partilha do eu espiritual, de forma recíproca e tendo em mente Jesus dá sentido à relação (Dimitroff, 1998). O ponto de vista cristão acerca da intimidade espiritual nas relações íntimas caracteriza-se por associações, por relações de amizade, por interacções e familiaridades muito próximos. Dentro da relação de amor deve haver evidências de afectividade, segurança e transparência. Para além disto os parceiros devem estar dispostos a tornarem-se vulneráveis em relação ao outro (Mayhue, 1990). No pensamento cristão a relação entre o homem e a mulher é ordenada pelas Escrituras. Alguns cristãos no passado, e também no presente, formaram comunidades cristãs a fim de que a intimidade seja uma experiência daquilo que significa ser amado e aceite, assim como amar e aceitar os outros (Terra, 2003). A compreensão do homem, da mulher e de Deus é necessária para compreender o ponto de vista Cristão. É útil compreender as diferenças entre homens e mulheres relativamente às necessidades, personalidades e responsabilidades. Para Dimitroff (1998) a união íntima espiritual tem de ocorrer entre um homem e uma mulher, pois são ambos espirituais e físicos. Para haver intimidade espiritual, os parceiros amorosos devem aprender acerca de Deus e compreender que Deus pretende o casamento. Uma vez alcançada, a relação triangular torna-se activa e interactiva e cresce com o passar do tempo.

Para haver uma relação amorosa em que a vertente espiritual é forte, deve existir o perdão e a graça. Na relação em que a atitude face ao amor é fundamentalmente espiritual, os parceiros devem partilhar o seu eu com o outro, descobrindo a reciprocidade dos ideais sentidos na relação de intimidade amorosa (amor ágape).

Para criar conexão e intimidade dentro da relação amorosa, numa perspectiva da prática religiosa, deve haver certos princípios. Devem submeter-se a Deus e um ao outro, conhecer as Escrituras, tirar lições da sua relação com Deus, que os criou para uma relação íntima específica, e obter a mente de Cristo neste processo e o que Deus pretende com a sua relação (casamento): o casamento é um modelo de uma relação entre Deus e os seres que ele criou. Se o homem não trazer segurança à mulher ou se a mulher não trazer afecto, e falta de intimidade espiritual, haverá discórdia entre os dois (Olson, 2002).

Schaefer e Olson, (1985) estudaram a intimidade espiritual e a satisfação marital e concluíram que a percepção das mulheres na intimidade emocional com os maridos era interactiva quando os maridos tinham a percepção de que a sua relação era espiritual. As diferenças nestas percepções parecem relacionadas com a distância emocional, enquanto que as semelhanças estavam relacionadas a uma maior proximidade. O estudo revela que fazer com que a relação seja mais religiosa ou o facto de rezarem juntos, pode não ter um impacto imediato ou directo na satisfação marital. Graus crescentes de intimidade espiritual podem estar associados à intimidade emocional. O aumento de intimidade emocional pode ser utilizado para medir a intimidade espiritual. Se os pares se centrarem no método, em vez da aplicação do perdão, graça e desejo de relação com Deus, a religiosidade pode ter então efeitos não desejados. Se o método for o objectivo pode-se por em perigo a relação de intimidade.

7.2. Prática religiosa

Foi encontrado um efeito de interacção no atributo de ter a prática religiosa e diferenças de género nomeadamente, mais nas portuguesas do que nos portugueses e mais nos rapazes africanos do que nas raparigas africanas. Dá-se portanto importância ao facto de possuírem crença e prática religiosa. Na Índia e na África culturalmente, bem como em Portugal é a mulher que cria os filhos, a crença das mães vai influenciar a dos filhos. Na Índia a virgindade na futura mulher é importante, embora haja ainda um padrão duplo. A castidade é um requisito para as noivas e a honestidade para os noivos (Rice e Dolgin, 2002).

A ideia de submissão um ao outro significa que ambos os indivíduos devem ter um espírito submisso. Devem submeter-se ao outro e servir o outro. Submissão significa a cedência voluntária dos seus direitos ao outro em amor (Anderson e Guerrero, 1998). Uma pessoa não pode ser

Íntima espiritualmente se não houver uma identificação absoluta do conceito de ser altruísta em oposição ao ser egoísta, atitude que bloqueia qualquer relação íntima. Para uma relação ser saudável é portanto importante ter uma atitude ágape (altruísta). O amor mania (egoísmo), do ponto de vista cristão, é perigoso (Dimitroff 1998).

No sistema de valores cristão, as questões de intimidade espiritual podem ser muito importantes para a compreensão das causas das disfunções. Face ao pluralismo crescente e ao relativismo cultural das nossas sociedades, a Igreja pode continuar a chamar a atenção para a necessidade de um equilíbrio entre a liberdade e o zelo da intimidade. As relações de intimidade na amizade e no amor da pessoa entre os pares é um princípio fundamental no processo da felicidade e da satisfação com a vida no consenso social (Terra, 2003).

Scutte e Hosch (1996) estudaram o optimismo com a prática religiosa e o neurocitismo. Através de um estudo intercultural concluíram que em algumas culturas a religiosidade ajuda o indivíduo a apresentar comportamentos optimistas. Schutter e Hosch (1996) referem que a prática religiosa é um caminho para um maior optimismo e felicidade. Segundo Eckstein (2001) citado por Barros (2003, p. 48) a fé religiosa é a base para o desenvolvimento do optimismo. Uma fonte de satisfação com a vida pode ser a religião, como observa Frankl (1999), pois fornece certezas sobre a vida e sobre a morte.

A natureza humana propícia a base da intimidade e do amor, mas depois depende muito da idiossincrasia de cada adolescente, dependendo também grandemente da relação de intimidade entre pais e filhos e da pertença cultural que contribui para maior ou menor satisfação com a vida ou mesmo a solidão.

Estudos realizados mostram que existe um efeito fraco, mas definitivo, entre religião e felicidade, devido ao facto de a religião influenciar a felicidade e não o contrário, como também não há razões para as pessoas felizes virarem-se para a religião, dando-se mais o contrário (Argyle, 2001). Num estudo (Witter Stock, Okun e Haring, 1985) descobriu-se que o efeito da religião sobre a felicidade era mais elevado para a actividade religiosa do que outras medições de religião. O efeito da religião sobre a saúde é mais elevado, como os seus efeitos na alegria. Outros estudos (Veenhoven, 1994, citado por Argyle, 2001, p. 164) mostram que o efeito da religião sobre o bem-estar é mais forte nos americanos do que nos europeus e mais forte nas pessoas mais idosas, negros, mulheres e protestantes.

A prática religiosa afecta a felicidade mais para aqueles que estão socialmente isolados. A Igreja é muito coesa e traz apoio, o que sugere que a religião traz benefícios através do apoio social. Quando este apoio social é constante, a proximidade com Deus, ter uma imagem de Deus como amigo e ter crenças firmes estavam associados à felicidade (Pollner, 1989). Ir à missa e as devoções privadas afecta o bem-estar através dos seus efeitos nas crenças (Ellison, Gay e Glass, 1989). A variável «bem-estar religioso» diz respeito a ter uma relação satisfatória com Deus e «bem-estar existencial» referem a satisfação com a vida e ter um sentido na vida (Ellison *et al.* 1989). Descobriu-se também que o bem-estar espiritual estava fortemente correlacionado com a religiosidade intrínseca, ou seja, compromisso sério com a religião como um fim em si. As medições de sentido na vida estão correlacionadas com a felicidade. A religião é uma das suas fontes.

A religião pode afectar o bem-estar através das crenças. Ter crenças fortes (Argyle, 2001) (certeza existencial) está correlacionado com a satisfação com a vida, independentemente da frequência da Igreja e das devoções privadas. Estes dois têm os seus efeitos sobre o bem-estar através do seu impacto sobre as crenças (Ellison *et al.* 1989). A certeza da crença traz vantagens, produzindo bem-estar existencial. As crenças religiosas encontram-se para além das proposições verbais. As partes escondidas são o compromisso emocional e um estilo de vida associado às crenças (Argyle, 2001). É neste aspecto que o bem-estar está mais associado à prática religiosa. As crenças são a fonte mais importante de felicidade, tendo a frequência da Igreja e relação com Deus a sua influência através do seu efeito sobre as crenças (Ellison *et al.* 1989). As crenças têm o seu efeito através das percepções de controlo, de realçar o próprio e o optimismo que se provaram serem bons para o bem-estar (Schutter e Hosch, 1996). As crenças podem dar sentido aos acontecimentos, ao mostrar que não se dão por acaso e que o crescimento pessoal é possível após acontecimentos negativos (Argyle, 2001).

Para Michael *et al.* (1995) há um factor social muito forte na prática religiosa podendo levar a emoções positivas muito fortes, que se podem reflectir em medições gerais de felicidade. Há alegria e outros elementos do bem-estar em cada factor. A maioria das pessoas que vão à Igreja, fazem-no uma vez por semana. A frequência das emoções positivas é uma fonte mais importante de felicidade do que a intensidade (Diener *et al.*, 1985). A oração produz felicidade e bem-estar existencial. A conversão religiosa produz sentimentos positivos. Os convertidos têm um sentido mais forte de sentido da via. Consideram-se a si próprios como membros de um novo grupo (Frankl, 1999).

Estudos convincentes revelaram que a prática religiosa nos comportamentos de adolescentes produz efeitos positivos sobre o bem-estar subjectivo, sobretudo existencial, mas também sobre a felicidade geral, saúde mental e física. Um dos principais processos é através de um forte apoio social. A certeza existencial é outro processo. A relação com Deus, através da oração e experiências religiosas, funciona como relação de apoio social (Argyle, 2001).

Na sociedade actual, e especificamente em Portugal os valores religiosos são recusados ou deformados pelos jovens adolescentes (Patrício, 2002). É uma sociedade massificadora, e este é já um problema muito sério, porque a ética é o materialismo e o individualismo. A sociedade actual de consumo explora a juventude através dos *mass media*. A ética dominante é a ética do prazer, do ter e do fácil.

Na perspectiva de concordâncias de comportamento, estas não são tão fortes como as atitudes sociais e religiosas. Estas são as áreas gerais em que os adolescentes são mais similares com os seus amigos: atitudes relacionadas com a escola, aspirações e realização (Epstein, 1983) e atitudes e comportamentos significativos na cultura adolescente contemporânea, como fumar, beber, consumo de drogas, namoro e frequência de igrejas.

Fishbein e Ajzen (1974) citados por Neto (1998, p. 393) efectuaram um estudo relacionando atitudes religiosas com os comportamentos. Os resultados mostraram que as escalas se correlacionavam tomando como critérios actos múltiplos, enquanto que a predição tomando como critério um acto singular, tendia a ser baixa ou não significativa. Concluindo-se que as atitudes religiosas predizem comportamentos religiosos, sendo que as atitudes predizem melhor em comportamentos agrupados do que em comportamentos isolados.

No que concerne à influência da prática religiosa, para Durkheim, (1977, citado por Xiberras, 1993) a noção de densidade moral designa a coesão que existe à volta dos valores sagrados, que liga os indivíduos ao todo social e, logo, à consciência colectiva, assim como os liga entre si, formando a solidariedade. Segundo o mesmo autor a anomia designa, no plano das representações, a desagregação dos valores e a ausência de referências; no plano das relações humanas, a desagregação do tecido de relações sociais; e enfim, a anomia designa também a insatisfação ou a falta de adesão aos valores colectivos e religiosos. Os adolescentes procuram, às vezes, esquivar-se de algum modo a uma excessiva aproximação à Igreja. Além do distanciamento tradicional em família de todas

as doutrinas de fé da religião tradicional impede a muitos adolescentes o acesso interior religioso por insegurança (Hualde, 1989).

Para Tanner (1973) o serviço humano e a amizade pelo outro é uma parte essencial da prática religiosa. Os adolescentes sem um sentido na vida estão em risco de solidão porque não tem este tipo de relação e porque sem os valores religiosos tendem menos a fornecer experiências para a auto-estima e segurança. Castillo (2003) refere que é através da prática religiosa que pais e professores estabelecem as orientações educativas mais apropriadas para formar a autêntica amizade ao longo de cada etapa de desenvolvimento dos filhos ou alunos, desde a infância até a idade juvenil. Estuda as situações excepcionais, como os conflitos de gerações que podem surgir por causa das amizades dos jovens, as gangues juvenis e os adolescentes isolados, bem como as medidas que se devem tomar para preveni-las. E, sobretudo, oferece um critério objetivo numa série de temas difíceis de deslindar: como distinguir a verdadeira amizade dos seus sucedâneos? como escolher bem os amigos? como ser um bom amigo? que balizas éticas seguir na vida de intimidade consigo próprio e com os outros?

Para Lees (1993) com a religião em declive nos grupos de adolescentes, estes ficam mais sujeitos à solidão. Parece que a Igreja, quanto mais estiver fortemente integrada, mais protege os indivíduos da solidão e do suicídio. Há laços muito próximos entre os membros, devido à partilha de crenças e de rituais como experiência partilhada. Há um forte componente pró-social. Há um estado idealizado de amor, harmonia, igualdade e união social entre as pessoas que participam no ritual. Assim, a Igreja católica, parece mais integradora (Xiberras, 1993).

Frequentar a Igreja está mais correlacionado com a satisfação com a vida, a felicidade e o bem-estar existencial, do que outras variáveis acerca da religião como o rezar e as crenças (Poloma e Pendleton, 1991, citado por Argyle, 2001, p. 166). É um forte indicador de saúde. O efeito é mais forte para os mais velhos. Os benefícios de um maior envolvimento com a Igreja são mais fortes para os solteiros, reformados, velhos ou pessoas com má saúde. Os benefícios da Igreja devem-se ao apoio social. As comunidades de Igreja são muito íntimas (Argyle, 2001).

Registos de proximidade com Deus estão correlacionados com a felicidade e satisfação (Pollner, 1989). A intensidade da devoção é o indicador religioso mais forte de satisfação com a vida. As experiências de oração eram boas indicadores de bem-estar, sobretudo de bem-estar existencial (Ellison *et al.* 1989). As relações com Deus através da oração, das

devoções privadas e experiências religiosas, podem ser sentidas como relações com outros seres humanos e trazer benefícios similares (Baum e Epstein, 2000). A frequência da oração pessoal é um indicador forte de bem-estar. Num estudo realizado com estudantes britânicos (Maltby, Lewis e Day, 1999) a religiosidade era o melhor indicador de baixos níveis de depressão e ansiedade e de elevada auto-estima.

Maltby *et al.* (1999) referem que apesar de os grupos de pares não serem muito coesivos ou salientes na idade adulta, estes existem pela necessidade de relações de intimidade, como as famílias e os grupos organizados, assim como a igreja e os grupos de trabalho, contribuindo para o afastamento da solidão e promovendo o bem-estar.

Num estudo intercultural recente, com portugueses e angolanos (Neto e Barros, 2003) as amostras angolanas revelaram níveis mais elevados de solidão do que as amostras portuguesas. Os Angolanos podem sentir níveis maiores de solidão por várias razões, sendo a mais evidente a da guerra civil. Mesmo as pessoas com ocupações não envolvidas directamente com a guerra (como os estudantes universitários e freiras) lutam também contra a solidão. Esta hipótese pode ser apoiada nos estudantes com diferentes níveis de compromisso religioso. Os autores concluíram que o compromisso religioso não previne a solidão.

8. INTIMIDADE E SATISFAÇÃO COM A VIDA

A viabilidade dos níveis de satisfação com a vida dos adolescentes está positivamente correlacionada com o mecanismo específico para a coerência de comportamento de intimidade nas relações entre pais e filhos e para a satisfação nas relações românticas (Cummings, 1998). Estes autores sugerem também que as relações de intimidade na amizade com o amigo do mesmo sexo na infância de uma pessoa influenciam na organização das expectativas relativamente ao comportamento nas relações de intimidade adultas.

8.1. Influência nas relações de intimidade

O passado de uma pessoa parece influenciar a organização das expectativas relativamente ao comportamento nas relações de amizade adultas. Estudos interculturais apresentam testes bem sucedidos da viabilidade dos modelos dos adolescentes como mecanismo específico para a intimidade no comportamento de base segura das relações entre pais e

filhos, amigos do mesmo sexo e para as relações românticas com o sexo oposto.

Vivemos num mundo onde a depressão e a infelicidade é patologia corrente (Barros, 2003). Ninguém duvida da importância da intimidade para a felicidade da pessoa e muito especialmente para os jovens adolescentes, para a saúde física e psíquica e também para o seu sucesso pessoal e para a satisfação com a vida.

Hendrick *et al.*, (1998) estudaram este raciocínio, investigaram a componente da tomada da perspectiva da intimidade. A realidade fenomenal de uma pessoa fornece prognósticos úteis na satisfação com a vida da outra pessoa. Uma componente central do comportamento relacional de intimidade e comunicação é a empatia (Davis e Oathout, 1987), que é a habilidade em ter a perspectiva do outro e comunicar a sua intimidade e compreensão ao outro. A intimidade tem uma correlação positiva com o comportamento de empatia e boa comunicação, gestão de conflitos e consideração social (Davis, 1994).

A auto-revelação, as tácticas de conflito e a competência relacional são constructos que representam o comportamento de intimidade, comunicação, conflito e consideração. Porque a intimidade e o afecto são tão importantes para a satisfação com a vida (e.g. Anderson e Guerrero, 1998) e estão ligadas aos constructos da comunicação como a orientação para a motivação (Hendrick e Hendrick, 1987 a).

A orientação para a motivação está ligada à regulação emocional e estratégias de manutenção da auto-estima. Os indivíduos motivados para o crescimento da intimidade adoptam poucas atribuições que sublinham o «eu» após o sucesso, poucas atribuições defensivas após fracasso e poucas estratégias de lidar com todos os outros participantes (Knee, 1998). Inclina-se mais para percepção verídica e autêntica, cognição e comportamento do que para contrapartidas motivadas pelo «ego». Quando se é motivado para o crescimento da intimidade, uma pessoa pode ver as opiniões diferentes do amigo íntimo ou do parceiro romântico como interessantes, em vez de ameaçadoras e como uma oportunidade de aumentar a intimidade e compreensão do que o reflexo de diferenças fundamentais.

A investigação da Psicologia Social e das Ciências Sociais tem-se dedicado à exploração e previsão da satisfação na relação de intimidade (Sternberg e Hojjat, 1997). Existe uma abordagem «fenomenológica» para compreender a satisfação e felicidade na relação: parte-se do

princípio que numa relação íntima não é só o comportamento público do parceiro em si que influencia a satisfação, mas também que a percepção do comportamento do parceiro pode afectar directamente a satisfação na relação de uma pessoa (Davis e Oathout, 1987; Murray, Holmes e Griffin, 1996). Estudos indicam que a satisfação na relação de um indivíduo é influenciada pela percepção das atitudes em relação ao amor do parceiro (Hendrick, Hendrick e Adler, 1988), empatia percebida (Davis e Oathout, 1987), auto-revelação percebida (Millar e Millar, 1988) e competência relacional percebida (Canary e Spitzberg, 1989).

Os processos de intimidade nas relações, incluindo as atitudes em relação ao amor, estão implicados na comunicação e no grau de intimidade na relação. A empatia e a capacidade de responder a um outro, é pelo menos em parte, boa comunicação (Davis e Oathout, 1987). Auto-revelação é um aspecto do comportamento da comunicação, e a competência relacional pode ser avaliada em termos de comunicação efectiva. Assim, as capacidades de comunicação deveriam estar ligadas à satisfação na relação ao afectar as percepções do parceiro e ao moldar subtilmente as interacções correntes. A eficácia da comunicação envolve duas componentes: até que ponto é eficaz quem responde e até que ponto é perceptível o modo como é eficaz de quem responde. O processo de comunicação envolve auto-percepções da capacidade de comunicar assim como percepções das capacidades de comunicação do parceiro. Ambas podem afectar o nível de intimidade, a satisfação com a relação e a felicidade na vida.

A auto-percepção reflecte a construção pessoal do mundo à volta de cada indivíduo, incluindo a do parceiro. As auto-percepções influenciam as percepções do parceiro, mais do que as próprias percepções do parceiro influenciam as suas próprias auto-percepções. Visto que as construções da comunicação encontram-se no limiar das interacções correntes.

Pensa-se que a influência direccional das auto-percepções de uma pessoa nas percepções que essa pessoa tem do seu parceiro influencia o estabelecimento da intimidade. Outros constructos podem ter também impacto na satisfação com a vida, nomeadamente as atitudes em relação ao amor estão relacionadas com a satisfação (Hendrick *et al.*, 1988). Estas são também características dinâmicas da pessoa, criadas por um misto de estrutura da personalidade, experiência anterior na intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo e interacções na relação actual com o parceiro romântico (Sharabany, 1994).

Outro factor importante é a auto-estima, como se viu noutro estudo (Diener, 1984), uma alta auto-estima é um dos factores mais fortes de bem-estar. Muitos estudos demonstram uma relação entre auto-estima e bem-estar (e.g., Kosma e Stones, 1978; Reid e Ziegler, 1980, citados por Neto, 2001, p. 65).

O comportamento íntimo é benéfico para a auto-estima do adolescente por causa das experiências afectivas e cognitivas que o acompanham (Prager, 1995). Noutro estudo (Campbell *et al.*, 1976, citados por Neto, 2001, p. 65), demonstrou-se que a auto-estima tem uma alta correlação com a satisfação com a vida, mais do que qualquer outra variável.

Outro factor relacionado com a satisfação com a vida e o bem-estar são as relações de intimidade na vizinhança. Parece que quanto maior for a homogeneidade da composição étnica da vizinhança, maior é a satisfação dos adolescentes (Neto, 2001).

Quanto melhor os estudiosos compreenderem o modo como os comportamentos íntimos geram experiências íntimas, mais aprenderemos acerca do modo como as interacções íntimas produzem efeitos benéficos. Deveríamos estudar o impacto das interacções íntimas nas relações. Distinguem-se as relações íntimas de outras relações pessoais pela frequência da intimidade relacional, esta alimenta outras características que dão às relações íntimas um cariz especial. Estas características por sua vez, devem resultar em relações íntimas mais satisfatórias, estáveis e harmoniosas (Prager, 1995).

8.2. Relações íntimas e bem-estar

Considerando que as relações íntimas são tão importantes para o bem-estar das pessoas, deveríamos identificar os factores que realçam o seu funcionamento. Esta abordagem é bem documentada (e.g., Duck, 1994a, no significado da comunicação; Derlega e al., 1993, na auto-revelação, Gottman, 1994, no gestão do conflito, Rusbult e al., 1982, 1986, no compromisso; Holmes, 1991, na confiança; Hatfield e Sprecher, 1986, no amor, citados por Prager, 1995, p. 218).

A descrição feita por jovens acerca das suas relações com os seus melhores amigos, em termos de auto-revelação, troca de informação íntima e bem-estar, aumentou entre os 16 e 19 anos tanto para rapazes como raparigas (Sharabany *et al.*, 1981). As manifestações de intimidade mostrando mudanças maiores com a idade foram a franqueza e

espontaneidade, conhecimento e sensibilidade, vinculação, exclusividade e dádiva e partilha. Os adolescentes esperam também que os seus amigos satisfaçam as suas necessidades de intimidade e bem-estar, mais do que qualquer outra pessoa (Furman e Buhrmester, 1985). Rapazes e raparigas reconhecem que são as raparigas que são mais íntimas (Bukowski, Sippola e Hoza, 1999) e que mostram aumento de intimidade do início ao fim da adolescência (Sharabany *et al.*, 1981, 2000), registam mais frequentemente ocorrências de auto-revelação e passam mais tempo com os amigos do que os rapazes. Alguns autores sugeriram que essas diferenças podem ser mais uma questão de estilo do que de substância (Buhrmester e Furman, 1987), outros afirmam que estas diferenças podem reflectir uma maior variabilidade de comportamento íntimo entre os rapazes do que entre as raparigas.

Para identificar os processos pelos quais as relações íntimas realçam o bem-estar dos parceiros, Prager (1995) refere que as relações íntimas proporcionam a felicidade dos parceiros pela satisfação de necessidades importantes. A compatibilidade das necessidades dos parceiros e a negociação hábil podem ambas contribuir para a satisfação das necessidades de intimidade. Podem também prever se alguns padrões de necessidades ajudam ou não a satisfação de outras. Deveríamos examinar as circunstâncias nas quais as relações íntimas podem ir ao encontro das necessidades das pessoas.

As relações íntimas têm uma função importante na saúde, bem-estar e felicidade das pessoas, fornecendo um cenário para aprendermos como aproveitar a vida e adaptarmo-nos ao stress. Os cientistas sociais têm mostrado interesse pelas relações íntimas o que promete uma maior compreensão pela promoção do bem-estar humano.

As relações bastante íntimas podem ser sentidas como insatisfatórias para o parceiro que deseja um nível mais elevado de intimidade, enquanto que um nível mais baixo de intimidade pode ser satisfatório para outra pessoas com expectativas mais baixas (Eshel, 1993).

Um estudo (Acker e Davis, 1992) avaliou a satisfação com a vida e o bem-estar ao determinar a diferença entre auto-descrição do eu real e do eu ideal do indivíduo. O eu ideal tende ser mais elevado. O ponto até o qual o eu real é mais baixo indica o grau de satisfação com a vida. Sharabany (2000) defende que a intimidade desejada é geralmente mais elevada do que a intimidade obtida.

Pode-se estudar a satisfação com a relação íntima ao examinar a discrepância entre os níveis reais e desejados de intimidade com o parceiro,

quanto maior a discrepância, menor é a satisfação. Mede-se a satisfação para se poder avaliar o significado pessoal dos diferentes níveis de intimidade que se espera encontrar.

Outros constructos podem ser encontrados como predictores do bem-estar, como a pertença cultural (grupo minoritário ou maioritário), posição social e auto-estima (Gottman e Mettetal, 1987).

Quando a intimidade é definida como um conceito de níveis múltiplos, incluindo facetas como a confiança, partilhar e dar, exclusividade ou ser sensível e conhecer o outro, é mais provável detectar os aspectos satisfatórios das relações amorosas de solteiros e maritais. Num estudo (Sharabany, 1996), assumiu-se que no grupo dos casados havia maior satisfação com as relações íntimas entre os sexos, do que os jovens adultos ou adolescentes, sendo que o grupo dos casados e o dos pais tinham mais satisfação com a intimidade com os cônjuges do que os outros dois grupos. Outro determinante da satisfação considerado no estudo foi o género do indivíduo.

As relações íntimas podem beneficiar das interacções íntimas ou intimidade relacional. Esta deve exercer um impacto positivo e directo sobre o funcionamento da relação por causa do seu valor recompensador (Reis e Franks, 1994). A intimidade relacional tem um valor recompensador porque as pessoas sentem-se aceites e estimadas.

Quanto mais frequentes forem estas interacções recompensadoras mais sentirão a relação como recompensadora. Os parceiros desenvolvem expectativas positivas um em relação ao outro como resultado dessas interacções recompensadoras. Estas expectativas podem ser a fonte de efeitos positivos acerca da relação mesmo quando os parceiros não estão envolvidos activamente na interacção. A intimidade relacional deve afectar o funcionamento da relação de modo indirecto pelas associações positivas com outros factores de reforço da relação como o afecto, a confiança e a coesão.

A extensão do funcionamento da relação depende dos contextos nos quais estão envolvidos. Nem as interacções íntimas nem as relações íntimas (Duck, 1991) podem ser entendidas isoladamente dos seus contextos. Os factores contextuais podem modificar o impacto da intimidade relacional nas relações íntimas.

A felicidade depende mais do que cada indivíduo tem na sua intimidade do que nos seus bens materiais. Para Barros (2002) a felicidade e a

infelicidade estão e processam-se dentro de nós. Está na capacidade de cada um em relação ao optimismo. Confúcio refere que o homem será feliz se souber encontrar o céu dentro de si. Para La Rochefoucauld quem não consegue encontrar a felicidade em si mesmo, é inútil procurá-la em outra parte. Segundo Aristóteles (384-322 a. C.) a felicidade não se encontra nos bens exteriores e para Marco Aurélio a felicidade do homem depende de si mesmo. Paul Valéry (1871-1945) referiu que homem feliz é aquele que, ao despertar, se reencontra com prazer e se reconhece como aquele que gosta de ser, ou «a felicidade é, antes do mais, sentir-me», como nos refere um adolescente entrevistado neste estudo.

Se observamos a sociedade contemporânea vemos que apesar de todos os esforços materiais, o homem encontra-se cada vez mais solitário e insatisfeito com a vida porque apesar de todo o progresso material o indivíduo sente inimizade e infelicidade, a nível individual e colectivo ou nacional.

Pode afirmar-se que a procura do bem-estar constitui um objectivo da existência humana. Certamente o bem-estar psicológico dominará as preocupações dos investigadores no século XXI (Barros, 2002). O bem-estar é uma característica mais ou menos estável da personalidade, um estilo cognitivo sobre como o sujeito se relaciona consigo próprio (no seu raciocínio moral), com os outros e com as situações da vida quotidiana (na família, na escola ou emprego, na política, no desporto e noutras manifestações sócio-culturais). Contrasta com a solidão e a insatisfação com a vida. As experiências íntimas são uma fonte importante de bem-estar individual.

No que se refere à satisfação com a vida, aparentemente a satisfação na relação é determinada de forma complexa. As percepções do parceiro são importantes. As influências acontecem dentro de um contexto de intimidade na relação. Muitos constructos estão relacionados ou determinam a satisfação com a vida. Hendrick *et al.* (1998) dão o enfoque nos constructos de intimidade na relação a dois como a tomada de perspectiva: empatia, auto-revelação, conflito, competência relacional e amor.

A empatia é a capacidade de resposta de uma pessoa a uma experiência corrente de outra pessoa (Davis e Oathout, 1987). Uma componente chave da empatia é a tomada de perspectiva, definida como a capacidade de compreender uma outra pessoa e colocar-se no seu lugar. O com-

portamento de tomada de perspectiva geral está associado à satisfação com a vida e bem-estar. A tomada de perspectiva de intimidade numa relação de amizade ou amorosa a dois refere uma tomada de perspectiva numa relação íntima, específica e está correlacionada com a tomada de perspectiva geral. Enquanto a tomada de perspectiva geral é mais disposicional e operacional numa grande variedade de relações, a tomada de perspectiva numa relação a dois é uma construção definida mais relacional: a sua presença ou ausência pode estar implantada e atribuída ao contexto da relação.

Os indivíduos têm expectativas básicas acerca da relação de intimidade no que diz respeito ao grau em que os parceiros devem compreender o seu ponto de vista. Uma falha na satisfação dessas expectativas básicas resulta numa diminuição da satisfação na relação de intimidade (Long e Andrew, 1990). Se os parceiros são sensíveis ao ponto de vista dos outros em geral, mas não conseguem esta consideração especial para o seu próprio parceiro de amizade íntima ou parceiro amoroso, estes parceiros registam mais solidão, satisfação reduzida e mais pensamento em acabar com a relação de intimidade (Long e Andrew, 1990). É crítico para a satisfação com a vida e para a estabilidade da relação de intimidade. Um dos meios de mostrar tal empatia é através de uma relação de intimidade baseada na comunicação relacional através da auto-revelação (Davis, 1994; Davis e Oathout, 1987).

A auto-revelação, é qualquer revelação voluntária de informação que revela algo acerca de nós que é considerada pessoal (Antill e Cotton, 1987) e contribui para a satisfação nas relações de intimidade. Existem duas hipóteses relativas à influência da revelação auto-registada e aquela percebida pelo parceiro. O modelo da reciprocidade diz que o nível de satisfação depende do nível de revelação oferecido pelo parceiro. O modelo do efeito directo diz que o nível de satisfação depende do próprio nível de auto-revelação e do parceiro num grau menor.

Outro aspecto chave da intimidade nas relações de amizade e de amor é o modo como se lida com o conflito, pois alguns conflitos são inevitáveis nas relações de amizade e nas relações românticas íntimas (Christensen e Walczynski, 1997). Existem três tipos de tácticas de conflito ou estratégias de comunicação (Canary e Emmers-Sommer, 1997) utilizadas durante as situações de conflito: «integrativa» que integra (tácticas que envolvem a partilha de informação, colaboração e negociação), «evitamento» que evita e previne (tácticas que implicam mudança de tópicos, recusa de conflito e enfoque semântico) e distributiva (tácticas destrutivas como crítica, mostrar fúria e sarcasmo).

Estudos mostram que durante situações de conflito os pares e casais não ansiosos têm afirmações «integrativas», orientadas para as questões, sendo ou verbais e não verbais positivas ou neutras, assim como uma natureza cognitiva e virada para a solução de problemas (Canary e Spitzberg, 1989). As capacidades de comunicação compostas de revelações afectivas e capacidade de resolver problemas são indicadores fortes de intimidade e satisfação porque os comportamentos «integrativos» contribuem para interacções mais compensadoras, com mais probabilidade de solução de conflitos e com maiores níveis de intimidade e bem-estar, de satisfação com a vida e felicidade (Canary e Emmers-Sommer, 1997).

Os padrões de interacção nos pares de amizade e nos casais amorosos insatisfeitos indicam que os pares ansiosos não têm capacidade de resposta apropriada. Tendem a ser críticos, exigentes, ciumentos, solitários e orientados para eles próprios, com uma natureza defensiva e menos orientada para a solução de problemas. As táticas que evitam o conflito estão correlacionadas com a probabilidade da solução do conflito e diminuem a satisfação com a vida (Canary e Spitzberg, 1989).

A competência relacional é a característica geral envolvida no desenvolvimento e manutenção das relações satisfatórias (Hansson, Jones e Carpenter, 1984). É também a capacidade de comunicar de modo eficaz e apropriado com o parceiro (Spitzberg e Hecht, 1984). A competência relacional é um atributo percebido de um indivíduo com efeitos directos e significativos sobre a satisfação com a vida e o bem-estar (Hansson *et al.*, 1984; Spitzberg e Canary, 1985).

A competência relacional envolve três factores: a competência «uma impressão interpessoal da qualidade de um desempenho de comunicação em particular», o ser apropriado «resultado da comunicação que evita uma clara violação das regras relacionais ou expectativas» e a eficácia «ponto até ao qual os objectivos dos actores são atingidos» (Canary e Cupach, 1988, p. 310).

Em situações em que tanto o indivíduo como o parceiro usam as táticas de conflito «integrativas» (Canary e Spitzberg, 1989), a percepção dessa utilização contribui para uma avaliação positiva das competências relacionais gerais do parceiro (Canary e Cupach, 1988), e para sentimentos de maior confiança, intimidade, controlo mútuo, satisfação e bem-estar para o parceiro. A percepção das táticas de conflito distributivas leva a uma avaliação negativa do episódio de conflito (Spitzberg e Canary, 1989).

Canary e Cupach, (1988) referem que os casais de namorados que permaneciam juntos e os que se separavam mostravam mais amor paixão, auto-revelação, auto-estima, compromisso, investimento e satisfação e menos jogos de amor. As pessoas que dão valor às relações íntimas têm mais tendência para adoptarem estratégias de conflito que realçam a relação, enquanto que os que dão menos valor às relações íntimas abordavam o conflito de modo mais egoísta.

Este capítulo centrou-se no processo de conceptualização e análise do constructo teórico da intimidade, para tal apresentaram-se os cinco níveis de intimidade (Prager, 1998), as relações íntimas na adolescência. Analisaram-se as relações de intimidade com os pais e com o(a) amigo(a) do mesmo sexo. Paralelamente à análise das diferenças de intimidade, género e cultura focalizou-se a relevância da intimidade no bem-estar do adolescente. No capítulo seguinte iremos proceder à apresentação do constructo teórico da amizade, sua análise, relações nos grupos de pares e influência das variáveis psicossociais.

CAPÍTULO II – AMIZADE

«O sorriso aberto e o olhar vivo davam-lhe um ar adolescente. Alguma vez soubeste que eu me reprimia contigo? Um certo medo de te desagradar e de te perder, como quando infantilmente te levei a minha fotografia na ideia adolescente de tu saberes quanto te amava.»

Ferreira V., *Cartas a Sandra*, p. 112

A amizade ocupa um papel central na formação da personalidade. É por meio dela que a pessoa, ainda na adolescência – a «idade da amizade» – aprende a conhecer-se a si mesma, a ganhar confiança nas suas capacidades, a satisfazer inúmeras necessidades afectivas, a viver a lealdade, a sinceridade e a generosidade, etc. No entanto, muitos pais e professores não sabem relacionar a vida de amizade dos filhos ou alunos com esse aprimoramento da personalidade a que desejam conduzi-los. Este capítulo, aborda o conceito de Amizade, sendo inicializado por uma resenha histórica focalizada numa perspectiva através dos tempos, especificando-se depois a amizade entre os pares do mesmo sexo e as suas relações. O capítulo está estruturado em sete secções: 1) amizade através dos tempos, 2) conceito de amizade, 3) avaliação da amizade, 4) intimidade na amizade, 5) amizade na adolescência, 6) amizade e saúde, 7) amizade e satisfação com a vida.

1. AMIZADE ATRAVÉS DOS TEMPOS

De acordo com o pensamento clássico, desde que a humanidade existe, tem havido amizade na terra. Foram principalmente os filósofos que reflectiram sobre esta realidade humana. Na Grécia clássica, a amizade (*philía*) era uma realidade humana muito apreciada e meditada por filósofos e escritores: Xenofonte, Platão, Aristóteles, Teofrasto, Zenão, Epicuro, Cleantes, Plutarco entre outros. O auxílio mútuo constitui para eles uma das dimensões constitutivas da intimidade na relação de amizade.

Sócrates (470-399 a.C.) refere que preferiria um amigo a todos os tesouros de Dario. Platão (428-348 a.C.), distingue o amor (*eros*) da amizade (*philía*), percebe que existe uma ligação íntima entre ambas, mas que nem sempre coincidem, sendo o amado, por natureza, amigo do amante. A amizade pode ser o sentimento que, quando se realiza a nível psíquico, exprime o *eros* entre dois seres humanos, ou então uma afeição unitiva entre um ser humano e outro, capaz de se converter em *eros*, quando aumenta a sua intensidade. Para Platão a amizade tem por fundamento o vínculo da familiaridade e por objectivo a perfeição da natureza humana nas individualizações dessa mesma natureza, que são os amigos.

Aristóteles (384-322 a.C.), herdeiro intelectual de Sócrates e Platão, começa por assumir as ideias deste último sobre a amizade, mas a sua *Ética de Nicómaco* já estuda a amizade como pura relação ética e psicológica entre os amigos. Distingue a amizade e o amor, sendo o amor uma amizade particularmente intensa. Para Aristóteles, a amizade é o que há de mais necessário para a vida, pois ninguém gostaria de viver sem amigos, é uma realidade bela e louvável, e a «amizade perfeita» consiste em querer e procurar o bem do amigo pelo amigo em si. Os principais pressupostos da amizade segundo este autor seriam: a bondade, a igualdade e a comunidade (*koinonia*).

Nas amizades interesseiras, ou que só buscam o prazer, procura-se aquilo que o amigo tem ou faz; a «amizade perfeita» tem por fundamento aquilo que o amigo é.

Na Grécia helenística Cícero no ano 44 a.C., na sua obra *Laelius de amicitia*, define a amizade, como uma recordação acompanhada de benevolência e afecto, em todas as coisas divinas e humanas, referindo que à excepção da sabedoria, nada melhor do que a amizade foi dado à pessoa pelos deuses imortais.

Numa abordagem ao pensamento cristão, os primeiros cristãos anunciam uma novidade radical, uma nova ideia sobre o amor. Surge o conceito de Ágape ao termo Eros, cujo significado é acolher com amizade.

No Novo Testamento, Jesus já expressa a suma importância da amizade (*philia*) na sua mensagem: «já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas chamo-vos amigos, porque vos dei a conhecer o que ouvi ao meu Pai» (Jo 15, 13). A amizade cristã é abarcada pelo amor cristão (Ágape). Nas primeiras comunidades cristãs, a par das debilidades e fraquezas características de qualquer grupo humano, existia uma fusão harmoniosa entre a intimidade na amizade e a intimidade no amor, entre a amizade de caridade e a amizade de dilecção.

Santo Agostinho refere que a fé e a amizade que os verdadeiros amigos declaram uns aos outros é o que proporciona o bem-estar ao indivíduo na sociedade humana, tão cheia de erros e solidão.

A espiritualidade medieval, beneditina e cisterciense, faz triunfar no ocidente cristão a via da comunicação cenobita, que Cassiano foi o primeiro a implantar, escrevendo um tratado sobre a amizade (de *amicitia*). Na Alta Idade Média a amizade é muito valorizada. Rievaulx no século XII, refere que a amizade vem do amor, ou acaso da própria alma. Para São Jerónimo uma amizade que pode acabar nunca foi verdadeira. Para Rievaulx, a amizade refere que sejam apenas alguns aqueles a quem confiamos os segredos do nosso coração. Para este autor quem permanece na amizade, permanece em Deus, e Deus nele, sendo a amizade humana uma preparação para a amizade divina, para a amizade com Cristo. Assim, a amizade do amigo deve verificar-se sob quatro aspectos: fidelidade, intenção, juízo e paciência. Seguindo os preceitos da lealdade, simplicidade e da comunicação (Wojtyła, 1980).

São Tomás de Aquino, sobre a amizade, refere que onde houver dois, deve existir a intimidade, que querer o bem para alguém é querer o bem para si mesmo. Define amizade como uma relação de intimidade recíproca de benevolência, fundada sobre uma comunicação social e eficazmente realizada em comunicação. É próprio dos amigos querer e não querer as mesmas coisas, e alegrar-se e sofrer com o mesmo e é coisa própria da amizade que o amigo revele os seus segredos ao amigo, pois é como se não tivesse saído do próprio coração aquilo que se revela ao amigo.

Numa visão da amizade na Idade Moderna, Kant (1724-1804), identifica a amizade como sinónimo da união de duas pessoas através da intimidade

e do respeito recíprocos. Refere que toda a pessoa tenta tornar-se digna de um amigo. Para Hegel (1770-1831), a pessoa é um acidente passageiro do espírito absoluto, e a intimidade a instância principal na gênese daquilo que ele denomina, a consciência geral de si. Com ela começaria, para a humanidade, o reino da razão. A amizade apoia-se na igualdade de caracteres, não na complacência na pessoa do outro enquanto tal. Não se deve gravitar continuamente à volta dos amigos e o mais importante é não exigir serviços aos amigos. A amizade consiste especialmente em levar a cabo uma empresa comum. Na perspectiva hegeliana, a amizade só poderia ser um contra-senso ou um delito, um sentimento nostálgico, uma simples camaradagem.

Augusto Comte (1798-1857) é o expoente máximo do positivismo, que tem como fórmula sagrada primordial a amizade por princípio. A simpatia é concebida como o sentimento primário da sociabilidade. Para solucionar o problema humano, a razão deve estar ao serviço do sentimento. Quem realmente ama a pessoa é a sociedade universal; só por ela e nela, só colocando-se ao seu serviço, a pessoa chega a ser um verdadeiro indivíduo humano. Para Comte, o império da amizade tornaria inútil o direito. A amizade não passaria, para ele, de um mero sentimento social.

Herder (1744-1803), como precursor do Romantismo, pensa que sem amizade a vida careceria de sabor, e que a capacidade de ser amigo equivale, em cada indivíduo, à medida exacta do seu sentimento de amizade pela humanidade.

Para Fr. H. Jacobi, a amizade vale tanto, que enobrece em igual medida quem o sente e a pessoa sobre a qual essa amizade recai. Novalis (1772-1801) pensa que a comunidade amistosa, na nossa essência mais íntima, é um mistério sagrado e sublime da alma humana e do mundo inteiro.

Schleiermacher (1768-1834) pensa que o amigo, tende para fazer de uma pessoa em duas. Schelling (1775-1854), apesar de ser o filósofo mais romântico, não evidencia a amizade. Para Shopenhauer (1788-1860), a amizade seria uma miragem ou uma utopia. Feuerbach (1804-1872) pensa que a amizade é uma meta e um ideal, considera a amizade sagrada, contudo, arguto descobridor do *tu*, não consegue perceber a realidade própria *nós*, «nós dois».

Karl Marx (1818-1883) acredita que o indivíduo só através do trabalho e da sociedade seria capaz de estabelecer relações inter-humanas mais

desinteressadas e mais humanamente universais do que inerentes ao núcleo familiar. A amizade, portanto, segundo o pensamento de Marx, não tem grande intimidade, no entanto, assume a dialéctica idealista de Hegel, no que diz respeito à prática da amizade como simples camaradagem, para realizar a acção revolucionária de lutar para não tornar o trabalho alienante para as pessoas.

Frederic Nietzsche (1844-1900) é apologista da amizade, nutria contudo uma certa hostilidade pelo mandamento cristão do amor ao próximo: O amigo era considerado, o que há de mais firme sobre a terra. Para este autor a amizade é uma realidade do provir, os amigos são ar puro, solidão, pão e bálsamo medicinal.

Nietzsche definiu a amizade como uma espécie de prolongamento da intimidade, no qual o desejo cúpido que uno dois seres dá lugar a um novo desejo, a uma nova ambição, a uma sede superior comum, a um ideal que ultrapassa os dois intervenientes.

Na abordagem antropológica a amizade nunca foi objecto de muita atenção. Na antropologia inglesa do período estrutural funcionalista, a amizade era considerada pouco estruturada e por isso periférica ao corpo principal de relações sociais, isto é, às relações de parentesco. Nesta época, os estudos sobre a amizade precisavam ser justificados com o argumento de que esta também era uma relação de significado instrumental (DuBois, 1974; Paine, 1974; e Wolf, 1966, citados por Rezende, 1993 p. 158). A escola de Manchester nas décadas de 50 e 60 trabalhou este tema ainda sob uma perspectiva funcionalista mas com a inovação do uso de análise de redes sociais. Estudos como os de Epstein (1958) e de Mitchell (1969) procuravam examinar o papel das relações de clientelismo e de amizade na política e na migração urbana em África. Nos trabalhos sobre a Inglaterra, a amizade figura sempre como tema secundário, seja como contraste com as relações de família (Firth *et al.* 1970) ou em etnografias de fábricas (Hart, 1986; Westwood, 1984, citados por Rezende, 1993, p. 160).

2. CONCEITO DE AMIZADE

A amizade não tem apenas uma definição e é difícil de operacionalizar, considerando que as amizades são relações a dois (Sharabany, 2000) e são relações recíprocas muito frágeis (Hartup, 1989). Sprinthall e Collins (1999, p. 365) referem que «o termo amizade significa possuir relações pessoais próximas nas quais existe uma apreciação e valorização

mútuas». Segundo Auhagen (1991), citado por Neto (2000, p. 221) define a amizade como uma relação diádica, pessoal, informal, envolvendo reciprocidade e atracção mútua, é voluntária e de longa duração. Produz efeitos positivos no outro e não envolve o desejo sexual. Hays (1988) identifica-a como uma relação que implica interdependência voluntária, envolvendo vários tipos e graus de intimidade, afecto e assistência recíproca. Wright (1984) elabora uma distinção entre dois níveis de amizade: as amizades superficiais e as amizades desenvolvidas. As primeiras são formadas e mantidas porque são recompensadoras, as segundas, além dessa característica tem como objectivo principal o bem-estar de cada um dos amigos.

As redes de amizades são evidentes já na infância e tornam-se muito significativas na adolescência. Contudo, as amizades são ubíquas na cultura adolescente (Brown, 1989). Noutras culturas o contacto com os amigos pode ser menos frequente. Segundo um estudo norte-americano o contacto entre os melhores amigos ocorre normalmente numa base diária. Poucos mantêm contacto regular com os amigos fora da escola. O comportamento com os amigos varia muito, consiste sobretudo na socialização, ou seja, falar ao telefone, estar juntos, sair juntos e divertir-se (Csikszentmihalyi e Larson, 1984).

No que se refere ao significado das amizades na adolescência a maioria das adolescentes diz ter um ou dois que considera os melhores amigos e muitos amigos chegados ou amigos íntimos. O número depende do modo como os melhores amigos, os amigos chegados e bons amigos são identificados e distinguidos (Crockett, Losoff, e Pettersen, 1984).

Os melhores amigos são aqueles assumidos pelos adolescentes como envolvendo uma atracção mútua, são numerosos no início da adolescência (quatro a cinco), mas este número diminui gradualmente (Reisman e Shorr, 1978). As amizades estáveis, recíprocas são mais raras, caracterizando apenas um terço dos estudantes do secundário (Epstein, 1983).

Num estudo (Bukowski *et al.*, 1993) sobre a popularidade na amizade e o ajustamento, dois aspectos da amizade foram estudados: amizade mútua com um par e as qualidades das relações de amizade. A popularidade é unilateral, pois refere-se à imagem do grupo, a amizade é uma construção bilateral referindo-se à relação entre duas pessoas.

Sendo a amizade uma relação dialéctica, os adolescentes quando usam a expressão «os meus amigos» referem-se a um agregado que inclui os melhores amigos, os amigos íntimos e os bons amigos de um indivíduo.

Estes agregados ou redes, são elementos estruturais importantes no mundo social do adolescente (Brown, 1989). Às vezes, a pressão normativa de um melhor amigo concorda com a pressão normativa dentro da rede social, outras vezes não. Assim o que «os meus amigos» pensam não é representativo daquilo que «o meu melhor amigo pensa».

Agregados maiores chamados grupos são também evidentes nas relações sociais adolescentes. Umás vezes são considerados como conjuntos de redes e outras como agregados de indivíduos de grupos sobrepostos que partilham certas normas (Brown, 1989) como por exemplo: os desportistas, os motares, etc. Nem o funcionamento das amizades, nem as redes sociais podem ser compreendidas sem a referência a estes grupos.

Sharabany (1994) trabalhou sobre a intimidade na relação de amizade entre as crianças, derivando o constructo teórico de algumas fontes:

A primeira, com base na definição do *Webster's Dictionary of Synonyms* (1967, p. 626, citado por Sharabany, 1994), surge composta de sete elementos:

1. «Amigo» é um conceito relativo que é contracenado com o outro na relação interpessoal de amizades (exemplo: familiaridade, confiança, intimidade);
2. Existe um elemento de escolha no seio da relação de amizade que não se baseia nas relações de laços familiares;
3. Uma relação emocional positiva é essencialmente mais chegada a uma relação de amizade. Maior é o «amor e o afecto»;
4. O contacto frequente é importante (reflecte-se em actividades de escolha comuns);
5. Interesse pela outra pessoa, pelo seu bem-estar;
6. Um amigo é alguém que é bem entendido por nós;
7. Confiança num amigo para guardar segredos.

A segunda fonte para a definição de Sharabany foram os estudos sociológicos de espaços sociais afectivos: a aproximação das pessoas, os níveis de familiaridade, a confiança e o grau de intimidade nas relações de amizade. Runner (1937, citado por Sharabany, 1994, p. 627) identificou sete zonas concêntricas de espaços sociais afectivos que são determinados pela identidade e pelos tipos convencionais de comportamento. As sete

zonas definidas são: confidente; íntimo; familiar (sem laços de sangue); conhecido; militância na participação de um grupo; participação passiva num grupo; vida social superficial. O autor baseia-se nas categorias: 1 – a frequência da relação interpessoal entre os dois, a sua profundidade e a causa do contacto; 2 – a qualidade da comunicação verbal (por exemplo: quantos mais detalhes acerca da vida pessoal são revelados ao amigo em conversação); 3 – contacto físico (um dos elementos não verbais na comunicação); 4 – direitos e privilégios que caracterizam a relação de amizade. Runner (1937, citado por Sharabany, 1994) identifica o «amigo confidente» como aquele que tem uma função que só a ele se destina: a confidência. A «intimidade» como um meio de circunstância sem escolha.

A terceira fonte que Sharabany utilizou na definição da intimidade na relação de amizade foi a literatura psicanalítica (i.e. Freud, Erikson e Sullivan). Destes teóricos aplicaram-se pensamentos acerca das causas e razões – etiologia –, o desenvolvimento e o significado da intimidade nas relações de amizade. A teoria freudiana leva-nos ao significado dos conceitos no desenvolvimento das relações maternas: mãe e filho, que podem ser observadas na construção de uma relação unida para o futuro. As relações são assumidas de base no que aprende desde cedo com a mãe, construindo as relações de amizade no futuro.

Podem-se encontrar amizades ao longo de toda a vida. Com a emergência da necessidade de relações íntimas na adolescência (Sullivan, 1953), os amigos tornam-se abertos uns para os outros, revelam segredos pessoais e trocam ideias num ambiente seguro e de aceitação. Estudos revelaram que os adolescentes dão ênfase à auto-revelação, abertura e afecto como componentes cruciais das suas amizades (Berndt, 1986; Bigelow, 1977; Furman e Berman, 1984). Partilhar sentimentos íntimos é uma marca das relações próximas e distingue-as das amizades comuns (Oden, 1998).

As relações e amizades são consideradas não como aspectos individuais mas como aspectos das relações a dois, processos sistemáticos (Hartup, 1989). Numa perspectiva de sistemas a intimidade nas relações de amizade são um conjunto de unidades ou elementos com uma relação consistente ou posição relacional de um em relação ao outro (Shulman e Kipnis, 2001). Os processos num sistema são regidos por princípios gerais. As relações numa abordagem do sistema reflectem a coordenação entre elementos em que as inclinações são negociadas com ênfase no todo.

Os amigos interagem de forma diferente dos não amigos quando desempenham uma tarefa. Os amigos são atenciosos e a interação é harmoniosa apontando para uma distribuição igual de recompensas. No entanto, as circunstâncias do mundo real nem sempre permitem uma distribuição igual de recompensa entre amigos; existem condições em que os vencedores ficam com tudo. Há registo de que nessas condições prevalecem a hostilidade e o interesse pessoal (Hartup ne Stevens, 1983). Não são apenas condições que fazem surgir a competição entre indivíduos e amigos. A necessidade de exprimir o interesse pessoal e o individualismo têm também um papel importante nas amizades. Juntamente com a necessidade crescente de se ter amigos íntimos durante a adolescência (Sullivan, 1953; Youniss e Smollar, 1985), há uma necessidade crescente para a expressão pessoal e o individualismo (Blos, 1967). Os interesses ou inclinações individuais podem levar a desacordos e conflitos, mesmo em relações que funcionam bem (Hartup *et al.*, 1996).

No entanto, os amigos resolvem os seus conflitos de um modo que não afecta a relação de maneira adversa. Os amigos são menos tensos nos conflitos, negociam-nos ou evitam-nos, mostrando posições menos firmes. São capazes de resolver as dialécticas dos interesses comuns que dão ênfase à cooperação e acordo e as necessidades individuais, que podem estar em oposição e levar à competição e desacordo. Surgem assim um número de questões que mostram dilemas que dizem respeito ao modo como os elementos ou unidades dos sistemas coordenam relações entre elas dentro do enquadramento do sistema geral. A teoria do sistema tem sido aplicada com sucesso no campo das relações familiares e a aplicação da abordagem do sistema às relações íntimas pode trazer avanços similares. O problema de equilibrar a proximidade e a individualidade nas relações próximas é central para o campo dos sistemas familiares (Wynne, 1958, 1970). Há uma necessidade básica de afecto e calor no contacto humano.

Alguns estudos acerca da cognição social têm contribuído para a nossa compreensão das relações de intimidade na amizade entre adolescentes (Berndt, 1992; Gottman e Mettetal, 1986; Selman, 1980). Foi proposto um modelo (Selman, 1980) de desenvolvimento da amizade, com duas fases de sequências na adolescência. Na fase inicial, as amizades íntimas caracterizam-se pelo apoio mútuo e compreensão; na fase posterior os amigos podem fazer um equilíbrio entre intimidade e proximidade no respeito do individualismo. Shulman *et al.*, (1994) sugeriram quatro níveis de experiência partilhada: Nível 0 – a experiência é partilhada quando uma criança imita a outra. Nível 1 – através do entusiasmo expressivo, imitam-se à vez de um modo mais consciente e partilham

as suas experiências de forma continuada. Nível 2 – A experiência partilhada baseia-se na reflexão recíproca. Nível 3 – há mais preocupação pelo parceiro e a capacidade de incorporar a experiência do outro por nós integrado. Estes níveis de raciocínio para a amizade descrevem equilíbrios diferentes dentro do sistema da amizade. É importante saber se os membros de um sistema de amizade que equilibra a proximidade e o individualismo exibem níveis mais elevados de intimidade para a amizade do que conseguido por membros de um sistema de amizade ou muito próximos ou muito distantes.

Uma abordagem de sistema sugere que numa relação íntima de amizade otimizada na adolescência os parceiros podem equilibrar a proximidade e a intimidade com o individualismo (Shulman e Seiffge-Krenke, 2001). Não é claro, no entanto, se a capacidade de conseguir este equilíbrio otimizado existe ao longo das diferentes fases da adolescência. As amizades íntimas no início e meio da adolescência são estudadas para determinar se as fases de desenvolvimento afectam o tipo de sistemas de amizades chegadas estabelecidos pelos adolescentes entre os dezasseis e os dezanove anos.

Shulman *et al.* (2001) estudaram a abordagem de sistemas às amizades íntimas na adolescência a fim de examinar se existem diferenças entre os níveis de intimidade na amizade. Examinaram também as concepções de amizade nos diversos níveis de intimidade. Descobriram dois níveis de intimidade nas relações de amizade na observação de pares de adolescentes amigos íntimos, trabalhando numa tarefa em conjunto: interdependência e afastamento. Ambos reflectem qualidades diferentes da relação a dois que transcendem o comportamento dos adolescentes. Os amigos interdependentes, cooperam na tarefa e respeitam os pontos de vista e preferências um do outro. Sabem equilibrar a sua proximidade e individualismo. Estão ligados por um elo emocional e para eles é importante colaborar. No entanto, esta proximidade não envolve uma dependência total nem afasta pensamentos e acções separadas. A intimidade é coordenada pelo individualismo (Youniss e Smollar, 1985).

3. AVALIAÇÃO DA AMIZADE

As amizades íntimas envolvem a troca de recursos intangíveis e emocionais, que podem ter sido avaliadas nos estudos sobre a equidade e a igualdade devido a escalas de medições da amizade. As medições avaliam os benefícios e/ou os prejuízos percebidos da relação ou as contribuições percebidas. As medições da amizade variam com o

nível da amizade; os indivíduos com um amigo íntimo podem registrar sentimentos positivos, benefícios e contribuições relativamente mais elevados e podem estar envolvidos em relações mais equilibradas. As raparigas satisfazem as funções de amizade mais para outras raparigas do que para um rapaz. O diferencial de boa vontade nos rapazes e raparigas para serem voluntários em estudos acerca da amizade (Feiring, 1999) levanta questões acerca das comparações homem/mulher em qualquer estudo acerca desta relação.

Um padrão geral emerge em que a definição que requer nomeações positivas mútuas é mais restrita (resultando num mínimo de amizades mencionadas) e as definições envolvendo o uso de classificações são menos restritas (resultando em maior número de amizades identificadas) (Erdley, Nangle e Newman, 2001).

Erdley, Nangle e Gold, (1998) sugeriram que a definição de amizade exigindo nomeações positivas mútuas pode identificar amizades entre duas pessoas que são qualitativamente distintas das amizades identificadas usando critérios mais brandos. Esta proposição está relacionada com a questão de se a amizade é uma construção de categorias ou uma construção contínua (Hartup, 1996; Price e Ladd, 1986). Um ponto de vista da categoria implica que há um tipo distinto de relações chamada de amizade. Ao contrário, um ponto de vista contínuo implica que há vários níveis de intimidade nas relações chamadas amizade (exemplo: melhor amigo, bons amigos, conhecidos). Parece que o grau em que os adolescentes dizem gostar uns dos outros pode reflectir o nível de amizade existente na relação a dois (Hartup, 1996).

Parece que as medições existentes da amizade, têm algum nível de validade. Numa análise de Newcomb *et al.*, (1993) revelaram uma variedade de meios em que as interações dos jovens com os amigos são diferentes das suas interações com os pares que não são amigos. As estratégias de resolução de conflitos usadas pelos amigos tendem mais a levar a resultados equitativos que ajudam a preservar as suas relações. Ao examinar as propriedades das relações que definem a amizade, Newcomb e Bagwell (1995) descobriram que a igualdade é mais característica das relações de amizade do que das relações com pares que não são amigos. As relações com amigos mostram menor competitividade e dominação do que as relações com não amigos. Os amigos tendem a ser similares no que respeita a características demográficas e de comportamento, e os jovens exprimem mais o gostar mútuo, proximidade e lealdade nas suas amizades.

Outra escala (Bukowski *et al.*, 1993), avalia cinco qualidades da amizade: companheirismo, conflito, ajuda e segurança, e proximidade.

Existe uma dupla validade entre a realização pessoal e colaboração. Para Sullivan (1953) a amizade é um potencial forte para realizar uma relação íntima de afinidade. O termo popular «o melhor amigo» é identificado pelo Webster's Dictionary e por Runner (1937), com definições similares da identificação do amigo camarada, de Sullivan. Sharabany na sua definição de «intimate friendship», relações íntimas de amizade, abraçam os enfoques anteriores.

Num estudo, a interdependência na amizade estava ligada à reciprocidade e autoridade, tendo as relações íntimas registado mais reciprocidade e autoridade do que as relações menos íntimas. Adams *et al.*, (2001) sublinham a importância de se considerar a autoridade e a reciprocidade em simultâneo nas relações de amizade voluntárias. Sendo que, a autoridade e a reciprocidade têm influências diferentes na interdependência. Um estudo revela que nos níveis mais altos de autoridade, não há praticamente qualquer mudança na interdependência em função da reciprocidade. Altos níveis de autoridade parecem ultrapassar a influência da reciprocidade. Quando há baixos níveis de autoridade, a reciprocidade tem um impacto dramático sobre a interdependência. Quando a autoridade é baixa, os altos níveis de reciprocidade tendem a produzir maiores níveis de interação social diária e diversidade de actividades semanal, ou seja, as relações com altos níveis de autoridade são mais íntimas quando a reciprocidade é baixa, mas as diferenças na proximidade em função da autoridade ou desaparecem ou são invertidas quando a reciprocidade é alta Adams *et al.*, (2001).

Parece claro que as amigas dos adolescentes podem ser distintas das outras relações com os seus pares. Os teóricos têm acentuado a importância de se ir além da questão de saber se o jovem adolescente está envolvido numa amizade específica. Os amigos são tipicamente similares ao outro em termos de comportamento e de valores e o facto de os seus amigos serem pró-sociais ou anti-sociais deve fazer diferença no ajustamento geral do adolescente. É crucial avaliar a qualidade da amizade, o nível de intimidade na relação de amizade. Num estudo de Parker e Asher, (1993) a qualidade da amizade previu apenas os seus sentimentos de solidão. Parece que o envolvimento numa amizade que falha em satisfazer as necessidades importantes da relação de intimidade contribui para a solidão.

Estudos acerca da troca de recursos nas amigas examinaram as correlações entre questionários de medições de trocas de recursos nas

relações de intimidade na amizade e da satisfação ou determinaram que estratégias de recompensa-alocação foram preferidas ou usadas. A maior parte dos estudos correlacionais acerca da teoria da equidade (Buunk e Van Yperen, 1991; Cate, Lloyd, Henton e Larson, 1982; Michaels, Edwards e Acock, 1984; Peterson, 1981; Sprecher, 1986; Winn, Crawford e Fisher, 1991) e alguns sobre a teoria da igualdade (Cate *et al.*, 1982, 1985) tiveram participantes que relataram as suas percepções do equilíbrio na relação usando medições globais (Hatfield, Utnee Traupmann, 1978; Walster, Walster e Traupmann, 1978).

Estudos que comparam as teorias da equidade e da igualdade envolveram normalmente classificações de preferências, uma medição da recompensa/alocação ou a combinação dos dois (Berman e Murphy-Berman, 1996; Chiu, 1990; Jonsson e Foa, 1985; Meeker e Elliott, 1996; Wagstaff, 1997, citados por Prager, 1998, p. 118).

4. INTIMIDADE NA AMIZADE

Segundo Sharabany (1994) os diversos temas da intimidade nas relações de amizade são observáveis desde cedo no desenvolvimento das crianças, a sexualidade é o único elemento que emerge na adolescência. Baseada noutras investigações, a definição de relações de amizade íntima foram formuladas como as configurações de elementos diversos mas coerentes e quantificáveis unidimensionalmente, sendo o constructo das relações íntimas de amizade para Sharabany (1974) composto por oito temas:

1. Franqueza e espontaneidade. O amigo fala abertamente acerca de aspectos positivos e negativos ao outro. É uma forma de auto-descoberta de si próprio.
2. Sensibilidade (Sensitividade e conhecimento do outro). Existe uma empatia e entendimento recíproco sem necessidade de comunicação verbal. Esta dimensão é muito importante para contrabalançar com a franqueza.
3. Vinculação (Ligação ao outro, Afectividade). Um sentimento de grande ligação, que faz com que o outro sinta a sua falta quando não está presente fisicamente. Representa um sentimento de conexão de grande vinculação e dependência do outro.
4. Exclusividade (Privacidade com o outro). Esta categoria identifica apenas os aspectos que se encontram presentes nas

relações com o amigo íntimo. Preferências para esta relação sobre as outras.

5. Dar e partilhar. Proporciona momentos de disponibilidade para ouvir e partilhar experiências com o outro.
6. Imposição (Contribuição para o outro, homenagem ao outro). Indica um grau de abertura e disponibilidade para pedir e aceitar a ajuda do amigo.
7. Actividades comuns. Sentimento de prazer e bem-estar nas tarefas e hobbies desenvolvidos em conjunto. Somente estarem juntos é uma forma de intimidade.
8. Confiança e lealdade. Confiança no outro para lhe relatar os segredos, pois este não irá contar a ninguém, lealdade aos ideais comuns. A capacidade de aproximação entre as pessoas, o grau de familiaridade entre elas, a capacidade de confiança depositada no outro e a intimidade entre os dois. Este aspecto também tem em conta a definição de relação, a afinidade entre uma pessoa e outra, que pode chegar ou não a relação de amizade. O amigo íntimo será aquele que é escolhido pelo outro e por ele próprio. Quando existe correspondência mútua de sentimentos. Nesta perspectiva, «o amigo», «ser amigo» ocupam uma definição de espaços e distâncias de aproximação entre as pessoas.

Estes temas podem variar de qualidade e quantidade, dependendo assim, o grau de intimidade nas relações de amizade, tendo em conta os aspectos da formação e o desenvolvimento dos laços de amizade (Sharabany, 1994). Por exemplo, os rapazes podem apresentar valores mais baixos na auto-descoberta (Reis, Senchack e Solomon, 1985), e valores mais elevados no que se refere às actividades em comum, na sensibilidade ao amigo e na vinculação, criando, assim um padrão da intimidade. Sharabany (2000) refere que cada item possui a sua própria particularidade. A presença destes elementos que caracterizam os itens da escala são importantes para a definição e avaliação da intimidade na amizade de uma forma unidimensional.

Nas ciências do comportamento, as relações de amizade emergem, assim como a sua importância no desenvolvimento das relações interpessoais e muito especialmente no desenvolvimento psicossocial do adolescente e nas suas interações.

4.1. Interações sociais

A intimidade na amizade nas redes sociais dos adolescentes tem uma natureza bastante complexa e necessita de uma observação a vários níveis (Buhrmester, 1990; Furman, 1993): ao nível da interação (encontros específicos entre indivíduos), ao nível da relação a dois (inclui as mesmas interações mas são também enquadramentos para emoções, aspectos cognitivos e interações), ao nível do grupo (grupos de pares, bandos, ou famílias incluem conjuntos de relações mas acarretam mais do que as relações a dois) e ao nível da rede global (incorpora todas estes tipos de relações). Estes níveis reflectem diferentes aspectos do mundo social e cultural de um adolescente. Alguns adolescentes podem ter amizades íntimas sem serem aceites pelo grupo de pares geral (Parker e Asher, 1993).

As amizades e os grupos de pares podem servir funções diferentes. As amizades dão oportunidades de afecto, intimidade, aliança e de confiança enquanto que os grupos de pares podem fornecer um sentido de pertença ou inclusão (Furman e Robbins, 1985). As amizades dão oportunidades de capacidades para a intimidade, enquanto as capacidades de liderança podem ser adquiridas nas interações de grupo (Buhrmester e Furman, 1986). O percurso de desenvolvimento dos dois pode ser diferente. As percepções de interações de apoio com amigos íntimos são maiores no início e meio da adolescência do que na pré-adolescência (Furman e Buhrmester, 1992).

Percepções similares de interações positivas dentro de um grupo são mais baixas nestas idades do que antes (Gavin e Furman, 1989). Apesar de pertencer a um grupo popular ser mais importante no início e meio da adolescência, tal participação está associada a interações mais negativas e maior conformismo (Gavin e Furman, 1989). Enquanto estudos documentam a diferença entre relações de grupo e a dois na infância e adolescência, a distinção conceptual parece aplicável igualmente a outras fases da vida.

As relações de intimidade têm mais consequências do que o conjunto de interações. As percepções do indivíduo acerca da relação pode não apenas basear-se nas interações que ocorrem, mas também naquilo que não ocorre. Mesmo se as interações são positivas uma pessoa pode não se sentir muito próxima de alguém visto esporadicamente. A rede global não é apenas uma simples agregação de relações a dois e de grupo, visto que as percepções que se têm da rede são influenciadas pelo que não está na rede assim como pelo que aí existe. Os adolescentes, como

os adultos não terão percepções muito positivas das suas redes sociais se não houver relações românticas e poucos amigos. Muitas vezes não se fazem distinções entre estes diferentes níveis.

Os investigadores que estudam a adolescência têm feito poucos esforços para examinarem o nível global da rede. A investigação deverá examinar os elos entre os diferentes níveis. Os grupos são conjuntos de relações a dois, e ambos são elementos da rede geral. Assim, pode-se esperar que componentes específicos da rede serem indicadores das percepções da rede global.

Buhrmester e Furman (1987) examinaram o companheirismo e a intimidade a dois e a nível de grupo em três idades diferentes. Em geral, as relações a dois em que ocorrem com mais frequência o companheirismo e a intimidade estavam mais correlacionadas com as percepções globais dessas características. Diferentes níveis da rede estão correlacionados de outros modos. Os adolescentes integrados em grupos contendo muitos pares do sexo oposto, tinham mais tendência para terem relações românticas nos anos subsequentes (Connolly *et al.*, 1998).

A rede de pares serve de contexto para o desenvolvimento de relações particulares, uma situação que parece também relevante para as relações em qualquer idade. Mudanças nas relações a dois podem levar a mudanças mais gerais nas características das redes sociais. As amizades parecem também afectar o estatuto nos grupos de pares dos adultos no local de trabalho, apesar de ser muitas vezes adverso (Miller, 1988). Quando os indivíduos têm redes das suas relações podem ter também redes cognitivas das representações das relações.

Numa rede social, as representações cognitivas das várias relações íntimas podem ser concebidas como uma rede organizada hierarquicamente dos pontos de vista acerca da relação (Collins *et al.*, 1997). Estes modelos hierárquicos parecem sensíveis às interpelações das experiências da relação e sua distinção, mas a natureza específica dos laços fica ainda por determinar empiricamente. Estas descobertas ilustram o potencial em examinar os elos entre os diferentes níveis da rede.

Segundo, Harvey e Fincham citados por Neto (1998, p. 284) as relações interpessoais desenvolvem-se em três fases: formação, manutenção e dissolução. Durante o estágio de formação, as atribuições reduzem a ambiguidade e facilitam a comunicação e uma compreensão da relação. Quando a intimidade se começa a estabelecer nas relações de amizade a necessidade de se fazerem atribuições diminui. Na fase da dissolução

as atribuições voltam a ser essenciais para um novo estabelecimento de compreensão e intimidade na amizade.

Buhrmester (1990) descobriu que as correlações entre a intimidade na amizade e o ajustamento socioemocional eram mais fortes no meio da adolescência do que no início, o que sugere de que alguns aspectos da qualidade da amizade podem ter efeitos maiores no ajustamento psicológico dos indivíduos à medida que vão crescendo.

Os benefícios da intimidade nas relações de amizade tem sido abordados no âmbito teórico, entre outros, pelos estudos clássicos de Douvan e Adelson (1966) e Sullivan (1953), nomeadamente os primeiros tiveram enfoque na valorização da auto-estima do adolescente e Sullivan, para a validação do valor pessoal através do respeito e interesse que os outros mostram pelas ideias e conselhos do próprio adolescente.

4.2. Funções da amizade

Uma das principais funções da amizade é a alegria, a felicidade e estar juntos (Sharabany, 2000). Estar com os amigos traz muita alegria. Num estudo realizado com estudantes (Larson, 1990), revelou-se que era quando estavam com os amigos (alguns dos quais do sexo oposto) que eles estavam mais satisfeitos e com melhor das disposição, seguidos da família e estar sozinhos. O benefício de se estar com os amigos deve-se provavelmente às actividades em comum: dançar, jogar ténis, ir ao café, ter uma conversa íntima e passeios a pé (Argyle, 2001). Embora pareçam actividades triviais, podem levar a uma grande quantidade de alegria e fazer parte de uma relação de apoio.

É importante perceber como é que estas ocasiões sociais podem produzir alegria. Uma das características é a recepção de sinais não verbais, sobretudo sorrisos e tons de voz amigáveis. Os amigos são compensados de outras formas. Quando nos preocupamos com alguém não procuramos apenas recompensas como também nos preocupamos com essa pessoa e o seu bem-estar. Os adultos envolvidos em relações íntimas tentam satisfazer mais as necessidades do outro dos que as próprias (Clark e Ayers, 1993). A sociabilidade envolve cooperação. Os extrovertidos (que geralmente são mais felizes) fazem-no mais dos que os introvertidos. Há também custos neste tipo de relação. Receber apoio correlaciona-se com sentimentos de culpa, ansiedade e dependência. Dar apoio correlaciona-se com sentimentos de peso e frustração.

Estudos mostram que a satisfação com os amigos se correlaciona com a felicidade e satisfação com a vida. Os indivíduos com mais influências positivas revelam menos conflitos e relações mais agradáveis, mesmo com pessoas estranhas. Isto pode dever-se ao uso diferente que fazem da comunicação não verbal. A felicidade pode vir de amigos e a frequência do contacto agradável com eles. A amizade tem um papel importante para os adolescentes que passam várias horas por dia com os seus amigos ou a falar com eles por telefone.

Relativamente às condições em que os amigos produzem felicidade, uma das principais fontes de felicidade é o facto de os amigos serem compensadores, o que produz emoções positivas e satisfação. Há três tipos de satisfação a partir das amizades: recompensas instrumentais, apoio emocional e companheirismo. Os amigos fornecem sinais não verbais positivos, podem ser recompensadores verbalmente (estão de acordo, louvam, encorajam, interessam-se), podem dar presentes, fornecer comida e bebida, conselhos e informação. São recompensadores quando o seu companheirismo é divertido e alegre, fazendo-os rir e partilhar actividades em comum.

Os amigos íntimos são uma fonte importante de felicidade. A fim de evitar a solidão, as pessoas precisam tanto de uma ligação única mas íntima como de uma rede de relações. A formação de uma relação íntima implica um nível elevado de auto-revelação (Weiss, 1973). Os amigos íntimos tendem a ter as mesmas atitudes e crenças e interesses similares. Ao partilhar o nosso ponto de vista de nós próprios, ao gostarem de nós a nossa auto-estima é aumentada. As redes de amizade também têm a sua importância, pois formam um subgrupo que mantém a identidade e auto-estima fornecendo ajuda e apoio social.

Weiss (1973) sugere que os indivíduos procuram provisões sociais específicas, ou tipos de apoio nos seus diferentes tipos de relações. Estas provisões, afecto, intimidade e sentido de aliança de confiança atingem-se através das relações íntimas. Furman e Robbins (1985) afirmam que os elos mútuos e de afecto positivo das amizades na pré-adolescência e na adolescência são mais fortes do que aqueles conseguidos na maioria das relações de pares. As amizades são tipicamente caracterizadas pela intimidade, pois os amigos partilham segredos e aspectos pessoais. A experiência de ter um amigo a quem confiar pode promover sentimentos de confiança, aceitação e um sentido de se ser compreendido. Os amigos tendem a fornecer sentimentos de aliança de confiança e promover sentimentos de segurança, enquanto que a sua ausência pode provocar sentimentos de ansiedade, insatisfação com a vida e vulnerabilidade

(Furman e Robbins, 1985). Através da aceitação de grupos de pares há um sentido de inclusão, sentimento de pertença e aceitação por parte do grupo. O indivíduo pode sentir a sua auto-estima aumentada. Estes autores sugerem também que tanto as amizades como as relações com o pares podem trazer ajuda instrumental. As relações sociais são fonte de cuidados. Tanto os amigos como os conhecidos podem fornecer conforto, consolo e ajuda. Ajudar pode trazer sentimentos de competência, aumentar a auto-estima e criar um sentido de que os outros precisam de nós. Através das relações sociais podemos experimentar uma valorização do eu e promover sentimentos de orgulho, auto-estima e auto-aceitação. Finalmente o companheirismo é uma provisão importante das relações sociais. Na sua ausência podem surgir sentimentos de isolamento social (Furman e Robbins, 1985).

As relações de pares podem trazer vários benefícios sociais e parecem ser especialmente importantes na pré-adolescência e na adolescência (Burhmester e Furman, 1986; Sullivan, 1953). Nesta perspectiva, é fácil compreender que jovens sem amigos ou mal aceites pelo grupo de pares se encontrem em situação de risco. A amizade e as relações de pares trazem um contributo único na previsão das variáveis de ajustamento, incluindo a solidão (Bukowski, Hoza, 1989; Newcomb, *et al.*, 1993; Parker e Asher, 1993), e a auto-estima (Bishop e Inderbitzen, 1995; Townsend, McCracken e Wilton, 1988). As amizades e relações de pares foram também ligadas ao nível de sucesso dos jovens na transição de estabelecimento escolar (Berndt e Das, 1987; Ladd, Kochenderfer e Coleman, 1997).

Muitos teóricos (Bukowski, e Hoza, 1989, Hartup, 1996) sugeriram que é importante saber se a criança está envolvida numa amizade, quantos amigos tem e qual a qualidade destas. Muitos estudos que estudaram o papel das amizades na previsão do ajustamento investigaram apenas uma ou duas destas variáveis. Muitos estudos estabeleceram que ter um amigo aumenta o ajustamento psicológico (Erdley *et al.*, 2001). A qualidade da amizade tem sido relacionada com o ajustamento, a felicidade e a satisfação com a vida (Argyle, 2001).

5. AMIZADE ENTRE PARES

A amizade é, por definição, um fenómeno de construção a dois sendo pertinente o estudo das percepções e comportamentos dos dois membros e a descrição da sua interacção (e.g. Bigelow, 1977; Bukowski e

Hoza, 1989). As interacções entre amigos e as suas percepções recíprocas estão sujeitas a mudanças, assim como as amizades entre adultos.

Os estudos cujas contribuições são mais importantes para a teoria da intimidade na amizade têm quatro componentes (Bronfenbrenner, 1994, 1996): processo, contexto, tempo e pessoa. Os estudos da intimidade nas relações de amizade dos adolescentes ou têm processos num grupo de pares ou examinam o impacto das variáveis contextuais como os espaços físicos e sociais que interagem no quotidiano dos adolescentes nos níveis de intimidade nas relações de amizade. Nesta secção faz-se a abordagem das relações de amizade entre pares, factores que influenciam as interacções e os sentimentos de bem-estar e de solidão.

5.1. Amizade na infância e na adolescência

O desejo de partilhar actividades agradáveis é considerado como sendo a substância essencial para a amizade entre as crianças. O afecto das crianças altera-se à medida que os seus gostos de prazer mudam e o prazer desse pensamento muda rapidamente. Assim, formam e acabam com vinculações rapidamente. Mas os adolescentes que são amigos querem passar tempo na companhia uns dos outros.

A amizade das crianças, situa-se essencialmente no momento presente. No entanto existem importantes excepções (Schneider *et al.*, 1994). Momentos em que as amizades das crianças se caracterizam por, pelo menos, alguma da intimidade, auto-revelação e confiança geralmente associada às amizades durante a idade adulta.

Se duas crianças são realmente amigas, partilham os aspectos da amizade identificados pelos especialistas, podendo esperar-se que eles se escolham um ao outro como parceiros de brincadeira, de trabalho ou como pares de quem gostam. Os colegas de turma cujo gostar mútuo é bastante superficial, podem também ser escolhidos uns pelos outros, apesar da sua relação de amizade poder não ser caracterizada pela confiança mútua, apoio e revelação, comuns nas amizades infantis.

Entre o meio da infância e meio da adolescência, a intimidade (partilha psicológica) começa a assumir significado nas relações de amizade (Bigelow e LaGaipa, 1980). A intimidade diferencia o meio da infância da adolescência de modo mais vincado do que qualquer outro aspecto das relações de amizade. Efectivamente, a emergência da necessidade de intimidade (partilhar pensamentos e sentimentos com outra pessoa)

tem sido considerado como o princípio social da adolescência (Sullivan, 1953). Estudos mostraram que comentários acerca da partilha de sentimentos e auto-revelação aparecem pela primeira vez em descrições de amigos durante a transição para a adolescência e aumentam de forma regular (Berndt, 1982; Bigelow e Lagaipa, 1980; Furman e Bierman, 1984).

Em relação às amizades entre jovens mais velhos e mais novos, Epstein (1983) sugeriu que a escolha de um amigo íntimo mais novo pode significar problemas sociais, ou pode ser uma solução realística e salutar para estabelecer e manter contacto social dos que são fisicamente mais pequenos, mais tímidos, socialmente menos experientes ou mais lentos do ponto de vista cognitivo do que os pares da sua própria idade (Epstein, 1983).

Os investigadores da relação de pares devem ir para além da aceitação do grupo para estudar os processos de amizade de modo intensivo ao nível da relação a dois (Asher e Parker, 1989; Bukowski e Hozo, 1989; Furman e Robbins, 1985). Deve-se considerar a relação a dois e as relações do grupo mais alargado de pares, no mundo social do adolescente o que implica que devemos considerar aquilo que os amigos fazem, dizem e sentem na companhia uns dos outros, assim como a história da sua relação.

Ter um amigo íntimo é muito importante para um adolescente, com um significado e valor diferente das amizades de infância. O adolescente encontra no amigo correspondência, compreensão e segurança, uma solidariedade perante o mundo adulto contra o qual desafiam. Os amigos saem juntos, estudam juntos, têm longas conversas ao telefone, combinam projectos de vida, decidem o que fazer e que atitudes assumir perante os outros. O amigo íntimo é uma projecção de si mesmo, que o escuta sempre, aprovando ou criticando mas mantendo-se ao mesmo nível quanto às necessidades, os desejos e os interesses comuns.

É possível ser popular no grupo sem ter qualquer amigo íntimo (e.g. Parker e Asher, 1988) no entanto os adolescentes populares tendem a ter mais amigos íntimos recíprocos e mútuos, mas mesmo os adolescentes menos aceites pelos pares têm pelo menos um amigo íntimo, mútuo (Asher e Parker, 1989; Furman e Robbins, 1985). Há a tendência para haver uma associação entre o nível de popularidade e o número de amigos íntimos, especialmente quando as amizades e o estatuto de pares são medidos com métodos similares. A popularidade e a amizade representam aspectos distintos das relações de pares dos adolescentes.

Os adolescentes com amigos íntimos nos seus grupos de pares, tiveram resultados mais elevados no altruísmo e na tomada de perspectiva afectiva do que os adolescentes sem esse tipo de amizade (Bukowski e Hoza, 1989).

A partilha de actividades e de passatempos comuns são substância para as amizades dos mais jovens (Selman, 1980) e o principal aspecto que distingue as amizades das crianças mais jovens dos adolescentes mais velhos. Este padrão parece continuar até ao final da adolescência (e.g. Berndt e Zook, 1993; Bukowski e Hoza, 1989). O lazer partilhado é também uma parte central na amizade entre adultos (Argyle, 1992; Argyle e Henderson, 1990).

Os adolescentes também mostram uma maior preocupação em manter uma igualdade de recompensas em relação a um amigo em situações competitivas. Esperam também que os seus amigos os apoiem em conflitos com terceiros. Isto é especialmente crucial no fim da adolescência: os jovens de dezanove anos classificam a ajuda e apoio nessas situações como sendo mais importante na determinação da amizade do que no envolvimento em actividades em comum, na partilha de segredos ou discussões privadas (Bukowsski *et al.*, 1993).

Apesar de os adolescentes poderem ser menos espontâneos ao mencionarem comportamentos relacionados com a intimidade, ao descreverem as suas expectativas e conceitos de amizade, a intimidade parece muito presente na sua compreensão articulada das suas relações com os amigos.

Blyth e Foster-Clark (1987) referem que a confiança para os adolescentes é a expectativa da amizade com o amigo íntimo do mesmo sexo. A base da confiança pode mudar à medida que os adolescentes crescem. Os mais novos esperam que os amigos sejam acessíveis como companheiros de actividades e interesses comuns, guardem segredos e cumpram as suas promessas (Bigelow e LaGaipa, 1980). Estas qualidades também são apreciadas nos amigos no início da juventude, mas dão também importância à disponibilidade dos amigos em irem ao encontro das suas necessidades interpessoais e serem honestos e genuínos (Asher e Parker, 1989).

No âmbito da reciprocidade, notam-se níveis mais altos de resposta social nas interacções dos adolescentes com os amigos íntimos, mais do que com conhecidos casuais. Esta expectativa de reciprocidade, de receber tratamento igual, torna-se cada vez mais explícita à medida que

as crianças crescem (Berndt, 1982). Por volta dos 16 anos, o modo como os adolescentes fazem os seus julgamentos acerca do nível de amizade entre dois parceiros de mesma idade e do mesmo sexo é influenciado não só pela quantidade de intimidade nas relações de amizade, como também pela revelação íntima entre eles, como também pelo grau de reciprocidade do nível de intimidade dessas revelações. O nível de confiança em relação ao outro torna-se muito correlacionado ou recíproco à medida que as adolescentes se tornam adultos (Rotenberg e Korol, 1995).

Bukowski *et al.* (1999) adoptam a perspectiva dos sistemas para examinar dois conjuntos interligados de hipóteses referentes à interface entre os campos de pares do mesmo sexo e do sexo oposto. Um dos conjuntos de hipóteses diz respeito a factores subjacentes à participação das raparigas adolescentes nas amizades com pares do mesmo sexo e do sexo oposto. O outro diz respeito à associação entre as amizades com o mesmo sexo e com pares de sexo oposto e a percepção dos jovens adolescentes acerca da satisfação com a vida.

Os campos dos pares de mesmo sexo e de sexo oposto são muitas vezes considerados como distintos um do outro nos seus aspectos e nas suas contribuições para o desenvolvimento da intimidade nas relações de amizade. Os rapazes e raparigas diferem no modo como vêem os aspectos da amizade (Sippola, Bukowski, e Noll, 1997). Alguns investigadores afirmam que as experiências de pares, de rapazes e raparigas, são diferentes (Maccoby, 1990).

Bukowski *et al.* (1999) propõem uma perspectiva alternativa baseada em duas premissas interrelacionadas. Primeiro, considera-se o campo de mesmo sexo como o campo dos pares com os quais as adolescentes se identificam mais. Os autores reconhecem que estes gostam mais dos pares do mesmo sexo do que dos pares de sexo oposto e terão mais intimidade com amigos do mesmo sexo que amigos de sexo oposto (Bukowski *et al.*, 1996).

Alguns estudos sugerem três potenciais influências relacionadas com o género sobre a amizade dos jovens: o género do amigo (visto as raparigas poderem ser mais hábeis do que os rapazes a nível interpessoal); a composição da amizade a nível de género (visto as amizades rapariga/rapariga terem sido consideradas como sendo mais íntimas do que as amizades rapaz/rapariga ou rapaz/rapaz); a interacção entre a orientação sexual de um indivíduo e o género do amigo (os jovens homossexuais podem estar mais orientados para os amigos do mesmo sexo enquanto

os jovens heterossexuais podem estar mais orientados para os amigos do sexo oposto).

As relações com o sexo oposto ocorrem com frequência crescente no fim da adolescência e que a preferência para os pares do mesmo sexo começa a diminuir nesta fase (Sippola *et al.*, 1997). Assim, espera-se que para muitos jovens adolescentes, as relações com pares do sexo oposto compreendam uma porção significativa de experiências de pares e contribuem para o desenvolvimento.

Estudos convincentes sugerem que existem múltiplos factores subjacentes à participação nas amizades com o sexo oposto e múltiplos meios pelos quais as amizades com o sexo oposto afectam a percepção de bem-estar dos jovens adolescentes. Por um desses meios, a amizade com o sexo oposto é vista como um sistema paralelo para o campo do mesmo sexo e noutro, estas amizades são vistas com um sistema de apoio e como factor de satisfação com a vida.

Os jovens adolescentes com problemas de funcionamento nos sistemas de pares do mesmo sexo viram-se para o campo dos pares de sexo oposto fomentando a amizade (Prager, 1995). Assim, os pares de sexo oposto fornecem um campo alternativo de funcionamento para os adolescentes que não conseguem ter relações satisfatórias com membros do seu próprio sexo. Isto implica que os efeitos no sentido de um indivíduo a partir da participação na amizade com um par do sexo oposto terá maior significado para os jovens adolescentes que não têm um amigo de mesmo sexo do que para os que têm.

5.2. Ter um amigo e sentimentos de bem-estar

Bukowski *et al.* (1999) estudaram os factores subjacentes à participação nas amizades com o mesmo sexo e com o sexo oposto na tentativa de reproduzir e expandir as descobertas gerais registadas por outros (Kovacs *et al.* (1996) e Sroufe *et al.* (1993). Examinaram-se os caminhos antecedentes à amizade e a associação entre ter um amigo (de mesmo sexo ou de sexo oposto) e sentimentos de bem-estar.

De acordo com a teoria sociométrica a participação na amizade deriva de pelo menos duas dimensões básicas no que diz respeito ao gostar. Uma dimensão é o ponto até ao qual o indivíduo gosta dos outros: expansividade e a outra refere o ponto até ao qual os outros gostam do indivíduo

(popularidade). Indivíduos que são atraídos por muitas outras pessoas têm mais oportunidades para estabelecer relações de intimidade na amizade do que as pessoas que são pouco atraídas. As pessoas de quem os outros gostam muito, relativamente aos que são menos populares, têm também mais oportunidades para a amizade (Bukowski *et al.*, 1996) e terem assim mais amigos íntimos.

A expansividade e a popularidade são fenómenos unilaterais no sentido em que tocam os indivíduos. É o indivíduo que é, ou não, expansivo e é o indivíduo que é, ou não, popular. A amizade é uma variável bilateral que refere uma propriedade da relação entre dois indivíduos. A preferência para os pares do mesmo sexo foi medida como um fenómeno unilateral (Kovacs *et al.* 1996) com pouca atenção dirigida ao nível bilateral, a um grau para além do previsível, a partir das diferenças a nível unilateral. As observações acerca da preferência pelo mesmo sexo a nível bilateral não avaliaram se a diferença a nível bilateral deriva simplesmente das diferenças a nível individual ou é única. A preferência pelo mesmo sexo existe a nível da relação a dois, e esta diferença deriva das preferências unilaterais pelo mesmo sexo, sendo a natureza da associação entre competência social nas amizades com o mesmo sexo e o envolvimento nas amizades com o sexo oposto.

O envolvimento em amizades com o sexo oposto seria previsível pela competência social no domínio dos pares do mesmo sexo de modo curvilíneo (Kovacs *et al.*, 1996). Ter um amigo do sexo oposto, tanto nos adolescentes que têm muitos amigos do mesmo sexo, como nos adolescentes mais velhos que têm provavelmente mais amigos de sexo oposto (Sharabany, 1994). A participação nas amizades do mesmo sexo é previsível pela expansividade e popularidade do mesmo sexo enquanto que a participação em amizades do sexo oposto é previsível pela expansividade e popularidade do sexo oposto.

A associação entre ter um amigo e as percepções dos adolescentes acerca da sua competência social e bem-estar demonstrou que estas percepções estão associadas à popularidade entre os pares do mesmo sexo (e.g., Bukowski e Hoza, 1989; Bukowski *et al.*, 1999).

Duas questões centrais se colocam para ser possível fazer uma análise relacionada: a primeira questão diz respeito a se a associação entre medições de ajustamento e ter um amigo do mesmo sexo é a mesma do que as associações entre estas medições e ter um amigo do sexo oposto; a segunda questão, diz respeito à associação entre medições de ajustamento e ter um amigo do sexo oposto.

Esta última questão diz respeito a se as participações nos dois tipos de amizade estão ligadas às auto-percepções de competência e bem-estar de modo aditivo e interactivo. Uma interacção entre eles poderia indicar que o significado de cada tipo de amizade varia em função da participação de cada um no outro tipo de amizade. Provas de que os efeitos são aditivos indicariam que os seus efeitos são independentes uns dos outros.

Bukowski *et al.* (1999) examinaram a interface entre a participação dos adolescentes nas amizades com o mesmo sexo e com o sexo oposto. Os autores examinaram padrões diferenciais na participação nas amizades com o mesmo sexo e com o sexo oposto e examinaram o modo como esta participação estava relacionada com as impressões dos jovens adolescentes acerca do seu bem-estar psicossocial. As questões relacionadas à amizade com o mesmo sexo e com o sexo oposto devem ser examinadas pela perspectiva de sistemas. Os autores utilizaram-na de duas formas. Primeiro, trataram os campos do mesmo sexo e do sexo oposto independentemente. Segundo, reconheceram que em cada campo existem níveis de complexidade social interrelacionadas. Há um elo inesperado entre as medições de popularidade do mesmo sexo e as medições de expansividade de sexo oposto. As observações de que a popularidade de mesmo sexo está ligada a ambos os tipos de amizade existem tanto a nível individual como da relação a dois. Surgem várias questões relativas à natureza dos procedimentos das escolhas de amizade dos jovens impopulares. Apesar de haver um elo claro entre a popularidade baixa e a orientação para o outro sexo, não é claro o modo como o processo funciona nem que membros são atraentes aos adolescentes mais novos impopulares a membros do seu género.

A resposta pode explicar as descobertas acerca da associação entre as percepções de bem-estar e amizade com o sexo oposto. As descobertas centrais estão associadas de forma diferencial às percepções de competência para os rapazes e raparigas. Mostram que para os rapazes com mais amizades do mesmo sexo, ter um amigo de sexo oposto está associado a percepções mais positivas de competência. Este padrão é consistente com a noção de que as funções do campo do sexo oposto são como um sistema de apoio para o ponto de vista de que ter um amigo está geralmente associado com o bem-estar afectivo. No entanto, para as raparigas mais velhas que não têm uma amizade de mesmo sexo, ter um amigo de sexo oposto está ligado a percepções de bem-estar menos positivas.

Esta última descoberta contradiz o ponto de vista de Hartup (1996) que refere não existirem dados concretos que indiquem que as crianças com

amigos se sentem melhores do que as que não têm amigos. Apesar da falta de generalidade, este estudo encaixa na observação de que geralmente as raparigas mostram menos opiniões positivas em relação aos rapazes do que os rapazes mostram relativamente às raparigas.

Estas descobertas mostram que rapazes sem amigos, que formam uma amizade com uma rapariga vão ter opiniões mais positivas da sua competência do que os rapazes sem amigos. As raparigas sem amigas de mesmo sexo, não têm vantagens e tendo mesmo uma desvantagem em ter uma amizade com um rapaz. Relativamente às opiniões dos membros do seu próprio género, as raparigas gostam menos dos rapazes do que os rapazes das raparigas.

Parece que os adolescentes reconhecem inconscientemente que a reprodução da intimidade estabelecida com o amigo do mesmo sexo é possível com um amigo do sexo oposto e por isso são mais exigentes a fim de maximizar as oportunidades de reprodução bem-sucedida. No entanto, os resultados podem também explicar-se pela função das amizades com o sexo oposto na nossa sociedade, particularmente para os jovens adultos heterossexuais. As amizades com o sexo oposto são muitas vezes vistas como uma rampa de lançamento para relações românticas (Sprecher e Regan, 2002).

As maiorias das amizades são relativamente estáveis com o passar do tempo. Alguns investigadores descobriram que a estabilidade e a reciprocidade aumentam do início para o fim da adolescência (Epstein, 1983), enquanto que outros registaram que a estabilidade atinge um pico na pré-adolescência aumentando por isso só um pouco (Berndt, 1982). A maioria dos adolescentes com amigos íntimos recíprocos regista que as suas amizades duram períodos de tempos substanciais (Crockett *et al.*, 1984). Vários estudos mostram que a percentagem destas relações que duram pelo menos um ano chega aos 70% (Berndt *et al.*, 1986). Estes dados sugerem que as amizades adolescentes não são entidades efémeras.

A estabilidade das amizades também é determinada por aspectos múltiplos. Os adolescentes com atitudes positivas acerca das suas relações e com frequentes contactos antes das transições escolares tendem a manter essas amizades (Berndt e Das, 1987). A estabilidade da amizade reflecte o ponto até ao qual ela funciona bem e se os dois indivíduos continuam a passar tempo juntos ou não.

As amizades baseiam-se na reciprocidade e compromisso entre indivíduos que se consideram mais ou menos iguais. A reciprocidade implica

mutualidade nas orientações e nos sentimentos. No entanto, ser amigo também implica uma sensibilidade especial e uma responsabilidade mútua, nesse sentido, as amizades são relações de compromisso e comunais (Clark e Ayers 1993). Os amigos interagem numa base de poder igual, as amizades são assim relações igualitárias. Estas três condições das amizades – reciprocidade, compromisso e igualdade – são completamente compreendidas e apreciadas na adolescência.

Os adolescentes que não estabelecem relações de intimidade nos grupos de pares são mais introvertidos, têm dificuldades em se expressar, não correspondem às expectativas do grupo e são solitários. Nesta situação a marginalização afecta profundamente o adolescente; se os outros não o aceitam, não gostam dele, ele perde a confiança em si e acaba por se convencer de que não existe razão para se aceitar e gostar de si mesmo (Asher e Parker, 1989). Os adolescentes com um amigo do sexo oposto e sem amigos do mesmo sexo mostram níveis mais elevados de solidão e desajuste do que aquelas que só têm amigos do mesmo sexo ou com ambos os tipos de amizades.

5.3. Relações nos grupos de pares e solidão

A permanência da solidão e os seus efeitos debilitantes têm sido examinados (Rokach e Brock, 1997; Rokach e Neto, 2000). Na sociedade actual a grande maioria da população vive no limiar de uma solidão com a vida *versus* satisfação com a vida. Conforme refere Sadler (1987) as pessoas vivem na beira de uma vida solitária.

As implicações negativas da solidão fazem-se sentir independentemente do contexto cultural em que ocorre.

A solidão é definida como «uma experiência desagradável que ocorre quando a rede de relações sociais de uma pessoa é deficiente quantitativa ou qualitativamente» (Perlman e Peplau, 1981, p. 31). Este défice ocorre quando as necessidades interpessoais não podem ser satisfeitas dentro da rede social dessa pessoa. Daí, o indivíduo sentir uma variedade de estados afectivos opostos. Os sentimentos de solidão tendem a ser de curta duração e são determinados pela situação. Mas há certas pessoas que sentem a solidão em situações diversas e com tanta frequência que acaba por se tornar num traço de personalidade. A solidão é uma experiência subjectiva e não é sinónima de isolamento social (Peplau e Perlman, 1982). A compreensão dos factores que contribuem para a

solidão é importante por variadas razões, entre as quais a ligação com a doença física e problemas de saúde mental.

Rubenstein, Shaver e Peplau em 1979 (citados por Neto, 1992, p. 29) encontraram os scores mais elevados de solidão na faixa etária dos 18-25 anos.

A solidão parece ser mais comum nos adolescentes e diminuir com a idade. Muitos factores contribuem para este padrão. Primeiro: os adolescentes têm expectativas demasiado grandes acerca da sua vida social ou capacidades interpessoais não completamente desenvolvidas. Segundo, o mundo social em que vivemos muda à medida que nos tornamos mais velhos. Muitas transições sociais são causas previsíveis de solidão. Terceiro, algumas tendências etárias para a solidão são explicadas melhor como sendo efeitos de geração, diferenças devidas a experiências históricas de gerações sucessivas. Assim, os jovens de hoje registam mais solidão pois crescem numa época em que se encoraja a expressão de sentimentos e que considera as relações românticas de paixão como sendo essenciais para a saúde e felicidade. Só se pode especular acerca da importância relativa destes três factores sobre a solidão.

Sullivan (1953) afirma que o potencial para a solidão desenvolve-se durante a pré-adolescência, com a emergência de uma necessidade bem desenvolvida de intimidade. A solidão resulta da ausência de uma relação com um par. Uruk e Demir (2003) dizem que a solidão é um problema para os adolescentes e aponta para elementos na sociedade actual que podem exacerbar esta situação.

As interacções entre adolescentes na intimidade são primeiramente trocas correntes de comunicação, tal como são percebidas pelos parceiros. As auto-revelações devem conduzir as percepções que uma pessoa tem do parceiro, e estes conjuntos de processos de comunicação devem ligar-se às relações de intimidade na amizade com o amigo do mesmo sexo e às atitudes em relação ao amor com o parceiro do sexo oposto para influenciar a satisfação com a vida e a felicidade *versus* a solidão (Spitzberg e Canary, 1985).

Os amigos foram vistos por William James (1890, citado por Neto, 1998, p. 158) como uma parte importante do self. Numa perspectiva sociocultural o self é uma propriedade da cultura que se desenvolve na interacção entre as pessoas e a sociedade Sampson (1991, citado por Neto, 1998, p. 159). É na adolescência que, segundo Erikson, o indivíduo atinge esse ponto de maturação que permite viver em sociedade e relacionar-se

com os demais, como pessoa psicossocialmente saudável e satisfeita. Neste momento, o adolescente está preparado para a aquisição da intimidade, de uma relação privilegiada íntima, inteiramente partilhada e em sentido total com outra pessoa, e isto, diante do isolamento, do distanciamento e da solidão. É a superação do «eu sou», próprio das etapas anteriores, em um «nós somos», arriscando a própria identidade individual na aventura de compartilhá-la com o amigo, em uma autêntica relação de intimidade na amizade.

Contudo, há mais solidão entre os jovens e adolescentes do que nas outras faixas etárias. A adolescência é um momento em que a solidão é generalizada e especialmente intensa (Weiss, 1973; Wood, 1994). A adolescência parece ser o momento da vida em que a solidão aparece pela primeira vez de forma intensa e como um fenómeno bem reconhecível. Apesar da solidão poder estar presente na pré-adolescência é sentida com muito mais força na adolescência como resultado do desenvolvimento de novas necessidades interpessoais de intimidade (Sullivan, 1953). Segundo Weiss (1973) o isolamento emocional é uma resposta subjectiva à ausência não tanto de um determinado outro, mas de uma figura generalizada de vinculação, e para este autor é um estado que provavelmente só se sente na adolescência, a solidão torna-se numa experiência possível apenas quando, na adolescência, os pais deixam de ser tanto figuras de vinculação.

Estudos mostram que a solidão está associada a factores ambientais e interpessoais como o relativo isolamento social; baixos níveis de apoio social; menor participação em acontecimentos sociais e organizações; menos tempo passado com os amigos e com a família (Neto e Barros, 2003).

Uruk e Demir (2003) investigaram a relativa contribuição das relações de pares, da estrutura familiar e das variáveis demográficas e psicossociais na previsão da solidão na adolescência. O estudo foi efectuado com alunos de 9.º ano de escolaridade, de oito escolas diferentes, com estatutos socio-económicos diferentes, em Ankara, na Turquia. Os autores aplicaram a Escala da Solidão UCLA (Russell, Peplau e Ferguson, 1978), o Instrumento de Avaliação da Estrutura Familiar (Gulerce, 1996, citado por Uruk e Demir, 2003, p. 181) e um questionário construído pelos autores, envolvendo variáveis demográficas e variáveis sobre as relações de pares. Os resultados das análises de regressão múltipla indicaram que os três conjuntos de variáveis davam conta de 41% da variância dos resultados da solidão. As relações de pares contribuíam em 34%, a estrutura familiar em 14% e as variáveis demográficas em 3%.

Dentro dos limites deste estudo, as relações de pares parecem ser indicadores da solidão dos adolescentes.

Alguns estudos (Brennan e Auslander, 1979, citados por Uruk e Demir, 2003, p. 182; Wood, 1994) centram-se na solidão durante a adolescência. Os dados disponíveis acerca desta questão vêm de estudos em que a solidão não é tratada directamente: suicídio, exibicionismo, comportamento delinquente, timidez, insucesso escolar e fugas.

A solidão tem várias facetas, tanto no seu conceito de conteúdo, como na variedade das abordagens da medição. Algumas distinções conceptuais são muito importantes. É preciso distinguir entre as dimensões sociais e emocionais da solidão (Weiss, 1973) para compreender a transformação nas relações do adolescente com os seus pais e com os seus pares. O conceito de solidão espiritual é útil ao estudar a procura do significado, identidade e modos de participação do adolescente (Frankl, 1999). O insucesso nesta procura leva à solidão espiritual. É importante compreender a solidão existencial ao estudar a solidão dos adolescentes.

Hartup e Stevens, (1997) referem quatro questões que os investigadores precisam de dar atenção: modelos para demonstrar o significado de desenvolvimento, processos pelos quais os amigos socializam-se uns aos outros, diferenciação qualitativa entre amizades adolescentes e diversidade cultural nas suas dinâmicas e implicações.

Duas questões centrais se colocam para ser possível fazer uma análise relacionada com os processos pelos quais os amigos se socializam uns com os outros: a primeira questão diz respeito a se a associação entre medições de ajustamento e ter um amigo do mesmo sexo é a mesma do que as associações entre estas medições e ter um amigo do sexo oposto; a segunda questão, diz respeito à associação entre medições de ajustamento e ter um amigo do sexo oposto. Os adolescentes com um amigo do sexo oposto e sem amigos de mesmo sexo mostram níveis mais elevados de solidão e desajuste do que aquelas que só têm amigos do mesmo sexo ou com ambos os tipos de amizades (Bukowski e Hoza, 1989).

6. RELAÇÕES DE AMIZADE E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Abordaremos seguidamente algumas das variáveis que podem influenciar as atitudes do adolescente nas relações de amizade nomeadamente a participação social.

O sucesso nas relações de pares como uma questão crítica das competências sociais na adolescência é uma ideia que tem sido defendida (Rubin, Bukowski, Parker, 1998). As maiorias dos estudos feitos centram-se na popularidade ou no estatuto do seu grupo de pares. Bagwell *et al.* (1998) estudaram as características e o significado do desenvolvimento da intimidade nas relações a dois dos adolescentes com os amigos frente à sociedade. Tanto a popularidade, como o estabelecimento de relações íntimas são importantes para as tarefas de desenvolvimento para os adolescentes e para o seu comportamento assertivo frente à sociedade. Apesar de muitas capacidades e competências levarem ao ajustamento psicológico positivo no grupo de pares alargado, são também essas competências que prevêm o sucesso nas amizades íntimas. Estes dois tipos de relações não são idênticos nos seus aspectos característicos ou nos efeitos que têm no bem-estar emocional ou social (Bukowski e Hoza, 1989).

O conhecimento teórico das relações de pares, como se desenvolvem e o que indica o seu sucesso ou dificuldade no estabelecimento positivo das relações de pares, leva a que os investigadores dêem mais importância ao significado do desenvolvimento dessas relações. Estudos estabelecem elos entre relações de pares pobres na infância e pobre ajustamento escolar e saúde psicológica, solidão, insatisfação com a vida e problemas de comportamento na adolescência (Boivin, Hymel e Bukowski, 1995; Coie, Dodge e Kupersmidt, 1990; Bukowski e Hoza, 1989; Parker, Asher, 1993). Estudos a longo prazo sugeriram que as crianças e os adolescentes rejeitados pelos pares apresentam maiores riscos de abandonarem a escola, de se tornarem delinquentes, de terem comportamento solitário, criminoso e desenvolverem dificuldades ao nível da saúde mental durante a adolescência (Parker e Asher, 1987; Rubin, 1984).

Poucos estudos examinaram elos longitudinais entre a adolescência e a idade adulta (Jessor, Donovan, e Costa, 1991). A literatura existente mostra associações longitudinais entre a aprovação dos amigos acerca dos comportamentos problemáticos e medições do comportamento problemático nos jovens adultos. Jessor, Donovan e Costa (1991) descobriram que as variáveis de família e de contexto cultural dos adolescentes previam uma variedade de resultados positivos e/ou negativos na vida adulta.

Patrício (2002) refere que a cultura é um processo mais do que um produto acabado, resultando de um diálogo humano interactivo e intenso que decorre, pelo menos a três níveis, reconhecidamente construídos

pelo actor social: consigo próprio, com o seu meio étnico-cultural e com os outros de uma forma geral. Nesta perspectiva a cultura é intrinsecamente intercultural.

De uma forma geral não são os adolescentes pertencentes a culturas diferentes em si mesmas que combatem pelo espaço do poder na sociedade em que estão inseridos, mas determinados grupos sociais que, na maioria dos casos, invocam nos respectivos discursos uma suposta pertença ou identidade cultural que os resguarda e lhes confere legitimidade. Os limites das culturas são, nesta perspectiva, entendidos como algo facilmente identificável. Contudo, as culturas em contacto, e muito especialmente os grupos de adolescentes, suportadas por determinados grupos sociais, interactuam e geram novas culturas. Assim o adolescente frente à sociedade, impulsiona e investe num processo de interactividade social e intercultural.

O investimento social *versus* desinvestimento social dos adolescentes face às diferentes situações e o conhecimento por parte do adolescente da sua pertença a um grupo racial e as diferentes estratégias de integração na sociedade em que está inserido *versus* marginalização podem ser compreendidas em função da avaliação do self, quanto ao modo como são satisfeitas essas necessidades (Skinner e Belmont, 1993).

Fink e Wild (1995) concluíram que o elevado grau de semelhança de interesses entre amigos era sobretudo devido a efeitos de socialização e não devido à selecção de amigos com base em interesses comuns.

Por outro lado o lazer social-romântico, que se refere às interacções com os pares, tal como danças ou festas, ou ao tempo passado com um amigo do sexo oposto está mais relacionado com a pertença cultural e com o género (Meschke e Silbereisen, 1998).

Neste sentido, vários estudos têm demonstrado a importância do envolvimento dos adolescentes na sociedade, permitindo salientar as relações de intimidade como um contexto facilitador das tarefas desenvolvimentais que caracterizam a adolescência.

A limitação de muitos estudos acerca da adolescência é a ausência de análise da relação entre as teorias de socialização e relações de poder dentro da sociedade. As relações de poder estão encaixadas em construções de género que apoiam a ideia de racionalidade e que são centrais para o processo de escolarização e divisão entre a esfera íntima e a social, que explica os resultados diferentes da socialização para rapazes

e raparigas (Brebner, 2003). Nas sociedades em que as mulheres são relegadas para a esfera privada do trabalho doméstico e educação das crianças, são tornadas subordinadas social e politicamente aos homens na esfera pública.

7. RELAÇÕES DE AMIZADE E POSIÇÃO SOCIAL

Este estudo fez um levantamento da variável «posição social», pois é um quadro teórico a ser analisado no estudo preliminar para a identificação da intimidade nas relações de amizade em contexto sócio-cultural.

Sprintell e Collins (1999) referem que na adolescência o grupo é formado por adolescentes do mesmo sexo, de várias classes sociais e vivendo no mesmo bairro, o adolescente está desde muito cedo frente à posição social. Epstein (1983) refere que nas relações de amizade a concordância na posição social é relativamente constante ao longo de toda a adolescência.

No que se refere à posição social na intimidade do adolescente, a maioria das teorias acerca da socialização entre amigos são teorias que lidam com pressões de grupo e suas reacções individuais. As influências sociais entre amigos raramente são examinadas como entidades mútuas, a dois e dinâmicas (Berndt e Keefe, 1995).

As semelhanças entre amigos não são muito diferentes para os rapazes e raparigas. Os amigos adolescentes são similares em idade, grupo étnico, sexo e posição social. Os rapazes tendem a ser discordantes em relação à posição social (Epstein, 1983), mas as diferenças de género nestas concordâncias ocorrem sobretudo nas relações amorosas. As raparigas têm um comportamento amoroso e atitudes similares. Os rapazes não têm uma similitude tão marcada. A razão para esta diferença, é que a relação de amor e sexual está mais directamente relacionada com a reputação social nas raparigas do que nos rapazes (Billy *et al.*, 1983).

As similitudes entre amigos adolescentes aumentam com o tempo. A companhia que escolhe tem implicações no ajustamento social. Os efeitos da socialização são demonstrados no que diz respeito à posição social, assim como as aspirações e a realização académica (Epstein, 1983). Num estudo feito com adolescentes no Reino Unido demonstrou-se que os amigos contribuem tanto positiva como negativamente na socialização dos adolescentes. As forças sociais muitas vezes diminuem

as oportunidades de socialização para os indivíduos que são pertencentes ao mesmo grupo sócio-cultural. As amizades só em parte se formam por escolha. Dois indivíduos tornam-se amigos dependendo da oportunidade de encontro e indivíduos que se encontram depende da organização do mundo social e cultural.

As relações de amizade são significativas na socialização dos adolescentes. Os amigos são determinados com base numa sinergia envolvendo as experiências de pares e familiares e a organização do mundo social do adolescente. Modelos causais diferentes podem ser necessários para descrever a sinergia em culturas diferentes e para normas de posições sociais diferentes (Berscheid e Walster, 1974).

As similitudes entre amigos derivam de três fontes principais: homofilias demográficas, homofilias selectivas e socialização mútua. Algumas resultam do modo como o mundo social dos adolescentes é organizado. Em sociedades etnicamente heterogéneas, as desvantagens socioeconómicas, afectam particularmente as famílias pertencentes a minorias étnicas. Forças demográficas, por exemplo, determinam a segregação de bairros e escolas por classes sociais e raça, atitudes e capacidades, normas e valores (Berscheid, 1994).

As similitudes entre amigos derivam da tendência humana em escolher quem lhes é similar (Berscheid e Walster, 1974), socializar com estes é mais estimulante e compensador; a equidade e a reciprocidade na interacção social, o apoio emocional e a validação consensual são mais prováveis; o conflito e a contenção são mais minimizados.

Como factores determinantes do bem-estar psicológico alguns estudos incluem a posição social. Diener (1984) e Hartup (1983) citados por Sprinthall e Collins, (1999) p. 367, referem que «as amizades na adolescência tendem a ser formadas entre pessoas do mesmo meio socioeconómico». Sharabany e Wiseman (1993) consideraram que o kibbutz pode servir de exemplo importante pelas várias condições consideradas desejáveis para melhorar a qualidade de vida, pela menor alienação e maior sentido de comunidade num contexto de classe média esbatendo as diferenças inerentes à posição social de cada um. O modo de vida do kibbutz envolve maior aproximação, contacto diário e interdependência entre os seus membros. Parece que a relação directa das emoções e proximidade é reprimida nos adolescentes no kibbutz.

Estudos demonstram maiores níveis de intimidade noutros meios. Estas descobertas não são evidentes e alguns dos estudos não revelam este

padrão – a comunicação de meio. O desenvolvimento cognitivo pode ser facilitado ou dificultado consoante a estimulação cognitiva e o meio socio-cultural em que o indivíduo se insere (Detry e Cardoso, 1996). A perspectiva bio-ecológica (Bronfenbrenner, 1979; Bronfenbrenner, McClelland, Wethingtan e Moen, 1996) fornece um modelo de elo entre pais e pares. Esta perspectiva realça os diferentes níveis de influência: nível de desenvolvimento bio-social, cultural global, local de residência e posição social, relações fora e dentro da família e todas as possíveis inter-relações entre estes elementos (Parke e Tinsley, 1984). Este modelo tenta ordenar variáveis que possam ter impacte no comportamento do indivíduo, desde os mais directos aos imediatos pertencentes ao microsistema.

Bronfenbrenner *et al.*, (1986) definiu a interacção entre dois ou mais micro-sistemas (pais/adolescente, adolescente/amigos) como um meso-sistema. Dentro deste sistema ecológico, as relações pais/filhos contribuem de alguma forma para o comportamento do filho dentro do grupo de pares e vice-versa. Um terceiro sistema ecológico, o exo-sistema, envolve relações entre dois ou mais macrosistemas.

A confiança é uma condição que atrai os indivíduos uns aos outros e realça o compromisso. Ela pode ser um determinante e um resultado da interacção social. A consistência e a sensibilidade de uma pessoa fazem descobrir outros atributos de sinceridade, ser verdadeiro e consistência. Por outro lado, a confiança emerge quando duas pessoas descobrem através da cooperação que podem depender uma da outra de acordo com normas consensuais independentemente da posição social a que pertencem (Youniss e Smollar, 1985).

Contudo, quando analisamos uma sociedade organizada, na qual as crianças crescem e se formam, podemos notar aí como os grupos se apresentam diferenciados dentro de um outro grupo maior. Os grupos caracterizam quase todas as sociedades adolescentes mas os seus contornos específicos variam segundo o contexto social e comunitário, étnico e cultural e histórico. A pressão dos pares que está associada às redes de pares é multidimensional e multidireccional. A pressão varia também com a idade, pertença cultural, posição social e afiliação de grupo (Brown, 1989). Actualmente os investigadores raramente consideram o comportamento adolescente simultaneamente em relação a estes contextos. As relações de amizade recebem mais atenção do que os grupos provavelmente porque as relações a dois parecem mais fáceis de estudar e porque a maioria dos adolescentes parece mais investida nas relações sociais próximas do que nas distantes. No entanto, as amizades e o seu significado no desenvolvimento da adolescência não podem ser

apreciadas fora de contexto social e étnico a que pertencem. Variações significativas entre adolescentes podem estar ligadas a cada um destes contextos separadamente.

Os efeitos do estatuto socioeconómico aparecem com maior consistência como modeladores das ideias parentais do que os efeitos da experiência directa com crianças e adolescentes (Miller, 1988).

As condições socioeconómicas vêm acompanhadas de toda uma concomitante variedade de situações sociais, culturais e psicológicas que definem os indivíduos a ela sujeitos. Um estudo empírico (Castro, e Lima, 1987) aponta para uma forte relação entre a posição social dos alunos e os níveis de classificação atingidos, quer pelo seu valor pedagógico, quer pela capacidade dos alunos para a participação nas actividades, quer ainda para estabelecer laços de amizade.

Segundo Sullivan (1953) o companheirismo é muito importante para o ajustamento psicológico durante a adolescência. O estatuto social geral é um previsor consistente de um leque alargado de resultados psicológicos a longo prazo (Schneider, 1994; Parker e Asher, 1987) e uma correlação consistente das diferenças salientes nos comportamentos interpessoais dos adolescentes (Coie *et al.*, 1990; Newcomb *et al.*, 1993).

Na adolescência, os amigos parecem mais similares do que os não amigos em termos de idade, género, grupo étnico (Berndt, 1982) e posição social (Clark e Drewry, 1985). Num estudo de Battle e Rotter, citado por Neto (1998, p. 252), controlando o género, o grupo étnico e a posição social em duas provas de locus de controlo numa amostra de adolescentes de fenótipo negro e branco a viver nos Estados Unidos, os resultados dos dois instrumentos puseram em evidência uma interacção entre o grupo étnico e a posição social, sendo os adolescentes de fenótipo negro e da posição social mais baixa os mais externos.

A posição social influencia o sucesso escolar porque os alunos não vivem em escolas, vivem agrupados em famílias e nos grupos de pares (Formosinho, 1987); assim, será que a intimidade nas relações de amizade poderá ser influenciada pelas relações de posição social, entendidas como desigualdades na distribuição do poder e nos princípios que estabelecem as bases para uma relação hierarquizada das modalidades de culturas e dos seus intervenientes?

Segundo Argyle (2001) existe uma relação maior entre satisfação financeira e rendimento do que entre a satisfação com a vida e rendimento.

A relação com o rendimento é mais forte para os que recebem um rendimento mais baixo. As pessoas mais pobres, são as mais infelizes. No entanto, os efeitos do dinheiro não cessam para aqueles que têm muito dinheiro.

Há também pessoas pobres que são felizes, encontram-se num estado de adaptação e com o tempo adquirem a experiência de que não há nada a fazer a esse respeito (Castillo, 2003). Um estudo Diener e Oishi (in press) citado por Argyle, 2001, p. 134) mostra a comparação entre os efeitos do rendimento sobre a satisfação com a vida relativamente aos nove países mais pobres e nove países mais ricos. Nos países mais pobres o rendimento é utilizado para a satisfação de necessidades básicas.

A relação com a satisfação é maior se forem utilizadas outras medições financeiras: bens económicos, rendimento total familiar. A relação com a felicidade e satisfação é maior se acrescentarmos indicadores como a saúde e educação.

É necessário ir para além do dinheiro, apesar de alguns indicadores sociais, como a saúde e educação, serem afectados pela prosperidade nacional e individual. A relação entre rendimento e felicidade deve-se principalmente ao facto de o rendimento ser um agente causal.

Os investigadores operacionalizaram a motivação autónoma e controlada de abertura às várias maneiras de estabelecer relações de intimidade, incluindo os tipos de aspirações de posição social, os elementos coercivos do contexto social e cultural (Berry *et al.*, 1989), as razões auto-relatadas para começar novos comportamentos íntimos (Prager, 1998) e as diferenças individuais nas orientações motivacionais. As pessoas diferem na medida em que regulam o seu comportamento baseando-se na autonomia e escolha ou nas pressões para o desempenho (reais ou imaginadas) (Knee, 1998). Uma medição geral das orientações da causalidade que avaliam o grau, em que o indivíduo está orientado para a autonomia e controlado, foi desenvolvido por Deci e Ryan, (1985). Estas orientações são independentes porque cada um é, até certa medida, motivado pelo interesse e pela pressão.

Uma orientação para a satisfação com a vida é uma orientação para a escolha, interesse e crescimento tanto pessoal como dos outros. Reflete uma motivação geral para o crescimento e domínio e está ligada a resultados benéficos fora do âmbito da relação de intimidade em relação à posição social (King e Napa, 1998).

8. PREFERÊNCIAS NA ESCOLHA DE AMIGO(A)

Os jovens adolescentes atribuem grande importância à intimidade na amizade (Buhmester e Prager, 1995) e a escolha de amigos é baseada no grau de confiança que conseguem obter dessas relações (Berndt, 1982).

Em segundo lugar, num estágio mais tardio da fase adolescente, os relacionamentos sentimentais tornam-se importantes, traduzindo-se num aumento significativo da intimidade entre os(as) jovens e os seus potenciais – ou autênticos – parceiros românticos (Sharabany *et al.*, 1981). O começo da fase adulta constitui um período de transições nas relações íntimas. Durante os primeiros anos (por exemplo, na universidade), os amigos continuam a ser os principais companheiros íntimos e confidentes preferidos (Prager, 1998 b). A maior parte dos jovens assume o papel de parceiro sentimental antes do fim dessa fase inicial, o que frequentemente resulta na escassez ou falta de tempo para relacionamentos de amizade (Tschann, 1988).

Segundo Erikson (1964) o começo do estágio adulto é um período crítico para o aumento de competências e capacidades de relação íntima. Estudos sobre estilos de envolvimentos (Shaver e Hazan, 1988), maturidade na intimidade (Prager, 1998 a) e estatuto de intimidade (Orlofsky, 1973) foram desenvolvidos a partir das teorias de Bowlby (1969) e Erikson (1964) com o intuito de explorar possíveis competências necessárias para que uma relação íntima resulte satisfatória no estágio adulto. Ao nível das interações, a capacidade de ser ou não, íntimo tem a ver com um conjunto de competências inerentes ao indivíduo ao nível do seu comportamento (por exemplo, a sua habilidade de reagir verbalmente e o seu envolvimento não-verbal).

Não obstante, o estilo de envolvimento, a maturidade na intimidade e os conceitos de estatuto de intimidade não têm a ver com competências de interação do indivíduo, mas com a sua habilidade em manter relações íntimas que considere satisfatórias (Kobak e Hazan, 1991).

Nas relações de intimidade, a orientação para a autonomia está ligada à autonomia de apoio aos pares. Tende a estar associada a comportamentos positivos de apoio em contextos interpessoais, como ouvir o companheiro e tentar compreender e respeitar os seus diferentes pontos de vista (Knee, 2002).

A outra dimensão da escala da orientação da causalidade geral, é a orientação controlada que reflecte uma tendência geral para envolver

o ego nas experiências quotidianas. Manifesta-se numa posição que envolve mais o ego no que respeita ao desenvolvimento da relação de intimidade. Ao lidar com os problemas da relação, estes indivíduos podem reflecti-los sobre si mesmos ou sentir crítica da parte dos seus parceiros. Respondem de forma mais defensiva e sentem-se menos positivos após tais interações. Querem proteger-se e podem negar os problemas, evitar as discussões com táticas como a mudança de assunto ou evitar o parceiro. As orientações motivacionais e em particular as controladas, estão ligadas a comportamentos interpessoais defensivos. Os indivíduos envolvidos pelo ego tendem a interpretar o comportamento dos outros direccionados directamente a eles próprios. Este estilo nas relações de intimidade com o amigo do mesmo sexo pode ser mais evidente numa abordagem mais hostil no lidar com os conflitos e diferenças de opinião (Sharabany, 1994).

9. AMIZADE E SAÚDE

Um estudo examinou a intimidade em relações de amizade entre adolescentes com problemas visuais e baseou-se na compreensão de que um problema visual afecta o desenvolvimento social do adolescente, incluindo a auto-estima, as relações entre pais e filhos e as amizades. A competência social do adolescente com problemas visuais é frequentemente menos avançada do que a dos seus pares sem problemas (Seiffge-Krenke, Shulman e Klessinger, 2001). O desenvolvimento e manutenção de amizades depende das características sociais de ambos os membros da relação a dois. Assim, os adolescentes com problemas de visão nas escolas públicas podem não desenvolver amizades com os seus colegas de turma. Parker e Asher, (1987) num estudo fornecem dados descritivos para responder às seguintes questões: 1. Como se desenvolvem as amizades dos adolescentes com problemas visuais? 2. Será que o jovem com problema e o seu amigo consideram que a sua amizade tem o mesmo nível de intimidade? E serão as diferenças baseadas no género, estatuto de visão ou ano escolar? 3. Como é que os adolescentes com problemas visuais e seus melhores amigos passam o seu tempo juntos? Haverá diferenças e essas serão baseadas no género, estatuto de visão ou ano escolar? 4. Os problemas visuais levam a actividades diferentes? 5. Como é que o problema visual tem impacto sobre o melhor amigo do adolescente com problemas visuais?

As amizades de adolescentes com problemas visuais foram consideradas similares às tipicamente desenvolvidas pelos adolescentes sem problemas visuais. Apesar de nalguns casos o problema visual ter um papel

na amizade, os amigos sem problemas adaptam-se às limitações e estabelecem uma amizade íntima e recíproca.

Segundo um estudo entre adolescentes saudáveis e doentes feito por Seiffge-Krenke *et al.*, (2001) uma das descobertas mais importantes diz respeito às diferenças entre algumas características de ambos os tipos de relações, em função do estado de saúde. Apesar do número de amigos íntimos saudáveis e doentes ser similar, a duração da relação variou significativamente. Os diabéticos registaram um início mais tardio de relações românticas e em menor número e uma duração maior deste tipo de relação. Descreveram as suas relações românticas como caracterizadas por uma menor intimidade mas maior companheirismo e mais ajuda instrumental. Investigação anterior revelou que os adolescentes diabéticos não mostravam atraso na maturação física. Um fraco estado de saúde não é significativo para esta discrepância porque a maioria dos adolescentes diabéticos mostram um estado médico relativamente estável e um bom controlo metabólico geral da doença. Os adolescentes diabéticos procuram outras qualidades nos parceiros românticos: segurança, apoio e assistência numa relação a longo prazo, enquanto que a intimidade parece ter menos importância. Os adolescentes saudáveis centram-se mais fortemente na intimidade das relações românticas. No entanto, estas relações têm uma menor duração.

Estes resultados correspondem a descobertas em amostras saudáveis relativamente ao carácter mais casual das relações românticas durante a adolescência (Furman e Wehner, 1994). A importância da intimidade neste tipo de relações (Miller *et al.*, 2002) e o aumento da intimidade com a duração da relação (Conolly e Goldberg, 1999). A maioria dos adolescentes nos Estados Unidos tem namoros com uma duração de alguns meses a um ano (Feiring, 1996; Thornton, 1990).

Outros estudos (Feiring, 1996; Conolly *et al.*, Johnson, 1999) registaram um aumento gradual da intimidade nas relações românticas entre os mais velhos em relação aos mais novos e a longo prazo em comparação com o curto prazo neste tipo de relações. No entanto, os resultados deste estudo mostram que não existe nenhuma conduta normativa. Para os adolescentes com diabetes, as relações a longo prazo com menor intimidade são as mais características. Em suma, os adolescentes diabéticos e saudáveis envolvem-se em relações românticas com diferenças na duração e qualidade. Os diabéticos mostraram maior satisfação com as suas relações do que os saudáveis.

Estas diferenças entre a percepção dos adolescentes saudáveis e doentes crónicos podem estar relacionadas com as suas percepções das

amizades íntimas. Visto que os amigos íntimos ajudam-se uns aos outros na preparação das relações românticas (Seiffge-Krenke, 1995), a qualidade das relações com um amigo íntimo pode determinar o sucesso dos adolescentes nesta transição importante.

Os adolescentes saudáveis sentem mais afecto e intimidade nas suas amizades com o mesmo sexo do que os diabéticos. Os amigos íntimos sentem-se livres de serem espontâneos e abertos acerca deles próprios, as suas interações são caracterizadas por uma confiança mútua e empatia. Os diabéticos não atingiam os níveis de intimidade nas amizades íntimas registadas pelos outros.

No que concerne a qualidade das relações com um parceiro romântico, Seiffge-Krenke *et al.*, (2001) utilizaram uma subescala de ambos os tipos de relações ao longo de quatro anos. As diferenças básicas emergiram entre os dois grupos (diabéticos e saudáveis). O estado de saúde tem um impacto significativo na ajuda instrumental nos diabéticos com valores mais altos, independentemente do tipo de relação. A transição do início para o fim da adolescência foi marcada por um aumento de intimidade nos dois tipos de relações, com níveis menores nos diabéticos.

Em ambos os grupos os níveis de intimidade com o mesmo sexo e com o sexo oposto foram correlacionados positivamente, apesar de as correlações serem maiores nos diabéticos. Uma mudança para maior intimidade nas relações românticas com o avançar da idade já foi demonstrada noutros estudos (Buhrmester e Furman, 1986; Conolly *et al.*, 1999; Sharabany *et al.*, 1981). Parece que os adolescentes estabelecem intimidade nas suas relações românticas sem desistirem da proximidade e a intimidade entre amigos.

As correlações sugerem diferentes elos entre intimidade nas amizades íntimas e nas relações românticas, dependendo do estado de saúde e tempo. Este resultado sugere que a intimidade com os amigos íntimos no início da adolescência pode ser a base de desenvolvimento para a intimidade romântica nos jovens adolescentes saudáveis mas que esta tendência é invertida nos anos seguintes, com a intimidade nas relações românticas a contribuir para a intimidade com os amigos íntimos no final da adolescência (Seiffge-Krenke *et al.*, 2001).

As descobertas acerca do diferencial de desenvolvimento na intimidade em ambos os tipos de relações, dependendo do estado de saúde e do tempo, assim como os elos diferentes entre intimidade em ambos os tipos de relações, devem ser integrados num enquadramento maior que

engloba outras dimensões relacionais. Os ganhos de desenvolvimento nas várias dimensões da relação devem ser reconhecidos em primeiro lugar.

Independentemente do estado de saúde e do gênero, todos os adolescentes mostram aumentos no companheirismo, intimidade, afecto, admiração e poder relativamente ao seu amigo íntimo ao longo do tempo. O companheirismo, a satisfação, a intimidade, o afecto e admiração sentidos nas relações românticas aumentam de modo significativo com o tempo.

Outros resultados que revelam diferenças em relação ao nível de intimidade, dependendo do estado de saúde, sugerem que não há uma conduta única para o desenvolvimento romântico. Os adolescentes podem ter trajetórias diferentes dependendo do estado de saúde e da importância dos elos com os amigos íntimos, que podem variar (Camarena *et al.*, 1990).

Um estudo (Furman e Wehner, 1994) propôs que o parceiro romântico sobe na hierarquia da relação e torna-se numa figura importante para a realização da vinculação, atenção, associação e necessidades sexuais. Na universidade, as relações românticas sérias começam a tomar o lugar das amizades íntimas como fonte de atenção, associação e vinculação.

Os adolescentes com doenças crônicas descrevem as suas relações com amigos íntimos como sendo menos íntimas e afectivas, mas com maior apoio instrumental. A satisfação dos adolescentes doentes com as suas relações românticas aumenta com o tempo. Este resultado sugere que a associação e atenção são muito importantes para os adolescentes portadores de doença e essas necessidades são satisfeitas nas suas relações românticas duradouras. As suas relações com amigos íntimos centram-se mais na segurança e assistência numa relação estável. As relações com amigos íntimos, em relação aos saudáveis, estavam marcadas por um aumento da intimidade com o tempo, igualmente importante nas relações românticas. Os saudáveis envolvem-se menos em relações a longo prazo e estão menos satisfeitos com os seus namorados (Furman e Shaffer, 1999).

Este enfoque na intimidade pode não ser satisfeito nas relações casuais e então viram-se para parceiros novos na procura desta satisfação. Com o tempo e experiência, envolvem-se em relações mais duradouras e mais satisfatórias. O elo fraco e sempre em mudança entre a intimidade nas amizades íntimas e relações românticas nos saudáveis demonstra

que a intimidade com amigos íntimos pode ser a base de desenvolvimento para a intimidade com parceiros românticos mas há uma variância pouco explicada por este factor (Seiffge-Krenke, *et al.*, 2001).

Estes resultados sugerem vias diferentes para adolescentes saudáveis e adolescentes portadores de doença crónica, assim como elos em constante mudança entre a intimidade nas amizades íntimas e a intimidade nas relações românticas, dependendo do estado de saúde.

10. AMIZADE E SATISFAÇÃO COM A VIDA

As relações de amizade entre pares servem de elo entre a infância e a idade adulta. Ao entrar na adolescência, os jovens tornam-se mais independentes e refinam as suas relações pessoais. Podem ter quatro a seis melhores amigos que eles consideram de confiança, compreensíveis e leais (Bernd *et al.*, 1986). Estas amizades íntimas permitem ao adolescente uma melhor compreensão do eu e fornecem um sistema de apoio para ajudar o adolescente a lidar com o stresse quotidiano, proporcionando-lhe um sentimento de satisfação com a vida (Bagwell *et al.*, 2001). O adolescente começa a formular os seus próprios objectivos e valores, aprende acerca do envolvimento romântico e começa a desenvolver a sua própria individualização (Berndt e Das, 1987). As tarefas da adolescência preparam a transição para o início da idade adulta, momento em que os desafios de desenvolvimento passam para a construção de objectivos ocupacionais e relacionais (Sprinthall e Collins, 1999). Durante o processo de construção da relação de intimidade, as ligações com os pares e com os amigos sofrem alterações visíveis no tamanho e composição das suas redes sociais. Por exemplo, jovens de vinte anos normalmente só têm um ou dois melhores amigos (Bernd *et al.*, 1986), mas envolvem-se mais com potenciais parceiros românticos.

Erikson (1964) identificou o desafio de estabelecer relações íntimas com os outros como uma tarefa chave de desenvolvimento. A capacidade de estabelecer intimidade durante a adolescência e o início da idade adulta depende das experiências relacionais anteriores. As amizades na adolescência são importantes porque dão um contexto para desenvolver capacidades e competências essenciais para o sucesso de futuras relações de intimidade. Estas primeiras experiências de amizade são blocos de construção para o desenvolvimento das relações românticas e outras relações interpessoais na adolescência e na idade adulta favorecendo a satisfação com a vida. (Hartup, 1996).

Sprinthall e Collins (1999) descreveram a primeira fase do início da idade adulta como sendo um período de transição, sendo seguido de um período de estabilidade em que os jovens adultos encontram uma estrutura de vida confortável e um sentimento de satisfação em relação à vida.

As relações de pares dos adolescentes são indicadores de resultados adultos frente à satisfação com a vida na sociedade (Argyle, Martin e Crossland, 1989). Certos autores defendem as implicações únicas para ajustamento e para a satisfação com a vida posterior na idade adulta dos diferentes tipos de relações de pares, como a popularidade e a amizade. No entanto, outros não conseguem distinguir entre as diferentes dimensões das relações de pares. Uma perspectiva de apoio social sugere que as experiências na infância com os pares trazem provisões da relação, que são importantes para o ajustamento de adaptação. Determinados tipos de relações de pares adaptam-se melhor para a satisfação de necessidades emocionais e sociais específicas que emergem em determinados pontos do desenvolvimento (Bagwell *et al.*, 1998).

Durante a adolescência, a necessidade de aceitação muda para uma necessidade de intimidade interpessoal. Neste período de desenvolvimento emergem as amizades mútuas. Os elementos chave da amizade que a distinguem das relações de pares incluem reciprocidade, confiança, lealdade e afecto mútuo. Quando a distinção entre popularidade e amizade mútua se tornam mais claras pode-se dar mais atenção à identificação das provisões da relação que podem ser ganhas em cada relação e quais as que podem ser únicas em cada tipo de relação. Únicas à amizade são: o afecto, a intimidade, a aliança e a confiança. Para a popularidade são: os sentimentos de pertença e de inclusão (Buhrmester e Furman, 1986; Furman e Robbins, 1985). Outras perspectivas sugerem que a rejeição de pares ou o não conseguir manter amizades íntimas é uma experiência de vida stressante e de insatisfação com a vida: os adolescentes sem amigos e rejeitados não têm apoio de uma rede social forte podendo assim estar vulneráveis à solidão e a outros factores de pressão (Bukowski *et al.*, 1996; Coie *et al.*, 1990). Segundo esta perspectiva de apoio social, as relações de pares fornecem benefícios directos e indirectos que potencialmente têm impacte durável sobre o ajustamento e a satisfação com a vida do adolescente.

Estabelecer amizades de apoio serve de factor de protecção valioso e é factor de satisfação com a vida (Argyle *et al.*, 1989). Estas relações de intimidade contribuem para que o jovem adolescente tenha capacidades para lidar com os factores de pressão da vida (Berndt e Das, 1987),

protegem jovens em risco e dão apoio e encorajamento durante as transições escolares (Berndt, 1982; Berndt e Keefe, 1995; Ladd, Kochenderfer e Coleman, 1997).

A premissa de que as relações de pares entre adolescentes contribuem para a satisfação com a vida e para o seu ajustamento psicológico, tem sido largamente aceite. No entanto, as contribuições relativas de determinados componentes das relações de pares para a satisfação com a vida e para o ajustamento não têm sido muito compreendidas (Bukowski e Hoza, 1989). Distinguir entre aceitação de pares e amizade é importante porque as interações de grupo e da relação a dois representam estados únicos da experiência da intimidade. A aceitação dos pares numa construção unilateral representa o ponto de vista do grupo relativamente a um indivíduo. Contrariamente, a amizade é uma construção bilateral que envolve uma relação a dois, íntima e recíproca e que acontece entre dois indivíduos com sentimentos positivos recíprocos (Bukowski e Hoza, 1989). Segundo vários teóricos, a intimidade na amizade tem na reciprocidade uma estrutura profunda (Bukowski e Hoza, 1989; Hartup, 1996; Hartup e Stevens, 1997).

Apesar de se tratar de duas construções distintas, a amizade e a aceitação de pares têm algum grau de sobreposição. Por exemplo, as capacidades sociais que contribuem para a aceitação de grupo, como a cooperação ou comunicação, realçam também a amizade (Sharabany, 1994). Na experiência social, os jovens adolescentes que são melhor aceites têm mais amizades de grande qualidade (Parker e Asher, 1987). A aceitação e a amizade não são construções redundantes, pois jovens adolescentes altamente aceites não tinham amigos na sua turma e jovens pouco aceites tinham um melhor amigo recíproco. Outros estudos apoiam a distinção entre os dois conceitos e indicam que ambos trazem contributos únicos a uma série de variáveis de ajustamento, incluindo a autoestima, a satisfação com a vida, a felicidade, a solidão, a depressão e a ansiedade (Parker e Asher, 1993).

Algumas necessidades interpessoais emergem em fases diferentes de desenvolvimento e determinadas relações sociais são melhores para a satisfação das necessidades individuais em cada fase. As capacidades sociais e as competências interpessoais necessárias para o sucesso nessas interações sociais desenvolvem-se no contexto de cada relação de intimidade (Buhrmester e Furman, 1986).

Segundo Sullivan (1953) as personalidades individuais são moldadas pelas relações com os outros, incluindo pais, irmãos, autoridades esco-

lares e pares. As necessidades sociais emergentes são cumulativas. Durante a infância, as necessidades são satisfeitas primeiro pelos pais e depois pelos companheiros de brincadeira. Na fase juvenil (até aos nove anos) surge a necessidade de aceitação, fase em que os pares começam a ter importância. No início da adolescência, surge a necessidade de intimidade que é satisfeita primeiramente pelos pares do mesmo sexo, que se tornam em fonte importante para as outras necessidades sociais. Durante a adolescência, emergem necessidades em torno da sexualidade, que tendem a ser satisfeitas pelos pares do sexo oposto. Estes ajudam a satisfazer outras necessidades sociais, mas os pares do mesmo sexo continuam a ser importantes.

Para Sullivan (1953) as amizades tornam-se mais significativas durante a adolescência, altura em que as necessidades de intimidade interpessoal surgem, tomando primazia relativamente às necessidades de aceitação, satisfeitas pela participação em interações gerais em grupos de pares. Nas amizades, os parceiros são sensíveis às necessidades do outro e procuram satisfação mútua. Um grande benefício das amizades é a validação consensual, pois os amigos podem concluir que a partilha de interesses, preferências, esperanças e medos são válidos. Sentimentos de valores do eu são realçados quando os jovens se consideram importantes para o seu amigo. As competências sociais relacionadas à colaboração, são aprendidas num contexto de amizade. Buhrmester e Furman (1986) sugeriram que estas competências incluem cooperação, compromisso, competição, auto-revelação mútua, tomada de perspectiva, empatia e altruísmo, interferindo no comportamento do adolescente face à satisfação com a vida.

Sullivan (1953) acreditava também que uma função das amizades íntimas é a possibilidade terapêutica psíquica: o apoio trazido pelas amizades pode ajudar a superar dificuldades resultantes de problemas anteriores em relações com os pais ou com pares.

Sullivan afirmou que na pré-adolescência e na adolescência, os pares do mesmo sexo eram fontes mais importantes de companheirismo do que os pais. Os amigos íntimos do mesmo sexo eram uma fonte de bem-estar e de satisfação com a vida. À medida que os jovens entram na adolescência, os pares assumem um papel mais importante em termos de companheirismo. A intimidade intensifica-se nas relações durante a adolescência. Entre a pré-adolescência e a adolescência as descrições feitas pelos jovens relativamente às suas amizades mostram um aumento de partilha de pensamentos e sentimentos íntimos (Berndt, 1982; Biglow e La Gaipa, 1980; Furman e Berman, 1984).

Buhrmester e Furman (1987) descobriram que os pais forneciam mais intimidade dos que os pares na pré-adolescência, a sua avaliação de intimidade era mais estreita do que a definição de Sullivan. Os pais podem ser, com maior frequência, confidentes, mas as suas confidências podem não ser recíprocas. É apenas nas relações íntimas com um melhor amigo que os jovens estabelecem as relações igualitárias, em que as revelações íntimas são recíprocas e mútuas (Buhrmester e Furman, 1987). Há diferenças entre rapazes e raparigas: estas classificam as suas relações com outras raparigas como sendo mais íntimas do que os rapazes. Isto sugere que pelo menos para as raparigas, a adolescência é um período em que aumenta a importância da intimidade nas amizades.

Em, síntese este segundo capítulo centrou-se na análise do conceito de amizade. Procurámos dar conta da abordagem da amizade através dos tempos, o conceito e a avaliação da amizade; analisou-se a intimidade na amizade e mais especificamente nas relações de amizade na infância e na adolescência; as relações de amizade frente à participação social e à posição social; as preferências na escolha do amigo do mesmo sexo em relação a um amigo do sexo oposto; as relações de amizade e a saúde e, por último, as relações de amizade e a satisfação com a vida.

A intimidade está especialmente vinculada com a amizade e o amor, razão pela qual, no capítulo seguinte, propomos a análise da intimidade nas relações de amor e a análise da partilha da intimidade com o parceiro amoroso.

Enquadrar, teoricamente e sob o ponto de vista empírico, o conceito de amor e as atitudes em relação ao amor nos adolescentes, bem como os factores a ele associados, constitui o objectivo geral do próximo capítulo.

CAPÍTULO III – AMOR

*Deixa-me ser a tua amiga, amor,
a tua amiga só, já que não queres
que pelo teu amor seja a melhor,
a mais triste de todas as mulheres.*

Florbela Espanca
In *Sonetos*

Neste capítulo abordaremos outra emoção social, o amor e as contribuições que a abordagem do constructo do amor pode fazer para o estudo psicológico sobre o modo como o adolescente lida com este sentimento e quais as suas atitudes em relação ao amor. O capítulo está organizado em sete secções: 1) amor através dos tempos, 2) conceito de amor 3) avaliação do amor, 4) amor e amizade nas relações românticas, 5) amor na adolescência, 6) preferências na escolha de parceiros, 7) amor, saúde e satisfação com a vida.

Considerou-se importante falar do amor na adolescência focando-se os aspectos dos comportamentos associados aos interesses românticos e aos seis estilos de amor propostos pela tipologia de Lee nas «Cores do Amor» (1973).

1. AMOR ATRAVÉS DOS TEMPOS

O amor seguramente tem sido, das temáticas literárias, a mais requisitada, seja em que tempo for. Fonte inesgotável a que os escritores recorrem constantemente, a sua existência está presa à própria essência humana, condição fundamental na psicologia do jovem adolescente que leva os artífices da palavra a abordarem-no a cada momento.

Particularmente aos poetas, ele mais tem servido, já que na poesia, tradicionalmente, prevalece o lugar, por excelência, da presença do amor. Amor e lirismo coabitam-na, dando-lhe uma caracterização de profunda sensibilidade. Essas combinações atingiram tal ponto que, ao senso comum, poesia é sinónimo de amor: poesia é texto que fala de amor. O mesmo acontece com o romance.

Na trajectória da literatura da língua portuguesa, desde o seu início com o trovadorismo até à primeira década do século XXI, o amor poderá ser observado em posição de notório relevo e com perfil mais ou menos delineado. A sua expressão ocupa lugar privilegiado nas cogitações e emoções poéticas ainda que, por vezes, fingida.

Na poesia e no romance, o amor, como de resto em outro contexto artístico e social, é considerado, por um lado, algo puro, idealizado, platónico, portanto intocável e inatingível, e assim foi concebido através dos tempos. Por outro prisma, a sua concepção não se dissocia dos prazeres e da satisfação na vida e felicidade *versus* insatisfação e infelicidade que ele proporciona aos amantes.

Esta forma de concepção do amor é tão antiga quanto o homem, o seu criador. A história do amor, já a partir da Bíblia, apresenta o universo do pensamento e das concepções feitas através dos tempos e, do mesmo modo, desde a Grécia antiga aos nossos dias, pensadores e poetas, sacerdotes e imperadores, bem como todo um processo civilizatório, no qual a base é o relacionamento amoroso entre os homens. Para Schleiermacher, o amor tende para fazer de dois em um; Schelling, foi considerado um dos filósofos mais românticos na época; para Platão o amor é uma apreciação da beleza das ideias abstractas e dos conceitos matemáticos. Já para Descartes o amor é uma emoção em que a alma é instada a juntar-se de bom grado a objectos que se lhe afigurem agradáveis.

É o amor causa e efeito de acções que levam à felicidade ou à solidão, às diferentes atitudes em relação ao amor, aos sentimentos, às dores, às alegrias, etc. Por ele se vive e se morre. Em todos os momentos e épocas, a sua posição é a de absoluto senhor a que se submetem e se prendem quem quer que seja: pobres e ricos, vassallos e nobres, súbditos e reis. Contudo a definição do amor e a sua aplicação tem mudado muito através dos tempos. Antigamente os noivos praticamente conheciam-se apenas no dia do casamento, pois tudo era tratado através de «negociações familiares». Os anos 60 e 70 foram marcados pelas «revoluções feministas», com mudanças ao nível das atitudes em relação ao amor e diferenças por género. O amor constitui-se num processo que acompanha o ser humano desde a sua concepção, mas a sua compreensão depende das relações de intimidade que mantém com os outros e, conseqüentemente, das experiências que a pessoa pode ter frente ao fenómeno. O processo do amor, como emoção social, pode favorecer a felicidade e a satisfação com a vida no ser humano, sendo que este processo lento e gradual. Compreende uma série de aprendizagens, acções e interpretações para a sua capacidade de desenvolvimento da intimidade que, invariavelmente, os seres humanos constroem conjuntamente. Daí, pode-se concluir o quanto foi complexo definir o amor ao longo dos tempos. No que concerne ao estudo científico do amor, só a partir dos anos 60 é que se começou a desenvolver, pois o amor e o romance eram considerados objectos de estudo do domínio do romance e não da ciência (Burgess e Wallin, 1953, citados por Neto, 1992, p. 74).

2. CONCEITO DE AMOR

Shaver e Hazan (1988) fizeram um diagrama do amor onde consideram os antecedentes possíveis (familiaridade; satisfação das necessidades

da pessoa; confiança e segurança) e as reacções possíveis (sentir-se seguro(a), confiante, querer o melhor para o(a) outro(a); querer proximidade física com o(a) outro(a).

Existem muitos constructos teóricos acerca do amor. Na perspectiva clássica, o amor é referenciado como uma partilha em que se inserem os sacrifícios e as gratificações (Blau, 1964). Noutras abordagens, o amor é visto como uma paixão (Berscheid e Walster, 1974), como uma preocupação exacerbada, ciumenta e possessiva para com o amante (Tennov, 1979) e também numa atitude pragmática em relação ao amor (Pragma).

Todos os componentes humanos são difíceis de definir e o amor não é excepção, apresentando-se como um conceito multidimensional e complexo. Apesar do ser humano sentir emoções, nem todo o indivíduo sente todas as emoções, como por exemplo, o amor ou a amizade. Pode acreditar que o amor deve ser apaixonado ou sente que o compromisso de uma pessoa em relação a outra é amor. Algumas pessoas podem sentir que a amizade é o principal conceito de amor. Enquanto as influências podem incluir a família, pares e religião, a cultura popular influi também nas emoções. Os contextos culturais têm influência nos conceitos de amor. Apesar de dois indivíduos poderem ter a mesma influência, podem demonstrar conceitos de amor diferentes.

Muitas taxionomias que especificam os tipos ou variedades de amor têm sido propostas (e.g. Hendrick e Hendrick, 1992). A maioria dos esquemas de classificações inclui uma variedade de amor referida como romântica, apaixonada ou erótica, com especial importância nos estudos sobre relações pessoais. No discurso teórico acerca do amor, prevalecem as seguintes razões: o amor é geralmente procurado pelos indivíduos e exaltado na cultura ocidental, o amor romântico tornou-se cláusula *sine qua non* dos contratos de casamento e a sua ausência pode ser um factor na dissolução dos casamentos (Berscheid, 1994).

A natureza psicológica do amor é uma questão muito debatida. Até há pouco tempo o amor não era considerado um campo de investigação científica respeitada. Os que resolveram estudá-lo não utilizam um vocabulário comum: por exemplo, alguns descrevem-no como uma atitude e outros como uma emoção social (Rubin, 1984).

Muitos autores têm estudado o amor, fazendo diferentes abordagens, dando um significativo contributo para as investigações sobre o tema e analisando-o sob várias perspectivas. Surgem, assim, investigações

que analisam o amor e a amizade, considerando diferentes tipos de amor (amor paixão e amor companheirismo), vários estilos e muitas componentes.

Para Walster e Walster, (1978) existem dois tipos de amor: amor paixão (relação curta e intensa) e amor companheirismo (relações íntimas e duradouras). Outros autores (Clark e Mills, 1979) diferenciaram entre relações de trocas (baseadas na economia interpessoal) e relações comunais (baseadas em motivos altruístas), sugerindo um benefício dado em resposta a outro recebido, o que seria apropriado numa relação de troca mas não numa comunal, em que o benefício é dado para satisfazer a necessidade do outro.

2.1. O amor segundo a teoria da vinculação emocional

Hazan e Shaver (1987) chegaram ao conceito de relações amorosas em termos de vinculação; o parceiro romântico sendo considerado como uma figura de vinculação, substituindo as figuras parentais no topo da hierarquia da vinculação.

Para estes autores, as relações amorosas dos adolescentes e adultos são semelhantes às vinculações que estes estabeleceram na infância. Tal como as formas de vinculação infantil, as atitudes em relação ao amor nas relações amorosas na adolescência e mais tarde em adultos podem ser seguras, esquivas ou ambivalentes/ansiosas. Nesta abordagem, as primeiras relações de amor entre pais e criança irão influenciar as atitudes face ao amor no futuro. Shaver e Hazan (1988) sugerem que o amor com maturidade pode basear-se nos estilos de vinculação entre a criança e a mãe num ambiente de segurança, ansiedade, ambivalência ou de evitamento.

A intimidade nos modelos de vinculação pode encontrar diferenças individuais no comportamento de vinculação, como também a intimidade na amizade e no amor. Os investigadores que examinam os estilos de amor adulto encontraram tais diferenças. Aqueles com estilos seguros têm valores mais elevados em mutualidade e orientação para a intimidade e vinculação do que aqueles com estilos ansiosos/ambivalentes. Os indivíduos com estilos seguros tendem menos a envolver-se em relações amorosas sem compromisso (Shaver *et al.*, 1987).

O amor romântico nos jovens adolescentes e nos adultos pode ser visto como similar e derivado do modo como as crianças se tornam vincula-

das às primeiras pessoas que cuidam delas. Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978), distinguiram três tipos de vinculação nas relações entre pais e filhos normalmente referidos como seguro, ansioso, ambivalente e evitamento.

Hendrick e Hendrick (1989 a) descobriram correlações baixas entre a Escala do Amor Paixão e os tipos de vinculação, quando cada um deles tinha sido classificado numa escala de cinco pontos, indicava que estas descrições não pareciam medir o grau de amor sentido por cada pessoa. As descrições referem relações em geral.

Collins e Sroufe (1990) tentaram construir um índice mais sensível destes três tipos de vinculação, ao construir escalas de dependência, ansiedade e aproximação.

Simpson (1990) fez a correlação entre a escala do amor de Rubin com a medição dos tipos de vinculação, consistindo em afirmações retiradas de descrições de outros autores (Hazan e Shaver, 1987).

Bartholomew e Horowitz (1991) sugeriram dividir o tipo evitamento no tipo receoso e no tipo demissão, dando outro nome ao tipo ambivalente, para tipo preocupado. Estas descrições referem-se a relações de intimidade em geral.

2.2. O amor segundo a teoria triangular

Para Sternberg (1986) o amor tem três componentes: emocional (paixão e prazer), intimidade (motivacional e partilha) e cognitivo (decisão e compromisso).

O chamado «triângulo do amor» (Sternberg, 1986; Sternberg e Barnes, 1988) tem três elementos: compromisso, paixão e intimidade. A intimidade tem a ver com afecto e sentimentos de estados de proximidade, conexão e laços. A paixão tem a ver com um comportamento que leva à atracção física, romance e consumação sexual da relação. O compromisso tem a ver com decisões a curto e longo prazo. As decisões a curto prazo são amar o outro e as decisões a longo prazo são manter esse amor. Em termos de desenvolvimento estes três elementos mudam durante o decorrer da relação de intimidade no amor (Sternberg, 1986). A paixão torna-se cada vez mais intensa no início da relação juntamente com um aumento rápido da intimidade. O compromisso desenvolve-se muito mais devagar e firmemente. Com o desenvolver da relação,

o compromisso aumenta chegando ao nível da intimidade. O nível de paixão diminui.

Os especialistas concordam que o amor paixão é diferente de outros tipos de amor ou de atracção e que tem as suas características românticas centrais. No entanto, há desacordo significativo acerca da natureza exacta dessas características (e.g. Rosch, 1975). Hatfield e Sprecher (1986) tentaram medir este tipo de amor com uma escala do Amor Paixão.

Bierhoff (1991, citado por Feiring, 1999, p. 496) observou a teoria triangular e os estilos de Lee (1973) e verificou que estas duas teorias se entrelaçam. A paixão pode associar-se ao amor possessivo e romântico. A intimidade e o compromisso estão relacionados ao amor da amizade. Sternberg (1987) não considerou o amor pragmático como um tipo de amor. Segundo ele, a paixão, o compromisso e a intimidade emocional formam os vértices de um triângulo. Os papéis desempenhados por cada componente numa relação podem dar origem a um dos oito tipos de amor. O não amor (a ausência dos três componentes), o gostar (apenas intimidade emocional), a ênfase (apenas paixão), amor vazio (apenas compromisso), amor romântico (intimidade e paixão), amor compaixão (intimidade e compromisso), amor fátuo (paixão e compromisso), amor consumado (três componentes). Os jogos de amor ocorrem em qualquer tipo de amor. Diz também que o estilo pragmático de Lee (1988) é apenas um guia para a escolha de parceiros.

2.3. O amor segundo a abordagem prototípica

Os especialistas sociais e do comportamento fizeram várias tentativas teóricas e empíricas para responderem à questão «O que é o amor?». A abordagem prototípica (e.g. Rosch, 1975) pode ser útil na determinação dos aspectos do amor romântico assim como outros fenómenos interpessoais.

Fehr e Russell, (1991) caracterizam este tipo de amor por um despertar psicológico intenso, que é causado pelo indivíduo amado e é por isso apelidado de amor romântico. Hatfield e Rapson (1993) sugerem que o amor romântico é melhor entendido como um estado de desejo intenso de união com o outro, o que inclui uma avaliação cognitiva, sentimentos subjectivos (realização, êxtase, ansiedade, desespero), processos psicológicos, tendências para a acção e comportamento instrumental.

Regan, Kocan e Whitlock (1998) desenvolveram um estudo baseando-se na teoria do protótipo (e.g. Rosch, 1975) que fornece um método para examinar a representação mental de uma variedade de conceitos de emoções. Estas representações têm implicações individuais e interpessoais importantes. As pessoas podem confiar nas suas crenças existentes e suposições acerca da natureza do amor romântico ao interpretar acontecimentos e experiências nas suas próprias relações. Um indivíduo pode comparar elementos da sua relação corrente («Sinto-me atraído sexualmente pelo meu namorado(a)», «Posso comunicar abertamente com o meu namorado(a)» e «confio no meu namorado(a)» com uma representação cognitiva do conceito de amor romântico («Para além de outras coisas o amor romântico consiste no desejo sexual, comunicação aberta e confiança mútua») e chegar à conclusão de que tem consequências directas para a relação («Devo estar apaixonado por aquela pessoa»). Parece que a partir de uma perspectiva básica e adoptada, deve-se examinar as representações mentais do amor romântico que as pessoas têm (Aron e Westbay, 1996; Fehr, 1988; Fehr e Russell, 1991).

Regan *et al.* (1998) pretenderam identificar as características centrais do amor romântico e determinar o modo como estes aspectos afectam a cognição. Esta foi uma análise prototípica. Para um conceito ser organizado segundo o protótipo dos critérios deve-se considerar dois critérios (e.g. Rosch, 1975). Primeiro, os indivíduos devem ser capazes de identificar as características do amor romântico e fazer juízos de valor acerca da sua importância (centralidade); segundo, a centralidade destas características deve influenciar a cognição acerca do amor romântico. O conceito de amor tem claramente uma estrutura interna e responde aos dois critérios para a organização prototípica.

Regan *et al.* (1998) referem que a centralidade do aspecto afectava o modo como os participantes processavam a informação acerca de uma relação caracterizada pelo amor. Os resultados, juntamente com as correlações significativas entre as medições de frequência, centralidade e falso reconhecimento, sugerem que o amor tem uma estrutura interna clara e é organizada de forma prototípica.

Regan *et al.* (1998) apresentaram hipóteses *a priori*. 1 – Segundo a teoria da natureza do amor romântico (Berscheid e Walster, 1974, citado por Regan *et al.*, 1998) em que os participantes apresentaram uma variedade de características centrais tanto positivas como negativas. 2 – Segundo outra teoria, esperam que a atracção ou desejo sexual seja considerado mais central para o conceito de amor romântico do que outros aspectos da sexualidade. 3 – E, finalmente, se o conceito de amor romântico é

organizado de forma prototípica, espera-se que os aspectos centrais do amor romântico sejam registados falsamente mais frequentemente do que os aspectos periféricos durante o reconhecimento das tarefas de memória.

Os participantes puderam tomar decisões significativas acerca do grau até ao qual certos aspectos eram centrais (importantes ou essenciais) ou periféricos (menos importantes ou essenciais) para a compreensão do seu conceito de amor romântico.

Na identificação dos aspectos centrais e periféricos ou teóricos (Berscheid e Walster, 1974, citados por Regan *et al.*, 1998) afirmam que a experiência de amor romântico se caracteriza por uma variedade de emoções conflituosas que vão de uma intensidade positiva (satisfação de uma necessidade emocional) a uma intensamente negativa (ciúmes).

Regan *et al.* (1998) descobriram no primeiro estudo que a maioria dos aspectos citados pelos participantes nas suas respostas eram positivos (confiança, honestidade, felicidade, companheirismo, bondade, respeito). Geraram poucos aspectos negativos (raiva, depressão, medo, solidão), e no segundo estudo, os participantes consideraram estes aspectos como periféricos à experiência do amor romântico. Estes resultados estão de acordo com outros estudos empíricos acerca do amor (não necessariamente romântico) utilizando a abordagem prototípica.

Em relação à associação entre sexualidade e conceito de amor romântico, de acordo com outros estudos (e.g., Regan, 1998), o desejo ou atracção sexual foi considerado tanto central como periférico para a experiência de amor romântico. Este aspecto foi considerado como sendo mais central do que outros aspectos da sexualidade como, beijar, tocar/abraçar e a actividade sexual. Isto apoia a noção de que fenómenos subjectivos e psicológicos são considerados mais essenciais à experiência de amor romântico do que acontecimento de comportamento sexual.

A abordagem prototípica tem sido utilizada para explorar a estrutura interna de uma variedade de conceitos interpessoais, como as atitudes dos jovens adolescentes face ao amor e o nível de auto-estima dos parceiros na relação. Um estudo (Fehr e Russel, 1991) pede a um grupo de jovens heterossexuais de ambos os sexos para estabelecerem relações com o máximo de tipos de amor possível e a outra amostra para classificá-los em termos de serem passíveis de ser exemplos ou protótipos. Outros investigadores focalizaram-se na identificação das características do protótipo do amor (em oposição aos tipos).

Outro estudo pede a um grupo de participantes para fazerem uma lista das características do conceito amor e a um outro para classificarem o quão central cada aspecto era para o conceito de amor (Fehr, 1988). Os resultados revelaram que se acredita que o amor contenha aspectos centrais como confiança, honestidade e respeito.

Noutro estudo (Shaver *et al.* 1987) pede-se a jovens adultos para se lembrarem de uma ocasião em que se tenham sentido particularmente apaixonados ou amados e relatarem os aspectos de tal experiência. Os aspectos de se sentirem apaixonados ou de amar incluíam querer passar tempo com o parceiro, experiências partilhadas, boa comunicação e sentimentos de calor e de amizade, confiança, alegria, satisfação com a vida e felicidade. Aron e Westbay (1996) tentam sublinhar a estrutura do protótipo do amor. Descobriram que os sessenta e oito aspectos do amor identificados em Berscheid e Walster (1974) poderiam reduzir-se a três dimensões latentes: paixão, intimidade e compromisso.

Existem algumas provas que sugerem que as atitudes em relação ao amor estão associadas ao amor sentido por um indivíduo em particular. Muitas pessoas acreditam que o amor é uma das características mais desejáveis na escolha de um parceiro romântico ou para o/a futuro/ /a marido/mulher (Cramer, 1990). O amor ou atracção mútua foi classificado pelos homens e mulheres como sendo a mais essencial dessas características. Muitos estudos revelam que as relações caracterizadas pelo amor são sentidas como sendo mais satisfatórias e são provavelmente mais duradoiras.

Descobriu-se que o grau de amor prevê a estabilidade dos namoros. As relações caracterizadas por mais amor são mais prováveis de durar (Rubin, 1970). Apesar do amor e da satisfação na relação estarem relacionadas, pouco se sabe acerca da natureza causal desta relação. A maioria das pessoas regista que não se apaixonaram à primeira vista e que o seu amor pelo parceiro cresceu com o tempo; isto implica que o amor se desenvolve em função de aspectos particulares da intimidade na relação.

2.4. Estilos de amor

Lee (1973) propôs uma tipologia de seis orientações de amor que juntam os principais estilos em que o amor romântico se exprime: Eros (amor romântico, paixão), Ludus (jogos de amor), Storge (amor amizade), Mania

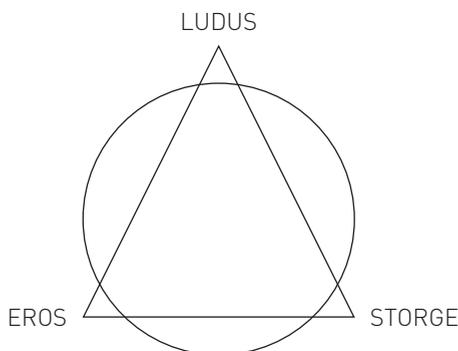
(amor possessivo, dependente), Pragma (amor racional) e Ágape (amor desinteressado, altruísta).

A mais detalhada e complexa tentativa de distinguir diferentes tipos de amor romântico foi feita por Lee (Lee, 1973, 1978). Construiu uma Classificação de Cartas da História do Amor que consta de 1500 cartas, cada uma descrevendo um evento, uma ideia ou emoção que poderia ocorrer numa relação romântica. As respostas foram codificadas e eventualmente reduzidas a trinta e dois factores-chave (Lee, 1978), agrupadas nas seguintes seis classes:

1. predispor para a ansiedade;
2. preocupação mental;
3. relação sensual;
4. controlo manipulador;
5. conflito e tensão;
6. companheirismo.

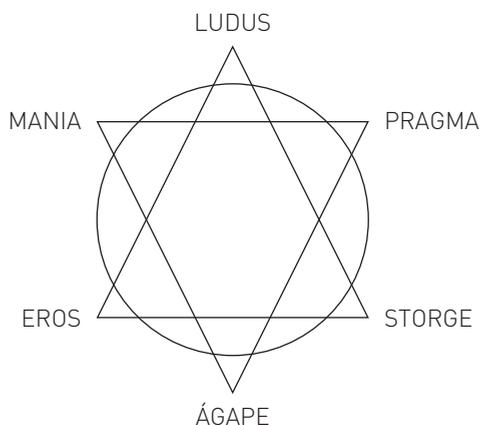
Baseado nesta informação e na literatura sobre o amor, Lee (1973) fundamentou o seu estudo entre, pelo menos, doze tipos ou estilos de amor. Os três tipos primários eram Eros, Ludus e Storge.

Figura 2 – Os estilos de amor primários



Fonte: Lee, 1973

Estes três primeiros tipos podiam ser combinados para formar três componentes secundários e três misturas secundárias. Os três componentes secundários eram Mania (Eros-Ludus), Ágape (Eros-Storge) e Pragma (Ludus-Storge) enquanto que as três misturas secundárias eram Eros-Ludus, Eros-Storge, e Ludus-Storge.

Figura 3 – Os estilos de amor secundários

Fonte: Lee, 1973

Lee (1973) sugeriu que três estilos secundários são formados como componentes dos estilos primários mas com propriedades e características próprias: Mania- componente de Ludus e Eros resulta muitas vezes numa relação de tipo amor *versus* ódio intenso; Pragma – componente de Storge e Ludus resulta num estilo de amor prático, em que o indivíduo procura o parceiro compatível mais pragmático e Ágape – componente de Eros e Storge, em que o indivíduo é altruísta e considera o amor e o carinho como um dever.

Estes estilos de amor são diferentes quantitativamente e baseiam-se em preferências. Um indivíduo pode ter mais do que uma preferência ou estilo de cada vez, satisfeita por relações diferentes. É a relação que é estilizada e não o amante (Lee, 1988).

Diversos estudos (Hendrick-Hendrick, 1986, 1988, 1989, 1990) indicam que os seis estilos de amor medidos pela escala das Atitudes em relação ao Amor são relativamente independentes uns dos outros. Quando se compararam as propriedades psicométricas da escala das Atitudes em Relação ao Amor com outras escalas do amor, concluíram que «a escala das atitudes em relação ao amor representa seis conceitos diferentes ou estilos de amor com boa consistência interna para cada subescala e correlações modestas entre as subescalas» (Hendrick-Hendrick, 1989, p. 790).

Cada vez mais se investiga acerca dos diferentes estilos de amor seguindo a tipologia de Lee (1973), consistindo em três tipos primários (Eros – amor romântico, paixão; Ludus – jogos de amor; Storge – amor

de amizade) e três tipos secundários (Mania – amor possessivo, dependente; Pragma – amor lógico; e Ágape – amor altruísta). Esta tipologia refere tipos de relações e não de pessoas, sendo possível ter um tipo numa relação e outro noutra relação. Esta tipologia foi considerada extremamente rica em termos teóricos devido à sua multidimensionalidade e porque pode incluir outras teorias de amor: amor comunal é exemplificado por Ágape (Clark e Mills's, 1979); o amor paixão e amor companheirismo representam o Eros e o Storge respectivamente (Walster e Walster's, 1978). O estudo original de Lee baseou-se na análise quantitativa de dados de entrevistas.

Os estilos primários caracterizam-se, segundo Lee (1973) pelas seguintes características:

- Eros – amor paixão – é o amor arrebatado com forte atracção física. Este tipo de amante sabe o que procura fisicamente na outra pessoa. Sabe envolver-se muito rapidamente a vários níveis, permitindo que o amor se desenvolva mutuamente. Isto pode significar ser íntimo sexualmente, falar continuamente e ser completamente aberto. A sua principal característica é a auto-confiança e alta auto-estima, que lhe permitem descobrir um enfoque intenso e exclusivo sobre o parceiro sem ciúmes nem possessão.
- Storge – amor amizade – é um afecto amoroso que se desenvolve lentamente com o tempo, que pode ser comparado com o amor entre irmãos ou amigos de brincadeiras de infância e com as relações de intimidade na amizade. A base deste tipo de amor é a amizade, ou seja, uma relação de confiança, segura e de companheirismo com um parceiro que é semelhante em termos de atitudes e valores. O objectivo é o da procura do compromisso a longo prazo e não do entusiasmo a curto prazo.
- Ludus – jogos de amor – este tipo de amor é conhecido como o amor sem compromisso. A pessoa não tem um tipo físico preferido de parceiro, gosta de ter vários parceiros, actividades e prazeres. Prefere divertir-se e que as coisas não se tornem demasiado sérias e não ter um envolvimento profundo.

Segundo Lee (1973) os estilos secundários são caracterizados pelas seguintes atitudes face ao amor:

- Mania – amor dependente – possessivo – é o tipo de amor que envolve alguém preocupado de forma obsessiva pelo parceiro,

é intensamente ciumento e possessivo e necessita de ser confortado acerca do facto de ser amado. É uma mistura de Eros e de Ludus. Este amante tenta forçar o compromisso, em vez de o deixar evoluir. Há desejo de estimulação física intensa, sem a confiança que se encontra no Eros. Esta pessoa não se encontra apaixonada pelo parceiro, mas sim apaixonada pelo amor.

- Pragma – amor lista de compra – é um tipo prático de amor em que a pessoa procura alguém compatível. É a combinação do Ludus e Storge. A pessoa procura um parceiro adaptado, com quem construir uma vida a dois satisfatória e compensadora. Esta pessoa sabe aquilo que quer numa relação e as qualidades que o outro deveria ter.
- Ágape – amor altruísta – é o tipo menos comum dos estilos de amor. A pessoa faz os seus julgamentos com a cabeça acima do coração e a vontade acima da emoção. É uma combinação de Eros e Storge. Esta pessoa está disposta a abdicar de tudo, a fim de tornar o seu parceiro feliz.

Lee (1973) identificou as três misturas terciárias: Eros Maníaco, Ludus Maníaco e Storge Maníaco. Os três tipos primários e três componentes secundários têm várias características. Podem ser resumidas, como segue, em termos de aspectos predominantes: Eros (atração física); Ludus (não compromisso); Storge (amizade); Mania (obsessão); Ágape (altruísmo) e Pragma (aspecto prático).

Lee (1988) propôs que as pessoas que adoptam o estilo Eros procuram uma relação íntima, aberta e honesta, enquanto os indivíduos com o estilo Ludus tendem a evitar a intimidade e iniciam jogos de amor enganadores.

Foram feitos outros estudos em que se testaram diferentes formas de agrupar os itens, deste modo, foram delineados quatro factores para as construções subjacentes ao amor através de uma análise de componentes da escala das atitudes em relação ao amor de Hendrick e Hendrick (1989 b):

- Factor A – envolve essencialmente itens de Pragma e Storge. Estes dois parecem estar ligados, pois ambos envolvem formas de compromisso e estabilidade. Hendrick e Hendrick (1989 a) também notaram uma relação positiva. Parece que um forte sentido de segurança dentro da relação co-varia com a amizade (Storge) e aspectos práticos (Pragma).

- Factor B – sugere que o Ludus está correlacionado negativamente com vários itens de Storge, Ágape e Ludus. Lee (1988) afirmou que o amante lúdico não tem um tipo ideal de parceiro em mente e recusa dedicar toda a sua vida ao desenvolvimento de uma parceria no amor. Uma pessoa pode amar várias pessoas de igual modo, ao mesmo tempo. Parece que os adolescentes envolvidos no tipo de amor Ludus não são confiantes, não conseguem fazer sacrifícios pelos seus parceiros e não suportam tudo pelo outro. Este tipo de amor não se desenvolve a partir de uma profunda amizade. Lee (1988) refere que os amantes lúdicos resolvem a sua vida normalmente após encontrarem um novo parceiro, não se sentem especialmente entusiasmados e não se apaixonam como os amantes de Ágape e Eros.
- Factor C – combina o estilo de amor Ágape e Mania numa única dimensão. Lee (1988) notou que o amante maníaco se preocupa excessivamente com a pessoa amada, é intensamente ciumento e possessivo, precisando de provas repetidas de que é amado. Tem sempre a necessidade de estar apaixonado. O amante Ágape considera um dever amar em qualquer momento. O amor é mais uma expressão de compromisso desejado do que uma emoção social. Ambos os estilos envolvem elementos obsessivos.
- Factor D – envolve itens de Mania e Eros. Estes dois tipos de amor envolvem um tipo imediato de atracção e intimidade e dificuldades de concentração, relaxação e alguns sintomas físicos de mal-estar e insatisfação com a vida. Este tipo de impulsividade leva a relações em que os parceiros são dependentes e suspeitam um do outro, como consequência exibem comportamentos de chamada de atenção para satisfazerem as suas necessidades. Este tipo de relação amorosa também não se baseia em amizades íntimas fortes. Três itens de Storge foram relacionados negativamente com as construções Mania e Eros saturando o factor. Lee (1988) mencionou que em vários casos, o amante maníaco nem gosta verdadeiramente do parceiro amoroso, nem o teria escolhido como um amigo permanente e íntimo.

3. AVALIAÇÃO DO AMOR

Uma das dificuldades potenciais na investigação científica acerca do amor é a diferença de pontos de vista acerca da maneira como deveria

ser conceptualizado e medido. Uma distinção importante que não tem sido sempre mantida é entre as atitudes de uma pessoa acerca do amor e a atitude amorosa perante uma pessoa em particular. Apesar destas duas atitudes poderem estar relacionadas, não são similares. Gross (1944) fez a primeira tentativa de medir as atitudes em relação ao amor. Pretendeu distinguir entre atitudes românticas e atitudes realistas perante o amor e desenvolveu a Escala do Romantismo; uma das primeiras escalas das atitudes em relação ao amor surgiu assim, há 60 anos (Gross, 1944). Desde então desenvolveram-se vários questionários sobre o amor (Hendrick e Hendrick, 1986; Prentice *et al.*, 1983; Rubin, 1973). Os especialistas afirmam que as crenças muito românticas tendem a reflectir níveis pouco realistas relativos às relações maritais. Um determinado grau de romantismo não é prejudicial e é mesmo necessário para manter as relações (Sharp e Ganong, 2000), pois ajudam os parceiros a não se focalizar nos aspectos negativos dos parceiros (Murray e Holmes, 1997). No entanto, deve-se ter cuidado, pois romantismo em excesso e crenças românticas extremas podem ter consequências negativas: decepção, conflito matrimonial e divórcio (Baucom e Epstein, 1990).

Outra escala que recebeu mais interesse (Knox e Sporkowski, 1968) continha 85 itens. Um resultado baixo em cada item era indicador de uma atitude romântica perante o amor, e resultados mais elevados reflectiam uma atitude realista ou conjugal perante o amor. Outro estudo (Munro e Adams, 1978) punha em causa se os resultados elevados na escala do romantismo indicavam uma atitude conjugal perante o amor, tendo chegado à conclusão da existência de três factores similares: Ideal Romântico, Amor Conjugal/Racional e Poder Romântico.

Nas últimas três décadas, a investigação sobre os conceitos do amor tem sido mais respeitada e surgiram modelos científicos (Hendrick-Hendrick, 1986, 1988, 1989a, 1989b 1990, 1992; Rubin, 1970; Shaver e Hazan, 1988; Sternberg, 1987; Tennov, 1979), tendo aparecido muitas definições, categorizações e medições, como:

- um instrumento de seis escalas que compara e constata o amor e a amizade (Davy e Latty-Mann, 1987);
- uma escala que se centra no amor paixão e que serve para examinar diferenças entre idades e culturas (Hatfield e Sprecher, 1986);
- um instrumento que ligou os estilos de intimidade e o amor (Shaver e Hazan, 1988);

- uma escala da teoria triangular do amor que mede a intimidade, a paixão e o compromisso (Hendrick e Hendrick, 1989).

Sternberg (1990) criou a Escala do Amor Triangular para medir a importância das componentes no âmbito das relações de intimidade no amor. A validade e fiabilidade desta escala já foram testadas (Hale e Lemieux, 1999). Ao combinar a escala da Intimidade Social de Miller (1990), a Escala do Amor Paixão de Hartfield (1986) e a Escala da Satisfação na Relação de Hendrick e Hendrick (1986) testaram estudantes universitários para ver se os três componentes de Sternberg (1990) estavam presentes nalgumas das relações.

Outra escala usada para identificar os conceitos de amor foi a Escala das Atitudes do Amor (Tzeng, 1993). Hendrick *et al.*, (1998) tentaram uma fórmula reduzida dessa escala e testaram a sua validade, com uma versão de 4 itens (a original tem 7). Testaram estudantes em grupo ao longo de três anos. Os resultados mostraram que a versão curta era mais válida e fiável.

Os fenómenos do amor estão integrados na experiência humana. Vários estudos foram feitos para avaliar a estrutura subjacente à medição de Hendrick e Hendrick. Os resultados apoiaram a tipologia de Lee (cf. Hendrick, *et al.*, 1998; Rotzien *et al.*, 1994; Thompson e Borrello, 1987), mas também sugerem que os factores podem estar correlacionados.

Tem-se examinado as propriedades psicométricas dos estilos de amor, incluindo estudos de fiabilidade e consistência (e.g., Hendrick e Hendrick, 1986), estudos analíticos de factores (e.g., Critelli, Myers e Loos, 1986; Hendrick e Hendrick, 1986) e estudos de validade convergente e discriminante (e.g., Hendrick e Hendrick, 1987; Woll, 1989).

Sprecher e Metts (1989) fizeram um estudo em que se dividiu os itens da Escala da Crença Romântica baseada na tipologia do amor romântico ideal. Esta tipologia consiste nas seguintes cinco crenças:

1. o amor à primeira vista ocorre;
2. só há uma pessoa que podemos amar;
3. o amor ultrapassa todos os obstáculos;
4. o nosso amado vai ser perfeito;
5. a nossa escolha de parceiro deveria basear-se no amor em vez de outras considerações.

Após análises estatísticas nesta escala ficaram quatro factores.

- O nosso amor encontrará o seu caminho (destino);
- Um e único (amor);
- Idealização (de um parceiro);
- Amor à primeira vista.

Os estudos que avaliam os efeitos positivos acerca do amor, assim como a satisfação na relação, ajudam a determinar se as mudanças numa variável estão associadas a mudanças noutra variável.

4. AMOR E AMIZADE NAS RELAÇÕES ROMÂNTICAS

«O amor e a amizade não são a mesma coisa, mas pressupõem-se, inter-relacionam-se, precisam um do outro e procuram-se mutuamente. O amor realiza-se na amizade e a amizade encarna-se amando os outros. Quando as pessoas sofrem de infelicidade, de insatisfação com a vida e de solidão, é por falta de amor e de amizade.»

Fromm, 2000, p. 115

«Amor está relacionado com a amizade, mas também parecem ser diferentes» (Neto, 2000, p. 235). Considerando que amor e amizade são atitudes, existem semelhanças conceptuais, tendo Rubin (1970, 1973) analisado as diferenças. Segundo este autor, o amor é identificado por três temas principais – a vinculação, a solicitude e a intimidade, surgindo o amor pelos amigos e o amor pelo parceiro romântico com diferentes níveis destes três temas.

Sprinthall e Collins (1999) referem que a amizade na adolescência corresponde ao respeito e à admiração pela pessoa e a semelhança em relação a si próprio(a) (tendo mais solicitude e menor vinculação).

4.1. Construção das relações românticas

As primeiras relações românticas são casuais, menos intensas e de curta duração (Feiring, 1996). Os jovens adolescentes centram-se mais em quem eles são, como são atraentes, o modo como deveriam interagir

com o sexo oposto e como esta interação é aceita pelos seus pares (Brown, 1999). Nestas circunstâncias, as relações românticas adolescentes vão das fantasias a relações de duração mais ou menos longa. Os adolescentes envolvem-se em interações com o sexo oposto ou em amizades (Anderson e Guerrero, 1998) mas não se sabe quando e como a amizade se transforma em relação romântica ou é assim considerada. LaVoie (1998, citado por Shulman e Kipnis, 2001, p. 337) descreveu uma evolução do estatuto de namoro, indo de amigos íntimos através dos encontros casuais, ao namoro exclusivo. Shulman e Scharf (2001) afirmaram que os adolescentes mais novos podem por vezes relatar estar envolvidos em relações românticas mas não fazem a diferenciação entre as amizades com o sexo oposto, o namoro casual muito breve e uma relação de compromisso corrente. Tais relações românticas podem não ter profundidade social e psicológica e ser difíceis de estudar e pouco claras em termos de unidade de análise, tratando-se de uma relação, uma cognição ou uma fantasia (Brown *et al.*, 1999).

Esta falta de interesse acerca deste assunto tem reflexos no desenvolvimento da conceptualização da experiência na relação romântica adolescente. Assim, certos estudos empregam conceitos considerados relevantes para o romance adolescente. Por exemplo, as relações românticas foram estudadas num enquadramento de rede de relações de intimidade com outros significativos como pais, amigos de mesmo sexo e irmãos (Blyth e Foster-Clark, 1987; Furman e Buhrmester, 1992; Lempers e Clark-Lempers, 1993; Connolly *et al.*, 1999). Nos vários estudos, os resultados revelaram que, com a idade, a importância das relações românticas como fonte de apoio e alvo de intimidade aumenta, através dos amigos, e os membros da família continuam a ser figuras importantes na vida dos adolescentes.

As relações românticas são muitas vezes caracterizadas por mudanças e desafios. Outro corpo de ensaios sobre relações românticas adoptou conceitos retirados de estudos acerca do amor adulto e conduziram-nos com amostras de estudantes universitários ou jovens adultos cujas relações românticas eram semelhantes às dos adultos. Avaliar as relações românticas dos adolescentes em termos de amor adulto mostra que a experiência do romance como uma relação fornecedora de cuidados/atenção *versus* mudanças e desafios, assim como o valor colocado na intimidade e vinculação, foram predominantes nas várias fases da adolescência. Descobriu-se que as relações românticas adolescentes são semelhantes às dos adultos (Levesque, 1993; Shulman e Seiffge-Krenke, 2001).

Furman e Wehner (1994) referem que nas relações românticas a longo prazo, existem quatro sistemas de comportamento com papel importante: vinculação de papéis, atenção manifestada em relação ao parceiro, sexualidade e afiliação. Na adolescência, os sistemas de afiliação e sexual são importantes nas relações românticas, enquanto que nas amizades, tanto com o mesmo sexo como com o sexo oposto, o sistema de afiliação é o central (Furman e Shaffer, 1999). A procura e fornecimento de apoio também ocorrem, mas os sistemas de vinculação e atenção dada, não são tão evidentes como salientes nas relações adultas subsequentes.

Numa relação romântica, os parceiros fazem a construção a dois do tecido dinâmico da sua relação e transformam padrões previamente adoptados de comportamento ao longo do tempo. Para Prager (1995) é pouco provável que um indivíduo possa realmente compreender o passado individual das relações e o passado da parceria a dois. Estudos longitudinais observam os efeitos da intimidade entre pares de amigos do mesmo sexo e de namorados para fornecer visões nos processos de intimidade em relações adolescente – adolescente, e avaliar as relações de intimidade.

Certos autores (Feiring, 1999 e Connolly *et al.*, 1999) dão ênfase ao papel da afiliação nas relações com pares de outro sexo na adolescência. Connolly e Sroufe (1999) mostram que a afiliação é o descritor chave tanto para as amizades com o sexo oposto como para as relações românticas, o que sugere que excepções a estas relações são função de experiências com pares do outro sexo e não um tipo de relação de intimidade.

Feiring (1999) demonstrou que as redes de amizades com o sexo oposto dão oportunidade aos adolescentes de desenvolverem capacidades de afiliação com pares do sexo oposto. Estas capacidades vão facilitar as relações de intimidade e apoio nas relações românticas, proporcionando a felicidade. Os processos de afiliação são centrais nestas relações de intimidade e as experiências nas relações de pares, assim como as relações de intimidade entre pais e filhos, podem moldar o curso da satisfação com a vida nas relações românticas (Furman e Shaffer, 1999).

Contudo, o sistema de afiliação não é o único no primeiro plano das relações de intimidade na adolescência com os pares do sexo oposto. O sistema de valores sexuais tem também um papel importante nessas relações. O interesse pelo sexo oposto aumenta com a puberdade. Os jovens encaram desafios em lidar com sentimentos sexuais e na aprendizagem de ordená-los de forma apropriada.

Quando o(a) adolescente vê o(a) namorado(a) em função dos próprios pontos de vista positivos existem mais estratégias activas e integrativas de lidar com as situações, menos estratégias de recusa ou de evitar, diminuição das emoções negativas e mais comportamentos interactivos positivos ao discutir percepções de relação contrárias com o parceiro (Knee, 1998).

No que diz respeito à tendência egocêntrica para esperar que potenciais parceiros sejam como o próprio indivíduo, muitos afirmam que há uma tendência para a projecção do eu para o outro ideal (Murray, Holmes e Griffin, 1996), que é mais forte quando se é envolvido pelo ego. Os adolescentes tendem a ver o seu parceiro ideal em função da sua auto-imagem, especialmente quando se é envolvido pelo ego ou com valores mais elevados de orientação controlada.

Esta projecção do eu para o outro ideal é fraca quando o indivíduo está motivado para o crescimento ou valores mais elevados na orientação autónoma. Os adolescentes tendem a considerar as diferenças como desafios e possibilidades de melhoramento. Esta orientação pode reflectir uma abertura para as diferenças e um abraçar relativo das qualidades que de outra maneira seriam ameaçadoras e não atractivas (Rubin, 1985). Ao examinar as estratégias para lidar com as situações, este tipo de orientação está ligado a tentativas activas de lidar e compreender desacordos com o parceiro, incluindo um lidar mais activo, planeamento, eliminação de actividades concorrentes e mais expressão, concerto e compreensão da emoção.

Vários pressupostos estão subjacentes à intimidade nas relações:

1. o relacionamento interpessoal nas sucessivas fases da vida baseia-se nas experiências relacionais anteriores;
2. as relações de intimidade são padrões e qualidades das interacções a dois que duram com o tempo (Hinde e Stevenson-Hinde, 1987; Sroufe e Fleeson, 1986);
3. os indivíduos e a relação de intimidade são ambos o produto e o arquitecto da relação em que participam (Sroufe, 1989, Sroufe e Fleeson, 1986);
4. as relações de intimidade são essenciais à competência, definida como «a capacidade de fazer uso efectivo dos recursos pessoais e ambientais para alcançar um bom resultado de desenvolvimento» (Waters e Sroufe, 1983, p. 81).

Uma questão importante subjacente às relações românticas saudáveis durante a adolescência é a capacidade para a intimidade, que é similar à questão de formar relações mútuas próximas. Com o passar do tempo, as amizades satisfatórias, e eventualmente as relações românticas, envolvem não apenas comportamentos de auto-revelação mútua, como também experiências de o indivíduo ser compreendido, validado e de que os outros gostem dele (Reis e Shaver, 1988).

Collins *et al.*, (1997) referem que as diferenças entre os comportamentos dos adolescentes nas relações românticas baseiam-se tanto nas experiências em relações anteriores, como nas actuais que fomentam o desenvolvimento da capacidade para a intimidade.

Connolly *et al.*, (1999) descrevem quatro fases numa relação romântica adolescente, que integram mudanças no contexto de pares e na qualidade das relações românticas ao longo do tempo. 1 – *Fase Inicial da Enfatução*: os aspectos mais importantes são a atracção física e a paixão. A atracção é direccionada a uma pessoa em especial sem ser acompanhada de nenhuma interacção. No máximo, poderá haver telefonemas ou encontros ocasionais. 2 – *Relações românticas de afiliação*: rapazes e raparigas encontram-se dentro de um grupo misto em que números desiguais de rapazes e raparigas encontram-se em grupo. A interacção tem algo romântico mas não se estabelece uma relação a dois. 3 – *Relações românticas íntimas*: a interacção transforma-se com a constituição de um casal. Os adolescentes dão mais importância à intimidade com o parceiro romântico e diminui o papel regulador e estruturante do grupo de pares. 4 – *Relações românticas de compromisso*: ocorre na fase final da adolescência em que as relações são de longa duração, combinando a atracção, a intimidade e mostram semelhanças com as relações conjugais.

Para Seiffge-Krenke *et al.*, (2001) estudaram os elos entre as amizades íntimas e as relações românticas numa amostra de adolescentes e referem que o nível de intimidade sentida nas relações românticas é transferido para o nível de intimidade com amigos íntimos, sugerindo duas hipóteses de explicação: 1 – os amigos íntimos podem substituir uma relação romântica; 2 – o alto nível de intimidade nas relações românticas pode estabelecer posteriormente um padrão para a qualidade das amizades íntimas. O impacto potencial das relações românticas nas amizades íntimas é uma perspectiva pouco considerada até agora.

Os adolescentes diferem relativamente aos objectivos nas relações românticas; alguns centram-se no alcance e manutenção de intimidade,

proximidade e confiança, outros no estabelecimento de identidade. As relações românticas também se caracterizam por particularidades únicas, como a paixão (Hatfield e Rapson, 1993).

Uma das mudanças de desenvolvimento mais importantes na adolescência é o surgimento de novos padrões de amizades e, especificamente, o começo de relações românticas. Os adolescentes passam mais tempo afastados da família, desenvolvem relações íntimas com pares do mesmo sexo e começam a namorar (Furman e Shaffer, 1999). O namoro e as relações heterossexuais, são tarefas típicas da idade para os adolescentes, no entanto nem todos os adolescentes conseguem lidar facilmente com estas tarefas (Shulman e Kipnis, 2001).

Várias abordagens teóricas sugerem que as relações com os amigos e namorados estão interligadas e influenciam-se reciprocamente. A adolescência está marcada por duas etapas de vida importantes (Erikson, 1963): a separação da família e o estabelecimento de relações heterossexuais. A formação de relações próximas, íntimas com membros do mesmo sexo pode representar o elo que falta e que faz a ligação entre estas etapas de desenvolvimento divergentes. A teoria da vinculação romântica adulta propõe um processo gradual, no qual as funções de vinculação são transferidas dos pais para os pares, focalizando-se finalmente no parceiro romântico (Hazan e Shaver, 1994).

A teoria das relações românticas dá ênfase à natureza igualitária destas relações por causa do seu desenvolvimento no âmbito do contexto do grupo de pares. Refere também que as relações românticas na adolescência não podem ser desligadas das relações com os amigos íntimos.

Um aspecto essencial das amizades íntimas e das relações românticas é a intimidade, que está associada à revelação de pensamentos e sentimentos pessoais e à compreensão mútua (Buhrmester e Furman, 1986), mas que pode também incluir a proximidade, a confiança e o apoio emocional. A intimidade e a sensibilidade sentidas pelos adolescentes com os seus amigos do mesmo sexo fornecem a base de desenvolvimento para a intimidade nas relações românticas (Sullivan, 1953).

Descobriu-se uma correlação entre os níveis de intimidade com os amigos do mesmo sexo e pares de sexo oposto em relatórios de estudantes universitários (Adams e Blieszner, 1994; Miller, Notaro e Zimmerman, 2002). Outros estudos sobre adolescentes mostraram que a intimidade é maior nas amizades com o mesmo sexo do que nas amizades com o sexo oposto (Buhrmester e Furman, 1987; Sharabany, Gershoni e

Hofman, 1981) e que as raparigas experimentam maior intimidade com as amigas íntimas mais cedo do que os rapazes (Berndt, Hawkins e Hoyle, 1986) e tendem também a focalizar-se mais na intimidade nas amigas íntimas (Camarena, Sarigiani e Petersen, 1990) e nas relações românticas (Miller *et al.*, 2002).

4.2. Intimidade no amor – Processo e teorias

A construção da intimidade no amor apesar de ser parecida com outras construções como a amizade, a paixão, o poder, os limites, a autonomia, a proximidade e o compromisso, também pode ser diferenciada. É importante a existência de um contexto para pensar a intimidade, de modo a estabelecer fronteiras conceptuais relativamente à intimidade.

Um par amoroso pode caracterizar-se pela imaturidade da sua relação apesar da sua capacidade de se relacionar de forma madura. Beavers (1985) fez esta distinção ao especificar que os indivíduos têm igual poder público ou se diferenciam emocionalmente das outras pessoas. A intimidade desenvolve-se com a autonomia própria da pessoa e esta aumenta em função da intimidade (Blieszner e Adams, 1992).

A intimidade no amor é um processo de desenvolvimento e tem três elementos. O elemento comportamental, que é a capacidade de se preocupar pelo outro e aceitar a preocupação do outro em relação a si mesmo; o elemento cognitivo, que é a capacidade de ver coisas boas no outro e a capacidade de perdoar; o elemento emocional, que é a intimidade e que consiste na capacidade de ser dependente do outro e a capacidade de exprimir, compreender e resolver conflitos e hostilidade que possam ocorrer na relação íntima: a intimidade é um elemento do amor. A intimidade no amor envolve a amizade, a auto-revelação, a preocupação pelo outro e a apreciação do que é único no outro (Berman, 1988).

Envolve a negociação das distâncias emocionais e físicas entre parceiros a fim de equilibrar a necessidade de autonomia e de pertença. Os limites têm a ver com o ser membro (quem está envolvido e o nível atingido no sistema de casais e o grau em que se é intruso ou aceite na relação) e com a estrutura (o ponto até ao qual os parceiros pertencem ao subsistema do casal). O poder envolve responsabilidade, disciplina, controlo, negociação de papéis e tomada de decisões. As relações de intimidade no amor envolvem esforços pessoais, públicos e comportamentais de modo a influenciar o comportamento e as atitudes face ao amor

do outro. O funcionamento e auto-diferenciação no casal só resultam quando as questões de limites e poder são bem resolvidas. Assim os parceiros podem ter uma relação íntima saudável (Sperry, 1998).

Investigação empírica recente sublinha a importância de interpretar os desafios da relação como potenciais para o crescimento da intimidade numa relação íntima saudável (Knee, Patrick, Nanayakkara e Neighbors, 2002). Já foram também demonstrados os benefícios em considerar os desafios como oportunidades para o melhoramento das relações de intimidade. Uma variedade de teorias considera as relações românticas através da perspectiva do crescimento da intimidade (Knee, 1998; Aron e Aron, 1986 e Knee *et al.* 2001).

A teoria da auto-expansão (Aron e Aron, 1986) propõe que as pessoas estão motivadas para expandir e desenvolver os seus recursos, perspectivas e características ao incluir a outra pessoa dentro do eu da sua intimidade. Nesta perspectiva, o crescimento da intimidade é definido como uma elaboração do eu, à medida que os parceiros se tornam mais íntimos.

Outra abordagem centra-se em teorias implícitas acerca das relações e as consequências de se acreditar no crescimento da intimidade e seu melhoramento (Knee, 1998). Quando os indivíduos acreditam que as relações de intimidade se caracterizam pelo crescimento, tendem mais a adoptar estratégias mais abertas e activas na maneira de lidar com as situações e aceitam mais as qualidades que são mais afastadas das do seu parceiro ideal (Knee *et al.* 2002).

A teoria da autodeterminação (Deci e Ryan, 1991) mostrou que interpretar acontecimentos potencialmente ameaçadores que provocam pressão, como os desafios, traz benefícios para uma variedade de campos. Uma orientação para o crescimento da intimidade e domínio pode influenciar de forma positiva o desempenho académico (Koestner e Zuckerman, 1994) e a saúde mental (Williams, Grow, Freedman, Ryan e Deci, 1996). Apesar da teoria da autodeterminação ser alvo de atenção em vários domínios, a sua relevância para as relações de intimidade na amizade com o amigo do mesmo sexo e as relações românticas em particular, são um domínio a explorar (Blais *et al.*, 1990).

A autodeterminação pode manifestar-se como motivação para o crescimento da intimidade e assim pode ser um elemento importante na adaptação, persistência e abertura às mudanças e desafios da vida romântica quotidiana (Knee *et al.* 2002).

A teoria da autodeterminação (Deci e Ryan, 1991) descreve a motivação ao longo de uma continuidade, indo de comportamentos que têm origem na própria pessoa, de livre escolha e de forma aberta (comportamentos autônomos), a comportamentos que são impostos por outros ou motivados por pressões e expectativas relativas ao desempenho (comportamentos controlados).

Os comportamentos autônomos tendem a reflectir a motivação para o crescimento da intimidade na abertura ao amigo/namorado(a) e o desejo de melhorar e dominar, enquanto que os comportamentos controlados tendem a reflectir as motivações do self visto considerarem o amigo/namorado(a) ameaçador, defendendo o self e sendo desonesto consigo próprio e com os outros (Knee *et al.* 2002).

Bader e Pearson (1998) definiram fases de desenvolvimento diferentes e previsíveis que são essenciais: prática, simbiose e diferenciação. Passando por essas fases, os parceiros desenvolvem capacidades individuais diferentes que lhes permitem manter a relação íntima, viva e vital. A transição mais difícil é entre a simbiose para a diferenciação. A simbiose é mantida pela cultura e pelas crenças individuais. A capacidade de manter a intimidade exige capacidades de gerir as diferenças e usar o desconforto da ansiedade para o crescimento emocional. A diferenciação é um processo activo da definição do eu, activando o eu, estabelecendo e mantendo as fronteiras pessoais e gerindo a ansiedade que vem do risco da perda, ou seja da separação, e maior intimidade. Quanto mais se consegue gerir a ansiedade, que vem do risco da separação, mais diferenciada a pessoa se torna. A diferenciação não é autonomia ou individualização, que ocorrem na fase da prática.

Numa abordagem psico-educacional integrada, as mudanças rápidas a nível socioeconómico, tecnológico e cultural nas últimas décadas fizeram com que as pessoas baseassem mais as suas relações em sentimentos de amor e de intimidade e menos nas necessidades da vida. A intimidade tem um grande impacte na saúde e vida do adolescente (Kiecolt-Glaser e Glaser, 1991; Lowenthal e Haven, 1968; Waring, McElrath, Mitchell e Derry, 1981, citados por Durana, 1998, p. 341).

Considera-se assim, pertinente analisar especificamente o amor na adolescência.

5. AMOR NA ADOLESCÊNCIA

«Se eu amar realmente uma pessoa, amarei o mundo, amarei a vida. Se sou capaz de dizer a alguém “amo-te”, devo ser capaz de dizer “amo tudo em ti, amo o mundo em ti, amo-me a mim mesmo através de ti” .»

Fromm, 2000, p. 95

As relações de amor na adolescência podem variar na sua intensidade (ténue-extrema) e na qualidade (agradável-dolorosa). Do mesmo modo como as relações íntimas diferem, também as perspectivas com que são abordadas diferem. Considerou-se importante falar do amor na adolescência, focando-se os aspectos dos comportamentos associados aos interesses românticos, o que faz com que o adolescente sinta necessidade de estabelecer relações íntimas com outros adolescentes. Será analisada a existência de diferenças de género e de cultura no amor.

5.1. Experiências românticas

Os comportamentos associados aos interesses românticos (como o namoro e a actividade sexual) aumentam durante a adolescência. As experiências românticas dos adolescentes representam uma fase de progresso significativo nas relações de intimidade. As amizades na adolescência contribuem para o funcionamento das relações românticas dos adolescentes (Collins *et al.*, 1997).

Há três fases biológicas na relação de amor: a atracção, a enfatuação e a vinculação. A atracção tem várias componentes: física, psicológica e sociológica. As pessoas são atraídas a outras que são parecidas a elas, de várias maneiras e também a pessoas diferentes. Através da diferença ou diversidade aprendem e crescem. Psicologicamente as pessoas são atraídas pelo amor «familiar» (atraídas pelas atitudes que já conhecem), que tem uma resposta hormonal e emocional. O amor «familiar» atrai mas o seu oposto também. A complementaridade tem o seu papel na atracção (Hendrick *et al.*, 1988).

A fase da enfatuação é aquilo a que muitas vezes se chama na cultura ocidental, amor. A natureza trata de nos juntar de forma sensual, sexual e emocional para fins de procriação. Esta fase é um estado alterado da consciência. Os adolescentes fazem e dizem coisas que normalmente não fariam nem diriam.

Os adolescentes que crescem com uma vinculação segura a um dos pais passam naturalmente da fase da enfatuação para a fase da vinculação. A vinculação e a conexão chegam de forma natural. Podem mostrar e receber amor, tocar e serem tocados. Mas há aqueles que não experimentaram uma vinculação segura quando eram mais jovens. Muitas vezes, quando chegam a esta fase, estagnam e sentem-se perdidos.

A teoria da vinculação (Bowlby, 1969) diz que a vinculação é um motivador humano. A nossa cultura dá a ideia de que precisar de outra pessoa é um aspecto de fraqueza e dependência. A filosofia da teoria da vinculação contradiz esta ideia. A figura da vinculação está directamente ligada à segurança de uma pessoa. A relação de vinculação satisfaz várias necessidades, diferentes daquelas satisfeitas através da afiliação ou da amizade. Ambos os tipos de relações são necessários e importantes para o bem-estar. A figura da vinculação não tem substituto, é a pessoa a quem se recorre em momentos de stresse. Esta pessoa previne sentimentos de solidão e fornece um sentido de segurança. Quando alguém não está ligada física ou psicologicamente a uma figura de vinculação desenvolve solidão, desespero e isola-se (Karen, 1994).

À medida que as pessoas ficam mais velhas fazem uma transição gradual dessa base segura com os pais, para o amigo(a) e depois para o parceiro amoroso. O adulto com vinculação segura dá e recebe amor, conforto e afecto. A intimidade emocional chega naturalmente. O adulto com o estilo de vinculação ansioso/ambivalente apaixona-se facilmente e as suas relações tendem a ser intensas e caóticas. Estas pessoas investem demasiado no seu parceiro. O adulto, com o estilo que evita, tem medo de proximidade, intimidade e compromisso. Nega os seus sentimentos e necessidades. São independentes e preferem estar sós. Podem ser hostis e hiper-sensíveis à rejeição. Por detrás deste muro de protecção há sentimentos de solidão e de isolamento. É difícil aproximar-se dessa pessoa (Karen, 1994).

A chave para criar intimidade e paixão é a aproximação ao parceiro, mas é importante dar ao parceiro aquilo que ele pretende e necessita. Dar, deste modo, só pode vir de um estado de plenitude. Quando a pessoa se sente amada por outra, o que sobressai é a expressão altruísta de dar.

No entanto, quando uma pessoa desejou durante muito tempo algo como o amor, toque, atenção e consegue-o finalmente, pode fazer surgir sentimentos de ansiedade e medo. A intimidade não é apenas um prelúdio à paixão, mas a sua pré-condição. Sem a intimidade não há paixão. É importante partilhar o nosso mundo interior com o parceiro. Conhecer

e ser conhecido pelo parceiro dá uma sensação de estar vivo, de energia, que são ingredientes base para a paixão.

5.2. O efeito da idade no amor

Uma área de investigação pertinente é o efeito da idade nas relações amorosas. Com a idade, os adolescentes passam mais tempo com pessoas da sua idade e menos tempo com a família (Larson, 1990), no entanto, os pais continuam a ser a relação de maior influência (Berndt e Keefe, 1995). De modo geral, o nível de intimidade com o sexo oposto no início da adolescência é considerado mais baixo do que o nível de intimidade entre os pares de mesmo sexo (Seiffge-Krenke, 2002).

Noutros estudos (Sharabany *et al.*, 1981) demonstrou-se que a partir do 7.º ano de escolaridade os níveis de intimidade nas relações a dois com o sexo oposto aumentam rapidamente. Outros investigadores notaram que a intimidade nas relações românticas aumenta com a idade, mas que o início das relações com o sexo oposto pode ter efeitos negativos nas amizades íntimas com pares do mesmo sexo (Conolly *et al.*, 1999). O declínio temporário entre o 5.º e o 7.º ano nos resultados da intimidade para as amizades do mesmo sexo descoberto em vários estudos pode dever-se à interferência de relações com parceiros românticos. Este efeito negativo nas amizades pode reflectir a substituição da intimidade com um parceiro romântico pela intimidade experimentada anteriormente com um amigo, assim como oportunidades reduzidas para passar tempo na companhia um do outro.

A compreensão da transição das amizades para as relações românticas é incompleta. Para as raparigas, a amizade íntima dá apoio e assistência na transição para o amor. Seiffge-Krenke *et al.*, (2001) referem que a partir dos 16 anos, as amigas passam muito tempo juntas a fantasiar acerca dos rapazes, agindo na aproximação aos parceiros românticos e modelando o comportamento de ambos com respeito à intimidade. Isto sugere que nas amizades íntimas com o mesmo sexo, os adolescentes desenvolvem a habilidade de ser íntimo de um modo recíproco e mútuo.

Por um lado, pode-se discutir (Sullivan, 1953, Furman e Wehner, 1994) que o sentido da intimidade sentida com um(a) amigo(a) íntimo(a) de sexo igual é transferida para um modelo, ou serve de modelo, para a intimidade com um parceiro romântico. Seiffge-Krenke *et al.*, (2001) referem que o companheirismo e a quantidade de tempo passado com os amigos do mesmo sexo diminui no fim da adolescência, enquanto que o tempo

passado com o parceiro romântico aumenta na idade adulta (Clark e Ayres, 1993). Assim, a ideia alternativa é que o envolvimento com os amigos do mesmo sexo pode fazer baixar o nível de envolvimento com um parceiro romântico. As transações correntes entre as relações românticas e as amizades concorrentes são similares, indo as linhas de influência nos dois sentidos. As amizades podem influenciar a intimidade nas relações românticas e vice-versa (Sharabany e Wiseman, 1993).

O namoro e o estabelecimento de relações românticas representam uma transição para a idade adulta e, para muitos adolescentes, são manifestações do estado adulto. As primeiras experiências de relações românticas podem influenciar o comportamento futuro dos adolescentes, como a escolha de um parceiro (Lempers e Clark-Lempers, 1993). Por esta razão, é um passo de desenvolvimento de grande importância na maturidade do adolescente e que pode não ser fácil de alcançar para alguns adolescentes, cujo estado de atitude em relação à vida não é de felicidade, como estado emocional positivo (Argyle *et al.*, 1989).

Independentemente da idade, os adolescentes consideram a influência das relações românticas maior do que a dos amigos e igual à dos pais. Assim, o efeito da idade no amor pode igualmente ser definido em termos de reciprocidade e imposição (L'Abate e Talmadegé, 1987). As relações recíprocas e horizontais são afiliações igualitárias, marcadas pela mutualidade e trocas equitativas. A imposição nas relações verticais caracterizam-se pelo poder unilateral e falta de mutualidade e ausência de igualdade. A percepção da reciprocidade na relação e a imposição variam conforme a idade. Na adolescência a imposição diminui e aumenta e reciprocidade nas relações com os pais e com os amigos, mas independentemente da idade, os pais têm mais autoridade do que os amigos; as amizades contêm mais reciprocidade dos que as relações com os pais (Hualde, 1989). Outro estudo acerca da idade nas relações românticas, os resultados sugerem pouca diferença durante a adolescência nas percepções do poder relativo; os adolescentes, de todas as idades, classificam as relações românticas mais similares às amizades do que às relações com os pais, em termos de imposição percebida (Furman e Buhrmester, 1985, 1992).

O desenvolvimento das relações românticas é uma etapa importante do desenvolvimento. Durante a adolescência, a proximidade muda das relações com os pais para as amizades e para as relações românticas (Bukowski e Sippola, 1999). As mudanças na proximidade em geral podem dissimular alterações nas características específicas da proximidade. Os relatos dos adolescentes acerca da proximidade tendem a

antecipar o desenvolvimento posterior de aspectos específicos da proximidade. Mudanças na proximidade transformam gradualmente as relações românticas nascentes em relações do tipo adultas, seguindo uma mudança paralela de desenvolvimento na orientação das trocas sociais dos objectivos centrados no eu, para objectivos centrados na relação (Prentice *et al.*, 1994).

Outras mudanças de desenvolvimento marcam as relações românticas durante a adolescência. Os adolescentes mais velhos, comparados com os mais novos, estão mais aptos a considerar as relações românticas como comunais do que como relações de trocas. Nas relações comunais os adolescentes tentam satisfazer as necessidades do parceiro. Nas relações de trocas, os adolescentes tentam equilibrar os custos e benefícios da relação. As relações românticas como as amizades, são um tipo especial de relações comunais que ocorrem num campo aberto, em que os adolescentes são livres de interromper a relação a qualquer momento. Ao contrário das amizades, as relações românticas são transformadas gradualmente por crescentes votos públicos de compromisso, criando condições semelhantes a um campo fechado (Sharabany *et al.*, 1981).

Existem diferenças de idade nas características da intimidade nas relações românticas adolescentes (Adams *et al.*, 2001). Os adolescentes do início, meio e final da adolescência descrevem as suas relações românticas em termos de várias características de intimidade: interdependência, frequência das interacções sociais, diversidade das actividades sociais, força da influência e duração da relação, assim como a reciprocidade e a satisfação com a vida.

A idade é associada de forma positiva à interdependência, à interacção social diária, à diversidade das actividades semanais e à reciprocidade, mas não à influência, imposição e duração da relação de intimidade. Com o aumento da autonomia, os adolescentes aumentam as interconexões nas relações românticas. Independentemente da idade, a imposição e a reciprocidade são indicadores directos da influência da relação de intimidade e a imposição modera associações entre reciprocidade e interdependência, interacção social diária e diversidade das actividades semanais. Estas descobertas sugerem pelo menos três tipos distintos de relações: uma relação com proximidade moderada em que a imposição prevalece e a reciprocidade não é importante; uma relação com elevada intimidade em que a imposição é baixa e a reciprocidade elevada e uma relação com pouca intimidade em que há pouca imposição e pouca reciprocidade (Adams *et al.*, 2001).

Os adolescentes mais velhos apresentam mais interdependência, interacção social diária, diversidade de actividades e reciprocidade do que os mais novos. Estas mudanças estão de acordo com outros estudos (Williams *et al.*, 1996) e fornecem esclarecimentos acerca da transformação das relações românticas a partir das afiliações que se assemelham às amizades adolescentes, para afiliações que se assemelham às relações heterossexuais adultas. Os adolescentes consideram as relações românticas como sendo uma das mais influentes e significativas, baseadas na partilha de poderes. Visto isto não variar com a idade, pode ser considerado como pré-condição para o estabelecimento de uma relação romântica durante a adolescência. As relações com altos níveis de reciprocidade são mais influentes e interdependentes do que as de menores níveis de reciprocidade (Adams *et al.*, 2001).

5.3. Diferenças de género e cultura no amor

Medora, Larson, Hortacsu e Dave (2002) referem que as atitudes em relação ao amor em diferentes culturas e as características amorosas e apaixonadas em relação ao amor têm sido definidas como «uma disposição geral de um indivíduo em relação ao amor, casamento, família e relações envolvendo interacções de intimidade entre homem e mulher, em que a componente afectiva é vista como primária e outras considerações são excluídas da reflexão consciente» (Spanier, 1972, pp. 481 e 482).

Na maioria das sociedades, são os homens que iniciam o processo da selecção de parceiras. Estas estão numa posição subordinada, sendo portanto menos românticas e mais racionais, práticas e objectivas acerca da pessoa por quem se apaixonam. Um aumento do nível de formação das mulheres leva a uma menor dependência dos homens (Dion e Dion, 1996) e outros estudos anteriores (Patterson e McCubbin, 1987; Simmons, Wehner e Kay, 1989), não encontraram diferenças entre géneros.

Segundo alguns estudos interculturais, o fosso entre géneros tem diminuído. As mulheres aparecem mais românticas do que a amostra masculina, com sentimentos de satisfação com a vida, mais seguras, liberadas, competentes e confiantes na perseguição dos seus sonhos, aspirações e parceiros da sua escolha. Assumem também papéis que eram exclusivos do homem, por exemplo, convidá-los para um encontro ou fazer propostas de casamento. As mulheres são mais orientadas para a carreira e interessadas em actividades de auto-realização. Crenças

actuais acerca do amor dão ênfase ao individualismo, auto-realização e independência (Medora, 2002).

Valorizam mais o casamento e estão mais inclinadas para ele (Hendrick e Hendrick, 1992). As mulheres casam também mais cedo do que os homens (Sternberg e Hojjatt, 1997). O romantismo é mais elevado quando se é mais jovem (Sharp e Ganong, 2000). As mulheres dão mais importância ao casamento do que os homens (Glenn, 1991) e interessam-se mais e investem mais nas relações íntimas (Sharp e Ganong, 2000). As atitudes culturais em relação ao amor e as crenças influenciam as qualidades ideais que os jovens desejam num potencial parceiro. Isto sugere que valorizam e desejam mais qualidades românticas no parceiro potencial. Os adolescentes de pertença cultural africana valorizam primordialmente: ter a mesma ideologia política, ser formado e ter um bom trabalho. Identificam qualidades mais práticas e menos românticas (Berry *et al.*, 1989).

Na cultura ocidental pode-se demonstrar e aceitar essencialmente o afecto que é considerado muito importante para as relações íntimas positivas e fortes (Hendrick e Hendrick, 1989). Ter um bom trabalho e boa formação é mais valorizado na sociedade indiana. Estas qualidades são sociais e são mais importantes para os indivíduos envolvidos em casamentos arranjados (Dion e Dion, 1996). Outra explicação pode ser a competição para encontrar trabalho actualmente, o que torna estas qualidades relevantes, necessárias e desejáveis para uma vida conjugal confortável.

Prentice *et al.* (1997) argumentam que as diferenças de género e cultura no amor são mais fortes quando ambos os sexos descrevem temas, como a revelação de sentimentos, o apreço e o afecto relativamente ao parceiro íntimo. Ambos valorizam as capacidades viradas para o afecto, mais dos que as instrumentais. Verificou-se que, ao descreverem as relações com um parceiro romântico íntimo, as raparigas e os rapazes registaram níveis similares de auto-revelação e expressão das emoções (Shulman e Seiffge-Krenke, 2001).

Estudos interculturais indicam que podem existir diferenças culturais nas crenças românticas. Verificou-se também que as sociedades individualistas dão mais importância ao amor como base do casamento do que as culturas colectivistas, e que uma menor importância dada ao amor encontrava-se nas culturas orientais menos desenvolvidas como na China e na Índia (Levine *et al.*, 1995). Embora as crenças acerca do amor aprovadas culturalmente influenciem as expectativas, as expe-

riências, as atitudes e os comportamentos dos jovens adultos, existem poucas publicações acerca do assunto nas sociedades não ocidentais. Os jovens adultos japoneses e coreanos são menos românticos que os americanos (Brown, 1989; Simmons *et al.*, 1989).

Existe uma teoria (Goode, 1959) que revela que o amor é muito valorizado nas culturas mais industrializadas e menos tradicionais (EUA e Europa) em que as famílias nucleares são a fonte primária dos laços adultos. O amor é funcional nestas culturas porque resulta no desenvolvimento de padrões e comportamentos que servem para atrair e manter juntos os casais de passados diferentes.

Nas culturas mais tradicionais e menos industrializadas (Japão, China, Índia) as relações de amor romântico são consideradas irrelevantes para o casamento, podem interferir e romper os casamentos arranjados e aprovados pelas famílias. A industrialização e a urbanização estão também associadas ao aumento dos valores individualistas que enfatizam as necessidades do indivíduo em detrimento da lealdade ao grupo (Triandis *et al.*, 1988).

Os estudos demonstraram que as atitudes em relação ao amor estão associadas a famílias nucleares, em oposição às famílias mais alargadas e com a liberdade de escolha na selecção do cônjuge, que por sua vez está associada com maior idealização do parceiro, mais afecto pelo parceiro, mais importância dada ao sexo, mais namoro, razões menos práticas na selecção (Lee e Stone, 1980). A crença no amor romântico e os critérios para a selecção do parceiro parecem associados, no entanto, as crenças românticas parecem mais generalizadas do que as preferências pelas qualidades dos parceiros potenciais, sendo estas mais sensíveis ao contexto cultural e necessidades individuais (Meteora *et al.*, 2002).

Nas culturas colectivistas ou de interdependência (Ganong *et al.*, 1996), as relações de amor podem também ser importantes mas inter-relacionadas com factores de família de origem. A cultura ocidental é individualista. A família e a sociedade existem para maximizar o indivíduo. Esta cultura é sexualmente liberal e permissiva. Apaixonar-se e seleccionar o parceiro potencial é uma tarefa de desenvolvimento e uma norma para a maioria dos adolescentes mais velhos e jovens adultos. Os tópicos acerca do amor, a selecção de parceiros, o namoro e as atitudes em relação ao amor são debatidos abertamente. Esta cultura aprova e promove o amor romântico. O romantismo é realçado pela influência dos mass media. Acredita-se que existe um parceiro perfeito para cada

pessoa, que se reconhecem imediatamente e esperam viver juntos num casamento feliz para o resto das suas vidas (Sastry, 1999).

Na Índia, a maioria dos jovens adultos vivem numa sociedade sexualmente conservadora e repressiva. A interdependência é encorajada, a auto-identidade e expressão são inibidos e recompensa-se uma orientação conservadora e submissa (Sandercock, 1998). A família preferida é a alargada que ainda domina na Índia (Lee e Stone, 1980). Realça-se a identidade e a coesão de grupo. A integridade de grupo reforça a estabilidade familiar à custa da autonomia individual (Triandis *et al.*, 1988). Os jovens devem ser submissos, passivos e cooperantes. A castidade é importante. A vida familiar caracteriza-se pela proximidade, mutualidade de interesses, grupos de controlo fortes e assistência mútua. Desencorajam-se os casamentos de amor pois acredita-se que interferem com a proximidade e obrigações familiares. A maioria dos casamentos são arrançados pelas famílias dos adolescentes e reflectem considerações económicas, religiosas, políticas e sociais. Esta sociedade considera o amor romântico ridículo, desnecessário e perigoso (Triandis, 1996).

A África lusófona é uma sociedade de transição. Os casamentos tradicionais arrançados vão dando lugar à versão moderna em que o jovem casal é apresentado um ao outro pelas famílias. Os jovens saem algumas vezes juntos e são relativamente livres de tomarem as suas próprias decisões. Os casamentos de tipo ocidental são cada vez mais frequentes especialmente entre jovens e com mais formação (Medora *et al.*, 2002).

No Ocidente, o individualismo está correlacionado com iniciativa e autonomia pessoais, autoconfiança e liberdade. Nas sociedades mais tradicionais, o colectivismo está associado à integridade e unidade familiares (Triandis *et al.*, 1988 e Triandis, 1996). Medora *et al.*, (2002) referem que «o individualismo é a subordinação dos objectivos da colectividade aos objectivos individuais, e um sentido de independência e falta de preocupação pelos outros». Colectivismo é «um sentido de harmonia, interdependência e preocupação pelos outros».

Tanto o individualismo como o colectivismo são dimensões culturais que contribuem para a compreensão das atitudes em relação ao amor e à selecção de parceiros (Dion e Dion, 1996). Foram identificados três grupos de valores individualistas que influenciam os critérios da selecção de parceiros (auto-direcção, realização e satisfação individual) e três grupos de valores colectivistas (valores pró sociais, conformidade e segurança). As diferenças entre as duas culturas influenciam as atitudes dos jovens acerca das qualidades desejadas no parceiro potencial. A adolescência

está ligada a um aumento de capacidades cognitivas e do idealismo. Os ideais dos adolescentes tendem a reflectir os seus valores de pertença culturais.

As relações românticas são raramente consideradas relações completamente fechadas nas sociedades ocidentais, especialmente durante a adolescência, em que os adolescentes são encorajados a experimentar a proximidade sem fazer compromissos de longa duração. A adolescência oferece assim oportunidades de desenvolver uma maior consciência das particularidades de estabelecer e manter acções interdependentes nas relações românticas.

A adolescência é também um período em que os jovens experimentam pela primeira vez a imposição e a reciprocidade numa relação romântica. Nas sociedades ocidentais, os parceiros românticos procuram a igualdade entre ambos, mas as diferenças de estatuto criam muitas vezes um desequilíbrio de poder. Apesar de ligadas, a imposição e a mutualidade parecem muito distintas. Estudos sobre relações românticas entre adolescentes revelaram que a maioria destas relações são descritas como igualitárias mas ao mesmo tempo, os adolescentes revelam uma distribuição desigual de poder entre os parceiros dessas relações (Brebner, 2003). Os parceiros românticos percebem uma clara distinção entre reciprocidade e imposição. As primeiras relações românticas são semelhantes a amizades, pois baseiam-se na igualdade, mas o poder nessas relações é distribuído de forma desigual. Nesse aspecto, as relações românticas adolescentes têm muito em comum com as relações românticas adultas.

6. PREFERÊNCIAS NA ESCOLHA DE PARCEIROS

A maior parte da investigação sobre preferência de parceiros envolve participantes, classificando uma lista de atributos para um só tipo de «outro» relacional, ou um namorado ou um cônjuge. Em poucos estudos, no entanto, as preferências foram examinadas para parceiros em dois ou mais tipos de relações românticas/sexuais.

A similitude de interesses nas actividades partilhadas e capacidades também facilita a escolha de parceiros (Clark e Drewry, 1985). Verifica-se uma mudança com a idade: a similitude na idade, raça e origem étnico-cultural, atributos físicos e preferências de actividades diminui de intensidade (Furman e Berman, 1984; Ladd *et al.*, 1997) enquanto que a similitude de gostos, interesses e atitudes se torna mais relevante.

Os adolescentes esperam apoio tangível, assistência material e instrumental dos amigos (Bukowski e Hoza, 1989; Hartup, 1989). As crianças consideram níveis de partilha e ajuda entre amigos (Bukowski *et al.*, 1999). Os adolescentes parecem mais dispostos a partilhar com os amigos do que com os não amigos (Jones e Dembo, 1989).

6.1. Importância dos atributos intrínsecos e externos

Parece que os atributos intrínsecos (honestidade, confiança, bondade) são relativamente mais importantes para o compromisso, relação a longo prazo, enquanto que os atributos externos (aparência física) são relativamente mais importantes para uma relação a curto prazo, sexual (e.g., Regan, 1998; Regan *et al.*, 1998). Sprecher e Matts (1989) fazem a distinção entre três tipos de relações amorosas: parceiro marital (românticas/sexuais), parceiro de namoro e parceiro sexual casual. A maioria das características são consideradas como mais desejáveis (ou necessárias) para um namorado ou cônjuge do que para um parceiro sexual casual, com excepção da aparência física, que é considerada mais desejável num parceiro sexual casual.

Sprecher e Matts (1989) compararam também os três tipos de relações românticas/sexuais, no que diz respeito a dois outros atributos – paixão sexual e experiência sexual anterior. A maioria dos homens e das mulheres dizem ter relações sexuais casuais a fim de satisfazerem, de forma explícita, objectivos sexuais. Para ambos os géneros, os atributos relacionados com a sexualidade são mais desejáveis e necessários num parceiro sexual casual do que nos parceiros dos outros tipos de relações (Regan *et al.*, 1998).

Os seus estudos fornecem uma perspectiva mais abrangente acerca das preferências de parceiros, ao explorar os atributos que os homens e as mulheres desejavam (e a importância por eles colocada nas suas preferências) em cinco tipos de parceiros de relações: cônjuge, namorado, parceiro sexual casual, amigo do mesmo sexo e amigo do sexo oposto (Sprecher, 1999).

Russell *et al.*, (1980) fizeram um estudo com estudantes universitários onde seleccionaram, a partir de uma lista extensa de características, as seis qualidades por eles preferidas num melhor amigo íntimo do mesmo sexo e as seis qualidades preferidas num parceiro amoroso do sexo oposto, chegando à conclusão que as características descobertas para os dois tipos de parceiros se sobrepunham de forma considerável para

ambos tanto nos homens como nas mulheres e incluíam atributos intrínsecos como «comunicativo», «aberto/honesto», «digno de confiança» e «sensível/caloroso».

A maioria das investigações acerca da preferência de parceiros pedia para identificar os traços ou características que os participantes preferiam num parceiro para um tipo específico de relação, tipicamente o casamento ou namoro. O enfoque tem sido limitado a relações românticas ou de natureza sexual.

Para todos estes tipos de relações, calor e bondade, expressividade e abertura e sentido de humor foram considerados como os atributos mais desejáveis que um parceiro possa ter. Os participantes deram muita importância a esses traços: sentiram que era muito importante ter um parceiro com o nível desejável de características.

Assim, as características associadas às interdependências intrínsecas (calor e bondade) eram mais desejáveis do que as características tradicionalmente classificadas como uma vantagem reprodutiva (atração física, saúde) ou associadas a interdependências extrínsecas (Hatfield e Rapson, 1993). Estes resultados são consistentes com os de outros investigadores na área da selecção de parceiro amoroso (e.g., Hatfield e Sprecher, 1986; Regan, 1998) e demonstram também a importância de tais características intrínsecas para a selecção da amizade íntima com o amigo do mesmo sexo. Os atributos intrínsecos que reflectem uma capacidade e a motivação para dar apoio social e emocional – como calor e expressividade – podem ser fundamentais para o estabelecimento e a manutenção de todas as relações interpessoais.

Em relação às preferências pelo parceiro amoroso em relação ao amigo, ambos os sexos esperavam mais dos seus parceiros românticos e sexuais do que dos amigos. Os participantes preferiram que os seus namorados, cônjuges e parceiros sexuais casuais tivessem mais atributos extrínsecos (aqueles ligados ao estatuto social e aparência física) do que os seus amigos do mesmo sexo e do sexo oposto. No entanto, os parceiros desejavam que os seus parceiros românticos/sexuais tivessem resultados mais altos nos traços e características intrínsecos (humor, expressividade, calor) do que os seus amigos. Isto mostra o valor diferencial colocado em relação aos dois tipos de intimidade na sociedade contemporânea.

Os laços do par romântico são assumidos como tendo a prioridade sobre todas as outras relações a dois possíveis, com a excepção para os laços

entre pais e filhos. Como resultado, as pessoas podem vir a esperar mais dos parceiros românticos do que dos amigos e preocuparem-se sobre se o parceiro romântico tem ou não os atributos desejáveis.

Os diferentes níveis de características de exclusividade das relações românticas em relação às amizades podem também explicar o padrão de preferência dos participantes. As pessoas podem ser menos exigentes em relação a características de um potencial amigo porque a norma das características de exclusividade das relações românticas não se aplica geralmente à amizade (Davis e Oathout, 1987). Como as normas sociais ditam que os indivíduos podem ter muitos amigos ao mesmo tempo mas só um parceiro romântico, as pessoas sentem-se menos preocupadas se um amigo em particular tem ou não o conjunto de traços ideais.

Os adolescentes de ambos os sexos dão importância às características intrínsecas como calor e bondade, expressividade e abertura e humor nos três tipos de parceiros (amigo, namorado e parceiro sexual casual). Os adolescentes avaliam o parceiro sexual casual como um potencial companheiro a longo prazo (Sprecher e Regan, 2002). Muitos adultos subscrevem a noção de que os encontros sexuais casuais podem evoluir para compromissos ou relações mais românticas (Regan e Dreyer, 1999).

Nas relações de intimidade os adolescentes preferem níveis mais altos de atracção física e experiência sexual anterior num parceiro sexual casual do que no namorado (Sprecher, 1999). Este resultado está de acordo com investigação sobre a selecção de um companheiro, o que sugere que os parceiros sexuais casuais são avaliados primeiramente nas dimensões relacionadas com a aparência externa e sexualidade (Regan *et al.*, 1998). Os adolescentes sentem menos importância em obter os níveis desejáveis dos vários atributos de personalidade intrínsecos (inteligência, calor e bondade) e características de estatuto social (potencial de ganhar dinheiro) num parceiro sexual casual do que num namorado ou futuro cônjuge. Estes resultados sugerem que o tipo de relação em consideração pode afectar os critérios actuais. As pessoas podem desejar idealmente obter os mesmos níveis altos de traços num parceiro sexual casual que têm num namorado ou cônjuge, mas ao mesmo tempo podem ficar satisfeitos com menos traços destes numa relação casual.

6.2. As relações com o sexo oposto

As relações de intimidade com o sexo oposto são os meios por excelência para aprender acerca do outro sexo e para estabelecer as bases para as interações com o outro sexo na idade adulta. Ter um amigo do sexo oposto parece estar associado a auto-percepções positivas (Bukowski *et al.*, 1993). Existem elos com auto-percepções de competência (Darling e Steinberg, 1993) mas os elos específicos variam segundo o género e a medida. Os rapazes que funcionam melhor socialmente podem exprimir um interesse normativo etário, em ter uma amiga no início da adolescência, mas a experiência real de namoro pode levar a uma diminuição de confiança e auto-estima, enquanto se debatem com o novo papel social. Um envolvimento sexual precoce parece estar associado a desvios e insatisfação com a vida (Neeman *et al.*, 1995). Assim, parece que as experiências sexuais podem ser um benefício misto: preocupação relacionada com aspectos ligados à promoção da saúde.

Não é possível tirar inferências causais acerca desses elos. Algumas correlações podem reflectir factores de selecção: alguns estudos sugerem que relações sexuais que ocorrem cedo estão associadas a comportamento desviante, mas não alimentam mais desvios (Crockett *et al.*, 1984). Algumas das associações podem reflectir um processo de transição. Os contextos mistos podem causar stresse ou podem ser estimulantes. Estes sentimentos e efeitos podem mudar com o tempo: os contextos podem causar menos stresse ou serem menos estimulantes, à medida que os adolescentes se tornam mais experientes (Diamond *et al.*, 1999). Se as correlações reflectem esses efeitos de transição, podemos esperar que os adolescentes que passam mais tarde por estas experiências terão as mesmas respostas nessa altura. É possível, por outro lado, que as primeiras experiências românticas possam ter efeitos duradouros que levem os adolescentes a seguir diferentes trajectórias daqueles que começam mais tarde.

São necessários estudos longitudinais. Pouco se sabe acerca do impacte a longo prazo destas relações e as transformações que sofrem. As transformações ocorrerão nas relações com o sexo oposto, ao longo da adolescência e início da idade adulta. É menos óbvio, se as experiências nas relações com o sexo oposto no início e meio da adolescência afectam as relações subsequentes. É importante determinar os elos entre estas relações e outras que ocorrem mais tarde com parceiros românticos, amigos e colegas de escola.

É importante distinguir entre tempo e trajectória das experiências (Furman e Buhrmester, 1992). Alguns adolescentes entram no mundo

das relações de intimidade com o sexo oposto numa idade mais precoce ou a um ritmo mais rápido. As diferenças podem ser em função das diferenças no tempo de duração do seu desenvolvimento romântico, assim como diferenças nas trajetórias seguidas. As diferenças nas auto-percepções (Furman e Shaffer, 1999) podem reflectir o processo de transição para o namoro ou podem reflectir diferenças mais constantes. Algumas das diferenças observadas podem reflectir diferenças na linha de tempo social.

Vários autores examinaram os múltiplos caminhos ligados às relações de pares com o sexo oposto. Bukowski *et al.*, (1999) referem que os amigos do sexo oposto podem servir como um sistema paralelo, ou como um sistema de apoio aos amigos do mesmo sexo. Alguns adolescentes podem envolver-se em relações com o sexo oposto porque são geralmente hábeis socialmente e são populares juntos dos seus pares do mesmo sexo e do sexo oposto. Alternativamente, os adolescentes que são impopulares junto dos seus pares do mesmo sexo podem preferir estabelecer relações de intimidade com os pares do sexo oposto para preencher as lacunas sociais deixadas pelo facto de serem rejeitados pelos pares do mesmo sexo.

7. AMOR, SAÚDE E SATISFAÇÃO COM A VIDA

Costuma-se classificar o «apaixonar-se» como uma fonte importante de emoção positiva e um factor de promoção da saúde e satisfação (Fehr, 1988). Num estudo, as pessoas definiram alguns aspectos de amor: saúde, euforia, entusiasmo, afecto, contentamento, riso, etc. No início de uma relação de amor as pessoas estão apaixonadas, mas a intensidade da alegria vai diminuindo com o tempo, mantendo-se sempre uma certa quantidade de alegria. Depende da intensidade e frequência das recompensas ligadas à interacção íntima. Esta alegria intensa é provocada pelo amor e pela intimidade, que por sua vez se baseia em relações anteriores com os pais e no desejo de amor com o parceiro amoroso (Hatfield e Rapson, 1993). Em ambos os casos encontra-se a experiência de uma grande alegria que vem da intimidade corporal. Os estilos de vinculação entre adultos apaixonados são semelhantes ao modo como se relacionaram com as suas mães. Estar apaixonado e ser admirado aumenta a satisfação com a vida. Quem está apaixonado forma uma imagem idealizada do outro. O outro aproxima-se dessa imagem a fim de haver menos conflito. Há diferenças na satisfação com a vida entre estas condições diferentes (Murray e Holmes, 1997; Campbell *et al.*, 2002).

Há uma relação entre a saúde e a satisfação com a vida que depende das relações entre a pessoa e os estados neuróticos; as pessoas felizes são menos neuróticas e os neuróticos são menos satisfeitos (Headey e Wearing, 1992). A saúde é mais importante para as pessoas mais velhas, sendo um indicador da sua satisfação com a vida ou a felicidade. Parece que a saúde é uma causa para a felicidade. Uma das maneiras de a felicidade poder afectar a saúde é através de uma boa relação de amor, podendo activar o sistema imunitário (Argyle, 2001). Os efeitos da felicidade na saúde subjectiva podem também dever-se a processos cognitivos, como encarar a vida e a si próprio de forma diferente.

No que se refere à influência da saúde nas relações de amor, a literatura revela que, excepto nos estudos de casos, pouco existe acerca da transição para o amor nos adolescentes com doenças crónicas (Seiffge-Krenke, 2001). As qualidades das relações românticas neste grupo especial de adolescentes não têm sido abordadas. Elos com as amizades íntimas foram também pouco explorados. Isto é surpreendente visto que vários aspectos da doença crónica podem debilitar o adolescente na sua capacidade de desenvolver ou manter amizades íntimas e relações românticas. Por um lado, as doenças crónicas estão muitas vezes associadas a alterações na aparência física pouco atractivas. Por outro, a gestão da doença crónica afecta o estilo de vida geral do adolescente doente: as actividades de lazer podem ser reduzidas ou as rotinas diárias muitas vezes interrompidas.

Um estudo (Johnson e Aires, 1983) concluiu que de todas as características examinadas, os problemas sociais com os pares estavam associados de forma consistente à diabetes. O adolescente diabético só pode participar nas actividades típicas da juventude, como comer juntos, experimentar álcool ou fazer férias com amigos, se aceitar riscos para a sua saúde ou tiver precauções especiais. A doença limita assim a possibilidade de conformidade e o adolescente doente pode sentir-se diferente ou mesmo isolado. Por conseguinte, muitos adolescentes diabéticos receiam ser rejeitados pelos pares (Sullivan, 1953). Os adolescentes acreditam muitas vezes que os seus amigos gostariam mais deles se não tivessem essa doença.

Isto resulta num virar-se para si mesmo que pode afectar as relações com os amigos e namorados. Esta solidão pode prejudicar a capacidade de empatia, que é necessária para estabelecer amizades próximas, satisfatórias e íntimas. Dado que a intimidade sentida com um amigo íntimo do mesmo sexo é transferida para (ou serve de modelo para) a intimidade com um parceiro romântico (Furman e Wehner, 1994;

Sullivan, 1953), pode haver efeitos negativos para o desenvolvimento das relações românticas nos adolescentes diabéticos.

Ao longo deste capítulo, vários aspectos foram salientados a propósito do amor e do significado que pode ter, quando integrado no ciclo de vida dos indivíduos em geral, e dos adolescentes, em particular. No que diz respeito à definição de amor, pudemos constatar a variedade de perspectivas e modelos que resultam numa diversidade de significados e também de atitudes em relação ao amor. Em síntese, procurámos, neste terceiro capítulo, apresentar as implicações de constructos de natureza psicológica e de variáveis de índole sociodemográfica no amor dos adolescentes. Começámos por fazer uma análise do constructo do amor, das atitudes em relação ao amor e da natureza das relações de intimidade no amor.

De acordo com os benefícios associados às relações de intimidade no amor, tal como apresentados neste capítulo, esta experiência é então um factor de bem-estar e de satisfação com a vida, podendo o amor ser entendido como um contexto de vida facilitador e promotor do desenvolvimento adolescente.

Integrando-se esta tese na área de educação intercultural, interessá-nos a experiência de vida íntima adolescente, em particular uma análise das atitudes em relação ao amor na adolescência, mais especificamente em adolescentes portugueses e nos adolescentes de famílias imigradas em Portugal pertencentes a seis grupos étnico-culturais diferentes.

É assim que, no capítulo seguinte, iremos proceder a uma análise da imigração em Portugal, em termos das suas características no contexto internacional e nacional com enfoque na situação actual. O nosso objectivo principal será agora procurar abordar os aspectos relacionados com o contexto da integração do adolescente de famílias imigradas em Portugal, centrando-se essencialmente na escola e na educação intercultural. Será feita uma especificação, que considerámos necessária, aos aspectos relacionados com o envolvimento social nos Bairros da Bela Vista e no Casal das Figueiras em Setúbal, onde grande parte da investigação empírica foi realizada. O capítulo está organizado em sete secções: 1) as migrações no contexto internacional, 2) o contexto migratório na Europa, 3) políticas de imigração em Portugal, 4) concentração nos centros urbanos, 5) evolução da imigração em Portugal, 6) a imigração e a escola, e 7) a comparação entre grupos e diferenças culturais: contribuição para o estudo da intimidade.

CAPÍTULO IV – IMIGRAÇÃO

«A verdade é que os nossos problemas, os das gerações actuais, apesar de uma autêntica “cavalgada histórica”, não são menores do que os das gerações anteriores. São diferentes. Talvez até mais difíceis de resolver. E nem sequer nos poderá servir de consolação saber que, cada vez mais, os nossos problemas são parecidos com os dos outros países, tanto os vizinhos europeus, de Oeste como de Leste, quanto os dos outros Estados democráticos do mundo».

Barreto, 1996, p. 15

A partir de 1974, Portugal sai do seu isolamento e intensifica a sua política de participação nas organizações internacionais, aproximando-se do resto da Europa (Convenções da OIT e do Conselho da Europa). Em Portugal, podem-se distinguir dois tipos de imigrações: os mais pobres, vindos dos países africanos e mais recentemente oriundos dos países de Leste, e outros, mais ricos, vindos da Europa. Os primeiros enfrentam problemas relativos às necessidades básicas como o alojamento, vivem em bairros sociais em subaluguer e muitas vezes em barracas. A grande maioria dos homens trabalha ilegalmente em actividades de risco, como a construção civil, as mulheres em serviços não qualificados, nas limpezas e na prostituição. Os outros são os diplomatas, os quadros superiores, os técnicos e gestores de empresas estrangeiras, com cursos superiores e um nível de vida mais elevado do que o da maioria dos portugueses. Há também que mencionar milhares de pessoas, sobretudo do Reino Unido e Países-Baixos que aqui se instalaram após a reforma. Face ao panorama da imigração em Portugal e mais especificamente na área metropolitana de Lisboa, o objectivo das explicações deste capítulo não é o da construção de uma teoria explicativa das migrações, mas sim algumas chaves de leitura para a compreensão da problemática da migração.

Esta análise da actualidade migratória vai revelar o que se entende por «principal indicador», «a principal estrutura organizadora» e «a principal ferramenta» da mundialização dos fluxos migratórios.

Apresenta-se aqui uma abordagem para interpretar o fenómeno complexo das migrações mundiais e dos novos desafios lançados por um mundo cada vez mais globalizado, nomeadamente no que se refere aos jovens adolescentes e à sua intimidade.

1. AS MIGRAÇÕES NO CONTEXTO INTERNACIONAL

«A migração implica o movimento de indivíduos e grupos entre duas sociedades, a que acabaram de deixar e aquela em que procuram inserir-se»

Jackson, 1991, p. 2

Segundo Fonseca (2002) desde 1950, a produção mundial e as trocas comerciais têm sido multiplicadas, em benefício de um número pequeno de pessoas. A necessidade de ultrapassar a escala nacional para compreender bem as origens, a natureza e o papel das migrações impõe-se cada vez mais.

Muitos países africanos começam a reconhecer a relação cada vez mais estreita entre a migração e as questões sociais, económicas, culturais, de saúde pública e de segurança, mas os esforços nacionais não chegam para gerir os desafios da migração mundial actual.

Um misto de grupos de imigrantes e étnicos forma um contexto urbano favorável que pode contribuir para soluções inovadoras relativamente ao aumento da complexidade do mundo contemporâneo (Landry, 2000). A mundialização é fruto da combinação de três factores: o alargamento do espaço das trocas, pela integração de novos países; a globalização das grandes empresas que organizam a nível mundial as suas actividades de investigação, de aprovisionamento, de produção e de comercialização; o aumento das trocas, graças à liberalização ou à desregulamentação. Apesar da abertura dos mercados, os países em vias de desenvolvimento são cada vez mais os destinatários dos bens de consumo estrangeiros, em vez de serem lugares estáveis capazes de reter os trabalhadores, potenciais emigrantes (Machado, 1997). A lógica da mundialização pretende que à livre circulação de capitais e de mercadorias se junte a livre circulação de pessoas, sendo estas reduzidas à condição de mão-de-obra e submetidas às únicas regras do mercado. Esta generalização significaria o desmantelamento dos sistemas de protecção social, pois o liberalismo não pode admitir que a livre circulação dos trabalhadores no mundo possa ser enquadrada por regulamentos nacionais protectores: salário mínimo, limitação da duração de trabalho, condições mínimas de higiene e segurança e a proibição do trabalho infantil.

A mundialização da riqueza corresponde à mundialização da pobreza que atinge vastos sectores da população dos estados ricos, nomeada-

mente, pessoas de origem estrangeira em situação irregular. Estas são um reservatório de mão-de-obra barata. A sua situação é agravada pela sua dependência das redes ilegais de tráfico de seres humanos, sem as quais é quase impossível entrar nos países ricos.

O fecho generalizado das fronteiras leva a uma transformação da natureza das migrações: de temporárias passam a definitivas, de masculinas e solteiras tornam-se familiares. As sociedades ocidentais vivem numa crise profunda: desemprego, identidade mais fechada, certos discursos levam a que os estrangeiros sejam considerados como causa de insegurança e concorrência no mercado do trabalho, etc. A migração tornou-se, quase em todo o mundo, num delito, tanto nos países de partida como nos de destino. Este é um primeiro factor de criminalização da migração, transformado assim as políticas migratórias (Machado, 1997).

O fenómeno permanente que é a migração não constitui por si uma relação simples entre pobreza e emigração (Grácio, 1997). As disparidades económicas têm a sua importância, assim como as pressões demográficas. Segundo os levantamentos estatísticos, nas regiões pobres a imigração é rara. As abordagens unilaterais (económicas e/ou demográficas) não são suficientes para compreender e dominar o fenómeno migratório que não diz apenas respeito à força de trabalho. Por seu lado, a União Europeia, encara uma abertura selectiva destinada a satisfazer apenas as necessidades da economia. Os Estados podem utilizar métodos variados para manter um certo equilíbrio entre imigrantes em situação legal e ilegal: regularização periódica de trabalhadores em situação irregular, acolhimentos maciços de refugiados e certas acções humanitárias.

1.1. Migrações clandestinas

A situação irregular em termos de estadia, gerada e imposta aos imigrantes, parece ser uma característica estrutural dos fluxos migratórios actuais. A posição dos migrantes é muito contraditória. É paradoxal o facto de que os Estados europeus exijam aos imigrantes vindos de países terceiros um contrato de trabalho a prazo indeterminado, para a obtenção de uma licença de residência, num momento em que todas as políticas económicas e sociais preconizam insistentemente uma maior flexibilidade do mercado nacional de trabalho.

Em certos países da Ásia e África, penas severas infligidas aos imigrantes clandestinos podem ter reduzido os movimentos migratórios

ilícitos, mas não os eliminaram. A estadia irregular, gerada e imposta aos migrantes tornou-se numa característica estrutural dos fluxos migratórios. Instala-se a política do emprego irregular, do emprego não declarado de mão-de-obra, independentemente da nacionalidade e do estatuto do trabalhador.

Segundo Esteves *et al.* (1991) nenhum país está imune à migração irregular, quer seja na forma de entradas, estadias ou emprego irregular. Em África, os imigrantes não têm opção senão a de recorrerem aos serviços dos traficantes, cujos métodos são perigosos e ilegais (exploração sexual, constrangimentos físicos, retenção de passaportes, prostituição, trabalhos forçados, tortura). Vários países africanos (Nigéria, Ghana, Costa do Marfim, Senegal...) são países de origem, de trânsito e de destino de tráfico. Paralelamente, a Itália, a Bélgica, os Países Baixos, os EUA, o Médio Oriente e países do Golfo Pérsico tornaram-se nos destinos privilegiados destes africanos vítimas do tráfico humano. Na Ásia de leste, a migração irregular apresenta-se sob a forma de pessoas que passam indevidamente o prazo fixado para as suas estadias ou que trabalham irregularmente.

No sul da Ásia os principais países destinatários partilham as suas fronteiras com os países de origem, assim os migrantes irregulares entram em território dos países de acolhimento e aí permanecem sem os documentos necessários (Esteves *et al.* 1991).

A falta de sucesso na luta contra a migração irregular revela que esta é uma componente estrutural da mobilidade da mão-de-obra. Aumenta em volume e em complexidade, confundindo-se com o tráfico de seres humanos. Este é particularmente flagrante no caso de crianças utilizadas na prostituição ou no trabalho não remunerado, ou no caso de crianças vítimas de tráfico sob a cobertura da adopção. As mulheres também são vítimas dos traficantes que, recrutadas para empregos legítimos, acabam por ser forçadas a prostituir-se, casar ou trabalhar em ateliês clandestinos. O tráfico que cresceu mais foi o de migrantes chineses em direcção à América do Norte e à Europa.

Na Europa, o fenómeno de imigração clandestina é difícil de quantificar. As várias regularizações revelam que as migrações não são temporárias ou conjunturais, mas estruturais. O objectivo da legalidade deve ser acompanhado no interior dos países por políticas de integração e, no exterior, por acordos internacionais e de programas de cooperação e de desenvolvimento. Um dos atractivos para a imigração clandestina é a economia informal (Machado, 1997).

1.2. Movimentos migratórios

A migração actual tem um carácter de pêndulo e mantém profundos laços materiais e simbólicos entre os países de origem e os países destinatários. A bacia mediterrânea é uma das principais regiões de movimentos migratórios, em que a relação é local e global (Grácio, 1997). A política de integração prevê uma política de segurança capaz de garantir a paz e a estabilidade na região, uma cooperação económica e financeira apta a aumentar o bem-estar dos países pobres, uma cooperação no âmbito social, cultural e dos direitos humanos capaz de favorecer o diálogo entre as culturas e as trocas entre sociedades. Segundo Grácio (1997) uma das novas características dos fluxos migratórios actuais é a sua componente feminina muito elevada.

Os imigrantes são, por vezes, vítimas da exclusão por parte da sociedade de acolhimento, exclusão que pode ser activa ou passiva. A exclusão passiva é partilhada com outros grupos vulneráveis devido à sua condição social: baixos níveis de vida, desemprego ou problemas encontrados para aceder ao mercado do trabalho. A exclusão activa manifesta-se na forma de segregação (obriga o imigrante a ficar fechado em esferas sociais, culturais ou geográficas à margem das que ocupa a sociedade de acolhimento) ou discriminação (está ligada à desigualdade de tratamento que humilha o imigrado em várias áreas da vida social em que evolui) (Malheiros, 1996).

Contudo, os processos migratórios têm sofrido diferenças significativas, como se tem verificado nesta última década com a entrada de pessoas altamente qualificadas em termos de habilitações académicas. Os anos 90 abriram a era da nova economia com o aumento do investimento nos produtos e serviços ligados às tecnologias da informação. Novas perspectivas de emprego surgiram: os países em vias de desenvolvimento deram mais importância aos estudos em informática nos seus sistemas educativos. A Índia e as Filipinas começaram a formar cada vez mais diplomados na área das tecnologias de informação, muitos deles desejosos de trabalharem no estrangeiro. Menos de 30% encontraram trabalho no seu país. Estabeleceu-se uma educação para a exportação. Em África, verifica-se a migração de africanos altamente qualificados e de estagiários que deixaram os seus países sem recursos humanos em quantidade suficiente para manter um desenvolvimento económico e uma infra-estrutura de base ou para reconstruir o país após um conflito (30% em direcção sobretudo à Europa ocidental) (Grácio, 1997).

A mobilidade é agora estrutural, já não é uma questão que possa ser tratada unicamente a nível das políticas económicas e de ordem pública.

Exige políticas sociais e uma abordagem cultural capaz de repensar as relações entre indivíduos, o viver junto num lugar quotidiano, num mundo global. A mundialização é também uma outra forma de integrar as pessoas e de promover relações entre os povos em áreas diversas como os valores, a família, a escola, o trabalho, o lazer, a Igreja e a política. A mobilidade de mercadorias, de capitais, de ideias, de pessoas é uma das mais importantes características da nossa época. É nesta sociedade de mobilidade que se insere o movimento migratório.

As origens desta mundialização são longínquas: são marcadas por um neo-liberalismo que lhe confere uma coloração particular e que poderia levar a tornar tudo numa mercadoria generalizada. Daí haver tentativas concretas para mudar o seu curso e dar-lhe um sentido diferente, impondo regras e leis para criar instâncias reguladoras e arbitrais, democratizá-la, dando a palavra à sociedade, recolocando o homem no centro da questão. Estas são grandes questões que dizem respeito à migração (Eaton, 1996).

1.3. Direitos fundamentais/Globalização

O fenómeno migratório é um elemento constituinte da vida social internacional, por isso convém assegurar a todos os migrantes o acesso aos direitos fundamentais, reconhecidos para todos os homens onde quer que se encontrem, onde quer que vivam, onde quer que trabalhem, quer seja no seu país de origem, quer no local de migração. Este reconhecimento deve basear-se em suporte jurídico estável que garanta a todos o acesso aos direitos fundamentais, visto que a aceleração dos movimentos de migração, a sua maior amplitude, a mudança da sua natureza, são acompanhadas nos países de acolhimento por uma deterioração da atitude, das opiniões, como também dos poderes públicos. Daí a necessidade de definição de uma base de direitos internacionalmente reconhecida, ou seja, o reconhecimento e aplicação aos migrantes da Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Em 1979, as Nações Unidas criaram um grupo de trabalho para elaborar uma Convenção Internacional acerca da protecção dos direitos de todos os trabalhadores migrantes e dos membros das suas famílias. Existe uma referência – a Declaração Universal dos Direitos do Homem possui uma ideia chave: os direitos dos migrantes são os direitos do homem. Esta Convenção só foi adoptada em 1990.

No seu seio está um princípio, o da não discriminação em matéria de direito, o que implica a igualdade dos direitos económicos e sociais entre

migrantes e nacionais. Mas a adopção não significa a sua entrada em vigor. Para ser aplicável faltam três ratificações, em vinte necessárias. Até à data, apenas os Estados de onde são originários os migrantes ratificaram ou aderiram à Convenção. Nenhum dos grandes países de acolhimento o fez. Ora esta convenção só fará sentido se reunir à volta dos mesmos princípios ou uma mesma lei com valor universal, o conjunto do planeta, tanto os países de acolhimento como de partida.

Esta convenção tem o seu mérito ao instituir a base sobre a qual poderá construir-se o direito internacional da migração e o estatuto do migrante a aplicar, qualquer que seja o país de origem ou de acolhimento. Esta convenção constitui uma das chaves para o futuro da migração. A partir daqui abre-se um vasto campo: uma abertura para a cidadania de residência que traça um novo caminho para o exercício dos direitos dos cidadãos, um reconhecimento do carácter plural das novas sociedades que nascem e se desenvolvem na grande mistura da mundialização.

Sayad (1999, p. 439) refere que «pensar a imigração significa pensar o Estado, e é o Estado que pensa, ele próprio, quando pensa a imigração», o objectivo que visa descrever as migrações internacionais no mundo e dar algumas chaves de leitura e interpretação. Certos autores (Arango, 2000; Zolberg, 1989) consideram que a política e o Estado estão tipicamente ausentes das teorias de migração e que é urgente repensar esta situação. Nada modela tanto os fluxos e os modos migratórios como as políticas de imigração. Segundo Castles (2000) a migração é criação da política, pois toda a teoria erigida sobre dados económicos esbarra num esquema de migração internacional em que o Estado e as considerações políticas figuram em primeiro plano.

As estimativas publicadas pelas Nações Unidas fazem surgir três factos importantes: as migrações internacionais representam uma minoria relativamente reduzida; em termos absolutos, a maior parte das migrações dão-se entre países pouco desenvolvidos (55% em 1990); e se em termos relativos o mundo industrializado sofre mais a influência da imigração, a parte dos imigrantes não ultrapassou os 9% nas grandes áreas geográficas.

Em cada região, sub-continente ou continente a taxa de migração varia profundamente. A maior dificuldade na análise deste fenómeno reside na grande diversidade de formas, tipos, processos, actores, motivações, contextos socio-económicos e culturais, etc.

Para Esteves *et al.*, (1991) é preciso ultrapassar os modelos tradicionais, qualificados de modelos que se reportam a migrações devidas exclusiva-

mente a causas objectivas, procurando factores no interior da dualidade clássica, entre atracção e repulsa, dando ênfase ao desequilíbrio ligado às diferenças económicas e demográficas ou à divisão internacional do trabalho entre o país de origem e o país destinatário. Face às dinâmicas autónomas e aos fluxos de vectores múltiplos que dão aos processos migratórios contemporâneo carácter de turbulência (Castles, 2000) todos estes modelos clássicos foram ultrapassados.

Nas regiões extremamente pobres a emigração pode ser rara, visto que os habitantes não têm nem recursos financeiros para empreenderem a viagem, nem recursos culturais para permitir saber se existem possibilidades de trabalho noutra local, nem recursos sociais para encontrarem trabalho e adaptarem-se a um novo ambiente (Arango, 2000).

Outra questão, visa saber porque é que apesar da existência de grandes desequilíbrios económicos, muito pouca gente emigra. As disparidades económicas contam, mas não são suficientes para desencadear grandes correntes migratórias. A teoria neo-clássica das diferenças dos níveis de salários não explica a questão da migração diferencial. Ela só considera uma dimensão única e exclui a dimensão política num dado momento.

O sistema contemporâneo internacional, em que a livre circulação de trabalhadores é uma excepção e que a restrição é a regra, não responde certamente à imagem de um ambiente ideal em que os indivíduos se deslocam livremente em busca dos seus próprios interesses.

A partir das abordagens globais, podemos construir um quadro indicador dos pontos de referência, das divergências que caracterizam as situações ou das perspectivas das migrações nas suas diferentes áreas geográficas, assim como das convergências significativas: diversificação dos canais utilizados pelos migrantes, mudanças na origem dos fluxos migratórios, alargamento do leque das nacionalidades em questão e persistência das correntes tradicionais, feminização das migrações, acentuação do carácter regional das migrações (Esteves, 1991).

O peso do acolhimento dos migrantes, dos refugiados e das pessoas deslocadas suportado pelos países em vias de desenvolvimento chega a ser superior àquele suportado pelos países ricos. As comparações, as analogias ou diferenciações desta abordagem planetária às migrações internacionais, trazem esclarecimentos acerca dos efeitos da mundialização, da qual fazem parte as migrações. Mundialização pode ser definida como um alargamento, aprofundamento e aceleração da inter-comunicação mundial em todos os aspectos da vida social contemporânea.

O principal indicador é o aumento rápido dos fluxos entre fronteiras, nos sectores mais diversos, como as finanças, o comércio, as ideias, a poluição, os produtos destinados aos média e às pessoas. A principal estrutura da mundialização é a rede internacional que pode assumir a forma de empresas internacionais, mercados mundiais, organizações multinacionais governamentais e não governamentais, ou comunidades culturais internacionais que constituem a rede mundial das várias diásporas transplantadas para diversos países de imigração e que alimentam durante gerações fluxos provenientes dos seus países de origem. A principal ferramenta da mundialização é a tecnologia moderna da informação e das comunicações.

Isto vai permitir descobrir a existência, entre países de origem e de acolhimento, de laços anteriores fundados na colonização, na influência política, no comércio, nos investimentos, nas relações culturais ou de vizinhança, nas consequências de intervenções militares ou de recrutamento directo de mão-de-obra. Poderemos explicar a razão de certos fluxos migratórios como a aparição de novas vias ou do alargamento de outras.

Existe a globalização do conjunto dos actores que se encontram na origem dos fluxos migratórios. O migrante não é o único actor das migrações, nem mesmo o principal. Uma política restritiva das migrações, decidida com base na soberania nacional não é sustentável. Existem outros actores na origem e nos fluxos migratórios sobre os quais as políticas migratórias se deveriam debruçar (Sayad, 1999). O migrante é resultante e até mesmo vítima, e não origem, dos fenómenos que geram os fluxos. É sobretudo por causa da ausência de uma abordagem global do conjunto dos actores principais que estão na origem dos fluxos e do controlo exclusivo das fronteiras nacionais, que persistem hoje ainda importantes migrações irregulares. Relatórios da OCDE de 1999 relatam as dificuldades que muitos países de origem e de destino enfrentam para controlar estes fluxos.

Os obstáculos à mobilidade estão em contradição com as forças poderosas que levam ao desenvolvimento de trocas económicas e culturais numa economia que é cada vez mais internacional (acordo Schengen por exemplo).

Um outro aspecto ligado à globalidade que considera, numa abordagem mundial das migrações, todas as populações em causa: migrantes permanentes, migrantes altamente qualificados e especializados, migrantes temporários e sazonais, em situação regular ou não, transfronteiriços,

refugiados estatutários ou candidatos a tal, os que pedem asilo por razões humanitárias, migrantes forçados a partir devido a catástrofes ecológicas, membros da mesma família, migrações de regresso, migrantes que regressam à pátria ancestral. É importante compreender que todas as categorias de migrações levam a transformações sociais e culturais e que a classificação dos migrantes internacionais por categoria é um dos meios pelo qual os Estados se esforçam em controlar melhor o fenómeno. O elemento unificador, em todas estas categorias dos comportamentos dos migrantes, é a reivindicação do «direito à fuga» (Fonseca, 2002).

O homem, com os seus direitos fundamentais e suas liberdades, cuja protecção e desenvolvimento são a única base sólida que pode ser obstáculo a certos efeitos perversos da mundialização, está na base de todas as migrações internacionais. Insistir nos direitos e liberdades fundamentais do homem é importante. Landry, (2000) refere que as situações de migração evidenciam a natureza do que está em jogo à volta das migrações, numa situação em que a liberdade de movimento tende a torna-se no principal factor de estratificação nas sociedades contemporâneas e num dos critérios fundamentais à volta do qual se definem as novas hierarquias sociais.

2. O CONTEXTO MIGRATÓRIO NA EUROPA

Para lá das diferenças históricas e específicas de cada país, é possível encontrar algumas linhas gerais comuns ao conjunto dos Vinte e sete países da União Europeia, a fim de implementar uma política comum nesta matéria. A análise da situação global destes países baseia-se em algumas considerações acerca das particularidades dos países do antigo bloco soviético.

Estas são sociedades ricas, mas também Estados subordinados, pois situam-se na esfera de influência da potência imperial dominante. As suas políticas têm como quadro de referência a mundialização liberal, cuja lógica pretende que, a uma livre circulação de capitais e de mercadorias, se acrescente a livre circulação de pessoas, sendo estas reduzidas à condição de mão-de-obra, ou seja, mercadoria submetida unicamente às regras do mercado comum.

A mundialização liberal resulta de uma longa evolução do sistema capitalista e da sua expressão política – o Estado Nação. Consta-se que actualmente a mundialização liberal coexiste com o Estado Nação. Mas

estes forjaram-se através das lutas políticas e sociais cujos resultados foram condicionados por uma relação de forças entre as classes sociais, num determinado momento histórico. Esta construção histórica está ligada à criação de um mercado de trabalho nacional e às conquistas progressivas da protecção social dos trabalhadores. Considerando a persistência das desigualdades entre sociedades ricas e pobres, a extensão à mercadoria trabalho da versão liberal da mundialização significaria o desmantelamento de todo o edifício da protecção social, pois o liberalismo não admite que a circulação totalmente livre dos trabalhadores, a nível mundial, seja enquadrada pelas regulamentações nacionais protectoras: salário mínimo, limitação da duração do trabalho, condições mínimas de higiene e segurança, proibição de trabalho infantil, etc.

Após a Segunda Guerra Mundial, os trabalhadores recrutados no estrangeiro para se poder realizar a expansão económica da Europa ocidental, conquistaram a maioria dos direitos sociais dos trabalhadores nacionais, mesmo continuando a fazer os trabalhos menos qualificados e mais difíceis.

Nos anos 70 surgiu uma crise, manifestação visível daquilo a que chamamos mundialização liberal. Trata-se de uma aceleração do processo de transformação das estruturas de produção. Esta transformação consistiu na redução do tempo de trabalho necessário para executar um dado volume de bens ou serviços. Os benefícios desta evolução foram sobretudo para o capital, em detrimento do trabalho, o que levou ao aumento do desemprego. Neste contexto, as sociedades europeias aceitaram o fecho das fronteiras à imigração de trabalho. A partir deste consenso de base, as políticas propostas foram muito diversas no seio de cada Estado.

As forças políticas da extrema-direita queriam excluir os trabalhadores estrangeiros, a fracção partidária de esquerda afirmava a necessidade de impedir a chegada de novos trabalhadores estrangeiros e a necessidade de integração dos que já estavam em território nacional, o mesmo preconizava a ala direita. Governos de direita e de esquerda tinham uma visão semelhante nesta matéria. A extrema-direita fomentava o medo da invasão, da diferença cultural, religiosa, do fenómeno e do receio de perder a identidade nacional.

Apesar deste contexto socio-político, o fecho total das fronteiras nunca teve lugar porque, para tornar as fronteiras estanques, seria necessário retirar as liberdades individuais de todos os habitantes, incluindo os nacionais de cada país. Em segundo lugar, a maioria dos princípios

reivindicados pelas sociedades europeias estão afirmados em textos internacionais cuja aplicação é controlada por jurisdições reconhecidas. O princípio ao direito a uma vida familiar normal faz reconhecer o direito ao reagrupamento familiar. Em terceiro lugar, visto todos os países considerados serem signatários da Convenção de Genebra relativamente ao estatuto dos refugiados e dizerem-se ligados aos seus princípios, os Estados europeus são obrigados a não fechar totalmente as suas portas àqueles que procuram protecção. E finalmente, o desemprego não é incompatível com uma procura de mão-de-obra não satisfeita.

Nenhum dirigente político responsável considerou seriamente «a imigração zero», quer legal quer ilegal. Um fluxo de imigrantes chegados oficialmente nunca deixou de existir: através do reagrupamento de famílias ou do estatuto de refugiado. Os princípios que levaram a deixar as portas entreabertas foram reafirmados na Carta dos Direitos Fundamentais adoptada pelos Quinze em Nice, em Dezembro de 2000. Alguns países, como a Suíça, preferiram um sistema de quotas ou de pontos, cujos efeitos perversos são também consideráveis. A situação mundial torna completamente absurda qualquer hipótese de acabar com as partidas dos países ditos do sul e tentativas de entrar nos países europeus. A necessidade de mão-de-obra e a pressão sobre os salários e condições de trabalho – contratos de duração limitada, tempo parcial, emprego precário, ou seja, a flexibilização do trabalho – e o aumento da parte económica dita informal nas sociedades ricas da Europa tem sido grande. A mundialização da riqueza, de que beneficiam as camadas sociais dominantes dos países pobres, corresponde uma mundialização da pobreza que atinge vastos sectores da população dos Estados ricos, nomeadamente as pessoas de origem estrangeira em situação irregular. Estas vítimas da mundialização são um reservatório de mão-de-obra barata, maleável conforme as necessidades. A sua situação é agravada pela sua dependência às redes ilegais de tráfego de seres humanos.

A mundialização liberal avança entre contradições numerosas. Ao ultrapassar-se um determinado patamar, a economia informal pode representar um factor de risco para os poderes estabelecidos. Os ciclos conjunturais de retoma económica e os efeitos de precariedade de várias áreas do mercado do trabalho, as penúrias da mão-de-obra não qualificada ou altamente qualificada, podem fazer-se sentir. A reunião do Conselho Europeu de Tempere, em 1999, deu um fim oficial ao mito da imigração zero e colocou o problema da abertura selectiva das fronteiras às migrações de trabalho. Esta decisão interveio pouco após o Tratado de Amsterdão que transfere para a União Europeia uma parte das competências nacionais em questão de imigração. Esta transferência de

competências acontece após a instauração da livre circulação no interior do território comunitário. Em 2000, um relatório das Nações Unidas sobre a demografia e a imigração anunciava que a Europa teria necessidade de 150 milhões de trabalhadores imigrantes nos próximos 25 anos para fazer face ao défice demográfico e para continuar a financiar o seu sistema de reformas.

A união europeia não pôs em causa um dos princípios base da livre circulação de pessoas e o controlo cada vez mais restrito das fronteiras exteriores em troca da abolição das fronteiras internas entre Estados-membros. No caso de haver abertura, esta seria selectiva para satisfazer as necessidades económicas e submetida a restrições importantes sobre a duração da estadia, reagrupamento familiar etc. A flexibilização e precariedade do trabalho poderiam ser aplicadas de maneira precisa aos imigrantes dos países pobres que se deixaria trabalhar durante algum tempo nas sociedades ricas. Os cientistas e desportistas poderiam ter até o privilégio de aceder ao estatuto de residente permanente e terem uma naturalização bastante rápida. Também se fala de imigração por quotas, por sorteio, por contagem de pontos, por contratos de missão. Os Estados europeus utilizaram sempre mecanismos variados para manter uma certa relação entre imigrantes em situação regular e em situação irregular. O sistema menos hipócrita é o da regularização periódica dos trabalhadores em situação irregular, alguns acolhimentos maciços de refugiados ou algumas operações humanitárias colmatam défices sectoriais de mão-de-obra.

Em muitos países europeus as autoridades consideram prioridade, a luta contra a discriminação de que são vítimas os estrangeiros ou nacionais de origem estrangeira. Esta luta é essencial, mas não contempla a integração, o que significa que os novos imigrantes não ficariam muito tempo na sociedade de acolhimento. No contexto actual, a abertura das fronteiras não é vista por todos da mesma maneira. Alguns fazem-no em nome do princípio da unidade do mundo e do género humano, em nome da igualdade de direitos, outros como uma maneira mais fácil de destruir as estruturas de protecção dos trabalhadores nos países ricos.

Esta abordagem é incompatível com as teorias ultra-liberais que defendem a fixação de salários pelo jogo das forças do mercado.

Hoje em termos de política migratória, o comunitário define-se em oposição ao não comunitário, com uma variante traduzida pela teoria dos círculos: no centro encontram-se os nacionais da União, cercados por um primeiro círculo composto por pessoas não comunitárias mas

privilegiadas (membros não comunitários, familiares de um cidadão da União e cidadãos de um país dentro do espaço económico europeu). O segundo círculo é constituído por cidadãos não comunitários intermédios (cidadãos de Estados, futuros membros da União). No terceiro círculo são os cidadãos dos chamados países vulgares.

Os doze países ditos de Leste que recentemente integraram-se como membros da União europeia são os guardiões das fronteiras orientais e sudeste, da fortaleza Europa. Sabemos que uma parte importante de fluxos migratórios vindos da Europa de leste são migrações étnicas, por exemplo, pessoas de origem grega, finlandesa, alemã ou judia que regressam ao seu país de origem. Outra parte desses fluxos são as migrações temporárias de curta duração. Há também fluxos de regresso de antigos exilados. A partir dos anos 90, observaram-se migrações entre países do antigo bloco soviético.

O discurso oficial da União Europeia afirma a necessidade de oferecer aos imigrantes as condições de vida e de trabalho comparáveis às dos nacionais (Rodier, 2001). A contrapartida é a redução na fonte, dos fluxos migratórios não controlados. Definir-se em relação ao outro não significa definir-se em oposição ao outro. A União Europeia deve desligar as noções de cidadania e de nacionalidade.

3. POLÍTICAS DE IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL

Portugal aplicou durante muito tempo uma política repressiva, considerando a imigração clandestina como um delito. Em 1947, criou-se a Junta da Emigração que mais tarde se torna no Secretariado da Emigração. Tem como funções dar as autorizações de emigração, com base nas quais os emigrantes podem pedir um passaporte para deixar o território nacional. Em 1974, cria-se a Direcção Geral da Emigração e o Instituto da Emigração. Em 1980, o Instituto absorve a Direcção Geral passando a chamar-se Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas, recebendo a nova função de estudar os problemas da inserção dos emigrantes e dos membros das suas famílias, propondo medidas apropriadas para facilitar a sua reinserção na sociedade portuguesa, na qual se reúnem representantes das comunidades instaladas em vários países do mundo.

Desde 1974, a Constituição prevê igualdade de direitos e deveres entre portugueses e estrangeiros (com excepção para os direitos políticos e exercício de cargos públicos).

3.1. Organizações e legislação

Com a nova orientação política, as medidas tomadas na matéria, pelo estado português só tiveram efeitos marginais sobre os fluxos migratórios (Machado, 1993). Os seus efeitos na situação material dos emigrantes são difíceis de avaliar. Os seus efeitos na ordem das representações sociais não são negligenciáveis, também na formação do conhecimento sociológico. Vale a pena examinar as políticas migratórias do estado português, tanto das orientações de princípio, como dos instrumentos de implementação face às imigrações e à emigração.

Na actualidade as orientações políticas preocupam-se com o problema da imigração. Durante muito tempo o Estado Português assumiu uma política repressiva relativamente à emigração. Nos anos 60, a situação difícil dos emigrantes suscitou inquietação junto de certos responsáveis dos serviços competentes (Rocha-Trindade, 1981). A questão social é um tema importante na política migratória, tendo ficado com um lugar prioritário na agenda política nos anos 80. Um dos problemas é o das dificuldades ligadas aos regressos. No decurso dos anos 80, os temas da emigração e do regresso vão perdendo importância. O discurso do governo tende para as comunidades portuguesas e a necessidade de manter elos, nomeadamente culturais, entre estas comunidades e o país de origem. O tema da imigração surge bruscamente nos anos 90. Há dois tipos de discurso, para os partidos políticos de centro direita, este tema é invocado no contexto do esforço geral de modernização do país, que visa reduzir a distância entre Portugal e o resto da Europa.

Em 1987, cria-se a Comissão Interministerial para a Emigração e Comunidades Portuguesas, a questão do regresso não sendo mencionada expressamente. Em 1994, o Ministério dos Negócios Estrangeiros é remodelado, dando-se a dissolução do Instituto de Apoio à Emigração e Comunidades Portuguesas. O Secretariado de Estado mantém-se, mas mais discreta. Por outro lado, face à questão da imigração, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras é reforçado, recebendo, entre outras, a missão de preparar e executar as medidas relativas à política de imigração, conceito que entra assim no discurso jurídico português. O governo lança uma operação de regularização dos estrangeiros em situação ilegal em 1992/93, seguida de outra em 1996. Paralelamente houve uma revisão da lei sobre a estadia dos estrangeiros em Portugal, dando origem a uma regulamentação elaborada pelo governo. Em aplicação desta lei, reforçaram-se os controlos nas fronteiras das pessoas originárias do espaço não comunitário, o que gerou algumas tensões entre Portugal e Brasil. Estas medidas contribuíram para dramatizar o problema da imigração.

Em 1995, surgiu o tema da insegurança. O Partido Socialista pretende então assinalar uma nova orientação, com a criação do Conselho Municipal das Comunidades Imigrantes e Minorias Étnicas e a designação de um Alto Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas ligado directamente à Presidência do Conselho de Ministros.

Em vista à ratificação do acordo de Schengen, era importante um melhor controlo das fronteiras e das populações estrangeiras residentes. O Partido Socialista pretendia evidenciar as bolsas de pobreza que contribuem para a subsistência de um desenvolvimento mal equilibrado e denunciava a situação de pobreza e exclusão social que atingia uma parte importante da população africana. O governo liderado pelo Partido Social Democrata inquietava-se também pela questão social, aprovando medidas de apoio aos imigrantes e comunidades étnicas. O Partido Socialista apostou na diferença: relações entre Portugal e outros Estados lusófonos, enquanto que o Partido Social Democrata foi acusado de privilegiar os compromissos europeus de Portugal.

Com a nova orientação política, Portugal aproximou-se das organizações internacionais, ratificando convenções da Organização Internacional do Trabalho e do Conselho da Europa. Esta abertura teve consequências na política migratória: no início dos anos 80, a questão social era importante, nos anos 90, Portugal aproximou-se da legislação europeia assinando o acordo de Schengen e apoiando as medidas para reforçar o controlo nas fronteiras. Em 1996, é nomeado um Alto Comissário para as minorias étnicas e institui-se uma Comissão para a integração dos imigrantes e minorias étnicas.

No que diz respeito à emigração, a atenção centra-se numa política de apoio à cultura portuguesa e às ligações com as comunidades portuguesas no estrangeiro, Portugal já não é um país de emigrantes, mas uma pátria de comunidades.

A legislação quer-se pluralista, por um lado a lei da naturalização, considerando caso a caso, autoriza a dupla nacionalidade e por outro lado, as restrições em matéria de licenças de trabalho e de residência, aplicadas sobretudo a estrangeiros fora da comunidade, criaram condições para uma desmultiplicação das situações de estadia irregulares. Pretendendo alinhar a legislação portuguesa às convenções internacionais, um decreto de 1998 assegura a igualdade de oportunidades relativamente ao recrutamento e às condições de trabalho, prevendo que o contrato de trabalho seja elaborado em conjunto com o Ministério do Trabalho e

da Solidariedade, ou no caso de pessoas vindas de determinados países, que o contrato seja pelo menos notificado a este Ministério.

Em Janeiro de 2001, a regulamentação relativa às autorizações de residência e de estadia foi modificada. O novo decreto dá autorização de estadia aos cidadãos estrangeiros, mesmo em situação irregular no território, no caso de possuírem um contrato de trabalho ou uma proposta de trabalho, sob condição de que a Inspeção Geral do Trabalho seja notificada. É também preciso que nunca tenham sido condenados a qualquer pena de uma duração superior a seis meses, nem tenham sido sujeitos a medidas de recondução à fronteira ou proibição de estadia no território. A autorização é válida por um ano e renovável por cinco anos, ao fim dos quais é possível obter uma autorização de residência. O reagrupamento de famílias é possível, mas os vistos dados aos membros das famílias estão sujeitos a restrições severas: com uma duração de um ano (renováveis) e não autorizando o exercício de uma actividade profissional. Estas novas medidas legislativas, que correspondem a uma regularização camuflada, foram contestadas por associações de solidariedade para com os imigrantes e por organizações sociais. A condição para obter a regularização (contrato de trabalho conforme às disposições legais) é muitas vezes um obstáculo difícil de transpor.

De acordo com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF, 2003), a legislação relativa aos refugiados e àqueles que pedem asilo continua restrita: os pedidos de asilo são da ordem dos 300 por ano. E são originários da Serra Leoa, Nigéria, Ghana e Argélia. Destes pedidos, 89% foram rejeitados.

3.2. Emigração/Imigração

A investigação em Portugal acerca das migrações tem conhecido profundas mutações nos últimos anos. Desenvolve-se nos finais dos anos 60 em seguimento da vaga de emigração portuguesa para a Europa. O objectivo na época era desenvolver uma investigação crítica, face a um tratamento administrativo das informações, muito condicionado pela natureza autoritária do regime político. Era preciso pôr em discussão as figuras românticas do emigrante (Serrão, 1974). Abre-se um período em que a atenção vai focalizar-se sobre a situação das comunidades portuguesas no estrangeiro (Rocha-Trindade, 1973). Nos anos 80 dá-se a emergência de um novo tema: o regresso dos emigrantes (Silva, Amaro, Clausse, Conim, Matos e Seruya, 1984). Com esta evolução reforça-se a cooperação entre investigadores portugueses e estrangeiros (Paiva,

1985), ligada à importância da questão dos regressos na Europa. Nos finais dos anos 80, a investigação vai orientar-se para as populações imigrantes em Portugal (Esteves, org., 1991).

O termo «imigração» pode ligar-se a três realidades em Portugal: a imigração estrangeira, o regresso dos emigrantes portugueses e, um fenómeno conjuntural, o regresso dos residentes nas antigas colónias após a independência. A distinção entre estes três fenómenos é marcada pela própria língua portuguesa: imigrante (de origem estrangeira), os retornados e os emigrantes. Actualmente, é a imigração estrangeira que retém mais a atenção. Estes três tipos de imigração serão tidos em conta nos três pontos seguintes: fluxo e efectivos, situações e resposta política.

No que se refere aos retornados, trata-se de um fenómeno único no tempo, mas com impacte no desenvolvimento social e económico do país, nos anos a seguir a 1974, deixando marcas em Portugal, nas representações sociais relativas às migrações. Trata-se de meio milhão de pessoas. Os retornados instalaram-se nas suas regiões de origem, o que significa uma distribuição por todo o território nacional. Uma parte importante foi para os dois pólos de desenvolvimento do país: Lisboa e Setúbal, Porto e Aveiro (INE, 1982).

A integração dos retornados deu-se sem problemas, pois muitas vezes reencontraram situações equivalentes às dos residentes portugueses, de mesmo nível social. Muitos apresentavam formação superior à média nacional e tinham emigrado há pouco tempo, conservando bons apoios em Portugal (Pires, 1990).

Em relação aos migrantes, há dois tipos de situação: uma imigração pobre vinda principalmente dos PALOPs e uma imigração abastada vinda da América e Europa. A diferença entre as duas manifesta-se no tipo de alojamento, do equipamento doméstico e do nível de formação académica e/ou profissional. A situação económica e social da imigração mais pobre é má, com problemas de trabalho clandestino com forte representação nas profissões de alto risco, como a construção civil. A situação social tem sido objecto de muitos trabalhos sobre migrações, pondo em evidência factores de diferenciação interna (Machado, 1993), a precariedade das condições de vida menos favoráveis (Costa e Pimenta, 1991), as modalidades de politização (Machado, 1993) ou a gestão da identidade (Neto, 1988). Quanto à população imigrante mais abastada, há por um lado, a população ligada às representações diplomáticas e consulares de outros países e aquela ligada à instalação de filiais de empresas

estrangeiras e por outro lado, estrangeiros que vêm para se instalar após reforma (Esteves, 1991).

No caso de emigrantes que atingiram a idade de reforma e regressam à sua região de origem, onde construíram casa, regressam com equipamento doméstico comprado no estrangeiro e ficam numa situação confortável, com reformas mais elevadas que as dos nacionais. A própria perspectiva de rendas mais elevadas tem sido motivo de emigração. Neste caso, não existem problemas de integração social pois mantiveram sempre contacto com a população local. Daí o governo português não ter desenvolvido muito o apoio aos emigrantes que regressam a Portugal. No entanto, esta população vem instalar-se no interior, onde existem poucas infra-estruturas, o que pode criar problemas de isolamento. O segundo caso, é o do emigrante que regressa ainda com idade de trabalhar: ou para criar uma empresa própria (caso raro), por nostalgia ou por inadaptação à vida no estrangeiro. O terceiro caso, é o emigrante que regressa por incapacidade de trabalho parcial ou total, o que é relativamente corrente pela dureza dos trabalhos e condições de segurança deficientes nos locais de trabalho, onde se emprega mão-de-obra estrangeira.

Em termos gerais, a mudança de prioridade política é traduzida pela redução progressiva do dispositivo de apoio à emigração e pelo desenvolvimento de outros, em apoio à imigração. Há uma excepção a esta evolução: criação do Departamento de Relações Internacionais da Segurança Social, encarregue de estabelecer em Portugal os instrumentos internacionais de segurança social. Acompanha as negociações e orienta a aplicação das convenções concluídas com outros Estados europeus, destinadas a proteger os emigrantes portugueses e convenções concluídas com certos países lusófonos africanos, destinadas a proteger os imigrantes em Portugal.

4. CONCENTRAÇÃO NOS CENTROS URBANOS

Os vários indicadores demográficos mostram uma evolução estrutural muito acelerada, no quadro de uma população globalmente estável desde há trinta anos. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2002) representa um aumento de cerca de 11% em mais de trinta anos. Este facto esconde, no entanto, uma evolução de sentidos muito diversos. Até 1973, a população decresceu, sobretudo devido à emigração. Entre 1974 e 1976, aumentou fortemente, por causa do regresso dos residentes

em África e do baixo fluxo da emigração. De 1977 até à actualidade, as migrações têm sido o motor do crescimento urbano e um dos principais agentes responsáveis pela mudança nas estruturas sociais e económicas. As cidades sempre foram espaços de relações privilegiados, de cooperação e de conflito, entre firmas, instituições, grupos sociais e indivíduos.

Grandes reestruturações económicas ocorreram em Lisboa nos anos 80, 90 e 2000, na composição social, profissional e étnica, devido a mudanças económicas e aumento da imigração, juntamente com uma construção urbana em larga escala, exacerbando as disparidades económicas e sociais e introduzindo grandes mudanças nas políticas urbanas.

Os imigrantes e minorias étnicas de hoje tendem a juntar-se nos centros urbanos mais importantes em cada país hóspede. São locais que reúnem elementos diferentes de todo mundo que reforçam o papel chave como núcleos do mundo económico. Estas cidades fornecem emprego e oportunidades sociais e tornam mais fácil o estabelecimento de contactos regulares com os países de origem dos imigrantes. Após a chegada e estabelecimento dos primeiros grupos de migrantes, redes de relações atraem novos imigrantes da mesma origem geográfica, reforçando assim a concentração. As cidades mais importantes são cada vez mais multi-étnicas e multi-raciais, o que indica uma maior diferenciação num futuro próximo (Sandercock, 1998). A gestão eficiente desta diversidade económica, social e cultural, que por vezes leva a conflitos mas também à inovação, é um dos maiores desafios da sustentabilidade social das cidades.

A distribuição espacial dos bairros residenciais de emigrantes e minorias étnicas na zona de Lisboa e Vale do Tejo mostra uma tendência para as comunidades imigrantes se agruparem de acordo com a sua origem e características sociais e culturais visíveis. Os mecanismos de auto-segregação espacial estão bem desenvolvidos entre os europeus, norte-americanos e africanos. A comparação dos padrões da distribuição geográfica dos imigrantes europeus e africanos em 1981 e 1991 permite a identificação das diferenças e a avaliação da importância da componente étnica nos processos de segregação social e espacial na capital (Malheiros, 1996). Os europeus estão muito bem representados em áreas mais prestigiadas e de melhor qualidade, como a linha do Estoril e sobretudo Cascais, o que confirma a relação entre a imagem associada com cada área residencial e o estatuto social dos seus habitantes. Os africanos têm uma distribuição mais espalhada mostrando assim níveis de segregação espacial menor e mostram concentrações relativas mais

elevadas na periferia imediata de Lisboa, como Amadora, Loures, Seixal e na Península de Setúbal.

Estes contrastes resultam das diferenças sociais, económicas e culturais entre os dois grupos de comunidades, e também do momento e condições da chegada e instalação desses grupos de imigrantes. O grande fluxo de africanos só começou a partir de 1974 e da independência das colónias. Esta grande chegada de gente, e num contexto de recessão e instabilidade política em Portugal, criou uma grande pressão no mercado de alojamento e mais dificuldades na integração da população africana, que perdeu a sua nacionalidade portuguesa, sendo por vezes excluída de apoio especial dado pelo Estado aos refugiados portugueses. Assim, muitos africanos foram forçados a resolver o seu problema num mercado de habitação paralelo, instalando-se em «bairros de lata» ou em habitações ilegais. Os grupos menos insolventes foram realojados em propriedades do Estado ou em habitações privadas, em zonas distantes da cidade, em ambas as margens do Tejo onde era possível encontrar habitações mais baratas.

A presença de comunidades de origem europeia na região de Lisboa é mais antiga (Sandercock, 1998), remonta aos finais do século XIX, período em que Estoril e Cascais eram estâncias de veraneio para a coroa portuguesa. Esta vocação para o turismo e lazer para as elites nacionais e estrangeiras foi reforçada pela construção de infra-estruturas e beneficiou de um plano urbanístico de ordenamento que protegia da degradação urbanística e ambiental. As elites estrangeiras tendem também a formar culturas fechadas, reforçando a sua concentração espacial. Isto sugere um aumento dos índices de segregação baseado na etnicidade (Malheiros, 1996). Os africanos reforçaram a sua presença relativa em áreas urbanas menos valorizadas. Há também a consolidação e crescimento de núcleos mais velhos, o reforço da etnicidade de alguns bairros, o que não os torna atractivos para a população nacional.

As comunidades angolanas e moçambicanas chegaram mais tarde e estão mais representadas na península de Setúbal, devido ao processo de urbanização que ocorreu nesta zona mais tardiamente do que na margem norte. As autoridades locais e o governo central têm tentado realojar aqueles que viviam nos bairros de lata ou nas habitações ilegais (Programa Especial de Realojamento em 1993 e programa Espaço de realojamento para as famílias – 1996). Os imigrantes beneficiaram destes programas especiais nas mesmas condições que os nacionais. Estes programas ajudaram a reduzir os níveis de segregação das minorias étnicas pobres que vivem juntamente com a população nacional pobre.

Há uma maior suburbanização das áreas residenciais das minorias étnicas no sul do que no norte. Estas diferenças devem-se a factores socio-culturais e económicos, à especificidade e ao momento dos processos de desenvolvimento urbano em Lisboa.

Em Lisboa, as situações principais de marginalidade social estão associadas à marginalidade étnica, assim a degradação urbana e social de muitos bairros coincide muitas vezes com a presença de imigrantes e reflecte-se de forma negativa nas imagens sociais estigmatizantes (sobretudo de africanos).

Há uma tendência para uma maior suburbanização e dispersão dos imigrantes da mesma origem geográfica. Em Lisboa, as comunidades étnicas mantêm-se mais através de redes sociais do que através de enclaves residenciais. O padrão espacial das zonas de residência imigrante reflecte a estrutura dual da sua composição profissional e social: Europeus e Africanos. As autoridades locais e o governo central têm-se esforçado por realojar os residentes dos bairros de lata e degradados, mas nem sempre com sucesso. Melhoraram as condições de habitação mas não a segregação social e económica dos imigrantes.

A arquitectura dos novos edifícios torna mais difícil manter redes sociais e elos entre bairros. Há insatisfação e mesmo rejeição dos novos locais de residência, uma estigmatização desses bairros pelos residentes das áreas anexas e o estabelecimento de uma cultura baseada em sentimentos de exclusão, pobreza, baixa auto-estima e a interiorização de uma identidade de marginalidade económica, social e étnica (Baganha *et al.*, 2000). A resposta a estes problemas exige novas abordagens e acção mais integrada nas diversas áreas, com maior participação dos residentes, estimulando o estabelecimento de parcerias entre o município e outras entidades tanto públicas como privadas.

No caso de Lisboa, os anos 90 trouxeram mudanças na atitude perante a atenção dada às questões sociais e na promoção da participação activa dos residentes: a reabilitação dos bairros degradados, em que muitas vezes uma representação excessiva de imigrantes faz parte da preocupação da reabilitação urbana.

5. EVOLUÇÃO DA IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL

O quadro migratório português desenha-se com o seu passado colonial como fundo: é um país tradicionalmente de emigração, mas, simulta-

neamente, a partir dos séculos XV e XVI, teve necessidade de imigrantes para povoar os novos territórios descobertos. Os fluxos modernos de imigração, que começam de maneira permanente nos anos 60, introduzem uma característica: trata-se de uma mão-de-obra recrutada em grande parte nas antigas colónias, que vai colmatar o vazio deixado pelos emigrantes que se espalham nos países industrializados da Europa. É uma mão-de-obra de substituição e não complementar.

5.1. Breve perspectiva cronológica

No que diz respeito a Portugal, a imigração é um fenómeno que está associado ao processo de descolonização em 1974/75, às transformações sócio-políticas da antiga metrópole e à limitação da imigração nos países europeus de destino tradicional que transformaram Portugal num país com uma certa atracção para os imigrantes, sobretudo para os imigrantes provenientes dos PALOP's. O aumento progressivo das qualificações médias da população portuguesa nos últimos vinte anos deixou brechas no mercado do trabalho exigindo poucas habilitações (construção civil, actividades domésticas, actividades não especializadas) sem oferta suficiente de novos trabalhadores. A actividade, por vezes ilegal, de imigrantes sobretudo africanos, mas também indianos e mais recentemente de europeus de leste (Roménia, ex-Jusgolávia) nestes sectores mencionados, mantém-se hoje, embora haja um controlo da imigração mais severo desde 1993.

A chegada de estrangeiros qualificados vindos da Europa e América acelerou nos últimos dez anos, influenciada pela adesão de Portugal à CEE em 1986 e pela emergência de novos modelos de mobilidade geográfica dos profissionais qualificados, no quadro de uma internacionalização acelerada. Em Portugal, a presença crescente de empresas multinacionais, a modernização do tecido industrial e o aumento do investimento estrangeiro são exemplos de um processo de abertura da economia portuguesa após 1985. Os trabalhadores não qualificados sobretudo de origem africana e os profissionais qualificados (europeus, brasileiros e norte-americanos) constituem as duas categorias de activos estrangeiros mais importantes em Portugal. Uma terceira categoria corresponde aos pequenos e médios comerciantes estrangeiros ou de origem estrangeira – sobretudo indiana – que se estabeleceram nos últimos 20 anos em Lisboa e de forma não significativa e pontual noutras cidades portuguesas. Antes dos anos 80, o número de comerciantes membros de minorias étnicas em Lisboa era irrelevante.

Com a descolonização em África, aumentou o número de indianos em Portugal (INE, 1988). Isto deveu-se a um importante movimento migratório dos cidadãos de origem indiana, vivendo nas antigas colónias, nomeadamente Moçambique, devido a distúrbios políticos após a independência das antigas colónias portuguesas. Esta corrente migratória manteve-se mais de dez anos, devido à instabilidade político-económica. Com o processo de paz, houve uma diminuição do fluxo vindo de Moçambique. Mas o ritmo de crescimento do número de imigrantes vindos directamente da Índia manteve-se constante, sobretudo de Delhi (61%, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, 2003).

Existem actualmente quatro comunidades indianas (Hindus, Muçulmanos, Ismaelitas e católicos de Goa) instaladas em Lisboa. São diferentes nas suas características religiosas, culturais e sociais. Todos se identificam com o grupo étnico indiano, mas os católicos de Goa reivindicam o estatuto indo-europeu, o que se compreende devido ao processo de mestiçagem entre portugueses e indianos que se deu em Goa durante séculos, gerando uma cultura própria impregnada de práticas culturais europeias e traduzido por um afastamento progressivo entre goenses e outras comunidades indianas. 80% dos indivíduos de origem indiana instalou-se em Lisboa. A comunidade católica goense tem outras características. Cerca de 25% tem estudos superiores ou está inscrito num estabelecimento de ensino superior, o que se reflecte na vida profissional, com grande especialização na administração e profissões liberais. Isto está ligado à pertença a famílias goenses, muitas delas abastadas, e a processos de evangelização e mestiçagem em Goa. As outras comunidades indianas apresentam um nível de instrução mais baixo e uma forte especialização no comércio (Hindus, Ismaelitas e Muçulmanos). Esta situação já era constatada em Moçambique.

A imigração vinda de África é muitas vezes ilegal e é um dos principais problemas da União Europeia (Eaton, 1996). A Península Ibérica tem um papel central, devido à sua situação geográfica, proximidade com África e com as nações mais avançadas do noroeste europeu e pela sua posição na economia mundial. Em Portugal, há grandes necessidades de mão-de-obra em certos sectores da economia e o país acolhe actualmente novos imigrantes (Malheiros, 1996). Portugal tem níveis de salários muito baixos, que podem ser ainda mais reduzidos para os imigrantes em situação irregular. Estima-se que metade dos 100 000 africanos vindos das antigas colónias esteja em situação irregular (SEF, 2003).

Oficialmente a imigração vinda da América do sul, África e União Europeia é limitada e está abaixo dos fluxos de emigração. A transformação

de Portugal num país de imigração coincide com a integração europeia que permite a muitos destes imigrantes esperar implantar-se noutra país da União Europeia. É verdade que muitos milhares de pessoas não aparecem nos registos oficiais. A chegada dos brasileiros deve-se essencialmente à crise económica dos anos 80 que iniciou um movimento importante migratório em direcção a Portugal. É paradoxal constatar que os africanos lusófonos reproduzam hoje várias características da emigração portuguesa para a Europa. Muitos ocupam os empregos que os portugueses de hoje recusam fazer eles próprios. É em Lisboa que se encontra a maior concentração de estrangeiros (52%), sendo os cabo-verdianos os mais representados. Nas regiões como o Algarve, e as cidades industriais de Setúbal, Porto, Aveiro e Braga, as possibilidades de emprego são maiores e as condições de vida melhores (Eaton, 1996). Um factor novo é o do Acordo de Paz em Angola e as negociações em Moçambique. Também no fim da década, Macau passou a estar sob dependência chinesa, o que iniciou uma nova vaga de imigrantes.

A integração imigrante é como uma dicotomia entre o papel económico e a marginalidade social – ambos são determinados pelo estatuto ilegal ou semi-legal dos imigrantes (Malheiros, 1996).

Cerca de 15 000 africanos em situação irregular encontram-se em Lisboa (SEF, 2003). A imigração de homens novos, que querem encontrar rendimentos e fugir à incorporação nos exércitos da guerra civil, é muitas vezes controlada à chegada a Portugal. Mas a actuação das redes parece começar em Luanda com a venda de passaportes. Quando chegam ao aeroporto de Lisboa são acolhidos por intermediários que propõem uma morada, facilitando a entrada no país, com um visto de turista com uma duração de três meses. Entram depois em contacto com o empregador que paga a estes intermediários. A dependência dos clandestinos em relação a estes intermediários e empregadores é muito forte: a imprensa chega a falar de escravatura. A maioria dos trabalhadores imigrantes clandestinos vive nos arredores das principais cidades portuguesas ou em bairros do centro e na periferia de Lisboa. Portugal sofre uma crise de alojamento à escala nacional. Os dois principais problemas são a falta de novas habitações e a qualidade medíocre das habitações existentes (Malheiros, 1996). Hoje, são as comunidades africanas que reinvestem nos bairros degradados, mas que a maioria exhibe as mesmas características: cabanas de madeira ou chapa ondulada (bairros de lata), sendo uma resposta parcial aos problemas de alojamento. Muitos instalaram-se em habitações municipais sem manutenção, na periferia de Lisboa. Outros utilizaram as competências adquiridas nos locais das obras, para construir as suas próprias habitações.

A solução institucional, a atribuição de habitações municipais, é apenas parcial: as listas de espera são muito longas.

O governo português não tolera, nem condena a presença destes ilegais. Pode-se tirar benefícios das suas competências, mas é também necessário controlar esta população. A expulsão é apenas utilizada em último recurso. No futuro, os imigrantes deverão fazer face ao mercado único europeu, o que vai levar ao reforço das fronteiras exteriores (Machado, 1993). Pode levar ao abrandamento e mesmo fim de todo movimento de imigração das antigas colónias. Portugal deverá gerir as consequências dos fluxos actuais de mão-de-obra e a situação dos não portugueses no território português.

É só a partir de 1960 que se dispõe de dados relativos à população estrangeira a residir em Portugal. Até 1968 notou-se uma certa estabilidade. De 69 a 76, a evolução foi mais irregular. A partir de 1976 (20 000 pessoas) afirmou-se claramente uma tendência para subir – 160 000 em 1994 (INE, Estatísticas Demográficas, 1994). Generalizou-se a afirmação de que Portugal, país de emigração, seria agora um país de imigração. Os dados sobre a emigração são sobre os fluxos (volume anual de saídas) enquanto que os dados sobre a imigração são sobre os efectivos (número total de residentes em situação regular) – estes dados são fornecidos pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Não existem estatísticas anuais de entradas. O volume anual de entradas não contabiliza as entradas clandestinas. Pode-se tentar formular uma estimativa de entradas por anos. O volume anual de entradas (de 1976 a 1993) deve rondar os 10 000. Nesta ordem de grandeza, o volume anual total de entradas deve aproximar-se do volume de saídas. O número de saídas desde os anos 80, é calculado entre os 10 000 e 20 000. Para o ano de 1994, registou-se um aumento de 25 000 estrangeiros a residir em Portugal. Mas isto deve ser analisado com prudência, pois estes números podem estar ligados à operação de regularização de clandestinos em 1992/93.

Quanto à origem da imigração em Portugal: em 1994, Cabo Verde liderava com 36 000 titulares de autorizações de residência, seguido de Angola (13 500), Guiné-Bissau (10 800), Moçambique (4200) e São Tomé (3800). Relativamente a outros países: Brasil (18 600), Reino Unido (10 700), Espanha (8500), Estados Unidos (8300), Alemanha (6800), Venezuela (4900), França (4400) e Canadá (2400). Estes dados não incluem os ilegais. Nos anos 70, os fluxos vinham essencialmente dos países africanos de expressão portuguesa. Estes passaram a imigrantes no momento da independência dos seus países perdendo assim a

nacionalidade portuguesa. Chegaram a Portugal para colmatar a falta de mão-de-obra provocada pela emigração dos nacionais (Esteves, 1991). Para os anos mais recentes, pode-se fazer uma comparação entre os anos de 1988 (Esteves, 1991) e 1994 (INE). As quatro comunidades que conhecem um maior aumento proporcional são o Brasil, Angola, Guiné-bissau e São Tomé e Príncipe. Segundo as estatísticas de 1991 do Instituto Nacional de Estatística, no mesmo período, as comunidades de países europeus têm um aumento de 50% a 80% (França, Reino Unido), assim como Cabo Verde. Os outros países têm um crescimento mais moderado. Quanto à distribuição, os imigrantes dos PALOP concentram-se na região de Lisboa (85%), o que permite considerar um fluxo de reacção à emigração portuguesa. Metade dos imigrantes do Reino Unido e Países Baixos concentra-se no Algarve; são reformados que aí se instalam pelas boas condições e custo de vida relativamente baixo. A imigração dos outros países europeus fixa-se essencialmente na região de Lisboa embora de forma menos exclusiva que a população africana.

A ideia de regresso do emigrante que fez fortuna tem um papel importante no imaginário português (Paiva, 1985). Nos anos 80, eram 55 000 anualmente (INE, 1991). Este aumento está relacionado com o regresso dos emigrantes vindos de países europeus, ligado às políticas de incentivo ao regresso, adoptadas pelos países de acolhimento: França, Alemanha. Nos últimos anos, o número baixou (20 000/33 000) (INE, 2003).

5.2. Portugal: país de emigração e imigração

Actualmente, Portugal é um país de emigração e de imigração, no entanto a emigração tem outras características, sendo actualmente essencialmente sazonal. Em 1998, 50% dos emigrantes são do Norte e vão para o norte da Europa, tratando-se de uma mão-de-obra não qualificada e que persiste devido aos baixos salários em Portugal e à procura de um nível de vida mais elevado. O saldo migratório é positivo somente a partir de 1993, embora permaneça com valores muito baixos (0,15%). Os conceitos de estrangeiro e emigrante misturam-se. Surge um fenómeno específico: o dos retornados, pessoas que voltaram a Portugal após o início das guerras de independência das antigas colónias. A estes, juntam-se os filhos dos emigrantes que cresceram no estrangeiro, que praticamente não falam português – os luso-descendentes. Todas estas pessoas não são contabilizadas com os estrangeiros, mas constituem uma variável considerável da população portuguesa.

Dados de 1998 indicam que 1,8% da população é estrangeira (mais de metade no Distrito de Lisboa), indicando que o número de estrangeiros aumentou consideravelmente nas duas últimas décadas. No entanto, há que contar também com as pessoas em situação irregular, uma presença constante, apesar dos procedimentos de regularização. A taxa de naturalização permanece baixa, se bem que a lei permita a dupla nacionalidade e mesmo a pluri-nacionalidade.

A composição da população estrangeira por nacionalidade mudou de forma considerável: em 1960, os imigrantes de origem europeia eram 67% da população estrangeira e os africanos eram 1,5%; em 1981 os de origem europeia eram de 33% e os africanos 44%, diferença acentuada em 1998, com 73% de estrangeiros vindos de países terceiros e 27% de um país membro da União europeia. O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras fornece dados acerca das autorizações de residência concedidas em 2000: foram dadas quase exclusivamente a migrantes vindos da Europa de Leste (Ucrânia, Moldávia, Roménia) e Brasil. Os imigrantes em situação irregular, juntamente com os africanos que chegaram dos países de expressão portuguesa, vieram da Europa de Leste e península indiana: muitos chegaram com documentos falsos e através de filiais de imigração ilegal.

O reagrupamento familiar é uma das vias mais utilizadas para entrar em Portugal. As mulheres são 42% do total da população estrangeira, enquanto que a proporção das crianças nascidas de pais estrangeiros aumenta. Em 1998 eram 7%, em 1997 o número destas crianças a frequentar uma escola pública era de 4,7%. A maioria dos filhos de estrangeiros é originária de um país de expressão portuguesa. Em relação aos casamentos mistos o seu número é bastante fraco: 2,2% em 1995; 1,9% em 1996, 2,2% em 1997 e 2,1% em 1998.

Esta composição da presença estrangeira em Portugal tem repercussões nas actividades de produção. A maioria constitui uma mão-de-obra genérica, empregada na agricultura. Os europeus trabalham na área científica e serviços, enquanto que a maioria dos africanos trabalham na indústria e construção civil. Os brasileiros dividem-se em dois grupos: nas áreas da educação, científica, sanitária e técnica e um segundo grupo não especializado. Juntamente com os britânicos, os brasileiros com formação especializada constituem o grupo mais numeroso nos trabalhadores independentes. Em 1998, 71% dos imigrantes desempregados são africanos, 19% europeus, 9% norte-americanos e latino-americanos, e 5% são mulheres. Segundo um inquérito realizado em 1999, a maioria das mulheres estrangeiras terminaram o ensino secundário.

As brasileiras (dos 31 aos 35 anos), as chinesas (dos 26 aos 30 anos) e as originárias de São Tomé (dos 41 aos 45 anos) têm formação universitária. As que trabalham estão empregadas nos serviços domésticos e de limpeza. As brasileiras conseguem inserir-se nos níveis superiores da educação, saúde e áreas técnicas. 56% das chinesas trabalham na hotelaria em áreas variadas. As indianas trabalham em actividades comerciais, na venda ambulante, gestão ou exploração de pequenos comércios.

Segundo um estudo realizado pela Universidade Católica de Lisboa (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras; Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2002, dados obtidos em entrevista a Júlio Pereira, Director do SEF), mais de 80% dos imigrantes em Portugal estão satisfeitos com a situação que vivem, apesar de metade declarar ganhar entre quinhentos e mil euros por mês.

Este estudo revela que a maioria dos imigrantes é do sexo masculino, com idades entre os 25 e os 34 anos, pertencentes a três grandes origens: africana, brasileira e países da antiga União Soviética. Os imigrantes de leste são os mais qualificados, com 45,2 por cento a declararem possuir habilitações superiores, contra apenas 7,9 em relação aos brasileiros e 6,6 aos africanos. Quase metade dos imigrantes (48,3 por cento) ganha entre quinhentos e mil euros. Apesar dos salários baixos, 38,2 por cento dos imigrantes referiu estar «muitíssimo» ou «muito satisfeito» com a sua situação, enquanto que apenas 15 por cento se disse «pouco» ou «nada satisfeito», com a maioria, 45,2 por cento, a dizer que estava medianamente satisfeita.

Outros factores de satisfação são os novos títulos de residência, mais modernos e com elevados padrões de segurança. O titular tem a possibilidade de inclusão de dados biométricos e de dados referentes ao seu aspecto físico, à semelhança de toda a União Europeia.

5.3. Situação actual

De acordo com os Censos 2001, a população residente em Portugal é constituída por 10 356 117 habitantes, sendo 5 000 141 (48,4%) do sexo masculino e 5 355 976 (51,7%) do sexo feminino.

No que diz respeito à população não portuguesa, em 2001 foram recenseados 226 715 indivíduos com nacionalidade estrangeira a residir em Portugal, representando 2,2% do total da população residente. Destes,

54,3% (123 098) são homens e 45,7% (103 617) são mulheres. Apresenta-se seguidamente o Quadro n.º 1 dos indivíduos por continente de origem e por género.

Considerando também os indivíduos com dupla nacionalidade e os apátridas, temos um total de 355 043 indivíduos, calculado da seguinte forma:

226 715 (estrangeiros) + 127 253 (dupla nacionalidade) + 1075 (apátridas), o que corresponde a 3,24 por cento da população residente em Portugal.

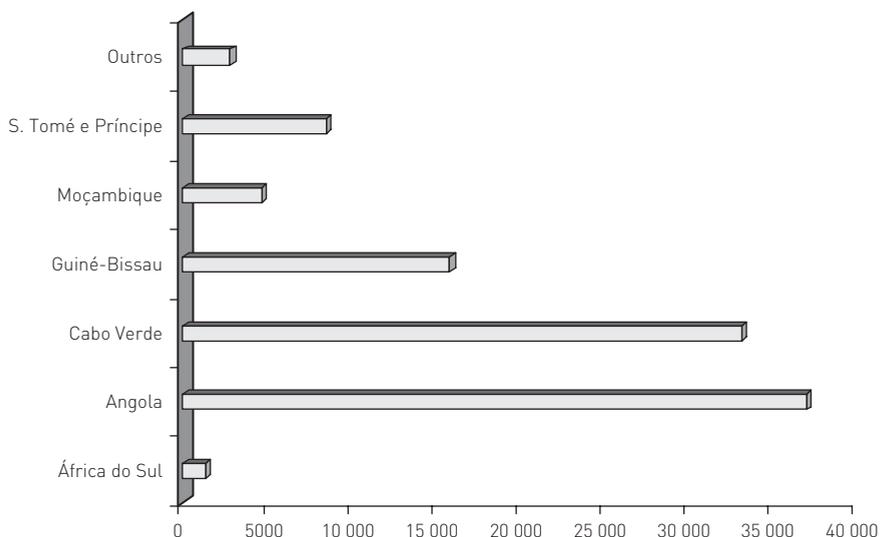
Quadro 1 – N.º de estrangeiros residentes em Portugal por continente e por género

Continente	Total	Género	
		Masculino	Feminino
Europa	72 355	40 903	31 452
África	103 271	54 477	48 794
América	44 334	23 527	20 807
Ásia	6318	3986	2332
Oceânia	437	205	232
Mais de uma nacionalidade	127 253	60 088	67 165
Apátridas	1075	568	507
Total	355 043	183 754	171 289

Fonte: Censos, 2001

Para além dos indivíduos que têm mais de uma nacionalidade, os africanos são os que existem em maior número como residentes em Portugal, fazendo-se por isso, um estudo mais exaustivo das suas nacionalidades e apresentando-se de seguida a Figura 4 das suas nacionalidades.

Figura 4 – N.º de residentes africanos por nacionalidade



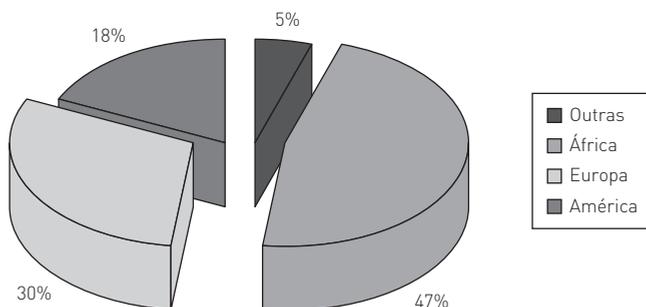
Fonte: Censos, 2001

Dos países africanos, Angola é o que regista o maior número de residentes em Portugal, com 37 024 indivíduos (18 849 do sexo masculino e 18 175 do sexo feminino), seguida de Cabo Verde com 33 145 indivíduos (16 994 do sexo masculino e 16 151 do sexo feminino), da Guiné-Bissau com 15 824 (9920 homens e 5904 mulheres), S. Tomé e Príncipe com 8517 (3919 do sexo masculino e 4598 do sexo feminino) e Moçambique com 4685 indivíduos (2223 homens e 2462 mulheres).

Assim como merecem referência as nacionalidades da população africana residente em Portugal, também os europeus têm no nosso país um elevado número de indivíduos, sendo a França com 15 359 o país com mais residentes, seguido da Espanha com 9047 indivíduos em Portugal, da Alemanha com 8387 e do Reino Unido com 8227.

Após esta análise, apresenta-se a Figura 5 com a percentagem da população residente, segundo a nacionalidade.

Figura 5 – Percentagem de residentes estrangeiros

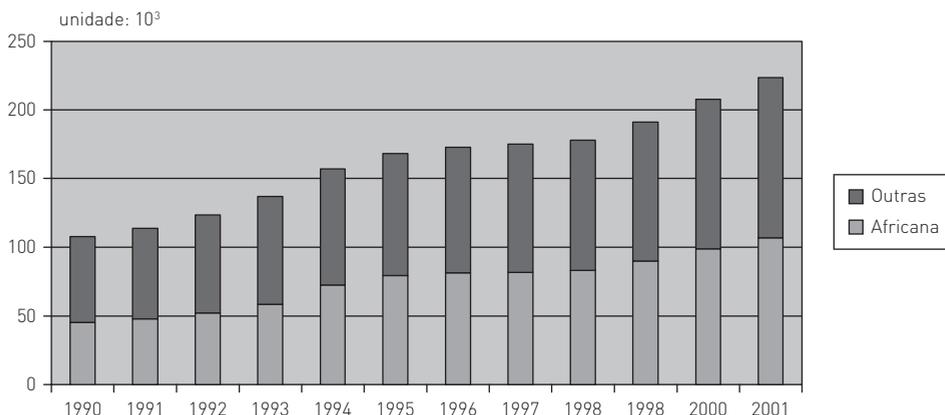


Fonte: INE, 2002

Segundo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), no fim do primeiro trimestre de 2003 Portugal tinha legalizado 420 mil imigrantes, entre titulares de autorização de residência e de permanência, número que, a juntar-se aos que se encontram no país com vistos de trabalho e outros vistos de longa duração, representa mais de 450 mil imigrantes.

Entre 1991 e 2001, a proporção de estrangeiros duplicou, verificando-se um aumento generalizado em todo o país, excepto nas regiões autónomas. Os maiores acréscimos ocorreram no Algarve, Grande Lisboa e Península de Setúbal. Analisando os dados, segundo a localização geográfica, é notória a importância dos Distritos de Lisboa com 54,1% dos indivíduos estrangeiros residentes em Portugal, seguido do Distrito de Faro com 13,1% e de Setúbal com 10,4%. (INE, 2002).

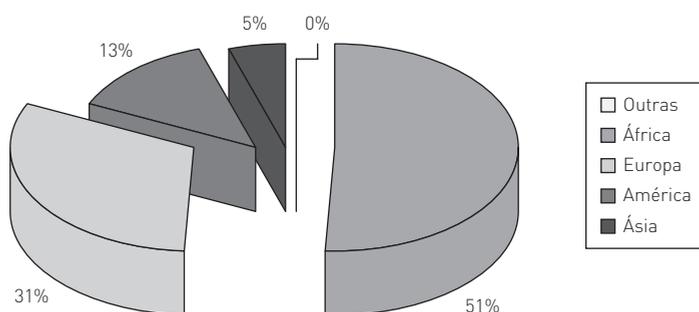
Figura 6 – População estrangeira residente em Portugal: evolução 1990-2001



Fonte: INE, 2002

Ainda de acordo com os dados, as tendências mantêm-se em relação ao aumento da população estrangeira ser maioritariamente de origem africana. Em 2001 as solicitações de estatuto de residente, ascenderam a 17 346, sendo 8345 do sexo masculino e 9001 do sexo feminino. 8722 (50,3%) são nacionais do continente africano: Cabo Verde, Angola e Guiné-Bissau, sendo o quarto lugar ocupado pelo Brasil com 9,3% e o quinto por Espanha com 8,0% dos pedidos.

Figura 7 – População estrangeira que solicitou estatuto de residente, segundo a nacionalidade – 2001



Fonte: INE, 2002

Situando-se este estudo, em termos de grupo etário, num trabalho desenvolvido com adolescentes, apresentam-se os dados referentes aos jovens entre os 15 e os 19 anos, de acordo com o último recenseamento.

Quadro 2 – N.º de residentes em Portugal por continente e por género, dos 15 aos 19 anos

Continente	Total	Género	
		Masculino	Feminino
Portugal	645 168	329 624	315 544
Estrangeiro	43 518	21 798	21 720
Europa	18 548	9214	9334
África	13 658	6820	6838
América	10 448	5336	5112
Ásia	689	291	398
Oceânia	175	78	97
Total	688 686	351 422	337 264

Fonte: Censos, 2001

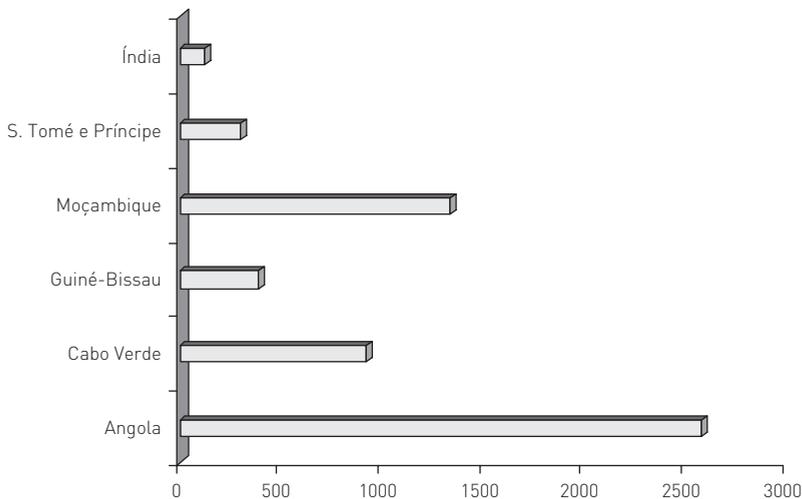
A extensão que o fenómeno da imigração tem tido, cria a necessidade de identificar como é que este se constitui como factor de desenvolvimento de novas formas de relações interétnicas e de estruturação social na construção da inclusão social (e escolar).

Em 1991 surgem as primeiras iniciativas políticas orientadas para a imigração nos aspectos educacionais e escolares – criação do Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural e da Base de Dados Entreculturas, embora a Constituição da República Portuguesa de 1976 refira o direito à educação com garantias de oportunidades iguais de acesso à escolarização para todos os cidadãos. Segundo os últimos dados de Entreculturas que se reportam a 1998 verificam-se concentrações elevadas (80%) de alunos imigrantes na área educativa de Lisboa e Vale do Tejo. O presente estudo analisa as relações de intimidade em grupos de adolescentes de pertenças étnico-culturais diferentes nesta zona geográfica do país, pela concentração desta população alvo.

Os dados do quadro anterior apresentam os números dos jovens residentes a nível nacional (Censos, 2001), no entanto, apresenta-se de seguida os dados dos alunos que frequentavam o ensino secundário, por grupo cultural e nas regiões onde se realizou o estudo (de acordo com o Secretariado Entreculturas e os resultados mais recentes, embora sejam de 1997/98).

Deve considerar-se que o total de alunos matriculados no início do ano de 1997/98 no ensino secundário, em Portugal Continental era de 282 111, sendo 264 413 lusos, pelo que apenas 17 698 os alunos pertenciam a outros grupos culturais considerados pelo Entreculturas (Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Índia/Paquistão, Macau, Timor, Cigana, Ex-migrantes, Brasil, União Europeia e outras origens).

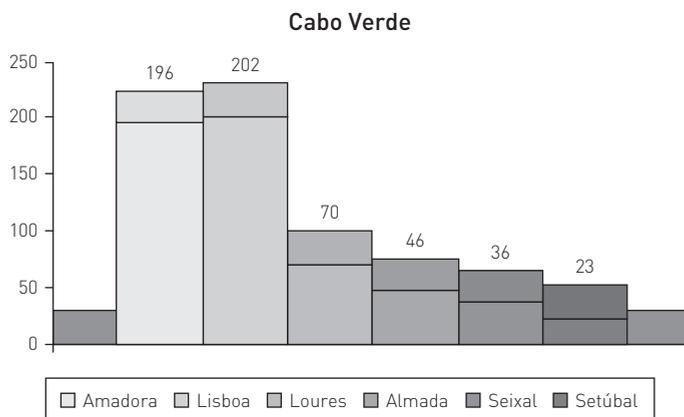
**Figura 8 – Total de alunos matriculados no ensino secundário/
/por grupo cultural estudado**



Fonte: Entreculturas, 97/98

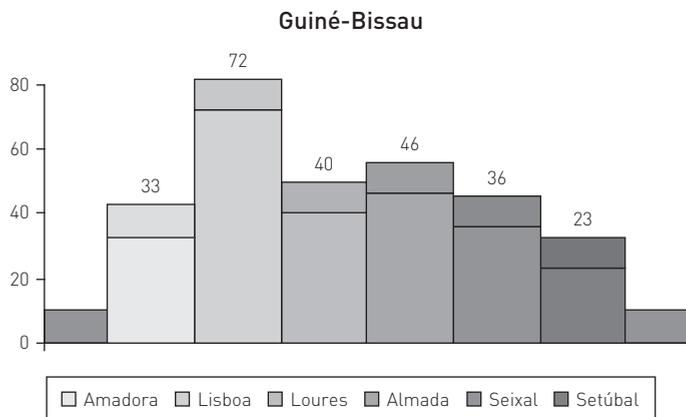
As figuras que se seguem tratam os dados dos alunos matriculados no ensino secundário, separado por grupos culturais, considerando os locais onde foi feito o estudo.

**Figura 9 – Total de alunos matriculados no ensino secundário/
/por grupo cultural e local estudado – Cabo Verde**



Fonte: Entreculturas, 97/98

**Figura 10 – Total de alunos matriculados no ensino secundário/
/por grupo cultural e local estudado – Guiné-Bissau**

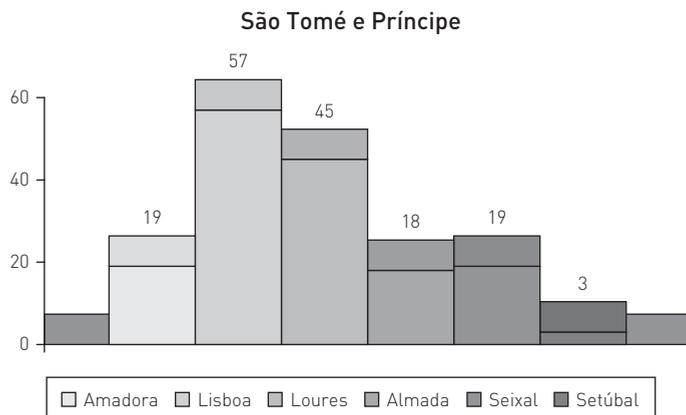


Fonte: Entreculturas, 97/98

Lisboa e Loures são cidades onde se podem encontrar mais alunos a frequentar o ensino secundário tendo a Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe como origem cultural.

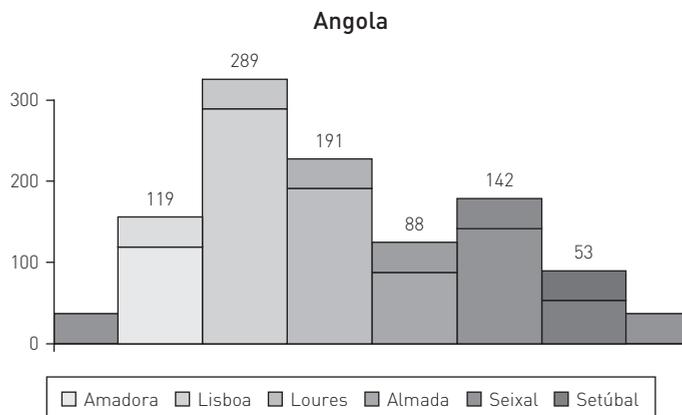
O concelho de Loures, situado na área metropolitana de Lisboa e contíguo a esta cidade, era, em 2001, um dos mais densos populacionalmente do distrito de Lisboa, com aproximadamente 200 mil habitantes.

**Figura 11 – Total de alunos matriculados no ensino secundário/
/por grupo cultural e local estudado – São Tomé e Príncipe**



Fonte: Entreculturas, 97/98

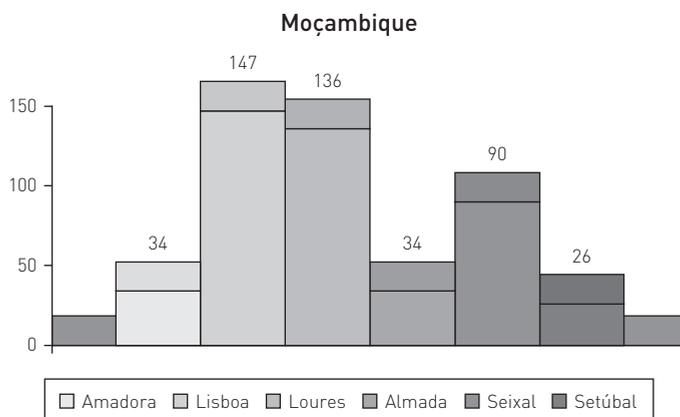
Figura 12 – Total de alunos matriculados no ensino secundário/ /por grupo cultural e local estudado – Angola



Fonte: Entreculturas, 97/98

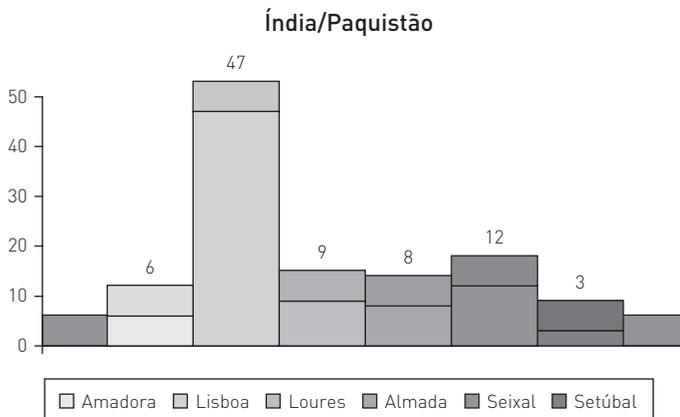
Os locais escolhidos para a recolha de dados junto das escolas secundárias são os que têm mais população de diferentes grupos étnicos, mas Lisboa e Loures continuam a ser os dois concelhos com mais alunos de contextos e pertenças culturais diversas.

Figura 13 – Total de alunos matriculados no ensino secundário/ /por grupo cultural e local estudado – Moçambique



Fonte: Entreculturas, 97/98

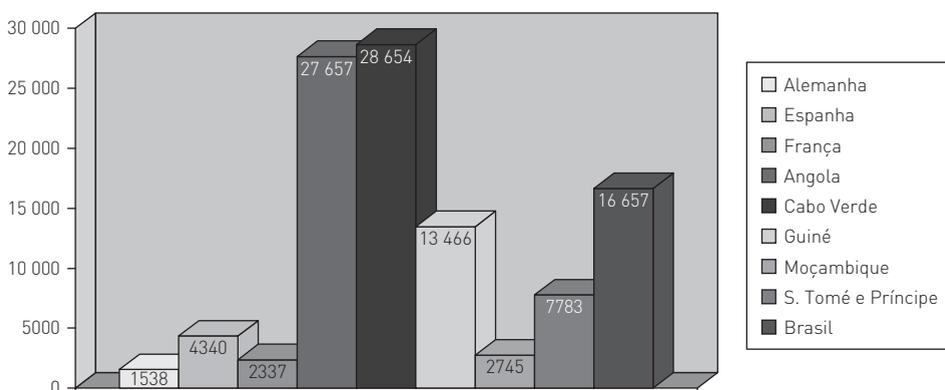
**Figura 14 – Total de alunos matriculados no ensino secundário/
/por grupo cultural e local estudado – Índia/Paquistão**



Fonte: Entreculturas, 97/98

Considerados os concelhos estudados e feita a análise dos dados do Entreculturas referentes aos alunos matriculados no ensino secundário, foi elaborada uma pesquisa criteriosa no Instituto Nacional de Estatística (INE) e no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) referentes aos Distritos tratados (Lisboa e Setúbal) e ao ano de 2002. Os dados podem ser observados na figura 15.

**Figura 15 – As principais nacionalidades
dos residentes estrangeiros no distrito de Lisboa**



Fonte: INE, (2002) e SEF, (2002)

Como se pode verificar pelos dados que se apresentam Angola e Cabo Verde são as maiores comunidades existentes em Lisboa.

Segundo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) referentes ao ano de 2002, o número de estrangeiros com autorização de permanência no distrito de Setúbal era 26 800. A maioria dos imigrantes legalizados residentes neste distrito, são oriundos dos países de língua oficial portuguesa, sendo o grupo de origem étnica cabo-verdiana o mais elevado. No período de tempo em análise, chegaram ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras mais de 9500 processos relativos a cidadãos de Cabo Verde. Um valor que pode ser avaliado como elevado, perante a diferença relativa aos restantes pedidos de regularização que chegaram ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Depois de cabo-verdianos, em menor número, surgem os pedidos de autorização de permanência de cidadãos de Angola, 2725 e da Guiné-Bissau, 1100. Chegaram ao distrito, no último ano, 1049 brasileiros. Oriundos de São Tomé e Príncipe chegaram 968 e de Moçambique 768. Estes valores referem-se apenas a imigrantes com situação de permanência regularizada. Segundo o SEF, não foram os imigrantes de Leste aqueles que mais contribuíram para aumentar o número de pedidos de residência no distrito de Setúbal, mas deve ser analisado o factor da imigração clandestina que rodeia muitos destes cidadãos, e que, pela ilegalidade, não consta dos processos do SEF. Quanto ao número de registos, relativamente a cidadãos de Leste, não ultrapassa, em média, os 10 por país, exceptuando os russos (47) e os romenos (31).

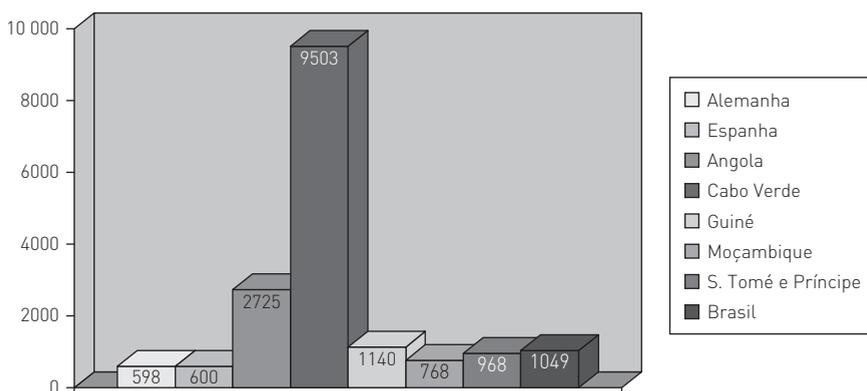
Cidadãos oriundos de diversos países europeus chegaram, no último ano, a Portugal. É o caso de 600 espanhóis, 598 alemães, bem como 310 cidadãos do Reino Unido, 372 franceses, 216 italianos, 200 dos Países Baixos e 129 belgas, que solicitaram autorização de permanência no distrito de Setúbal. Dos Estados Unidos chegaram 169. À excepção do Brasil (1049 indivíduos) é reduzido o número de indivíduos oriundos da América do Sul neste distrito. O mesmo caso dá-se em relação a cidadãos de países africanos, exceptuando os PALOPs.

As funções exercidas pelos indivíduos europeus diferem maioritariamente daqueles que são oriundos dos PALOPs. Se os últimos procuram trabalho na construção civil e serviços auxiliares, já os primeiros chegam, em grande parte, para exercer funções de quadro, orientação ou chefia.

Segundo o Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (2004), nas prisões portuguesas estão detidos 2441 estrangeiros, o que corresponde a dezassete por cento da população prisional. Este Alto Comissariado esclarece ainda que em 2001, 39,8 por cento dos detidos estrangeiros encontravam-se em situação de prisão preventiva, sendo que no

mesmo ano, os reclusos de nacionalidade portuguesa em prisão preventiva representavam 26,5 por cento do total dos reclusos nacionais. Ainda de acordo com o Alto Comissariado, esta «sobre-representação» de presos preventivos estrangeiros em relação ao número de presos nacionais pode indicar uma aplicação muito mais rigorosa de pena de prisão preventiva a estrangeiros do que a nacionais, fundada nomeadamente no medo de fuga para o país de origem. O Alto Comissariado alerta ainda para o facto de que parte significativa Loures dos presos estrangeiros não serem imigrantes, reforçando a ideia de que não é verdadeiro nem justo associar aos imigrantes ou aos estrangeiros qualquer tendência para o crime. Acrescenta ainda o Alto Comissariado que, para Portugal enquanto país de imigrantes que foi e ainda é, a imigração é um factor positivo para o desenvolvimento socio-económico e cultural. Esta diversidade cultural só será enriquecedora se respeitar o valor do ser humano como um fim em si, se tiver em conta o conjunto dos direitos do homem.

Figura 16 – As principais nacionalidades dos residentes estrangeiros no distrito de Setúbal



Setúbal

Em Setúbal ainda existem algumas dificuldades nas comunidades imigrantes locais. O Bairro da Bela Vista em Setúbal tem 7000 habitantes, é um guetto, onde vivem pessoas carenciadas, das mais variadas origens étnicas.

Este Bairro viveu em Maio de 2009 uma situação de conflito, tendo sido morto um jovem por agentes policiais. Segundo o Instituto Nacional de Estatísticas, INE, Inquérito ao Emprego, o desemprego aumentou em

Setúbal de Dezembro 2007 para Dezembro de 2008, 2%. Neste Bairro existe um desemprego crónico.

Ora este tipo de acções, sobretudo a vertente imaterial – a educação, a formação, a criação e oferta de emprego – ainda não tem merecido da parte do Governo Central a necessária atenção nem importância. E enquanto isto não acontecer não aparecerá uma primeira e diferente geração de cidadãos na Bela Vista. Entretanto, vamos na terceira geração de «excluídos». Esta, a pobreza material e imaterial, é a questão central para as populações, qualquer que seja o seu bairro. Com a actual crise de modelo social e económico e perante a ineficiência das medidas da governação, infelizmente, estaremos a caminho do alastramento de processos como os da Bela Vista que se estenderão a muitas outras áreas urbanas empobrecidas e sem futuro viável. A Bela Vista é apenas o sinal; precursor porque acumula uma súpula de condições. Neste sentido, o seu plano e os seus edifícios, são o cenário de um processo onde a miséria da população a leva às mais graves consequências.

A Associação de Professores e Amigos das Crianças do Casal das Figueiras (APACCF) através do PROCOFA, Programa de Luta contra a Pobreza da Freguesia da Anunciada, associação representativa das comunidades imigrantes, pretende assumir-se como um mecanismo de apoio à integração social destas comunidades que ainda enfrentam alguns estigmas culturais a uma plena aculturação. Para Alexandre Diegues, Presidente da APACCF, que entrevistámos em 2007, apesar de a maioria dos elementos destas comunidades ser residente em Setúbal há vários anos, ainda existem dificuldades de integração, quer em crianças nos jardins-de-infância, quer no sucesso escolar e educativo nos outros níveis de ensino. Segundo Diegues (2007) os guettos são exclusivos e toda a cidade deveria ser inclusiva.

Sob a alçada do Alto Comissariado para as Minorias Étnicas, a Caritas Diocesana de Setúbal integrou um Conselho Consultivo para a Imigração no sentido de contribuir para a integração cultural e para a criação de melhores condições de acolhimento e integração dos imigrantes, assegurando a participação das associações locais de imigrantes, dos parceiros sociais e das instituições de solidariedade social na definição das políticas de combate à exclusão. As culturas, nas suas formas diversas, podem fazer progredir os direitos humanos, nomeadamente nas suas realizações, mas não são iguais em dignidade enquanto expressões da liberdade. Para Cardoso (1996) esta integração cultural traduz um processo social em que as minorias têm liberdade para afirmar a sua própria identidade cultural na medida em que tal não entre em conflito

com a identidade cultural da comunidade indígena branca. Esta integração cultural significa a aceitação de aspectos da cultura da minoria que sejam ajustáveis à cultura dominante e a rejeição dos aspectos dessa cultura que não o sejam ou que de alguma forma pareçam ser uma ameaça ao equilíbrio da cultura dominante (Cardoso, 1996).

O Presidente da Rede Europeia Anti-Pobreza/Portugal (REAPN), Agostinho Jardim (2004) refere na abertura do seminário «A pobreza e a exclusão social extrema – contextos, políticas e modelos de resposta», a necessidade de serem revistas as estratégias de intervenção social junto da população mais desfavorecida. Considerando que os actuais modelos de intervenção social «não respondem às necessidades Humanas», Agostinho Jardim frisou que «não basta o dinheiro e técnicas», sendo necessário «ir ao encontro da pessoa e estabelecer uma relação afectiva para lhe despertar a vontade de ser feliz e de se integrar na sociedade». O seminário «A pobreza e a exclusão social extrema – contextos, políticas e modelos de resposta», foi organizado no âmbito de um Projecto transnacional entre Portugal e Itália, denominado «In-Extremis», desenvolvido ao nível da iniciativa comunitária Equal, tendo reunido técnicos de instituições portuguesas e italianas envolvidas no Projecto. Este Projecto desenvolvido a nível nacional começou em Outubro de 2002 e termina em Setembro de 2005, com o objectivo de aumentar a eficácia da intervenção social em situações de vulnerabilidade extrema, associadas a temas como a imigração, as crianças em situação de perigo e a toxicod dependência.

5.4. Os adolescentes de famílias imigradas em Portugal

Como refere Neto e Gonçalves (2001, Neto, 2002) Portugal tem sido um país de imigração, principalmente para indivíduos de origem africana dos PALOPs. Por esse facto as pessoas continuarão a experienciar um maior contacto intercultural e a escola passou a ser um palco de encontro para estes grupos culturais. Numa sociedade cada vez mais plural, no sentido das diferenças culturais, económicas, sociais, políticas e religiosas e em rápida evolução é importante que o adolescente se constitua como uma pessoa receptiva à interacção pessoal intercultural.

Os processos que envolvem as relações entre culturas, a interculturalidade, procura compreender e resolver problemas que surgem ao nível das relações humanas decorrentes de diferenças étnicas e religiosas, culturais no seu sentido global, as quais, frequentemente emergem das migrações e de grupos minoritários. A integração cultural traduz um

processo social em que as minorias têm liberdade para afirmar a sua própria identidade cultural, na medida em que tal não entre em conflito com a identidade cultural da comunidade indígena branca. Cardoso (1996) refere que esta situação apresenta um pluralismo mitigado apenas na dimensão cultural. Na prática, a integração cultural significa a aceitação de aspectos da cultura da minoria que sejam ajustáveis à cultura dominante e a rejeição dos aspectos dessa cultura que não o sejam ou que, de alguma forma, pareçam ser uma ameaça ao equilíbrio da cultura dominante.

Um estudo (Neto, 2002) concluiu que a maioria dos adolescentes filhos de imigrantes se adapta muito às novas sociedades, apesar das dificuldades que surgem.

Em 1991, Bruto da Costa traçou o quadro da situação das minorias étnicas pobres na zona da Grande Lisboa e Vale do Tejo, onde 80% das referidas populações sobreviviam em condições abaixo do limiar da pobreza; a sua grande maioria vivendo em bairros degradados e desempenhando tarefas socialmente desvalorizadas e rejeitadas pela maioria dos portugueses. No que se refere aos jovens adolescentes da segunda geração, nalguns casos nascidos em Portugal, revelavam uma elevada taxa de insucesso escolar e uma preocupante ausência de oportunidades de vida (Costa, 1991).

A problemática do insucesso escolar está frequentemente associada a questões comportamentais, revelando, por vezes, estes alunos problemas disciplinares e de violência. «As perspectivas de prevenção e intervenção na indisciplina e na violência na escola (...) constituem meios ao alcance dos professores (mas também dos psicólogos, dos pais e do pessoal auxiliar de acção educativa) para fazerem sentir aos alunos que a escola é um lugar onde podem sentir a felicidade a que têm direito» (Veiga, 2004, p. 218). Contudo, as investigações sobre o sucesso escolar dos alunos de pertenças culturais em minoria, mostram que grande parte dos docentes ainda não possui formação suficiente para lidar com a educação intercultural. Em Portugal, os estudos mostram que a escolarização dos grupos imigrantes é inferior à média dos grupos portugueses (e.g. Base de Dados Entreculturas, 1997).

Neto (2002) refere que a adaptação social é medida como uma experiência de adaptação stressante. Um estudo (Neto, 2000) aborda a questão do grau de satisfação com a vida, dos adolescentes oriundos de famílias imigrantes e os factores eventualmente relacionados com o seu nível de satisfação com a vida. Surgiram algumas hipóteses que foram em

parte apoiadas por estes resultados. Estes, no entanto, apresentam algumas limitações. A relação entre a satisfação com a vida e a auto-estima pode reflectir processos causais diferentes. A auto-estima tanto pode ser causa, como efeito da satisfação com a vida. Níveis baixos de auto-estima podem pôr as pessoas numa posição de risco relativamente à satisfação com a vida, que por sua vez pode impedir o seu sentido de valor próprio. A generalização destes resultados a cenários culturalmente diferentes dos nossos devem ser feitos com cuidado. O papel dos factores de aculturação pode variar em contextos diferentes. Os resultados deste estudo estão de acordo com outros (Neto, 1995) e demonstram uma rede de variáveis psicossociais na qual se encontra a satisfação com a vida. Estes números demonstram que os adolescentes estão bastante satisfeitos, e noutros estudos (Neto, 1995) afirmam que a maioria dos imigrantes se adapta muito bem às novas sociedades.

Os resultados deste estudo mostram que, baseando-se nos portugueses como norma, estes adolescentes têm uma satisfação com a vida mais forte dos que os adolescentes de origem angolana. Não há diferenças significativas entre os adolescentes portugueses e os cabo-verdianos e indianos, assim como entre os três grupos etno-culturais oriundos da imigração. Isto é consistente com outros estudos (Neto, 1995) em que os jovens portugueses vivendo em França não diferem na satisfação com a vida dos jovens portugueses vivendo em Portugal.

Neto (2001) refere que no mesmo contexto nacional de acolhimento, alguns grupos étnicos podem não diferir da norma, mas outros diferem da norma no que respeita à satisfação com a vida. No caso preciso dos angolanos existem muitos factores, dos quais se pode referir o facto de o seu país ser um país em guerra civil, o que afecta bastante as famílias migrantes de Angola. A variável demográfica contou apenas numa pequena percentagem de variação na satisfação com a vida.

Um estudo (Neto, 1995) demonstrou também que os factores demográficos eram menos importantes para a compreensão da satisfação com a vida do que os factores pessoais. É mais importante fazer-se intervenções precocemente para melhorar a satisfação com a vida, a nível dos factores psicossociais, pois há maior hipótese de sucesso, do que dos factores demográficos, visto que muitos destes não podem ser mudados.

O factor que se relaciona de forma mais forte é o domínio. A adaptação a uma nova cultura faz surgir novos desafios. Se o indivíduo sentir que domina esses desafios aumentará o seu sentido de satisfação com a vida, o que está de acordo com estudos anteriores (Sam, 1998, citado por

Neto, 2001, p. 65). Como consequência prática, sabemos que devemos ajudar os adolescentes de famílias imigrantes a desenvolver um melhor sentido de domínio, o que pode melhorar a avaliação da satisfação com a vida.

Outro factor relacionado com o bem-estar entre os adolescentes de famílias imigradas em Portugal é a comunidade de residência (Neto, 2001). Quanto maior for a homogeneidade da composição étnica da vizinhança, maior é a satisfação com a vida destes adolescentes. Este estudo (Neto, 2001) afirma que a satisfação com a vida dos adolescentes de famílias imigrantes é uma combinação de uma série de factores, como um sentido forte de controlo sobre os acontecimentos da vida, ser do género masculino, ter uma auto-estima positiva e viver numa vizinhança étnica homogénea.

6. A IMIGRAÇÃO E A ESCOLA

Segundo o Ministério da Educação (1993) existem pressupostos éticos universais desafiadores de políticas e práticas de educação intercultural, o primeiro dos quais é o direito de todas as crianças à igualdade de oportunidades no acesso à escola e às condições necessárias para atingir o sucesso educativo. No entanto, são específicos e contextualizados os modos como devem ser operacionalizadas as práticas na escola. Dependem das ideologias, das perspectivas e das experiências dos professores, das orientações e da organização da escola, das estruturas locais e regionais da educação face à diversidade étnica dos alunos, das especificidades étnicas e da posição social dos alunos que frequentam a escola.

As escolas também estão classificadas por idade. Estas realidades significam que os adolescentes têm mais oportunidades de contacto com outros adolescentes similares do que com adolescentes não similares em termos de sexo, idade, raça e posição social. Estudos mostram que os amigos socializam-se uns com os outros nas suas atitudes perante a escola e realização académica (Epstein, 1983), comportamento social (Veiga, 2004), e consumo de álcool e cigarros (Fischer e Baumann, 1987). Na escola, há uma concordância etária e a racial também é forte, sendo mais extensiva na adolescência (Asher e Parker 1989).

A escola deve contribuir inequivocamente para o enriquecimento intelectual e cívico do indivíduo; nesta perspectiva há que viabilizar, através da educação, elementos que convidem a uma cidadania activa. A diversidade cultural existente não permite manter unicamente a chamada

educação cívica, devendo ser conceptualizada uma educação para a cidadania. A escola deve ser direccionada para as próprias diferenças raciais, tentando controlar ou impedir a sua produção, transformação e aceitação. Deve também vocacionar-se para o contexto social, familiar e cultural em que vive o jovem adolescente, que se sabe previamente não ser facilmente exequível, visto ter que abranger toda a sociedade, podendo perigosamente equacionar-se a hipótese de tentar controlar todas as formas de convivência e de comunicação entre os homens.

Quando na escola se fala da relação do eu com ou outros, com o mundo que nos rodeia, a temática da diversidade nunca pode ser encarada como potencial de fragmentação. Os adolescentes de famílias imigradas em Portugal devem sentir que a escola portuguesa compreende a diversidade cultural, os seus diferentes modos de conhecer, privilegiando-se, desse modo, o diálogo entre modos de pensar e de agir.

Fundamentalmente, esta prevenção tem de ser direccionada para o adolescente e para as relações de intimidade que este estabelece com os pares. Até porque se sabe que o comportamento humano é comandado, por um lado, pela procura da satisfação das necessidades básicas, biológicas e psicológicas e, por outro, pela forma como a educação ensinou e condicionou cada um a satisfazê-las.

A situação, por vezes desfavorecida das minorias étnicas, é muitas vezes explicada por factores que não passam pela vertente étnica e cultural. Esta perspectiva do discurso oficial reflecte-se na maneira como a questão do direito à diferença é tratada nas escolas. Em termos gerais, o objectivo de qualquer política educativa estruturada na educação intercultural tem de se contextualizar na educação para a libertação da pessoa do determinismo da mera satisfação das necessidades biológicas e psicológicas. Deve ainda ser capaz de mobilizar a pessoa para a prossecução de metas e valores comuns, pelos quais cada um pode e deve orientar-se.

Urge continuar a combater o problema, mas encarando-o de frente e sem tergiversações ou rodeios. E, uma vez mais, o professor tem um papel, adveniente do seu estatuto, do qual não se pode ou deve demitir. Para além de ser um veículo emissor de conhecimentos, tem de ser um catalisador de aquisição de capacidades, das quais sobressai a capacidade de ser feliz. A escola inclusiva defende a necessidade de identificar, valorizar e promover um denominador cultural comum na diversidade étnica de uma sociedade e atribui ao professor um papel fundamental na promoção da igualdade de oportunidades.

O currículo multicultural deve proporcionar oportunidades para o desenvolvimento da auto-estima, do auto-conceito e da autoconfiança de todos os alunos; a dimensão anti-discriminatória (anti-racista incluída) deve ser uma componente essencial do currículo multicultural (Ministério da Educação, 1993). Face aos novos desafios do processo da construção pessoal, a interculturalidade é provavelmente uma das questões de maior importância, com as quais se enfrentam os adolescentes estudantes na actualidade e um dos maiores desafios das relações interculturais do século XXI.

A escola, tendo em conta o processo de democratização da educação que se vive actualmente, conhece já grandes alterações que decorrem, mais especificamente, da multiculturalidade sentida na nossa sociedade. A escola constitui-se como um instrumento de coesão social e de integração democrática dos cidadãos. Após um período histórico de expansão e democratização educativa, surge nas escolas o desafio da inclusão.

Desta situação, sentida pela diversidade cultural, emergem novos problemas de integração e de motivação dos alunos, que se encontram frequentemente associados aos fenómenos de indisciplina, dificultando o ensino e a aprendizagem, perturbando também a vida escolar e afectando o próprio equilíbrio emocional dos alunos, dos professores e de todos os membros da comunidade escolar. Para além da infracção às regras do trabalho na sala de aula e na escola, a indisciplina traduz-se também na violação de normas, de atitudes e de valores que regulam e regem as relações entre os indivíduos, envolvendo os alunos entre si, não se estabelecendo o desenvolvimento da intimidade nas relações de amizade. Contrasta com a satisfação com a vida e com o bem-estar do aluno na escola. Uma adolescente inquirida neste estudo refere: «Eu senti a adolescência chegar, parecia um vendaval, um verdadeiro furacão! Isolei-me e fui eu pessoalmente tratar da minha adolescência». Na adolescência, muitos apelos vêm carregados de solidão e insatisfação com a vida e de infelicidade. Às vezes, o facto de ter alguém com quem falar, ter um amigo, já é o suficiente. A amizade pode constituir um caminho para o bem-estar destes adolescentes contra a marginalização e a solidão (Pinto, 2002). Criaram-se Projectos de Pedagogia Intercultural e programas com medidas e estratégias orientadas à diversidade, à aprendizagem colaborativa, à educação das atitudes e dos valores, à educação intercultural, à aprendizagem para a amizade, tudo com o fim de desenvolver uma educação de prevenção de comportamentos anti-sociais e indisciplinados dos alunos (prevenção primária), na base de uma pedagogia da amizade e convivência, educando para a diversidade respeitando a personalidade dos alunos e as suas origens étnicas e culturais.

As relações de intimidade na amizade, nas suas diferentes dimensões ao nível cognitivo e emocional, desempenham junto dos adolescentes um papel primordial, ao realizar uma cultura de convivência íntima e construtiva, baseada na consciência da promoção dos valores da amizade na diversidade cultural humana.

Pretendendo dar resposta ao desenvolvimento do conceito multicultural, anti-racista e intercultural através das relações de intimidade, cujos objectivos são promover a compreensão e a tolerância entre adolescentes de origens étnicas diversas, através da mudança de percepções e atitudes com base em laços de amizade e amor na diversidade de culturas e de estilos de vida, a escola tem tentado criar condições que possibilitem ao aluno adolescente desenvolver-se plenamente como pessoa e como cidadão. Como pessoa, desenvolvendo a sua identidade, a sua auto-estima, o seu auto-conceito, a sua autoconfiança e autodeterminação, dando-lhe a possibilidade de planear o seu projecto de vida e comprometer-se na sua realização. Como cidadão, desenvolvendo o seu sentido de reciprocidade nas relações sociais e interculturais; de participação solidária, construtiva e criativa na procura de soluções para problemas inter-étnicos na escola e na comunidade. Quanto mais tempo os adolescentes de famílias imigrantes ficarem em Portugal, menos solidão registarão. O aumento das relações sociais na escola e nos grupos de pares é importante para ultrapassar a solidão destes adolescentes. Sentimentos de curta duração são aliviados com a criação de novas amizades num meio ambiente novo (Neto, 2002).

Na escola, no que diz respeito às atitudes de aculturação, a separação é um indicador importante. As atitudes de aculturação têm um papel importante na experiência da solidão. Os adolescentes que adoptam a separação registam mais solidão. As experiências e capacidades necessárias para penetrar na sociedade portuguesa não se encontram numa estratégia de separação. No que diz respeito à marginalização, esta atitude não surge como sendo a de menor adaptação, pois as condições subjectivas que previnem as atitudes de separação numa sociedade pluralista podem reduzir os sentimentos potenciais de solidão entre os adolescentes de famílias imigrantes.

No que diz respeito ao contacto intercultural, é a discriminação percebida que é indicadora de solidão. Um estudo (Neto, 2002) mostra que as experiências de discriminação aumentam os níveis de solidão. Quanto mais o adolescente enfrenta discriminação, mais sofre de solidão. Estes resultados sugerem que a discriminação percebida pode levar a pouco ajustamento psicossocial.

Na área do ensino a situação também é difícil. Muitos dos filhos de imigrantes estão atrasados nos seus estudos. Segundo os últimos dados do Entreculturas (97/98), as taxas de abandono são muito elevadas no ensino primário e as taxas de insucesso chegam aos 60% nos alunos cabo-verdianos e de São Tomé.

Na realidade, o epifenómeno dos alunos imigrantes nas escolas é muito complexo. Só uma perspectiva interdisciplinar pode ajudar a equacionar o problema e as diferentes especificidades de cada caso, evitando o facilitismo de pensar que a explicação e a solução para o problema passam por uma generalização simplista da questão.

Ao docente cabe um papel primordial, o professor pode e deve ser esse veículo de comunicação, permanecendo orientado pela postura de que comunicar não é, nem pode ser, sinónimo de impor, controlar ou julgar, mas sim, observar, saber ouvir atentamente, exprimir sentimentos com dignidade e humildade e, acima de tudo, estar disponível para estabelecer uma relação de intimidade com cada aluno.

A correcta disponibilização e gestão dos afectos é fundamental, aliada à elaboração de uma conscienciosa e profícua estratégia de prevenção, no sentido da criação na escola de uma linha de acção que conduza a uma eficaz educação intercultural.

A reflexão sobre a necessidade de mudança das mentalidades e do paradigma da escola actual tem motivado uma quantidade apreciável de investigações, embora muitas delas se debrucem sobre aspectos particulares do processo educativo. Urge estabelecer uma intervenção mais global, mais estrutural e menos imediatista, mais preocupada em romper com a lógica cultural segregacionista da escola actual, com o propósito de favorecer a emergência dum complexo cívico-educacional capaz de potenciar os recursos humanos etno-culturais, respondendo mais adequadamente às necessidades dos diferentes grupos culturais, dando ênfase à convivência, contribuindo para o estabelecimento de relações inter-étnicas harmoniosas.

Em Portugal, as escolas reforçam a defesa da igualdade de oportunidades na educação e da integração escolar da diferença «todos iguais todos diferentes» (lema da escola, a partir dos anos 90), tanto ao nível da legislação como da formação docente.

Com a multiculturalidade étnica crescente no contexto escolar e a vivência dos professores com grupos etno-culturais diferentes, assim como

o acesso dos professores a formação na área da Educação Intercultural (e.g. Verkuyten, 2000), poder-se-ia esperar que os estereótipos étnicos diminuíssem, reduzindo o grau de estigmatização de que os alunos imigrantes são alvo.

A interculturalidade, assim, pressupõe uma atitude baseada no conhecimento e na análise das crenças, das tradições, dos costumes, experiências partilhadas por um povo ao longo de gerações. A antropologia da cultura e da educação fez emergir novos paradigmas no desenvolvimento social e intercultural com as suas vertentes de culturas urbanas e suburbanas, de onde sobressaiem problemas complexos de isolamento e de falta de laços familiares, devido à forte presença do «virtual», concretamente do espectáculo televisivo no pouco tempo livre das famílias.

Os acontecimentos da adolescência podem fragilizar a auto-estima, podendo os adolescentes de minorias étnicas ter algumas dificuldades no desenvolvimento da auto-estima positiva. A identidade étnica de uma pessoa é um estado de espírito e a sua aquisição requer muitas vezes um esforço considerável (Neto, 1998).

Há alguma correlação entre educação e felicidade. A educação afecta o bem-estar subjectivo ao apostar numa prevenção que estimule a auto-estima e a afirmação dos alunos, numa óptica de desenvolvimento de competências sociais, possibilitadoras de escolhas livres e responsáveis perante os dilemas do quotidiano (Veiga, 2004; Winer, Stock, Okun e Haring, 1985).

Assim, e a par destas características psicológicas do indivíduo, o contexto social e económico vai exercer uma influência decisiva na construção da intimidade na Amizade e no Amor. A escola e o percurso escolar/académico são, desde logo, factores de vital importância para a diferenciação e integração de diversos aspectos da intimidade (Prager, 1995). A outro nível temos a família, como principal modelo para os adolescentes (pelo menos até certa altura das suas vidas) o que vai ter um papel determinante nos modelos aprendidos. Podemos pois distinguir vários factores determinantes na formação da intimidade dos adolescentes. Estes factores jogam-se nos vários cenários em que os adolescentes vivem (família, comunidade de residência, escola, Igreja, Associações, participação social e política, etc.) conforme também a importância atribuída a cada um desses factores. A escola é, sem dúvida, um pólo marcante em cada etapa do desenvolvimento das relações de pares dos adolescentes. É por aí que passa uma grande parte do processo de socialização.

Relativamente, porém, à identificação dos graus de intimidade nas relações de amizade e o contexto sociocultural, quer em termos relacionais, quer ao tipo de intimidade, quer ao nível da satisfação com a vida, em que influência o sistema sociocultural (família, posição social, amigos, escola, sociedade...) e as suas condições socioeconómicas parecem ajudar o adolescente no estabelecimento das relações interpessoais (Prager, 1995).

7. COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS E DIFERENÇAS CULTURAIS: CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA INTIMIDADE

Interessa-nos neste contexto, relacionar as políticas de imigração e a contribuição para o estudo da intimidade. A literatura existente acerca das relações interpessoais é limitada no que respeita ao contexto da origem étnica e o seu papel nos processos e experiências interpessoais e mais especificamente nas relações de intimidade na amizade com o amigo do mesmo sexo.

7.1. Influência do contexto cultural

Os seres humanos nascem dentro de um contexto cultural, de uma etnia (cultura) específica que, tal como o género, não se pode alterar. Este contexto cultural consiste em normas e expectativas que determinam o significado das experiências interpessoais ou relacionais, como o parentesco, as amizades, o amor e a felicidade ou a infelicidade. As normas culturais são significativas para os processos relacionais. Há grande diversidade nestas normas/contextos culturais. A origem étnica parece ter alguma importância para os processos sociais e relacionais, comportamentos e efeitos (Sharabany, 2000). Pela pertinência desta problemática, os especialistas que estudam as relações interpessoais devem estar atentos ao modo como os adolescentes constroem e utilizam significados de contexto cultural dentro das suas relações de intimidade.

Num estudo, admitiu-se que duas questões determinam o tipo de aculturação: 1 – o ponto até ao qual o indivíduo considera importante identificar-se e manter as características culturais do seu grupo étnico e 2 – a importância que ele dá em manter relações positivas com a sociedade na qual ele vive ou com outros grupos étnicos (Berry *et al.*, 1989). Há quatro maneiras possíveis de os membros de um grupo étnico participarem numa sociedade diferente, a nível cultural: assimilação (é a escolha em identificar-se apenas com a cultura da sociedade dominante

e negar quaisquer elos com a cultura de origem), integração (é uma identificação e envolvimento fortes com ambas as culturas), separação (ênfase exclusivo nos valores e práticas culturais do grupo étnico e pouca presença ou ausência total de interação com a cultura dominante) e marginalização (ausência ou perda de uma cultura de origem e falta de envolvimento com a sociedade dominante). A integração deve ser a forma de maior adaptação e a marginalização é a alternativa mais dramática (Berry *et al.*, 1989; Neto, 1994, 2002).

Durante a aculturação, as pessoas deparam com opções de atitudes diferentes e novos estilos de vida. A variável intercultural inclui: a proficiência da língua (dominante e étnica), identidade de grupo e discriminação percebida. Outro aspecto importante é o ponto até ao qual as mudanças de identidade estão relacionadas às mudanças que ocorrem no processo de aculturação. Dois aspectos importantes para os adolescentes de famílias imigrantes são: a identidade étnica e a identidade da maioria (Phinney, 1990, citado por Neto, 2002, p. 633). A discriminação étnica é um factor que pode afectar o processo de aculturação e levar a desajustes psicossociais (Liebkind e Jasinskala-Lahti, 2000, citado por Neto, 2002, p. 633).

Orbuch e Fine (2003) pretenderam compreender até que ponto a etnia pode ser relevante nos estudos correntes acerca das relações interpessoais. Poucos especialistas procuram ir mais longe nos mecanismos e explicações subjacentes a este fenómeno relacional complexo no contexto da etnia. Os autores tentam entender padrões distintos no processo da investigação observacional acerca da etnia e das relações interpessoais. Os investigadores vêem-se muitas vezes confrontados com a questão de saber se a etnia dos observadores e dos participantes, assim como as variações nos protocolos de treino, afectam as interações comportamentais.

As atitudes entre grupos e os comportamentos entre adolescentes podem diferir dependendo da origem étnico-cultural do contexto em que os jovens interagem com os seus pares (por ex. a escola). Noutro estudo (Carlson, Wilson e Hargrave, 2001, citados por Orbuch e Fine, 2003, p. 149), examinaram-se os efeitos da composição étnica da escola na orientação de grupos de estudantes hispânicos e no conforto percebido com as amizades com adolescentes de diferentes grupos étnicos. Testaram as hipóteses de que as amizades com outras etnias têm mais influência do que a composição da escola, na previsão das atitudes entre grupos.

Outro estudo (Rezende, 1993) analisa algumas representações acerca das relações de intimidade na amizade e da pessoa através de uma perspectiva comparativa entre jovens adolescentes estudantes, solteiros ingleses e brasileiros. Esta investigação tinha o objectivo de compreender as diferenças entre pessoas de nacionalidades distintas. O estudo encontra relações diferentes entre representações sobre intimidade e noções de pessoa para ingleses e brasileiros. Enquanto que para os ingleses esta é uma relação problemática, para os brasileiros ela é tão naturalizada que suscita pouca discussão.

Orbuch e Fine (2003) referem que os investigadores têm a obrigação de ser cautelosos ao tirar conclusões acerca das diferenças étnicas, visto que as diferenças observadas podem estar envolvidas numa rede de outras variáveis da relação e diferenças de grupos (estatuto sócio-económico).

7.2. Desafios conceptuais e metodológicos

O estudo das relações interpessoais procura ligações entre a origem étnica do indivíduo e o significado e experiência dos fenómenos relacionados com o contexto cultural. Assim, existem desafios conceptuais e metodológicos.

No modo como conceptualizar a etnia. O conceito de etnia tem um significado social e psicológico importante, conceptualizando-se a origem étnica de modo a responder a significados relacionados a ela. Visto que este significado é social e psicológico, os dois conjuntos de significados devem ser incluídos na conceptualização de etnia.

No que diz respeito à medição da etnia, a escolha de como medir este conceito deve ser conduzida pelas questões de uma investigação. Se elas se centram essencialmente no aspecto social da sua etnia, é apropriado medir a construção através de questões que avaliam em que categoria étnica tradicional o indivíduo se enquadra. Se a investigação se centra no sentido subjectivo de que o indivíduo tem da sua etnia, o conceito deve ser avaliado de modo mais ideográfico ao pedir ao indivíduo para descrever a sua etnia (Orbuch e Fine, 2003).

É um desafio saber se a existência de medições de fenómenos relacionados com a relação são equivalentes entre grupos étnicos diferentes. Se tomamos a posição de que a equivalência das medições deve ser demonstrada empiricamente antes de a medição poder ser utilizada

com grupos étnicos diferentes, a maioria das medições não pode ser utilizada em amostras de não brancos e de estatuto económico médio, pois as medições foram validadas para brancos de classe social média. Por outro lado, se se defende o argumento de que os instrumentos são geralmente equivalentes entre grupos étnicos diferentes, a não ser que as provas empíricas digam o contrário, há a tentação de utilizar os instrumentos existentes em indivíduos de grupos étnicos que não se encontram nas amostras das normas e de validação. Orbuch e Fine (2003) defendem que depende das questões propostas nos estudos, mas que é preferível confirmar a equivalência das medições, antes de assumir que as medições funcionam de igual modo entre indivíduos de grupos étnicos diferentes. Se a equivalência das medições ainda não tiver sido demonstrada empiricamente, os investigadores deverão ser cuidadosos ao compararem grupos étnicos diferentes.

Outro desafio é o do modo como considerar a etnia como um contexto cultural importante na interpretação de resultados de estudos acerca das relações de intimidade. Os investigadores devem ter em consideração a composição étnica das suas amostras quando interpretarem os resultados dos seus estudos. Devem considerar até que ponto a apreciação do contexto étnico da amostra pode enriquecer a compreensão dos resultados (Rezende, 1993).

Outro desafio é a decisão entre dois tipos de modelos de investigação: estudos interculturais entre grupos, que envolvem comparações de grupos étnicos diferentes no fenómeno relacionado com a relação e estudos dentro do grupo, que envolvem uma análise de determinados fenómenos apenas para membros de um único grupo étnico. A escolha do modelo da investigação deve depender da estratégia mais adequada para as questões da investigação. Orbuch e Fine (2003) defendem um misto destas duas estratégias. A expansão da compreensão do modo como o contexto cultural da etnia afecta as relações interpessoais exige conhecimentos retirados de ambas as abordagens.

Apesar destas dificuldades, os investigadores devem continuar a examinar a origem étnica no contexto das relações de intimidade entre diferentes grupos étnicos. Há indicadores comuns e distintos dos processos das relações interpessoais, comportamentos e efeitos entre grupos étnicos diferentes. Ao incluir o contexto cultural e da etnia nas investigações acerca das relações de intimidade e ao tirar conclusões acerca dos significados subjacentes nos resultados diversos, atravessa-se o abismo, do ponto de vista universal, acerca das relações interpessoais e experiências para o reconhecimento de que todas as relações

estão envolvidas em contextos culturais diversos. Começa-se assim a forjar um novo caminho para a investigação das relações de intimidade em adolescentes de diferentes grupos étnicos em contextos culturais diferentes, a viver e a estudar num país diferente.

Tradicionalmente, os multiculturalistas defendem práticas de educação intercultural baseadas em currículos orientados para a partilha e para a valorização das culturas de todos os adolescentes. Assim, a educação intercultural visaria promover a compreensão e a tolerância mútuas pela mudança de percepções e atitudes através de um programa facilitador do desenvolvimento da intimidade em adolescentes de diferentes grupos étnicos. Assim entendida, a inclusão da diversidade cultural no currículo pluralista da reforma curricular teria vantagens para todos os adolescentes, promoveria uma imagem positiva das minorias, a sua auto-estima e melhoria da satisfação com a vida e, conseqüentemente, surgiriam menos comportamentos de solidão e/ou violência (Jeffcoate, 1979; Veiga, 2004).

A amizade é considerada uma esfera importante nas relações pessoais em contextos culturais diferentes, o que suscita maior entusiasmo enquanto tema de pesquisa intercultural.

Existem relações distintas entre representações sobre as relações de intimidade na amizade e noções de pessoa, para adolescentes de contextos culturais diferentes. Enquanto que para os ingleses esta é uma relação problemática, para os brasileiros ela é tão naturalizada que suscita pouca discussão (Rezende, 1993).

No Brasil, em termos de pesquisas etnográficas, há uma produção significativa sobre juventude e sociabilidade, particularmente no Rio de Janeiro, tanto em camadas médias quanto em camadas baixas (Rezende, 1993). Mas a maior parte destes trabalhos discute a construção de identidade de grupo jovem, não analisando porém, o que seria a intimidade nas relações de amizade para os jovens adolescentes.

Estes trabalhos adoptam duas modalidades de estudo da comparação: o primeiro privilegia o sentimento da afiliação ligado à pertença a um grupo ou de categoria (Laperrière, 1994), o segundo procede, por estimativa directa, das similitudes e das diferenças ao contrastar o grau de pertença (Boukarroum, 2002), ou por estimativa indirecta, através do cálculo da distância entre as imagens produzidas nos descritores (Lorenzi-Cioldi e Meyer, 1984).

O estudo do impacto das diferenças de pertença cultural não é novo. O objectivo é verificar se estas diferenças culturais agem sobre a articulação entre comparação social e construção da identidade do indivíduo. A investigação baseia-se na ideia de que um dos motores desta articulação seria o processo de comparação ao «outro», muito activo durante a adolescência, para adquirir e fazer evoluir um posicionamento do indivíduo dentro do campo social. A comparação passa pela estimativa da parença e da diferença e da estimativa da distância em relação ao «outro».

Os resultados concretizam-se para o indivíduo, pela elaboração de um sistema de pontos de referência (distâncias que o indivíduo quer reduzir ou aumentar em relação ao «outro») que tem uma dupla função: uma directa que é de intervir na antecipação das formas de inserção na sociedade adulta e a segunda que é de enquadrar a construção do indivíduo enquanto pessoa, após a interiorização dos pontos de referência. Os estudos das semelhanças e da diferença contribuem para o desenvolvimento da intimidade do adolescente. Esta investigação dupla age pelo que é explícito da relação do indivíduo ao «outro» – o amigo íntimo do mesmo sexo, o parceiro amoroso, aos grupos e à cultura e pela elaboração de uma especificidade ou unicidade da pessoa.

Massonnat e Perron, (1990) estudaram a história das identificações do indivíduo através de um processo contínuo de comparação e no desenvolvimento da intimidade, concebida como um sistema interno do indivíduo, capaz de gerir uma parte da sua individualidade durante o seu desenvolvimento. Para tal, o adolescente deve adquirir uma capacidade de auto-análise das suas próprias experiências sociais. Aprender a conhecer a sua posição no campo social ao apreciar regularmente as suas relações íntimas pessoais e as relações no grupo no qual está inserido e as relações com os grupos tomados como referências. Nesta perspectiva, o adolescente procede por comparação, para se posicionar de forma social e cultural, estimulando as suas similitudes e diferenças relativamente aos grupos de pares (Boukarroum, 2000).

A comparação torna-se, com o tempo, num operador da construção da identidade por acção da vertente social, intrinsecamente ligado à vertente individual da identidade. Existe a ideia de complementaridade das dimensões pessoal e social da intimidade nas relações de amizade com o mesmo sexo e com o parceiro romântico (Prager, 1995).

A construção do indivíduo na adolescência baseia-se num papel motor e organizador na elaboração de um sistema de pontos de referência

como um verdadeiro esqueleto do desenvolvimento da intimidade e da construção da sua identidade. Diferenças culturais levam a diferenças de pontos de referência no campo social.

Muitos trabalhos sobre a comparação tomam em consideração o pólo «pareceça» ou o pólo «diferença» com base na correlação suposta negativa entre esses pólos (Deschamps e Devos, 1999, citados por Boukarroum, 2002, p. 506). Estes dois pólos alimentam vertentes suplementares da identidade: a procura da comunidade e a procura da especificidade. As correlações entre pareceças e diferenças, no seio de cada um dos grupos, revelam uma independência entre estes dois aspectos da comparação. O fenómeno da preferência intra e da diferenciação inter encontra-se aqui independentemente das diferenças culturais, o que poderia dar-lhe o estatuto de fenómeno geral da adolescência (Massonnat e Perron, 1990).

O sistema de referenciação, construído pelos adolescentes no seu meio ambiente social e cultural, é o reflexo do seu estatuto neste mesmo meio ambiente, mas é também um elemento organizador das suas relações de intimidade na amizade e na construção da própria identidade. O inter-grupo contribui para a organização do desenvolvimento intra-individual, provavelmente de forma mais nítida para o grupo de jovens de imigrantes que para o grupo nacional. É o único grupo que precisa de, em permanência, inscrever a sua procura de comunidade e de especificidade num duplo sistema de referências em congruência parcial com o da cultura parental e a dos pares da cultura de acolhimento (Boukarroum, 2002).

Olson (2002) refere que a distância entre os dois sistemas de referências conduz a mais ou menos conflitos e faz aparecer, aos olhos dos adolescentes, contradições importantes especialmente acerca das práticas educativas e religiosas. A solução destes conflitos passa pela adopção por parte dos adolescentes de estratégias de afirmação de si próprio, conforme os momentos e contextos frequentados. Resulta daí uma construção da identidade, mas mais susceptível de adaptação.

Em síntese, na Parte I da presente tese, foram definidos os conceitos e as implicações dos constructos de natureza psicológica e das variáveis sociodemográficas na intimidade em adolescentes. Começamos por fazer uma análise, em termos relativos, dos três constructos: Intimidade, Amizade e Amor, sendo feita uma referência através dos tempos, mencionadas algumas referências a diferentes estudos realizados e às variáveis que influenciam os constructos em estudo. Foi também feita uma

abordagem da imigração aos factores contextuais e ao desenvolvimento, no domínio da psicologia intercultural, das ciências da educação e dos estudos interculturais que conduziram ao repensar da urgência de uma verdadeira educação intercultural, baseada nas relações de intimidade individuais e de grupo.

Parece por isso pertinente analisar no estudo empírico que se segue a intimidade nas relações de amizade e de amor nos diferentes grupos étnicos.

Para tal, na Parte II – a investigação empírica é composta pelo capítulo cinco e pelo capítulo seis. Assim, no próximo capítulo irão ser apresentados todos os passos metodológicos sucessivamente realizados na pesquisa empírica preliminar. O capítulo encontra-se estruturado em cinco secções: 1) problemática, 2) objectivos e hipóteses da investigação, 3) metodologia, 4) resultados e 5) discussão.

PARTE II – A INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

Esta segunda Parte do trabalho apresenta os estudos realizados e está dividido em dois capítulos:

- Capítulo 5 – Estudo Preliminar, que serviu para validar a Escala da Intimidade nas relações de Amizade entre Amigos do mesmo Sexo – *Intimate Friendship Scale* em estudantes portugueses entre os 16 e os 19 anos.
- Capítulo 6 – Estudo Final analisou a Amizade e o Amor em adolescentes de diferentes grupos étnicos.

Em ambos os estudos serão caracterizadas as amostras, os instrumentos utilizados e os procedimentos desenvolvidos, assim como apresentados os testes feitos e os resultados obtidos.

Encontram-se, assim subdivididos em Problemática/Objectivos da investigação/Metodologia (Caracterização da amostra, Instrumentos, Procedimento)/Resultados, Discussão e Conclusão Geral.

Os estudos foram aplicados em jovens adolescentes a frequentar o ensino secundário público e privado e a grupos de portugueses, angolanos, cabo-verdianos, indianos, guineenses, moçambicanos e são-tomenses.

Estudaram-se as relações de amizade dos adolescentes com os(as) amigos(as) do mesmo sexo e as atitudes em relação ao amor (diferentes estilos de amor: Eros, Ludus, Storge, Pragma, Mania e Ágape).

CAPÍTULO V – ESTUDO PRELIMINAR: INTIMIDADE NAS RELAÇÕES DE AMIZADE EM ADOLESCENTES PORTUGUESES

Ao longo da parte teórica foram abordados os conceitos de intimidade na amizade e no amor, focando os estudos empíricos realizados e de acordo com diferentes perspectivas. Neste capítulo faz-se a adaptação da Escala da Amizade com Amigos do mesmo Sexo – *Intimate Friendship Scale* com uma população portuguesa, nomeadamente com um grupo de adolescentes estudantes do ensino secundário. Este estudo preliminar pretende que esta escala de avaliação da intimidade na amizade seja um instrumento psicometricamente adequado para a população portuguesa e que possa no futuro servir de estímulo à investigação empírica

sobre a intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo em Portugal.

1. PROBLEMÁTICA

Prager (1995) argumenta que quando adolescentes do mesmo sexo se tornam íntimos, essa amizade torna-se um porto de abrigo das preocupações relacionadas com a sua própria imagem dentro de um grupo. Os amigos tornam-se de confiança, podem guardar segredos e não falam nas suas costas, sendo um factor de satisfação com a vida. Segundo Beardsall e Dunn, citado por Neto (1998, p. 173), um acontecimento negativo, tal como a morte de um amigo íntimo pode baixar significativamente a auto-estima do adolescente.

No que se refere às qualidades da amizade, vários estudos interculturais indicam que os adolescentes com amigos íntimos são mais seguros e calmos (Hartup, 1989, 1996). Alguns descrevem as suas relações como sendo de apoio e íntimas; outros como de rivalidade e sem intimidade.

As diferenças de qualidade estão relacionadas com o ajustamento social e emocional durante a adolescência: a crença de que os amigos não dão apoio está associada com a solidão e a insatisfação com a vida entre outros sintomas, especialmente nas raparigas (Feldman *et al.*, 1988, citados por Sharabany, 2000, p. 229), problemas psicológicos e ligados à escola (Kurdek e Sinclair, 1988), percepção negativa dos colegas de turma (Berndt e Zook, 1993), fraca auto-estima (Mannarino, 1976) e percepções de si menos favoráveis em termos sociais e de satisfação com a vida (McGuire e Weisz, 1982) encontradas quando os amigos são considerados apoiantes.

Os adolescentes que consideram as suas amigas como sendo de apoio tendem mais a ser populares e considerados socialmente competentes do que os adolescentes com amigas de menos apoio (Chou, 2000); são também mais motivados para terem participação social, mais envolvidos nas relações de intimidade, têm melhores resultados de satisfação com a vida e menos problemas comportamentais (Berndt *et al.*, 1986).

As amigas que satisfazem podem funcionar como um caminho para ser feliz através do qual o mundo parece lindo, em oposição aos percursos de isolamento e fraca auto-estima constituídos por amigas não satisfatórias. As amigas que trazem apoio podem ajudar os adolescentes na gestão do stresse ou na solução de problemas, reforçando o

ajustamento social e a satisfação com a vida. As boas relações sociais e o bom ajustamento social podem também ser apenas manifestações de sociabilidade geral.

Há todo um acervo de trabalhos que mostraram que os estudantes cujas amizades eram mais íntimas e de apoio tornam-se muito envolvidos na escola enquanto que os estudantes cujas amizades se caracterizam pelo conflito e rivalidade se tornavam menos envolvidos na escola. Aspectos qualitativos destas relações fazem prever mudanças no ajustamento escolar. A qualidade das amizades afecta directamente as atitudes académicas e a satisfação com a vida (Hartup e Stevens, 1997).

O compromisso em manter ou desenvolver uma amizade de alta qualidade requer atenção às pressões e tensões dentro da amizade e amizades de tão alta qualidade podem ser experimentadas como tendo uma grande quantidade de tensão (Wright, 1982). Embora não haja uma ideia concordante sobre a definição de como lidar com situações de insatisfação com a vida e solidão na adolescência dentro de um quadro conceptual (Heppner, 1988; Lazarus e Folkman, 1984; Rohde, Lewinsohn, Tilson e Seeley, 1990), há sim uma concordância de que as relações de amizade são elementos importantes na capacidade dos adolescentes em lidar com os factores de pressão da vida (Dean e Lin, 1977).

Outros estudos relacionam as relações de intimidade na amizade com variáveis positivas da personalidade, como a auto-estima e a felicidade ou com variáveis negativas, como a insatisfação com a vida e a solidão. A satisfação com a vida na adolescência está positivamente relacionada com as qualidades positivas dentro das relações de amizade íntima (Hussong, 2000).

As dimensões da intimidade têm sido relacionadas aos papéis do género (Jones e Dembo, 1989) e a identidade e solidão (Wiseman e Lieblich, 1993, citado por Sharabany, 1994, p. 160).

A amizade ajuda o desenvolvimento geral dos jovens: bons resultados de desenvolvimento ajudam de ter amigos e mantê-los, as amizades dão oportunidades de socialização que não são fáceis de ter de outra forma (incluindo experiências de intimidade ou gestão de conflito) e estas relações são importantes na regulação da emoção, na compreensão do próprio eu e na formação e funcionamento de relações subsequentes (incluindo relações românticas). Os amigos podem ter influências negativas assim como positivas. Ter amigos, a identidade dos amigos

e a qualidade das amizades devem ser considerados como variáveis diferentes com implicações de desenvolvimento diferentes.

Não ter amigos e o facto de os outros não gostarem de nós são atributos diferentes. Entre os adolescentes, os que têm amizades estáveis são mais altruístas (Mannarino, 1976); a auto-estima também é maior (Bukowski *et al.*, 1993; 1996). Os adolescentes sem amigos registam solidão e depressão (Asher e Parker, 1989).

Ter amigos pode realçar a adaptação social e a satisfação com a vida. Ser sociável e ter amigos deriva de uma fonte comum, como boas relações sociais no início da infância. Ter amigos contribui para o ajustamento social. Ter amigos foi relacionado com auto-estima mas não a atribuições acerca das capacidades sociais (Bukowski *et al.*, 1999). Gostarem de nós foi relacionado à competência social mas não à auto-estima. Esta aparece dependente do ter amigos, enquanto que as percepções de si relativas às competências sociais dependem de ser popular. Distúrbios nos conceitos de si e ajustamento social normalmente associados a transições escolares durante a adolescência são reduzidos quando as mudanças escolares ocorrem na companhia de bons amigos (Simmons *et al.*, 1989).

Existem seis factores específicos que favorecem o desenvolvimento da intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo, incluindo a defesa do(a) amigo(a) na sua ausência, a partilha de acontecimentos positivos e/ou negativos, o desempenho de apoio emocional, a confiança mútua, a ajuda voluntária em caso de necessidade e de livre vontade tomar atitudes e comportamentos que façam o(a) amigo(a) feliz (Argyle e Henderson, 1985). Para além destes factores, certas dimensões da intimidade nas relações de amizade entre amigos do mesmo sexo diferem para os rapazes e para as raparigas. As relações de amizade das raparigas tendem a estabelecer uma maior intimidade do que as dos rapazes. As amizades dos rapazes tem a ser mais orientadas para a actividade (Duck e Wright, 1993).

O adolescente que estabelece intimidade na relação de amizade com o amigo do mesmo sexo pode também contribuir para a socialização romântica e sexual. As amizades são significativas na socialização sexual. Mas ter amigos e ter uma experiência de intimidade infantil podem ambos reflectir alguma fonte comum de variância como a auto-estima e atracção social. Ter amigos entre 8 e 15 anos e ter amigos entre 16 e 19 faz prever relações românticas com satisfação com a vida entre os 20 e os 24 anos (Neeman *et al.*, 1995).

Amizades com o mesmo sexo fazem prever relações românticas, mas não o contrário. As noções de que as relações com o mesmo sexo facilitam a formação e o funcionamento das relações com o sexo oposto podem estar correctas (Sullivan, 1953). As investigações sugerem que ter um melhor amigo está ligado a bons resultados de desenvolvimento. Ter um amigo significa ter um bom amigo que dá apoio. As amizades não são todas iguais e outros estudos demonstraram quem são os amigos e o que são essas relações também determinam os resultados de desenvolvimento.

O modelo de Bukowski *et al.*, (1993) representa as associações entre variáveis: a popularidade está directamente ligada a medições de amizade e percepções de pertença social. A amizade mútua está ligada à qualidade da amizade e as medições de amizade estão ligadas a sentimentos de solidão. A pertença social está ligada a sentimentos de solidão. A popularidade está relacionada à solidão através de caminhos indirectos, através da amizade ou das percepções de pertença e inclusão.

No que diz respeito à solidão durante a transição para a idade adulta, não se encontraram diferenças nos adolescentes do kibbutz e da cidade (Russell *et al.* 1980). O sentido subjectivo da solidão registada mais nos kibbutz está relacionado com a solidão social e não com a solidão emocional (Weiss, 1973, 1987). Como referem Ostrov e Offer (citados por Neto, 1992, p. 29), «as pessoas mais novas dizem sentir mais solidão». Sullivan (citado por Sprinthall e Collins, 1999, p. 368) «defende que a amizade na pré-adolescência e na adolescência satisfaz uma necessidade psicológica básica que é comum a todos os indivíduos: a necessidade de vencer a solidão». De acordo com este autor é nesta fase que o adolescente procura validar a sua importância como pessoa através de relações alargadas à família, em especial nas relações com os amigos. O estabelecimento de amizades entre adolescentes do mesmo sexo leva-os a ultrapassarem a solidão.

Nos jovens adultos da cidade, as mulheres mostravam valores significativamente mais elevados do que os homens, mas os resultados das mulheres no kibbutz eram mais baixos do que dos homens da cidade. Os jovens adultos do kibbutz parecem fechar o fosso na sua intimidade com o melhor amigo do mesmo sexo ao chegarem à idade adulta, o que é atribuído a novas experiências de amizades fora do kibbutz. Gozam então de maior autonomia em relação ao seu grupo de pares e aumentam as oportunidades de desenvolverem relações íntimas a dois (Sharabany e Wiseman, 1993).

As concordâncias mais nítidas na adolescência são as de género (Hartup, 1989). As amizades, especialmente entre os melhores amigos são entre o mesmo sexo. As amizades com o sexo oposto, (há que distingui-las das relações românticas) contam apenas como 5% das amizades no início e meio da adolescência. As relações românticas tornam-se cada vez mais comuns mas a frequência da melhor amizade rapaz/rapariga mantêm-se a mesma que no meio da adolescência. Apenas no fim da adolescência é que há um declínio desta concordância (Epstein, 1983).

O género é uma variável de «pessoa» que tem recebido especial atenção. Apesar das crianças do ensino primário não terem escolhas de sexo oposto, as crianças do pré-escolar escolhem muitas vezes amigos do sexo oposto. Nos adolescentes a escolha de um amigo de sexo oposto aumenta com a idade (e.g. Bukowski *et al.*, 1993; Elder e Hallinan, 1978). A escolha de um amigo do mesmo sexo parece estar relacionada com as preferências de actividades das crianças. Os rapazes que preferem jogos mais físicos, assim como as raparigas que preferem jogos mais calmos, seleccionam poucos amigos de sexo oposto (Bukowski, *et al.*, 1993; Maccoby, 1988).

Existem também diferenças de género na quantidade e qualidade das amizades das crianças. Nas crianças, os rapazes mostram ter mais amigos de mesmo sexo do que as raparigas e que a diferença tem o seu pico por volta dos onze anos (Bukowski *et al.* 1993). No entanto, não se registam diferenças no número de amizades recíprocas ou na estabilidade das amizades. As raparigas tendem mais a registarem mais trocas íntimas, validação e preocupação, ajuda e orientação, proximidade e segurança (Bukowski, *et al.*, 1993; Parker e Asher, 1993). Outros autores (Zarbatany e Paper, 1993, citado por Schneider, 1994, p. 88) sugerem um modelo tripartido incluindo factores pessoais ou sexuais, factores de relação e factores de contexto na investigação dos processos multifacetados envolvidos. Assim podem-se abordar questões acerca de se as raparigas, que normalmente valorizam mais os aspectos emocionais da amizade do que os rapazes, tendem mais a esperar recompensas tangíveis afim de incluir uma terceira pessoa na interacção.

Outros estudos centram-se nas diferenças por género, como Brebner (2003) que constatou um maior índice de satisfação com a vida nos jovens adolescentes de sexo feminino e nas mulheres.

Os efeitos relacionados com o género são frequentes na literatura sobre a intimidade. Os meios pelos quais os adolescentes lidam com os factores de insatisfação com a vida são específicos ao género (Frydenberg

e Lewis, 1993; Copeland e Hess, 1995). As raparigas usam mais o apoio social, a procura de relações de amizade com o mesmo sexo e a expressão emocional, enquanto que os rapazes normalmente empregam estratégias mais ligadas à insatisfação (Frydenberg e Lewis, 1993; Patterson e McCubbin, 1987).

De acordo com Neto (1997, p. 149) «a satisfação com a vida parece estar relacionada com a qualidade das nossas relações sociais». As normas socioculturais, as normas de grupo e as características da personalidade individual podem limitar a extensão das interações e relações íntimas que as pessoas procuram ou às quais têm acesso. Se subestimarmos os efeitos dos factores contextuais relacionados com o género, é talvez porque temos tendência para os medir um de cada vez.

No que se refere ao género o desenvolvimento das relações de intimidade é diferente para as raparigas e para os rapazes (Sharabany, 2000). Enquanto que para os rapazes a identidade precede a intimidade, para as adolescentes as relações de intimidade e de identidade fundem-se de tal modo que as raparigas conhecem-se a si próprias através da sua relação com os outros. A identidade masculina é ameaçada pela intimidade, enquanto que a identidade feminina é ameaçada pela separação (Gilligan *et al.*, 1990). A responsabilidade pelos outros e sensibilidade às suas necessidades muitas vezes entram em conflito com a acção independente autónoma.

O impacto do género no relacionamento íntimo não será totalmente aparente a não ser que os estudiosos investiguem sistematicamente os efeitos dessas variáveis que ocorrem com o género. Temos que deixar de usar o género como agente para as outras variáveis (e.g., Bleiszner e Adams, 1992). Em vez disso, temos que investigar directamente fenómenos que variam do género. Os efeitos relacionados com o género reflectem geralmente os efeitos destes e muitas outras variáveis no relacionamento íntimo. Os fenómenos relacionados com o género chocam connosco a todos os níveis contextuais, por isso o género pode servir de janela para os processos pelos quais os fenómenos socioculturais, de grupo, interpessoais e situacionais afectam o relacionamento íntimo (e.g., Blieszner e Adams, 1992; Wood, 1994).

O constructo mais estudado quanto à diferença de sexos na amizade é a da intimidade. As relações das crianças com os seus pares tornam-se cada vez mais íntimas na adolescência, especialmente no final da adolescência (e.g., Jones e Dembo, 1989; Berndt, 1982; Buhrmester e Prager, 1995), embora as amizades masculinas não parecem aumentar

de intimidade até à idade dos 17 anos, para as raparigas aumentam a partir dos 14 anos (Buhrmester e Prager, 1995).

Brebner (2003) concluiu que, apesar de os rapazes poderem ter maiores redes sociais de pares durante a infância, não existem diferenças entre os sexos quanto ao tamanho dessas redes durante a adolescência. Apesar de não se relatarem diferenças globais entre os sexos, acredita-se que as amizades entre o mesmo sexo para os rapazes e para as raparigas diferem no conteúdo e na intimidade das suas interações. As relações de intimidade na amizade desde cedo se fazem notar nas relações entre irmãos, sendo frequentemente positivas e próximas, funcionando os mais velhos como um referencial importante para os adolescentes, podendo ser os seus modelos confidentes, muito particularmente em áreas cujo diálogo com os pais é mais difícil. Costa (1999), refere que a intimidade parece ser maior entre irmãos amigos do mesmo sexo e, muito particularmente, entre raparigas.

Num estudo Hartup (1989) concluiu que a intimidade nas relações de amizade diferencia nas raparigas e nos rapazes na adolescência de uma forma mais vincada do que qualquer outro aspecto nas relações de pares. Quando se encontram diferenças na intimidade, as amizades femininas são classificadas como sendo mais íntimas. A intimidade é, no entanto, definida de várias maneiras diferentes, sendo as duas maneiras mais importantes a discussão de acontecimentos negativos e a troca de informação privada. É necessário especificar a definição de intimidade se queremos compreender as amizades masculinas e femininas.

Por não se terem encontrado diferenças globais de sexo na amizade seria incorrecto comparar a intimidade com a amizade. As diferenças de sexo registadas na intimidade indicam estilos diferentes de interações, especialmente nas mulheres que trocam mais informação pessoal sobre acontecimentos negativos com as amigas. A maioria dos estudos sobre as diferenças nas amizades dos rapazes e raparigas examinaram discussões de acontecimentos negativos e pessoais.

Segundo um estudo intercultural reportado por Lees (1993), os rapazes têm mais dificuldades em fazer e manter amigos. As suas amizades decorrem mais de hábitos comuns, como actividades desportivas, intelectuais e artísticas, desenvolvidas no quotidiano. As raparigas, geralmente com maior facilidade para expressar as emoções, estão mais abertas a partilhar a intimidade com a amiga íntima. Segundo este autor a verdadeira amizade inicia-se quando os adolescentes entram na fase de questionar os valores familiares, principalmente os paternos, e procuram estar em companhia de outros adolescentes com pensamentos

e conflitos semelhantes aos seus. A amizade é o protocolo da confiança e da intimidade.

No que se refere à reciprocidade na amizade e as diferenças de género, outros estudos (Youniss e Smollar, 1985), afirmam que as raparigas descrevem as suas amigas em termos de actividades partilhadas, intimidade mútua e compreensão. Mudanças de desenvolvimento na intimidade devem ser consideradas tendo em conta o género.

2. OBJECTIVOS E HIPÓTESES DA INVESTIGAÇÃO

O presente estudo teve como base os seguintes objectivos:

1. Verificar como a Escala da Amizade entre amigos do mesmo sexo funcionava do ponto de vista psicométrico com uma amostra portuguesa de estudantes entre os 16 e os 19 anos a frequentar o ensino secundário na região de Lisboa e Vale do Tejo.
2. Avaliar o poder preditivo de variáveis pessoais (género, posição social e religião) na amizade com o melhor amigo do mesmo sexo.
3. Avaliar a relação dos constructos de natureza psicológica – satisfação com a vida e solidão, com a amizade com o melhor amigo do mesmo sexo.

Face ao problema da investigação definida para este estudo preliminar, tendo em conta as principais conclusões da revisão da bibliografia, foram estabelecidas:

- Hipótese 1 – As raparigas têm scores mais altos de intimidade nas relações de amizade com a melhor amiga do que os rapazes.
- Hipótese 2 – A variável posição social influencia a amizade, alunos de posição social superior apresentam níveis de intimidade nas relações de amizade mais elevados.
- Hipótese 3 – A variável religião influencia a amizade, alunos com religião apresentam níveis de intimidade nas relações de amizade mais elevados.
- Hipótese 4 – A intimidade nas relações de amizade tem uma correlação positiva com a satisfação com a vida e uma correlação negativa com a solidão.

3. METODOLOGIA

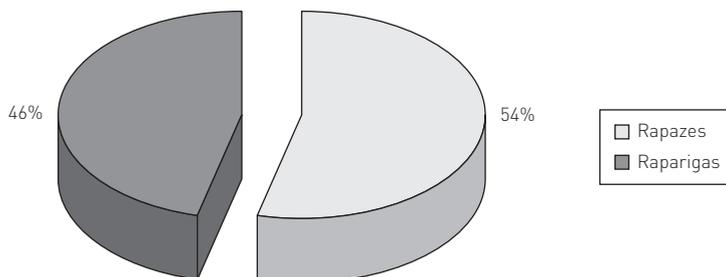
3.1. Caracterização da amostra

A amostra é caracterizada por estudantes em escolas do ensino secundário em escolas portuguesas das regiões de Setúbal, Lisboa, Seixal, Santo António dos Cavaleiros e Loures. Devido ao estudo pretender fazer uma análise referente a alunos com pertenças a posições sociais diferentes, a escolha da amostra de escolas não foi aleatória, tendo sido feito um levantamento, no Ministério da Educação das Escolas Secundárias públicas e privadas com alunos com estas características, pensando-se assim, ser pertinente inquirir os alunos das seguintes escolas:

- Escola Secundária do Bocage (Setúbal);
- Escola Secundária da BelaVista (Setúbal);
- Escola Secundária D. Dinis (Lisboa);
- Colégio Planalto (Lisboa);
- Colégio Mira-Rio (Lisboa);
- Escola Secundária José Afonso (Seixal);
- Escola Secundária José Cardoso Pires (Santo António dos Cavaleiros);
- Escola Secundária de Loures.

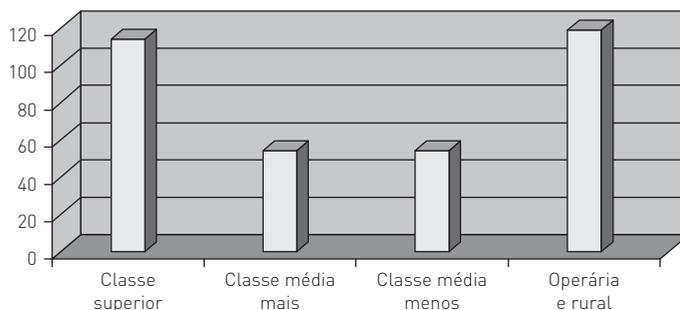
A amostra é constituída por 341 adolescentes, sendo 184 rapazes (54,0%) e 157 raparigas (46,0%), distribuídos da seguinte forma: 135 (39,6%) de 16 anos, 107 (31,4%) de 17 anos, 64 (18,7%) de 18 anos e 35 (10,3%) de 19 anos. A média de idades é 17,0 (DP = 0,99).

Figura 17 – Percentagem de raparigas e rapazes



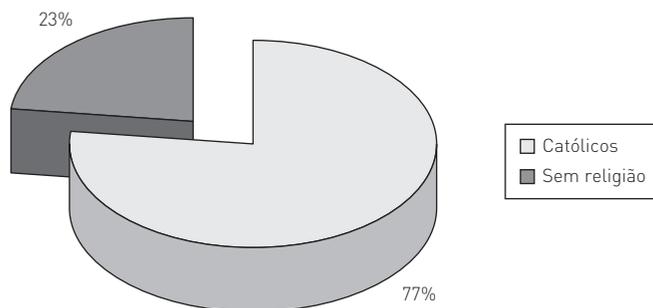
Considerando a posição social do grupo 114 são classe superior (33,43%), 54 são de classe média mais instruídos (15,8%) e também 54 (15,84%) de classe média menos instruída e 119 de estrutura operária e rural (34,89%).

Figura 18 – Frequência por posição social



No que se refere à religião 262 adolescentes (76,8%) são católicos e 79 dizem não ter religião (23,2%).

Figura 19 – Percentagem de católicos e sem religião



Esta amostra apresenta um número mais elevado de rapazes em relação a raparigas porque como o estudo pretendia avaliar se a posição social influenciava na intimidade das relações de amizade, recorrendo-se também a um colégio masculino privado, uma vez que no ensino público segundo as estatísticas do Ministério da Educação a população de estudantes masculina no ensino secundário é significativamente inferior à população feminina.

3.2. Instrumentos

Foi solicitado aos participantes a resposta a determinadas questões demográficas, bem como a resposta a três escalas: Intimidade nas Relações de Amizade com amigos do mesmo sexo, Solidão e Satisfação com a Vida.

Questões demográficas

Para verificar como se comportavam as diferentes «posições sociais» em termos de influência nos níveis de intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo utilizámos um quadro de «posições sociais» (1987), elaborado pela Área de Análise Social e Organizacional da Educação da Universidade do Minho, que contempla quatro situações: Posição Social I – classe superior (profissões liberais, grandes industriais e comerciantes, altos funcionários, gestores de empresas, etc.); Posição Social II – classe média mais instruída (professores do ensino não superior, médios industriais e comerciantes, funcionários médios); Posição Social III – Classe média menos instruída (pequenos industriais e comerciantes, capatazes, encarregados de obras); Posição Social IV – estrato operário e rural: trabalhadores manuais (operários não qualificados, trabalhadores rurais, funcionários auxiliares). Estes dados foram acrescidos das respectivas habilitações académicas e profissionais do modelo utilizado no recenseamento à população residente em Portugal Censos 2001.

No que se refere à religião, a questão foi estruturada segundo o modelo do questionário utilizado nos Censos 2001. Todas as religiões estavam descritas mais um item de sem religião, respectivamente: 1 – Católica, 2 – Hindu, 3 – Ortodoxa, 4 – Protestante, 5 – outra cristã, 6 – Judaica, 7 – Muçulmana, 8 – outra não cristã, 9 – sem religião.

Solicitou-se igualmente aos participantes que indicassem o género, idade, escola que frequentavam, ano de escolaridade, religião, posição social e participação social.

Foram também utilizadas as seguintes Escalas:

*A – Escala da Intimidade nas Relações de Amizade
– Intimate Friendship Scale*

A Escala da Intimidade nas Relações de Amizade tem sete opções de resposta, três de concordância, um intermédio de não decisão e três de discordância (variando do fortemente em desacordo ao fortemente de acordo) sendo formada por 32 itens. Existem questionários para rapazes e para raparigas. Foi aplicada inicialmente por Sharabany em 1974 com crianças do 5.º e 6.º anos e em adolescentes por Sharabany e Wiseman (1993), Mayselless, Wiseman e Hai, (1998), Chou (2000) e Sánchez-Queija e Oliva (2003). A validade desta escala foi também feita com adultos por Mayselless, Sharabany e Sagi (1997). Sharabany (2000) validou também a escala examinando a intimidade numa condição ecológica especial, o kibbutz israelita, em que as crianças dormem separadamente dos pais. Este estudo compara o paralelo entre a intimidade com um amigo e a intimidade com os pais nos delinquentes e adolescentes em risco, examinando também o grau de similitude entre intimidade com os pais e intimidade com o amigo em famílias divorciadas. No âmbito da intimidade nas relações de amizade entre pares Sharabany (1994, 2000) examinou as relações íntimas com o melhor amigo do mesmo sexo. No estudo original nas quatro amostras (rapazes e raparigas, do kibbutz e da cidade) os coeficientes alfa da escala total variam entre 0,72 e 0,77.

Os oito aspectos focados na escala podem apresentar variações em qualidade e quantidade e cada elemento pode seguir o seu percurso de desenvolvimento. No entanto, é a soma destes aspectos que é importante na definição e avaliação da intimidade nas relações de amizade. No estudo original nas quatro amostras (rapazes e raparigas, do kibbutz e da cidade) os coeficientes alfa da escala total variam entre 0,72 e 0,77 e de 0,98 num estudo de Jones e Dembo (1989). As correlações entre os oito temas variaram entre 0,44 e 0,84 com uma média de 0,69. O grau de estabilidade dos resultados da intimidade foram importantes no acompanhamento após um período de sete anos. A correlação dos resultados totais de intimidade entre o tempo 1 e o tempo 2 foram $r = 0,34$ para os rapazes e $r = 0,48$ para as raparigas (Lev-Ran e Sharabany, 1981). A validade desta escala foi mostrada pelo facto de o melhor amigo obter resultados mais elevados do que o outro amigo, havia reciprocidade na escolha do melhor amigo e resultados mais elevados de intimidade (Sharabany *et al.*, 1981; Sharabany e Wiseman, 1993; Sharabany, 1994; Sánchez-Queija e Oliva, 2003).

Sharabany *et al.*, (1998), num estudo utilizou quatro formas da escala da intimidade. A fiabilidade para as diversas formas de intimidade foi de 0,86 e 0,89.

B – Escala da Satisfação com a Vida (SWLS)

Diener *et al.* (1985) desenvolveram a Escala Satisfação com a Vida (SWLS) preenchendo a necessidade de uma escala multi-item para medir a satisfação com a vida enquanto processo de julgamento cognitivo. A escala contém cinco itens. A avaliação de cada item é feita numa escala de tipo Likert de um a sete pontos em relação ao grau de acordo e desacordo. Pretende obter uma apreciação geral em relação à satisfação com a vida dos indivíduos (por exemplo, a saúde, a família, os amigos, os amores ou o bem-estar material) e os diversos estados de espírito, com o objectivo de verificar se o grau de satisfação com a sua própria existência é mais ou menos positiva. Esta escala permite ao inquirido a liberdade de integrar e ponderar, da forma que entender, os vários domínios da vida pessoal de cada um, no sentido de avaliar o juízo subjectivo que cada pessoa faz sobre a qualidade da própria vida, de acordo com os seus próprios critérios e não em função de padrões preestabelecidos.

Foi já possível demonstrar a fidelidade e a validade factorial desta escala numa população portuguesa (Neto, Barros e Barros, 1990; Neto 1993), num estudo entre o stresse de aculturação e as escalas de satisfação com a vida, ansiedade social e atitudes em relação à aculturação em adolescentes. Neto (1999), numa investigação com jovens estudantes universitários, encontrou uma correlação positiva entre a auto-estima e a satisfação com a vida. Simões (1992) validou a SWLS, com algumas adaptações para amostras menos instruídas. O número de alternativas de resposta foi reduzido para 5. Obteve-se valores concordantes aos de Neto *et al.* (1990), no que respeita à fidelidade (alfa de Cronbach de 0,77) e à validade factorial. Seco (2000) examinou a relação da SWLS na actividade docente com outras medidas psicológicas. O valor de consistência interna encontrado foi satisfatório (alfa de Cronbach de 0,84).

C – Escala da Solidão da UCLA («University of California at Los Angeles»)

A Escala da Solidão da UCLA («University of California at Los Angeles») é encarada enquanto estado psicológico e apreendida de modo unidi-

mensional. Segundo Neto (1992) esta escala tem-se mostrado fidedigna e válida para avaliar a solidão e para discriminar entre solidão e outros constructos relacionados. É um instrumento constituído por dezoito itens que são avaliados numa escala de escolha múltipla com quatro opções: «muitas vezes», «algumas vezes», «raramente» e «nunca». A escala foi adaptada e validada para a população portuguesa (Neto, 1989 a; 1989 c), verificando-se a existência de uma correlação negativa entre a solidão e a ansiedade social. Apresenta uma boa consistência interna. Esta escala também foi utilizada em estudos empíricos nos Estados Unidos (e.g. Peplau e Perlman, 1982; Hojat e Crandall, 1989). Através das relações entre os scores da escala e das auto-avaliações da solidão, abonam em favor da validade do instrumento em amostras portuguesas, verificando-se o coeficiente alfa de Cronbach de 0,87.

3.3. Procedimento

A escala original (em inglês) – *Intimate Friendship Scale* – foi traduzida para português pela investigadora em colaboração com um conjunto de especialistas em língua inglesa depois de ter sido obtida a devida autorização da autora (Ruth Sharabany) para a tradução e aplicação em Portugal. Foi feito um pré-teste com dois grupos de adolescentes, num total de cento e quarenta e cinco adolescentes, respectivamente de duas Escolas Secundárias inseridas em Bairros sociais da periferia de Setúbal e em dois Colégios privados em Lisboa. Participaram neste grupo de trabalho, os directores das turmas seleccionadas, psicólogos, a investigadora, elementos da equipa da tradução da escala e quarenta adolescentes (vinte do sexo masculino e vinte do sexo feminino) de referência e voluntários.

Foram seleccionadas Escolas do ensino Secundário que preenchiam os requisitos em relação à sua situação geográfica e à caracterização dos alunos. O investigador participou nos Conselhos Pedagógicos para explicação dos objectivos da investigação e para a obtenção da autorização dos docentes e dos Presidentes dos Órgãos de Gestão das Escolas seleccionadas para iniciar a aplicação dos instrumentos.

Através dos Órgãos de Gestão das Escolas Secundárias foram contactados os elementos representativos das Associações de Pais de forma a obter-se a autorização dos encarregados de educação para a aplicação dos questionários aos seus educandos.

O instrumento é igual para todos os inquiridos, contudo e para uma personalização foi utilizado um questionário para rapazes (escrito para a 1.ª pessoa do singular masculino) e um para raparigas (escrito para a 1.ª pessoa do singular feminino).

Os questionários foram aplicados em situação de sala de aula em hora não lectiva, na presença do professor Director de Turma e da investigadora num período de três meses (Janeiro, Fevereiro e Março de 2001). Antes do preenchimento dos questionários foi feita uma explicação do mesmo e dadas as instruções para o preenchimento. O questionário anexava uma folha com todas as instruções para o seu preenchimento, assim como os objectivos e para que fim se destinava. Os participantes foram sempre voluntários, com a prévia condição da não obrigação de resposta. Os jovens estudantes preencheram os questionários anonimamente e confidencialmente. Não foi imposto tempo limite. O tratamento estatístico dos dados foi feito utilizando o programa SPSS, versão 10 e análise gráfica.

4. RESULTADOS

Foi analisada a estrutura interna da escala da intimidade nas relações de amizade entre amigos do mesmo sexo, tentando verificar a unidimensionalidade da escala. Apresentam-se também de acordo com as hipóteses anteriormente especificadas as verificações das diferenças no tipo de resposta em relação ao género, à posição social e à religião. Analisaram-se finalmente as correlações existentes entre a escala da intimidade nas relações de amizade entre amigos do mesmo sexo e as outras medidas psicológicas, solidão e satisfação com a vida.

Foi feita, em primeiro lugar, uma análise por itens da escala, podendo dizer-se depois de analisadas as médias de resposta que os adolescentes demonstraram scores elevados de amizade com amigos do mesmo sexo, em todos os itens oscilando até 6,3 para o item 10 «Eu sou amigo(a) dele/(ela)» e 3,3 para o item 15 «Incomoda-me a presença dos outros quando eu e ele/(ela) estamos a fazer alguma coisa em conjunto». Apresentam-se os dados no quadro 3.

Quadro 3 – Itens da escala, médias, desvios-padrão, saturações e correlações itens – scores total (excepto o próprio item) da Escala da Intimidade nas Relações de Amizade entre Amigos do mesmo Sexo

N.º	Itens	Média	Desvio Padrão	Saturação factorial	Correlações Item-score total
1	Sinto-me livre para falar com ele/ /ela) praticamente sobre todas as coisas.	6,1	1,2	0,68	0,62
2	Se ele/(ela) faz alguma coisa que não me agrada, eu posso sempre falar-lhe acerca dessa questão.	5,9	1,4	0,60	0,52
3	Falo com ele/(ela) acerca dos meus desejos e projectos para o futuro.	6,0	1,2	0,72	0,66
4	Quando a minha conduta ou comportamento não é aprovado pelos outros é a ele/(ela) que recorro para desabafar e contar.	5,3	1,4	0,63	0,60
5	Sei o que é que ele/(ela) sente acerca de coisas sem que me diga.	5,1	1,5	0,64	0,60
6	Conheço o género de livros, jogos e actividades que ele/(ela) aprecia.	5,5	1,4	0,60	0,54
7	Conheço os seus sentimentos em relação à rapariga/(ao rapaz) que ele/(ela) gosta.	5,5	1,6	0,62	0,57
8	Sei quando ele/(ela) se sente preocupado(a) com alguma coisa.	5,8	1,3	0,70	0,62
9	Unem-me laços fortes de amizade a ele/(ela).	6,0	1,3	0,80	0,74
10	Eu sou amigo(a) dele/(ela).	6,3	1,2	0,67	0,59
11	Sinto a sua ausência com saudade.	5,2	1,6	0,69	0,65
12	Quando ele/(ela) está ausente penso onde está, o que faz e com quem.	4,0	1,8	0,57	0,56
13	As aventuras e as novas experiências acontecem quando estamos juntos/(juntas), sem ninguém por perto.	3,8	1,8	0,53	0,54
14	Consigo fazer coisas diferentes com ele/(ela) do que os outros rapazes/ /las outras raparigas) fazem.	4,3	1,7	0,56	0,56

[continua]

(continuação)

N.º	Itens	Média	Desvio Padrão	Saturação factorial	Correlações Item-score total
15	Incomoda-me a presença dos outros quando eu e ele/(ela) estamos a fazer alguma coisa em conjunto.	3,3	1,9	0,29	0,31
16	Permaneço com ele/(ela) numa actividade/acção que este/(esta) deseje concretizar, independentemente que os outros desistam.	4,7	1,6	0,60	0,58
17	Quando qualquer coisa agradável acontece comigo eu partilho essa experiência com ele/(ela).	5,5	1,5	0,79	0,74
18	Em qualquer circunstância que ele/(ela) queria desabafar comigo acerca de um problema, ou simplesmente falar eu estou sempre disponível para ouvir o tempo que ele/(ela) necessitar.	6,1	1,3	0,76	0,70
19	Partilho os meus objectos pessoais e comida com ele/(ela) (tais como: roupas, jogos ou livros).	4,8	1,8	0,60	0,58
20	Se ele/(ela) deseja alguma coisa que me pertença, eu permito que fique com ela, mesmo que a queira também.	4,3	1,7	0,48	0,49
21	Tenho a certeza que ele/(ela) me ajuda sempre que eu o solicite.	5,6	1,4	0,71	0,65
22	Posso planear como nós iremos ocupar o nosso tempo sem combinar com ele/(ela).	4,0	1,7	0,46	0,43
23	Se eu quiser que ele/(ela) faça alguma coisa por mim só preciso dizer-lhe.	4,9	1,5	0,65	0,62
24	Posso usar os seus objectos pessoais sem necessitar da sua autorização.	3,7	1,9	0,41	0,43
25	Ando mais vezes com ele/(ela) do que com os outros meus amigos/(as outras minhas amigas).	4,8	1,8	0,50	0,49

(continua)

(continuação)

N.º	Itens	Média	Desvio Padrão	Saturação factorial	Correlações Item-score total
26	Eu gosto de realizar tarefas com ele/(ela).	5,5	1,4	0,73	0,50
27	Colaboro com ele/(ela) em alguns dos seus hobbies.	5,0	1,7	0,58	0,55
28	Colaboro com ele/(ela) em alguns dos seus trabalhos escolares.	4,6	1,8	0,45	0,43
29	Seja o que for que lhe conte é um segredo dos dois/(das duas).	5,3	1,7	0,66	0,63
30	Nunca me junto aos outros para fazer nada que o/(a) prejudique.	5,7	1,6	0,61	0,57
31	Eu defendo-o/(a), quando os outros dizem mal dele/(dela).	5,6	1,4	0,69	0,65
32	Eu aos outros só digo bem dele/(dela).	5,3	1,6	0,52	0,50

A análise factorial em componentes principais evidencia que o primeiro factor da escala explica 38,4% da variância. Todos os itens apresentam uma saturação dos factores, superior a 0,40, excepto o item 15 da escala, merecendo este item uma atenção especial em estudos posteriores. Todos os itens apresentam também uma correlação elevada como score total. A consistência interna foi globalmente satisfatória, pois o resultado avaliado pelo coeficiente alfa de Cronbach para a escala total foi de 0,94.

Seguidamente verificou-se o efeito do género, da posição social e da religião na Escala da Intimidade nas Relações de Amizade entre Amigos do mesmo Sexo (Quadro 4).

No que diz respeito ao género ($F_{(1,339)} = 16,465$; $p < 0,001$) há diferenças significativas, tendo as raparigas scores mais elevados de amizade com as amigas do que rapazes.

No que se refere à posição social ($F_{(3,337)} = 0,447$; $p = 0,720$), não existem diferenças estatisticamente significativas.

No que respeita à religião ($F_{(1,339)} = 18,656$; $p < 0,001$), pode dizer-se que os adolescentes que tinham religião tiveram scores mais elevados.

Quadro 4 – Frequência, médias e desvios-padrão segundo o género, a posição social e a religião

		N.º	Média	Desvio Padrão
Género	Masculino	184	157,7	29,9
	Feminino	157	170,7	28,9
Posição Social	1. Classe superior	114	161,4	30,1
	2. Classe média mais instruída	54	162,9	32,6
	3. Classe média menos instruída	54	164,7	25,5
	4. Estrato operário e rural (trabalhadores manuais)	119	165,7	31,1
Religião	Católica	262	167,5	29,4
	Sem religião	79	151,2	29,5

Examinaremos agora a relação entre a escala da Amizade com amigos do mesmo sexo com as duas escalas – a da solidão (UCLA) e a da satisfação com a vida (SWLS), cujas correlações encontradas se apresentam no quadro 5.

Quadro 5 – Correlações da Escala da Intimidade nas Relações de Amizade com a da Solidão e a da Satisfação com a Vida

Medidas	Escala da Amizade Total
Solidão	- 0,36 **
Satisfação com a vida	0,30 **
** p < 0,001	

Conforme os resultados obtidos a Escala da Amizade entre amigos do mesmo sexo correlaciona-se positivamente com a escala da satisfação com a vida ($r = 0,30$) e correlaciona-se negativamente com a escala da solidão ($r = - 0,36$), e isto quer nos rapazes quer nas raparigas.

5. DISCUSSÃO

Considerando os objectivos definidos anteriormente para este estudo, verificámos como a Escala da Intimidade nas Relações de Amizade entre Amigos do mesmo Sexo funcionava com uma amostra de estudantes

adolescentes portugueses, tendo-se optado por uma abordagem unidimensional da escala e não separada por dimensões como foi apresentada no estudo original de Sharabany em 1974.

Os resultados obtidos neste estudo à excepção da hipótese 2, confirmaram globalmente as hipóteses levantadas inicialmente sobre a intimidade nas relações de amizade entre amigos do mesmo sexo com medidas psicológicas e com variáveis psicossociais no trabalho empírico efectuado junto de estudantes portugueses de idades compreendidas entre os 16 e os 19 anos a frequentar o ensino secundário.

À semelhança do que se encontrou num estudo com jovens adultos de ambos os sexos sem estudos universitários (Veniegas, Rosemary, Peplau e Letitia, 1997), neste estudo a variável género influencia as relações de amizade, sendo as raparigas que apresentam scores mais elevados (H1).

Esta conclusão está relacionada à qualidade das suas amizades e é consistente com outro estudo (Thomas e Daubman, 2001), em que referem que os rapazes registam níveis mais baixos de necessidades de intimidade, podendo estes não corresponder aos requisitos das raparigas para uma amizade íntima. Por outro lado, visto que as raparigas desenvolvem mais energia na manutenção das relações estas raparigas podem facilmente satisfazer as necessidades das amigas. No seu estudo concluíram que para as raparigas a qualidade da amizade será mais elevada dentro das amizades com o mesmo sexo do que com o sexo oposto.

Esta descoberta também é consistente com outro estudo (Bukowski *et al.* 1999) que concluiu que as raparigas em relação aos rapazes preferem as relações de amizade íntima com outras raparigas.

As raparigas e os rapazes diferem nas suas expectativas em relação às relações do mesmo género entre pares. Apesar destas relações se tornarem mais íntimas durante a adolescência para ambos, as relações das raparigas estão mais orientadas para a intimidade, a lealdade e o compromisso e as relações do mesmo género entre os rapazes estão mais orientadas para a partilha de actividades em comum (Berndt, 1982; Berndt, Hawkins e Hoyle, 1986; Blyth e Foster-Clark, 1987; Buhrmester e Furman, 1987; Caldwell e Peplau, 1982; Fullerton e Ursano, 1994). Lees (1993), refere que os rapazes guardam a expectativa da amizade íntima com o sexo oposto, como um bem precioso, sem ter consciência disso, e com vergonha de expressar os seus sentimentos ao amigo do mesmo sexo.

As raparigas parecem ter mais expectativas em relação às amizades do mesmo sexo do que os rapazes, sendo menos provável as suas expectativas serem realizadas (Clark e Ayers, 1993). Para as raparigas uma intimidade crescente nas relações de género pode causar menos intimidade e mais conflito com amigos do mesmo sexo (Douvan e Adelson, 1996; Sharabany *et al.*, 1981).

Thomas e Daubman (2001) referem que as raparigas valorizam socialmente as relações mais do que os rapazes e usam essas relações para se identificarem a si próprias. No seu estudo concluíram que a qualidade da amizade pode afectar a auto-estima das raparigas. A qualidade das relações entre pares em geral prevê a auto-estima para as adolescentes, mas não para os adolescentes (Walker e Green, 1986).

Pode haver uma correlação mais positiva na qualidade das amizades com o melhor amigo e auto-estima para as raparigas do que os rapazes. As raparigas transferem a sua energia para o desenvolvimento e manutenção das relações. Existe uma correlação entre a qualidade da amizade e a auto-estima para raparigas seja especialmente forte quando consideramos a qualidade das amizades de género cruzado. A relação entre auto-estima e qualidade da amizade pode ser recíproca (Thomas e Daubman, 2001).

A segunda hipótese colocada não foi confirmada neste estudo porque a posição social não mostrou influenciar as relações de amizade (H2). Sendo este estudo realizado em escolas, palco de encontro dos grupos socioculturais incluídos na sociedade, num estudo de Neto (2001), concluiu-se que a socialização escolar pode conduzir à homogeneização das representações que aí se elaboram.

Prager (1995) argumenta que a organização dos factores contextuais revela como existem poucos efeitos no campo da intimidade, da natureza hierárquica e de vários níveis do contexto e da continuidade entre os fenómenos interfísicos, interpessoais e socioculturais. Existem poucos efeitos principais porque os factores contextuais interagem muitas vezes uns com os outros e com o comportamento íntimo afim de determinar a maneira como as pessoas vêem, compreendem e sentem as interacções íntimas. Noutro estudo a percepção dos adolescentes acerca dos seus níveis de intimidade nas relações de amizade, não foi significativa em função do estatuto social do amigo (Berndt e Das, 1987).

Pensamos que se deve dar mais atenção à coesão, concordância e solução de conflitos, assim como ao reforço e apoio na interacção da ami-

zade, considerando que estes processos são regulados na relação a dois e ocorrem em séries de tempo. Poucas vezes se reconhece que os amigos interagem dentro de estruturas de uma ordem social superior em que ocorre a tomada de decisão do grupo e outras interações (Berndt e Hawkins, 1991). As distinções também devem ser feitas entre influências sociais derivando do amigo íntimo do mesmo sexo e as derivadas referentes ao grupo de amigos em geral.

É um resultado que carece de confirmação noutros estudos. O passo de gigante que vai do estudo da aceitação de pares global ao estudo das relações de intimidade na amizade dos adolescentes traz muitas oportunidades para novas investigações.

Os investigadores precisam de ferramentas aperfeiçoadas para localizarem amigos de diferentes posições sociais e estudar as suas relações. Estas ferramentas poderiam ser aplicadas a estudos longitudinais de ajustamento psicossocial. Existem provas longitudinais de que não ser gostado pelos pares está ligado a uma variedade de resultados negativos na vida (Parker e Asher, 1987). O comportamento no âmbito da amizade a dois pode ter mais influência a longo prazo do que o comportamento dentro de um grupo mais alargado (Schneider *et al.* 1994).

No que se refere a terceira hipótese estabelecida foi confirmada, podendo dizer-se que os adolescentes católicos que integraram este estudo tiveram scores mais elevados de amizade com o amigo do mesmo sexo (H3).

Markstrom (1999) verificou que o envolvimento religioso (a prática religiosa, a participação em grupos de estudo da Bíblia e o envolvimento em grupos de jovens) está associado com o desenvolvimento psicossocial do adolescente, aumento da auto-estima e satisfação com a vida.

Neste sentido, Tanner (1973) refere que a pessoa que se ama a si própria, não tem medo do amor e de partilhar com o outro. Através da religião não sente a solidão.

Também se confirmou a quarta hipótese colocada neste estudo – a Escala da Intimidade nas Relações de Amizade com amigos do mesmo sexo mostrou ter uma relação positiva com a Escala da Satisfação com a Vida e uma relação negativa com a Escala da Solidão, jovens com relações mais fortes de amizade mostraram-se mais satisfeitos com a vida e sentem menos solidão (H4).

Isto é consistente com outro estudo Shechtman (2000), que diz que adolescentes que não estabelecem relações de amizade íntima não

possuem um suporte no seu desenvolvimento social. O mesmo estudo refere que estes indivíduos com comportamentos sociais ineficazes apresentam uma correlação positiva com a solidão.

Duck (1991) refere que mais tarde, estes adolescentes poderão voltar a ter dificuldades em estabelecer níveis de intimidade nas relações com o amigo e com o par romântico.

Estes resultados clarificam dois pontos: 1 – os resultados sugerem que apesar de os jovens menos satisfeitos com a vida poderem não se sentir incluídos no grupo de pares, podem estar protegidos de sentimentos de solidão através de uma relação com o melhor amigo. 2 – É importante notar que as amizades que estão ligadas à solidão directa e indirectamente através do nível de intimidade na amizade. Os adolescentes sem um amigo íntimo estão em risco de solidão porque não têm este tipo de relação e porque as amizades não íntimas tendem menos a fornecer experiências para a proximidade e segurança.

Este estudo mostra que as relações de intimidade na amizade são eficazes para: alcançar uma satisfação com a vida maior, corrigir distorções da auto-estima, ou até mesmo de substituir vagos sentimentos de falta de objectivos e infelicidade por um novo sentido de intimidade e direccionamento que leva o adolescente a sentir-se amado e a recuperar a auto-estima.

Na adolescência, muitos apelos vêm carregados de solidão, insatisfação com a vida e da infelicidade. Na escola, falar de insucesso, indisciplina e de violência é falar de adolescentes insatisfeitos, infelizes, desajustados e desengajados. A descoberta de que o nível de intimidade dos adolescentes nas relações de amizade com o mesmo sexo está positivamente correlacionado com a satisfação com a vida, é um resultado interessante, que melhora o nosso entendimento do fosso existente entre a solidão e a satisfação com a vida, não sendo a intimidade nas relações de amizade influenciada pela posição social.

A intimidade nas relações de amizade pode constituir um caminho para o bem-estar dos adolescentes contra a solidão e a insatisfação com a vida. Em síntese, a tradução e a validação da Escala da Intimidade nas relações de amizade foi satisfatória podendo ser recomendada em futuros estudos da intimidade em amostras lusófonas.

Neste capítulo, fez-se um estudo preliminar para verificar como a Escala da Intimidade nas relações de Amizade entre amigos do mesmo sexo

funcionava do ponto de vista psicométrico com adolescentes portugueses estudantes do ensino secundário. Foi validada a adaptação da Escala – Intimate Friendship Scale (Sharabany, 1974, 1994) para a população portuguesa. Os resultados obtidos confirmaram as hipóteses colocadas.

Na continuação do trabalho empírico que nos propusemos realizar apresenta-se no capítulo seguinte o Estudo final que faz uma abordagem da Intimidade utilizando a Amizade e o Amor (nos seus vários estilos – atitudes em relação ao amor) para um estudo com adolescentes de diferentes grupos étnicos a frequentar o ensino secundário público em Portugal.

CAPÍTULO VI – ESTUDO FINAL: AMIZADE E AMOR EM ADOLESCENTES DE DIFERENTES GRUPOS ÉTNICOS

No presente capítulo faz-se o estudo sobre a intimidade na amizade e no amor, tendo sido elaborada uma investigação com adolescentes de diferentes grupos étnicos. Neste estudo, abordaremos a amizade e o amor tentando contribuir para minimizar as dificuldades metodológicas resultantes da lacuna na área do estudo da importância das experiências românticas na vida dos adolescentes e no desenvolvimento posterior de futuras relações de amizade e amorosas.

Apresenta-se, assim, neste 6.º capítulo a caracterização da amostra de adolescentes que responderam ao questionário final elaborado e os critérios da sua selecção, os instrumentos de recolha de dados que fazem parte do questionário final aplicado, o procedimento adoptado tanto para a recolha e aplicação como para o tratamento dos dados recolhidos. É especificada a organização e tratamento de resultados obtidos, que face ao problema da investigação definido para este estudo se apresentam em dois momentos. Foram estabelecidas hipóteses e feitas as respectivas análises que se apresentam subdivididas de acordo com os dois temas – o da Amizade e o do Amor, de forma a facilitar o teste de hipóteses através dos tratamentos estatísticos SPSS, adequados e necessários, possibilitando uma mais fácil discussão dos resultados obtidos.

1. PROBLEMÁTICA

No presente estudo pretende-se compreender melhor as relações românticas adolescentes, adoptando a abordagem intercultural para o

estudo psicológico sobre o modo como o adolescente reage em relação ao amor com o(a) namorado(a) e com o amigo do mesmo sexo.

Seiffge-Krenke *et al.*, (2001) realizaram um estudo em que para jovens adolescentes aspectos de proximidade, amizade, afecto e apoio, atracção e intimidade sexual eram componentes importantes para o amor romântico.

A aplicação de conceitos relevantes nas relações adultas amorosas pode não ser satisfatória para as relações entre adolescentes. As descobertas feitas podem sugerir que os adolescentes sabem que a proximidade, a preocupação pelo outro e o apoio são centrais para o amor, mas a questão que se coloca é saber se estas questões são sentidas nos seus encontros ou relações românticos, ou se os adolescentes têm experiências diferentes nas suas relações românticas. Feiring (1996), no seu estudo, descobriu que o companheirismo era a vantagem mais mencionada nas descrições dos parceiros românticos. A intimidade e o apoio foram igualmente bastante mencionados, seguidos de amizade, estatuto social e aprendizagem acerca do sexo oposto. Para os jovens o fascínio caracteriza pelo menos o início das relações românticas na adolescência. Shulman e Scharf (2000) descobriram que os jovens adolescentes percepcionavam as relações românticas em termos de amizade, mais do que de apoio e preocupação pelo outro, considerando o companheirismo, o entusiasmo e a satisfação com a vida como as vantagens de ter um parceiro romântico.

A relação de intimidade na amizade foi explorada por Sharabany (1994, 1996, 2000); Sharabany *et al.* (1981) apontam para a subtilidade da intimidade e seus efeitos positivos. Tem-se relacionado a intimidade com a amizade e o amor (Prager, 1995, 1998) a satisfação com a vida, o bem-estar, a auto-estima elevada e a felicidade (Argyle, 2001), as implicações positivas da intimidade ocorrem em todas as culturas. A intimidade tem sido definida como a satisfação do indivíduo com as suas relações pessoais acompanhada por um estado psicológico positivo (Prager, 1995). Segundo Sprinthall e Collins (1999), é na adolescência que surge a intimidade pela primeira vez, identificada como um fenómeno intenso. Os indivíduos que sentem a intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo têm facilidades em estabelecer relações românticas, mas esta questão tem sido estudada apenas recentemente (Prager, 1995; Rotenberg e Korol, 1995). Não se sabe ainda se os adolescentes que sentem intimidade nas relações de amizade com os amigos do mesmo sexo diferem nos seus estilos de amor relativamente aos seus pares amorosos. Este estudo pretende descobrir se a intimidade nas

relações de amizade está associada aos estilos de amor nos adolescentes portugueses e nos adolescentes de outros grupos étnicos residentes em Portugal.

O estudo científico das relações de intimidade na amizade e no amor tenta gerar proposições que expliquem o desenvolvimento, a manutenção e a dissolução de tais relações e que testem de modo empírico a validade dessas proposições. Uma melhor compreensão das relações íntimas deve permitir ter expectativas mais realistas acerca das nossas próprias relações e torná-las mais satisfatórias assim como ajudar outros a fazê-lo. As atitudes em relação ao amor respondem às interações correntes entre os parceiros da relação de intimidade.

A comunidade científica não reconhece completamente que os processos de amizade podem variar segundo os contextos culturais e étnicos. As sociedades adolescentes são segregadas. Segundo Hartup (1989) as relações de intimidade na amizade e no amor envolvem jovens adolescentes do mesmo grupo étnico. A atracção social, a influência social e as implicações sociais das amizades de adolescentes podem ser similares entre grupos étnicos num determinado modo mas não noutra. O estudo preliminar foi feito com adolescentes brancos portugueses. Mas, conscientes do papel central das relações de amizade no desenvolvimento social e na adaptação dos adolescentes de famílias imigradas em Portugal, decidiu-se se estudar a diversidade cultural no estudo final.

As relações interculturais são uma realidade do quotidiano do estudante das escolas portuguesas e com especial incidência na zona da grande Lisboa e Vale do Tejo. Como a própria expressão indica, as relações interculturais ocorrem sempre que duas pessoas se encontram ou grupos culturais diferentes se encontram e, estabelecendo uma interacção através da comunicação, se transformam. Em tais circunstâncias, o encontro e o confronto multissecular entre duas, ou mais, das diversas comunidades étnico-culturais representou e representa, no passado como no presente, um desafio. Das semelhanças e diferenças interculturais na intimidade pode resultar quer o alargamento da diversidade cultural, em função do aprofundamento e enriquecimento das várias culturas em presença, quer, pelo contrário, poderá nascer uma homogeneização, para todas as comunidades culturais, já que as relações de intimidade na amizade com o amigo do mesmo sexo e com o parceiro amoroso funcionam como num jogo de espelhos e, por isso mesmo as atitudes e comportamentos que forem adoptados tendem a ser reproduzidos com fidelidade.

O resultado positivo de uma relação de intimidade intercultural não será, por conseguinte, a diluição ou absorção das diversas culturas. Nesta perspectiva, as semelhanças e diferenças interculturais da intimidade nas relações de amizade e no amor constituem etapas dos caminhos do (re)conhecimento da condição humana inseridos nos valores culturais de cada adolescente. Em suma, o reconhecimento e a compreensão da relação dialéctica passível de ser estabelecida entre o adolescente e a sua pertença ao grupo cultural torna-se essencial para potenciar o nível de intimidade criado na relação de amizade com o amigo do mesmo sexo e/ou com o parceiro amoroso.

Os relacionamentos íntimos em especial do amigo(a) e/ou namorado(a) podem baixar ou elevar a auto-estima do adolescente (Metalsky, Joiner, Hardin e Abramson, 1993). Os adolescentes de minorias étnicas por causa de preconceitos, podem ter uma imagem menos positiva deles próprios como conseqüências de comparações sociais dos seus sucessos económicos e educativos com os da maioria, podendo comparar-se de modo pouco favorável, interpretando as suas realizações como baixas e de pouca competência (Neto, 1998).

Vários estudos realizados na América com indivíduos pertencentes a minorias étnicas, não apresentaram debilidade no desenvolvimento da auto-estima positiva, (Wylie, 1979; Porter e Washington, 1979, citados por Neto, 1998, p. 174). Existem outros estudos em que as minorias étnicas possuem uma auto-estima tão alta ou até mais alta que os indivíduos da cultura dominante (Rosenberg e Simmons, 1972; Rotheram-Brarus, 1990, citados por Neto, 1998, p. 174). Neste estudo espera-se que os adolescentes de estatuto minoritário apresentem o mesmo nível de desenvolvimento da auto-estima em relação aos adolescentes portugueses.

O amor, o romance e o namoro são ritos de passagem para os jovens adolescentes ocidentais. Este estudo baseia-se na teoria de Lee (1973), esta tipologia refere tipos de relações e não tipos de pessoas, considerando que é possível uma pessoa apresentar simultaneamente tipos diferentes de estilos de amor em relações diferentes. Um aspecto interessante é que variam em intensidade emocional. Eros e Mania apresentam muita emoção, Ludus, Pragma e Storge apresentam pouca e Ágape está numa posição intermédia. Levesque (1993) afirma que o amor dos adolescentes tem sido ignorado nos últimos anos nos estudos acerca do amor. A área do presente estudo situa-se na adolescência, pretendendo aumentar o conhecimento no que diz respeito à intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo e ao estatuto do amor nos seus diferentes estilos, relacionando-o com a solidão, a satisfação com a vida,

a felicidade, a auto-estima, a prática religiosa e o género e ao estatuto do nos adolescentes de diferentes grupos étnicos a viver em Portugal.

Furman e Wehner (1994) afirmam que a experiência de interacção pode igualmente afectar a qualidade das relações românticas, pois à medida que os indivíduos crescem e se tornam mais experientes nas relações românticas, tendem mais a virarem-se para um parceiro que satisfaça essas funções. Os estudos baseados na teoria das trocas sociais sugerem que as trocas mútuas benéficas promovem a cooperação futura pois os adolescentes aprendem a confiar um no outro para as recompensas (Kelly *et al.*, 1983). Estudos interculturais e transversais acerca de relações a dois entre os adolescentes amigos íntimos e parceiros românticos mostraram que a qualidade da interacção está relacionada com as percepções de intimidade na amizade ou de intimidade no amor. Os adolescentes cujas amizades foram observadas como sendo interdependentes, foram capazes de negociar e equilibrar as necessidades individuais e de ambos, e descreveram amizades mais maduras (Shulman e Kipnis, 2001). Os parceiros das relações românticas que foram consideradas equilibradas e respeitadoras mutuamente, tendiam menos a descreverem a intimidade em termos de controlar o outro ou como a imitação imatura do outro (Shulman *et al.*, 1994). Este estudo espera que as percepções do romance adolescente, as suas atitudes em relação ao amor estejam relacionadas com a qualidade das relações de amizade íntima dos jovens adolescentes. Acredita-se que esta estaria ligada ao modo como as relações de intimidade na amizade sejam consideradas e lembradas, como também o modo como a relação amorosa corrente era percebida pelo parceiro estaria também relacionado com a compreensão das relações de amizade (Wamboldt e Reiss, 1989).

Para além das relações entre a amizade e o amor e as semelhanças e diferenças nos diversos grupos étnicos é pertinente equacionar a influência do género e os resultados de vários estudos sugerem que as diferenças entre sexos existem nas relações românticas. As raparigas adolescentes revelam níveis mais altos de intensidade afectiva com os seus parceiros, valorizando mais a vinculação e o cuidado com o outro nas suas relações. Os rapazes adolescentes consideram as suas relações mais como um jogo (Shulman e Scharf, 2000). As raparigas passam mais tempo com os rapazes e a pensar neles (Kelly *et al.*, 1999) e percebem mais as suas relações românticas como algo que traz apoio (Connolly e Johnson, 1996).

«Um dos mitos culturais muitas vezes defendidos é que os homens são mais práticos e insensíveis acerca do amor que as mulheres, talvez por

causa da associação da instrumentalidade aos homens e da expressividade às mulheres» (Neto, 2000, p. 257).

Muitos investigadores identificaram diferenças de género nas expectativas desejadas no parceiro potencial relacionadas com o estilo de amor Pragma. As raparigas esperam que o futuro marido seja inteligente, mais capaz de resolver problemas, ganhe mais dinheiro e seja mais bem sucedido profissionalmente do que elas próprias. Os rapazes esperam que as parceiras tratem mais dos filhos do que eles e que não interfiram na sua carreira profissional (Ganong *et al.*, 1996).

As relações de intimidade com os pares influenciam a satisfação com a vida e a felicidade. Sullivan, (1953) afirma que as relações de pares durante a adolescência têm um papel importante no desenvolvimento de vários aspectos de competência e bem-estar. As relações com os pares são interações entre iguais e fornecem experiências que não se podem encontrar nas relações com os pais, sendo estas definidas como desiguais. Assim, estas relações dão oportunidades aos adolescentes de sentirem a aceitação, a validação e a proximidade.

Na procura contínua e sempre inacabada que o homem intenta de satisfação com a vida e de uma felicidade, as atitudes em relação ao amor, ocupam um lugar de excelência. As relações íntimas ou pessoais ocupam uma parte importante na vida das pessoas. A maioria das pessoas concorda que a experiência do amor, ou a sua falta, afecta todos de uma forma ou outra, mas pouco se sabe acerca do fenómeno do amor (Sternberg e Barnes, 1998).

Andersen e Guerrero (1998) referem que os constructos da intimidade são muito importantes nas relações afectivas de amizade e do amor. As atitudes em relação ao amor, os sentimentos positivos e o nível de intimidade na relação, as atitudes de compromisso e orientação para a motivação e as variáveis de comportamento instrumental podem contribuir para a previsão da satisfação na relação e conseqüente satisfação com a vida (Markstrom, 1999).

A disparidade entre estudos parece residir na determinação da contribuição relativa de cada constructo. Apesar dos constructos de atitude em relação ao amor e o nível de intimidade nas relações afectivas, assim como os comportamentos instrumentais, parecem contribuir para a satisfação com a vida e a felicidade. A natureza exacta dessa contribuição não é clara (Hendrick *et al.*, 1998).

Outra consideração na satisfação com a vida é o contexto no qual as pessoas avaliam a sua própria satisfação em relação à vida. Parece que a percepção do parceiro pode influenciar a própria satisfação de uma pessoa, mais do que o comportamento efectivo do parceiro. A percepção que o indivíduo tem do seu parceiro inclui realidade e ilusão (Murray *et al.*, 1996). As percepções muito idealizadas são geradas quando o indivíduo tem grandes ideais com a vida e alta auto-estima. Estas percepções idealizadas estão associadas a grande satisfação com a vida e felicidade.

Por vezes, as percepções dos parceiros podem ser ainda mais positivas do que as auto-percepções, indicando que o parceiro pode ser ainda mais idealista. Considerar o parceiro de forma positiva aumenta a satisfação tanto para si próprio como para o parceiro.

A associação entre participação nas amizades do mesmo sexo e sentimentos de bem-estar serão muito similares à associação entre participação em amizades com o sexo oposto e sentimento de bem-estar. Ou seja, o sentido de bem-estar e de satisfação com a vida dos jovens adolescentes deriva do nível de intimidade e de participação em ambos os tipos de amizade, assim como os elos entre os modelos das primeiras experiências de intimidade com os pais dos adolescentes e o seu comportamento a dois com os parceiros românticos mais tarde na vida (Levesque, 1993).

A noção de que as relações de amizade e de amor com o sexo oposto funciona como um sistema paralelo de apoio foi vista num estudo de Kovacs *et al.* (1996) e Sroufe *et al.* (1993), afirmam que a competência social está negativamente correlacionada com a violação de fronteiras de géneros e positivamente correlacionada com o respeito dessas fronteiras. Os seus resultados indicam que os adolescentes competentes têm poucas amizades com o sexo oposto. A associação entre competência social e ter amigos do sexo oposto é linear e negativa.

No que se refere às diferenças culturais, as culturas podem diferir em termos de expectativas que os indivíduos têm em relação aos seus amigos. Padrões de actividade económica ou a organização da escolarização pode restringir ou aumentar as oportunidades de contacto com potenciais amigos ou actuais (Triandis, 1996). Na maioria das sociedades colectivistas a identificação de uma pessoa com o seu clã, comunidade e sociedade deve desenvolver-se em contrapartida com a formação de amizades a nível a dois. As culturas diferem em termos do momento a partir de quando é apropriado a partilha de comunicação íntima e o uso de linguagem familiar (Argyle e Furnham, 1983).

Muitos estudos mostram que os adolescentes tendem a conviver e a interagir com outros do mesmo grupo étnico e linguístico (e.g. Berry *et al.*, 1989; Rice e Dolgin, 2002 e Brebner, 2003). Isto não será razão para acreditar que se os indivíduos de culturas diferentes são raramente seleccionados como amigos íntimos ou de estudo, há pouca probabilidade do aparecimento de amizades mais profundas. Pretende-se neste estudo examinar se as pertenças culturais diferentes influenciavam o grau de intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo.

Uma das razões desta diferença cultural pode ser que na maioria das sociedades ocidentais há liberdade de escolha relativamente à selecção de um parceiro. Têm mais possibilidades de terem encontros românticos e experimentar facetas diferentes de amor. Nas sociedades mais tradicionais, as obrigações familiares, expectativas sociais e culturais ditam a atitude e expectativas de uma pessoa e oferece menos liberdade de escolha na selecção de um parceiro e casamento. Num estudo (Sastri, 1999) os jovens adolescentes de origem étnico-cultural africana exprimiram mais crenças românticas do que os indianos. O conceito ocidental de amor romântico não enquadra dentro do contexto cultural da Índia, onde os casamentos são vistos como sagrados e obrigatórios e os casamentos arranjados ainda são normas (Triandis *et al.*, 1988). São mais baseados nos deveres para com os pais do que no desejo de intimidade, e no apoio social. Os adolescentes são socializados para terem expectativas mais práticas e realistas, aceitam assim o parceiro seleccionado pelos pais.

Na perspectiva espiritual e religiosa, segundo Frankl (1999) só através de uma prática religiosa pode o adolescente integrar a espiritualidade e desenvolver as suas capacidades de intimidade consigo próprio, com o outro e de recíproca valorização. Parece, contudo, que essa escolha e até o esforço moral são facilitados, uma vez que as duas espécies de conhecimento, a fé e a intimidade, trazem uma luz convergente, de natureza a dissipar insatisfações com a vida e solidão, elucidando a felicidade na construção do futuro.

As práticas religiosas provocam sentimentos positivos fortes através da partilha de emoções, através da inteligência espiritual e da mensagem positiva (Frankl, 1999). Os rituais religiosos geram sentimentos pró-sociais e um sentido de intimidade com os outros presentes. Os benefícios da religião para o bem-estar são maiores para aqueles envolvidos, devido à certeza das suas crenças religiosas.

A prática religiosa tem a correlação mais forte dos vários aspectos da felicidade e bem-estar (Witter *et al.*, 1985, citado por Argyle, p. 166).

No que se refere à intimidade e auto-estima, tanto para os rapazes e para as raparigas, há mais partilha íntima de sentimentos e experiências em relações intensas a dois do que nas interações com os não amigos (Tesch e Martin, 1983). A intimidade com o amigo torna-se cada vez mais importante na adolescência e início da juventude (Berndt e Savin-Williams, 1993; Bukowski *et al.*, 1999; Furman e Berman, 1984; Sullivan, 1953). Esta evolução pode estar ligada à maior consciência do amigo enquanto pessoa com quem se partilha a intimidade (McAdams, 1988).

Para Sharabany (2000) o problema básico da coerência do comportamento de intimidade através das relações de amizade e de amor, encontra-se numa série de questões muito complexas cujas respostas se baseiam na interpretação de um corpo de investigação ainda por completar.

Os resultados obtidos (Sharabany, 2000), foram relevantes no que diz respeito ao apoio da identificação de fenómenos de base segura consistente na investigação sobre a intimidade assim como a sua consistência relativamente às expectativas.

Os modelos da avaliação das relações de intimidade usados entre os dezasseis e os dezanove anos estão relacionados com os comportamentos a dois tanto nas relações entre pais e filhos como nas relações de amizade e nas relações românticas. Watersb e Cummings (2000) observaram nos seus estudos poucas correlações entre as medições de representações e níveis observados de afecto negativo na relação de intimidade a dois. Isto aponta para a importância em manter uma construção de base segura na investigação da intimidade nas relações de amizade e de amor e as suas formulações teóricas enquanto também demonstra, de forma empírica, a importância da avaliação dos comportamentos dentro dos contextos relacionais e de desenvolvimento.

Os investigadores da psicologia da intimidade têm defendido que as marcas de comportamento separados dos contextos não servem para indexar relações salientes, mas os julgamentos relacionados com o significado de que os comportamentos retirados das relações são essenciais para fazer derivar a estrutura profunda da experiência da intimidade na relação a dois.

Este estudo final sobre a intimidade em diferentes grupos étnicos, baseia-se em várias fontes (e.g. Sharabany, 1974, 1994, 2000; e Hendrick e Hendrick, 1983, 1986, 1988, 1989), inclui aspectos estruturais assim como de conteúdo. De acordo com os estruturais um parceiro íntimo ou amigo é alguém assim denominado e visto pelo outro.

Um estudo (Hendrick *et al.* 1986), revelou que a percepção que uma pessoa tem das atitudes de amor do seu parceiro (especialmente Eros, Ludus e Ágape) foi correlacionada com a satisfação na relação. As atitudes de uma pessoa em relação ao amor eram previsíveis da própria satisfação. Para os rapazes a satisfação foi melhor prevista pelo amor paixão (Eros) e auto-estima pela ausência de jogos de amor (Ludus). Para as raparigas o amor paixão e a ausência de jogos e amor possessivo (Mania) previram melhor a satisfação (Hendrick *et al.*, 1988).

As atitudes em relação ao amor são prognósticos eficazes da satisfação na relação. No entanto, alguns estilos de amor parecem mais desejados socialmente que outros: Mania caracteriza-se pela solidão, descontentamento, desespero e é considerado socialmente indesejável; Eros é visto como o tipo idealizado de amor, tal como é retractado em poesia, canções, peças de teatro, romances, filmes e televisão (Sprecher e Metts, 1989), sendo julgado socialmente desejável sobretudo pelos mais jovens. Para os mais velhos o Storge é muitas vezes retractado como uma norma e assim desejável (Sprecher e Metts, 1989).

Os adolescentes de origem étnica múltipla, parece que não estão numa posição de desvantagem devido ao seu passado, a ideia de que a mobilidade geográfica dos pais é a principal causa de solidão parece estar errada. Estes resultados estão de acordo com um outro estudo (Berry, 1997, citado por Neto, 2002, p. 641) que conclui que a maioria dos imigrantes se adapta bem às novas sociedades, apesar das dificuldades que surgem. A intimidade é um fenómeno complexo e é sentida de uma forma diferente por cada pessoa, em condições variadas. É causada pela interacção das disposições pessoais e as forças situacionais. Nos quatro conjuntos de variáveis – sociodemográficas, relações de intimidade na amizade com o amigo(a) do mesmo sexo, atitudes em relação ao amor, e factores de comportamento psicossocial, felicidade, satisfação com a vida e solidão – descobriram-se indicadores significativos de intimidade.

2. OBJECTIVOS E HIPÓTESES DA INVESTIGAÇÃO

O objectivo geral deste estudo é comparar as atitudes em relação ao amor e a intimidade com o amigo do mesmo sexo em sete grupos de

pertenças culturais diferentes: Portugal, Angola, Cabo Verde, Índia, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné, tendo sido escolhidos por existirem nas nossas escolas e constituírem realidades culturais diferentes podendo influenciar as atitudes em relação à amizade e ao amor tendo, na sua maioria, tradições de famílias nucleares baseadas nos namoros românticos. Foi elaborado com estudantes do ensino secundário, porque a adolescência e o início da idade adulta é um momento de desenvolvimento de identidade e intimidade e um período em que as relações interpessoais se tornam uma preocupação primária (Erikson, 1964; Sprinthall, e Collins, 1999). O desenvolvimento de relações de amor exclusivas tornou-se num desafio psicossocial experimentado na fase intimidade contra solidão, em que os indivíduos lutam para desenvolverem maneiras mais maduras de se relacionarem, incluindo a intimidade e o desenvolvimento de um sentido de segurança nas relações românticas (Adams *et al.*, 2001).

A intimidade nos adolescentes portugueses é analisada neste estudo a partir de duas abordagens, de acordo com a fundamentação teórica anteriormente apresentada – a intimidade nas relações de amizade entre amigos do mesmo sexo e a intimidade nas atitudes em relação ao amor. São consideradas variáveis demográficas e psicológicas que foram ponderadas quanto à possível influência destas relações, pretendendo-se estudar as relações de amizade e o amor em rapazes e raparigas adolescentes com diversas pertenças culturais.

O presente estudo sobre a intimidade em adolescentes de diferentes grupos étnicos, examina as atitudes em relação à amizade e ao amor avaliando os constructos da intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo e das relações afectivas com o parceiro amoroso. São também verificadas as relações e as influências da satisfação com a vida, da felicidade e da solidão nestes dois constructos.

Este estudo tem quatro grandes objectivos.

O primeiro objectivo é estudar as atitudes em relação ao amor nos jovens adolescentes, portugueses, angolanos, cabo-verdianos, indianos, moçambicanos, são-tomenses e guineenses. Avançou-se a hipótese de que a origem étnica dos adolescentes pode influenciar os diferentes estilos de amor. Pretende-se examinar se há diferenças entre adolescentes provenientes de contextos culturais diferentes no que diz respeito à Intimidade. Esta ocorre frequentemente em função de situações e eventos de satisfação com a vida, daí o surgimento da questão de que podendo os adolescentes de grupos étnicos a residir em Portugal sentir

menos intimidade do que os Portugueses, pois a sua vida numa sociedade «de acolhimento» em que a integração prevalece a níveis múltiplos, incluindo a inserção da família na comunidade e na sociedade em geral.

Segundo objectivo, é investigar de que forma as variáveis demográficas – género e prática religiosa influenciavam a intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo e as atitudes em relação ao amor. Pretende-se examinar se há diferenças de género na intimidade nas relações de amizade e de amor nos diferentes grupos culturais. Segundo Prager (1995) vários autores afirmam que as investigações têm indicado diferenças de género no que respeita à intimidade. Outros apresentam provas de que as raparigas estão mais aptas a sentirem a intimidade. Apesar das diferenças de género não serem encontradas de forma consistente em estudos sobre a intimidade, outros estudos (Prager, 1998) afirmam que estas inconsistências podem ser explicadas em função do tipo de medição utilizado para a validar a intimidade.

O presente estudo verifica também se há diferenças na amizade e no amor baseado na prática religiosa das sete culturas que integraram a amostra. Os participantes deste estudo – estudo final – integram uma amostra de adolescentes de origem indiana vindos na sua grande maioria de Moçambique, com prática religiosa hindu e de católicos pertencentes a outros grupos étnicos.

O terceiro objectivo pretende examinar a influência dos indicadores psicológicos da intimidade nas diferentes culturas. A intimidade está associada a diferentes estados afectivos e ao bem-estar (Prager, 1995). Estas variáveis foram classificadas em quatro categorias: capacidades sociais inadequadas (timidez, introversão), conflito emocional (depressão, ansiedade), pobre auto-imagem (baixa auto-estima, auto-conceito social pobre) e atitudes negativistas (hostilidade, atitudes pessimistas) (Prager, 1998) prevê-se que a intimidade esteja associada de modo negativo aos estados solitários e de forma positiva à felicidade e satisfação com a vida.

Este estudo pretende compreender de que forma a intimidade na amizade e no amor é influenciada pela satisfação com a vida e a felicidade dos adolescentes de famílias imigrantes em Portugal. Estes jovens devem enfrentar mudanças associadas à aculturação, assim como as mudanças normais associadas à idade (Neto, 2003). Podem ocorrer simultaneamente e serem rápidas. Assim o estudo pretende saber se há diferenças étnicas na amizade e no amor nestes jovens de famílias imigrantes. São comparados com a amizade e o amor dos jovens portu-

gueses. Não estamos em posição de antecipar diferenças, por não haver nenhum caso estudado entre as duas populações de jovens.

O quarto objectivo é verificar de que forma a amizade influencia os diferentes estilos de amor. Neste estudo, esperou-se que a intimidade na amizade estivesse associada positivamente ao Eros para ambos os géneros e de forma negativa ao Ludus para os rapazes. No que diz respeito aos outros estilos de atitudes em relação ao amor, pretende-se examinar se existem diferenças entre os géneros na associação entre a amizade e os seis diferentes estilos de amor.

Tendo sido feito no estudo preliminar uma primeira abordagem à adequação metodológica a desenvolver neste estudo de investigação e sendo feitas as devidas análises sobre o comportamento psicométrico das escalas escolhidas em adolescentes portugueses, tendo-se obtido resultados satisfatórios passou-se, com alguma segurança, à elaboração de hipóteses de investigação final.

Em suma, de acordo com a fundamentação teórica apresentada após ter sido elaborado o levantamento e análise das investigações feitas sobre as temáticas em discussão, o presente estudo, tem resumidamente como base as seguintes finalidades:

- A – Verificar como as Escalas da Intimidade nas relações de Amizade entre Amigos do mesmo Sexo e das Atitudes em relação ao Amor funcionavam com estudantes do ensino secundário na região de Lisboa e Vale do Tejo com pertenças culturais diferentes.
- B – Avaliar o poder preditivo de variáveis pessoais (género, prática religiosa e pertença cultural) nas relações de Intimidade na Amizade.
- C – Avaliar o poder preditivo de variáveis pessoais (género, prática religiosa e pertença cultural) nas Atitudes em relação ao Amor.
- D – Avaliar as relações dos constructos de natureza psicológica – satisfação com a vida, solidão e felicidade com a intimidade na amizade com o melhor amigo do mesmo sexo e com o amor em adolescentes de diferentes grupos étnicos.
- E – Avaliar a relação entre Amizade e Amor.

Especificamente em relação à Amizade e face à problemática da investigação definida para este estudo final, tendo em conta os principais resultados do estudo preliminar, foram avançadas as hipóteses seguintes:

- Espera-se que as raparigas tenham scores mais altos de intimidade nas relações de amizade com a melhor amiga do que os rapazes (H1).
- Espera-se também encontrar que os adolescentes crentes com prática religiosa possuam scores mais elevados de amizade com o amigo do mesmo sexo (H2).
- Estudos sugerem que a intimidade está associada a estados afectivos diferentes e ao bem-estar. Apesar das várias correlações entre a intimidade e estados emocionais e cognitivos positivos, há provas de que a intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo está mais fortemente relacionada a percepções de felicidade e à satisfação com as relações que o indivíduo tem, mais do que as características quantitativas das relações (Argyle, 2001). Assim, espera-se que a escala da intimidade nas relações de amizade entre amigos do mesmo sexo tenha uma correlação positiva com a escala da satisfação com a vida e com a escala da felicidade e uma correlação negativa com a da solidão (H3).
- Uma influência que pode mudar os estilos de amor é o fenómeno de estar ou não apaixonado, que para muitos é uma experiência positiva e que Hendrick e Hendrick (1988) consideram como uma resposta selectiva a uma outra pessoa única com uma orientação para toda essa pessoa. Espera-se neste estudo que o facto de estar apaixonado influencie as relações de amizade entre amigos do mesmo sexo, quem está apaixonado tem scores mais elevados de amizade. A percepção que a pessoa tem de estar apaixonada também será analisada neste estudo (H4).
- O número de vezes que os adolescentes se apaixonaram influencia as relações de amizade com os amigos (H5).
- Considera-se também que a pertença a diferentes grupos étnicos influencia a amizade com amigos do mesmo sexo. (H6), apresentando os adolescentes portugueses a scores mais altos de amizade do que alunos de origem africana e de alunos de origem étnico-cultural indiana.

No que se refere aos diferentes estilos de amor foram consideradas as variáveis que têm vindo a ser estudadas e a forma como influenciam as atitudes em relação ao amor.

Foi, assim considerada a questão das diferenças de género e Hendrick e seus colegas (Hendrick e Hendrick, 1986; Hendrick, Hendrick, Foote e Slapion-Foote, 1984) encontraram quatro diferenças de género no que diz respeito a Pragma, Mania, Storge e Ludus. As raparigas revelam mais Pragma, Mania e Storge, e os rapazes mais Ludus. Algumas diferenças de género não surgiram com tanta força em estudos mais recentes (Hendrick e Hendrick, 1992). Neto (1993) descobriu diferenças de género em estudantes universitários portugueses: os homens apresentam mais Ludus e Ágape.

Vamos considerar neste estudo que há diferenças em relação ao género, tomando como hipóteses os resultados obtidos nos estudos com estudantes portugueses: os rapazes são mais lúdicos e agápicos do que as raparigas (H7).

Alguns investigadores (Larson, 1990) concluíram que os jovens adolescentes tendem a ser mais Eros (românticos e apaixonados) do que as raparigas. Na adolescência, o parceiro amoroso pode tornar-se numa figura importante no funcionamento da vinculação, prestar atenção, afiliação e sistemas de comportamento sexual (Furman e Wehner, 1994). O adolescente pode procurar um parceiro romântico em momentos de desespero. Por outro lado, o adolescente pode também virar-se para o parceiro amoroso para companheirismo, afiliação e amizade (Furman, 1993). O indivíduo pode procurar também gratificação sexual no outro.

Esta conceptualização baseia-se em parte na ideia dos teóricos da vinculação de que as relações amorosas envolvem a integração da vinculação, da prestação de atenção e do sistema sexual (Ainsworth e Bowlby, 1991; Shaver e Hazan, 1988). A ideia neo-Sullivaniana de que estas são relações de pares igualitárias em que a cooperação, o mutualismo, o altruísmo recíproco e a co-construção da relação também ocorrem (Buhrmester e Furman, 1986; Furman e Shaffer, 1999).

Esta inclusão leva a um argumento importante de que as relações de intimidade na amizade com o amigo do mesmo sexo e as atitudes em relação ao amor nas relações de pares, têm um papel importante no desenvolvimento das relações com o parceiro amoroso no futuro (Furman, 1993). Os teóricos também se debruçaram sobre a natureza das representações cognitivas das relações românticas (Furman e Wehner, 1994),

na influência das primeiras relações amorosas nas seguintes e nas diferenças de género em relação às expectativas para o parceiro futuro (Furman e Buhrmester, 1992).

Davies (2001) encontrou diferenças de género na intimidade nas relações de amizade na relação dos estilos de amor. Os homens são mais permisivos e instrumentais nas suas atitudes sexuais do que as mulheres (Hendrick *et al.*, 1985), que são tradicionalmente mais conservadoras porque são socializadas para considerarem o sexo como uma comodidade preciosa a ser guardada e casar com um parceiro que seja um bom «fornecedor». Se as diferenças de género nas atitudes de amor são paralelas às das atitudes sexuais, os homens deveriam favorecer os estilos de amor ligados ao jogo. É efectivamente o caso para a aprovação dos estilos de amor (Hendrick e Hendrick, 1986). Davies, (2001) esperou que o Ludus estivesse ligado positivamente à desejabilidade nos homens e Pragma estaria associada positivamente com a desejabilidade nas mulheres.

Segundo Tanner (1973); Michael *et al.*, 1995; Baucom e Epstein (2000) e Terra (2003) a questão da prática religiosa que já anteriormente foi falada também pode influenciar os diferentes estilos de amor – espera-se que os adolescentes que não são crentes sejam mais eros e mais ludus do que os crentes e que os adolescentes com prática religiosa sejam menos eros (românticos) e mais ágape (amor altruísta) – H8.

No que concerne às relações amorosas com o parceiro do sexo oposto, alguns estudos interculturais referem que o amor e as características preferidas nos parceiros têm aspectos culturais específicos (Neto, 1992), esperando-se, por isso que se encontrem, neste estudo, diferenças nas atitudes em relação ao amor nos vários grupos étnicos estudados – H9.

Outros factores também foram considerados no estudo – ter um(a) amigo(a) íntimo(a) e ter namorado(a) pode influenciar as atitudes em relação ao amor – H10.

Segundo Hendrick e Hendrick (1987a) as pessoas apaixonadas revelam mais Eros e Ágape e menos Ludus e Pragma, do que as pessoas que não estão apaixonadas.

Neto (1993) descobriu que as pessoas apaixonadas revelavam mais Eros, Ágape e menos Ludus do que quem não estava apaixonado. Neste estudo também se espera que os estudantes portugueses que estão apaixonados são mais Eros, e mais Ágape e menos Ludus (H11).

O número de vezes que os adolescentes se apaixonaram também pode influenciar as relações de amizade com os amigos.

Os processos de manutenção da auto-estima podem ser também evidentes nas qualidades desejadas no parceiro amoroso ideal. O que as pessoas tendem a sentir que merecem num parceiro ideal baseia-se na maneira como eles próprios se consideram. Se tem uma opinião positiva, procuram qualidades mais positivas no outro ideal (Knee e Zuckerman, 1998).

Estudos de Hendrick e Hendrick (1986) examinaram as relações entre a auto-estima e os estilos de amor tendo concluído que os sujeitos com scores elevados em Eros tinham auto-estima mais alta e os que tinham scores elevados em Mania tinham mais baixa auto-estima.

Prevê-se que neste estudo os adolescentes que tem uma auto-estima elevada sejam mais Eros e menos Mania – H12.

Vários estudos têm examinado a associação entre a intimidade na amizade, os estilos de amor e prevê-se que a amizade e o amor estejam associados de modo positivo à felicidade e à satisfação com a vida e de forma negativa à solidão – H13.

Bukowski *et al.* (1996; 1999) dizem que os jovens adolescentes envolvidos em amizades com pares do mesmo sexo são os que mais provavelmente se vão envolver em amizades com pares do sexo oposto e mais facilmente estabelecem relações amorosas satisfatórias. Considera-se que as relações de pares do mesmo sexo e do sexo oposto são similares, ou paralelas, o funcionamento de satisfação numa relação de amizade terá também funcionamento positivo na outra.

3. METODOLOGIA

3.1. Caracterização da amostra

A amostra é constituída por 1359 adolescentes, estudantes em escolas do ensino secundário portuguesas das regiões de Setúbal, Lisboa, Monte da Caparica, Seixal, Amadora, Santo António dos Cavaleiros e Loures. Devido ao estudo pretender fazer uma análise referente a alunos com pertenças culturais diferentes, a escolha da amostra de escolas não foi aleatória, tendo sido feito um levantamento, através dos dados mais recentes existentes no Programa Entreculturas (1998), das Escolas

Secundárias com alunos com estas características, pensando-se assim, ser pertinente caracterizar o número e percentagem de inquiridos por escola.

- Escola Secundária D. José I (Lisboa) – 164 (12,1%);
- Escola Secundária D. Dinis (Lisboa) – 142 (10,4%);
- Escola Secundária José Afonso (Seixal) – 141 (10,4%);
- Escola Secundária da Belavista (Setúbal) – 117 (8,6%);
- Escola Secundária D. Manuel Martins (Setúbal) – 100 (7,4%);
- Escola Secundária Monte da Caparica – 92 (6,8%);
- Escola Secundária da Amora – 78 (5,7%);
- Fundação Escola Profissional de Setúbal – 68 (5,0%);
- Escola Secundária D. João II (Setúbal) – 60 (4,4%);
- Escola Secundária José Cardoso Pires (St.º António dos Cavaleiros) – 59 (4,3%);
- Escola Secundária da Portela – 54 (4,0%);
- Escola Secundária Manuel Gargaleiro (Seixal) – 41 (3,0%);
- Escola Secundária Lima de Freitas (Setúbal) – 40 (2,9%);
- Escola Secundária de Loures – 39 (2,9%);
- Escola Secundária de Odivelas – 30 (2,2%);
- Escola Secundária da Amadora – 27 (2,0%);
- Escola Secundária de Sacavém – 26 (1,9%);
- Escola Secundária D. Pedro V (Lisboa) – 21 (1,5%);
- Escola Secundária Vitorino Nemésio – 18 (1,3%);
- Escola Secundária de Almada – 12 (0,9%);
- Escola Secundária S. João de Barros – 11 (0,8%);
- Escola Secundária Professor Herculano de Carvalho – 8 (0,6%);
- Escola Secundária Pedro Alexandrino (Póvoa de Santo Adrião) – 6 (0,4%);
- Escola Secundária de Olaias (Lisboa) – 3 (0,2%) e a
- Escola Secundária de Palmela – 2 (0,1%).

Com idades compreendidas entre os 16 e 19 anos a amostra de alunos encontra-se distribuída da seguinte forma:

- 243 de 16 anos,
- 265 de 17 anos,
- 342 de 18 anos e
- 509 de 19 anos.

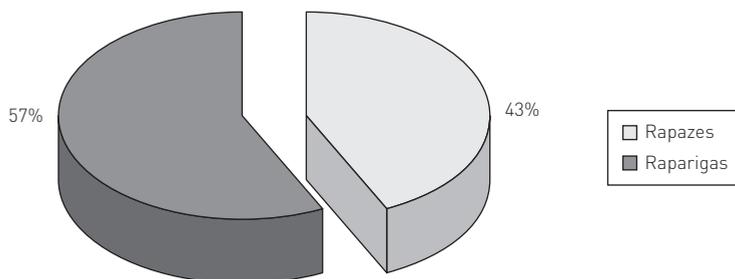
Desta amostra 656 (48,3%) frequentam o 10.º ano, 336 (24,7%) o 11.º ano e 367 (27%) o 12.º ano.

Quanto ao género foram inquiridos:

- 589 rapazes (43,3%) e
- 770 raparigas (56,7%),

de acordo com a figura 20.

Figura 20 – Percentagem de raparigas e rapazes



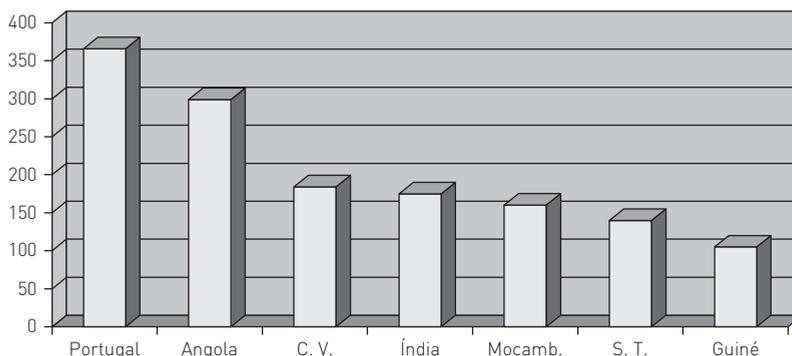
Partindo da amostra de 1359 adolescentes, dividida em função da origem etno-cultural, alunos portugueses, alunos dos PALOP's aí nascidos ou não, mas filhos de pais com origem nos PALOP's e adolescentes de pertença cultural indiana e com a prática religiosa hindu.

Embora a maioria (75,6%) dos alunos seja de nacionalidade portuguesa (1027 dos 1359 inquiridos), quando questionados sobre o seu meio de origem étnica referem que pertencem a 7 grupos (figura 21):

- Portugueses – 366 (26,9%);
- Angolanos – 229 (16,9%);
- Cabo-verdianos – 184 (13,5%);

- Indianos – 175 (12,9%);
- Moçambicanos – 160 (11,8%);
- São-tomenses – 140 (10,3%) e
- Guineenses – 105 (7,7%).

Figura 21 – Frequência dos diferentes grupos étnicos



No que se refere à prática religiosa:

- 477 (35,1%) são praticantes,
- 566 (41,6%) são crentes não praticantes e
- 316 (23,3%) não são crentes nem praticantes.

As raparigas são mais praticantes do que os rapazes, tendo-se encontrado diferenças significativas ($\chi^2 = 31$, gl = 2). Na análise das frequências e das percentagens, as raparigas são mais praticantes do que os rapazes (21,3% contra 13,7%) e mais crentes não praticantes (25,3% contra 14,3%) do que os rapazes que têm maior percentagem no que se refere ao nem serem crentes nem praticantes (13,3% os rapazes e 10,0% as raparigas).

No que diz respeito às diferenças existentes na prática religiosa por grupo étnico, verificou-se que existem diferenças significativas ($\chi^2 = 71$, gl = 6).

Fazendo a análise por grupo étnico é curioso observar que o grupo constituído pelos alunos indianos (que praticam a religião hindu), são todos crentes e praticantes, ao contrário de todos os outros grupos que se distribuem pelas três opções propostas neste estudo – crentes e praticantes, crentes não praticantes e nem crentes nem praticantes.

A maioria dos portugueses (50,5%), dos moçambicanos (51,9%) e dos são-tomenses (50,7%) são crentes não praticantes, sendo esta a resposta que obtém maior número também nos restantes grupos: angolanos (42,4%), cabo-verdianos (47,3% e guineenses (41,0%). Os portugueses são os menos crentes praticantes (17,8%).

3.2. Instrumentos

Neste estudo foram utilizados dois instrumentos para medir a intimidade em adolescentes de diferentes grupos étnicos – A versão portuguesa da Escala da Intimidade nas Relações de Amizade entre Amigos do mesmo Sexo de Sharabany (1974, 1994, 2000), previamente adaptada (Pinto e Neto, no prelo) e a Escala de Atitudes em relação ao Amor – LAS – de Hendrick e Hendrick (1986) previamente adaptada (Neto 1992, 1993, 1994, 1998, 2000 e Neto e Pinto, 2003).

Com o objectivo de analisar as relações existentes entre estas duas abordagens da intimidade nos jovens adolescentes e outros constructos psicológicos, foram utilizadas as Escalas de Satisfação com a Vida (SWLS), a da Solidão (UCLA), a da Felicidade (OHQ). Utilizaram-se também dois Questionários: um Questionário de Percepção do Bem-estar e Auto-Estima e um Questionário de Identificação das Características Psicossociais.

Para identificação da pertença e crença religiosa foi apresentada uma listagem das várias religiões, semelhante à utilizada no estudo preliminar. Com o objectivo de saber a prática religiosa dos adolescentes inquiridos foi utilizado o seguinte item: Relativamente à religião, considera-se: 1 – praticante, 2 – crente não praticante, 3 – nem crente nem praticante.

As escalas:

A – Escala da Intimidade nas Relações de Amizade («University of Haifa»)

B – Escala da Satisfação com a Vida – SWLS

C – Escala da Solidão da UCLA («University of Califórnia at los Angeles»)

São as mesmas que se utilizaram no estudo preliminar, constando nas páginas 262, 263, 264 e 265 a sua especificação.

D – Escala de Atitudes em relação ao Amor – LAS

A Escala de Atitudes em relação ao Amor mede de forma útil o amor porque mede os diferentes estilos e nuances da experiência amorosa. As propriedades psicométricas da escala têm sido investigadas intensamente (Borrello e Thompson, 1990 a, 1990 b; Hendrick-Hendrick, 1986, 1989, 1990; Hendrick-Hendrick, Foote, Slapion-Foote, 1984; Hendrick-Hendrick, 1987 a, 1987 b, Thompson e Borrello, 1992). O instrumento de Hendrick-Hendrick (H-H) usa sete itens para medir as atitudes relativas a cada um dos seis estilos de amor (Lee, 1973, 1976) e presumidos pelos Hendricks no seu trabalho.

Os seis estilos de amor foram identificados em amostras portuguesas (Neto, 1992, 1994). Verificaram-se diferenças interculturais.

A Escala de Atitudes em relação ao Amor é composta por 42 itens e avalia seis estilos de amor: Ludus, Storge, Pragma, Mania, Ágape e Eros, sendo cada estilo composto por 6 itens. Exemplos de itens característicos de cada estilo de amor:

- Eros: «O nosso relacionamento físico é muito intenso e satisfatório»;
- Ludus: «Gosto de jogar o “jogo do amor” com diferentes companheiros(as)»;
- Storge: «O melhor tipo de amor cresce a partir de uma amizade longa»;
- Pragma: «Tento planear a minha vida cuidadosamente antes de escolher um(a) namorado(a)»;
- Mania: «Quando o(a) meu (minha) namorado(a) não me presta atenção, sinto-me doente»;
- Ágape: «Geralmente estou disposto(a) a sacrificar os meus desejos para que o(a) meu(minha) namorado(a) alcance os seus».

Cada item tem 5 possibilidades de resposta: A – concordo plenamente com a afirmação, B – concordo moderadamente com a afirmação, C – neutro – não concordo nem discordo, D – discordo moderadamente com a afirmação, E – discordo plenamente com a afirmação.

A análise tradicional (Hendrick e Hendrick, 1990; Hendrick-Hendrick, 1987a) invocando rotações «varimax» implica um modelo em que os seis

constructos (estilos de amor) não estão correlacionadas. Muitas provas empíricas emergiram através de planeamento, medições e escolhas analíticas em vários estudos para indicar que, pelo menos, os seis estilos de amor estão correlacionados entre eles.

Os resultados gerais sugerem que os seis estilos de amor são coerentes, mesmo quando são extraídos mais factores. No entanto, o delineamento do constructo não é completamente invariável na escolha no número de factores a serem extraídos. A análise permite interpretar os padrões em que os onze constructos de primeira ordem descem juntas para a segunda ordem.

Neto (1998) sugere que uma forma breve da LAS pode ser extraída da versão com 7 itens, sendo que os coeficientes alfa não diminuíram e os efeitos do género manifestam-se da mesma maneira nas três versões da escala.

Um estudo (Neto e Pinto, 2003) utilizou métodos de análise de quatro itens por cada estilo, para explorar a validade dos resultados da escala das atitudes em relação ao amor de Hendrick e Hendrick (1989) numa amostra portuguesa com adolescentes. A consistência interna foi globalmente satisfatória, pois o resultado avaliado pelo coeficiente alfa de Cronbach nos diferentes estilos de amor foi de 0,61 (Eros), 0,59 (Ludus), 0,70 (Storge), 0,72 (Pragma), 0,62 (Mania) e 0,74 (Ágape), respectivamente.

Em suma, tendo em conta estes resultados, a forma breve da Escala de Atitudes em relação ao Amor com 4 itens é especialmente apropriada para se efectuarem estudos de comparações interculturais (Neto, 1998).

E – Escala da Felicidade – OHQ

A Escala da Felicidade, The Oxford Happiness Questionnaire (OHQ), resulta do Oxford Happiness Inventory, (OHI, Argyle, Martin e Crossland, 1989).

O desenvolvimento desta escala (Argyle, Martin e Lu, 1995), foi validada psicometricamente em estudos ingleses (Furnham e Brewin, 1990, Joseph e Lewis, 1998), em estudos em Espanha (Sanchez, 1994) e nos Estados Unidos da América (Valiant, 1993). A OHI também foi validada em estudos interculturais numa amostra de estudantes de diferentes

grupos étnico-culturais na Austrália, Canadá, Reino Unido e Estados Unidos (Francis, Brown, Lester e Philipchalk, 1998). Um estudo em Israel (Francis e Katz, 2000) e na Tailândia (Lu e Shih, 1997). Em Portugal também foram feitos estudos com estudantes portugueses (Neto, 2001).

A Escala da Felicidade tem 29 itens, cada um com quatro possíveis diferentes respostas para cada item. Cada item tem 4 diferentes respostas desde a negação da afirmação até ao extremamente positivo da afirmação. Por exemplo: Item 1: 0 – Eu não me sinto feliz, 1 – Sinto-me feliz, 2 – Sinto-me muito feliz, 3 – Sinto-me extremamente feliz.

F – Questionário de Identificação de Características Psicossociais

Para identificar o perfil de identidade psicossocial dos jovens adolescentes foram colocadas questões de caracterização dos sujeitos (género, idade, grupo de origem etno-cultural e ano de escolaridade) e das suas atitudes face à participação social, política, prática religiosa e às atitudes em relação ao amor nas relações amorosas heterossexuais. Com o objectivo de saber a identificação no âmbito político/partidária dos inquiridos, foi utilizada uma escala de posicionamento de 1 a 10, cujas extremas são a direita (1) e a esquerda (10), utilizada pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento – IED – num Inquérito «Situação, Problemas e perspectivas da Juventude em Portugal», (1983), aplicado a estudantes portugueses do ensino Secundário. O número 11 refere-se à opção: sem opinião. Neste conjunto de questões fizeram-se perguntas de resposta simples sobre se namorava, se estava apaixonado(a) e quantas vezes se tinha apaixonado (de nenhuma vez a quatro ou mais vezes).

Foi também questionado se pertencia a alguma associação e se costumava trabalhar com outras pessoas para resolver algum problema social importante, IED (1983).

Foram apresentadas questões em relação à intimidade pessoal e de auto-avaliação comportamental.

- A) É um(a) jovem contente consigo próprio(a)? 1 – sim, 2 – não.
- B) A maneira de me sentir habitualmente em relação a mim próprio(a) é: 1 – muito positiva, 2 – positiva, 3 – neutra, 4 – negativa, 5 – muito negativa.

3.3. Procedimento

Após ter sido feito um estudo para avaliar as capacidades psicométricas da Escala Intimidade nas Relações de Amizade entre amigos do mesmo sexo com a população portuguesa, conforme já referido anteriormente, realizou-se um estudo para confirmar a fidelidade e a validade da Escala de Atitudes em Relação ao Amor (LAS) numa amostra portuguesa de adolescentes estudantes do ensino secundário (Neto e Pinto, 2003).

Os questionários deste estudo final foram aplicados na região centro de Portugal – Distritos de Lisboa e Setúbal.

Foram distribuídos e preenchidos em situação de sala de aula, na presença do professor e da investigadora durante o ano de 2002 (durante sete meses; de Janeiro a Julho). Foram aplicados em Escolas públicas do Ensino Secundário (10.º, 11.º e 12.º anos). O instrumento estava identificado no cabeçalho com: «Questionário para rapariga» e «Questionário para rapaz», para uma melhor identificação do inquirido em relação às questões. Os questionários eram iguais só diferiam no feminino e no masculino. No que se refere à escala das atitudes em relação ao amor era pedido aos adolescentes para se lembrarem tanto quanto possível do(a) seu(sua) namorado(a) enquanto respondiam às questões relacionadas com o amor. Para se englobarem os adolescentes que não estivessem apaixonados aquando do preenchimento do questionário eram dadas as seguintes instruções: «São abaixo apresentadas várias afirmações que reflectem diferentes atitudes em relação ao amor. Para cada afirmação assinale até que ponto está em acordo ou em desacordo com ela. Alguns dos itens referem-se a uma relação amorosa específica, enquanto que outros referem-se a atitudes e crenças gerais sobre o amor. Sempre que possível responda às questões tendo em mente o(a) seu(sua) namorado(a). Se não namora com ninguém, responda às questões em pensamento o(a) seu(sua) namorado(a) mais recente. Se nunca namorou, responda em termos do que pensa que seriam as suas respostas».

O tratamento dos dados foi feito utilizando o programa de estatística SPSS, versão 10, tendo sido feita a caracterização da amostra por frequência e por percentagem, análise factorial das escalas e correlações com as outras medidas psicológicas.

Apresentam-se os resultados obtidos, tendo sido feita em primeiro lugar a análise da Intimidade nas Relações de Amizade entre Amigos do

mesmo Sexo e de seguida os resultados das Atitudes face aos diferentes estilos de Amor.

A discussão foi elaborada de acordo com os resultados obtidos, com as hipóteses consideradas e a teoria que as fundamenta.

4. RESULTADOS

Nos dados recolhidos nesta amostra intercultural de estudantes examinaram-se padrões de interação nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo e nas relações românticas, elos entre os diferentes níveis de intimidade nas relações, influências das experiências étnico-culturais, o papel dos parceiros românticos, a influência potencial da prática religiosa e outras variáveis psicológicas que possam influenciar os aspectos qualitativos e a satisfação com a vida e da felicidade.

4.1. Amizade entre amigos do mesmo sexo

Foi feita uma análise factorial da escala da intimidade nas relações de amizade entre amigos do mesmo sexo e verificada a sua estrutura interna.

Analisaram-se as diferenças existentes em relação ao género, às práticas religiosas e à pertença a diferentes grupos étnico-culturais e as correlações existentes entre a escala da intimidade nas relações de amizade entre amigos do mesmo sexo e as outras medidas psicológicas – solidão, satisfação com a vida e felicidade.

Apresenta-se (quadro 6) a análise por itens da escala, podendo dizer-se depois de analisadas as médias de resposta que os adolescentes demonstraram ter níveis elevados de amizade com amigos do mesmo sexo, em todos os itens. As médias mais elevadas são as das perguntas: 10 – *Eu sou amigo(a) dele/(ela)*, com a média de 6,52, seguida do item 18 – *Em qualquer circunstância que ele/(ela) queria desabafar comigo acerca de um problema, ou simplesmente falar eu estou sempre disponível para ouvir o tempo que ele/(ela) necessitar*, com a média de 6,17. As médias mais baixas (e as únicas que se encontram abaixo do ponto médio de resposta que é o 4, devido às possibilidades de resposta se encontrarem entre o 1 – discordo totalmente e o 7 – concordo totalmente), são os itens 15 – *Incomoda-me a presença dos outros quando eu e ele/(ela) estamos a fazer alguma coisa em conjunto*, com 3,55 de

média e o item 24 – *Posso usar os seus objectos pessoais sem necessitar da sua autorização*, com uma média de 3,96.

Quadro 6 – Itens da escala, médias, desvios-padrão, saturações e correlações itens – scores total (excepto o próprio item) dos factores da Escala da Intimidade nas Relações de Amizade entre amigos do mesmo sexo

N.º	Itens	Média	Desvio Padrão	Saturação factorial	Correlações Item-score total
1	Sinto-me livre para falar com ele/ /(ela) praticamente sobre todas as coisas.	6,13	1,21	0,58	0,52
2	Se ele/(ela) faz alguma coisa que não me agrada, eu posso sempre falar-lhe acerca dessa questão.	6,03	1,17	0,49	0,43
3	Falo com ele/(ela) acerca dos meus desejos e projectos para o futuro.	6,05	1,26	0,60	0,55
4	Quando a minha conduta ou comportamento não é aprovado pelos outros é a ele/(ela) que recorro para desabafar e contar.	5,51	1,55	0,68	0,63
5	Sei o que é que ele/(ela) sente acerca de coisas sem que me diga.	5,25	1,50	0,64	0,59
6	Conheço o género de livros, jogos e actividades que ele/(ela) aprecia.	5,45	1,50	0,57	0,52
7	Conheço os seus sentimentos em relação à rapariga/(ao rapaz) que ele/(ela) gosta.	5,84	1,44	0,62	0,56
8	Sei quando ele/(ela) se sente preocupado(a) com alguma coisa.	5,80	1,26	0,72	0,67
9	Unem-me laços fortes de amizade a ele/(ela).	6,09	1,27	0,73	0,67
10	Eu sou amigo(a) dele/(ela).	6,52	0,98	0,59	0,52
11	Sinto a sua ausência com saudade.	5,55	1,49	0,68	0,64
12	Quando ele/(ela) está ausente penso onde está, o que faz e com quem.	4,58	1,74	0,61	0,59
13	As aventuras e as novas experiências acontecem quando estamos juntos/(juntas), sem ninguém por perto.	4,21	1,76	0,54	0,53

[continua]

(continuação)

N.º	Itens	Média	Desvio Padrão	Saturação factorial	Correlações Item-score total
14	Consigo fazer coisas diferentes com ele/(ela) do que os outros rapazes/(as outras raparigas) fazem.	4,23	1,81	0,60	0,59
15	Incomoda-me a presença dos outros quando eu e ele/(ela) estamos a fazer alguma coisa em conjunto.	3,55	1,91	0,38	0,38
16	Permaneço com ele/(ela) numa actividade/acção que este/(esta) deseje concretizar, independentemente que os outros desistam.	5,07	1,62	0,63	0,61
17	Quando qualquer coisa agradável acontece comigo eu partilho essa experiência com ele/(ela).	5,86	1,39	0,75	0,71
18	Em qualquer circunstância que ele/(ela) queria desabafar comigo acerca de um problema, ou simplesmente falar eu estou sempre disponível para ouvir o tempo que ele/(ela) necessitar.	6,17	1,27	0,63	0,57
19	Partilho os meus objectos pessoais e comida com ele/(ela) (tais como: roupas, jogos ou livros).	5,06	1,76	0,62	0,59
20	Se ele/(ela) deseja alguma coisa que me pertença, eu permito que fique com ela, mesmo que a queira também.	4,69	1,72	0,60	0,59
21	Tenho a certeza que ele/(ela) me ajuda sempre que eu o solicite.	5,81	1,38	0,66	0,60
22	Posso planear como nós iremos ocupar o nosso tempo sem combinar com ele/(ela).	4,41	1,78	0,46	0,46
23	Se eu quiser que ele/(ela) faça alguma coisa por mim só preciso dizer-lhe.	5,19	1,56	0,58	0,55
24	Posso usar os seus objectos pessoais sem necessitar da sua autorização.	3,96	1,93	0,42	0,43

(continua)

(continuação)

N.º	Itens	Média	Desvio Padrão	Saturação factorial	Correlações Item-score total
25	Ando mais vezes com ele/(ela) do que com os outros meus amigos/ (as outras minhas amigas).	5,03	1,77	0,51	0,50
26	Eu gosto de realizar tarefas com ele/(ela).	5,70	1,36	0,68	0,64
27	Colaboro com ele/(ela) em alguns dos seus hobbies.	5,19	1,54	0,57	0,54
28	Colaboro com ele/(ela) em alguns dos seus trabalhos escolares.	4,92	1,82	0,46	0,43
29	Seja o que for que lhe conte é um segredo dos dois/(das duas).	5,74	1,59	0,61	0,57
30	Nunca me junto aos outros para fazer nada que o/(a) prejudique.	5,99	1,48	0,55	0,51
31	Eu defendo-o/(a), quando os outros dizem mal dele/(dela).	5,99	1,28	0,64	0,59
32	Eu aos outros só digo bem dele/ /dela).	5,70	1,43	0,63	0,59

A análise factorial em componentes principais evidencia que o primeiro factor da escala explica 36,1% da variância. Todos os itens apresentam uma saturação dos factores igual (o caso do item n.º 15) ou superior a 0,38, tendo também uma correlação elevada com a escala total (entre 0,38 do item 15 e 0,71 do item 17). A consistência interna, avaliada pelo coeficiente alfa de Cronbach para a escala total foi de 0,94, o que é um valor bastante satisfatório. Os resultados obtidos neste estudo final confirmam a unidimensionalidade da escala apresentada no 1.º estudo com adolescentes portugueses, tendo sido considerada a intimidade nas relações de amizade com amigos do mesmo sexo como um instrumento que funciona como um todo embora as questões colocadas abordem diversas perspectivas dessas relações de intimidade.

Apresentam-se no quadro 7 as médias e os desvios-padrão no que diz respeito ao género por item da escala.

Quadro 7 – Itens da escala, médias, desvios-padrão e F ratio por género

(M – Masculino e F – Feminino)

N.º	Itens	Género	Média	Desvio Padrão	F
1	Sinto-me livre para falar com ele/(ela) praticamente sobre todas as coisas.	M	5,98	1,30	15,96***
		F	6,24	1,13	
2	Se ele/(ela) faz alguma coisa que não me agrada, eu posso sempre falar-lhe acerca dessa questão.	M	5,86	1,31	21,38***
		F	6,15	1,03	
3	Falo com ele/(ela) acerca dos meus desejos e projectos para o futuro.	M	5,77	1,42	52,05***
		F	6,26	1,07	
4	Quando a minha conduta ou comportamento não é aprovado pelos outros é a ele/(ela) que recorro para desabafar e contar.	M	5,01	1,70	117,80***
		F	5,89	1,31	
5	Sei o que é que ele/(ela) sente acerca de coisas sem que me diga.	M	4,82	1,62	93,30***
		F	5,58	1,30	
6	Conheço o género de livros, jogos e actividades que ele/(ela) aprecia.	M	5,24	1,65	21,47***
		F	5,61	1,34	
7	Conheço os seus sentimentos em relação à rapariga/(ao rapaz) que ele/(ela) gosta.	M	5,43	1,64	90,37***
		F	6,16	1,18	
8	Sei quando ele/(ela) se sente preocupado(a) com alguma coisa.	M	5,34	1,42	154,75***
		F	6,15	0,98	
9	Unem-me laços fortes de amizade a ele/(ela).	M	5,74	1,45	84,80***
		F	6,36	1,04	
10	Eu sou amigo(a) dele/(ela).	M	6,33	1,19	40,00***
		F	6,67	0,76	
11	Sinto a sua ausência com saudade.	M	4,92	1,60	217,54***
		F	6,03	1,19	
12	Quando ele/(ela) está ausente penso onde está, o que faz e com quem.	M	3,99	1,77	132,14***
		F	5,03	1,57	

(continua)

(continuação)

N.º	Itens	Género	Média	Desvio Padrão	F
13	As aventuras e as novas experiências acontecem quando estamos juntos/ /juntas), sem ninguém por perto.	M	3,81	1,84	57,29***
		F	4,53	1,64	
14	Consigo fazer coisas diferentes com ele/(ela) do que os outros rapazes/(as outras raparigas) fazem.	M	3,92	1,91	89,31***
		F	4,82	1,61	
15	Incomoda-me a presença dos outros quando eu e ele/(ela) estamos a fazer alguma coisa em conjunto.	M	3,23	1,85	29,05***
		F	3,79	1,93	
16	Permaneço com ele/(ela) numa actividade/acção que este/(esta) deseje concretizar, independentemente que os outros desistam.	M	4,56	1,76	109,70***
		F	5,46	1,39	
17	Quando qualquer coisa agradável acontece comigo eu partilho essa experiência com ele/(ela).	M	5,31	1,61	184,59***
		F	6,28	1,01	
18	Em qualquer circunstância que ele/(ela) queria desabafar comigo acerca de um problema, ou simplesmente falar eu estou sempre disponível para ouvir o tempo que ele/(ela) necessitar.	M	5,75	1,46	120,75***
		F	6,48	0,99	
19	Partilho os meus objectos pessoais e comida com ele/(ela) (tais como: roupas, jogos ou livros).	M	4,61	1,87	71,46***
		F	5,41	1,59	
20	Se ele/(ela) deseja alguma coisa que me pertença, eu permito que fique com ela, mesmo que a queira também.	M	4,33	1,84	48,36***
		F	4,97	1,57	
21	Tenho a certeza que ele/(ela) me ajuda sempre que eu o solicite.	M	5,49	1,48	59,69***
		F	6,06	1,24	
22	Posso planear como nós iremos ocupar o nosso tempo sem combinar com ele/ /(ela).	M	4,29	1,82	4,53*
		F	4,50	1,74	
23	Se eu quiser que ele/(ela) faça alguma coisa por mim só preciso dizer-lhe.	M	4,93	1,59	14,90***
		F	5,26	1,51	

(continua)

(continuação)

N.º	Itens	Género	Média	Desvio Padrão	F
24	Posso usar os seus objectos pessoais sem necessitar da sua autorização.	M	3,81	1,90	6,39*
		F	4,08	1,94	
25	Ando mais vezes com ele/(ela) do que com os outros meus amigos/(as outras minhas amigas).	M	4,87	1,77	7,92**
		F	5,15	1,75	
26	Eu gosto de realizar tarefas com ele/(ela).	M	5,34	1,56	75,36***
		F	5,97	1,12	
27	Colaboro com ele/(ela) em alguns dos seus hobbies.	M	4,99	1,65	17,81***
		F	5,35	1,44	
28	Colaboro com ele/(ela) em alguns dos seus trabalhos escolares.	M	4,49	1,91	61,90***
		F	5,26	1,68	
29	Seja o que for que lhe conte é um segredo dos dois/(das duas).	M	5,32	1,78	76,88***
		F	6,07	1,34	
30	Nunca me junto aos outros para fazer nada que o/(a) prejudique.	M	5,56	1,68	91,92***
		F	6,31	1,21	
31	Eu defendo-o/(a), quando os outros dizem mal dele/(dela).	M	5,57	1,45	117,38***
		F	6,30	1,03	
32	Eu aos outros só digo bem dele/(dela).	M	5,25	1,61	107,64***
		F	6,04	1,17	

* $p < 0,05$, ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$

Em relação ao género e analisando o quadro, existem diferenças significativas ($F_{(1,135)} = 190,75$; $p < 0,0001$), tendo as raparigas scores mais elevados de amizade com as amigas ($M = 180,2$; $DP = 22,8$) do que rapazes ($M = 159,8$; $DP = 31,4$). Pode-se verificar que existem diferenças significativas segundo o género em todos os itens da escala. As raparigas obtêm em todos eles scores mais elevados do que os rapazes. O item 11 – «Sinto a sua ausência com saudade» foi o que apresentou a maior diferença entre as respostas de rapazes e raparigas, seguido do item

17 – «Quando qualquer coisa agradável acontece comigo eu partilho essa experiência com ele/ela». Por outro lado os itens que apresentam uma menor diferença no tipo de resposta são o item 22 – «Posso planear como nós iremos ocupar o nosso tempo sem combinar com ele/ela» e o item 24 – «Posso usar os seus objectos pessoais sem necessitar da sua autorização».

Apresentam-se, no quadro 8 as médias e desvios-padrão da Escala da Intimidade em relação ao género, prática religiosa e pertença a diferentes grupos étnicos.

Quadro 8 – Médias e desvios-padrão da Escala da Intimidade segundo o sexo, a prática religiosa e os grupos étnicos

		N.º	Média	Desvio Padrão
Género	Masculino	589	159,8	31,4
	Feminino	770	180,2	22,8
Prática Religiosa	Praticante	477	174,2	26,2
	Crente não praticante	566	172,5	28,3
	Nem crente nem praticante	316	165,0	32,1
Grupos étnicos	Portuguesa	365	168,2	29,2
	Indiana	175	169,8	29,8
	Angolana	229	175,8	28,3
	Cabo-verdiana	184	170,7	31,4
	Moçambicana	160	176,2	25,3
	Guineense	105	169,2	26,0
	São-tomense	140	171,4	27,4

No que respeita à prática religiosa existem diferenças significativas ($F_{(2,1353)} = 10,7$; $p < 0,001$), podendo dizer-se que os adolescentes que são crentes e praticantes têm scores significativamente mais altos de amizade do que os que não são nem crentes nem praticantes.

Fez-se uma comparação múltipla através dos testes Scheffé cujos resultados se podem ler no quadro 9.

Quadro 9 – Comparação múltipla em relação à prática religiosa no que se refere à amizade com amigos do mesmo sexo

(I) Prática religiosa	(J) Prática religiosa	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Crente Praticante	Crente não praticante	1,73	1,77	0,620
	Nem crente nem praticante	9,27 *	2,08	0,000
Crente não praticante	Nem crente nem praticante	7,54 *	2,01	0,001

As diferenças significativas existentes são entre os crentes (praticantes e não praticantes) e os jovens que não são crentes nem praticantes. Não existem diferenças significativas entre os crentes praticantes e os crentes não praticantes, mas as diferenças entre os praticantes e os adolescentes que não são crentes é maior do que entre os não são praticantes embora sejam crentes. Os crentes praticantes têm níveis mais elevados de amizade do que os que não são praticantes e estes dois grupos têm também scores mais elevados de amizade do que os que não são crentes nem praticantes.

As diferenças significativas, entre médias, para um intervalo de confiança de 95%, estão marcadas por um intervalo de confiança de 95%, estão marcadas com um asterisco.

Em relação aos grupos étnicos também existem diferenças significativas nas relações de amizade ($F_{(6,1349)} = 2,636$; $p = 0,015$).

Quadro 10 – Comparação múltipla entre os diferentes grupos étnicos no que se refere à amizade entre amigos do mesmo sexo

(I) origem étnica	(J) origem étnica	Diferença de Médias (I-J)	Desvio Padrão	Sig.
Portuguesa	Indiana/hindu	- 1,62	2,63	0,999
	Angolana	- 7,64	2,41	0,124
	Cabo-verdiana	- 2,49	2,59	0,988
	Moçambicana	- 7,97	2,71	0,195
	Guineense	- 0,10	3,17	1,000
	São-tomense	- 3,18	2,85	0,974

(continua)

(continuação)

(I) origem étnica	(J) origem étnica	Diferença de Médias (I-J)	Desvio Padrão	Sig.
Indiana/hindu	Angolana	- 6,01	2,87	0,624
	Cabo-verdiana	- 0,87	3,02	1,000
	Moçambicana	- 6,34	3,13	0,660
	Guineense	0,63	3,53	1,000
	São-tomense	- 1,56	3,25	1,000
Angolana	Cabo-verdiana	5,15	2,83	0,770
	Moçambicana	- 0,33	2,95	1,000
	Guineense	6,64	3,37	0,692
	São-tomense	4,46	3,07	0,910
Cabo-verdiana	Moçambicana	- 5,48	3,09	0,791
	Guineense	1,49	3,50	1,000
	São-tomense	- 0,69	3,22	1,000
Moçambicana	Guineense	6,97	3,59	0,707
	São-tomense	4,79	3,31	0,911
Guineense	São-tomense	- 2,18	3,70	0,999

Da análise das médias (quadro 8) verificou-se que nos diferentes grupos étnicos as médias são (das mais altas para as mais baixas): moçambicanos (M = 176,2; DP = 25,3), angolanos (M = 175,8; DP = 28,3), são-tomenses (M=171,4; DP=27,4), cabo-verdianos (M = 170,7; DP = 31,4), indianos (M = 169,8; DP = 29,8), guineenses (M = 16,2; DP = 26,0) e por último os portugueses (M = 168,2; DP = 29,2).

Dos dados dos quadros 8 e 10 pode dizer-se que os portugueses são os que têm médias mais baixas de amizade com os amigos do mesmo sexo, sendo, por isso, a maior diferença entre todos os grupos – a dos portugueses e a dos moçambicanos (- 7,97), que constituem o grupo com maior média seguida da dos angolanos (- 7,64). As menores diferenças de médias dos portugueses são com os guineenses (- 0,996).

A menor diferença entre todos os grupos existe entre as médias dos adolescentes moçambicanos e angolanos (0,33), seguida da diferença entre indianos e guineenses (0,63), entre são-tomenses e cabo-verdianos (0,69).

Tendo sido colocadas no questionário algumas perguntas – «Neste momento tens um(a) melhor amigo(a)?», «Neste momento namora?», «Está agora apaixonado?», «Quantas vezes se apaixonou?» –, para se analisarem as características psicossociais dos adolescentes e a influência que poderiam ter na intimidade das suas relações de amizade com os amigos do mesmo sexo, apresentam-se os seguintes resultados:

Quadro 11 – Influência do namoro e do estar apaixonado na escala de amizade com amigos do mesmo sexo

Variável	N.º	Média	Desvio Padrão	F	Sig.
Neste momento tens um melhor amigo?					
Sim	1142	176,86	23,17	329,33	0,000
Não	214	142,08	36,51		
Neste momento namora?					
Sim	635	175,17	26,05	21,21	0,000
Não	712	168,03	30,44		
Está agora apaixonado?					
Sim	935	174,96	27,18	48,63	0,000
Não	421	163,42	30,33		
Quantas vezes se apaixonou?					
Nenhuma	79	155,70	37,60	7,98	0,000
Uma	309	171,15	27,55		
Duas	378	173,62	29,25		
Três	254	175,15	25,74		
Quatro ou mais	336	169,87	27,58		

A questão colocada sobre se neste momento tinham um ou uma melhor amigo ou amiga influencia positiva e significativamente as relações de amizade ($F_{(1,1355)} = 329,23$; $p < 0,0001$), os adolescentes que têm um melhor amigo têm scores mais elevados na escala de amizade.

O estar apaixonado parece também influenciar as relações de amizade ($F_{(1,1355)} = 21,21$; $p < 0,0001$), quem está apaixonado tem scores mais elevados de amizade com amigos do mesmo sexo do que os adolescentes que não estão apaixonados.

O número de vezes que se apaixonaram parece também influenciar a amizade ($F_{(4,1351)} = 7,98$; $p < 0,0001$).

Para verificar entre que grupos é que há diferenças significativas, apresenta-se o quadro de comparação múltipla entre as cinco respostas possíveis quanto ao número de vezes que se apaixonou.

Quadro 12 – Comparação múltipla em relação ao número de vezes que se apaixonou no que se refere à amizade com amigos do mesmo sexo

(I) Quantas vezes se apaixonou?	(J) Quantas vezes se apaixonou?	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Nenhuma	Uma	- 15,46 *	3,58	0,001
	Duas	- 17,93 *	3,51	0,000
	Três	- 19,46 *	3,66	0,000
	Quatro ou mais	- 14,28 *	3,55	0,003
Uma	Duas	- 2,47	2,18	0,863
	Três	- 4,00	2,40	0,597
	Quatro ou mais	3,76	2,23	0,988
Duas	Três	- 1,53	2,30	0,979
	Quatro ou mais	3,76	2,13	0,540
Três	Quatro ou mais	5,29	2,36	0,287

Há diferenças significativas entre os adolescentes que nunca se apaixonaram e os adolescentes que já se apaixonaram, não se verificando diferenças entre os que se apaixonaram uma ou mais vezes. Os jovens que nunca se apaixonaram têm scores de amizade mais baixos dos que os que referem já se terem apaixonado. A maior diferença existe entre os que nunca se apaixonaram e os que se apaixonaram três vezes, em que a diferença de médias é 19,17. Entre os que nunca se apaixonaram e os que se apaixonaram duas vezes é de 17,93, entre os que nunca se apaixonaram e os que se apaixonaram uma vez é de 15,46 e entre os que nunca se apaixonaram e os que se apaixonaram quatro ou mais vezes é de 14,17.

Foi colocada também a questão «Costuma trabalhar com outras pessoas para resolver algum problema social que lhe pareça importante?»

para se verificar se influenciava as relações de amizade com amigos do mesmo sexo.

Quadro 13 – Influência do envolvimento na resolução de problemas sociais na escala de amizade com amigos do mesmo sexo

Variável	N.º	Média	Desvio Padrão	F	Sig.
Costuma trabalhar com outras pessoas para resolver algum problema social que lhe pareça importante?					
Sim	570	173,96	26,67	8,03	0,005
Não	786	169,50	29,94		

O trabalhar em grupos de ajuda para a resolução de problemas influenciou positivamente ($F_{(1,1354)} = 8,03$; $p = 0,005$), os jovens que costumam trabalhar com outras pessoas para resolver problemas sociais têm scores mais altos de amizade com amigos do mesmo sexo.

O estar contente consigo próprio também influencia as relações de amizade ($F_{(1,1354)} = 5,72$; $p = 0,017$), embora a maneira de se sentirem em relação a eles próprios não influencie ($F_{(4,1351)} = 1,80$; $p = 0,126$).

Quadro 14 – Influência das características psicossociais (auto-estima)

Variável	N.º	Média	Desvio Padrão	F	Sig.
É um(a) jovem contente consigo próprio(a)?					
Sim	1104	172,34	27,34	5,72	0,017
Não	252	167,48	33,72		
A maneira de me sentir habitualmente em relação a mim próprio(a) é:					
Muito Positiva	296	172,26	27,08	1,80	0,126
Positiva	641	172,35	27,54		
Neutra	323	169,46	29,97		
Negativa	70	165,09	38,15		
Muito Negativa	26	177,92	26,33		

Os adolescentes que se sentem contentes consigo próprios têm scores mais elevados de amizade.

Foram analisadas as relações existentes entre a escala da Amizade com amigos do mesmo sexo e as escalas – da solidão, da satisfação com a vida e da felicidade cujas correlações encontradas se apresentam no quadro 15, em relação aos rapazes e às raparigas, separadamente.

Quadro 15 – Correlações da Escala da Intimidade nas Relações de Amizade com as da Solidão, da Satisfação com a Vida e a da Felicidade

	Escala da Amizade	
	Raparigas	Rapazes
Solidão	- 0,30**	- 0,24**
Satisfação com a vida	0,17**	0,10**
Felicidade	0,19**	0,07

** $p < 0,01$

Conforme os resultados obtidos a Escala da Amizade entre amigos do mesmo sexo correlaciona-se positiva e significativamente com a escala da satisfação com a vida tanto no que se refere aos rapazes como às raparigas e correlaciona-se negativa e significativamente com a escala da solidão também em relação a ambos os sexos. Já no que diz respeito à felicidade houve diferenças nas correlações, tendo as raparigas correlações positivas significativas e os rapazes não. As raparigas apresentam sempre níveis mais elevados de correlação.

4.2. Atitudes em relação ao Amor

Optou-se por fazer o estudo com base na escala reduzida já testada e validada em jovens portugueses, estudantes universitários (Neto, 1992) e adolescentes portugueses estudantes do ensino secundário (Neto e Pinto, 2003).

Métodos de análise factorial de medida psicológica foram utilizados neste estudo para explorar questões sugeridas por estudos anteriores. Vários investigadores propuseram que a análise factorial é central para a avaliação da validade do constructo dos resultados e que a análise dos factores de ordem psicológica, religiosa e social pode ser muito útil para esse fim (Gorsuch, 1983; Nunnally, 1978). Níveis diferentes de análise oferecem perspectivas diferentes acerca do constructo estudado. A perspectiva da intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo é mais global (unidimensional), enquanto que a perspectiva das atitudes em relação ao amor é mais pormenorizada.

Foi caracterizada a estrutura factorial e verificada a contribuição dos componentes principais da escala, apresentando-se as médias, desvio-padrão, saturações factoriais e correlações item – score total.

Quadro 16 – Itens da escala, médias, desvios-padrão, saturações e correlações itens – scores total (excepto o próprio item) dos factores da Escala das Atitudes em Relação ao Amor (com 4 itens por sub-escala)

N.º	Itens	Média	Desvio Padrão	Saturação factorial	Correlações Item-score total
Eros [Coeficiente alfa – 0,73]					
1	Eu e o(a) meu(minha) namorado(a) temos a «química» física ideal.	3,70	1,09	0,74	0,50
2	Sinto que o(a) meu(minha) namorado(a) e eu fomos feitos um para o outro.	3,52	1,19	0,75	0,58
3	O(a) meu(minha) namorado(a) e eu compreendemo-nos de facto.	3,77	1,08	0,76	0,57
4	O(a) meu(minha) namorado(a) corresponde ao meu ideal de beleza física.	3,86	1,13	0,61	0,44
Ludus [Coeficiente alfa – 0,66]					
5	Por vezes tive que evitar que [dois] duas namorados(as) meus(minhas) soubessem da existência um(a) do(a) outro(a).	2,06	1,41	0,75	0,55
6	Recomponho-me de casos amorosos muito fácil e rapidamente.	2,61	1,37	0,67	0,51
7	O(a) meu(minha) namorado(a) ficaria aborrecido(a) se soubesse de algumas coisas que eu fiz com outras pessoas.	2,81	1,48	0,62	0,39
8	Gosto de jogar o «jogo do amor» com diferentes companheiros(as).	2,17	1,38	0,72	0,59
Storge [Coeficiente alfa – 0,72]					
9	O melhor tipo de amor cresce a partir de uma amizade longa.	3,76	1,26	0,79	0,55

(continua)

(continuação)

N.º	Itens	Média	Desvio Padrão	Saturação factorial	Correlações Item-score total
10	A nossa amizade transformou-se gradualmente em amor ao longo do tempo.	3,49	1,36	0,73	0,51
11	O amor é uma amizade muito profunda, não uma emoção misteriosa ou mística.	3,61	1,27	0,60	0,39
12	As minhas relações amorosas mais satisfatórias desenvolveram-se a partir de boas amizades.	3,47	1,25	0,78	0,59
Pragma (Coeficiente alfa - 0,75)					
13	Um aspecto principal a considerar na escolha de um(a) namorado(a) é o modo como a minha família o(a) vê.	2,39	1,33	0,73	0,53
14	Um importante factor na escolha de um(a) companheiro(a) é se ele(a) será ou não um bom (boa) pai(mãe).	3,05	1,32	0,77	0,56
15	Uma consideração na escolha de um(a) companheiro(a) é o modo como ele(a) interferirá na minha carreira.	2,77	1,25	0,80	0,58
16	Antes de me envolver muito com uma pessoa, tento saber se existe compatibilidade hereditária no caso de irmos a ter filhos.	2,28	1,30	0,69	0,50
Mania (Coeficiente alfa - 0,73)					
17	Quando o(a) meu(minha) namorado(a) não me presta atenção, sinto-me doente.	2,96	1,29	0,74	0,56
18	Quando estou enamorado(a), tenho problemas em concentrar-me noutra coisa qualquer.	3,28	1,30	0,75	0,53
19	Não consigo relaxar-me se suspeito que o(a) meu(minha) namorado(a) está com outra pessoa.	3,56	1,36	0,71	0,49

(continua)

(continuação)

N.º	Itens	Média	Desvio Padrão	Saturação factorial	Correlações Item-score total
20	Se o meu(minha) namorado(a) não me liga durante algum tempo, por vezes faço coisas estúpidas para tentar atrair novamente a sua atenção.	3,02	1,34	0,68	0,51
Ágape (Coeficiente alfa – 0,79)					
21	Prefiro sofrer a deixar o(a) meu(minha) namorado(a) sofrer.	3,53	1,29	0,76	0,57
22	Só posso ser feliz pondo a felicidade do(a) meu(minha) namorado(a) antes da minha.	3,26	1,22	0,84	0,69
23	Geralmente estou disposto(a) a sacrificar os meus desejos para que o(a) meu(minha) namorado(a) alcance os seus.	3,11	1,22	0,81	0,67
24	Qualquer que seja aquilo que eu possuo, o(a) meu(minha) namorado(a) pode-o utilizar como desejar.	3,43	1,24	0,53	0,45

As seis atitudes em relação ao amor correspondem aos seis factores e explicam 57,1% da variância, distribuída da seguinte forma: Ágape – 17,4%; Pragma – 10,6%; Mania – 9,2%; Eros – 7,2%; Storge – 6,9% e Ludus – 5,9%. Neste estudo obteve-se um valor de variância ligeiramente superior ao encontrado noutra amostra da população portuguesa (43,0 % em Neto, 1992) e na amostra americana (42,3%).

Nas correlações entre item/score total os valores encontrados foram todos iguais ou superiores a 0,39.

Esta escala abreviada apresenta uma boa consistência interna em todas as suas sub-escalas, sendo os valores de alfa satisfatórios: Ludus – 0,66; Storge – 0,72; Eros e Mania – 0,73; Pragma – 0,75 e Ágape – 0,79.

Verificou-se também a influência das variáveis psicossociais sujeitos em relação aos diferentes estilos de amor, o que se apresenta nos quadros seguintes.

Quadro 17 – F ratio para cada estilo de amor em função da variável gênero

Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
Gênero		F = 1,5	F = 161,0***	F = 0,004	F = 14,3***	F = 1,2	F = 85,7***
Masculino	589	9,0	12,8	9,9	13,0	11,0	9,6
Feminino	770	9,3	15,6	9,7	13,9	11,0	11,5
* p < 0,05, ** p < 0,01, *** p < 0,001							
Quanto mais baixa é a média maior é o acordo com dado estilo de amor.							

Analisada a variável gênero nas atitudes em relação ao amor, pode dizer-se que há diferenças significativas nos tipos de resposta entre rapazes e raparigas nos estilos: Ludus ($F_{(1,1357)} = 161,0$; $p < 0,001$), Pragma ($F_{(1,357)} = 14,3$; $p < 0,001$) e Ágape ($F_{(1,357)} = 85,7$; $p < 0,001$), os rapazes revelam maior acordo nestes três estilos de amor, tendo, por isso de concluir-se que os rapazes têm atitudes mais lúdicas e encararam o amor mais como um jogo, são mais pragmáticos, funcionais e altruístas. No Eros, Storge e Mania não se verificaram diferenças estatisticamente significativas, sendo as atitudes entre rapazes e raparigas muito semelhantes.

Quadro 18 – F ratio para cada estilo de amor em função da prática religiosa

Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
Prática Religiosa		F = 3,9*	F = 6,3*	F = 3,1*	F = 12,2***	F = 0,24	F = 1,9
Praticante	475	15,0	9,3	14,7	11,2	12,9	13,4
Crente não praticante	574	15,0	9,6	14,2	10,1	12,7	13,1
Nem crente nem praticante	310	14,4	10,3	14,1	10,1	12,8	13,6
* p < 0,05, ** p < 0,01, *** p < 0,001							
Quanto mais baixa é a média maior é o acordo com dado estilo de amor.							

No que se refere à prática religiosa (quadro 18) e fazendo uma análise por estilo de amor, os dados indicam que:

- No estilo de amor eros (amor erótico) – os que são mais românticos são os adolescentes que não são crentes nem

praticantes, tendo os crentes não praticantes e os praticantes médias iguais;

- No estilo de amor Ludus (amor lúdico) – os adolescentes praticantes são os que tem menor média, sendo por isso os que concordam mais com este estilo, seguido dos crentes não praticantes e por último os que não são crentes nem praticantes;
- No estilo de amor Storge (amor amizade) – os adolescentes que não são crentes nem praticantes são os que se identificam mais com este estilo de amor;
- No estilo de amor Pragma (amor prático) – é onde se registam diferenças mais significativas, sendo os não praticantes mais pragmáticos que os praticantes;
- No estilo de amor mania (ansioso) e estilo de amor ágape (altruísta) – não existem diferenças estatisticamente significativas nos tipos de resposta, sendo contudo a amostra de adolescentes «crentes não praticantes» os que apresentam mais características mania e ágape.

Quadro 19 – Comparação múltipla em relação à prática religiosa no que se refere aos diferentes estilos de amor

EROS				
(I) Prática religiosa	(J) Prática religiosa	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Crente praticante	Crente não praticante	- 0,003	0,21	1,000
	Nem crente nem praticante	0,60 *	0,24	0,050
Crente não praticante	Nem crente nem praticante	0,60 *	0,23	0,390

LUDUS				
(I) Prática religiosa	(J) Prática religiosa	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Crente praticante	Crente não praticante	- 0,38	0,24	0,293
	Nem crente nem praticante	- 1,02 *	0,29	0,002
Crente não praticante	Nem crente nem praticante	- 0,64	0,28	0,071

(continua)

(continuação)

STORGE				
(I) Prática religiosa	(J) Prática religiosa	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Crente praticante	Crente não praticante	0,51	0,23	0,093
	Nem crente nem praticante	0,58	0,27	0,110
Crente não praticante	Nem crente nem praticante	0,07	0,27	0,967

PRAGMA				
(I) Prática religiosa	(J) Prática religiosa	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Crente praticante	Crente não praticante	1,07*	0,24	0,000
	Nem crente nem praticante	1,13*	0,28	0,000
Crente não praticante	Nem crente nem praticante	0,06	0,27	0,974

MANIA				
(I) Prática religiosa	(J) Prática religiosa	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Crente praticante	Crente não praticante	0,17	0,24	0,787
	Nem crente nem praticante	0,11	0,29	0,934
Crente não praticante	Nem crente nem praticante	- 0,11	0,28	0,975

ÁGAPE				
(I) Prática religiosa	(J) Prática religiosa	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Crente praticante	Crente não praticante	0,27	0,24	0,532
	Nem crente nem praticante	- 0,25	0,28	0,681
Crente não praticante	Nem crente nem praticante	- 0,51	0,27	0,166

Após análise dos dados e através da comparação múltipla verificou-se que existem diferenças no tipo de resposta em alguns estilos de amor. Os crentes praticantes têm scores mais elevados, no estilo de amor Eros, dos que não são crentes nem praticantes – (Diferença de médias = 0,60); diferenças entre os crentes praticantes e os que se consideram nem crentes nem praticantes no Ludus, tendo os crentes praticantes scores mais elevados – (diferença de médias = 1,02); no Pragma as diferenças existem nos tipos de resposta dos crentes praticantes (que têm scores mais elevados) e dos crentes não praticantes – (diferença de médias = 1,07) e a diferença de médias entre os crentes praticantes e os que não são crentes nem praticantes é 1,13.

Pode assim concluir-se que a prática religiosa influencia alguns estilos de amor:

- os jovens que não são crentes nem praticantes são mais Eros e mais Storge;
- os que são crentes e praticantes são mais Ludus e menos pragmáticos;
- os não praticantes (crentes ou não crentes) são mais pragmáticos nas atitudes em relação ao amor.

Quadro 20 – F ratio para cada estilo de amor em função da pertença a diferentes grupos étnicos

Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
Grupos étnicos		F = 2,6*	F = 1,5	F = 0,58	F = 8,9***	F = 1,0	F = 3,2**
Portugueses	366	15,1	9,4	14,1	10,1	12,6	13,7
Indianos	175	15,0	9,6	14,7	12,3	13,2	14,1
Angolanos	229	14,8	10,2	14,3	10,4	12,6	13,2
Cabo-verdianos	184	14,2	9,8	14,3	10,3	12,8	12,7
Moçambicanos	160	15,2	9,4	14,3	9,8	12,6	13,6
Guineenses	105	14,2	10,0	14,3	9,9	13,0	12,7
São-tomenses	140	14,9	9,3	14,6	11,0	13,3	13,0
* p < 0,05, ** p < 0,01, *** p < 0,001							
Quanto mais baixa é a média maior é o acordo com dado estilo de amor.							

Tendo sido verificada a influência da origem étnico-cultural nas atitudes face ao amor, há diferenças significativas no Eros ($F_{(6,1352)} = 2,6$; $p < 0,05$), no Pragma ($F_{(6,1352)} = 8,9$; $p < 0,001$) e no Ágape ($F_{(6,1352)} = 3,2$; $p < 0,01$).

Os adolescentes cabo-verdianos e os guineenses são os mais Eros, sendo os moçambicanos e os portugueses os menos. Em relação ao estilo pragmático do amor, são os moçambicanos e os guineenses os mais práticos e os são-tomenses e os indianos os menos. Os guineenses são os mais Ágape.

No que se refere aos diferentes grupos étnicos e aos diferentes estilos de amor apresentam-se os resultados dos que se identificam mais e menos com cada um dos estilos:

- No estilo de amor eros (amor erótico) – adolescentes cabo-verdianos e guineenses, angolanos, são-tomenses, indianos, portugueses e moçambicanos;
- No estilo de amor Ludus (amor lúdico) – os adolescentes são-tomenses, portugueses e moçambicanos, indianos, cabo-verdianos, guineenses e angolanos;
- No estilo de amor Storge (amor amizade) – os adolescentes portugueses seguidos dos angolanos – cabo-verdianos – moçambicanos e guineenses (todos iguais, 14,3) e por último os adolescentes são-tomenses e os indianos;
- No estilo de amor Pragma (amor prático) – adolescentes moçambicanos, guineeses, portugueses, cabo-verdianos, angolanos, são-tomenses e por último os adolescentes indianos;
- No estilo de amor mania (ansioso) – os adolescentes portugueses – angolanos – moçambicanos em primeiro lugar e com a mesma média (12,6), seguidos dos adolescentes cabo-verdianos, guineenses, indianos e são-tomenses.
- No estilo de amor ágape (altruísta) – em primeiro lugar os guineenses e cabo-verdianos com a mesma média (12,7), seguidos dos adolescentes são-tomenses, angolanos, moçambicanos portugueses e por último os indianos.

É curioso notar que a amostra de adolescentes indianos se encontra em última posição em relação aos outros seis grupos de adolescentes respectivamente a três estilos de amor – Storge, Pragma e Ágape.

Na comparação múltipla apenas aparecem diferenças significativas no estilo Pragma: entre portugueses e indianos – hindus (diferença de médias 2,17).

Os indianos constituem o grupo que revela ter maiores diferenças em relação a todos os grupos (excepto com os adolescentes são-tomenses). Em relação aos portugueses a diferença é a que está mencionada em cima, em relação aos angolanos a diferença de média é 1,91, com o grupo de cabo-verdianos a diferença nas médias de 2,55 e no que se refere às diferenças entre indianos e guineenses é 2,39. Podemos dizer, portanto que os indianos são os que se identificam menos com este estilo de amor.

Apresenta-se agora a análise feita sobre a influência das características psicossociais nas atitudes em relação ao amor, nomeadamente a influência de ter um(a) melhor amigo(a), de ter namorado(a), de estar apaixonado(a) e de quantas vezes se apaixonou.

Quadro 21 – Influência das características psicossociais nas atitudes em relação ao amor

Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
Neste momento tens um(a) melhor amigo(a)?		F = 14,2***	F = 9,6**	F = 35,0*	F = 0,43	F = 0,01	F = 0,09
Sim	1144	9,0	14,5	9,6	13,5	11,2	10,7
Não	214	9,9	13,6	10,2	13,7	11,2	10,7
Neste momento namora?		F = 160,8***	F = 0,50	F = 2,12	F = 0,48	F = 9,3**	F = 10,1**
Sim	636	8,0	14,5	9,6	13,6	10,8	10,3
Não	711	10,2	14,3	9,7	13,4	11,5	11,0
Está agora apaixonado?		F = 113,0***	F = 13,2***	F = 3,5	F = 5,9*	F = 32,6***	F = 32,5***
Sim	935	8,5	14,7	9,5	13,7	10,8	10,3
Não	422	10,5	13,8	10,0	13,1	12,1	12,1

(continua)

(continuação)

Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
Quantas vezes se apaixonou?		F = 12,3**	F = 14,0**	F = 1,5	F = 6,6**	F = 3,7**	F = 2,6*
Nenhuma	79	12,4	10,2	13,5	12,4	11,3	12,1
Uma	311	15,2	9,0	14,3	11,0	12,7	13,4
Duas	379	14,7	9,1	14,6	10,3	12,9	13,3
Três	254	15,1	9,5	14,2	10,2	13,1	13,6
Quatro ou mais	336	15,0	11,0	14,4	10,2	13,0	13,5
* p < 0,05, ** p < 0,01, *** p < 0,001							
Quanto mais baixa é a média maior é o acordo com dado estilo de amor.							

Em relação à questão colocada sobre se tinham um melhor amigo, 1144 (84,2%) adolescentes dizem que têm uma relação de intimidade na amizade com um(a) melhor amigo(a) e 214 (15,8%) dizem que não tem um(a) melhor amigo(a) e verificou-se que as atitudes em relação ao amor são influenciadas por ter ou não (na altura) um melhor amigo, nomeadamente nos estilos - Eros ($F_{(1,1357)} = 14,2$; $p < 0,001$), Ludus ($F_{(1,1357)} = 9,6$; $p < 0,01$) e Storge ($F_{(1,1357)} = 35,0$; $p < 0,05$). Pode então concluir-se que quem tem um(a) melhor amigo(a) é mais Eros e mais Storge e quem não tem é mais Ludus.

Tendo sido questionados sobre se neste momento namoravam, 636 (46,8%) responderam que sim e 712 (53,2%) responderam que não, tendo sido feita a análise se a atitude face aos diferentes estilos de amor era influenciada por esta questão. O namorar influenciou significativamente o tipo de resposta em três estilos de amor - Eros ($F_{(1,1356)} = 160,8$; $p < 0,001$), Mania ($F_{(1,1356)} = 9,3$; $p < 0,01$) e Ágape ($F_{(1,1356)} = 10,1$; $p < 0,01$), tendo os adolescentes que namoram manifestado maior concordância com estes estilos do que os que não namoravam na altura do preenchimento deste questionário.

Foi também colocada a questão sobre se estavam apaixonados, verificando-se que a maioria dos jovens está apaixonado, embora nem todos os que estão apaixonados namorem, porque 935 (68,9%) estão apaixonados, mas só 636 dizem que namoram e 422 (31,1%) responderam que

não estão apaixonados, tendo-se verificado também que o estar apaixonado influencia as atitudes em relação ao amor.

Quem está apaixonado tem um maior grau de concordância com os estilos Eros ($F_{(1,1357)} = 113,0$; $p < 0,001$), Mania ($F_{(1,1357)} = 32,6$; $p < 0,001$) e Ágape ($F_{(1,1357)} = 32,5$; $p < 0,001$) e quem não está apaixonado é mais Ludus ($F_{(1,1357)} = 6,7$; $p < 0,01$), sendo as diferenças significativas.

No que se refere ao número de vezes que se apaixonou 79 (5,8%) dos adolescentes diz que nunca se apaixonou, 311 (22,9%) apaixonou-se uma vez, 379 (27,9%) duas vezes, 254 (18,7%) três vezes e 336 (24,7%) quatro ou mais vezes, influenciando as atitudes em relação ao amor em todos os estilos, excepto no Storge o que se justifica por este estilo de amor se basear mais na afeição e não na paixão.

Fez-se uma comparação múltipla para possibilitar a análise das diferenças existentes.

Quadro 22 – Comparação múltipla em relação ao número de vezes que se apaixonou no que se refere aos diferentes estilos de amor

22.1. EROS				
(I) Quantas vezes se apaixonou?	(J) Quantas vezes se apaixonou?	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Nenhuma	Uma	- 2,78 *	0,41	0,000
	Duas	- 2,33 *	0,41	0,000
	Três	- 2,72 *	0,42	0,000
	Quatro ou mais	- 2,55 *	0,41	0,000
Uma	Duas	0,45	0,25	0,527
	Três	0,06	0,28	1,000
	Quatro ou mais	0,23	0,26	0,943
Duas	Três	- 0,39	0,27	0,710
	Quatro ou mais	- 0,22	0,25	0,935
Três	Quatro ou mais	0,17	0,27	0,985

Os adolescentes que nunca se apaixonaram são os mais Eros tendo diferenças significativas em relação a todos os outros que referem já se ter apaixonado. As diferenças de médias são:

- entre os que nunca se apaixonaram e os que se apaixonaram uma vez 2,78;
- entre os que nunca se apaixonaram e os que se apaixonaram duas vezes 2,33;
- entre os que nunca se apaixonaram e os que se apaixonaram três vezes 2,72;
- entre os que nunca se apaixonaram e os que se apaixonaram quatro ou mais vezes 2,55.

22.2. LUDUS				
(I) Quantas vezes se apaixonou?	(J) Quantas vezes se apaixonou?	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Nenhuma	Uma	1,24	0,49	0,166
	Duas	1,19	0,48	0,187
	Três	0,75	0,50	0,690
	Quatro ou mais	- 0,68	0,48	0,745
Uma	Duas	- 0,05	0,30	1,000
	Três	- 0,50	0,33	0,683
	Quatro ou mais	- 1,92*	0,30	0,000
Duas	Três	- 0,44	0,31	0,739
	Quatro ou mais	- 1,87*	0,29	0,000
Três	Quatro ou mais	- 1,42*	0,32	0,001

No estilo de amor Ludus a comparação múltipla realizada só mostrou diferenças significativas entre os que se tinham apaixonado quatro ou mais vezes (que são menos Ludus) sendo as diferenças de médias as seguintes:

- entre os que se apaixonaram quatro ou mais vezes e os que se apaixonaram uma vez 1,92;
- entre os que se apaixonaram quatro ou mais vezes e os que se apaixonaram duas vezes 1,87;

- entre os que se apaixonaram quatro ou mais vezes e os que se apaixonaram três vezes 1,42.

22.3. STORGE				
(I) Quantas vezes se apaixonou?	(J) Quantas vezes se apaixonou?	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Nenhuma	Uma	- 0,72	0,48	0,686
	Duas	- 1,06	0,47	0,276
	Três	- 0,66	0,49	0,771
	Quatro ou mais	- 0,82	0,47	0,564
Uma	Duas	- 0,34	0,29	0,848
	Três	- 0,06	0,32	1,000
	Quatro ou mais	- 0,09	0,30	0,999
Duas	Três	0,40	0,31	0,786
	Quatro ou mais	0,24	0,28	0,946
Três	Quatro ou mais	- 0,16	0,31	0,992

Através da comparação múltipla não se verificaram diferenças significativas no estilo de amor Storge em relação ao número de vezes que os jovens se tinham apaixonado.

22.4. PRAGMA				
(I) Quantas vezes se apaixonou?	(J) Quantas vezes se apaixonou?	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Nenhuma	Uma	1,51	0,49	0,053
	Duas	2,07 *	0,48	0,001
	Três	2,21 *	0,50	0,001
	Quatro ou mais	2,21 *	0,49	0,000
Uma	Duas	0,57	0,30	0,463
	Três	0,71	0,33	0,328
	Quatro ou mais	0,71	0,31	0,256

(continua)

(continuação)

22.4. PRAGMA				
(I) Quantas vezes se apaixonou?	(J) Quantas vezes se apaixonou?	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Duas	Três	0,14	0,32	0,995
	Quatro ou mais	0,14	0,29	0,994
Três	Quatro ou mais	- 0,00	0,32	1,000

No que se refere ao estilo de amor Pragma há diferenças significativas entre os adolescentes que nunca se apaixonaram e os que se apaixonaram duas vezes (diferença de médias 2,07), três vezes (diferença de médias 2,21) e os que se apaixonaram quatro ou mais vezes (diferença de médias 2,21). Quem nunca se apaixonou é menos pragmático que os outros que já se apaixonaram.

22.5. MANIA				
(I) Quantas vezes se apaixonou?	(J) Quantas vezes se apaixonou?	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Nenhuma	Uma	- 1,43	0,49	0,078
	Duas	- 1,59*	0,48	0,029
	Três	- 1,80*	0,50	0,012
	Quatro ou mais	- 1,76*	0,49	0,012
Uma	Duas	- 0,16	0,30	0,991
	Três	- 0,38	0,33	0,863
	Quatro ou mais	- 0,33	0,31	0,884
Duas	Três	- 0,22	0,32	0,976
	Quatro ou mais	- 0,17	0,29	0,986
Três	Quatro ou mais	0,04	0,32	1,000

No estilo Mania, os jovens adolescentes que nunca se apaixonaram são os que se identificam menos com este estilo de amor.

Têm diferenças significativas em relação aos que se apaixonaram duas vezes (diferença de médias 1,59) aos que se apaixonaram três vezes (diferença de médias 1,80) e aos que se apaixonaram quatro ou mais vezes (diferença de médias 1,76).

22.6. ÁGAPE				
(I) Quantas vezes se apaixonou?	(J) Quantas vezes se apaixonou?	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	Significância
Nenhuma	Uma	- 1,33	0,48	0,108
	Duas	- 1,22	0,47	0,156
	Três	- 1,54 *	0,49	0,044
	Quatro ou mais	- 1,39	0,48	0,076
Uma	Duas	0,11	0,29	0,998
	Três	- 0,22	0,32	0,978
	Quatro ou mais	- 0,06	0,30	1,000
Duas	Três	- 0,32	0,31	0,895
	Quatro ou mais	- 0,17	0,29	0,986
Três	Quatro ou mais	0,15	0,32	0,994

Após ter sido feita a comparação múltipla só se registaram diferenças significativas em relação aos adolescentes que nunca se apaixonaram e aos que se apaixonaram três vezes (diferença de médias 1,54). Quem nunca se apaixonou é mais ágape.

Em conclusão é interessante verificar que se manifestam amantes mais eros, mania e ágape os jovens adolescentes que referem nunca ter-se apaixonado e quem se apaixonou mais vezes são amantes mais Pragma.

Quem refere que se apaixonou uma ou duas vezes manifestou-se mais Ludus.

Quem é um amante mais Eros é quem nunca se apaixonou e quem tem menos é quem se apaixonou uma vez. Em relação ao Eros os scores elevados são dos que já se apaixonaram, havendo uma relação negativa com os adolescentes que referem nunca se ter apaixonado.

No Ludus há diferenças significativas entre os que se apaixonaram quatro vezes ou mais e os que se apaixonaram menos vezes. Existe uma relação positiva do Ludus com quem se apaixonou uma ou duas vezes e não nos que se apaixonaram 4 ou mais vezes com seria de esperar.

No Pragma e no Mania há diferenças significativas em relação aos que referem nunca ter-se apaixonado e aos que se apaixonaram mais do que uma vez. Quem se apaixonou 2 e 3 vezes são os mais práticos e os mais Mania.

No Ágape só se verificam diferenças entre os adolescentes que nunca se apaixonaram e os que se apaixonaram três vezes. Os que nunca se apaixonaram são os que são mais ágape.

Foi verificada também a influência do associativismo nos diferentes estilos de amor, tendo-se verificado que o estar ou não inscrito numa associação mostrou provocar diferenças significativas, sendo os jovens associativistas mais Ludus ($F_{(1,1358)} = 6,9; p < 0,05$), Pragma ($F_{(1,1358)} = 4,0; p < 0,05$) e Ágape ($F_{(1,1358)} = 5,8; p < 0,05$).

Quadro 23 – Influência do associativismo nos diferentes estilos de amor

Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
Pertence ou está inscrito nalguma associação?		F = 1,6	F = 6,9*	F = 0,32	F = 4,0*	F = 1,4	F = 5,8*
Sim	435	9,0	14,0	9,8	13,2	11,0	10,3
Não	924	9,2	14,6	9,6	13,6	12,3	10,8
Costuma trabalhar com outras pessoas para resolver algum problema social?		F = 12,8***	F = 0,06	F = 2,6	F = 7,8*	F = 0,09	F = 2,2
Sim	570	8,8	14,4	9,5	13,2	11,1	10,5
Não	789	9,4	14,4	9,8	13,8	11,2	10,8
* p < 0,05, ** p < 0,01, *** p < 0,001							
Quanto mais baixa é a média maior é o acordo com dado estilo de amor.							

Em relação à pergunta se costumam trabalhar com outras pessoas para resolver algum problema social que lhes pareça importante, verificou-se que havia diferenças significativas em relação ao Eros ($F_{(1,1358)} = 12,8$; $p < 0,001$) e ao Pragma ($F_{(1,1358)} = 7,8$; $p < 0,05$), sendo mais os adolescentes que participam nestas actividades de cooperação.

Quadro 24 – F ratio para cada estilo de amor em função da auto-estima

Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
É um jovem contente consigo próprio?		F = 54,2***	F = 1,0	F = 8,7*	F = 1,8	F = 3,7	F = 1,6
Sim	1107	8,8	14,3	9,5	13,4	11,3	10,6
Não	252	10,5	14,6	10,3	13,8	10,8	10,9
A maneira de me sentir habitualmente em relação a mim próprio(a) é:		F = 19,3***	F = 2,2	F = 3,5*	F = 4,5*	F = 4,3*	F = 0,49
Muito Positiva	296	8,1	13,8	9,3	12,7	11,9	10,8
Positiva	644	9,0	14,5	9,6	13,6	11,0	10,5
Neutra	323	10,0	14,6	9,8	14,0	11,1	10,8
Negativa	70	10,3	15,2	11,2	14,0	10,1	10,8
Muito Negativa	26	11,7	14,2	9,8	13,4	10,8	10,1
* $p < 0,05$, ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$							
Quanto mais baixa é a média maior é o acordo com dado estilo de amor.							

Analisando primeiro em termos de frequência de resposta, foram poucos os adolescentes que não se sentiam bem consigo próprios (252 em 1359), correspondendo a 18,5% do total de jovens inquiridos verifica-se portanto que 81,5% dos jovens adolescentes estão contentes consigo próprios.

Nesta questão existem diferenças significativas em relação aos estilos Eros ($F_{(1,1358)} = 5,2$; $p < 0,001$), sendo os adolescentes contentes consigo próprios mais eros do que os que não estão contentes com eles próprios; no estilo de amor Storge também existem diferenças significativas ($F_{(1,1358)} = 8,7$; $p < 0,05$).

Sendo também os adolescentes contentes consigo próprios os que são mais Storge.

Na maneira de se sentirem habitualmente em relação a eles próprios e verificou-se que a frequência dos que se sentiam de forma negativa em relação a eles próprios (70) e os que se sentiam de forma muito negativa (26) totalizavam 7,1% dos adolescentes que participaram neste estudo, podendo dizer-se que a maioria dos inquiridos (69,2%) são adolescentes que habitualmente se sentem de forma muito positiva (296) e de forma positiva (644), sendo 323 o que são neutros.

Em relação às influências da maneira dos adolescentes se sentirem em relação a si próprios nos diferentes estilos de amor estudados, verificou-se que há diferenças significativas em 4 dos 6 estilos de amor. Tem de se considerar na análise dos dados do quadro 19 que as médias podiam variar entre 5 e 35 e que quanto mais baixa é a média, maior é o acordo com dado estilo de amor.

Parece haver uma relação positiva significativa entre os estilos Eros ($F_{(4,1355)} = 19,3; p < 0,001$), Storge ($F_{(4,1355)} = 3,5; p < 0,05$) e Pragma ($F_{(4,1355)} = 4,5; p < 0,05$) e uma relação negativa entre a auto-estima e a escala Mania ($F_{(4,1355)} = 4,3; p < 0,05$).

Apresentam-se, no quadro 25 as correlações existentes entre os diferentes estilos de amor e as outras medidas psicológicas consideradas neste estudo.

Quadro 25 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas para a amostra total

Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
Solidão	1358	-0,21**	0,06*	-0,06*	0,11**	0,01	0,06*
Felicidade	1355	0,22**	0,06*	0,08**	0,12**	-0,08*	0,04
Amizade	1356	0,16**	-0,17**	0,02	-0,06*	0,09**	0,04
Satisfação com a vida	1359	0,18**	-0,03	0,07	0,11**	-0,13**	0,05
Posição face à Política	1359	-0,04	0,00	0,01	-0,00	0,01	-0,03

* $p < 0,05$, ** $p < 0,01$

De acordo com o quadro de correlações apresentado pode dizer-se que, neste estudo:

- A Solidão correlaciona-se positivamente com os estilos de amor Ludus, Pragma e Ágape e correlaciona-se negativamente com os estilos Eros e Storge não se correlacionando com o estilo Mania;
- A Felicidade correlaciona-se positivamente com os estilos Eros, Ludus, Storge e Pragma e negativamente com o Mania;
- A Amizade correlaciona-se positivamente com o Eros e Mania e negativamente com o Ludus e o Pragma;
- A Satisfação com a Vida correlaciona-se positivamente com o Eros e o Pragma de forma significativa e negativamente com o Mania.
- A escala da posição face à política não teve qualquer relação significativa com nenhum dos estilos de amor.

Para além da análise geral de toda a amostra foi elaborado o estudo das correlações existentes por grupo étnico.

Quadro 26 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas no grupo dos adolescentes portugueses

PORTUGUESES							
Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
Solidão	365	- 0,12 *	- 0,08	0,03	0,08	0,06	- 0,05
Felicidade	364	0,23 **	0,09	- 0,03	0,07	- 0,02	0,05
Amizade	365	0,05	- 0,20 **	0,01	- 0,05	- 0,06	- 0,02
Satisfação com a vida	366	0,26 **	0,06	0,05	0,09	- 0,11 *	0,03
* p < 0,05, ** p < 0,01							

No grupo dos adolescentes portugueses:

- A Solidão correlaciona-se negativamente de forma significativa com o estilo Eros;
- A Felicidade correlaciona-se positiva e significativamente também com o Eros;
- A Amizade correlaciona-se negativamente com o estilo Ludus;

- A Satisfação com a Vida correlaciona-se positivamente com o Eros e negativamente com o mania.

Quadro 27 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas no grupo dos adolescentes indianos

INDIANOS							
Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
Solidão	175	- 0,13	- 0,07	- 0,06	- 0,06	- 0,002	- 0,04
Felicidade	175	0,29**	0,10	0,11	0,18*	- 0,08	0,14
Amizade	175	0,14	- 0,16*	- 0,02	- 0,03	0,05	0,19*
Satisfação com a vida	175	0,003	- 0,14	- 0,11	0,02	- 0,28**	0,001
* p < 0,05, ** p < 0,01							

No grupo dos adolescentes indianos:

- A Solidão não se correlaciona significativamente com nenhum estilo de amor;
- A Felicidade correlaciona-se positiva e significativamente com o Eros e com o Pragma;
- A Amizade correlaciona-se negativamente com o estilo Ludus e positivamente com o estilo Ágape;
- A Satisfação com a Vida correlaciona-se negativamente com o mania.

Quadro 28 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas no grupo dos adolescentes portugueses

ANGOLANOS							
Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
Solidão	229	0,03	- 0,11	0,14*	0,07	0,16*	- 0,07
Felicidade	228	0,25**	0,14*	0,11	0,16*	- 0,06	- 0,05
Amizade	229	0,20**	- 0,13	- 0,16*	0,01	0,20**	0,09
Satisfação com a vida	229	0,19**	0,02	0,17**	0,19**	- 0,11	0,006
* p < 0,05, ** p < 0,01							

No grupo dos adolescentes angolanos:

- A Solidão correlaciona-se positivamente de forma significativa com os estilos Storge e Mania;
- A Felicidade correlaciona-se positiva e significativamente com o Eros, com o Ludus e com o Pragma;
- A Amizade correlaciona-se positivamente com o estilo Eros, Storge e Mania;
- A Satisfação com a Vida correlaciona-se positivamente com o Eros, com o Storge e com o Pragma.

Quadro 29 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas no grupo dos adolescentes cabo-verdianos

CABO-VERDIANOS							
Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
Solidão	184	0,08	- 0,06	- 0,10	- 0,01	0,01	- 0,01
Felicidade	184	0,01	- 0,03	0,09	0,02	- 0,12	0,07
Amizade	183	0,08	- 0,18*	- 0,01	- 0,03	0,01	- 0,07
Satisfação com a vida	184	0,05	- 0,12	0,12	0,07	- 0,16*	0,04
* p < 0,05, ** p < 0,01							

No grupo dos adolescentes cabo-verdianos:

- A Solidão não se correlaciona de forma significativa com nenhum estilo de amor;
- A Felicidade também não se correlaciona significativamente;
- A Amizade correlaciona-se negativamente com o estilo Ludus;
- A Satisfação com a Vida correlaciona-se negativamente com o Mania.

Quadro 30 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas no grupo dos adolescentes moçambicanos

MOÇAMBICANOS							
Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
Solidão	160	- 0,22**	- 0,14	- 0,24**	- 0,02	0,06	- 0,08
Felicidade	160	0,34**	0,05	0,06	0,10	- 0,16*	0,07
Amizade	160	0,04	- 0,12	- 0,02	- 0,10	0,01	0,09
Satisfação com a vida	160	0,34**	0,05	0,06	0,10	- 0,16*	0,07
* p < 0,05, ** p < 0,01							

No grupo dos adolescentes moçambicanos:

- A Solidão correlaciona-se negativamente de forma significativa com os estilos Eros e Storge;
- A Felicidade correlaciona-se positiva e significativamente também com o Eros e negativamente com o estilo Mania;
- A Amizade não se correlaciona com nenhum estilo de amor;
- A Satisfação com a Vida correlaciona-se positivamente com o Eros e negativamente com o Mania.

Quadro 31 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas no grupo dos adolescentes guineenses

GUINEENSES							
Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
Solidão	105	- 0,09	- 0,05	- 0,18	- 0,02	0,30**	0,16
Felicidade	104	0,22*	- 0,07	0,31**	0,17	0,03	0,27**
Amizade	105	0,24*	- 0,22*	0,01	- 0,25**	- 0,34**	0,18
Satisfação com a vida	105	0,15	- 0,13	0,17	0,12	- 0,14	0,27**
* p < 0,05, ** p < 0,01							

No grupo dos adolescentes guineenses:

- A Solidão correlaciona-se positiva e significativamente com o estilo Mania;
- A Felicidade correlaciona-se positiva e significativamente com os estilos Eros, Storge e Ágape;
- A Amizade correlaciona-se positivamente com o estilo Eros e negativamente com os estilos Ludus, Pragma e Mania;
- A Satisfação com a Vida correlaciona-se positivamente com o estilo Ágape.

Quadro 32 – Correlações dos diferentes estilos de amor e outras medidas psicológicas no grupo dos adolescentes são-tomenses

SÃO-TOMENSES							
Variável	Estilos de Amor						
	N.º	Eros	Ludus	Storge	Pragma	Mania	Ágape
Solidão	140	- 0,04	- 0,03	0,02	0,06	0,05	0,03
Felicidade	140	0,11	0,02	0,07	0,11	- 0,19*	0,06
Amizade	139	0,20*	- 0,21*	- 0,02	- 0,12	0,06	0,03
Satisfação com a vida	140	0,14	- 0,04	0,06	0,13	- 0,10	0,03
* p < 0,05, ** p < 0,01							

No grupo dos adolescentes são-tomenses:

- A Solidão não se correlaciona com nenhum estilo de amor;
- A Felicidade correlaciona-se negativa e significativamente com o estilo Mania;
- A Amizade correlaciona-se negativamente com o estilo Ludus;
- A Satisfação com a Vida não se correlaciona significativamente com nenhum dos seis estilos de amor.

5. DISCUSSÃO

A satisfação na relação entre pares é um aspecto importante, complexo e multi-determinado das relações de intimidade na amizade e nas relações amorosas íntimas.

Considerando os objectivos definidos anteriormente para o estudo final, podemos concluir que a Escala da Intimidade nas Relações de Amizade entre Amigos do mesmo Sexo e a Escala das Atitudes em Relação ao Amor manifestaram propriedades psicométricas satisfatórias com uma amostra de estudantes adolescentes do ensino secundário portugueses e de mais seis diferentes origens étnico-culturais.

A análise deste estudo final é uma extensão do estudo preliminar elaborado acerca da relação entre a amizade e o amor de jovens adolescentes e os comportamentos nas relações salientes na satisfação com a vida e a felicidade *versus* a solidão e a infelicidade.

Os resultados obtidos neste estudo confirmaram a maioria das hipóteses levantadas inicialmente sobre a intimidade nas relações de amizade entre amigos do mesmo sexo e nas atitudes face aos seis estilos de amor representados nas relações com o parceiro amoroso, com medidas psicológicas e com variáveis psicossociais no trabalho empírico efectuado junto de estudantes portugueses e imigrantes residentes em Portugal, de idades compreendidas entre os 16 e os 19 anos a frequentar o ensino secundário.

À semelhança do que se encontrou no estudo preliminar, a variável género influencia as relações de amizade, sendo as raparigas que apresentam scores mais elevados (H1). As raparigas adolescentes mantêm mais relações íntimas com amigos do mesmo sexo do que os rapazes adolescentes obtendo resultados mais altos em intimidade (Bigelow e LaGaipa, 1980; Jones e Dembo, 1989; Sharabany, 1994, 1996; Sharabany *et al.*, 1981).

No que se refere a segunda hipótese estabelecida foi confirmada, podendo dizer-se que os adolescentes crentes com prática religiosa que integraram este estudo tiveram scores mais elevados de intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo.

Este resultado foi também confirmado no estudo preliminar. À semelhança do que se encontrou no estudo preliminar a prática religiosa influencia a amizade, alunos crentes e praticantes apresentam níveis de intimidade nas relações de amizade mais elevados do que os que são crentes mas não praticantes e dos que não são crentes nem praticantes (H2).

Num estudo Argyle e Henderson (1985), sobre as regras das relações entre grupos de adolescentes na Irlanda do Norte examinou-se que

os adolescentes com prática religiosa usam as regras da amizade com scores mais elevados ao interagirem com membros do seu grupo de pares ou de outros grupos, utilizando uma metodologia de *rule endorsement* – aprovação pelas regras. Os resultados revelaram que os adolescentes utilizam regras de forma simples com um único factor de intimidade a sublinhar as suas avaliações. Os adolescentes diferenciam entre comportamento positivo e negativo no seu uso de regras. A informação denominacional tem pouca influência nas classificações destes jovens adolescentes.

A terceira hipótese confirma-se na sua quase totalidade: a escala da intimidade nas relações de amizade entre amigos do mesmo sexo tem uma correlação positiva com a escala da satisfação com a vida e com a escala da felicidade e uma correlação negativa com a da solidão, sendo esta correlação sempre significativa tanto em relação aos rapazes como às raparigas (excepto em relação aos rapazes na escala da felicidade).

A motivação para o crescimento da intimidade refere uma orientação para o melhoramento da satisfação com a vida e à auto-estima no que diz respeito ao próprio indivíduo e aos outros. Embora estudos anteriores tenham sugerido que as percepções que realçam o próprio dos outros estão ligadas a uma grande variedade de benefícios e resultados positivos (e.g. Murray *et. al.*, 1996), os resultados presentes sugerem que tal não é verdade para todos. Uma orientação para o crescimento da intimidade, satisfação com a vida e felicidade foi associada a menos tendência para a solidão (Spitzberg e Canary, 1985), (H3).

O estar apaixonado influencia as relações de amizade entre amigos do mesmo sexo, quem está apaixonado tem scores mais elevados de amizade, o que confirma a hipótese 4. Hendrick e Hendrick (1986), também encontrou correlações significativas no estar ou não apaixonado nas relações de intimidade na amizade com o amigo do mesmo sexo.

O número de vezes que os adolescentes se apaixonaram também influencia as relações de amizade com os amigos do mesmo sexo, quem nunca se apaixonou tem scores negativamente relacionados com os que se apaixonaram uma ou mais vezes.

A Hipótese 6 não se confirma porque os resultados obtidos demonstraram não existirem diferenças nos vários grupos étnico-culturais no que se refere à Intimidade nas Relações de Amizade com Amigos do mesmo Sexo.

No que se refere aos resultados obtidos em relação às Atitudes face ao Amor pode dizer-se que contribuiu para o alargamento da investigação nesta área, coincidindo com algumas conclusões de estudos anteriores e confirmando a maioria das hipóteses colocadas, embora não na sua totalidade.

Neste estudo com adolescentes portugueses com diferentes origens étnico-culturais encontraram-se resultados que nos permitem dizer que as variáveis psicossociais influenciam as atitudes em relação ao amor.

Um estudo (Hendrick e Hendrick, 1986), encontrou diferenças significativas entre as atitudes em relação ao amor e as características psicossociais, incluindo o género e a origem étnica e cultural. Este trabalho encontrou correlações significativas na auto-estima, no estar ou não apaixonado e em relação a atitudes nas relações com antigos namorados. Os investigadores descobriram provas opostas acerca da influência do género no amor: os homens são mais eros (Ganong *et al.*, 1996; Sprecher e Metts, 1989); não existem diferenças de género (Cimbalo e Novell, 1993; Desai *et al.*, 1989; Pedersen e Shoemaker, 1993); as mulheres são mais eros e dão mais atenção às relações românticas e apaixonadas.

No que se refere ao género existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas – os rapazes identificam-se mais com os estilos lúdicos, pragmáticos e altruístas do que as raparigas (confirmando a hipóteses 7), o que está de acordo com os resultados de Neto (1992) «Na amostra portuguesa foram significativos dois efeitos principais Ludus e Ágape: O sexo masculino revelou ser mais lúdico e agápico» (p. 123).

Estudos acerca da diferença de género (Hendrick e Hendrick, 1992; Sprecher e Metts, 1989; Sternberg e Barnes, 1985), em que os homens registam mais Eros. Os homens são mais românticos porque seleccionam e perseguem uma parceira com base no amor e vêm a sua relação em termos mais idealistas e apaixonados (Sprecher e Metts, 1989). Todavia neste estudo não aparecem diferenças significativas.

As diferenças de género que parecem consistentes com literatura anterior também surgem. Mais raparigas indicam «ter em consideração o que a pessoa tenciona ser na vida antes de se comprometer com ela» e «se o companheiro será um bom pai» atributos importantes no futuro marido. Tradicionalmente é o marido que ganha mais e sustenta a mulher. Nas amostras estas duas qualidades estão ligadas à capacidade de ter um melhor rendimento, o que permite um melhor sustento

da mulher e dos futuros filhos. Isto está de acordo com outros estudos (Regan *et al.*, 1998; Sprecher, 1999). Mais os rapazes independentemente da pertença cultural querem uma futura parceira bonita. Os homens favorecem os aspectos físicos e as mulheres o potencial económico (Buss, 1988; Symons e Ellis, 1989). No caso da amostra indiana, tem a ver com saúde física que sugere aos homens uma descendência potencialmente saudável. As mulheres preocupam-se com a situação financeira e recursos económicos disponíveis para eles pela via do pai (Townsend *et al.*, 1998).

O género também é um factor relacionado com a satisfação com a vida: os rapazes são em geral mais satisfeitos com a vida do que as raparigas, o que está de acordo com outros estudos (Neto, 1993). No entanto, apesar de as raparigas adolescentes relatarem mais efeitos negativos, parecem também sentir grandes alegrias, o que vai mostrar pouca diferença na felicidade global ou satisfação normalmente entre os géneros (Neto, 2001).

A influência da prática religiosa também foi examinada nas atitudes percebidas dos jovens adultos perante o amor. Acreditou-se que os indivíduos com prática religiosa seriam mais ágape porque provavelmente aprenderam acerca das questões de relações ao observarem o amor compaixão de Deus pelos seus filhos (Frankl, 1999). Por isso, é possível que as impressões formadas pela observação desta relação pode estar ligada aos sentimentos pessoais do indivíduo e suas atitudes associadas às expectativas e realidades do casamento, em que a pessoa amada satisfaz os ideais do indivíduo (Knee, 1998; Knee *et al.*, 2002).

Em relação aos estudantes portugueses que participaram neste estudo a prática religiosa também influencia os estilos de amor, no entanto os resultados obtidos não confirmaram a hipótese na sua totalidade. Os adolescentes que não são crentes nem praticantes são amantes mais Eros (o que confirma uma parte da hipótese 8) e Storge. Os crentes praticantes identificam-se mais com o estilo Ludus e menos com o Pragma. Os não praticantes são mais pragmáticos.

A pertença a diferentes grupos étnicos teve influência nos estilos Eros, Pragma e Ágape, o que confirma a hipótese 9 que previa que as diferenças culturais influenciavam as Atitudes em relação ao Amor.

Na hipótese 10 era considerada a influência de ter um amigo íntimo e de ter namorado e este estudo mostra que os adolescentes participantes com intimidade na amizade com o amigo do mesmo sexo registam resul-

tados mais elevados no Eros, o que está de acordo com outros estudos (Payne e Vandewiele, 1987). O namorar também influenciou significativamente o tipo de resposta em três estilos de amor – Eros, Mania e Ágape, tendo os adolescentes que namoram manifestado maior concordância com estes estilos do que os que não namoravam na altura do preenchimento deste questionário.

O significado social do apaixonar-se em estudos anteriores (Hendrick e Hendrick, 1988) sugerem que as pessoas apaixonadas devem diferir nos estilos de amor, relativamente às pessoas que estão apaixonadas. Neste trabalho os adolescentes que estão apaixonados têm um maior grau de concordância com os estilos Eros, Mania e Ágape e quem não está apaixonado é mais lúdico, sendo as diferenças significativas. Estes resultados confirmam os encontrados em estudos anteriores e confirmam a hipótese colocada – H11, que previa que os adolescentes que estão apaixonados fossem mais Eros e mais Ágape e menos Ludus.

Neste estudo existe uma relação positiva significativa entre auto-estima e as escalas de Eros, Storge e Pragma e uma relação negativa entre a auto-estima e a escala Mania. De acordo com os estudos de Hendrick e Hendrick (1986) e Neto (1992) a auto-estima elevada estava correlacionada positivamente com o Eros e negativamente com o estilo Mania, o que confirma a hipótese 12.

Estudos anteriores mostram que os jovens adolescente com mais amizades íntimas e consistentes são mais ajustados e satisfeitos com a vida do que os adolescentes impopulares e solitários (Bukowski *et al.*, 1993). Hendrick e Hendrick, (1989b), revelam que as correlações entre as atitudes face ao amor encontram implicações com a satisfação com a vida.

Neste estudo foi considerada uma hipótese (H13) que previa uma relação positiva das Atitudes em Relação ao Amor com a Satisfação com a vida e com a Felicidade e negativa com a Solidão. Verificaram-se relações significativas:

- A satisfação com a vida está positivamente relacionada com os estilos Eros e Pragma e negativamente com o Mania.
- A Felicidade correlaciona-se positivamente com os estilos Eros, Ludus, Storge e Pragma e negativamente com o Mania.
- A Solidão correlaciona-se positivamente com os estilos de amor Ludus, Pragma e Ágape e correlaciona-se negativamente

com os estilos Eros e Storge não se correlacionando com o estilo Mania.

- A Amizade correlaciona-se positivamente com o Eros e Mania e negativamente com o Ludus e o Pragma.

Hendrick *et al.* (1988) previu que os estilos de amor paixão (Eros) e amor altruísta (Ágape) estariam relacionados positivamente com a satisfação com a vida e a felicidade, os jogos de amor (Ludus) relacionadas negativamente. Os estilos de amor foram todos relacionados, como esperado, e o amor amizade (Storge) e o amor possessivo (Mania) foram correlacionados positivamente com a satisfação com a vida e a felicidade de forma mais modesta.

Canary e Spitzberg (1990) referem que as atitudes em relação ao amor por ambos os parceiros estão relacionadas de forma positiva com a satisfação com a vida, e negativamente relacionadas com a solidão e a insatisfação com a vida, o que é consistente com outros estudos. Os estilos de amor Eros e Pragma foram correlacionados com a satisfação com a vida (positivamente), assim como as atitudes do estilo Mania (negativamente). Esperou-se também que a competência de intimidade relacional estivesse correlacionada positivamente com a satisfação com a vida (Canary e Cupach, 1988). A intimidade na relação de amizade pelo amigo, assim como as atitudes em relação ao amor com o parceiro amoroso foram correlacionados com a satisfação com a vida e a felicidade.

Uma variedade de factores influencia a satisfação na relação e a consequente satisfação com a vida e felicidade. A percepção do parceiro é muito importante. Tanto as auto-construções como as construções percebidas do parceiro prevêm a satisfação (Hendrick *et al.*, 1998).

Estas descobertas estão ligadas directamente ao presente estudo, particularmente no que diz respeito às variáveis do constructo da psicologia da intimidade. Não só os comportamentos de intimidade nas relações de amizade e nas relações amorosas, mas também a comunicação e especialmente a captação dos comportamentos, são importantes.

No presente estudo os resultados encontrados levam-nos a concluir o que desde o início do trabalho se referiu que o estudo da intimidade nas relações de Amizade e das Atitudes em relação ao Amor são investigações complexas e nem sempre os resultados coincidem com os estudos feitos anteriormente. Pode referir-se que os objectivos definidos no início deste estudo foram concretizados: foram validadas as escalas, funciona-

ram com estudantes do ensino secundário portugueses e com pertenças culturais diferentes. As variáveis pessoais (género, prática religiosa e pertença cultural) e as psicológicas influenciam a Intimidade nas Relações de Amizade e as Atitudes em Relação ao Amor.

CONCLUSÃO GERAL

Pretende-se na conclusão desta tese de doutoramento reflectir sobre a pesquisa realizada no sentido de sistematizar os contributos do estudo da intimidade em adolescentes de diferentes grupos étnicos.

Este trabalho foi estruturado de forma a focar os aspectos teóricos relacionados com o tema em estudo (Intimidade, Amizade, Amor e Imigração) e apresenta um estudo preliminar e um estudo final feito com jovens adolescentes estudantes em Portugal.

Na Intimidade (1.º Capítulo) foram abordados os conceitos, os aspectos contextuais e o desenvolvimento das relações de intimidade tanto com os pais como com os pares. São também referidas as relações de vinculação, de género, de cultura, a prática religiosa e a satisfação com a vida.

O conceito de Amizade, as suas funções, as relações com pares e a influência da participação social, da saúde e da satisfação com a vida na amizade dos adolescentes foram as questões abordadas ao longo do segundo capítulo.

As diferentes perspectivas e teorias do amor, as relações românticas, os efeitos da idade, do género, da cultura no amor, da saúde e da satisfação com a vida no amor foram desenvolvidas no terceiro capítulo.

No quarto e último capítulo teórico foram feitas algumas considerações e apresentados dados sobre as migrações em contexto internacional, europeu e em Portugal, sendo caracterizada a situação actual, nomeadamente no que se refere à imigração na escola.

Os benefícios da intimidade nas relações de Amizade tem sido abordados no âmbito teórico, entre outros, pelos estudos clássicos de Douvan e Adelson (1966) e Sullivan (1953).

Este estudo aborda as relações de intimidade na adolescência tendo em conta a complexidade das redes sociais e as transformações ligadas ao desenvolvimento da intimidade nas relações de amizade e de amor em

adolescentes. A amizade e o amor são fenómenos multidimensionais (Bukowski, Gauze, Hoza e Newcomb, 1993), pretendendo-se, com este trabalho mostrar-se como os adolescentes se comportam nas relações interpessoais, nas relações de intimidade, na amizade com o(a) amigo(a) do mesmo sexo e nas atitudes face ao amor com o parceiro amoroso.

Inicialmente os estudos empíricos desenvolveram-se nas redes de relações de intimidade nas crianças e adolescentes. Alguns centraram-se nas redes de grupos de pares (Gavin e Furman, 1989), mas a maioria centrou-se nas relações íntimas a dois dentro das redes. Avaliaram-se as percepções do apoio social, interações negativas e poder relativo nas relações íntimas (Furman e Buhrmester, 1985) e examinaram-se as diferenças de idade e de sexo nas percepções das relações documentando que na adolescência, os indivíduos confiam cada vez mais nos amigos do mesmo sexo e mais tarde nos parceiros românticos (Buhrmester e Furman, 1987; Furman e Buhrmester, 1992).

A intimidade é um processo, um estado e uma experiência ao mesmo tempo. Como processo está ligado à revelação do eu e à sua confrontação na presença do parceiro. Emerge do desejo de conhecimento do eu e de ser conhecido a um nível mais profundo. É determinado pela capacidade de vinculação e nível de diferenciação do indivíduo (Durana, 1998).

A intimidade reside tanto no indivíduo como na relação. Um comportamento é íntimo, ou não, dependendo da avaliação subjectiva da informação revelada e também se as revelações exercem influência na qualidade corrente de relacionamento, caracterizada pela confiança, compromisso, mutualidade e carinho. A intimidade desenvolve-se através das fases de vida de uma relação, em função da capacidade e objetivos dos parceiros, podendo provocar felicidade e satisfação com a vida mas também stresse (Durana, 1998).

A intimidade é um conceito de facetas múltiplas, podendo incluir partilha, proximidade e afecto, compreensão e aceitação, apoio e carinho, confiança e amor e mesmo satisfação sexual. Para Durana (1998) os mais importantes são a partilha e proximidade, sendo que a partilha é a revelação de sentimentos, crenças e pensamentos pessoais e vale mais que todos os outros aspectos (Waring e Chelune, 1983).

Foi necessário fazer um enquadramento que pudesse incluir determinantes e contexto, processos e resultados, e consequências para conceptualizar a intimidade. Os determinantes e contexto são os atributos de cada indivíduo e as condições em que a intimidade surge, mas inte-

ressa também incluir a análise das capacidades e preferências individuais, assim como a história familiar e a experiência dos parceiros relativamente às expectativas de intimidade. O contexto situacional e generalizado a longo prazo é fundamental para a experiência de intimidade. O segmento do processo do conceito de intimidade descreve os atributos da interação, como surge, como se desenvolve, como é sustentada a intimidade, os padrões, a frequência e a qualidade das interações, a influência de outros processos e o nível da interação íntima em que surgem a insatisfação o conflito e a ansiedade.

As consequências têm a ver com qualidades de relacionamento como a satisfação, confiança, conexão, ajustamento e pontos de vista cognitivos e englobam a integração da relação de intimidade a outros conceitos interpessoais. Essas qualidades de ligação realçam a relação e servem como impacto dos determinantes, da frequência e qualidade das interações íntimas futuras. Considerar a intimidade de forma integradora significa considerar a intimidade como uma propriedade dos indivíduos, como resultado das suas interações e como uma qualidade de relacionamento.

A investigação acerca da intimidade em adolescentes de diferentes grupos étnicos ensinou-nos vários aspectos acerca das redes sociais e desenvolvimento que se acredita serem úteis para o estudo das relações de intimidade em todos os momentos da vida. Referimo-nos aos seguintes aspectos: a natureza das redes sociais, a variedade das relações a dois, a importância dada à amizade nos vários grupos e os diferentes estilos de amor.

As redes sociais englobam uma grande variedade de relações a dois. Tal diversidade pode ser saliente na adolescência quando as relações pais e filhos sofrem transformações e as amizades e relações românticas se tornam mais importantes. As diferentes relações desempenham um papel diferente no desenvolvimento psicossocial e na satisfação com a vida.

As características das relações com as mães, irmãos, amigos e parceiros românticos estão associados à auto-estima e à emotividade, enquanto que as características das relações com as mães e professores estão ligados ao ajustamento escolar (Furman e Shaffer, 1999). As redes sociais adultas têm igualmente uma diversidade de relações a dois. Alguns tipos de relações pedem mais atenção. Mostrou-se a importância das relações pais/filhos para as relações românticas, assim como a importância das relações de pares especialmente com o melhor

amigo que têm um papel distinto na emergência das relações românticas na adolescência (Furman, 1993).

A diversidade das relações nas redes sociais são um desafio para a identificação e consideração das semelhanças e diferenças nas várias relações. O mesmo processo pode manifestar-se de formas diferentes em várias relações. O mesmo comportamento pode ter diferentes significados nas várias relações.

As semelhanças e as diferenças entre relações têm implicações conceituais e metodológicas.

As relações de amizade e as relações românticas do adolescente foram reveladas em termos diferentes, o que está de acordo com outras descobertas (Shulman e Kipnis, 2001 e Furman e Wehner, 1994). O romance adolescente foi descrito em termos de companheirismo enquanto que a amizade do jovem adolescente em termos de confiança, apoio e estabilidade. Os adolescentes valorizaram mais os seus romances pela sua totalidade e entusiasmo, o que faz lembrar outros estudos que apresentam componentes como o ser único, absoluto e o idealismo (Fisher e Alapack, 1987), o que melhor se encaixa com aspectos de uma relação pouco duradoura em que há menos compromisso. Wynne (1984) diferenciou a intimidade como uma experiência da intimidade como uma relação: – a experiência engloba um sentido de proximidade que pode encontrar-se entre indivíduos que não têm qualquer relação e é de curta duração; – a intimidade reflecte também um elo emocional entre dois indivíduos envolvidos numa relação sustentada.

Brown (1999) propõe outro modelo sequencial de desenvolvimento do romance da iniciação através do afecto até à formação de elos em que a maturação dos elos da relação se estabelece. Diamond, Savin-Williams e Dube (1999) descreveram como as relações de namoro mudam de uma natureza casual e sem compromisso para relações estáveis que incorporam relações sexuais e mostraram que entre os adolescentes com relações de amizade, as relações românticas são caracterizadas mais pela proximidade emocional e menos pelo companheirismo (Shulman e Seiffge-Krenke, 2001; Shulman e Kipnis, 2001). Estas noções coincidem com Furman e Wehner (1994) e a sua teoria descreve o modo como os encontros entre sexos iniciados num contexto de grupo se desenvolvem para vinculações.

Shulman e Kipnis (2001 a) sugerem que numa fase mais avançada de uma relação de intimidade esta evolui para uma vinculação que pode tra-

zer apoio e conforto. A evolução do sistema de preocupações (Solomon e George, 1996) evolui para uma forma como numa relação madura entre dois indivíduos. Apenas os jovens adolescentes Ágape e Storge descreveram a sua preocupação pelo seu parceiro.

A atracção física é uma das características do romance adolescente, mas não das relações de amizade entre adolescentes. Para os adolescentes o sexo e o romance estão provavelmente ligados, e para eles a motivação para o romance passa pela procura de intimidade e de satisfação sexual (Miller e Benson, 1999). Mas os adolescentes estão menos aptos a coordenar os vários sistemas de comportamento que compõem uma relação romântica (Furman e Wehler, 1994) e ao descreverem as suas relações de amizade e de amor deram mais importância ao compromisso e sentido de apoio e à confiança mútua.

Muitos estudos e teorias que apontam para diferenças no modo em que rapazes e raparigas compreendem e se comportam nas relações íntimas (Bronw *et al.*, 1999), referindo que as raparigas são mais capazes de expressar níveis mais altos de intimidade e de perceberem as suas interações românticas de um ponto de vista que se centra na proximidade emocional, o que sugere que valorizam mais as suas relações românticas (Felmlee, 1994), sugerindo também que as raparigas se preocupam mais com as suas relações de intimidade, o que resulta na percepção de duas relações (amizade e amor) que são sentidas de modo diferente e com consequências diferentes para ambos os parceiros (Bernard, 1972).

As amizades de adolescentes e as relações românticas não são conceptualizadas como vinculações. Os processos de afiliação são centrais na adolescência e os processos sexuais e de afiliação são provavelmente os sistemas de comportamento mais importantes na maioria das relações românticas na adolescência. Os parceiros românticos só se tornam figuras de vinculação quando o indivíduo desenvolve relações de intimidade a longo prazo. Não se avaliam modelos de vinculação, mas modelos de relações ou relações íntimas (Furman e Shaffer, 1999; Furman e Wehner, 1994). Sugeriu-se que a mudança na centralidade de estilos com os pais pode reflectir a ideia de que a componente de prestar atenção e de vinculação – aspectos críticos das relações com os pais tornam-se mais importantes à medida que os indivíduos ficam mais velhos e desenvolvem relações a longo prazo.

Mudanças qualitativas e mudanças estruturais também ocorrem (Furman e Bierman, 1984) e processos e variáveis subjacentes podem

originar comportamentos diferentes em pontos de desenvolvimento diferentes, podendo também o comportamento mudar com o tempo. O enfoque não é feito sobre a natureza da relação ou a satisfação das necessidades diversas, mas no parceiro e quem ele é. Estas relações só começam a satisfazer a vinculação, afiliação e necessidades sexuais após uma primeira fase de experimentação (Furman e Wehner, 1994). Os sistemas de vinculação só se tornam significativos no fim da adolescência e início da idade adulta, em que as relações a longo prazo se desenvolvem, as relações com os pais sofrem transformações e a procura de uma nova figura de vinculação aumenta: o parceiro romântico. As relações românticas sofrem mudanças estruturais e qualitativas ao longo da adolescência e no decorrer do desenvolvimento de relações de intimidade.

É importante ver se as medições destes dois constructos – Amizade e Amor – estão ligados empiricamente. Visto serem constructos distintos e interligados, um jovem adolescente satisfeito com a vida pode não ter um amigo íntimo e um jovem adolescente insatisfeito com a vida pode ter uma relação de amizade íntima. Seria de esperar que as medições de amizade e atitudes face ao amor estejam relacionadas. Mas há outros factores. É importante reconhecer que a fim de um indivíduo ter um amigo íntimo, deve haver pelo menos um jovem que gosta dele. O jovem de quem vários pares gostam têm mais oportunidades de formarem amizades e relações amorosas (Bukowski *et al.*, 1993).

Estudos anteriores mostram que os jovens adolescentes com mais amizades íntimas e consistentes são mais ajustados e satisfeitos com a vida do que os adolescentes impopulares e solitários (Bukowski *et al.*, 1993). Dada a associação entre medições da amizade e do amor, deve considerar-se em simultâneo os efeitos destes dois constructos: as relações de amizade e as atitudes face ao amor.

Apesar de alguns estudos apoiarem a conclusão de que a intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo perde importância durante a adolescência, enquanto que a amizade e o amor com o sexo oposto se torna mais importante, é difícil argumentar que a satisfação com a vida não está relacionada com o nível de intimidade na relação de amizade com o amigo do mesmo sexo na adolescência.

Estes constructos estão ligados empírica e conceptualmente. Há pelo menos quatro modos em que se pode fazer essa ligação. 1 – a satisfação com a vida e a amizade podem estar ambas ligadas única e directamente ao amor. 2 – a satisfação com a vida pode estar indirectamente ligada ao

amor através da associação com a amizade; 3 – a satisfação com a vida pode estar directamente ligada ao amor, mediando a associação entre amizade e amor; 4 – a satisfação com a vida e a amizade podem estar associadas a diferentes aspectos e atitudes face ao amor.

A satisfação com a vida e a amizade estão directamente relacionadas com as atitudes face ao amor, tendo efeitos similares no amor na adolescência. São atitudes ou experiências que podem estar disponíveis no âmbito da relação social ou pessoal. O amor e a amizade oferecem experiências similares e diferentes. A satisfação com a vida oferece experiências para um sentido de inclusão, enquanto que a amizade dá oportunidade para a lealdade, afecto e intimidade. O amor e a amizade partilham cinco provisões: ajuda, nutrimento, companheirismo e reforço da intimidade do eu (intimidade consigo próprio) e da intimidade com o outro (Frankl, 1999). O amor e a amizade oferecem contribuições diferentes para satisfação com a vida. Apesar de partilharem algumas provisões, fornecem oportunidades para experiências distintas.

Esta posição vai ao encontro da opinião de Prager (1995, 1998 a), que afirma que os resultados diferentes resultam de problemas a nível do grupo e ao nível da relação a dois. Quando os indivíduos não estão integrados numa estrutura de grupo de pares, têm sentimentos de isolamento social; enquanto que quando lhes falta proximidade ou trocas emocionais com amigos têm sentimentos de solidão emocional. Este estudo propõe que a intimidade nas relações de amizade com o amigo do mesmo sexo, por dar oportunidades de companheirismo, afecta as percepções de satisfação com a vida; enquanto que o amor, por dar oportunidades de experiências como a segurança e a proximidade, está relacionada a aspectos afectivos do ajustamento, como a solidão.

As diferentes atitudes face ao amor estão interligadas. Há um conjunto dinâmico de associações entre as medições do amor. Os vários aspectos do conceito do amor são vistos como elementos de uma hierarquia (Lee, 1976). As percepções de competências derivam da experiência que influencia por sua vez os sentimentos de auto-estima de si próprio, de bem-estar subjectivo e de satisfação com a vida.

Visto que a amizade e o amor estão ligados de forma conceptual e empírica, foram estudados em simultâneo. Estes constructos estão associados a diferentes aspectos do ajustamento, nomeadamente percepções de pertença e sentimentos de solidão (Bukowski *et al.*, 1993 e Bukowski *et al.*, 1999). Durante a adolescência medeia a relação com o amigo e com o parceiro amoroso, e os aspectos de intimidade estão interligados.

Estas medições e suas interligações devem ser estudadas como sistemas distintos.

A intimidade, concebida como um contexto de vida potencializador de experiências positivas e gratificantes, desempenha um papel fundamental na adolescência em que as mudanças desenvolvimentais são críticas. Neste sentido, intimidade na adolescência constitui o objecto de estudo cuja articulação faz emergir esta investigação.

Esta tese procurou analisar a Intimidade dos jovens adolescentes, estabelecendo as relações que visam fundamentar, com evidência, os constructos teóricos propostos, nomeadamente em relação à Amizade e ao Amor – em adolescentes de diferentes grupos étnicos residentes em Portugal e a frequentar o ensino secundário em escolas privadas e públicas.

A componente empírica desta tese traduziu-se em dois estudos. O primeiro (estudo preliminar) teve como objectivo a validação da Escala: Intimate Friendship Scale (IFS; Sharabany, 1994), um instrumento de avaliação da experiência de intimidade na relação de amizade com o(a) amigo(a) do mesmo sexo numa amostra portuguesa de estudantes do ensino secundário em escolas públicas e privadas de Lisboa e Setúbal. Este trabalho apresenta a adaptação à população portuguesa da Escala da Intimidade nas Relações de Amizade entre amigos do mesmo sexo e foi um estudo aplicado a 341 adolescentes, sendo analisadas as características psicométricas da escala que comprovam a sua unidimensionalidade. Tal como com estudos clássicos e recentes, verificou-se que o género influencia a intimidade nas relações de amizade, tendo as raparigas scores mais elevados. No que se refere à religião, pode dizer-se que os adolescentes que tinham religião tinham scores mais elevados de amizade. De acordo com os resultados obtidos a intimidade nas relações de amizade correlaciona-se positivamente com a satisfação com a vida e negativamente com a solidão.

No segundo estudo (estudo final) examinou-se em que medida o modelo das seis cores de Lee era capaz de dar conta de dados recolhidos com uma amostra intercultural de adolescentes a residir em Portugal. O estudo final pretende fornecer elementos que permitam a reflexão sobre a influência da diversidade étnica na amizade com o(a) amigo(a) do mesmo sexo e as atitudes face ao amor com o(a) namorado(a), em adolescentes entre os 16 e os 19 anos. A amostra é constituída por 1359 adolescentes, 589 rapazes e 770 raparigas, pertencentes a 7 grupos étnicos. Foram encontradas diferenças significativas em relação ao género,

à prática religiosa e à origem étnica e correlações entre as variáveis psicológicas em estudo (solidão, auto-estima, felicidade e satisfação com a vida) nas relações de amizade entre amigos do mesmo sexo e nos diferentes estilos de amor (Eros, Storge, Ludus, Mania,Pragma, Ágape).

Os resultados apontam para um efeito positivo da intimidade em termos da experiência de amizade e amor e da satisfação com a vida dos adolescentes, por contraposição à diminuição dos respectivos valores de satisfação com a vida nos adolescentes que não estabeleciam relações de intimidade com o(a) amigo(a) do mesmo sexo e/ou com o(a) namorado(a). Este aspecto salienta a importância da amizade e do amor, para o desenvolvimento feliz na adolescência, através da intimidade.

Os primeiros objectivos deste estudo foram conseguidos porque as características psicométricas da Escala da Intimidade nas Relações de Amizade e a Escala das Atitudes face ao Amor permitem a utilização nos adolescentes portugueses com pertenças culturais diferentes.

As relações românticas adolescentes não são percebidas em termos de relações maduras e não são caracterizadas pelo compromisso e preocupação pelo outro, mas em termos de amizades e experiência emocional intensa juntamente com a atracção física ao parceiro. O romance adolescente é provavelmente uma transição, em que os componentes da amizade e atracção física estão misturados e só nas idades mais avançadas é que a relação se desenvolve para uma relação mais madura e de compromisso. No entanto há que ter alguns cuidados. Os jovens adolescentes amigos podem ser mais críticos acerca das suas relações de amizade, e vários factores, como a qualidade da relação, podem afectar o modo como percebem ou interpretam as suas relações de intimidade.

Verificou-se também ao longo dos estudos que o género, a prática religiosa e a pertença cultural influenciava a Amizade e o Amor.

O constructo de intimidade nas relações de amizade com o(a) amigo(a) do mesmo sexo e/ou com o namorado(a) é muito importante e continuará a gerar um campo de pesquisa interessante e fértil no futuro.

Há uma evidência de que vários factores contribuem para as diferenças individuais nas afiliações românticas adolescentes. Os participantes trazem um passado e experiências diferentes para a relação, que por sua vez se manifestam em tipos diferentes de relações românticas. Alguns autores argumentaram que as relações de intimidade que os

adolescentes estabelecem e a sua capacidade para as manter, diferem em função das experiências de relações passadas (Leaper e Anderson, 1997). Mecanismos de influência indirecta têm sido colocados de modo a que a segurança da vinculação inicial molda a capacidade de formar relações íntimas com pares (Collins, e Sroufe, 1999). A ausência desta capacidade pode ter consequências nas amizades, que são a fundação das relações românticas posteriores. Esta e outras diferenças individuais podem promover diferentes tipos de estilos de relações de modo que algumas afiliações românticas são mais capazes de serem indicadores de intimidade e partilha do que outros (Shulman e Kipnis, 2001). As descobertas deste estudo sugerem que o amor e a amizade são mais interdependentes para algumas relações do que para outras e que estas variáveis interagem de modo a produzirem padrões diferentes de intimidade.

Outra área de estudo potencialmente frutuosa é a dos relacionamentos românticos entre pessoas do mesmo género. Investigações mais aprofundadas neste campo poderão ajudar a esclarecer a importância que o género do indivíduo e a sua orientação sexual têm nas interações íntimas e relacionamentos que estabelece.

Nos adolescentes e jovens adultos, o desenvolvimento de uma identidade homossexual como resultado das suas atracções eróticas por uma pessoa do mesmo género parece variar consideravelmente de indivíduo para indivíduo (Paterson, 1995).

Em suma, pode afirmar-se que os investigadores têm recolhido informação rica e variada sobre adolescentes e jovens adultos. Vivemos uma era em que é crescente o interesse pelas capacidades humanas para a intimidade em termos de amizade ou de envolvimento romântico. Cada vez mais a intimidade se torna uma preocupação presente e consciente, fruto de uma cada vez maior necessidade de amizades íntimas ou relacionamentos sentimentais duradouros.

Este estudo tem as suas limitações: os padrões de intimidade aqui identificados podem não ser generalizados para além da amostra (adolescentes). Os dados foram todos produzidos em questionários de um só membro de uma relação de intimidade e sabemos que os(as) amigos(as) e os(as) parceiros(as) românticos(as) podem ter pontos de vista diferentes acerca das suas interconexões.

As relações de intimidade e suas representações podem ser descritas centrando-se em dimensões muito diferentes, o que pode produzir um

ponto de vista muito complexo das relações de amizade e das relações românticas adolescentes.

O presente estudo pretende colmatar uma lacuna na compreensão da intimidade nas relações de amizade com o(a) amigo(a) do mesmo sexo e nas atitudes em relação ao amor com o(a) parceiro(a) do sexo oposto.

O presente trabalho foi limitado em relação à idade por várias considerações incluindo a homogeneidade da amostra e a exclusão de muitas variáveis da relação importantes, como por exemplo a posição social feita no estudo preliminar. O estudo contribui para a nossa compreensão da intimidade nas atitudes em relação aos diferentes estilos de amor em adolescentes solteiros de diferentes grupos étnicos.

O jovem adolescente de quem vários pares gostam têm mais oportunidades de formarem amizades e relações amorosas. Apesar de serem constructos distintos, o amor e a amizade estão ambos relacionados ao gostar e à intimidade.

Entre as implicações do estudo tendo em conta os resultados seria possível lançar as bases num Programa de Intervenção a efectuar junto de adolescentes sobre aspectos psicossociais da intimidade em vista a fomentar o bem-estar subjectivo desta população.

Tendo em conta as qualidades psicométricas evidenciadas pelas escalas que utilizamos Intimate Friendship Scale e a Escala das Atitudes em relação ao Amor – LAS elas poderão ser úteis em futuros estudos a efectuar em adolescentes.

Entre as implicações deste trabalho realçaríamos também a criação de um gabinete/observatório para a utilização destes instrumentos, onde seja possível desenvolver uma estratégia de implementação de um Programa de prevenção e reabilitação de jovens anti-sociais e também na área da prevenção e reabilitação de jovens delinquentes, assim como novas investigações com populações mais novas e/ou mais velhas.

Futuros estudos com amostras diferentes e/ou semelhantes poderão esclarecer melhor estes resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACITELLI, L., e DUCK, S. (1987). Intimacy as the proverbial elephant. In D. PERLMAN e S. DUCK (Eds.), *Intimate Relationships*, pp. 297-308. Beverly Hills, CA: Sage.
- ADAMS, R. e BLIESZNER, R. (1994). An integrative conceptual framework for friendship research. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11, pp. 163-184.
- ADAMS, R., LAURSEN, B., e WILDER, D. (2001). Characteristics of closeness in adolescent romantic relationships. *Journal of Adolescence*, 24, pp. 353-363.
- ADELSON, J. (1980). *Handbook of adolescent psychology*. New York: John Wiley e Sons.
- AINSWORTH, M., BLEHAR, M., WATERS, E., e WALL, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- AINSWORTH, M., e BOWLBY, J. (1991). Ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, pp. 333-341.
- ACKER, M., e DAVIS, M. (1992). Intimacy, passion, and commitment in adult romantic relationships: a test of the triangular theory of love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9, pp. 21-50.
- ALBERONI, F. (1997). *O primeiro amor*, 3.^a ed. Lisboa: Bertrand Editora.
- ALLEN, J., LEADBEATER, B., e ABER, J. (1994). The development of problem behavior syndromes in at-risk adolescents. *Development and Psychopathology*, 6, pp. 323-342.
- ALLEN, J., e HAUSER, S. (1996). Autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of young adults states of mind regarding attachment. *Development and Psychopathology*, 8, 4, pp. 793-809.
- ALLISON, M., e SABATELLI, R. (1988). Differentiation and individuation as mediators of identity and intimacy in adolescence. *Journal of Adolescent Research*, 3, 1, pp. 1-16.

ALLISON, K., LEONE, P., e SPERO, E. (1990). Drug use among adolescents: Social context and competence. In P. E. Leone (Eds.). *Understanding troubled and troubling youth*, pp. 173-193. Newbury Park, CA: Sage.

ALLPORT, G. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge, MA: Addison – Wesley.

ANDERSON, P. e GUERRERO, L. (1998). *Handbook of communication and emotion*. New York: Academic Press.

ANTILL, J., e COTTON, S. (1987). Self-disclosure between husbands and wives: its relationship to sex roles and marital happiness. *Australian Journal of Psychology*, 39, pp. 11-24.

ARANGO, J. (2000). Expliquer les migrations: un regard critique. *Revue Internationale des Sciences Sociales*, 65, pp. 329-342.

ARGYLE, M., e FURNHAM, A. (1983). Sources of satisfaction and conflict in long-term relationships. *Journal of Marriage and the Family*, 45, pp. 481-493.

ARGYLE, M., e HENDERSON, M. (1985). *The anatomy of relationships*. London: Penguin.

ARGYLE, M., MARTIN, M., e CROSSLAND, J. (1989). Happiness as a function of personality and social encounter. In J. P. FORGAS, J. M., INNES, (Eds.), *Recent advances in social psychology: An international perspective*, pp. 189-203. North-Holland: Elsevier Publishers BV.

ARGYLE, M., e HILLS, P. (2000). Religious experiences and their relations with happiness and personality. *International Journal for the Psychology of Religion*, 10, pp. 157-172.

ARGYLE, M. (2001). *The psychology of happiness*. 2.^a ed.. Hove: Routledge.

ARON, A. e ARON, E. (1986). *Love and the expansion of self: understanding attraction and satisfaction*. New York: Hemisphere.

ARON, A., e WESTBAY, L. (1996). Dimensions of the prototype of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, pp. 535-51.

ASHER, S., e PARKER, J. (1989). The significance of peer relationship problems in childhood. In G. SCHNEIDER, J. ATTILI, R. NADEL e R. WEISSBERG (Eds.), *Social competence in developmental perspective*, pp. 5-23. Dordrecht. The Netherlands: Kluwer.

BADER, E., e PEARSON, P. (1998). Searching for the mythical mate: A developmental approach to intimacy. In J. CARLSON e L. SPERRY (Eds.), *The intimate couple*, pp. 381-405. London: Edwards Brothers.

BAGANHA, M., MARQUES, J., e FONSECA, G. (2000). *Is a ethclass emerging in Europe? – the Portuguese case*. Lisboa: Luso-American Foundation.

BAGWELL, C., NEWCOMB, A., e BUKOWSKI, W. (1998). Preadolescent friendship and peer rejection as predictors of adult adjustment. *Child Development*, 69, pp. 140-153.

BANIKIOTES, P., KUBINSKI, J., e PURSELL, S. (1981). Sex-role orientation, self-disclosure and gender-related perceptions. *Journal of Counseling Psychology*, 28, pp. 140-146.

BARNES, P. (2000). Growth and change in adolescence. *Personal, Social and Emotional Development of Children*, (4 ed.). Oxford: Peter Barnes.

BARON, R., e KENNY, D. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, pp. 1173-1182.

BARRETO, A. (1996). *Tempo de mudança*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

BARROS, J. (2002). Caminhos positivos da educação. 7. *as Jornadas Psicopedagógicas de Gaia*. Carvalhos. (Comunicação Oral).

BARROS, J. (2002). *Psicologia da Família*. Lisboa: Universidade Aberta.

BARTHOLOMEW, K. e HOROWITZ, M. (1991). Attachment styles among adults. A test of four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, pp. 226-244.

BAUCOM, D., e EPSTEIN, N. (2000). Religiosity and life satisfaction. *Activities. Adaptation e Aging*, 24, pp. 23-34.

BAUMEISTER, R. e WOTMAN, S., e STILLWELL, A. (1993). Unrequited love: On heartbreak, anger, guilt, scriptlessness, and humiliation, *Journal of Personality and Social Psychology*, 64: pp. 377-394.

BEANE, J. A., e LIPKA, R. P. (1986). *Self-concept, self-esteem, and the curriculum*. New York: Teachers College Press.

BEAVERS, W., e HAMPSON, R. (1990). *Successful families: Assessment and intervention*. New York: Norton.

BEAVERS, W. (1985). *Successful Marriage*. New York: W. W. Norton.

BERMAN, E. (1988). Communal upbringing in the kibbutz: The allure and risks of psychoanalytic utopianism. *Psychoanal. Study Child*, 43: pp. 319-335.

BERNARD, J. (1972). *The future of marriage*. New York: Bantam Books.

BERNDT, T. (1982). The features and effects of friendship in early adolescence. *Child Development*, 53, pp. 1447-1460.

BERNDT, T., HAWKINS, J., e HOYLE, S. (1986). Changes in friendship during a school year: Effects on children's and adolescents, impressions of friendship and sharing with friends. *Child Development*, 57, pp. 1284-1297.

BERNDT, T. e DAS, R. (1987). Effects of popularity and friendship on perceptions of the personality and social behavior of peers. *Journal of Early Adolescence*, 7, pp. 429-439.

BERNDT, T. (1992). Friendship and friends influence in adolescence. *Current Directions in Psychological Science*, 1, pp. 156-159.

BERNDT, T., e SAVIN-WILLIAMS, R. (1993). Peer relations and friendships. In P. H. TOLAN e B. J. COHLER (Eds.), *Handbook of clinical research and practice with adolescents*, pp. 203-219. New York: Wiley.

BERNDT, T., e ZOOK, J. (1993). Effects of friendship on adolescent development. *Bulletin of the Hong Kong Psychological Society*, 30, pp. 15-34.

BERNDT, T., e KEEFE, K. (1995). Friends influence on adolescents, adjustment to school. *Child Development*, 66, pp. 1312-1329.

BERRY, J., KIM, U., POWER, S., YOUNG, M., e BUJAKI, M. (1989). Acculturation attitudes in plural societies. *Applied Psychology: An International Review*, 38, pp. 185-206.

BERSCHEID, E., e WALSTER, E. (1974). A little bit about love. In T. L. HUSTON (Eds.), *Foundations of interpersonal attraction*, pp. 355-381. New York: Academic Press.

BERSCHEID, E. (1994). Interpersonal relationships. *Annual Review of Psychology*, 45, pp. 79-129.

BETTELHEIM, B. (1969). *Children of the Dream*. New York: Avon.

BIGELOW, B. (1977). Children's friendship expectations: A cognitive-development study. *Child Development*, 48, pp. 247-253.

BIGELOW, B., e LAGAIPA, J. (1980). The development of friendship values and choice. In H. C. FOOT, A. J. CHAPMAN e J. R. SMITH (Eds.), *Friendship and social relations in children*, pp. 15-44. New York: Wiley.

BIROU, A. (1982). *Dicionário das Ciências Sociais*. Lisboa: Dom Quixote.

BISHOP, J., e INDERBITZEN, H. (1995). Peer acceptance and friendship: An investigation of their relation to self-esteem. *Journal of Early Adolescence*, 15, pp. 476-489.

BLAIS, M., SABOURIN, S., BOUCHER, C. e VALLERAND, R. (1990). Toward a motivational model of couple happiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, pp. 1021-1031.

BLAU, P. (1964). *Exchange and power in social life*. New York: Wiley.

BLIESZNER, R., e ADAMS, R. G. (1992). *Adult friendship*. Newbury Park, CA: Sage.

BLOS, 1979. *The adolescent passage*. New York: International Universities Press.

BLUMSTEIN, P., e SCHWARTZ, P. (1983). *American couples: Money, work, sex*. New York: Morrow.

BLYTH, D. A., e TRAEGER, C. (1987). *Adolescent self-esteem and perceived relationships with parents and peers*. In S. SALZINGER, J. ANTROBERS

e M. HAMMER (Eds.), *Social net-works of children, adolescents, and college students*, pp. 171-194. Hillsdale, NJ: Erbaum.

BLYTH, D., e FOSTER-CLARK, F. (1987). Gender differences in perceived intimacy with different members of adolescents social networks. *Sex Roles*, 17, pp. 689-718.

BLYTH, D., e FOSTER-CLARK, F. (1987). Gender differences in perceived intimacy with different members of adolescents social networks. *Sex Roles*, 17, pp. 689-718.

BOIVIN, M., HYMEL, S., e BUKOWSKI, W. (1995). The roles of social withdrawal, peer rejection, and victimization by peers in predicting loneliness and depression. *Development and Psychopathology*, 7, pp. 765-785.

BORRELLO, G., e THOMPSON, B. (1990a). An hierarchical analysis oh the Hendrick-Hendrick measure of Lee's typology of love. *Journal of Social Behavior and Personality*, 3, pp. 327-342.

BORRELLO, G., e THOMPSON, B. (1990b). A note regarding the validity of Lee's typology of love. *Journal of Psychology*, 124(6), pp. 639-644.

BOUKARROUM, A. (2002). Comparaison entre groupes et différences culturelles: Contribution à l'étude de l'identité de la personne. *Bulletin de Psychologie*, 55(5), pp. 503-508.

BOWLBY, J. (1969). Attachment and loss, Vol. I. *Attachment*. New York: Basic Books.

BRANDSTATTER, H. (1991). Emotions in everyday life situations: Time sampling of subjective experience. In F. STRACK, M. ARGYLE e N. SCHWARZ (Eds.), *Subjective Well-Being*, pp. 173-192. Oxford: Pergamon.

BREBNER, J. (2003). Gender and emotions. *Personality and Individual Differences*, 34, 3, pp. 387-394.

BRONFENBRENNER, U. (1979). *The Ecology of human development*. Cambridge: Harvard University Press.

BRONFENBRENNER, U., MCCLELLAND, P., WETHINGTON, E., e MOEN, P. (1996). *The state of Americans: This generation and the next*. New York: The Free Press.

BROWN, B. (1989). The role of peer groups in adolescents' adjustment to secondary school. In T. BERNDT, e G. LADD (Eds.), *Peer relationships in child development*. New York: Wiley.

BROWN, B. (1999). You're going out with who? Peer group influences on adolescent romantic relationships. In W. FURMAN *et al.* (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence*, pp. 291-329. New York: Cambridge University Press.

BROWN, B., FEIRING, C. e FURMAN, W. (1999). Missing the love boat: Why researchers have shied away from adolescent romance. In W. FURMAN *et al.* (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence*, pp. 1-18. New York: Cambridge University Press.

BROWN, R. (1994). Romantic love and the spouse selection criteria of male and female Korean college Students. *Journal of Social Psychology*, 134, 2, pp. 183-189.

BRUTO DA COSTA, A., PIMENTA, M. (Coords.). (1991). *Minorias étnicas pobres em Lisboa*. Lisboa: Departamento de pesquisa Social do Centro de Reflexão Cristã.

BUHRMESTER, D., e FURMAN, W. (1986). The changing functions of friends in childhood: A neo-Sullivanian perspective. In V. J. DERLEGA e B. A. WINSTEAD (Eds.), *Friendship and Social Interaction*, pp. 43-62. New York: Springer-Verlag.

BUHRMESTER, D., e FURMAN, W. (1987). The development of companionship and intimacy. *Child Development*, 58, pp. 1101-1113.

BUHRMESTER, D., (1990). Intimacy of friendship, interpersonal competence, and adjustment during preadolescence and adolescence. *Child Development*, 61, pp. 1101-1111.

BUHRMESTER, D., e PRAGER, K. (1995). Patterns and functions of self-disclosure during childhood and adolescence. In K. J. ROTENBERG (Eds.), *Disclosure Processes in Children and Adolescents*, pp. 10-56. New York: Cambridge University Press.

BUKOWSKI e HOZA, (1989). Popularity and friendship: Issues in theory, measurement and outcome. In T. BERNDT e G. LADD (Eds.), *Peer relations in child development*, pp. 15-45. New York: Wiley.

BUKOWSKI, W., GAUZE, C., HOZA, B., e NEWCOMB, A. (1993). Differences and consistency between same-sex and other-sex peer relationships during early adolescence. *Developmental Psychology*, 67, pp. 56-68.

BUKOWSKI, W., PIZZAMIGLIO, M. T., NEWCOMB, A., e HOZA, B. (1996). Popularity as an affordance for friendship: The link between group and dyadic experience. *Society Development*, 5, pp. 191-204.

BUKOWSKI, W., SIPPOLA, L. e HOZA, B. (1999). Same and other: Interdependency between participation in same-and other-sex friendships. *Journal of Youth and Adolescence*, 28, 4, pp. 439-459.

BURNS, D. (1985). *Intimate connections*. New York: William Morrow.

BUSS, D. (1988). Love acts: The evolutionary biology of love. In R. J. STERNBERG e M. L. BARNES (Eds.). *The Psychology of Love*, pp. 100-118. New haven, CT: Yale University Press.

CALDWELL, M., e PEPLAU, L. (1982). Sex differences in same-gender friendship. *Sex Roles*, 8, pp. 721-732.

CAMARENA, P., SARIGIANI, P., e PETERSEN, A. (1990). Gender specific pathways to intimacy in early adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 19, pp. 19-32.

CAMPBELL W., SEDIKEDES, C., e BOSSON, J. (1994). Romantic involvement, self-discrepancy and psychological well-being a preliminary investigation. *Personal Relationships*, 1, pp. 399-404.

CAMPBELL, A. (1984). *The girls in the gang*. Londres: Blackwell.

CAMPBELL, R. (1989). *Psychiatric Dictionary* (6 ed.), New York: Oxford University Press.

CAMPBELL, J., ADAMS R., PERRY, D., WORKMAN, K., FURDELLA, J., e EGAN, S. (2002). Agreeableness, extraversion, and peer relations in early adolescence: Winning friends and deflecting aggression. *Journal of Research in Personality*, 36, pp. 224-251.

CANARY, D., e CUPACH, W. (1988). Relational and episodic characteristics associated with conflict tactics. *Journal of Social and Personal relationships*, 5, pp. 305-325.

CANARY, D., e SPITZBERG, B. (1989). A model of the perceived competence of conflict strategies. *Human Communication Research*, 15, pp. 630-649.

CANARY, D. e EMMERS-SOMMER, T., (1997). *Sex and gender differences in personal relationships*. New York: The Guilford Press.

CANTOR, N., ACKER, M., e COOK-FLANNAGAN, C., (1992). Conflicts and preoccupation in the intimacy life task. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, pp. 644-655.

CARDOSO, C. (1996). *Educação multicultural*. Lisboa: Texto Editora.

CARMO, H., e FERREIRA, M. (1998). *Metodologia da investigação – Guia para auto-aprendizagem*, Lisboa: Universidade Aberta.

CASTILLO, G. (2003). *Educar para a amizade*. São Paulo: Quadrante.

CASTLES, S. (2000). Les migrations internationales au début du XXI siècle: Tendances et problèmes mondiaux. *Revue Internationale des Sciences Sociales*, 165, pp. 317-325.

CASTRO, R., e LIMA, L. (1987). Insucesso e selecção social na disciplina de português: o(s) discurso(s) dos professores – uma abordagem interdisciplinar. *Cadernos de Análise Social da Educação*, 3, pp. 299-310.

CENSOS (2001). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

CHOU K. (2000). Intimacy and psychosocial adjustment in Hong Kong Chinese adolescents. *The Journal of Genetic Psychology*, 161, 2, pp. 141-151.

CHRISTENSEN, A., e WALCZYNSKI, P. (1997). Conflict and satisfaction in couples. In R. STERNBERG e M. HOJJAT (Eds.), *Satisfaction in close relationships*, pp. 249-274. New York: The Guilford Press.

CLARK, M., e MILLS, J. (1979). Interpersonal attraction in exchange and communal relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, pp. 12-24.

CLARK, M., e DREWRY, D. (1985). Similarity and reciprocity in the friendships of elementary school children. *Child Study Journal*, 15, pp. 251-263.

CLARK, M., e AYERS, M. (1993). Friendship expectations and friendship evaluations: Reciprocity and gender effects. *Youth and Society*, 34, pp. 299-313.

CLINEBELL, H., e CLINEBELL, C. (1970). *The intimate marriage*. New York: Harper e Row.

COHN, D., PATTERSON, C., e CHRISTOPOULOS, C. (1991). The family and children's peer relations. *Journal of Social and Personal Relationships*, 8, pp. 312-346.

COIE, J., DODGE, K., e KUPERSMIDT, J. (1990). Peer group behavior and social status. In S. ASHER e J. COIE (Eds.), *Peer rejection in childhood*, pp. 246-253. New York: Cambridge University Press.

COLE, T., e BRADAC, J. (1996). A lay theory of relational satisfaction with best friends. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13, 1, pp. 57-83.

COLEMAN, J. (1992). *The school years: current issues in the socialisation of young people*. Londres: Routledge.

COLLINS, W., HENNIGHAUSEN, K., D. SCHMIT, L., Alan SROUFE (1997). Developmental precursors of romantic relationships: A longitudinal analysis. In S. SHULMAN e W. COLLINS, *Romantic relationships in adolescence: Developmental perspectives*, pp. 69-83. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

COLLINS, W., e SROUFE, L. (1999). Capacity for intimate relationships: A developmental construction. In FURMAN *et al.* (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence*, pp. 125-147. Cambridge: Cambridge University Press.

CONNOLLY, J., CRAIG, W., GOLDBERG, A., e PEPLER, D. (1999). Conceptions of cross-sex friendships and romantic relationships in early adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 28, 4, pp. 481-494.

CONNOLLY, P. (1998). *Racism, gender identities and young children*. New York: Routledge.

COOPER, H., OKAMURA, L., e GURKA, V. (1992). Social activity and subjective well-being. *Personality and Individual Differences*, 13, pp. 573-583.

COPELAND, E., e HESS, R. (1995). Differences in young adolescents coping strategies based on gender ethnicity. *Journal of Early Adolescence*, 15, 2, pp. 203-219.

CORTESÃO L. e STOER, S. (1996). A interculturalidade e a educação escolar: Dispositivos pedagógicos e a construção da ponte entre culturas. *Inovação*, 9, 1/2, pp. 35-52.

COSTA, E., (1999). *Novos encontros de amor – Amizade, amor e sexualidade na Adolescência*. 2.^a ed. Porto: Ambar.

COTRIM, A., ORTIGÃO, I., FERREIRA, J., e OLIVEIRA, M. (1995). *Educação intercultural: Concepções e práticas em escolas portuguesas*. Lisboa: Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural. Col. Ed. Intercultural.

CRAMER, D. (1990). Disclosure of personal problems, self-esteem, and facilitativeness of friends and lovers. *British Journal of Guidance and Counseling*, 18, pp. 186-196.

CRAWFORD, D., e HUSTON, T. (1993). The impact of the transition to parenthood on marital leisure. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 19, pp. 39-46.

CROCKETT, L., LOSOFF, M., e PETERSEN, A. (1984). Perceptions of the peer group and friendship in early adolescence. *Journal of Early Adolescent*, 4, pp. 155-181.

CSIKSZENTMIHALYI, M., e LARSON, R. (1984). *Being adolescent*. New York: Basic Books.

CUMMINS, R. (1998). On the trail of the gold standard for life satisfaction. *Social Indicators Research*, 35, pp. 179-200.

CUTRONA, C., SUHR, J., e MACFARLANE, R. (1990). Interpersonal transactions and the psychological sense of support. In S. Duck (Eds.), *Personal Relationships and Social Support*, pp. 30-45. London: Sage.

DARLING, N., e STEINBERG, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, pp. 487-496.

DAVIS, M., (1994). *Empathy: A Social Psychological Approach*. Madison. WI: Brown e Benchmark.

DAVIS, M., e OATHOUT, H. (1987). Maintenance of satisfaction in romantic relationships: Empathy and relational competence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, pp. 397-410.

DAVY K., e LATTY-MANN, H. (1987). Love styles and relationship quality: A contribution to validation. *Journal of Social and Personal Relationships*. 4, pp. 409-428.

DEAN, A., e LIN, N. (1997). The stress buffering role of social support: Problems and prospects for systematic investigation. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 165, pp. 403-417.

DECI, E., e RYAN, R. (1991). A motivacional approach to self: integration in personality. In R. DIENSTBIER (Eds.). *Nebraska symposium on motivation*, pp. 237-288. Lincoln: University of Nebraska Press.

DERLEGA, V., e GRZELAK, J. (1979). Appropriateness of self-disclosure. In G. J. CHELUNE (Eds.), *Self-disclosure: Origins, patterns, and implications of openness in interpersonal relationships*, pp. 151-176. San Francisco: Jossey-Bass.

DERLEGA, V. METTS, S., PETRONIO S., e MARGULIS, S. (1993). *Self-Disclosure*. Newbury Park, CA: Sage.

DERNE, S. (2000). *Movies, masculinity, and modernity: an ethnography of men's film going in India*. Westport, CT: Greenwood Press.

DETRY B., e CARDOSO, A. (1996). *Construção do futuro e construção do conhecimento*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

DIAMOND, L., SAVIN-WILLIAMS, R., e DUBE, E. (1999). Intimate peer relations among lesbian, gay, and bisexual adolescents: Sex, dating, passionate friendships, and romance. In W. FURMAN, B BROWN, e C. FEIRING (eds.), *The development of romantic relationships in adolescence*, pp.175-210. Cambridge: Cambridge University Press.

DICKSON, F. (1995). The best is yet to be: Research on long-lasting marriages. In S. DUCK (Eds.), *Understudied Relationships*, pp. 22-50. Thousand Oaks, CA: Sage.

DIENER, E., (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, pp. 542-575.

DIENER, E., e DIENER, C. (1996). Most people are happy. *Psychological Science*, 7, pp. 181-185.

DIENER, E., EMMONS, R. A., LARSEN, R. J., e GRIFFIN, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal Personality Assessment*, 49, 1, pp. 71-75.

DIMITROFF, M. (1998). Spiritual intimacy: A Christian perspective. In J. CARLSON e L. SPERRY (Eds.), *The intimate couple*, pp. 421-438. London: Edwards Brothers.

DINDIA, K., e ALLEN, M. (1992). Sex differences in self-disclosure: A meta analysis. *Psychological Bulletin*, 112, pp. 106-124.

DION, K., e DION, K. (1996). Cultural perspectives on romantic love personal relationships. *Personal relationships*, 3, pp. 5-18.

DOUVAN, E., e ADELSON, J. (1966). *The adolescent experience*. New York: Wiley.

DUCK, S. (1991). *Understanding relationships*. New York: Guilford.

DUCK, S., e WRIGHT, P. (1993). Re-examining gender differences in same-gender friendships: A close look at two kinds of data. *Sex Roles*, 28, pp. 709-727.

DURANA, C. (1998). Integrated psychoeducational approach. In J. Carlson e L. Sperry (Eds.), *The Intimate Couple*, pp. 341-358. London: Edwards Brothers.

EATON, M. (1996). Résidents étrangers et immigrants en situation irrégulière au Portugal. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 12, 1, pp. 203-212.

ELDER, D., e HALLINAN, M. (1978). Sex differences in children's friendships, *American Sociological Review*, 43, pp. 251-263.

ELDER, G.; MODELL, J., e PARKE, R. (1993). Studying children. *Children in time and space*. Cambridge: University Press.

ELLISON, C., GAY, D., e GLASS, T. (1989). Does religious commitment contribute to individual life satisfaction? *Social Forces*, 68, pp. 100-123.

ENGEL, J., e SARACINO, M. (1986). Love preferences and ideals: A comparison of homosexual, bisexual, and heterosexual groups. *Contemporary Family Therapy*, 8, pp. 775-780.

ENTRALGO, P. (1948). *Vestigios: Ensayos de critica y amistad*. Madrid: E.P.E.S.A.

ENTRE CULTURAS (1998). *Base de dados entreculturas*. Lisboa: Ministério da Educação, Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural.

EPSTEIN, J. (1983). Examining theories of adolescent friendship. In J. EPSTEIN, e N. KARWEIT, (Eds.), *Friends in School*, pp. 13-22. San Diego: Academic Press.

ERDLEY, C., NANGLE, D., e GOLD, J. (1998). Operationalizing the construct of friendship among children: A psychometric comparison of sociometric-based definitional methodologies. *Social Development*, 7, pp. 62-71.

ERIKSON, E. (1964). *Insight and Responsibility*. New York: Norton.

ESHEL, Y. (1993). Openness to dyadic ethnic contact and students outcomes. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 19, pp. 206-212.

ESHEL, Y., SHARABANY, R., FRIEDMAN, U. (1998). Friends, lovers and spouses: Intimacy in young adults. *British Journal of Social Psychology*, 37, pp. 41-57.

ESTEVES, M. (org.), CARLOS, L., FRANCO, V., GOMES, T., GUIBENTIF, P., PIRES, R., SAINT-MAURICE, A. (1991). *Portugal, país de imigração*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

FEHR, B. (1988). Prototype analysis of the concepts of love and commitment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55, pp. 557-579.

FEHR, B. (2004). Intimacy expectations in same-sex friendships: a prototype interaction-pattern model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 86, pp. 265-284.

FEHR, B. (1993). How do I love thee? Let me consult my prototype. In S. DUCK (Ed.), *Individuals in relationships*, pp. 87-120. Newbury Park, CA: Sage.

FEHR, B. e RUSSELL, J. (1991). The concept of love viewed from a prototype perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, pp. 425-438.

FEIRING, C. (1996). Concepts of romance in 15-year-old adolescents. *Journal of Research Adolescent*, 7, pp. 214-224.

FEIRING, C. (1999). Other-sex friendship networks and the development of romantic relationships in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*. 28, 4, pp. 495-512.

FELMLEE, D. (1994). Who is on top? Power in romantic relationships. *Sex Roles*, 31, pp. 275-295.

FINK, B., e WILD, K. (1995). Similarities in leisure interests: Effects of selection and socialization in friendship. *Journal of Social Psychology*, 135, 4, pp. 471-481.

FISCHER, J. L., MUNSCH, J., e GREENE, S. M. (1996). Adolescence and intimacy. In G. R. ADAMS, R. MONTOMAYOR, e T. P. GULLOTTA (Eds.). *Psychosocial development during adolescence*, pp. 95-129. London: Sage.

FISHER, C., e ALAPACK, R. (1987). A phenomenological approach to adolescence. In L. Van HASSELLT (Eds.), *Handbook of Adolescence Psychology*, pp. 91-109. New York: Wiley.

FISHER, M., e STRICKER, G. (1982). *Intimacy*. New York: Plenum.

FITZPATRICK, M. (1989). Marriage and verbal intimacy. In V. DERLEGA, J. BERG, (Eds.) *Self-disclosure: Theory, research and therapy*, pp. 125-136. New York: Plenum Press.

FONSECA, M. (2002). Immigration and spatial change: The Lisbon experience. *Studi Emigrazione/Migration Studies*, XXXIX, 145, pp. 49-76.

FORMOSINHO, J. (1987). O insucesso escolar em questão. *Cadernos de Análise Social da Educação*, 5, pp. 20-27.

FRANKL, V. (1999). *El hombre en busca de sentido*. (20.^a ed.). Barcelona: Herder.

FREEMAN, A. (1998). The intimacy styles approach: A cognitive-behavioral model for understanding and treating problems of intimacy. In J. CARLSON e L. SPERRY (Eds.). *The intimate couple*, pp. 158-184. London: Edwards Brothers.

FROMM, E. (2000). *A arte de amar*. São Paulo: Martins Fontes Editora.

FRYDENBERG, E., e LEWIS, R. (1993). Boys play sport and girls turn to others: Age, gender and ethnicity as determinants of coping. *Journal of Adolescence*, 16, pp. 253-266.

FUHRMAN, T., e HOLMBECK, G. (1995). A contextual-moderator analysis of emotional autonomy and adjustment in adolescence. *Child Development*, 66, pp. 793-811.

FULIGNI, A., e ECCLES, J. (1993). Perceived parent/child relationships and early adolescents orientation toward peers. *Developmental Psychology*, 29, pp. 622-632.

FULLERTON, C., e URSANO, R. (1994). Preadolescent peer friendship: A critical contribution to adult relatedness? *Journal of Youth and Adolescence*, 23, pp. 43-63.

FURMAN, W., e BERMAN, K. (1984). Children's conceptions of friendship: A multidimensional study of developmental changes. *Developmental Psychology*, 20, pp. 925-931.

FURMAN, W., e ROBBINS, P. (1985). What's the point? Issues in the selection of treatment objectives. In B. SCHNEIDER, K. RUBIN, J. e LEDINGHAM, (Eds.). *Children's peer relations: Issues in assessment and intervention*, pp. 141-154. New York: Springer-Verlag.

FURMAN, W., e BUHRMESTER, D. (1985). Children's perceptions of the personal relationships in their social networks. *Developmental Psychology*, 21, pp. 1016-1024.

FURMAN, W., e BUHRMESTER, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63, pp. 103-115.

FURMAN, W. (1993). Theory is not a four letter word: Needed directions in the study of adolescent friendships. In B. LAURSEN (Eds.) *New direc-*

tions for child development: Close friendships in adolescence, pp. 89-103. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

FURMAN, W., e WEHNER, E. (1994). Romantic views: Toward a theory of adolescent romantic relationships. In R. MONTERNEYER, G. ADMS, T. e GULLOTTA (Eds.). *Advances in adolescent development*, 3, pp. 168-195. Sage: Beverly Hills, CA.

FURMAN, W., e SHAFFER, L. (1999). A story of adolescence: The emergence of other-sex relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 28, 4, pp. 513-519.

GABRIEL, S., e GARDNER, W. (1999). Are there «his» and «hers» types of interdependence? The implications of gender differences in collective versus relational interdependence for affect, behavior, and cognition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, pp. 642-655.

GANONG, L., COLEMAN, M., THOMPSON, A. e GOODWIN-WATKINS, C. (1996). African, american and european college students: Expectations for self and for future partners. *Journal of Family Issues*, 17, pp. 758-775.

GAVIN, L., e FURMAN, W. (1989). Age difference in adolescents: Perceptions of their peer groups. *Developmental Psychology*, 25, pp. 827-834.

GAVIN, L., e FURMAN, W. (1998). Adolescent girls, relationships with mothers and best friends. *Child Development*, 67, pp. 375-386.

GILLIGAN, C., LYONS, N., e HANMER, T., (1990). *Making connections: The relational worlds of adolescent girls at Emma Willard school*. Cambridge: Harvard University Press.

GIORDANO, P., CERNKOVICH, S., GROAT, H., PUGH, M., e SWINFORD, S. (1998). The quality of adolescent friendships: Long term effects? *Journal of Health and Social Behavior*, 39, pp. 55-71.

GLOVER, J., e HARRIS, B. (1996). *The love test*. [On-line], Available September 8, 2000, from the World Wide Web: <http://topchoice.com/~psyche/lovetest>.

GOLD, M., e YANOF, D. (1985). Mothers, daughters, and girlfriends. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, pp. 654-659.

GONÇALVES, L., e NETO, F. (2001). Representações da vida escolar em alunos portugueses e dos PALOP. *Psicologia, Educação e Cultura*, 51, pp. 133-148.

GORDON, L. (1993). *Passage to intimacy*. New York: Simon e Shuster.

GOTTMAN, J., e METTETAL. G. (1987). Speculations about social and affective development: Friendship and acquaintanceship through adolescence. In J. M. GOTTMAN e J. G. PARKER (Eds.). *Conversations of friends: Speculations on affective development*, pp. 192-240. New York: Cambridge University Press.

GRÁCIO, S. (1997). A mobilidade social revisitada. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 24, pp. 45-69.

GREENWALD, J. (1975). *Creative intimacy*. New York: Jove.

GROSS, L. (1994). A belief pattern scale for measuring attitudes toward romanticism. *American Sociological Review*, 9, pp. 463-472.

GUERNEY, B. (1977). *Relationship Enhancement*. San Francisco: Jossey-Bass.

HALE, J., e LEMIEUX, R. (1999). Intimacy, passion, and commitment in young romantic relationships: Successfully measuring the triangular theory of love. *Psychological Report*, 85, 2, pp. 497-503.

HANSSON R., e JONES, W., e CARPENTER, B. (1984). Relational competence and social support. In P. SHAVER (ed.), *Review of Personality and Social Psychology*, Vol. 5. pp. 265-284. Thousand Oaks. CA: Sage Publications.

HARING, M., OKUN, M., e STOCK, W. (1984). A quantitative synthesis of literature on work status and subjective well-being. *Journal of Vocational Behavior*, 25, pp. 316-324.

HARTER, S. (1990). Self and identity development. In FELDMAN, S., e ELLIOT, G. (Eds.), *At the threshold: The developing adolescent*, pp. 352-387. Cambridge, MA: Harvard University.

HARTUP, W. (1989). Social relationships and their developmental significance. *American Psychologist*, 44, pp. 120-126.

- HARTUP, W. (1996). The company they keep: Friendships and their developmental significance. *Child Development*, 67, pp. 1-13.
- HARTUP, W., e STEVENS, N. (1997). Friendships and adaptation in the life course. *Psychological Bulletin*, 121, pp. 355-370.
- HATFIELD, E., e RAPSON, R. (1993). *Love, sex and intimacy: their psychology, biology and history*. New York: Harper Collins.
- HATFIELD, E., e SPRECHER, S. (1986). Measuring passionate love in intimate relationships. *Journal of Adolescence*, 9, pp. 383-410.
- HAYS, R. (1988). FRIENDSHIPS. In S. DUCK (Eds.), *Handbook of personal relationships*, pp. 391-408. Chichester: Wiley.
- HAZAN, C., e SHAVER, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, pp. 511-524.
- HEADEY B., e WEARING, A. (1992). *Understanding happiness*. Melbourne, Australia: Longman Cheshire.
- HELGESON, V., SHAVER, P., e DYER, M. (1987). Prototypes of intimacy and distance in same-sex and opposite-sex relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 4, pp. 195-233.
- HENDRICK, C., e HENDRICK, S. e FOOTE, E., e SLAPION-FOOTE, M. (1984). Do men and woman love differently? *Journal of Social and Personal Relationships*, 1, pp. 177-195.
- HENDRICK, C. e HENDRICK, S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 2. pp. 392-406.
- HENDRICK, C., e HENDRICK, S. (1987a). Love and sex attitudes: A close relationship. In W. H. JONES e D. PERLMAN (Eds.), *Advances in personal relationships*, 1, pp. 141-169. Greenwich, CT: JAI.
- HENDRICK, S., e HENDRICK, C. (1987b). Love and sexual attitudes, self-disclosure and sensation seeking. *Journal of Social and Personal Relationships*, 4, pp. 281-297.
- HENDRICK, C. e HENDRICK, S., e ADLER, N. (1988). Romantic relationships: love, satisfaction, and staying together. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 6, pp. 980-996.

HENDRICK, C. e HENDRICK, S. (1989a). Lovers wear rose colored glasses. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5, pp. 161-183.

HENDRICK, C. e HENDRICK, S. (1989b). Research on love: Does it measure up? *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, pp. 784-794.

HENDRICK, C., e HENDRICK, S. (1990). A relationship-specific version of the Love Attitudes Scale. *Journal of Social Behavior and personality*, 5, pp. 239-254.

HENDRICK, S., e HENDRICK, C. (1992). *Romantic Love*. Newbury Park, CA: Sage.

HENDRICK, C., HENDRICK, S., e DICKE, A. (1998). The love attitudes scale: Short form. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 2, pp. 147-159.

HENDRIX, H. (1988). *Getting the love you want: A guide for couples*. New York: Henry Holt.

HENRY, J., (1963). *Culture against man*. New York: Random House.

HEPPNER, P. (1988). *The problem-solving inventory: Manual*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.

HERTZ-LAZAROWITZ, R., ROSENBERG, M., GOTMAN, J. (1989). Children of divorce and their intimate relationships with parents and peers. *Youth Society*, 21, pp. 85-104.

HILL, P. (1993). Recent advances in selected areas of adolescent development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 34, pp. 69-99.

HINDE, R., e STEVENSON-HINDE, J. (1987). Relating childhood relationships to individual characteristics. In W. W. HARTUP, e Z. RUBIN, (Eds.), *Relationships and Development*, pp. 282-294. Erlbaum, Hillsdale. NJ.

HOF, L., e MILLER, W. (1981). *Marriage enrichment: Philosophy, process and program*. Bowie, MD: Prendice-Hall.

HOJAT, M. (1982). Psychometric characteristics of the UCLA Loneliness Scale: A study with Iranian college students. *Educational and Psychological Measurement*, 42, pp. 917-925.

HOLLAND, D., e EISENHART, M., (1990). *Educated in romance: Women, achievement and college culture*. Chicago: University of Chicago.

HUALDE, A. (1989). *Psicologia do jovem*. Lisboa: Ed. Paulistas.

HUSSONG, A. (2000). Perceived peer context and adolescent adjustment. *Journal of Research on Adolescence*, 10, 4, pp. 391-415.

Instituto de Ciências Sociais (1989). *Inquérito à juventude portuguesa*. Lisboa: ICS.

JACKSON, J. (1991). *Migrações*, Lisboa: Escher.

JEFFCOATE, R. (1979). *Positive image toward a multiracial curriculum*. Richmond, Surrey: Writers and Readers Publishing Cooperation.

JESSOR, R., DONOVAN, J., e COSTA, F. (1991). *Beyond adolescence: Problem behavior and young adult development*. New York: Cambridge University Press.

JOHNSON, F., e ARIES, E., (1983). The talk of women friends. *Women's Studies Internacional Forum*, 6, 4, pp. 343-364.

JONES, G., e DEMBO, M. (1989). Age and sex role differences in intimate friendships during childhood and adolescence. *Merrill-Palmer Quarterly*, 35, 4, pp. 445-462.

JOURARD, S. (1971). *The transparent self*. New York: Van Nostrand.

JYLHA, M., e JOKELA, J. (1990). Individual experiences as cultural and a cross-cultural study on loneliness among the elderly. *Aging and Society*, 10, pp. 295-315.

KAREN, R. (1994). *Becoming attached*. New York: Warner Books.

KARNEY, B., e BRADBURY, T. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, method and research. *Psychological Bulletin*, 118, pp. 3-34.

KELLY, H., BERCHEID, E., CHRISTENSEN, A., HARVEY, J., HUSTON, T., LEVINGER, G., MCCLINTOCK, E., PEPLAU, L., e PETERSON, D. (1983). *Close relationships*. New York: Freeman.

KING, L., e NAPA, C. (1998). What makes a life good? *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, pp. 156-165.

KNEE, R. (1998). Implicit theories of relationships: Assessment and prediction of romantic relationship initiation, coping and longevity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, pp. 360-370.

KNEE, R., PATRICK, H., NANAYAKKARA, A., e NEIGHBORS, C. (2002). Self-determination as growth motivation in romantic relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28, 5, pp. 609-619.

KNOX, D., e SPORAKOWSKI, M. (1968). Attitudes of college students towards love. *Journal of Marriage and the Family*, 30, pp. 638-642.

KOBAK, R., e HAZAN, C. (1991). Attachment in marriage: Effects of security and accuracy of working models. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, pp. 861-869.

KOBAK, R., COLE, H., FERENZ-GILLIES, R., FLEMING, W., e GAMBLE, S. (1993). Attachment and emotion regulation during mother-teen problem solving: A control theory analysis. *Child Development*, 64, 1, pp. 231-245.

KOESTNER, R., e ZUCKERMAN, (1994). Causality orientations, failure, and achievement. *Journal of Personality*, 62, pp. 321-346.

KOVACS, D., PARKER, J. e HOFFMAN, L. (1996). Behavior, affective, and social correlates of involvement in cross-sex friendships in elementary school. *Child Development*, 67, pp. 2269-2286.

KOWALIK, D., e GOTLIB, I. (1987). Depression and marital interaction: Concordance between intent and perception of communication. *Journal of Abnormal Psychology*, 43, pp. 120-121.

KROGER, J. (1989). *Identity in Adolescence: the balance between self and other*. Londres: Routledge.

L'ABATE, L., e TALMADEGE, W. (1987). Love, intimacy, and sex. In G. WEEKS e L. HOF (Eds.), *Integrating sex and marital therapy: A clinical guide*, pp. 23-34. New York: Brunner/Mazel.

LADD, G., KOCHENDERFER, B., e COLEMAN, C. (1997). Classroom peer acceptance, friendship, and victimization: Distinct relational systems that

contribute uniquely to children's school adjustment? *Child Development*, 68, pp. 1181-1197.

LANDRY, C. (2000). *The creative city. A toolkit for urban innovators*. London: Earthscan Publications.

LANGE, D. (1988). Using like to introduce constructed dialogue: How like contributes to discourse coherence. *You Just Don't Understand*, pp. 223-237.

LAPERRIERE, A. (1994). La construction sociale de l'identité ethnique en contextes multiethniques contrastés. In LABAT, *Cultures ouvertes société interculturelles. Du contact à interaction*, pp. 194-207. Paris, L'Harmattan.

LARSON, (1990). The solitary side of life: An examination of the time people spend alone from childhood to old age. *Developmental Review*, 10, pp. 155-183.

LAZARUS, R., e FOLKMAN, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.

LEAPER, C. e ANDERSON, K. (1997). Gender development and heterosexual romantic relationships during adolescence. In S. SHULMAN e W. COLLINS, (Eds.), *Romantic relationships in adolescence: Developmental perspectives*, pp. 85-104. San Francisco: CA, Jossey-Bass.

LEE, G., e STONE, L. (1980). Mate selection systems and criteria: Variations according to family structure. *Journal of Marriage and the Family*, 42, pp. 319-326.

LEE, J. (1973). *The colors of love: An exploration of the ways of loving*. Toronto: New Press.

LEE, J. (1988). *Love styles*. In R. STERNBERG e M. BARNES (Eds.), *The psychology of love*, pp. 38-67. New Haven, Ct: Ale University Press.

LEES, S. (1993). *Sexuality and adolescent girls*. United Kingdom: Penguin Books.

LEITÃO, J. (1995). *Imigrantes – direitos políticos e livre circulação*. Lisboa: Civitas.

LEMPERS, J., e CLARK-LEMPERS, D. (1993). A functional comparison of same-sex and opposite sex friendships during adolescence. *Journal of Adolescence Research*, 8, pp. 89-108.

LEVESQUE, R. (1993). The romantic experience of adolescents in satisfying love relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 22, 3, pp. 219-251.

LEVINE, R., SATO, S., HASHIMOTO, T., e VERMA, J. (1995). Love and marriage in eleven cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 26, pp. 554-571.

LEVINSON, D. (1996). *The seasons of a woman's life*. New York: Knopf.

LIDZ, T. (1983). *The person-his and her development throughout the life cycle*. New York York : Basic Books.

LONG, E., e ANDREWS, D. (1990). Perspective taking as a predictor of marital adjustment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, pp. 126-131.

LORENZI-CIOLDI, F., Meyer, G. (1984). *Semblables ou différents: identité sociale et représentations collectives de jeunes immigrés dans le contexte scolaire genevois*, Genève: Bureau international du travail.

LOVE, P., e BROWN, J. (1998). Creating passion and intimacy. In J. CARLSON e L. SPERRY (Eds.), *The Intimate Couple*, pp. 55-65. London: Edwards Brothers.

LUCAS, R., DIENER, E., e SUH, E. (1996). Discriminant validity of well-being measures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, pp. 616-628.

MACCOBY, E. (1988). Gender as a social category, *Developmental Psychology*, 21, pp. 1204-1205.

MACCOBY, E. (1990). Gender and relationships. *Am. Psychology*, 45, pp. 513-520.

MACHADO, F. (1997). Contornos e especificidades da imigração em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 24, pp. 9-44.

MALHEIROS, J. (1996). *Imigrantes na região de Lisboa – os anos da mudança*. Lisboa: Edições Colibri.

MALTBY, J., LEWIS, C., e DAY, L. (1999). Religious orientation and psychological well-being: the role of the frequency of personal prayer. *British Journal of Health Psychology*, 4, pp. 363-378.

MANNARINO, A. (1976). Friendship patterns and altruistic behavior. *Developmental Psychology*, 12, pp. 555-561.

MARQUES, M., SANTOS, R., SANTOS, T., e NÓBREGA, S. (1999). *Realojamento e integração social: A população do Vale de Algés perante uma operação de requalificação urbana*. Lisboa: Edições Colibri.

MARKSTROM, C. (1999). Religious involvement and adolescent psychosocial development. *Journal of Adolescence*, 22, pp. 205-221.

MASSONNAT, J., e PERRON, J. (1990). Pour une approche multidimensionnelle de l'identité de la personne. *Psychologie française*, 35, 1, pp. 7-12.

MATOS, A. (2002). *Adolescência: O triunfo do pensamento e a descoberta do amor*. Lisboa: Climepsi Editores.

MAYHUE, R. (1990). *Spiritual intimacy*. Wheaton, IL: Victor Books.

MAYSELESS, O. (1993). Gifted adolescents and intimacy in close same-sex friendships. *Journal of Youth and Adolescence*, 22, pp. 135-46.

MAYSELESS, O., SHARABANY, R., e SAGI, A. (1997). Attachment concerns of mothers as manifested in parental, spousal, and friendship relationships. *Personal Relationships*, 4, pp. 255-269.

MAYSELESS, O., WISEMAN, H., e HAI, I. (1998). Adolescents relationships with father, mother, and same-sex friend. *Journal of Adolescence Research*, 13, pp. 101-123.

MEDORA, N., LARSON, J., HORTACSU, N., e DAVE, P. (2002). Perceived attitudes towards romanticism: A cross-cultural study of American, Asian-Indian, and Turkish young adults. *Journal of Comparative Family Studies*, 33, 2, pp. 155-178.

MCADAMS, D. (1988). Personal needs and personal relationships. In S. W. DUCK (Eds.) *Handbook of personal relationships*, pp. 7-22. New York: Wiley.

MCGUIRE, K., e WEISZ, J. (1982). Social cognition and behavior correlates of preadolescent chumship. *Child Development*, 53, pp. 1478-1484.

MCROBBIE, A. (1991). *Feminism and youth culture: from Jackie to just seventeen*. Londres: Macmillan.

Merriam-Webster Dictionary (1995). Springfield, MA: Merriam-Webster.

MESCHKE, L., e SILBEREISEN R. (1998). The association of childhood play and adolescent-parent interactions with German adolescent leisure participation. *Journal of Adolescent Research*, 13, pp. 458-472.

METALSKY, G., JOINER, T., HARDIN, T., e ABRAMSON, L. (1993). Depression reactions to failure in a naturalistic setting: A test of the hopelessness and self-esteem theories of depression. *Journal of Abnormal Psychology*, 102, pp. 101-109.

MICHAEL, R., SATO, S., HASHIMOTO, T., e VERMA, J. (1995). Risk and religion: An explanation of gender differences in religiosity. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 34, pp. 63-75.

MILLAR, K., e MILLAR, M. (1988). Sex differences in perceived self and other-disclosure: A case where inequity increases satisfaction. *Social Behaviour and Personality*, 16, pp. 69-64.

MILLER, B. e BENSON, B. (1999). Romantic and sexual relationships development during adolescence. In W. FURMAN *et al.* (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence*, pp. 99-124. New York: Cambridge University Press.

MILLER, A., NOTARO, P., e ZIMMERMAN, M. (2002). Stability and change in internal working models of friendship: Associations with multiple domains of urban adolescent functioning. *Journal of Social and Personal Relationships*, 19, 2, pp. 233-259.

MILLER, K. (1990). Adolescent' same-sex and opposite-sex peer relations: Sex differences in popularity, perceived social competence and social cognitive skills. *Journal of Adolescent Research*, 5, pp. 222-241.

MILLER, R., e LEFCOURT, H. (1983). Social intimacy: An important moderator of stressful life events. *American Journal of Community Psychology*, 11, pp. 127-139.

MILLER, S. (1988). Parents beliefs about children's cognitive development. *Child Development*, 59, pp. 259-285.

Ministério da Educação (1993). Despacho 170/ME/93, DR n.º 183, 2.ª série, 6 de Agosto de 1993 [Criação do projecto de Educação Intercultural].

MIKULINCER, M., e NACHSHON, O. (1991). Attachment styles and patterns of self-disclosure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, pp. 321-331.

MONSOUR, M. (1992). Meanings of intimacy in cross and same-sex friendships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9, pp. 277-296.

MULLATI, L. (1995). Families in India: Beliefs and realities. *Journal of Comparative Family Studies*, 26, pp. 11-25.

MURRAY, S., e HOLMES, J. (1997). A leap of faith? Positive illusion in romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 23, pp. 63-75.

MURRAY, S., HOLMES, J., e GRIFFIN, D. (1996). The benefits of positive illusions: Idealization and the construction of satisfaction in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, pp. 79-98.

MURTHY, K.; ROTZIEN, A.; VACHA-HAASE, T. (1996). Second-order structure underlying the Hendrick-Hendrick Love Attitudes Scale. *Educational and Psychological Measurement*, 56, pp. 108-117.

NEEMAN, J., HUBBARD, J., e MASTEN, A. (1995). The changing importance of romantic relationship involvement to competence from late childhood to late adolescence. *Development Psychopathology*, 7, pp. 727-750.

NETO, F. (1989a). Avaliação da solidão. *Psicologia Clínica*, 2, pp. 65-79.

NETO, F. (1989b). Solitude, concept de soi et anxiété sociale. *Cahiers d'Anthropologie e Biométrie Humaine*, VII, 3-4, pp. 173-179.

NETO, F., BARROS, J. e BARROS, A. (1990). Satisfação com a vida. In L. ALMEIDA, R. SANTIAGO, P. SILVA, L. OLIVEIRA, O. CAETANO e J. MARQUES (Eds.), *A acção educativa: Análise psico-social*. pp. 105-117. Leiria: E.S.E.L./A.P.P.O.R.T.

NETO, F. (1992a). Loneliness among Portuguese adolescents. *Social Behavior and Personality*, 20, pp. 15-22.

NETO, F. (1992b). *Solidão, embaraço e amor*. Porto: Centro de Psicologia Social.

NETO, F., e BARROS, J. (1992). Solidão nos professores. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVI, 1, pp. 1-17.

NETO, F. (1993). The satisfaction with life scale (SWLS): Psychometrics properties in a adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 22, 2, pp. 125-134.

NETO, F. (1995). Predictors of satisfaction with life among second generation migrants. *Soc. Indic. Res.* 35, pp. 93-116.

NETO, F. (1998). *Psicologia social* Volume I; Lisboa: Universidade Aberta.

NETO, F. (1999a). Loneliness among second generation migrants. In J. C. LASRY, J. ADAIR, e K. DION (Eds.), *Latest contributions to cross-cultural psychology*, pp. 104-117. Lisse, The Netherlands: Swets e Zeitlinger.

NETO, F. (1999b). Satisfação com a vida e características de personalidade. *Psychologica*, 22, pp. 55-70.

NETO, F., e BARROS, J. (2000). Psychosocial concomitants of loneliness among students of Cape Verde and Portugal. *The Journal of Psychology*, 134, pp. 503-514.

NETO, F. (2001a). Personality predictors of happiness. *Psychological Reports*, 88, pp. 817-824.

NETO, F. (2001b). Satisfaction with life among adolescents from immigrant families in Portugal. *Journal of Youth and Adolescence*, 30, pp. 53-67.

NETO, F. (2002). Loneliness and acculturation among adolescents from immigrant families in Portugal. *Journal of Applied Social Psychology*, 32, pp. 630-647.

NETO, F. e BARROS, J. (2003). Predictors of loneliness among students and nuns in Angola and Portugal. *The Journal of Psychology*, 137, 4, pp. 351-362.

NETO, F. (2003). *Estudos de psicologia intercultural – nós e os outros*. 2.ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Coleção Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas.

NETO, F., e PINTO, M. (2003). The role of loneliness, gender and love status in adolescents love styles. *International Journal of Adolescence and Youth*, 11, pp. 181-191.

NEWCOMB A., BUKOWSKI, W., e PATTEE, L. (1993). Children's peer relations: A meta-analytic review of popular, rejected, neglected, controversial and average sociometric status. *Psychological Bulletin*, 113, pp. 99-128.

NEWMAN, B. (1989). The changing nature of the parent/adolescent relationship from early to late adolescence. *Adolescence*, 96, pp. 915-924.

NOLLER, P., e CALLAN, V. (1990). Adolescents perceptions of the nature of their communication with parents. *Journal of Youth and Adolescence*, 19, 349-358.

NUNNALLY, J. (1978). *Psychometric theory* (2.ª ed.). New York: McGraw-Hill.

O'HANLON, S., e O'HANLON, B. (1998). Love is a noun (except when it's a Verb): A solution-oriented approach to intimacy. In J. CARLSON e L. SPERRY (Eds.), *The Intimate Couple*, pp. 247-262. London: Edwards Brothers.

OLESON, M. (1998). *Adolescents, recollection of early physical contact: Implications for attachment and intimacy*. USA: Dissertation.com.

OLSON, D. (2002). Insiders and outsiders – view of relationships: Research strategies. In G. LEVINGER e H. RAUSCH (Eds.), *Close relationships*, pp. 69-94. Minnesota: University of Minnesota.

O'MEARA, D. (1989). Cross-sex friendships: Four basic challenges of ignored relationship. *Sex Roles*, 21, pp. 525-543.

OISHI, S., DIENER, E., LUCAS, R., e SUH, E. (1999). Cross-cultural variations in predictors of life satisfaction: perspectives from needs and values. *Personality and Individual Differences*, 5, pp. 533-539.

ORBUCH, T. e FINE, M. (2003). The context of race/ethnicity in interpersonal relationships: Crossing the chasm. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20, 2, pp. 147-152.

ORLOFSKY, J., MARCIA, J., e LESSER, I. (1973). Ego identity status and the intimacy vs. isolation crisis of young adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 27, pp. 211-219.

PAIVA, A. (org.), (1985). *Portugal e a Europa: o fim de um ciclo migratório*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento/ Centro de Estudos da Dependência.

PARKE, R. e LADD, G. (1992). *Family peer relationships: Modes of linkage*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

PARKE, R., e TINSLEY, B. (1984). Historical and contemporary perspectives on fathering. In MCCLUSKEY K., e REESE, H. (Eds.), *Life span developmental psychology*, pp. 243-248. New York: Academic Press.

PARKER, J., e ASHER, S. (1987). Peer relations and later personal adjustment: Are low-accepted children at risk? *Psychological Bulletin*, 102: pp. 357-389.

PARKER, J., e ASHER, S. (1993). Friendship and friendship quality in middle childhood: Links with peer group acceptance and feelings of loneliness and social dissatisfaction. *Developmental Psychology*, 29, pp. 611-621.

PARKS, M., e FLOYD, F. (1996). Meanings for closeness and intimacy in friendship. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13, 1, pp. 85-107.

PARROTT, L., e PARROTT, L. (1995). *Becoming soul mates*. Grand Rapids: Zondervan.

PATRÍCIO, M. (2002). A escola cultural: O segredo da disciplina. *Por uma escola sem violência – a escola cultural: uma resposta*. Évora: VII Congresso AEPEC. (Comunicação Oral).

PATTERSON, C. (1995). Sexual orientation and human development: An overview. *Developmental Psychology*, 31, pp. 3-11.

PATTERSON, J., MCCUBBIN, H. (1987). Adolescent coping style and behavior: Conceptualization and measurement. *Journal of Adolescence*, 10, pp. 163-186.

PEIXOTO, J. (1999). *A mobilidade internacional dos quadros*. Oeiras: Celta.

PEPLAU, L. e PERLAM, D. (Eds.) (1982). *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy*. New York: Wiley-Interscience.

PERES, Y., e KATZ, R. (1981). Stability and centrality: The nuclear family in modern Israel. *Social Forces*, 59, pp. 687-704.

PERLMAN D., e FEHR, B. (1987). The development of intimate relationships. In D. PERLMAN e S. DUCK (Eds.), *Intimate relationships: Development, dynamics, and deterioration*, pp. 13-42. Newbury Park, CA: Sage.

PERLMAN, D., e PEPLAU, L. (1981). Toward a social psychology of loneliness. In S. DUCK e R. GILMOUR (Eds.), *Personal relationship 3. Personal relationships in disorder*, pp. 31-56. London: Academic Press.

PHINNEY, J., e ALIPURIA, L. (1996). At the interface of cultures: Multiethnic/multiracial high school and college students. *Journal of Social Psychology*, 136, pp. 139-158.

PIAGET, J. (1954). *The construction of reality in the child*. New York: Basic Books.

PINTO, C., (2001). *Criança em perigo e em situação de rua. Histórias de vida passadas em Lisboa e no Rio de Janeiro*. Lisboa: IIE.

PINTO, C. (2002). Caminhos positivos da educação. *7. as Jornadas Psico-pedagógicas de Gaia*, Carvalhos. [Comunicação Oral].

POLLNER, M. (1989). Divine relations, social relations, and well-being. *Journal of Health and Social Behavior*, 30, pp. 92-104.

PRAGER, K. (1995). *The psychology of intimacy*. New York: The Guilford Press.

PRAGER, K. (1998a). The multilayered context of intimacy. In J. CARLSON e L. SPERRY (Eds.), *The intimate couple*. pp. 7-32. London: Edwards Brothers.

PRAGER, K. (1998b). The intimacy dilemma: A guide for couples therapists. In J. CARLSON e L. SPERRY (Eds.), *The intimate couple*. pp.109-157. London: Edwards Brothers.

PRAGER, K. e BUHRMESTER, D. (2000). Intimacy and need fulfilment in couple relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18, pp. 134-153.

PRENTICE, D. e BRIGGS, N., e BRADLEY, D. (1983). Romantic attitudes of American university students. *Psychological Reports*, 53, pp. 815-822.

PRENTICE, D., MILLER, D., e LIGHTDALE, J. (1994). Asymmetries in attachments to groups and their members: Distinguishing between common-identity and common-bond groups. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 20, pp. 484-493.

RACKHAM, H. (1945). *Aristotie's Ethics for English Readers*. Oxford: Blackwell.

REGAN, P. (1998). Of lust and love: Beliefs about the role of sexual desire in romantic relationships. *Personal Relationships*, 5, pp. 139-157.

REGAN, P., KOCAN, E., WHITLOCK, T. (1998). Ain't love grand! A prototype analysis of the concept of romantic love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, pp. 411-420.

REGISTER, L., e HERLEY, T. (1992). The phenomenology of intimacy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9, pp. 467-481.

REIS, H., e FRANKS, P. (1994). The role of intimacy and social support in health outcomes: Two processes or one? *Personal Relationships*, 1, pp. 185-197.

REIS, H. SENCHACK, M., e SOLOMON, B. (1985). Sex differences in the intimacy of social interaction: Further examination of potential explanation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, pp. 1204-1277.

REISMAN, J., e SHORR, S. (1990). Friendship claims and expectations among children and adults. *Child Development*, 49, pp. 913-916.

REISS, H., e SHAVER, P. (1988). Intimacy as interpersonal process. In S. DUCK (Eds.), *Handbook of personal relationships: Theory, research and intervention*, pp. 367-389. Chichester, UK: John Wiley e Sons.

REZENDE, C. (1993). *Friendship among some young English men and women residents in London, 1991-1992*. Unpublished PhD Thesis. London: London School of Economics.

RICE, F., e DOLGIN, K. (2002). *The adolescent: Development, relationships and culture*. (10.º Ed.). Boston: Aryn and Bacon.

ROCHA-TRINDADE, M. (1981). Emigração portuguesa: As políticas de «trajecto de ida» e de «ciclo fechado». In: M. ROCHA-TRINDADE (org.), *Estudos sobre a emigração portuguesa*, pp. 71-90. Lisboa: Sá da Costa.

ROCHA-TRINDADE, M. (1973). *Immigrés portugais*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina.

RODIER, C. (2001). Changement de cap ou pétard mouillé? *Plein Droit*, 49, pp. 4-7.

ROHDE, P. LEWINSON, P., TILSON, M., SEELEY, J. (1990). Dimensionality of coping and its relation to depression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, pp. 499-511.

ROKACH, A. e BROCK, H. (1997). Loneliness and the effects of life changes. *The Journal of Psychology*, 131, pp. 284-298.

ROKACH, A., e NETO, F. (2000). Coping with loneliness in adolescence: A cross-cultural study. *Social Behavior and Personality*. 28, pp. 329-342.

ROSCH, E. (1975). Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology*, 104, pp. 192-233.

ROSENTHAL, D. (1987). Ethnic identity development in adolescents. In J. S. PHINNEY e J. ROTHERAM (Eds.), *Children's Ethnic Socialization: pluralism and development*, pp. 207-218. Newbury Park: Sage.

ROTENBERG, K. e KOROL, S. (1995). The role of loneliness and gender in individuals love styles. *Journal of Social Behavior and Personality*, 10, 3, pp. 537-546.

ROTZIEN, A. VACHA-HAASE, T., MURTHY, K., DAVENPORT, D., e THOMPSON, B. (1994). A confirmatory factor analysis of the Hendrick-Hendrick Love Attitudes Scale: We may not yet an acceptable model. *Structural Equation Modeling*, 1, 4, pp. 360-374.

RUBIN, L. (1985). *Just friends: The role of friendship in our lives*. New York: Harper e Row.

RUBIN, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, pp. 265-273.

RUBIN, Z. (1973). *Liking and loving*. New York: Holt, Rinehart e Winston.

RUBIN, Z. (1984). Toward a science of relationships. *Contemporary Psychology*, 29, pp. 856-858.

RUSSELL, D., PEPLAU, L., e FERGUSON, M. (1978). Developing a measure of loneliness. *Journal of Personality Assessment*, 42, pp. 290-294.

RUSSELL, D., PEPLAU, L., e CUTRONA, C. (1980). The revised UCLA Loneliness Scale: Concurrent and discriminant validity evidence: *Journal Personal Social Psychology*, 39, pp. 472-480.

SADLER, W. (1987). Dimensions in the problem of loneliness: A phenomenological approach in social psychology. *Journal of Phenomenological Psychology*, 9, pp. 157-187.

SAFFREY, C., BARTHOLOMEW, K., SCHARFE e E., HENDERSON, A., e KOOPMAN, R. (2003). Self-and partner-perceptions of interpersonal problems and relationship functioning. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20, 1, pp. 117-139.

SÁNCHEZ-QUEIJA, I., e OLIVA, A. (2003). Vinculos de apego com los padres y relaciones com los iguales durante la adolescencia. *Revista de Psicologia Social*, 18, 1, pp. 71-86.

SANDERCOCK, L. (1998). *Planning for multicultural cities*. Chichester, John Wiley.

SASTRY, J. (1999). Household structure, satisfaction and distress in India and United States: A comparative cultural examination. *Journal of Comparative Family Studies*, 30, 1, pp. 135-152.

SAYAD, A. (1999). *La double absence. Des illusions de l'emigré aux souffrances de l'immigré*. Paris: Ed. Du Seuil.

SCARF, M. (1986). Intimate partners: Patterns in love and marriage. *The Atlantic Monthly*, 5, pp. 45-93.

SCHAEFER, M. OLSON, D. (1985). Assessing intimacy: The Pair Inventory. *Journal of marital and Family Therapy*, 7, pp. 47-60.

SCHNEIDER, B., WIENER, J., MURPHY, K. (1994). Children's friendships: The giant step beyond peer acceptance. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11, 3, pp. 323-340.

SCHUTTER, J., e HOSCH, H. (1996). Optimism, religiosity, and neuroticism: a cross-cultural study. *Personality and Individual Differences*, 20, 2, pp. 239-244.

SECO, G. (2000). *A satisfação na actividade docente*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação. Não publicada. Coimbra.

SEELY, E., GARDNER, W., PENNINGTON, G., e GABRIEL, S. (2003). Circle of friends or members of a group? Sex differences in relational and collective attachment to groups. *Group Processes Intergroup Relations*, 6, 3, pp. 251-263.

SEIFFGE-KRENKE, I., SHULMAN, S., e KLESSINGER, N. (2001). Adolescent precursors of romantic relationships in young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*. 18, 3, pp. 327-346.

SELMAN, R. (1980). *The growth of interpersonal understanding: Developmental and clinical analysis*. Orlando, Fla: Academic Press.

SELTZER, V. (1989). *The psychosocial worlds of the adolescent public and private*. New York: Wiley.

SERRÃO, J. (1974). *A emigração portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.

SHAFFER, D., PEGALIS, L., e CORNELL, D. (1991). Interactive effects of social context and sex-role identity on female self-disclosure during the acquaintance process. *Sex Roles*, 24, pp. 1-19.

SHARABANY, R., GERSHONI, R., HOFMAN, J. (1981). Girlfriend, boyfriend: Age and sex differences in intimate friendship. *Development Psychology*, 17, pp. 800-814.

SHARABANY, R., e WISEMAN H. (1993). Close relationships in adolescence: the case of the kibbutz. *Journal of Youth and Adolescence*, 22, 6, pp. 671-695.

SHARABANY, R. (1994). Intimate friendship scale: conceptual underpinnings, psychometric properties and construct validity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11, 3, pp. 449-470.

SHARABANY, R. (1996). Continuities in the Development of Intimate Friendships: Object relations, In R. ERBER e R. GILMOUR (Eds.), *Theoretical frameworks for Personal Relationships*, pp. 687-690. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

SHARABANY, R. (2000). Intimacy in preadolescence and adolescence: issues in linking parents and peers, theory, culture, and findings. In K. Kerns, J. CONTRERAS e A. NEAL-BARNETT (Eds.), *Family and peers. Linking two social worlds*, pp. 227-249. London: Praeger publisher.

SHARP, E., e GANONG, L. (2000). Raisnig awareness about marital expectations: Are unrealistic beliefs changed by integrative teaching? *Family Relations*, 49, 1, pp. 71-76.

SHAUGHNESSY, M., e SHAKESBY, P. (1992). Adolescent sexual and emotional intimacy. *Adolescence*, 27, 106, pp. 475-480.

SHAVER, P., SCHWARTZ, J., KIRSON, D. e O'CONNOR, C. (1987). Emotion knowledge: Further exploration of a prototype approach, *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, pp. 1061-1086.

SHAVER, P. e HAZAN, C. (1988). A biased overview of the study of love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5, pp. 473-501.

SHECHTMAN, Z. (2000). *Group psychotherapy and close friendships*. <http://ericcass.uncg.edu/newdev/shectman.html>.

SHULMAN, N. (1975). Life-cycle variations in patterns of close relationships. *Journal of Marriage and the Family*, 37, pp. 813-821.

SHULMAN, S., ELICKER, J., e SROUFE, L. (1994). Stages of friendship growth in preadolescence as related to attachment history. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11, pp. 341-361.

SHULMAN, S., e SCHARF, M. (2000). Adolescent romantic behaviors and perceptions: age-related differences and links with family and peer relationships. *Journal of Research on Adolescence*, 10, pp. 99-118.

SHULMAN, S., e KIPNIS, O. (2001). Adolescent romantic relationships: A look from the future. *Journal of Adolescence*, 24, pp. 337-351.

SHULMAN, S., e SEIFFGE-KRENKE, I. (2001). Adolescent romance: between experience and relationships. *Journal of Adolescence*, 24, pp. 417-428.

SILVA, M., AMARO, R., CLAUSSE, G., CONIM, C., MATOS, M., SERUYA, L. (1984). *Retorno, emigração e desenvolvimento regional em Portugal*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

SIMMONS, C., WEHNER, E., e KAY, K. (1989). Differences in attitudes toward romantic love in French and American college students. *The Journal of Social Psychology*, 129, 6, pp. 793-799.

SIMÕES, A. (1992). Ulterior validação de uma escala de satisfação com a vida (SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVI, 3, pp. 503-515.

SIMPSON, J. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, pp. 971-980.

SIPPOLA, L., BUKOWSKI, W., e NOLL, R. (1997). Age differences in children's and early adolescents liking for same-sex and other-sex peers. *Merril-Palmer Q.* 43, pp. 547-561.

SKINNER E., e BELMONT, M. (1993). Motivation in the classroom: Reciprocal effects to teacher behavior and student engagement across the school year. *Journal of Educational Psychology*, 85, 4, pp. 571-581.

SOLOMON, J., e GEORGE, C. (1996). Defining the caregiving system: toward a theory of caregiving. *Infant Mental Health Journal*, 17, pp. 183-197.

SPANIER, G. (1972). Romanticism and marital adjustment. *Journal of Marriage and the Family*, 34, pp. 481-487.

SPERRY, L. (1998). Levels and styles of intimacy. In J. CARLSON e L. SPERRY (Eds.), *The Intimate Couple*. pp. 33-40. London: Edwards Brothers.

SPITZBERG, B., e CANARY, D. (1985). Loneliness and relationally competent communication. *Journal of Social and Personal Relationships*, 2, pp. 387-402.

SPITZBERG, B., e HECHT, M. (1984). A component model of relational competence. *Human Communication Research*, 10, pp. 575-599.

SPRECHER, S., e MATTS, S. (1989). Development of the «romantic beliefs scale» and examination of the effects of gender and gender-role orientation. *Journal of Social and Personal Relationship*, 6, pp. 387-411.

SPRECHER, S. (1999). I love you more today than yesterday: Romantic partners perceptions of changes in love and related affect over time. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 1, pp. 46-53.

SPRINTHALL, N., e COLLINS, W. (1999). *A psicologia da adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SROUFE, L., e FLEESON, J. (1986). Attachment and the construction of relationships. In W. HARTUP, e Z. RUBIN, (Eds). *Relationships and Development*, pp. 51-77. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

SROUFE, L., BENNETT, C., ENGLUND, M., URBAN, J., e SHULMAN, S. (1993). The significance of gender boundaries in preadolescence: Contemporary correlates and antecedents of boundary violation and maintenance. *Child Develop.* 64, pp. 455-466.

STEINBERG, L., e SILVERBERG, S. (1986). The vicissitudes of autonomy in adolescence. *Child Development*, 57, pp. 841-851.

STERNBERG, R., (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93, pp. 119-135.

STERNBERG, R. (1987). Liking versus loving: A comparative evaluation of theories. *Psychological Bulletin*, 102, pp. 331-345.

STERNBERG, R. (1990). A visual image of love. (On-line), Available September 12, 2000, from the *World Wide Web*: <http://www.familydynamics.net>.

STERNBERG, R., e BARNES, M. (1998). *The psychology of love*. New Haven, CT: Yale University Press.

STERNBERG, R., e HOJJAT, M. (1997). *Satisfaction in close relationships*. New York: The Guilford Press.

- SULLIVAN, H. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton and Company.
- TAN, E. (1996). *Emotion and the structure of narrative film: Film as an emotion machine*. Manwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- TANNEN, D. (1992). *You just don't understand: Women and men in conversation*, Londres: Virago.
- TANNER, I. (1973). *Loneliness: the fear of love*. U.S.A.: Harper e Row publishers.
- TENNOV, D. (1979). *Love and limerence: The experience of being in love*. New York: Stein and Day.
- TERRA, D. (2003). Igreja e sociedade na Dignitatis Humanae. In *Brotéria, Cristianismo e Cultura*. Vol. 156. 2, pp. 191-196.
- TESCH, S. e MARTIN, R. (1983). Friendship concepts of young adults in two age groups. *Journal of Psychology*, 115, pp. 7-12.
- THERIAULT, J. (1994). Comportements sexuels precoces chez l'adolescent de sexe masculin. *Contraception, fertilité, Sexualité*, 22, 4, pp. 251-263.
- THERIAULT, J. (1995). Differentiation familiale, individualisation et sexualité chez les jeunes adolescents. *Contraception, fertilité, Sexualité*, 23, 5, pp. 341-347.
- THOMAS J., DAUBMAN K. (2001). The relationship between friendship quality and self-tooldfashionedlust? In R. STERNBERG, e M. BARNES, (Eds.), *The Psychology of love*, pp. 61-78. Newbury Park, CA: Sage.
- THOMPSON B., e BORRELLO, G. (1992). Measuring second-order factors using confirmatory methods: An illustration with the Hendrick-Hendrick love instrument *Educational and Psychological Measurement*, 12, pp. 69-77.
- THORNTON, A. (1990). The courtship process and adolescent sexuality. *Journal of Family Issues*, 11, pp. 239-273.
- TIGER, L., (1969). *Men in groups*, Londres: Thomas Nelson and Sons.

TOWNSEND, M., MCCRACKEN, H., e WILTON, K. (1988). Popularity and intimacy as determinants of psychological well-being in adolescent friendships. *Journal of Early Adolescence*, 8, pp. 421-436.

TRIANDIS, H. (1996). The psychological measurement of cultural syndromes. *American Psychologist*, 51, pp. 407-415.

TRIANDIS, H., BONTEMPO, R., VILLAREAL, M., ASAI, M., e LUCCA, N. (1988). Individualism and collectivism: Cross-cultural perspective on self-in group relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 19, pp. 323-338.

TSCANN, J. (1988). Self-disclosure in adult friendship: Gender and marital status differences. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5, pp. 65-81.

TURNER, H. (1994). Gender and social support: Taking the bad with the good? *Sex Roles*, 30, pp. 521-541.

TZENG, O. (1993). *Measurement of love and intimate relations: Theories, scales, and applications for love development, maintenance, and dissolution*. Westport, CT: Praeger.

URUK, A., e DEMIR, A. (2003). The role of peers and families in predicting the loneliness level of adolescents. *The Journal of Psychology*, 137, 2, pp. 179-192.

VEIGA, F. (2004). Indisciplina e violência na escola: Abordagens psico-educacionais. In Neto (coord.) *Psicologia Social Aplicada*, pp. 203-241. Lisboa: Universidade Aberta.

VENIEGAS, C., ROSEMARY C., PEPLAU, L., e LETITIA A., (1997). *Power and the quality of same-sex friendships*. Cambridge: Psychology of Women Quarterly.

VENTURA (2002). Professor e o aluno PALOP. 7. as Jornadas Psicopedagógicas de Gaia. Carvalhos. (Comunicação Oral).

VERKUYTEN, M. (2000). The benefits to social psychology of studying ethnic minorities. *European Bulletin of Social Psychology*, 12, 3, pp. 5-12.

WALKER, L., e GREEN, J. (1986). The social context of adolescent self-esteem. *Journal of Youth and Adolescence*. 15, pp. 315-322.

WALSTER, E., e WALSTER, G. (1978). *A new look at love*. Reading, MA: Addison-Wesley.

WAMBOLDT, F., e REISS, D. (1989). Defining a family heritage and a new relationship identity: two central tasks in the making of a marriage. *Family Process*, 28, pp. 317-335.

WARING, E., e CHELUNE, G. (1983). Marital intimacy and self-disclosure. *Journal of Clinical Psychology*, 39, 2, pp. 183-190.

WAYMENT, H., e CAMPBELL, S. (2000). How are we doing? The impact of motives and information use on the evaluation of romantic relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*. 17, 1, pp. 31-52.

WEINFELD, N., SROUFE, L., e EGELAND, B. (2000). Attachment from infancy to adulthood in a high-risk sample: Continuity, and their correlates. *Child Development*, 71, 3, pp. 695-702.

WEISS, R. (1973). *Loneliness: The experience of emotional and social isolation*. MIT Press, Cambridge: MA.

WEISS, R. (1987). Reflections on the present state of loneliness research. *Journal Social Behavior Personal*, 2, pp. 1-16.

WELSH, D., GALLIHER, R., KAWAGUCHI, M., e ROSTOSKY, S. (1999). Discrepancies in adolescent romantic couples and observers perceptions of couple interaction and their relationship to depressive symptoms. *Journal of Youth and Adolescence*, Vol. 28, 6, pp. 645-666.

WHEELER, L., REIS, H., e NEZLEK, J. (1983). Loneliness, social interaction and social roles. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, pp. 943-953.

WILLIAMS, G., GROW, V., FREEDMAN, Z., RYAN, R., e DECI, E. (1996). Motivational predictors of weight loss and weight-loss maintenance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, pp. 115-126.

WITTER R., STOCK, W., OKUN, M., e HARING, M. (1985). Religion and subjective well-being in adulthood: a quantitative synthesis. *Review of Religious Research*, 26, pp. 332-342.

WOJTYLA, K. (1980), *The acting person*, Dordrecht, D. Reidel publishing company.

- WOLL, (1989). Personality and relationship correlates of loving styles. *Journal of Research in Personality and Social Psychology*, 41, pp. 56-62.
- WOOD, J. (1994). *Gendered lives: communication, gender and culture*. Belmont, CA: Wadsworth.
- WRIGHT, P. (1982). Men's friendships, women's friendships and the alleged inferiority of the latter. *Sex Roles*, 8, pp. 1-20.
- WRIGHT, P. (1984). Self-referent motivation and the intrinsic quality of friendship. *Journal of Social and Personal relationships*, 1, pp. 115-130.
- WRIGHT, P. (1991). Gender role orientation and friendship: Some attenuation, but gender differences abound. *Sex Roles*, 24, pp. 551-566.
- WYNNE, L. (1984). The epigenesis of relational systems: a model for understanding family development. *Family Process*, 23, pp. 297-318.
- XIBERRAS, M. (1993). *As teorias da exclusão*. Lisboa: Instituto Piaget.
- YOUNG, K., MACK, R. (1967). *Sociology and social life*. New York: American Book Company.
- YOUNISS, J., e SMOLLAR, J. (1985). *Adolescent relations with mothers, fathers, and friends*. Chicago: University of Chicago Press.
- ZOLBERG, A. (1989). The next waves: migration theory for a changing world. *International Migration Review*, 87, pp. 329-342.

EDIÇÃO CO-FINANCIADA PELO FUNDO SOCIAL EUROPEU



QUALIFICAR É CRESCER.



QUADRO
DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
PORTUGAL 2007-2013



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu